# O CHAVECO LIBERAL

# O CHAVECO LIBERAL.

No. 1. VOL. I.

O'er the glad waters of the dark blue sea,
Our thoughts as boundless, and our souls as free.—BYRON.

*Quarta feira* 9 *de Setembro*, 1829.

## BOTA-FORA DO CHAVECO.

Mais qu'a-t-il a faire à bord de cette galere?
MOLIERE.

O que vimos nós fazer a bórdo d'este chaveco?—Boa pergunta, Sr. Público! (Ja se ve que fallamos com o Público; assim nos oiça elle)—Vimos a bórdo do chaveco porque somos a tripulação d'elle, arraes e mais companha, e com a ajuda de Deus pretendêmos sahir a côrso ao primeiro vento favoravel:—A côrso, inda assim, com toda a legalidade possivel, que nem o proprio Vatel saberia disputar.—Tambem ca se sabe Vatel e direito das gentes a bórdo do chaveco,—que não cuidem que he ahi qualquer barquinho de má morte, d'estes que largão véla rôta, panno em segunda mão,—a que chamaria um official da nossa tripulação, bom curioso de versos—

*Farpados restos do traquete roto,*

que içam bandeira de furta côres, que ninguem sabe a que bórdo

vão, nem se a gente os tem pela poppa ou pela proa, a balravento ou a sottavento. Não senhor: nós ca somos e declaramos ser o CHAVECO LIBERAL; içamos bandeira portugueza constitucional; e levamos carta-de-marca em boa e devida fórma; e pela Senhora D. MARIA II. sahimos a corso contra todo o inimigo seu d'ella, e da liberdade constitucional que defendemos com tanto coração e vontade como ao Soberano, por quem nos veio, e que por ella, e com ella hade reinar.

Portanto, nosso Arraes, gente ás vergas e ás portinholas, e n'este nosso primeiro bota-fóra haja salva real com *os vivas do costume:* e viva a Senhora D. Maria II., e viva a Carta Constitucional!—Boa viagem, e va o chaveco ao mar!

Ora eis aqui, amigo e respeitavel Público, o que nós vimos fazer a bórdo do chaveco,—guarnecê-lo e tripulá-lo para sahir a legítimo corso contra piratas de toda a especie, inimigos publicos ou encubertos de nosso Soberano, e de nossas instituições. Barco rijo e veleiro, bem armado, e guarnecido de gente fiel e decidida, não tem medo nem á *Invencivel-Armada,* que resuscitasse dos pegos da Mancha.

Assim dispostos e determinados, vamos soltar panno e remo, e

——————Largo, aos mares!
Livres corramos pelas ondas livres
Do Oceano indomado por tyrannos,
Livre como sahiu das mãos do Eterno,
Sua feitura unica no globo
Que impias mãos d'homens não poderam inda
Avasallar, destruir........

segundo disse um poeta melancholico e zangado com as coisas d'este mundo,--que, se o apanharmos em algum dos nossos cruzeiros, o havemos de ensinar a ser *bom-vivant* e a dar dous trincos para o mau humor, que no conceito de outro poeta de mais juizo he efficaz remedio para expellir cuidados e affugentar maus humores

Siccis nam omnia Deus proposuit.

E este será o unico castigo que lhe daremos: que a nossa gente he humana e christan—para próva até capellão temos a bórdo (e por signal que não quer subir na hyerarchia)—gente que dá quartel a todo o inimigo que se rende, e sôbre tudo que se converte.

Excepto....—"Excepto a quem?" propoz o outro dia o nosso arraes em rancho pleno. "Excepto a D. Miguel"—respondeu a companha toda. A esse monstro, nem leis de mar, nem de terra, nem humanas, nem divinas, nem civis, nem naturaes o defendem. Fóra de todas as leis por seus crimes, banido da especie humana por seus vicios, nem como principe—nem como portuguez, nem como homem o consideramos ja. Tracte-o como tal e reconheça-o principe quem com elle ainda quer alguma coisa: nós os do *Chaveco Liberal* so queremos guerra, guerra de sangue e morte, guerra até que os portuguezes desenganados de uma vez se resolvam a po-lo no patibulo—unica elevação, altura, ou alteza que lhe compete.

Quanto aos mais, saibam os portuguezes de todas as opiniões (distinguimos entre opinião e partido) que com ninguem, e com nenhuma queremos guerra. Desejamos a liberdade de nossa patria, mas não vamos questionar de fórmas e disputar de palavras com ninguem: as coisas e o sólido d'ellas he a nossa devisa. A uns parece conveniente dar mais latitude á acção popular na monarchia; outros quizeram mais amplitude nas prerogativas Reaes; uns julgam necessaria mais, outros menos ascendencia no podêr intermediario da aristocracia legal: uns se inclinam mais para as fórmas antigas —talvez antiquadas—da velha monarchia; outros pendem para os principios mais puramente representativos da monarchia moderada. É certo e inquestionavel que todos estes *matizes* de opinião existem; e assim como dizem os mais habeis e liberaes publicistas do nosso seculo, que na legislatura de uma nação todas as opiniões—até preconceitos—devem ser representadas; assim tambem, dizemos nós, a nenhuma se deve fazer guerra, principalmente quando a união he mais precisa que nunca. Felizmente em Portugal ja não precisamos de disputar de principios constitutivos, nem de assembleas con-

stituintes: *temos lei*, lei por quem a podia dar, lei que não he obr de um partido,—temos a CARTA, e so a Carta queremos. E nã digo—*nada mais, e nada menos*—por me não parecer com o brav destruidor da republica, não de Platão, mas de Bastos, o célebr orador da virulenta Philippica, *sive* Catilinaria, contra o Catilin transmontano (Catilina bastardo, inda assim)—que d'ambos diria poeta:

> Para Cicero tal, tal Catilina;
> Cicero digno de outros taes Conscriptos.
> Se no templo da Paz—ha cerebrina
> Disputa entre os auctores manuscriptos
> Que illucidam tam nobre alicantina,
> Ou se foi n'outro templo d'outros ritos,
> Consagrado a outra deusa—a Cloacina.

O caso he que Cicero e Catilina fizeram *shake-hands* em boa pa e harmonia, o que não succedeu na outra republica do Tybre, d'onde concluo que erão peiores e mais assanhados republicano aquelles de Roma, ou pelo menos que os Ciceros e Catilinas de la não valiam os nossos Pontes, Chaves, Cadavaes, Bastos e mai heroes

> Da nova Roma que desbanca a velha.

Tornemos ao serio.—Ha muita gente em Portugal que não intende a liberdade constitucional, a liberdade legal e monarchica que so nos convem a todos os povos d'este *mundo-velho;* muitos por isso a não amam. Outros ha que a não intendem tampouco, e por isso d'ella são maus apostolos e defensores, apezar de a amarem de todo o seu coração. A uns e outros he preciso explicá-la e fazê-la intender e sentir. Ninguem deixa de amar a liberdade monarchica senão os, que a não conhecem; ou então os pervertidos de coração e endurecidos na maldade. Com taes, abrir portinholas ao chaveco, descarga de toda a artilharia, e abalroar com elles de abordada decisiva e sem dar quartel.

*Promettemos dizer chalaça*; a peça de rodizio que montamos á poppa, leva bombas e granadas em que entra ferramenta velha e nova, grossa e fina. Coisas porcas, nem malcriadas, nem indecentes, não; mas o *amara levi temperat risu*, isso sempre, e em todo o caso.

Não quer dizer que estejamos sempre em gambia com o burlesco: não senhor: serio, muito serio quando a coisa for d'isso; entraremos com quanta fôrça temos nas questões transcendentes que cumpre tractar, e não misturaremos " o sagrado com o profano" o grave com o ridiculo. Naõ usaremos termos de regateira, nem siquer de marujo—e mais é nosso officio—em caso nenhum, e muito menos quando se tractar de objectos importantes que em vez de azurrague de arrieiro, exigem decencia e gravidade de stylo.—" Metralha grossa"—emenda o nosso arraes. Eu não estou ainda bem acostumado á technologia de bórdo; e o Público desculpará as incoherencias de phrase que d'ahi nascem, e que acaso apparecerão n'este arrezoado, que aqui faço muito á pressa em cima da meia-laranja, atrapalhado do balouço, que é um jogar do malditto chaveco, um gritar do nosso arraes, um declamar do nosso contramestre, um rosnar do piloto, (que sempre está a resmungar e nada vai a seu gôsto) uma bulha de pratos e garrafas que faz o dispenseiro, uma confusão em tudo n'este primeiro bota-fóra do chaveco, que não tenho mais vagar senão de me assignar aqui muito á pressa, e com toda a consideração, e respeito

De V. m.

Mto.-Honrado Sr. Público.

O mais humilde e fiel creado:

Por mim, e por toda a mais companha.

*O Capellaõ do Chaveco.*

P.S.—Espero que se não escandalize do tractamento de V. m. e de *muito-honrado,* que é o que tem o juiz do povo, e que me

parece que mais lhe compete. Nós somos ca muito strictos a bórdo em tractamentos.

## NOTÍCIAS ESTRANGEIRAS.

Para se conhecer a verdade, com que pela Europa se tem feito crer que a opinião do govêrno do Brazil he desfavoravel á causa legitima de Portugal, trascrevemos do jornal official do Rio-de-Janeiro o seguinte artigo:

"O rompimento da negociação encetada por Lord Strangford junto do Imperador do Brazil, fixou o destino de D. Miguel: debalde se entregaria elle a novos furores, inundaria de sangue a capital de Portugal; a coroa, que elle usurpou, em prejuizo da Rainha D. Maria, vacilla sôbre a sua cabeça, e os esforços de huma facção detestavel não conseguirão segurá-la.

Escrevem-nos de Londres que a joven Rainha, quando soube do bom gasalhado, que se fez a seus fieis defensores refugiados em Brest, disse; "Muito estimo, não somente pelo general Saldanha, e seus bravos soldados, mas por mim mesma. Isto prova que eu sería bem recebida em França, se me visse obrigada a hir lá," Nosso correspondente accrescenta que a Princeza he cheia de espirito, e de graças, e que sua razão está singularmente formada para a sua idade.

A posição de Inglaterra, relativamente a D. Miguel, está inteiramente mudada pela determinação de D. Pedro. Emquanto houve esperança de accommodação entre os dous irmãos, o gabinete Britannico podia crer-se obrigado a usar de contemplações com o usurpador; agora que ésta esperança se desvaneceu, elle não póde mostrar parcialidade pelo tyranno, sem escandalisar a opinião pública, e offender a dignidade da Nação. Por mais influencia, que Lord Wellington tenha adquirido, elle não chega a fazer adoptar um

systema perfido, e que aviltaria sua patria. Hoje elle não authorisaria os tiros da Terceira, dos quaes a justiça, e a humanidade pedem contas. Portanto nos avisão de Londres que nos debates do parlamento se ha de tratar d'este objecto.

O espectaculo das saturnaes da tyrannia tem feito profunda impressão em Portugal. A queda de D. Miguel espera-se com impaciencia ; elle so domina pelo terror ; e aquelles que, mesmo no seu partido, não tem abjurado todo o sentimento humano, se retirão d'elle com horror. Elle não tem ja por apoio senão miseraveis frades, e os fanaticos que estes tem enganado. A consternação chegou ao seu auge em Lisboa na epoca das execuções accompanhadas das circumstancias atrozes, que expressamos. D. Miguel já não ousa arriscar-se na Cidade ; retirado na solidão, parece que tem presentimento do seu destino."

---

*Extractos dos Jornaes Francezes, e Inglezes.*

A *Quotidiunna* de 30 d'agosto último dá um extracto das gazetas de Lisboa até 14 do mesmo mez. O periodiqueiro do Tejo naõ duvída assegurar que a guarniçaõ d'Angra depora as armas mal veja duas linhas de proclamaçaõ assignadas pelo Rosa ; porêm os congreganistas do Senna quizerão ganhar alviçaras, e disseraõ, com a modestia e verdade que sempre os acompanha, as seguintes palavras, a que não roubaremos uma só vírgula : " Com effeito, a Ilha " Terceira rendeu-se ás tropas do Rei de Portugal, assim que ellas " poserão o pe em terra. Nos primeiros dias d'Agosto, quando " partiu o navio, que trouxe ésta nova, um unico forte se conser- " vava ainda na ilha."

N.B.—As noticias ultimamente recebidas da ilha Terceira combinão muito com as da *mecha* de Lisboa, e com as notas officiosas do seu amigo de París.

---

A condemnação do periodico denominado—o Figaro—tem chamado a attençaõ de todos os jornalistas francezes.—" Mr. Roux

" (disse o Figaro) primeiro cyrurgiaõ do hospital da Caridade, deve " fazer a operaçaõ da cataracta a uma augusta personagem."—Éstas palavras desafiáraõ a sanha do partido apostolico; houve quem sustentasse que o artigo não alludia a uma cegueira real e physica, mas á cegueira moral do Rei. O certo hé que Mr. Bohain, que figurava como redactor do periodico, foi comdemnado em seis mezes de prisão, e multado em 1000 francos.

Mais felices foraõ os redactores do jornal intitulado—o Apostolico.—Houve quem os trouxesse a juizo, por terem escrito éstas moderadas expressoes: " A origem do nosso mal vem d'uma carta " impia e athea, e de muitos centenares de leis concebidas e redi- " gidas por homens sem fé e sem religiaõ; para dizermos tudo, " pelos revolucionarios.—A justiça, a rasaõ, Deus mesmo mandaõ " destruir esses codigos infames, prodigios de impiedade, que o in- " ferno vomitou sôbre a França." Éstas palavras foraõ porém consideradas como um excesso de zêlo, como um fervor pela causa da Religiaõ. O mais que humano tribunal só se atreveu (e sabe Deus com que custo) a condemnar o reo em um mez de prisaõ, e a multá-lo em 300 francos!!!

---

*Demissão de Chateaubriand.*

O visconde de *Chateaubriand*, assim que chegou a París, demittiu-se da embaixada de Roma.—Assegura-se que pediu uma audiencia a S. M., para lhe expor os motivos da sua demissaõ. Diz-se que por estes dias obtera a pedida audencia.

É d'este modo que os homens, que se tem empenhado na restauração da liberdade, que por ella tem exposto cem vezes a sua vida, e que hão servido a patria com coragem, e com talento, fógem receosos d'um ministerio, que considerão, como todos os homens de juiso, funesto aos verdadeiros interêsses da monarchia.

A demissão de Chateaubriand não espantará ninguem em França; todo o mundo a esperava. (*Constitucionel* 31 *d'Agosto.*)

---

O Jornal dos Debates de 31 d'Agosto traz um artigo excellente a respeito da mudança do ministerio francez. Não o publicamos por interio, por que nos falta espaço; mas poremos aqui o que nos tóca mais de perto. O periodista defende os ministros demittidos, e attribue os erros da politica externa á má vontade dos empregados diplomaticos, especialmente ao Principe de Polignac, então embaixador em Londres, que quando recebia as instrucçoes do ministerio, já tinha em sua algibeira a nomeaçao de primeiro ministro. Eis a palavras do redactor; "Salvai a Grecia, escrevia o ministe-
" rio em Paris.—E em Londres só se tratava de salvar Mahmoud.
" Ferí com a vossa reprovação a vil e sanguinaria usurpação de
" Lisboa.—E em Londres entretinha-se a esperança de casar a
" Rainha desthronada com o tio usurpador, ou se compunha para
" D. Miguel uma nova especie de legitimidade, fundada simples-
" mente sobre a violação do juramento á Carta de seu irmão.
" Conservai na Europa essa joven Rainha, apoyo de seus subditos
" infelices, esperança dos fieis da Terceira, e das victimas de Lis-
" boa—E apertava-se a mão ao Duque de Wellington pelos tiros
" dos Açores, e fazia-se toda a diligencia para o embarque de D.
" Maria para o Brazil."

---

*O Mensageiro das Camaras* de 29 d'Agosto diz que o Principe de Polignac, enfronhado na diplomacia de Londres e Vienna, espera somente pelo primeiro tiro, disparado á entrada dos Dardanellos para se declarar á face do mundo ajudante de campo de Lord Wellington. O redactor mostra que a França não deve entrar n'esta luta, por que d'ella hãode provir-lhe males insondaveis. Supponhamos (observa o escritor) que ésta alliança consegue suspender os voos á aguia moscovita; ver-se-ha que o industrioso genio d'Inglaterra cuida logo em fechar aos Francezes o commercio da Asia, e da Africa, em preparar tratados secretos, e colher todas as ventagens dos portos do Levante; ver-se-ha que os inglezes, pois forão os verdadeiros libertadores de Mahmoud, recebem os primeiros obse-

quios da Porta; ver-se-ha finalmente que a Austria, senhora do Adriatico, e visinha da Croacia, da Bosnia, do Epiro e da Macedonia, consegue o commercio interior da Turquia, se não conseguir tambem a Valachia, e a Servia, e se não podér mais facilmente realisar o projecto de apossar-se do Piemonte. N'uma palavra: se a Russia vence, o nosso territorio hade ser o theatro da guerra mais devastadora que se tem visto; se perde, os nossos esforços são baldados, e o nosso commercio, que serve de pretexto a esta monstruosa e impolitica alliança, é destruido sem remedio.

---

A *Quotidianna* de hoje publíca um pomposo buletim das grandes victorias que as tropas de D. Miguel tem alcançado na Ilha Terceira, onde conseguírão desembarcar. Segundo ella, os habitantes vão declarar-se pelo usurpador; a povoação é-lhe até muito affeiçoada, e os artilheiros, que são naturaes da Ilha, estão promptos a desertar das bandeiras do conde de Villa Flor. É pena porêm que os jornaes Inglezes viessem desmentir éstas noticias, com que a boa *Quotidianna* quiz mimosear os seus confrades. As tropas do Miguel desembarcárão, não ha dúvida; mas uma parte d'ellas veio engrossar as fileiras dos soldados fieis á Rainha de Portugal, e outra ficou pelas custas nas prayas da Terceira. Não consta que houvesse jamais uma expedição tam infeliz.

Ésta primeira victoria póde ter resultados importantes; é de crer que sôe com estrondo em Portugal. O tyranno perdeu muito na perda da expedição; tinha gasto em aprompta-la tudo quanto possuia: quando poderá elle tentar outra igual?

Miguel imprime em todos os seus actos a ferocidade do seu caracter. Mandava juizes, e carrasco para julgar e executar o general Villa Flor e os seus companheiros, se fossem vencidos ou entregues pelos habitantes da ilha! É ésta sem duvida a primeira vez que, meditando-se uma conquista, se toma tal precaução. Basta ella para dar a conhecer o monstro que enxova-lha o throno de Portugal. *(Courrier Francais 2 de Septembro.)*

O Constitucional da mesma data publíca as noticias da Terceira, e conclue por este modo :

"A Quotidianna commetteu um leve erro quando disse que a guarnição da Terceira se tinha entregado á esquadra miguelista ; o que ella quiz dizer é que as forças do usurpador forão completamente rechassadas, e que D. Miguel escusa de tentar fortuna sôbre um canto de terra confiado aos subditos fieis da Rainha Legitima. Que a *Quotidianna* se cubra de luto, e que tinja de negro as orlas da sua folha, é para nós cousa indifferente ; o que lhe pedimos é que não acredite todas as fabulas que lhe contão as pessoas da sua facção. Os congreganistas esperavão com impaciencia a confirmação das noticias da *Quotidianna :* viessem ellas, como se esperavão que o *dedo de Deos* havia de acompanhar a victoria. A nossa opinião porêm é outra ; não julgamos que a Divindade entre em questões mundanas ; o que vemos n'este successo d'armas é a vantagem que tem o justo sobre o injusto, e a fidelidade sobre a traição."

---

*Lêmos em hum jornal Ultra-Tory as seguintes reflexões curiosas.*

Em vão a imprensa ministerial, tanto em Inglaterra como em França, intenta dissimular o facto. Um choque terrivel, que deve abalar a Europa até os seus fundamentos o patenteará com horrenda conflagração, involvendo seus habitantes em todas as calamidades da guerra mais ruinosa. A contenda, que presentemente agita a França, he a que existe entre os verdadeiros amigos do Rei, do Povo, e os inimigos da ordem social e das liberdades públicas. Fanaticos do collegio de Fribourg, energumenos mascarados com a religião e o throno, que desde a restauração dos Bourbons tendes conspirado para recuperar o podêr do despotimo, tyrannos deslumbrados, que não anteveis que a nuvem do prejuizo e da superstição, com que vossos predecessores conseguírão circumscrever a França, foi felizmente dissipada pelos successos dos ultimos cincoenta annos. A es-

perança de que a intriga fradesca recupere sua authoridade sôbre os negocios temporaes da França, está venturosamente e para sempre desvanecida. Que a repentina mudança do ministerio é devida á influencia exercida pelo duque de Wellington sôbre Carlos decimo, nós o certificamos; que ésta medida foi suggerida e apoyada pelo Principe de Metternich he igualmente verdade, e que a confederação dos ministerios Wellington, Polignac, e Metternich tem por objecto emendar os erros que commettêrão a respeito dos negocios da Russia é evidente á comprehensão mais curta; mas por mais transcendente que seja o objecto, por mais anciosa que esteja a côrte das Tuilherias a coalisar-se com a Austria e a Inglaterra, para impedirem os brilhantes successos com que o Autocrata da Russia tem aniquilado o imperio da Turquia, ésta mudança não teria acontecido, se o partido Apostolico não tivesse lançado mão das circumstancias, que a crise apresentava para tornar a estabelecer o imperio fradesco. Sim, são os Jesuitas, são os Apostolicos do Continente, que causárão ésta mudança, que outra vez comprometterão a segurança do Throno, e a paz do Imperio, se a sua empreza não for destruida pela formidavel expressão da opinião pública e pela barreira da representação popular na Camara dos Deputados. *(Age de* 6 *de Setembro.*

---

Lemos na gazeta de Augsbourg, por noticias de Constantinopla de 10 de Agosto, o seguinte: o Sultão, reconhecendo por fim o iminente perigo, em que se acha, acaba de aceitar o tractado de seis de Julho, reconhecendo a independencia da Grecia. As noticias, que chegão successivamente da passagem do Balkan pelos Russos, e as victorias alcançadas na Asia pelo General Pasckwitsh, produzírão este resultado. A capital permanece tranquilla.

---

*Constantinopla,* 8 *d'Agosto.*—A Porta vê-se finalmente obrigada a seguir outro systema, e a prestar ouvidos ás propostas, que por tanto tempo recusou acceitar com uma pertinacia incrivel—A mar-

cha do general Diebitsch sôbre Kirkilissa, e o desembarque d'um corpo de tropas Russo em Iniada tem causado vivissima sensação, tanto nos habitantes d'esta capital, como no ministerio.—O Sultão conhece o perigo em que se acha, e ja se sujeita a todos os sacrificios para conseguir a paz.—A capital está mui tranquilla; mas não acontece assim nas provincias, onde existem muitos partidistas do Janisaros—Recea-se que o Sultão corra algum perigo pessoal, se o general Diebitsch fôr por diante em suas operações.—Nada sabemos do exército Turco; parece que tal exercito não existe, por que as tropas, que tinhão recebido ordem para reforçar Adrianopoli, estão demoradas no caminho. As novas da Asia são desastrosas; a povoação inteira recusa marchar contra o inimigo. *(Gazeta d'Augsburg.)*

---

A Gazeta d'*Augsburg* annuncia, debaixo da rúbrica de *Semlin*, que o Grão Visir, a quem a posição de Schumla se representa em estado mui crítico, offerecêra capitulação; mas que as suas proposições não forão acceitas pelo general Krassowsky. *(Constitucionel, 3 de Setembro.)*

---

As noticias vindas pelos jornaes alemaes e inglezes, assim como os despachos diplomaticos considerão pouco distante o fim da guerra entre a Russia e a Porta Ottamana. Depois das ultimas victorias alcançadas pelo general Diebitsch, resolveu-se o Sultão a entrar em ajustes. Entendeu-se que a paz era possivel. Mas os motivos que forçárão o vencido a ser menos obstinado, não tornárão o vencedor mais exigente? O que é certo, é que na luta, em que as duas potencias se achão empenhadas, houve um fim, houve interêsses e miras, cuja conciliação é bem difficil de effeituar. *(Courrier Francais 4 de Setembro.)*

---

*Portugal: Lisboa,* 19 *d'Agosto.* (Correspondencia particular) —A viuva Princeza do Brasil, D. Maria Francisca Benedicta, mor-

reu hontem ás quatro horas e meia da manhan, na idade de 83 annos, e ao fim do decimo setimo dia d'uma febre gastrica, doença que reina actualmente na capital. Ésta Princeza soffreu muito em seus derradeiros momentos, por que sempre levou a mal a usurpação de D. Miguel. O tyranno porêm pertende enganar o mundo, fazendo acreditar que a morte da Princeza Benedicta lhe causou a mais viva afflicção.

Acaba de chegar ao Tejo um pequeno navio de guerra pertencente á esquadra do almirante Rosa; diz-se que traz despachos, mas nada respira ácerca do seu conteudo: o que observamos foi que immediatamente se reuniu um conselho d'estado em Queluz.—*(Idem.)*

---

O *Rosa*, commandante em chefe da expedição, tinha ja na algibeira o decreto de conde da Praya, com o direito de tomar este titulo mal desembarcasse na Terceira. Que pena para o digno servidor d'um tyranno tam feróz! Sabe-se que o Rosa não tencionava desembarcar tam cedo; mas que temendo a guarnição de S. Miguel, que ameaçava revoltar-se por falta de pagamento, quiz tentar fortuna. Sabe-se tambem que levou toda a guarnição, para evitar alguma desordem na Ilha de S. Miguel. *(Constitucionel,* 4 *de Agosto.*

---

EXTRACTO DE NOSSA CORRESPONDENCIA PARTICULAR.

Paris em o 1º. de Setembro de 1829—Appareceu aqui um tal M. M. Coutinho, ex-juiz de fora de Villa Real. Este moço, cuja vida e milagres davão *materia a nunca ouvido canto*, metteu-se de gorra com o conde da Ponte, e dizem que trabalha com elle para o reconhecimento do rei Miguel. Sahiu já a corso; abalroou varios Portuguezes emigrados; pediu-lhes que se deixassem de teimas, que reconhecessem D. Miguel, e que tudo se comporia na santa paz do Senhor. O homem, segundo consta, gastou prosa que

não foi graça; mas tudo ficou em actos nullos, por que ninguem esteve pelas contas.

N. B.—Damos fé de ter visto e concorrido muitas vezes com este Senhor M. M. Em 1820 era tam liberal como o homem que desejava uma anarquia de torneira, para se dar cabo dos corcundas. Em 1823 quiz virar de crena, para ver se conseguia algum emprego; mas não foi attendido, porque ainda lembravão os *descamizados* discursos, que elle tinha pronunciado nas Sociedades Patrioticas. Em 1826 defendeu *fustibus, et ensibus* a Carta Constitucional; mas pouco tempo depois começou a fazer pazes com os corcundas, e a commetter baixezas, que se não acreditão. Este homem, que toma com tanta facilidade as cores da terra que pisa, merecia um emprego consideravel na corte do Miguel. É com tudo natural que lhe aconteça o que acontece a todos os homens sem caracter; nenhum partido os recebe; e se alguem se lembra d'elles, é para empregos semelhantes ao que hoje exerce o Sr. M. M. Coutinho.

---

## NOTICIAS DE PORTUGAL.

### *Lisboa.*

Desde 14 de Agosto não temos noticias directas do infeliz Portugal.

Por via de França nos chegáraõ comtudo algums boatos curiosos. Se os houvermos de crer, ja se approximavam de Almeida as tropas de Fernando VII., que em virtude do tractado secreto com D. Miguel, devem tomar posse de todo o Cima-Coa. Tambem corria que o duque de Cadaval pedia a sua demissaõ.

---

### *Madeira.*

Por um navio chegado da Madeira a semana passada, sabemos com certeza que a guarniçaõ d'aquella ilha estava em perfeita insubordinaçaõ contra o governador. O batalhaõ de No 13, a quem por vezes tem tirado seus officiaes, por os suspeitarem secretamente

addictos á causa legitima, completamente se revoltou por lhe quererem dar por commandante um major ilheo por nome Lapa. O batalhão de 2, a quem o governador quiz fazer pegar em armas para desarmar o 3, recusou; e n'este conflicto ficava aquella desgraçada possessaõ Portugueza, nas vesperas de uma guerra civil, e de gozar todas as bençaõs do *governo paternal*, que ja de sobejo a tem felicitado.

---

## ESTADO DA QUESTÃO PORTUGUEZA EM SETEMBRO DE 1829.

Estava reservado ao pequeno Portugal, situado no angulo mais occidental da Europa o dar á Europa, e ao universo o espectaculo maior, mais tremendo, e mais extraordinario, de que ha lembrança, não direi já na historia, mas nem siquer nas tradições de nenhum dos povos da terra.

Bastantes revoluções tem visto o mundo, assaz fertil em commoções politicas tem sido estes ultimos seculos; assaz de crimes, e horrores,—de virtudes e heroicidades teem matizado a historia das nações antigas e modernas. Mas o espectaculo de uma nação immolada, assacinada por defender seu Rei legitimo, desamparada, abandonada (direi perseguida?) de todos os Reis do mundo, e entregue ao cutello do usurpador, por ser leal ao seu Deus e ao seu Soberano, no juramento de fidelidade, que prestou a um na presença do outro—é um exemplo novo e terrivel, cujos resultados e consequencias hãode ser funestas aos Reis e aos povos, e virão a ter sôbre os destinos da Europa uma influencia tremenda, que a imaginação não póde encarar sem estremecer,—é um abysmo, em cuja profundidade se perde o pensamento—é perspectiva medonha por onde os olhos do mais indifferente espectador se alongam em busca de um futuro, que vago e indeterminado, nem por isso aterra e espanta menos.

Naõ faltam por esses annaes antigos e modernos, principes legitimos desthronados por facções populares, por ambiçaõ de con-

quistadores, pela rebeliaõ desnaturada de parentes, de irmaõs, de filhos ainda : mas as circumstancias da usurpaçaõ da coroa Portugueza saõ inteiramente novas, e nunca ouvidas ; he um documento de perfidia tam unico e singular que nem os vergonhosos e sangninarios annaes da antiga Bizancio dos Comenos e Paleologos, nem da moderna Stamboul dos Selins e Mahomets podem offerecer parallelo.

A Europa aterrada e escandalizada não se atreve ainda a fitar os olhos sôbre este quadro de desorganização, em que todas as suas ideas de moral pública e direito recebido se confundem, e que offerece uma perspectiva de futuro sem garantias para os povos, sem confiança para os Reis, sem esperanças solidas para ninguem.

Para a Europa monarchica, a Europa essencialmente realista o expectaculo de Portugal é vergonha e opprobio : os Reis se pejam de o encarar, e á falta de vontade de uns, de deliberaçaõ em outros, e de podêr em alguns para o fazer cessar, como sua honra e interêsses exigem, preferem fexar os olhos para o naõ verem. As facções revolucionarias, que minam o coraçaõ da Europa, a oligarchia que o affoga com um laço de ferro, se approveitam d'essa indifferença e impotencia dos Reis, e tiram sôbre o quadro horroroso da extremidade da Peninsula seu costumado veo de engano e mentira.

Uns não conhecem, outros fingem naõ conhecer toda a transcendencia de uma questaõ, com que estao ligados todos os mais vitaes interêsses dos Soberanos e todas as esperanças de tranquillidade e repouso d'elles e dos povos.

Immoralidade, traição, ardis e stratagemas de toda a especie, e a qual mais infame, foram empregados para seduzir os governos e fascinar os povos sôbre a mais simples questão de *direito*, que ainda se agitou : a saber que o filho mais velho do último Rei de Portugal era seu legítimo herdeiro, e que ainda quando seu pae em vida lhe cedesse parte dos dominios da coroa, nem por isso o inhabilitava para succeder na outra por sua morte ; nem quando as leis do reino excluissem o estrangeiro, podia chamar-se estrangeiro, o que

assim obteve, naõ uma coroa alheia, mas a que fôra parte integrante da coroa paterna.

Com as chicanas de *direito* vieram as mentiras de *facto*. Tudo se confundiu e revolveu, todas as artes da politica da Europa se empregaram para dar uma falsa idea do estado de Portugal. A traiçaõ domestica ajudou as machinações estrangeiras; e o povo Portuguez leal ao seu Rei, e amante de suas instituições foi, sem ser ouvido, julgado traidor ao Soberano, rebelde á liberdade, e digno de D. Miguel!

A questão do Oriente veio abarcar, e quasi fazer monopolio de toda a attenção da Europa; e apenas de vez em quando conseguiram fazer alguma diversão momentanea os gritos das victimas innocentes expirando nos cadafalsos de Lisboa e do Porto, os tiros de canhão do horroroso attentado da Terceira—ou os gritos de victoria de um pundado de bravos, triumphando, apezar dos esforços reunidos das armadas Britannica e Miguelista, sôbre tam superior numero de inimigos.

Agora porêm que o exército triumphante dos Czares ja bate ás portas da segunda capital dos Cesares—agora que ou a questão do Oriente vai terminar-se de prompto—ou adiar-se por longo prazo—ou involver a Europa toda em maior confusão e guerra, do que nos dias, que pareciam não vir nunca a ter iguaes, de Bonaparte; agora forçosamente se hade olhar de mais perto para a questão de Portugal; que, pelo menos, não hade ser julgada á revelia por *so dous* juizes suspeitos, sem audiencia de partes, e so pelo ódio á justiça e predilecção pelo crime. Ainda se hãode embargar as sentenças de Londres, hãode ser contestados os arrezoados dos advogados de Vienna e Paris; ainda hãode ir *com vista* as *petições para penhora* de Madrid, e as vis, as vergonhosas intrigas de certa côrte imperial dos Tropicos acharão contra-veneno em outra corte imperial mais para o polo.

Enganam-se os revolucionarios de Lisboa: não convem á Europa que Portugal fique como está; é contra todos os seus interêsses;

ninguem ganha n'isso senão a Hespanha; a Europa ja o vai conhecendo e hade emendar o êrro comettido. O que tem atégora valido a D. Miguel e a seus vis satelites é o medo das instituições livres a que os Portuguezes teem direito e que D. Miguel tem querido apagar com sangue. Mas nem os mesmos gabinetes, a quem mais odiosas são essas instituições, as queriam revogadas assim. Fóra de Lisboa o despotismo tem mais juizo, não é mais humano, mas é mais sensato e prudente. So em Queluz é que se dispensa com religião, humanidade e razão ao mesmo tempo; nas outras côrtes do mundo, quando não haja as primeiras duas, sempre ha a terceira, ou pelo menos ha arte e hypocrisia mais fina do que o estolido tyranno de Portugal sabe fingir.

Não está pois decidida a nossa questão. Está suspensa: ainda ha longo respiro para os honrados Portuguezes, ainda ha tempo para se arrependerem os desvairados, e se desenganarem os illudidos. O nobre conde de Villa Flor, os heroicos voluntarios do Porto e os mais defensores da Terceira deram o exemplo aos leaes e firmes. Os infelizes soldados, que cederam á coacção e seducções do usurpador e se atreveram a atacar as armas de sua legitima Soberana, tambem deram o exemplo aos seus camaradas na oppressão e nos desejos: depor as armas da rebellião, ou antes voltá-las contra o oppressor e derribá-lo de seu throno de pestilencia, arrancar-lhe a purpura de escarneo, com que o vestiram seus sycophantas para ludibrio do inepto ambicioso, que nem tyranno soube ser.

---

Continuaremos, pelos seguintes numeros, a mostrar aos Portuguezes de todas as opiniões a necessidade de se unirem para derribarem o tyranno e prevenirem o castigo que póde ser fatal á nação:—a expor-lhes as razões que lhes assistem, os meios que estão a seu alcanse, e as felizes consequencias que d'ahi haõde resultar. Falo-hemos com razões sólidas e incontestaveis, e daremos seguidamente uma quantidade de documentos de que o público Portuguez não tem conhecimento, e que muito importa que lhe cheguem.

## O CHAVECO.

*Londres*, 8 *de Septembro* 1829.

Nas primeiras columnas d'ésta folha achará o leitor hum artigo jocoserio que esperamos lhe dê justa idea do espirito d'ésta publicação e das tenções de seus Redactores. Em vez de enganar o público, segundo é de uso, com as pomposas promessas de um prospecto, julgamos preferivel dar-lhe logo uma amostra de nosso fraco prestimo do que fatigá-lo com nossos proprios louvores e com a descripção de nossas habilidades.

Pareceu-nos conveniente encetar, para assim dizer, a nossa carreira politica com um *aperçu*, um bosquejo do estado actual de nossa questão. É feito a grandes traços, rapido, ligeiro, como a natureza de iguaes publicações o comporta.

Um resummo das mais importantes noticias da semana completa a parte politica da folha. Do theatro da guerra não temos novas importantes. Observamos que o general Russo está prudentemente pairando sobre a sua prêsa para a empolgar com mais segurança e certeza. Em França continua a lucta da justiça e do senso commum com as estupidas pretenções do ultraismo, de cuja

cegueira até ja se riem os seus amigos e collegas, os *Torys sagrados* de ca da Mancha. Recommendamos á particular attenção do leitor um artigo que a este respeito traduzimos litteralmente do *Age*, o famoso jornal de D. Miguel e de certo Duque seu amigo.

Recebemos jornaes Francezes até 4 do corrente. Por elles temos noticias de Constantinopla até 8 de Agosto, e de Lisboa até 19 do mesmo mez. A'quella data, se houvermos de crer o *Courrier francais*, ja D. Miguel suspeitava o triumphante resultado de sua famosa expedicção contra a Ilha Terceira. A chorada morte da Senhora Princeza D. Maria Francisca Benedicta, apezar de muito esperada por seus longos annos e crescidas enfermidades, causou comtudo viva e dolorosa sensação. Ésta veneranda Princeza era, para assim dizer, a ultima representante das antigas virtudes da Real casa de Bragança, que os Portuguezes possuião em seu seio. Filha do grande Rei D. José I., o restaurador das lettras, o protector das sciencias e da industria nacional,—esposa d'aquelle tam chorado Principe que Portugal perdeu tam cedo, ella foi por muito tempo o objecto das mais caras esperanças dos Portuguezes,—nunca o deixou de ser de sua veneração e amor.—Basta o estabelecimento de Runa, que, á imitação de *Chelsea* em Londres e do *Hotel des invalides* em Paris, foi instituido por aquelle augusta senhora para os velhos e invalidos defensores da Patria a quem outro

asylo não restava; basta, dizemos, esse estabelecimento por ella fundado e dotado, para perpetuar na memoria agradecida dos Portuguezes a lembrança e a saudade de tam virtuosa Princeza.—A uma suavidade angelica de character, a viuva de D. José sabia junctar firmeza de heroina. Apezar dos maus tractos com que seu rebelde sobrinho lhe amargurou os ultimos dias da existencia, nunca foi possivel extorquirem-lhe uma palavra, um so acto pelo qual ella se dignasse, não diremos reconhecê-lo, mas nem submetter-se á sua usurpada auctoridade. Morreu Portugueza leal, e fiel subdita assim como vivêra.—Felizes os Portuguezes se o throno, a que tam proxima esteve de subir com o mais esperançoso dos Principes, chegasse a ser occupado por tam nobre e virtuoso par. Mas a Providencia tinha determinado em seus impenetraveis decretos que em vez de adorarmos sobre o solio das Isabeis e das Catherinas as virtudes de D. Maria, houvessemos de maldizer e execrar os crimes e abominações de uma Carlota—A perda recente da Princeza D. Maria Benedicta faz recordar a do Principe D. José seu esposo. O que ahi vai de esperanças mallogradas e de infelicidades nunca presentidas!—

Agora recebemos cartas do Porto até 22 do passado, por navios d'alli vindos. A apparente e hypocrita moderação que em Lisboa pretendião fingir as auctoridades miguelistas, não tinha chegado ao Porto. Fallava-se em

novas execuções; e o terror público não tinha abrandado.

P. S.—N'este momento e depois de escripto tudo o que vai acima, recebemos, com a chegada do paquete de Lisboa gazetas até 23 de Agosto passado. A unica coisa de algum interêsse que valha mencionar-se e que n'ellas achamos, é um decreto de velha data (9 de Julho) publicado na ordem do dia de 17 do passado, em que D. Miguel dá por extinctos todos os regimentos de artilharia, cavallaria e infanteria, e batalhões de caçadores que tomarão parte na, que elle chama, rebellião do Porto:—e outrosim os regimentos de cavalleria Nº. 13 e 26.—Recebemos copiosa correspondencia de que daremos extractos no número seguinte.

## MISCELANEA.

### ERRATAS DA GAZETA DE LISBOA.

Logo que chegárão as ultimas noticias da Terceira o marechal de campo marquez do Tancos offereceu-se para ir commandar a nova expedição que vai tomar a Ilha.

O conde de S. Lourenco offereceu todo o ordenado de Secretario d'Estado para as urgencias do Estado, e tornou á antiga porcaria e ao trem do Lagoia.

O almirante marquez de Viana offereceu concertar á sua custa os rombos que á nau D. João VI. recebeu na Villa da Praia.

O Ministro das Justiças João de Mattos pediu para seu collega o Padre Antonio Guião.

### LANCETADAS.

A Imperatriz Rainha D. Carlota sustenta que seu Filho Miguel he legitimo.

O Excellentissimo Conde de S. Miguel offereceu um projecto de nova organisação da quinta caixa: foi approvado.

O Padre Antonio Guião vai publicar uma obra sòbre o celibato do Clero.

O Prior Mor de Guimarens tenciona vestir camiza lavada no dia 26 de Outubro, anniversario do seu Rei.

A Viscondessa de Jerumenha recebeu de Inglaterra por seu Filho Guilherme um tratado sobre a legitimidade: vai imprimir-se na imprensa Régia.

---

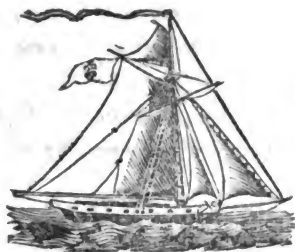
### AO TITO PORTUGUEZ.

Perjuro, traidor ao Rei,
Ao Reino traidor famoso,
Archi-Machiavel manhoso,
Sem fé, sem honra, sem lei:
De Argel rivaliza o Bei,
Mas depõe o nome augusto
De Numa, de Tito justo;
Que o teu sera sempre ouvido
Das nações entre o bramido,
Entre a raiva, o horror, o susto.

J. J. P. Lopes.

### IN NOVAM CARTHAGINEM.

Carthago, eis a tua hora: desvendados
Ja se espantam do longo soffrimento
Os povos opprimidos e ultrajados,
Ja seguem com o ancioso pensamento
Ao Scipião do Oriente, alvoroçados
O invocam contra Hannibal fraudulento;
E folga o mundo ao contemplar presago
Nas ruinas de Byzancio as de Carthago.

*Anglo-maniacus.*

---

Re-impresso por R. Greenlaw, 39, Chichester Place, Gray's Inn Road.

**O CHAVECO**  **LIBERAL**

No. 2. VOL. I.

O'er the glad waters of the dark blue sea,
Our thoughts as boundless, and our souls as free.—BYRON.

*Quarta feira* 16 *de Septembro*, 1829.

## O CHAVECO Á VELA.

Polla d' og' en pontó pathen algea on kata thymon,
Arnemynos én te psychén kai noston etairón.

Dor de peito soffreu no mar tamanha
Para salvar sua alma e a da companha.

HOMER. ODYSS. A.

BEMDITTO seja o Senhor Sant' Elmo a cujo favor nos encommendâmos sempre como bons e devotos mareantes com as devidas promessas de cirios, terços e *missas-pedidas!* Vamos com vento em poppa e mar bonança, a gente esperta e desenjoada, —— e so nos dá cuidado o nosso capellão (sancta alma de padre!) que por mais que lh'o pedissemos, quiz por fôrça trabalhar tambem na *manobra*, e tanto trabalhou que está esfalfado com dor de peito e outras dores que fazem dó. O que se lhe não tem diminuido, antes augmentado com as prácticas que sempre nos faz depois do terço e antes do quarto grande, exhortando-nos á boa vida e cuidando de nossas almas, como bom pastor d'éstas ovelhas, —— não sei se diria melhor—Protheu d'éstas phocas—para não cahir na censura de Horacio:

Delphinum silvis apingit, fluctibus aprum.
Põe nos bosques delphins, nas ondas cerdos.

Mas censure quem quizer, que pouco se me dá a mim d'isso: éstas coisas da derrota e livro de bórdo pertencem ao piloto, que la se avem com o nosso capellão para as concertarem com seus mottes e sentenças de Latim (que, aqui para nós, o piloto apanha a dente

ao padre, e sem elle não faz obra que se lea) e outras coisas mais. E assim agora com a doença do capellão, não sai a públìco a derrota d'ésta viagem e fica para quando voltarmos do corso da semana que vem, que Deus permitta seja em boa hora, e sem agua aberta, que é o que mais cuidado me dá, pois ás costas me cai como mestre calafate que sou d'este barco, e lhe tenho amor como quem o viu nascer e d'elle não quer sahir senão para o dá-fundo do Corpo-Sancto, ou Sancta-Catherina ás costas de quatro irmãos da nossa irmandade dos navegantes —— comtanto porêm, que ja ca o tenho no meu testamento, que não quero uma so esmola de missa, nem de seis vintens, aos padres irlandezes, por certa quigila que tomei com a sua ilha d'elles e com certos barcos que de seus estaleiros teem sahido; que affundados sejam elles, e nas *lamas* os veja eu, e deitados de costado em maré vasa e maré cheia, até lhe não ficar uma caverna san.

Se eu não estivera tam velho e quebrado, assim mestre calafate como aqui me vêem, fui estudante no meu tempo—e malditta seja a môça que me andou co'a cabeça á roda e foi causadora de eu não ter hoje as *orde's* com' o nosso capellão —— que outro gallo me cantaria: mas assim mesmo, digo, que inda lhe havia de recorrer bem as costuras, e mostrar o que ahi vai de falhas e mazellas encubertas á fôrça de breu e alcatrão. Mas emfim ja não estou para isso: e aqui vai uma carta que o nosso capellão recebeu hoje de um tal Senhor Palinuro, que de certo não é aquelle de quem falla a derrota do brigue Eneas (Ja disse que fui estudante e não se admirem d'estas rajadas de latinorio que sempre ficam):

Nudus in ignota, Palinure, jacebis arena.

Verso que eu paraphraseei no stylo da traducção de Marot, que é a melhor ou, pelo menos, a mais engraçada que nunca de Virgilio se fez—— deixar fallar modernos; e diz assim:

Na ignota areia estirado
Ficarás como um cação,
Palinuro desgraçado;
Qual Gil-Eanes corcundão,

Qual Azeredo çafado,
Que so por extrema uncção
Receberam do *malhado*
Pontapé e cachação.

Este é outro Palinuro e não me tem geito de ir assim pela amurada fóra, nem de merecer a sorte dos Gil-Eanes, Azeredos e Silveiras; sorte que bem deviam ter muitos Palinuros ou pilotos que eu sei, que não véem guiar a gente senão co'as damnadas tenções dos pilotos de Moçambique e da *aguada da traição*, que, a haver Vascos da Gama a bórdo, cedo se descubriria que costa demandam e não lhes restaria senão saltar ao mar, ou subir pelo pescoço ao lais da

verga. O nobre almirante Villa-flor ja por la tem ensinado alguns d'estes: e sentido com os outros.

Ella aqui vai a carta. *O Mestre Calafate do Chaveco.*

---

## CARTA DO PALINURO.

*Senhor Reverendo Capellão do Chaveco Liberal,*

Ca dei dous trincos com gôsto ao ler, que o seu Chaveco se fez no bordo do mar dando corso aos Piratas de D. Miguel. Deus o leve a salvamento. Como acabei ha pouco um Cachemarim, que sahio do estaleiro tão formozo como o Bucintoro, aqui me tem Vm. ao seu dispor, e dirá lá ao Mestre Arraes, que ca o homem orça, e arriba como uma penninha:—que é içar galhardete de signal,e verá como me çafo por riba das alforrecas: que senão arreceie da pequenez da minha tonelagem, que pelas barbas de S. Lourenço atracarei d'abalroas com D. João VI., que não é nenhum papão, dá a borda como D. Miguel a gambia; dizem que do solheiro no estaleiro, não sei; o que sei é que D. Miguel desarvorou há tempos, e cá fez uma avaria, que mal peccado, não soçobrar. Não importa, não tocará muitas alvoradas, que não vejamos todo o arvoredo da sua frotilha, ou *futrica do Estado* de vêrgas á paixão. Ora pois, *mei-migo*, diga lá ao Mestre Arraes, que antes de pôr a proa a rumo saiba, que cá se me quer çafar o Veiga para Ministro das Justiças em vez do Mattos (donde não sahirão ouregãos) e o Belfort para a Intendencia; mas eu vou-lhes na alheta, e como refrega do Sueste, cêdo me verei com elles. Dahi faço conta dar caça a uma cambada de Jesuitas, que cá mandou o Principe *Espolinhado* de presente á Rainha velha. A propozito desta *Carcaça* saberá que vai para *Cabréa:* temo que não sorva porque ainda que foi dura de borda está muito alquebrada, e podre nas obras mortas da poppa. O Patriarcha quer-lhe recorrer as costuras, mas o Marquez de Chaves não quer; porque dizem que cospe a estopada e que dá guinadas, e não veleja certo. Veremos o que d'ali sahe. Lá andão umas Bichas com Proclamações della pelas Provincias, de que se espera muito, porque venta de Hespanha, e Vm. sabe que o Suão é terrenho e faz arreganhar o costado.

*A Charrua Visconde de Santarem* mette muito d'avante, pelo pezo que traz na roda de proa: como está *armada* não duvido que saia na lua nova para o Herculanum, em cata de uma carga de papeis velhos, que depois hade baldear no *Brigue Asseca* n'altura de Londres, Cap. *Walton* que vai com direito destino trocar uns petrechos, e armamento de Infantaria, que tinha o Capitão, e que porque os Constitucionaes lhos não comprárão ficou com elles de candeias ás avessas, de sorte que agora não há praga, que não vomite. Mal sabe Vm. como elle ficou o outro dia com a noticia da Terceira. Como a agulha amuou por algum tempo, poz-se á capa n'altura de

South-America Coffee-house. Como pessimo Piloto que é, porque não vê boia alem dos cachorros, a rajada da Terceira fez-lhe dar a banda tão rijo, que fez agoa pelo portaló; o que lhe valeu foi amurar a bombordo, o Navio cedeu, virou poppa ao vento, e seguio em arvore-secca. Parece que a *Corveta Conde da Ponte* está penhorada, e sem leme porque tomou a risco fraudulentamente, e a barataria de Patrão não estava segura: de sorte, que o *Brigue Asseca* teve de arrear os sobre, e é o que lhe valeu.

*A Nau Duque de Cadaval* virou de querena. O Padre *Macedo*, que é o Capelão, grita, que quer tambem um Camarote para a Freira, e que se lhe não pagão fica em terra; que não está para esfolar bestas de graça: embirrou que quer pór no beque a carranca da Chicoria em honra do Senhor Infante, e vá lá tirar-lhe isso do cascos.

*A Galera Conde de Basto* tem os alforges rotos pelo muito uso, que toda a equipagem fazia delles. Tem um edital no mastro grande para quem quizer dar dinheiro a responder sobre quilha, e casco, se dirigir a bordo da *Escuna Conde da Lousãa*, Cap. *Macedinho*. Porem como a pechincha da queima do papel moeda acabou ninguem lhe fia vintem, e cedo irá para a amarração.

*A Mexeriqueira Viscondessa de Jervmenha* está nas lamas; comprárão-na para desfazer, porem como é de construcção Ingleza, e os direitos são fortes no Paço da Madeira, ou vai para lenha, ou quando muito será transformada em *Barca de lixo*. É pena, porque foi bem veleira: era um gosto vê-la de cutelos e varredouras fora, na Esquadra do Almirante *Campo maior*, quando ao primeiro signal se metia nos rizes, convez varrido, porão aberto, fogo á bitacula, arfando como uma gaivota. Em fim, por hoje dou fundo. Até outra vez. Boa viagem. Sou seu amigo do coração.

PALINURO.

## NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

### EXTRACTO DOS JORNAES ALLEMÃES.

Diz-se que Sir Robert Gordon tem uma Declaração na algibeira manifestando que os navios Inglezes entrarão no mar negro no caso dos Russos avançarem mais sobre Constantinopla. Para ajuizar se esta declaração de algibeira se poderia effectuar, seria necessario termos conhecimento das instrucções dos Generaes Paskewitsch e Diebitsch, ou se elles tem mais medo das palavras do Embaixador de Inglaterra do que dos desfiladeiros do Balkão, e do campo intrincheirado de Erzeroum. Se elles fazem alto, ou se se retirão, não diminuem

com isso o perigo de que os ameaça a entrada dos navios Inglezes; pelo contrario a continuação das operações victoriosas lhes segura vantagens que muito pesarão na balança, no cazo dos Inglezes declararem a guerra.

Quantas mais Cidades tomarem; quanto mais territorio adquirirem, tanto mais vantajoso será o tractado de paz. Por maior idea que tenhamos do espirito de moderação do Gabinete Russo, com tudo esta idea não se pode confundir com o total esquecimento dos interesses Russos, nem com a cessão das vantagens conquistadas por huma inglorioza submissão ao *bon plaisir* do Gabinete de S. James. Não foi para se retirarem por uma simples intimação de Sir Robert Gordon que se passou o Balkão, que se tomou Erzeroum: por tanto a intimação de Sir Robert so tera em resultado o mostrar aos Generaes Russos a necessidade de approveitarem cuidadozamente os resultados de suas victorias. Os Turcos conhecem que o soccorro Inglez ja lhes vem tarde, e por tanto não cuidão senão de escolherem d'entre os males o menor; e depois disso, se os Inglezes quizerem fazer a guerra, hade ser toda á sua custa. Inglaterra não póde fazer nada: o Duque de Wellington não ha dia nenhum em que tenha a certeza de ser ainda Ministro no seguinte; e por tanto tem muito em que cuidar, sem buscar aventuras.

A sua precaria especulação do Ministerio Francez valeo a perda de uma batalha politica, porque é uma vantagem evidente para a Russia o estado de nullidade a que aquella medida reduzio a França, porque isso fortifica todos os Gabinetes anti-Turcos livres da influencia aterradora da França. E é tambem evidente que a Russia achará ainda mais alliados logo que se conhecer que a Inglaterra pelo amor dos Turcos, e para popularisar o Romano Principe de Polignac, está prompta a fazer ceder á França a margem esquerda do Rheno.

Tal politica seria miseravel, mas os Russos não temem estas miserias. Em logar de perder tempo em discussões theoreticas, é mais rasoavel reconhecer por inevitavel aquillo que é inevitavel, e tomar medidas para segurar os interesses existentes, antes do que arriscar estes interesses por uma sensibilidade morbida, por aquelles que ja se perdêrão! A Turquia está perdida ainda mesmo que alguns annos de perdão procrastinassem a sua existencia. Cahírão as suas defezas; um pequeno exercito penetrou até ao coração das suas Provincias Asiaticas; o prejuizo da impenetrabilidade do Balkão cahio por terra, e a paz so lhe poderia ser concedida com a clauzula incondicional da livre navegação do Bosforo e dos Dardanellos; privada de mais a mais de seus marinheiros pela emancipação da Grecia, a paz mais vantajosa a deixaria em situação tão debil, que ella não pezaria uma onça na decantada balança do Poder.

Tal é o estado desta grande questão, e em relação a este estado de coisas é que os Gabinetes da Europa se devem preparar para advogar seus interesses.

Os Gabinetes do Continente não se podem dissimular que os seus interesses estão na rasão inversa dos interesses da Inglaterra, e que não obstante que uma conciliação com aquella Potencia seja desejavel para a continuação da paz, com tudo uma submissão aos Dictadores do mar sería so uma degradante humiliação sem *chansa* de successo. O negócio de que hoje se tracta não é de conservar o Imperio Ottomano, mas de um appercebido claro dos interesses da Europa em referencia ao monopolio Inglez. Mesmo quando o Principe de Polignac não queira dar ouvidos á voz da razão, os outros estadistas da Europa lhe mostrarão que tem mais em que cuidar do que em fazer a côrte ao Duque de Wellington. Um ajuste com a Russia não tem difficuldade, nem os Principes Europeos conscios de seu podêr querem regeitar condições justas e vantajosas, só com o fim de não escandalizarem os Senhores de Whitehall.

*Allegemeine Zeitwng de* 3 *de Setembro.*

---

EXTRACTO DOS JORNAES INGLEZES.

Lord Strangford vai para Lisboa na Britannia ; o Visconde d'Asseca vai ser dispensado de suas fadigas como Embaixador, tendo sido nomeado em Lisboa o seu successor. O Duque de Wellington vai cuidar em restabeleeer a paz e a tranquilidade na Terceira. O Conde de Villa Flor sabendo da determinação do Duque, dizem que fugíra da Terceira.—(*Risum teneatis amici?*)

*Morning Journal de* 9 *de Setembro.*

---

Um Papel da manhãa diz que Lord Strangford vai para Lisboa na Britannia, e que o Duque de Wellington tenciona intervir para restabelecer a paz da Terceira. Temos dados para dizer que não ha uma particula de verdade nesta asserção.

*Courier de* 9 *de Setembro.*

---

O Courier de hontem desmente a nossa asserção de que Lord Strangford vai para Lisboa na Britannia, e de que o Duque de Wellington vai tomar medidas para restabelecer a paz na Terceira : pois nós tornamos a ratifica-la : veremos quem se engana.

(*Morning Journal de* 10 *de Setembro.*

---

Estamos plenamente authorizados para desmentir completamente o Morning Journal na sua asserção de que Lord Strangford vai para

Lisboa como Embaixador na Britannia. Nem Lord Strangford nem Agente nenhum diplomatico vai para Lisboa.

*Courier de* 10 *de Setembro.*

---

Receberão-se despachos de Lord Cowley Embaixador Britannico em Vienna, datados de 29 de Agosto, aonde se tinhão recebido noticias de Adrianopoli, de 20 de Agosto, annunciando que aquella Cidade tinha capitulado com o General Diebitsch na noite antecedente, e que um Corpo de tropas Russas devia entrar n'aquella tarde. Dizem as mesmas noticias que os habitantes estavão anciosos pela chegada dos Russos por temerem ser roubados pelos soldados Turcos. Annunciavão mais que os Russos tinhão occupado Kirk-Kilissa a 18 de Agosto, e que tinhão deitado corpos de cavallaria na estrada real entre Adrianopoli e Constantinopla. *(Idem)*

---

*Paris* 6 *de Setembro.*

As causas que produziram a revolução ministerial vão-se descubrindo pouco a pouco; a seguinte é a que teve mais influencia para resolver El Rei. A Austria estava pouco satisfeita com o procedimento do nosso ministerio, e tractou, por meios de persuasão, de induzir El Rei a uma mudança; mas como não podesse obter resultado pela persuasão, lançou mão de meios mais efficazes, i é, o mêdo. Uma carta, que a *contra-policia* muito a proposito *intercæptou*, annunciava que como Carlos X. não queria ouvir razão, que a Austria ia levar á França o pequeno Napoleão, o que lhe seguraria bastante influencia para sustentar ahi os principios monarchicos. Ésta carta foi apresentada a Carlos X., e o levou a sérias reflexões; o medo chegou ao seu auge quando lhe disserão; que na Suissa se tramava uma conspiração Bonapartista, e que Maria Luizà Mãe do *Pretendente* estava em Genebra. Ésta intriga, que a Austria conduziu com o seu costumado Jesuitismo, foi appoiada pelos Cortezãos, e pelo partido fradesco. Por outra parte, tendo a Camara dos Deputados pedido na última sessão reformas, e tendo-as o Ministro da Guerra prometido, como essas reformas deviam cahir sóbre as Cortezãos, era necessario que o Ministerio cahisse para se não abolirem as *sine curas.* Entretanto o Ministerio não está unanime; todos fitam ao mesmo objecto, mas differem nos meios de o conseguir. Uns querem a fórça, outros o ardil, e outros a corrupção. Ao princípio tiveram a idea, debaixo de pretexto de serem necessarias algumas obras no palacio da Camara dos Deputados, de procrastinar a reunião das Camaras indefinidamente; mas a isto accudio logo o Corpo do Commercio offerecendo o Palacio da Praça *(Bourse)* em quanto se não concertasse o da Camara. A re-

solução em que estão os Francezes de não pagarem os tributos, que não forem legalmente votados, parece tam geral que tem feito passar aos Ministros a idea de não reunirem as Camaras; e so se occupam dos meios de formar uma maioria que não teem em nenhuma d'ellas. Antes de hontem tiveram uma longa e animada conferencia a este respeito; e calculam que unindo todos os meios, medo, venalidade, e persuasão, poderão obter uma maioria de cinco ou seis votos na Camara dos Deputados; mas creio que exageram a sua influencia.

Um rumor da demissão de M. de la Bourdonnaye prevaleceu na Praça alguns dias; o que fez subir os fundos; mas julga-se que foi invenção de speculadores. O certo é que M. de la Bourdonnaye é temido por todos os seus collegas; e que a pezar do desprêzo com que teem sido recebidas as suas proposições pelos membros liberaes, não desesperam de conseguir alguma coisa pela fraude: creio que se enganam. A demissão de M. de Chateaubriand, e a condemnação de M. Bertin, homens que tanto se teem compromettido pelos Bourbons, mostra bem a gratidão d'esta familia,—a qual, se o seu conselho fosse formado de regicidas, não podia ter sido mais mal dirigido no caminho dos verdadeiros principios monarchicos.—P. S. A ex-imperatriz Maria Luiza está demorada em Genebra por ordem de Metternich para *papão* de Carlos X.—*(Extracto da correspondencia particular do Times de* 10 *de Setembro.)*

---

*Lisboa* 22 *de Agosto.*

O systema de terror que reina em Portugal todos os dias toma uma attitude mais séria, mais intensa, e mais horrorosa. Uma carta de um correspondente de Lisboa datada de 22 do passado, que transcrevemos, apresenta um triste quadro d'aquelle miseravel paiz; ainda que temos recebido com mais recente data detalhes de mais doloroso interêsse sôbre a tyrannia e desorganisação que aniquilão aquelle desgraçado reino. A porção do Ministerio que alguns dos nossos contemporaneos *sycophanticos* alcunhava de moderado, vai ser demittido por ordem da Suprema Capella de Pariz: Mattos é substituido pelo Barata: Santarem por Asseca: (isto ao menos salva Londres de uma degradação) Lousan por Joaquim da Costa: o Leite vai ser nomeado Primeiro Ministro. O director apostolico em Lisboa tambem foi rendido, succedendo ao Hespanhol Lasurriaga o taquigrapho Marti.

Pelas últimas relações dos processos existentes ve-se que o número dos prezos sobe a vinte mil; mas, a pezar d'isto, a demissão de Mattos e Veiga tem por motivo a soltura por elles ordenada de duzentas pessoas que estavam presas sem outra razão senão a arbitrariedade dos Voluntarios realistas.

O exercito foi debandado, uns dizem que por falta de dinheiro, outros que por medo de uma insurreição.

Um decreto de D. Miguel anulla todos os julgados em causas civeis proferidos n'aquellas terras que obedeceram á Junta do Porto, durante o tempo d'aquelle Govêrno: o que vai causar o maior transtôrno aos desgraçados a quem o decreto diz respeito, alêm das enormes despezas que hão-de recrescer com as novas demandas.

*(Star de 9 de Setembro.)*

---

## O MORNING-JOURNAL E O DUQUE DE WELLGINTON.

*(Extracto.)*

Emfim o Duque de Wellington desceu do character de primeiro ministro para entrar no tribunal do *Old Bailey* como perseguidor particular contra os proprietarios do *Morning Journal* O objecto do nobre Duque é sem dúvida arruinar individuos cuja propriedade, liberdade, e independencia elle ameaça so porque tiveram a coragem de fallar dos principios de seu illustre adversario, e de censurar as perniciosas medidas que elle sanccionou. O Duque entrou na arena como antagonista particular trazendo em seu auxilio todo o patronato da Coroa; toda a influencia derivada da riqueza com que o presenteou o paiz que elle tanto tem injuriado; todo o servilismo dos escravos empregados publicos; todas as riquezas do Thesouro público; todo o dinheiro do serviço occulto: em quanto nós so temos o appoio da nossa innocencia, de nossa consistencia e dos jurados do nosso paiz. O motivo que o induziu a isto não o podêmos a divinhar. Um procedimento de espirito mais baixo e mais maligno ainda não manchou os annaes de nenhum ministerio. O Duque de Wellington, o heroe de Waterloo, o idolo militar de todos os Soberanos da Europa, o Ministro valído de Jorge IV. vai apparecer no *Old Bailey*, aonde se juntam os criminosos; aonde se julgam os ladrões; aonde todo o velhaco acha um rabula para o deffender; so com o fim de accusar dois homens, que nam lhe roubaram a sua prata, nem lhe beberam o seu vinho, nem desencaminharam a sua guarda-roupa, mas so criticaram a sua politica e escarneceram de suas medidas futeis e inconstitucionaes. Haverá maior degradação, procedimento mais degradante ou mais ignobil?

Nós denunciamos a apostazia do Duque de Wellington; expozemos os seus erros politicos; rimos da sua ignorancia e do seu genio imperioso e dogmatico, mas nunca o julgamos tam baixo, que viesse ao *Old Bailey* dar um allegrão ao público. Em vez de dictar condições ao Imperador da Russia, jura accuzações contra os gazeteiros de Londres: em vez de alliviar o paiz da desgraça em que se acha, está estudando meios de saciar vinganças: e em vez de averiguar as causas das bancarrotas que diariamente se succedem, vem escolher victimas. E em fim! do que nos accusa o Duque de Wellington! diz que nós lhe chamamos soberbo, altivo, venal, des-

honesto, sem caracter; e capaz de designios de derribar a Coroa e postergar as leis e liberdades d'este paiz: pois bem, nós o repetimos e reiterâmos a nossa accusação:—O Duque de Wellington, é soberbo.—O Duque de Wellington, é venal.—O Duque de Wellington, é altivo.—O Duque de Wellington é deshonesto.—O Duque de Wellinton não tem character.

Em quanto ao designio de deitar abaixo a Coroa, isso foi só por escarneo que nos o dissemos, elle poderia talvez aspirar a ser Rei em um dos pequenos Estados do America-do-Sul; mas Rei de Inglaerra!! oh! isso não; ha ca muito quem o empeça.

*(Morning Journal* 12 *de Setembro.)*

---

### EXTRACTO DOS JORNAES FRANCEZES.

Ahi tendes finalmente alguns tiros felices contra a usurpação e absolutismo, e forão os habitantes fieis d'uma pequena ilha dos Açores que os disparárão contra os soldados de D. Miguel! D'uma expedição tam pomposamente annunciada, não existem mais que algumas embarcações arruinadas, e 500 prisioneiros engrossando a força que ião destruir.—Alimentávão-se grandes esperanças em Lisboa; preparavão-se castigos inauditos aos *rebeldes* da Terceira; contava-se com *decimar* a povoação desta ilha, á maneira do que se fez nas cidades do Porto e Coimbra; mas esses juizes canibaes, que empestavão a esquadra com a sua presença, é de crer que estejão agora dando conta ao Conde de Villa Flor da violação do seu juramento a D. Pedro, e do sangue que ajudárão a fazer derramar nas praças públicas de Lisboa, e das outras cidades do Reino.

No mesmo dia em que soubemos o destroço dos Miguelistas na Terceira annunciárão os periodicos vendidos á facção apostolica Portugueza, ou á nossa (por que ellas se parecem em toda a parte) o desembarque feliz da expedição, e a submissão immediata da ilha. Era a primeira noticia politica com que saudavão a aurora do nosso novo ministerio.—Davão-na até como um meio de solidar o poder arbitrario. Appareção forcas e supplicios (embora a scena penal tenha logar a trezentas leguas de distancia) a morte dos infelizes conta-se sempre como um exemplo saudavel.—Os tribunaes de Lisboa estavão ociosos havia dias.—Esperava-se que as ferias acabassem com a queda da Terceira.—Mas os verdugos tomárão o logar das victimas. Não tereis sangue que derramar. Malvados! O vosso desalento é mortal! E porque hãode estas novas felizes encontrar a joven Rainha de Portugal a bordo do navio, que a conduz á Corte de seu Pai? Porque ha-de uma acanhada e mesquinha politica reduzir a Inglaterra a fundar o restabelecimento da sua influencia em Portugal sobre a sancção d'um acto que offende todos os principios da moral publica?—por que tal é hoje em dia o unico segredo da sua conducta neste desgraçado negocio.

Fatigado com uma perpetua contradicção, entre os discursos e os actos do ministerio Inglez á cerca da validade dos direitos de sua filha, Dom Pedro não quiz uma hospitalidade irrisoria, e o chefe da Casa de Bragança tornou a chamar sua filha, jurando com tudo de não transigir jamais com o infame usurpador do seu throno, e da Corôa da Rainha de Portugal. Mas não podendo por agora apromptar uma expedição para o restabelecimento da Rainha desthronada, e conhecendo a má vontade dos gabinetes Europeos, entregou ao bom senso e á coragem dos Portuguezes o cuidado de expurgar a sua patria do tyranno, que a está aviltando com a sua presença e poder.

Neste sentido, o successo da Terceira, que não bastaría pela sua importancia intrinseca para o desfecho da grande catastrofe, póde ter com tudo uma influencia immensa nos destinos de Portugal. É uma lição de heroismo feliz dada por um punhado de subditos fieis a uma povoação, que póde todos os dias ferir mortalmente a usurpação e o despotismo.

Se o reconhecimeeto de D. Miguel estava dependente da queda da Ilha, é natural que os nossos ministros, e os seus collegas de Londres achem grande embaraço nos resultados d'um successo, que faz reviver justissimas esperanças, e dá vida a uma causa que elles tanto desejão destruir. Pedia-se a D. Miguel que se mostrasse mais clemente, para decidir a Europa ao reconhecimento do seu poder usurpado; mas recommendava-se-lhe que tratasse de ser feliz. Os usurpadores que se deixão bater inspirão pouco interesse; o destroço da sua expedição, metade engulida pelas ondas, metade engrossando as fileiras do Conde de Villa Flôr, não lhe offerece o melhor motivo para reconciliar-se com os governos estrangeiros.

*(Extracto dos Jornal do Debates de 5 de Setembro.)*

---

Dom Miguel dava grandissima importancia á tomada da Terceira; fez os maiores esforços para armar a sua expedição, em que entrárão não só as forças de que poude dispôr em Portugal; mas até as peças d'artilheria que estávão em S. Miguel. Esta ilha naõ tem actualmente nem artilheria, nem guarnição.

Diz-se que a conquista da Terceira era fortemente aconselhada ao Miguel por alguns governos estrangeiros.—Se elle fosse feliz, podião apoyar-se nesse facto para o reconhecer, e isso seria um golpe fatal para a causa da legitimidade. Esta victoria porem produziu o effeito contrario; é indizivel o enthusiasmo dos briosos defensores da Terceira.

*(Constitucional de 5 de Setembro.)*

---

A *Quotidiana* de 5 do corrente conta a victoria da Ilha Terceira pelo modo seguinte:

" Uma pequena divisão da expedição de Lisboa conseguiu pôr pé em terra, e o batalhão de Voluntarios de *Dona Maria*, a quem o Villa Flor faz tantos elogios, refugiou-se no forte do Espirito Santo. Este forte, atacado pelos realistas, foi tomado á bayoneta, e o *bravo batalhão de Dona Maria* saiu em completa derrota.

O Conde de Villa Flor avisado deste acontecimento, veio com 8 peças de artilheria e formou uma bateria que dirigiu ao mesmo tempo contra o forte, e sobre o ponto do desembarque. As forças do Villa Flor erão muito superiores ás dos realistas, e por isso, e por que o mar o protegia, conseguiu impedir o desembarque das tropas que vinhão em soccoro das que ja estavão no forte: se o segundo desembarque tivesse tido logar, e sobre tudo se o bravo commandante, que entrou o forte, não tivesse morrído, a victoria havia de decidir-se pelos Realistas."

---

*Boletim da Terceira glosado pela Quotidianna.*

Um facto digno de notar-se, e que a experiencia nos próva a cada momento é que as declamações dos nossos mais fogosos campeoens da legitimidade, são, quando muito, um farelorio sem convicção, ou a defesa não d'um principio, mas de algum miseravel interesse particular—O officio d'elles é como qualquer outro: se não ha legitimidade, dão-lhe uma voltinha, e por mais ignobil, por mais odiosa que seja a usurpação, lá a declarão de direito divino, e a sustentão com todas as forças do espirito, e todos os rodeios da impostura.

A victoria alcançada na Terceira por uma Rainha legitima contra o usurpador do seu throno affligiu muito a *Quotidianna*: ao principio negou o facto; mas, colhida em mentira, não teve remedio senão falsificar a noticia e arranjar um boletim a seu modo. Parece que o forte do redactor deste boletim não é a imparcialidade. Dar-lhe-hemos entretanto um conselho, e vem a ser: que se deixe de mentir tam descaradamente, e tantas vezes, por que uma mentira supporta-se; muitas farão com que o seu periodico não seja acreditado de ninguem.

*(Correio de França de* 6 *de Setembro)*

---

*Portugal, Lisboa* 22 *de Agosto.*

A noticia inesperada da mudança do ministerio francez deu de si uma alegria extraordinaria entre os Miguelistas. Em toda a parte se ouvião estas vozes:—*estamos salvos. O reconhecimento* do nosso Soberano não póde tardar, e inda bem que hade vir sem a condicção a viltadora de *casar com a filha do Pedro.*—

A morte da Princeza viuva encheu de contentamento os Miguelistas: "*temos uma Constitucional menos,*" dizião elles. S. Alteza contemplou em primeiro logar a D. Pedro IV. e a D. Maria II., e

deixou-lhes joyas de grande valor. Veremos como se executão estas clausulas do testamento.

*Constitucional de* 6 *de Setembro.*

---

Lê-se no *Jornal do Havre* a seguinte recapitulação dos actos do Governo de Londres, que podem servir para provar a constancia, e a moralidade da politica de Lord Wellington:

" Dom Pedro é lisonjeado no Brasil pelos Embaixadores da Grã-Bretanha.

" O Embaixador Inglez retira-se de Lisboa, e a Inglaterra recusa reconhecer como Rei Legitimo o usurpador Miguel.

" Os navios Inglezes desprezão, no Tejo, o poder de D. Miguel, e quasi ao mesmo tempo o Ministerio Britannico reconhece o bloqueio do Porto, que não podia ser considerado como um bloqueio de facto, porque era executado sómente por uma corveta: nem como um bloqueio de direito, pela razão em que o Governo Inglez se estribou para protestar contra a usurpação de D. Miguel.

" O ministerio Inglez deixa partir dos portos da Mancha para a Terceira, os refugiados Portuguezes a quem tinha offerecido hospitalidade: navios Inglezes tomão a seu bordo estes passageiros, e o Governo dá ordem secreta ás suas Fragatas para que se reunão na Terceira e recebão ás canhonadas os refugiados, cuja saïda se não tinha impedido—

" A joven Rainha de Portugal sai do paiz que baniu os seus subditos fieis. A Fragata, que conduz sua madrasta d'Ostende para o Brasil, vem procurar Dona Maria da Gloria. A joven Imperatriz não quer desembarcar na terra inhospita, que recusou proteger a filha do seu novo esposo—A divisão brasileira foge das prayas inglezas, levando com sigo, para os depôr no coração de D. Pedro, os resentimentos que a politica de Inglaterra deve ter inspirado ao que este Soberano tem de mais caro, sua esposa, e sua filha.

" Lord Strangford está, se não mentem os boatos, em vesperas de ser mandado á corte do Miguel, na qualidade de Embaixador d'Inglaterra. Os jornaes do ministerio Britannico, que tratávão Dom Miguel de assassino e de usurpador, começão a tratá-lo como Rei: lguns até ousão dar-lhe o titulo de *Miguel primeiro.*

" Dom Miguel é reconhecido como Rei legitimo pela Inglaterra.

" Concluiu-se um tratado pelos fins de 1829, entre a Inglaterra, e Portugal, governado por S. Magestade Fidelissima D. Miguel primeiro, rei pela graça de Deus, do carrasco, e do gabinete de S. James."

Da *Madeira* se diz, em 11 d'Agosto, que os habitantes daquella ilha estão com a maior impaciencia de saber o resultado do ataque da Terceira.

*(Quotidianna de* 6 *de Setembro.)*

O Rei d'Inglaterra sentiu muito a partida da joven Rainha de Portugal, a quem era summamente affeiçoado; elle teria sem dúvida sustentado mais efficazmente a sua causa, se o principio do Governo representativo em Inglaterra não obrigasse o Rei a conformar-se com a politica dos seus ministros abstraïndo até a sua opinião pessoal.

*(Mensageiro das Camaras de 6 de Setembro.)*

---

*Espanha: Madrid, 27 d'Agosto.*

A nomeação do vosso ministerio, com a qual não contávão os nossos apostolicos, deu-lhes muita vida, e reanimou as suas esperanças.—É provavel que os congreganistas d'ahi comecem a corresponder-se com os daqui.

O casamento do Rei inquieta muito o partido apostolico; trata-se por todos os meios de impedir a sua conclusão, e ainda se não perdêrão as esperanças.

Expediu-se um Aviso *reservado* para remoção de varios individuos. cuja presença se reputa perigosa na capital—Diz-se que esta medida é principalmente tomada contra os Carlistas.—Veremos o que acontece, quando se publicar esta ordem.

Falla-se na ressurreição da *camarilha; Ugarte* trabalha para isso com todo o empenho; porém o Rei está prevenido contra as machinações, e começa a fazer o seu officio.

*(Mensageiro das Camaras de 7 de Setembro.)*

---

Estamos informados de que na Terceira existem muitos officiaes Francezes, que para ali forão com authorisação, e aos quaes se facilitárão meios de transporte. O Conde de Villa Flôr, quando saïu da París, levou com sigo dois officiaes superiores, que lhe devião ser muito uteis, para esclarecerem a sua inexperiencia. Estes auxiliares aos liberaes portuguezes são muitissimos, e se os rebeldes obtivevão uma victoria ephemera, deve sem duvida attribuir-se áquelle soccorro, e a nada mais. *(Quotidianna, 7 de Setembro.)*

---

## NOTICIAS DE PORTUGAL.

### CORRESPONDENCIA PARTICULAR.

—*Lisboa* 15 *de Agosto de* 1829.

AMIGO.—Bem vezes pede o coração escrever-te; e outras tantas a mão é detida pela consideração do pezado tributo do porte das cartas nesse paiz, cujos habitantes quasi todos tem cara de *tantos por cento;* e que diariamente sacrificão a honra a Pluto, como as Babilonias sacrificárão a virgindade a Venus! Herdeiro da fé Punnica Deus lhes dê a sorte d'aquelles, de quem a herdárão :=*Exôriare . . . . . . ex ossibus ultor!*=Como vas tu de

saude? Eu de mim só posso dizer-te, que ainda vivo, escapado ao assalto nocturno dos instrumentos da tirannia, e confinado em um sitio, onde até estou dispensado de fazer o signal da cruz; porque nem o Diabo sabe de mim. Bem ouço, que o furor das perseguições cessou; mas como o Tito de hoje é o Nero da semana passada, e a Fredegundes d'então inda é a Fredegundes d'agora, não desço, nem saio do azilo, em quanto me não mostrarem *pata branca*, como dizia o cordeiro de la Fontaine ao lobo, que para o atrahir contrafez a voz da mãe ovelha. Queres tu um exemplo fresco da decantada moderação do sanguinolento Mattos? Um Juiz de fora recentemente despachado foi tomar as ordens do novo Sejano, e pedir-lhe instrucções. Estas se reduzírão a que *procurasse entreter o enthusiasmo dos Povos pelo governo d'El Rei, e amor pela sua pessoa.* O Juiz ou de experto, ou de estupido pedio ao Excellentissimo, que lhe ensinasse o modo de obter tão *santos fins*. *O meio* (respondeo o Becca de Barcellos) *é seguir em tudo, e por tudo a vontade do Povo, e não o contrariar em nada do que tente fazer!* Isto foi communicado pelo proprio Juiz de fora a um amigo nosso; ao que posso accrescentar, que tres, ou quatro Juizes, um dos quaes é filho do celebre guerilheiro *Cachapuz*, tem sido chamados, e reprehendidos pela moderação, que usavão, e a muito empenho tem sido conservados nos Logares! Eis aqui porque em Elvas, o povo de mistura com os soldados acabão de prender os miseraveis que, soltos aqui, se recolhião agora a suas casas; insultárão o Governador, e corrêrão á pedra o Ajudante d' Ordens: e em Campo Maior não contentes com isto, lançárão fogo ás casas dos absolvidos! Esta moderação do Tartufo merece um lugar nas gazetas d'ahi; para que se leia, e saiba em toda a parte. que este Saulo perseguidor, e assasino dos desgraçados Gomes Freire, Perestrêllo, e dos infelizes Gravito, e Brito (cujo supplicio foi decidido, apenas elle subio ao Ministerio;) este Saulo não só não está Paulo, mas nunca o ha de estar; porque lhe resiste a natureza de tigre, á qual elle sabe juntar a astucia da rapoza; de sorte, que quando finge obstar a algum acto despotico, é porque não quer, que algum mais seja despota, senão elle; e os illusos tem tomado por humanidade, o que nelle não é senão *espirito de predominação!* O mesmo engano nos pintou a fabula nas lagrimas do crocodilo; (que se podesse chorar, tambem podia rir!) Ora este lindo estado de cousas, em que o Povo prende os que o Governo solta; insulta as Authoridades, e poem fogo ás propriepiedades do Cidadão, chamava-se no nosso tempo *Revolução!* Ouvi, que o celebre filho do antigo Ministro dos Cultos Mr. *Portallis* (que julgo, que tão pouco aprendeo do Senhor seu Pai) na arenga apocalyptica, que recitou na Camara de França dissera que aquelle Governo estava dispoto a suffocar a revolução, onde

quer que ella appareces se. E então ? . . . . Coitados de nós ; que nos falta o primeiro dos direitos que é a força ! Vou d'aqui accender dous rólos a *Hobbes* que é santo, que neste ponto fallou como um apostolo ! Agora sei, que Napoleão não foi expulso por ser usurpador; mas porque fazia dançar os Reis na tripeça da Legitimidade, da qual ja muitos tinhão cahido abaixo ! Calemo-nos ! A Esquadra *invincible* lá chegou a S. Miguel coberta de sarna, e piolhos ; e ali atacou logo dous conventos de frades, que se convertêrão em hospitaes ao primeiro assalto ! Bravo ! Que principio de campanha ! Nós tambem aqui estamos piolhosos, e sarnentos ; e quatro mil homens bem commandados (e que não recebessem de Inglaterra o santo) nos darião uma surra bem forte, escapando só os que a tempo fugissem. Em quanto a Politica official, a Tirannia mata, e a Fidelidade succumbe !

---

Lisboa 30 de Agosto.

Amigo velho, é natural que tenhas notado uma coisa, e vem a ser : que de ha tempos a ésta parte adoptei um estilo mais preciso, varri todos os *palavrões*, e deixei-me de repisar o que está ditto por tantos modos.—Alguns d'esses que citão Quinctilianno a menos de real, e que não fallam se não nas differenças e characteres dos estylos diffuso, conciso, fraco, nervoso, elegante e tantos outros, haviam de ostentar (encarecendo ésta mudança para o estylo attico) uma lição de trezentos diachos ; havia de vir á baila o pobre do velho Horacio com o seu

——ut sibi quivis
Speret idem....

haviam de citar-se vinte authores gregos, vinte latinos, porque sem isso não se ganha a palma de bom escriptor.—Embora não ganhe ; deixemos esse *pedantismo* ao Reverendo *Lagosta*, que eu vou, sem mais nem mais, dar-te noticia do que por aqui se passa.

Saberás que uma das providencias......que digo ?....um dos *benificios especiaes*, com que o paternal Govêrno da—REAL EMPIGEM—nos veio agora brindar, foi a extincção dos numeros dos regimentos. Esta lembrança é muito fina, e vai d'accôrdo com o systema adoptado.—Miguel, e seus companheiros não querem innovações por que as innovações teem seu resabio de *pedreirismo*. Por exemplo : a utilidade dos barcos de vapor é hoje geralmente reconhecida na Europa ; o proprio Mahamoud, (se nos não engana a nossa gazeta) mandou construir um, e se regalava fazendo n'elle algumas pequenas viagens ; mas o velho Conde de Basto não esteve pelas contas, nem seguio o exemplo de Constantinopla, a pesar de vir de tam boa parte.—É tal o seu respeito ás cousas antigas, e tal

o seu rancor ás modernas, que se dirigiu um dia ao Miguel nos seguintes termos: "Senhor, consta-me que no Tejo existem dois barcos de vapor; um navega para Villa Franca, outro para o Porto. Diz-se que a navegação por vapor é mais certa e mais breve, mas eu não adormeço com esses tonilhos; sempre é cousa em que não fallam nem as Cortes de Lamego, nem a nossa ordenação: portanto o meu voto é que taes barcos sejam desde ja prohibidos como innovação perigosa, e desconhecida nos *bons tempos da Monarchia.*

O Miguel achou este alvitre proprio da cabeça do seu Marquez de Pombal, e assinou o Decreto, que parece ter sido obra dos esforços reunidos de *Gaspar Feliciano*, e *Manuel Simões Baptista.*

Arcades ambo....

Desculpe, que sempre me ia descahindo com a manha velha dos textos. Porêm tornemos á extincção dos numeros.—Diz-se que o Miguel ainda não está satisfeito; quer que os soldados tornem a usar de casquete em vez de barretina, de rabixo e pós, e de calção e fivellas, por que acha isto mais militar, e mais conforme aos *bons tempos da monarchia:* aquelles tempos em que

Um fidalgo nosso
C'um golpe da catana abria um toiro
E c'o resto do golpe a sepultura:

ou mais exactamente, em que

Um valente capitão,
De rabicho e de calção,
Voltava da parada mui contente
De commandar o Alferes ou Tenente,
E vinha—oh gloria illustre portugueza—
De toalha na mão servi-lo á mesa.

Consta ter chegado a S. Martinho o hyate—Piedade, que dizem trazer noticias dos Açores até o dia 13 mez. Dá-se como certo que a esquadra atacára a Ilha Terceira; mas que não fóra recebida com foguetes e coroas de louro, senão com ferro e fogo, e que por tanto se retirára para o Fayal a esperar as últimas disposições d'este *paternal* govêrno. Nós porêm tam costumados como estamos a receber notícias más, e a ver que a perversidade d'estes patifes chega muitas vezes ao ponto de exaltar os liberaes, para depois lhes caïr com a chamada justiça em casa, vamos esperando pelo paquete que é o verdadeiro tira-teimas Não podêmos com tudo deitar o coração ao largo; o perigo está imminente, por que *la Santa Hermandad* exalta-se quando vence, exalta-se quando perde. Os homens tomaram o negócio da Ilha muito a peito; andou *João Antonio d'Almeida* deitando os bofes pela bocca fóra, e fazendo denuncias como não faria o gandayeiro mais desprezivel de Lisboa;—o Conde da Povoa, e outros sevandijas da mesma laya deram dinheiro

a montes; houve varios ensaios sôbre o melhor modo de tomar a Ilha (por signal que os soldados vencidos foram as cepas do Conde de Sampayo, e os muros escalados os da Igreja de Santa Engracia;) nomeou-se Alçada, a que foi pressidindo o larapio *Monteiro Torres*, ex-Juiz de Fora de Almada; destribuiram-se alqueires de medalhas da—**REAL EMPIGEM**;—em fim não se mediram sacrificios, nem se pouparam despezas, e a frota foi cortando os máres com a certesa da victoria, por que levava á sua frente o bem conhecido *Rosa Coelho*, esse homem que

> He mais que Nelson a bordo
> Que despreza a morte e tudo.

Mas ainda aqui não vai a historia: em quanto os nossos argonautas ião contando com os *saques e officios rendosos e pouco trabalhosos*, ficaram os *King's makers* de Lisboa embreando os cacetes, preparando as granadas de fogo, e delineando os festejos com que se havia de solemnisar a morte dos *malhados* da Ilha. Ora supponhamos por um pouco que se voltou o feitiço contra o feiticeiro, e que *contundido é o contundente:* quem poderá conter a raiva do Duque de Cadaval, do Chicoria, e mais matilha do Terreiro do Paço? Ah! meu Deus, nem sonhar n'isso é bom.

A Princeza viuva morreu no dia 17 d'este mez. Consta que em seus ultimos momentos dera alguns conselhos saudaveis ao Miguel e lhe mostrára toda a fealdade da usurpação; mas que elle respondêra a isso com um risinho mais malvado do que estupido.—Sabe-se que a Princeza deixou um collar de riquissimo valor ao Senhor Dom Pedro IV., a quem trata em seu testamento como Rei de Portugal. Esta desaprovação tam clara e tam authentica, dada aos feitos do Miguel por uma Senhora tam respeitavel e tam virtuosa, desafiou a raiva do partido Apostolico: a nova *Catherina de Medicis* pedia vingança dos *convicios* pronunciados contra seu filho; este porêm levou a cousa a la *grenadier;* em vez de deitar luto, de encerrar-se, de dar as outras demonstrações de sentimento, que se usam em taes occasiões, foi atirar aos coelhos para Mafra! Que moço tam bem comportado! Que acção tam cheia para um panegirico da *Quotidianna*, ou da mecha de Lisboa!— Dexa-me agora notar um a differença que encontro entre os filhos da Catherina velha, e da Catherina nova.—Henrique III. gostava, comprazia-se de contemplar o corpo de seu inimigo a verter sangue, e depois é que ia *ouyr la messe en la chapelle du chateau* como que para pedir perdão de seus crimes; porêm o mofino do Miguel ainda requinta em maldade; faz do sambenito galla; não pede perdão de seus crimes por que os reputa virtudes, e a melhor azeitona que elle encontra para novos passatempos, é a vista do sangue derramado!!!

Finalmente, meu amigo, temos Jesuitas: acaba de chegar uma carregação d'esta fazenda, vinda de França. São oito fradalhões de

metter medo. Eis aqui os seus nomes *José Delvaux*, Superior,—*João Mallet*, ministro,—*João Douti, José Bukacinahi, George Rousseau, José Barrelle*,—presbyteros—e *Francisco Baron*,*e Ignacio Monier*, leigos.—Vão estabelecer-se no collegio dos nobres. O *celestial* govêrno de D. Miguel—*o Desejado*,— não contente de ver a moral prática dos Jesuitas introduzida em todas as classes da sociedade, quer reduzir ésta moral a um perfeito estudo, entregando a primeira nobreza do Estádo, a estes novos *Molinas e Besembaus !*

O systema de moderação, que parecia ir despontando, acabou finalmente. Expediu-se ha dias um Aviso á Commissão, que julga os pretensos crimes politicos, recommendando todo o escrupulo na soltura dos presos, pois que ao *Governo constava que alguns tinham sido protegidos.* Esta ordem deve exacerbar a sorte dos infelizes, que inda gemem nas cadeias, por que os maldittos *becas* são capazes de enforcar o mundo inteiro, se virem que com isso lisongeam o partido dominante, ou que conseguem mais um predicamento, ou uma fitta !

As proscripções continuam: acaba de chegar a Lisboa a terceira turma de prisoneiros do desgraçado Algarve ; são não menos que 80 homens, e 11 mulheres—A maior parte d'estes infelices foram immediatamente condusidos para a Torre de S. Julião da Barra, onde já se achavam 600 victimas entregues á barbaridade do façanhoso *Telles Jordão.*

Aqui temos outra vez o nunca assaz louvado *Braga*, voltando da provincia do Minho, onde foi preparar os espiritos para uma nova reacção o favor da Rainha velha ; no Alemtejo, e na Estremadura, especialmente em Santarem, tem havido algumas desordens parciaes movidas pelo partido Apostolico. Em fim (*vêde da natureza o desconcerto*) Miguel é um pedreiro como umas casas ! Que mais queres ? —O que entretanto denuncía muito a premeditada reação são os beija mãos, que a sanguinaria *Fredegunda* está dando todos os dias ao Marquez de Chaves, e aos mais apontados sequazes de seu partido.

Fecharei a abobeda com um noticia interessante. Miguel acaba de recompensar os dois assasinos Cayeiro, e José Verissimo, nomeando-os moços da Camara, e obrigando-os a serviço effectivo—*sempre inseparaveis* (é como diz o decreto) *da Sua Real Pessoa.*—Conta-se que o barbeiro *Pires* não gostou da clausula, por que quer para si o direito exclusivo de andar atrelado a seu amo.—O Chicoria tambem zangou com a gracinha, e parece que fallou n'estes termos á sucia, que o escuta debaixo da arcada do Senado : " Amigos, isto não vai bem ; *fizemos Rei* o Senhor D. Miguel, e que fructo tiramos d'isso—Nenhum. Andamos rotos e despresiveis sem differença alguma. O meu officio, como vossês sabem, não rende hoje nada, porque os morgados das provincias, ou limitam a

espórtula, ou não dão nenhuma. Éstas malditas calças de ganga são o melhor traste que possuo; e o peior é que não vejo meio de aposentá-las, porque os officios dão-se a quem os não merece. Lembrava-me pois que fizessemos um—Nós abaixo assignados-pedindo a recompensa devida aos nossos trabalhos do anno passado, sob pena de arranjarmos nova brincandeira, que pregue com ésta camara-optica em casa do diabo mais velho. Que dizem vosses, rapazes?—*Amen, amen, dixerunt omnes.* E quem hade fazer o requerimento? Deverá ser o—Amigo do Povo?—Esse mesmo, gritaram todos; bravo, bellissima escolha!"

Ora aqui tens tu uma scena bem divertida. A Soberania da Nação exprime-se deste modo; e os canaes da opinião publica são o Chicoria, e o Amigo do Povo. Para a semana que vem direi o que for occorrendo. Vale.

*Ostende,* 24 *de Agosto.*

FALLA DA DEPUTAÇÃO DOS EMIGRADOS PORTUGUEZES NOS PAIZES BAIXOS A S. M. I. A IMPERATRIZ DO BRASIL, NA SUA PASSAGEM POR OSTENDE.

Senhora, A Deputação dos Emigrados Portuguezes residentes em Ostende tem a distincta honra, em nome de todos elles, de felicitar a V. M. I. pela sua feliz chegada a esta cidade. Nas porfiozas e variadas perseguiçoens que lhes tem suscitado a mais barbara e perfida usurpação, os Emigrados Portuguezes tem ao menos a satisfação de se apresentarem na Augusta Presença de V. M. I. cobertos da virtuoza egide da honra, e da fidelidade, e sobre tudo cheios de um nobre orgulho por ter merecido a sua conduta a Real Approvação de seu adorado Rei, e Augusto Espozo de V. M. I. Os Emigrados Portuguezes, Augusta Imperatriz, sentindo mais que os seus proprios, os inauditos sofrimentos de suas familias, e dos outros seus honrados compatriotas, glorião-se ao menos que todos elles tem salvado ilibada a fidelidade Portugueza aos seus legitimos Monarchas, a santidade de seus juramentos, e a honra Nacional; e decididos a sustentar estas firmes columnas d'ordem social, arrostarão inabalaveis todos os perigos até se consumarem as Legitimas e Politicas Intençoens do Immortal Restaurador das Liberdades Portuguezas, e Augusto Espozo de V. M. I., em firmar no Throno de seus Maiores Sua Augusta Filha, hoje tambem Filha de V. M. I., a nossa adorada Rainha a Senhora D. Maria II[a]. São estes os votos dos Emigrados Portuguezes em Ostende, e podêmos com segurança affiançar, que são os de todos os bons Portuguezes, e nós em seu nome tomamos a liberdade de os depositar nas Imperiaes Mãos de V. M. I., já que a distancia d'um a outro hemisferio nos estorva de pessoalmente os exprimir na Au-

gusta Presença do Senhor D. Pedro IVº. nosso adorado Soberano; pois sempre o será de nossos coraçoens. Apar destes votos, e com duplicado fervor nós fazemos outros pela saude e dilatada vida de V. M. I., e de toda a Imperial Familia, ficando em contínuas súpplicas ao Deus dos Imperios, para que dê a V. M. I. uma feliz viagem, afim de que em breves dias as altas virtudes de V. M. I. fação as delicias de Seu Augusto Espozo, e a ventura dos Povos do Brasil.

*Resposta da Imperatriz.*

C'est avec un grand plaisir que je réunis autour de moi des sujets fidelles de ma bien aimée fille. Je connois leurs infortunes, et elles m'inspirent l'interet le plus vif: ils peuvent être assurés que je ne laisserai échapper aucune occasion de leur en donner des preuves.

## O CHAVECO.

*Londres, Quarta-feira,* 16 *de Septembro de* 1829.

No copioso extracto, que appresentâmos aos nossos leitores, dos mais conhecidos e accreditados jornaes de toda a Europa, achará elle todas as notícias que, no intervallo d'estes sette dias,teem apparecido e de algum modo directo ou indirecto podem interessar a nossa causa e dizer-lhe respeito.

Algumas linhas de nossa particular correspondencia de Portugal completam n'este número a parte mais interessante de um jornal, isto é, o resummo dos successos, rumores e opiniões que no periodo de sua publicação circularam.

Na situação em que Portugal se acha, naturalmente se fitam os olhos de todos os Portuguezes nos pontos mais agitados d'ésta inquieta Europa a cujas sympathias tanto direito temos, de cuja apathia com tanta razão nos queixâmos.

Parece(ou muito enganam apparencias) que entre os principaes gabinetes da Europa havia uma tacita liga para cerrar olhos e ouvidos ás desgraças de Portugal e desviar a attenção da Europa do escandaloso espectaculo de seu abandôno, de seu sacrificio, com que secretamente folga e se regosija o coração de certos homens d'Estado, mas que em público e ostensivamente não ousam approvar: tanta

é a fôrça da justiça, tam alto brada a razão que nos assiste, que até nossos mais pertinazes inimigos coram e se envergonham de confessar as perfidias com que a tal estado nos trouxeram, e escondem a mão com que n'elle nos rettem.

Esta fôrça que nos opprime, este podêr que sôbre nós carrega, constragido por um resto de decencia pública e de affectação de moralidade, a não obrar decisiva e abertamente, tira principalmente seu vigor irresistivel da união, da liga de certos gabinetes unidos por principios, ou mais exactamente por interêsses communs. Tudo o que tender a affrouxar, ou desdar estes laços, é a nosso favor e nos allivia, e ao ponto que sua força diminuir pela desunião, crescerá a nossa. Cumpre portanto, importa muito aos Portuguezes vigiar attentos n'este ponto, espreitar a occasião opportuna, segurá-la com vigor e resolução, que a victoria é infallivel, e não será longa nem difficil a contenda.

N'este papel tractaremos sempre de offerecer ao leitor Portuguez aquelles dados que mais podem guia-lo e illustrá-lo a tal respeito, e sem o illudir com esperanças nem o cegar com vans declamações, lhe appresentaremos as coisas como ellas são, sem a má fe com que inimigos lhes occultam o que vai pelo mundo, nem a credulidade com que cegos amigos lh'as desfiguram para lisongear suas esperanças.

E a este proposito chamaremos hoje sua particular attenção sôbre um artigo que litteralmente traduzimos (e o leitor achará nas primeiras paginas d'este número) do jornal Allemão, o *Algemeine Zeitung*. Este papel publicado, como é notorio e inquestionavel, sob a influencia e direcção do principe de Metternich, falla assaz claro e abertamente para um orgam, como elle é, do mais mysterioso gabinete da Europa. A funesta amizade de Metternich e Wellington está em fim quebrada, a influencia da Russia prevalece sôbre a da Inglaterra; e éstas memorandas palavras do jornal Austriaco dizem mais e melhor do que todas a reflexões que nós poderiamos fazer.— " *Um ajuste com a Russia não tem difficuldade, nem os principes Europeus, conscios de seu podêr, querem regeitar condicções justas e vantajosas, so com o fim de não escandalizarem os senhores de Whitehall.*

Pelo extracto que damos do Courier verá tambem o leitor Portuguez que os Russos estão ja pacificos senhores de Adrianopoli, e bem facil é de calcular a curta e facil marcha que d'ahi terão até Constantinopla. Está provavelmente verificado a ésta hora um accontecimento que hade mudar a face da terra. Diz Rousseau que quem for senhor de Constantinopla, com tanto que não seja o Turco, hade ser senhor de todo o mundo velho: estamos a tempo de o ver.

A correspondencia particular do *Times* explica de uma maneira extraordinaria, mas bem plausivel, a mudança do ministerio Françez. O certo é que este accontecimento que tam festejado tem sido por todos os inimigos do genero humano, desde Queluz até Downing street, vem a sahir-lhe contra, e redundará por fim em nosso favor. Ja se diz que o principe de Polignac creatura do duque de Wellington, voltára a casaca ao seu creador: de modo que o nobre duque teve todo o trabalho de arranjar um gabinete nas Tuillerias—para proveito de outros.

Os advogados de D. Miguel em Inglaterra ja recorrem a puras e desfaçadas mentiras para incularem para la sua efficacia e enganarem os credulos infantistas. O *Morning Journal* deu por certo o reconhecimento de D. Miguel, que está tam remoto como nunca esteve, ou mais exactamente, como sempre esteve. O *Courier*, papel ministerial, o desmentiu positivamente.

Ha muito tempo que o plano dos protectores de D. Miguel, que abertamente o não ousam ser todavia, é diminuir a impressão de horror que seus crimes fazem em toda a parte, e inculca-lo mais moderado, para o quê incessantemente o acconselham a que, pelo menos, commetta mais secretamente seus attentados. D'aqui a fingida moderação que alguns dias durou em Portugal e que tanto se repettiu em alguns jornaes inglezes e francezes. Desgraçados dos Portuguezes se n'ella se fiarem; perdidos para sempre e sem remedio, se cançados de soffrer, se submettem passivamente ao jugo, que finge abrandar, de seu abominavel tyranno. Do momento em que D. Miguel perder o medo aos Portuguezes, então começará o sangue a correr de novo. Lembrem-se que a retirada do exército leal de Coimbra fez assassinar em Lisboa os nove estudantes, entre os quaes porventura havia al

gum criminoso, porêm muitos dos quaes o não eram, e que de certo não padeceram pelo crime que lhe imputaram mas por seus principios politicos. Lembrem-se que até *os tiros da Terceira* D. Miguel morria de sêde de sangue, e não ousava bebê-lo; e que so quando o som d'aquelles tiros pareceu assegurá-lo do medo com que estava, é que elle se deliberou a satisfazer seus prazeres canibaes. Nem se esqueçam que os assacinatos do Porto so foram definitivamente resolvidos desde que certas palavras de esperança cahiram da boca de um *nobre duque* no principio da passada sessão do Parlamento Inglez. Cobrem pois ânimo os Portuguezes. Ja não é pela liberdade, pela legitimidade que lhes cumpre resistir e pugnar, *é pela existencia, é pela vida.*

Opprime-nos a escassez do tempo e a affluencia das materias; e não podêmos senão de leve tocar um grande número de coisas em que muito quizeramos ser longos. Vejam os nossos compatriotas com que impudencia se mente nos jornaes do partido absolutista; vejam a *Quotidiènne* de Paris figurando officiaes francezes na Terceira, onde não ha um so soldado estrangeiro; vejam como d'antemão ella dava por tomado aquelle baluarte que tam gloriosamente se defendeu; vejam em fim as importantes reflexões do *Jornal dos Debates* sôbre a victoria da Terceira, e saibam approveitar ésta opportunidade que a Providencia mais uma vez lhes offerece. A nodoa do nome Portuguez ja foi lavada com sangue no meio do Atlantico; a nobre empreza está começada, resta completa-la. No Oriente um antigo povo está liberto; e um grande soberano foi em seu auxilio. Se os Portuguezes souberem ter a coragem dos Gregos, não faltará um soberano que os proteja. E quem sabe se a *Aguia do norte* que hoje ampara os filhos de Leonidas, não voará ámanham em auxílio dos descendentes de Viriato?

---

*Publica-se este semanario todas as terças-feiras de tarde (com a data da quarta-feira.) Vende-se em casa de H. Huntley No. 23 South-Audley Street, Grosvenor Square, por 9d. cada número: assignaturas até o fim do anno por 10s.*

---

Impresso por R. Greenlaw, 39, Chichester Place, Londres.

# O CHAVECO  LIBERAL.

No. 3. Vol. I.

O'er the glad waters of the dark blue sea,
Our thoughts as boundless, and our souls as free.—BYRON.

*Quarta feira* 23 *de Septembro*, 1829.



## SESSAO ABÓRDO DO CHAVECO.

Por acaso, sem esse sacramento
Não podiam salvar-se e serem sabios?—HYSSOPE.

Nós, o arraes do Chaveco Liberal, a todos os que as presentes virem, saúde, bom vento, mar chão, e andar assim. Fazemos saber como por fe do escrivão d'este barco nos consta ser veridica, e por tal a declarâmos, a presente acta de uma sessão que na camera do sobreditto barco foi celebrada, a qual é do teor seguinte.

A bórdo do Chaveco Liberal, e na decima quarta cingradura d'ésta nossa viagem ou cruzeiro, tendo-se convocado rancho pleno, a pedido do reverendo cappellão, presente toda a companha, e o nosso arraes á cabeceira do rol e a mais gente de poppa á proa, pelo dito reverendo cappellão foi declarado e requerido em como pedia a palavra'' e pondo-se a votos, e não sendo admittida a phrase por *peravilha*; veio perguntando se podia fallar; e se resolveu que sim. E então fallou e disse como elle padre capellão requeria que se lhe tomasse nota e se mandase escrever no livro de bórdo a declaração que fazia de como por uma barca pescareja recebêra duas cartas, uma das quaes era segunda epistola do mesmo mestre Palinuro que a semana passada lhe escrevêra,—e a outra uma especie de paulina anonyma em que mui fortemente o censuravam de haver derrogado de sua auctoridade e character, acceitando a cura-d'almas de um chaveco, especie de vasos que ordinariamente são vasos de iniquidade, e cujas almas, s'é qu'as teem......—" A' ordem, á ordem!

Peço que se chame o padre á ordem'' : interromperam muitas vozes da companha:

> Que em fim sempre são companhas;
> E em lhe tocando nas manhas,
> Espinoteam, berram, gritam, clamam,
> E á ordem que não teem os outros chamam.

*Capell.*—" A' ordem, porquê? Chamem a ordem o auctor da missiva quem quer que é, chamem-n'o por éditos ja que se não sabe quem é, mas não me chamem a mim, que so repitto o que elle diz."—Socegado este patriotico movimento da assemblea, continuou o illustre preopinante......(Em Inglaterra os preopinantes ecclesiasticos teem *reverendo,* mas entre nós não ha preopinante de *illustre* para baixo. Digo que continuou o illustre preopinante dizendo que pedia n'este ponto uma solemne declaração do Chaveco pois tambem lhe diziam na sobreditta missiva que um Chaveco não podia ter capellão por ser navio mourisco....(Gargalhadas geraes em toda a companha) *Contramestre*—Peço a palavra.—*Arraes.* Falle o que quizer mas não peça palavras que ja não tem poucas.—*Contr.* É extremamente absurdo, inconcludente e improcedente o que acaba de expor o reverendo capellão d'este baixel, vulgó chaveco. Pois-quê, Sr. presidente, Sr. Arraes, digo, não seriam fustas bem fustas, e juncos bem juncos os que o terribil Alboquerque (Ha questão se deve escrever-se este nome com *b-o, bó,* ou com *b-u, bú*; não a decidirei agora apezar de sua importancia e transcendencia, porque quero ser breve: *Brevis esse laboro.....*) *Capell.* Eis-ahi outra balda com que a mim capellão e ao chaveco *in solidum* nos atacam os *connaisseurs,* de que pretendêmos ostentar erudição, e que até o mestre calafate estopou e embreou as suas rhapsodias com versos de Homero, com escandalo de todos os pios ouvintes que não sabem Grego por modestia, e que se não occupam com essas antigualhas dando-se todos á politica em que são mestrões....—é fazê-los deputados, e verão.—*Calafate:* E quem os manda a elles roçar-se pelo meu Grego; passem em claro, digam como se dizia na meia-idade (a inteira inda não passou os Pireneos): *graecum est, non legitur,* e andem para diante que la está a traducção. Serão elles os primeiros que não intendam ametade do que lem, e que applaudam a maior parte do que não intendem?—*Contram.* Não entro! Ora prestem-me um bocadinho de attenção e deixem-se de esgrimir com ninharias. Não seriam, dizia eu, fustas bem fustas e juncos bem juncos os que o grande Albuquerque (agora vai com *b-u bu,* por evitar questões) e outros grandes capitães Portuguezes do mar da India traziam em suas armadas, e apezar de serem esses navios, baixeis, vasos ou embarcações de construcção chim, malaia, malabar, ou canarim, não lhes poriam elles um capellão a bórdo havendo-os tripulado christanmente? Será possivel que Affonso de Alboquerque,

de quem sabemos que nunca se deitára sem rezar o terço, nem entrára em batalha sem se persignar—bem differente do general pagão de quem cantou o Venusino:

> Nisi potus ad arma ruisse.
> Sem estar como uma talha
> Jamais entrava em batalha.

Será possivel, digo, que elle assim o não fizesse? E deixaram por isso aquelles juncos de ser juncos, aquellas fustas de ser fustas? Deixará o nosso Chaveco, ora christanmente, portuguezmente tripulado de ser chaveco porque a bordo temos um capellão para cuidar de nossas almas e consciencias; ou deixaremos nós, que tanto o precisâmos, de ter capellão (e um tal capellão!) so porque o nosso barco é de construcção argelina, tunezina ou saletina?"

> Mais ia por diante o contra-mestre
> Com o sermão, etc.

quando o nosso piloto, que é resmungante e mal contente creatura, o interrompeu no melhor do discurso e disse: "Nosso arraes, parece-me que basta de discussão; e que de terra vimos fartos de ouvir opinar, preopinar, orar, discutir, e não concluir nada. O padre capellão, se lhe parece que lhe fica mal andar no mar, que va para terra"

*Toda a companha:* "Isso nunca, nunca, ordem, ordem!"—*Piloto:* "Pois haja ordem, que d'isso gósto eu, inda que não seja senão pela raridade da fazenda. Ninguem aqui é mais amigo do capellão nem o estima mais do que eu; mas se elle olha a ser assim coisa subida na igreja, então que saia de bórdo, que Deus sabe que bispos encontrará a gente em terra; que intrigas la haverá; e não metamos o honrado padre em trabalhos. Ca por mim, não tenho rabo de palha, e que m'o pisem se são capazes; mas....*Arraes.* Cale-se su piloto: eu o não chamo á ordem mas digo-lhe que se cale. Todos carecem de indulgencia n'este mundo: Vm. hade ter as suas mazellas como os outros: e deixe cada-um cossar-se como póde. Quanto ao negócio do capellão, não se falle mais n'isso. O Chaveco tem gente christan a bórdo; o padre, é o melhor que ca veio na enchurrada, e não queremos outro. Com isto fecho a discussão; e o primeiro que abrir bico, mando-o amarrar ao mastro e provar do chicote da retranca."

Assim se fechou ésta famosa sessão; e assim permitisse Deus que se fechassem todas as sessões d'este mundo havidas e por haver, tapando-se a boca a palreiros, e decidindo-se alguma coisa com senso-commum. —E não se continha mais na dicta acta, a que me reporto. Por ordem do nosso Arraes e a rógo do Rev. capellão junto a ésta a pública fórma da carta do Palinuro, não se fazendo o mesmo á que vem anonyma por se não saber cuja é.—*O escrivão do Chaveco.*

---

## CARTA DO PALINURO.

*Senhor Reverendo Capellão do Chaveco Liberal,*

Estamos enfim amatalotados: seja-nos isso para bem nosso, e para mal de todo o pirata Miguelista que nos ficar a alcance de bicheiro. É dar-lhe sem piedade. Um pirata é mais abhorrecido das nações do que um salteador de estradas. Não ha legislação maritima, que lhes não destine a forca como justa punição de seu crime. Nós ca, como Vm. sabe, fazemos isso no lais da verga, que é mais lestes e menos dispendioso: não temos ca que fazer com desembargadores, que teem privilegio de carrasco: herdam o fato do enforcado: elle paga as custas para as despezas da relação. O pirata assim vestido como trepa ao lais, pela guinda—que lhe enrosca os gorgomilos, assim la vai vestido e alcatroado, com duas balitas nos artelhos, visitar os cangrejos; e isso se faz, tanto monta, n'um abrir e fechar d'olhos, em quanto que os senhores juizes d'alçada folgam com o apparato de fazer gemer a humanidade, ainda innocente. Não se lembra Vm. como um tal desembargador da alçada do Porto foi elle mesmo condemnador de onze innocentes, cujo sangue pede d'elle e dos consocios vingança, e depois de os condemnar, foi elle mesmo ver d'uma janella o horrido supplício? Ora diga-me Vm. ca: qual era a culpa d'aquelles martyres? Era ser bons paes de familia, e regularissimos Cidadãos? Era ser fieis ao seu Rei, áquelle a quem tinham feito preito, e prestado homenagem? Olhe ca, Senhor Capellão, e benza-se com a mão toda: os martyres que morreram no Porto, morreram porque cumpriram o juramento que haviam dado ao Senhor D. Pedro—*e que até hoje ainda não está* DESDADO*!!* Sim: a nação ainda até hoje não destruiu o vínculo sagrado que a liga no mais fundo da consciencia a sustentar os direitos da Senhora D. Maria II., que jurou e tomou por sua Soberana, acceitando no mesmo acto, das mãos do Senhor D. Pedro, a Carta das suas liberdades. Ora, Senhor Padre, pergunte la aos seus collegas, como é isto de juramentos: que limpem a mão á parede com o seu santarrão D. Miguel, quando elle mesmo jurou, e desde então não fez senão escoucear o juramento: pergunte-lhes se é criminoso quem guarda um juramento, para ser enforcado pelo haver guardado. Veja la, meu padre, que tal é o throno e o altar do Miguel e dos Miguelistas. Bem os conheço, senhores padres de D. Miguel: Vm. enforcam os freguezes com o cingulo—com que prendem a alva quando se revestem. Hypocritas! Destructores da Religião Sancta que tinhão por dever apostolar! Piratas da moral evangellica! Enxovalhadores do nome da Divindade! Aonde vos mandou ella prégar a ignorancia e embrutecimento dos povos!

Eu vos conheço; é necessario, que todos sejam *pobres d'espirito*

para que sejais vós riccos da fortuna. Impios! affectais a virtude para vos insinuardes nos corações que roeis! A quem póde hoje enganar um Fr. José de Lima do Porto, que tanto chora no pulpito como ajoelhado no templo infame da notoria Maria Ignacia? Este atheu na cella, este devoto no altar, este namorador na grade de freiras, este que aventa pedreiros-livres pelas rugas das calças, é este, a quem a sua miguelica-apostolica-caridade levou a esperar os desgraçados martyres do Porto quando desciam as escadas da cadeia, e alli a carão delles e da corja assassinica que os circundava, com a pantomimica extasi d'um possesso, exclamou:—*Graças, ó Magestade divina, que ja a tua justiça começa de sentir-se!*——É assim, que se insulta religiosamente a humanidade? Sim, senhor padre, ésta é a moral dos que *descrem a Deus;* ésta a religiaõ dos Miguelistas; ésta a Sanctidade dos tres Estados que foram a peanha do idolo Miguel.

Alto la, que por um triz, lhe arrumava um sermão. Não se espante, padre, com os cachopos: eu tive na minha penultima viagem d'Asia por capellão um padre, que se arrepellava de o ser, porque a mór parte dos companheiros tinha em conta d'indignos e indecentes: devo-lhe a elle muitas d'éstas práticas, que me ficaram d'outiva, e que vou encaixando se me cahem na linha do vento; e fallo a verdade, que n'ésta materia sempre me sopra tam rijo, que ás vezes boto mais de quinze milhas por hora: e se não temesse que as almogamas rendessem, não sei se as andorinhas poderiam atracar-me. Esqueceu-me dizer-lhe, que aquelle desembargador, que foi gozar da sua obra, e ver curioso como morriam os que elle mandava matar, é um João Antonio de Souza Almeida e Vasconcellos, o qual nem sabe ler nem escrever, e por isso nem Ordenações tem, por que ás vezes as pedia emprestadas a um lettrado meu amigo, e os diabos me levem se elle se atreve a negá-lo. Este idiota, so o não foi para roubar o cofre da decima do Porto quando elle foi corregidor da Comarca. Pergunte-lhe se ja deu residencia? Se ja deu contas?—Pergunte-lhe que foi feito d'aquelle açougue que elle teve em Ovar, e no qual elle mesmo se dignou *cortar carne?*—Se o nega, leva-o a bréca, porque ca tenho as provas a bórdo, escondidinhas entre o fôrro e o costado?

Ora ahi tem Vm. uma amostra dos juizes da alçada: deixeme com elles, que lhes sei a *monita* a todos, e a todos hei-de pôr ao soalheiro sôbre a coberta no primeiro dia claro. Hei pezar de não ter aqui á mão uma collecção de despachos d'este pateta, que ornariam o museu das sandices: ahi vai esse, que me lembra de cór. Estava elle em correição em um sítio chamado as Paredes; e requerendo-se-lhe uma citação, despachou assim, formaes palavras, e orthographia formal:—*Imtime ou sitece, querendo—Porto, alias*

*Paredes de Junho, digo,* 31 *de Junho, inquam de Julho de* 1819."
—Deixemos este sendeiro, que so tem d'homem a figura e que nem para môço d'esfregalho fôra prestadio. Ah! boa alcanziada desde a meza grande até á de S. Nicolau com todos os seus conteudos, e Guardas-mores e menores, que d'elles nem memoria ficasse: em fim la virá tempo, (que não deve tardar) em que se raspem e esfreguem a tijolo todas essas Relaçoens, todo esse tombadilho de iniquidades:—em que o carrasco dê uma roda de ponta de cabo, que lhes faça erguichar o sangue, que não bastem os esguinchos dos botes para agotá-lo. Não ve Vm., Senhor padre, que de tantas centenas de desembargadores não ha seis que estejam presos por D. Miguel? Que mostra isto? Faça a conta pelos dedos, tire-lhe a próva, e lance a conta ao lume, que assim diz o meu mestre-vélas.

Ora pois, lestes a virar. Toca a armar e a dar uma àlélarga pela costa, a ver se barbeâmos alguma cevadeira, que por ser véla velha, ja ninguem a usa a não ser marinha Miguelista, saccada á luz pelo albornoz *Visconde de Santarem* da casa do risco d'Argel, porque sem *cevadeira* não ha corcunda algum, como é bem de ver. Oh! ca vem sotaventeada a muleta *Gazeta de Lisboa,* Arraes José Luiz Pinto de Queiros e Joaquim Joze Pedro Lopes, e la larga o muletim. Pois quê! ja lhe cheira? Proa a ella. Va um tiro de chapeleta. Arreou: Venha o manifesto da carga. Oh! que miseria! Eis ahi a resenha do mez d'Agosto.—Os pagamentos dos ordenados, estão em Dezembro de 1828! Mandam-se reformar os compendios da Universidade por theologos e canonistas; porque ainda os acham *liberaes* de mais!—Morreu o Marechal-de-Campo Botelho, e a sua necrologia o appresenta o maior Capitão do seculo, o Portuguez mais Portuguez que tem sahido da raça Botelha. Consta que escrevia como uma gallinha segundo uns authographos, que se acham encafuados ao longo dos alefrizes—Quasi sobre o lastro vem muita promoção militar. Reduzem-se as milicias, que são substituidas pelos voluntarios Miguelicos—Annuncia-se que Josephina Gambeti tem uma academia d'esgrima. O protector não póde deixar de ser *o melhor dos Reis, o Senhor Miguel um* como se lhe chama na gazeta do 1°. d'Agosto. Este reisete que tem sido o primeiro esgrimidor dos nossos dias, não ha-de deixar de estender a sua munificencia ao bello sexo corajoso com a mesma largueza com que pagou á michela de Brest, que ainda hoje conserva, por so compensação de suas caricias, a alcunha de *Princeza de Portugal.*

Segue-se o annúncio das *obras de saber* de Portugal, *scilicet,* o Mastigoforo—a voz da Religiaõ—a Besta esfolada—e o Diorama em *tres* vistas pelo Senhor de Pancas. D'este sandeu baste dizer, que até ignorou a significação do titulo que deu á sua obra.—D'ahi traz

a prophecia sôbre a expedição do Mexico, que so ella deve atterrar os Mexicanos e fazer-lhes depor as armas. E por que não, se o dizem o Lopes e o Queiros?

> Ambos poetas, bebedores ambos
> Do repucho, que subito esguichára
> Da Pegasea patáda, ambos famosos
> Nas manhas, no saber, no ingenho e n'arte.

A proposito do tal Queiroz: era elle official da Secretaria do Govêrno das armas do Porto, de que vencia 10:000rs. por mez; e não tendo de rendimento *licito* mais um real se quer, lançou alicerces e completou umas casas nobres n'aquella cidade. Tam estupenda maravilha mereceu, que lhe apparecese um dia no cunhal este rótulo:

> "Com dez mil reis cada mez
> Nunca ninguem tanto fez."

Tem mais a carga dous famosos pacotes, o mais valioso d'ella; a saber:—annuncia o chefe d'esquadra, José Joaquim da Rosa Coelho, rigoroso bloqueio da Ilha Terceira—diz que abórdo da sua nau se sabe em 48 horas quanto se faz na Ilha Terceira;—que os habitantes estão fieis a D. Miguel—e que a guarnição é composta de *fracos foragidos* que so aguardam tempo para roubar e fugir;—e d'ahi arranca uma proclamação; que é uma borrasca desfeita. Levanta-se a poeira com o *quousque tandem* tam batido,que até é o *specimen* universal dos typos das Imprensas desde Type-Street até á Imprenssa Régia do Annes:—d'ahi vem uma ameaça, que é uma catarata do Ceo: = *Quereis que as armas do Rei e a espada da justiça façam de vós um montão de cadaveres?*=Ameiga-se depois um pouco mais, e lhes diz=*Contae commigo, e com as fôrças que tenho á minha disposição, que pela sua quantidade, qualidade e valor se tornam invenciveis—A operação é facilima.*

Este fanfarrão, meu padre, não aventou o marulho. Estou desenganado, que não passa d'um Comitre de galeotes. Estava por um *es naõ es* a arrumar-lhe uma proclamação por d'avante, que o fizesse afocinhar. Ahi vai o commêço, que me não posso conter:

"Com que cara, ó fanfarrão perjuro, has-de dar fundo em Belem sem mil e duzentos invenciveis em quantidade, qualidade e valor? Com que visagem, ó caturreiro, has-de surgir diante da *tua* Majestade, e dar contas da operação facilima, de que erraste de meio-a-meio a próva? Que foi feito dos anriqués, talingas e amarras que perdeste? Como has-de tapar os rombos do costado, o estrago do maçame, os furos das velas, e a retranca partida?

Como has-de, ó chamorro, * calar os gemidós das mães, das filhas, das irmans, das viuvas, de quem foste afogar e levar á morte os paes,

maridos, os irmãos e os filhos? Volta, volta ao teu primeiro
cio; arma-te de chambaril e gaita, e faze-te no bordo do Alem-
, se poderes escapar ás unhas sangrentas do teu Monarcha.
....."

Ora, Senhor padre, ciavoga, que não estou para mais, e ainda me
a muita carga a examinar. Oh! ca está o pacote da Madeira: é
cumprimento que faz a camara do Funchal ao governador
é Maria Monteiro, que falla por si: la vai= "V. E. qual bri-
nte sol dissipando o tenebroso manto da noute pelo seu zêllo,
o seu desinterêsse, pela sua honra, finalmente pela sua incança-
diligencia, nos tem dado o prazer de ver as finanças no melhor
!"

Quem diria, que o caturra Monteiro, aquelle a quem o Coronel
nos esmurrou as ventas na Madeira, sendo agora esmurrado o
urrante na Terceira, *post tot tantosque trabalhos* havia de ser
! Agora vejo eu por que elle falta em Londres. Como não
ia de ser, se elle está la pela Madeira! Mas chiton, que o tal
nprimento um pouco mais abaixo falla de *genio vertiginoso*, falla
*machinações, de conspirações, &c, &c.* na Madeira. Os Senhores
oes e Queiroz não deviam de descubrir-se assim: de que lhes
ve a censura? Aqui foi uma verde com uma madura. O sol
la eclipsado, e, quem sabe? talvez, talvez bem cedo o systema
netario da Camara de Lobos se altere, e ai de mim! que tenho
me ver grego se tal succede em quanto ando amarado, por que *as*
*uas* que trago ficarão inuteis. Não importa, tenho bons gageiros,
arrebentar do mar me avisará dos parceis.

E que é la esse resto da carga? Nem mais nem menos, o resto
o todo é de *Reaes Effigies*—Que praga! Frades, padres, ministros,
itares, da *Bicha* e dos bichos voluntarios, mulheres de toda a
pecie e casta, moços d'estribeira, cabidos de collegiadas, confra-
s e Irmandades inteiras tudo póde usar e gozar d'uma fittinha, e
m penduricalho com um camapheu a estibordo. Ora aturem-
s. Algum dia o ferrete de criminoso era d'opprobrio: hoje faz-
gala do San-benito : a effigie de D. Miguel é o rótulo de *cha-*
*rro.*

Vai-te com os demos, insipida Gazeta: çafa-te de meu bórdo
*leta de Miguel;* desatraca, que vogas empestada.

La se vai, meu padre, caím-caím como cão derreado. Por hoje
ta, que la vem uma bursiguiada d'agua, que me faz ficar em ga-
s. Adeus até mais ver.

Seu amigo *Palinuro.*

* Chamorro é o nome que davam n'outro tempo em Portugal aos que toma-
o partido (ou as partes, como então se dizia) de Castella contra a sua patria.

## NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

### EXTRACTO DOS JORNAES INGLEZES.

*Libellos contra o Duque de Wellington.*—O grande jurado de Middlesex pronunciou ésta manhan aos Srs. Alexandre Isaacson e Marsden proprietarios do *Morning Journal* por uma serie de libellos publicados n'aquele periodico nos mezes de Julho e Agosto, insinuando que o muito Nobre Arthur Duque de Wellington era "suberbo, altivo, venal, deshonesto, sem caracter, e capaz de formar designios para derribar a Coroa e prostergar as leis e liberdades deste Paiz. As pronúncias foram imediatamente para o tribunal do *Kings Bench* por *certiorári.—(Courier de* 11 *de Septembro.)*

*S. Petersburgo* 2 *de Septembro.* Manifesto do Imperador da Russia.—" A guerra que fomos obrigados a emprehender para fazer respeitar os direitos violados do nosso Imperio tem sido em toda a parte coroada com as mais felices vantagens: mas em consequencia da obstinação com que os Turcos regeitaram as nossas pacíficas proposições, e não se podendo calcular a duração da guerra, e sendo necessario prehencher as perdas que o exército tem soffrido; ordenâmos o seguinte. Haverá uma léva de 3 recrutas em cada 500 habitantes por todo o Imperio, á excepção dos departamentos da Georgia e Besserrabia. Os contigentes dos departamentos de Pultawa, Podolia e Kiew ficam esperados para as levas futuras em consequencia dos bolieiros que devem fornecer para a artilheria. Dado na Ilha de Jelagin, 10 de Agosto de 1829.—*Nicolau.*

*Fronteiras da Servia,* 30 *de Agosto.*—Cartas fidedignas datadas de Sophia dizem que o exército russo marchou de Adrianopoli: uma columna tomou o caminho do Fery ao pé do gôlpho do Enos, mas o grosso do exército tinha marchado direito a Constantinopla. Diz-se que a columna que foi para Enos é destinada a fazer a juncção com a esquadra Russa que está fóra dos Dardanellos. Ésta manobra assusta os habitantes de Sophia, porque logo que os Russos se apprezentem para se fazerem senhores dos castellos dos Dardanellos uma revolução em Constantinopla parece inevitavel, de que será victima o Sultão, e com elle accaba o imperio Ottomano: os Turcos de Belgrado estão na maior consternação, em quanto os Servios e os Gregos habitantes d'este paiz apenas podem esconder a sua alegria.

*(Algemeine Zeitung.)*

Recebemos gazetas de París de segunda-feira cheias de discussões politicas, e attaques contra o ministerio. Os periodicos liberaes parecem ter alcançado um triumpho sôbre os ministros, expondo a injustiça do acto de sequestro por elles ordenado sôbre todos os periodicos que se publicaram sabbado n'aquella capital, debaixo de pretexto de conterem um projecto de confederação de tendencia sedi-

ciosa. Haverá maior anomalia do que incluir na mesma medida aquelles que denunciaram o projecto Bretão, com aquelles que o louvaram, ou sujeitar á mesma regra o propinador do veneno, e o que prepara o antidoto? A *Gazeta-de-França*, que denunciou o projecto Bretão, não póde ser condemnada pelo mesmo principio que o *Constitucional* que lhe deu louvores. Um accusador official capaz de similhante inconsistencia não duvidaria sequestrar e formar accusação no mesmo dia á *Idade da Razão* e á *Appologia da Biblia* so porque este tinha citado aquelle com o fim de expor a sua blasphemia.

*(Times de 17 Septembro.)*

---

EXTRACTO DOS JORNAES FRANCEZES.

O General Lafayette foi recebido n'ésta cidade (Lyon) com um enthusiasmo indizivel. Estava preparado um banquete mágnifico ao companheiro de Washington, ao cidadão dos dois mundos.—Quinhentas pessoas escolhidas d'entre as mais respeitaveis da cidade trouxeram o general como em triumpho.—M. Coudere fez a seguinte saude: "Ao General Lafayette!—Outros guerreiros ganharam batalhas; outros oradores pronunciaram discursos eloquentes: nenhum o igualou nas virtudes civicas."—O general respondeu a este brinde,pronunciando um discurso, que foi muitas vezes interrompido com aplausos unanimes e espontaneos.—"Senhores (exclamou o general) somos ameaçados de projectos hostis; e como e por quem se querem effeituar esses projectos? será pela Camara dos Deputados! Mas o meu collega e amigo, M. Coudere, vosso respeitavel Deputado, e todos os nossos collegas, que se assentam no mesmo banco, vos affiançam que a nossa Camara, em qualquer momento de perigo, se mostrará fiel ao patriotismo e á honra. Pertende-se por ventura dissolver a Camara? O negócio correrá então por conta dos eleitores, e os eleitores (não o duvideis) enviarão deputados dignos d'elles, da nação, e da circunstancia. Querer-se-ha por simples decretos *(ordonances)* viciar as eleições, exercer um podêr illegal? Mas sem dúvida os partidistas de taes medidas se lembrarão a tempo de que a fôrça do govêrno, seja elle qual for, só existe nos braços e nas bolças de cada um dos cidadãos que compoem a nação. A nação franceza conhece os seus direitos; ella saberá defendê-los."

*(Precurseur de Lyon de 7 de Septembro.*

Os habitantes dos cinco departamentos da antiga Bretanha acabam de formar uma liga, ou companhia de *segurança mútua* e estão decididos a não pagar contribuições illegalmente impostas, ou seja sem o concurso das camaras, ou seja com o concurso d'ellas illegalmente formadas.—Os Jornaes, que annunciaram a existencia d'ésta liga,

foram aprehendidos no correio, sem excepção da *Gazeta de França*, e mais periodicos ultra-realistas.

*(Jornal dos Debates de* 13 *de Septembro,)*

—o◇❋◇o—

## NOTICIAS DE PORTUGAL.

*Extracto de nossa correspondencia particular.*

Lisboa 4 de Septembro.—Amigo, Pede V. notícias do nosso velho e moribundo Portugal, e que lhe direi eu que novo seja? Abra as paginas da historia, leia os ultimos annos do reinado de Nero ou os abominosos feitos de Heliogabalo, a que poderá ajuntar os dias de gloriosa memoria de Carlos IX., quando este bom varão, cheio de santo zêlo pela religião que envergonhou, atirava á balla das janellas do seu palacio, sóbre os infelizes que a nado atravessavam o Sena para escapar á proscripção d'aquelle assassino coroado, e achará um leve arremêdo do que por ca vai. Bom tempo era esse, dirão o frade *Braga, (ou calceta)* o exfrade *Lagosta*, o bento *Ma-ventura* e a caterva de todos os frades, em que se matava um herege por dá ca aquella palha, sem recorrer á trapaça forense. Mas paciencia; se o nosso rei ainda se não acostumou a caçar das janellas d'Ajuda os seus escravos, entrega-os aos desembargadores, que é igualmente bom, *et tout cela revient au meme.*

*A'propos*, fallei no frade *Braga*, e força é, que lhe repita o final de um sermão que elle prégou no outro dia aos viteleiros do campo de Sant. Anna por occasião da festa de *S. Cornelio*, tanto da particular devoção do Visconde de Santarem e de seus collegas ministros. O furibundo padre, depois de ter fallado perto de uma hora, em galego, sobre as campanhas do marquez de Chaves, a formosura da espoza, as virtudes da rainha mãe, as prendas do *bijou* do filho e outras galanterias, deichando o santo e os *cornelinos* irmãos para melhor occasião, fechou a abobeda, com o seguinte: "Meus irmãos, peço quatro ave marias, uma pelo nosso rei, para que Deus lhe dê juizo, afim de dar cabo de toda a bregeirada; outra pela nossa rainha a Senhora D. Carlota Joaquina, para que nunca se aparte do lado de seu filho, aconselhando-o como é necessario para nossa salvação; a terceira por ésta illustre irmandade, que possa prosperar n'estes reinos para nossa *consolação* e amparo; e a quarta por todos os bons realistas, excluindo os *Mações* e toda a pedreirada porque esses ja ardem nas penas do inferno. Com isto, meus irmãos, concluo este sermão, dando-vos os parabens pelo dia de hoje, e trazendo-vos á memoria aquelle momento feliz, em que, *o nosso rei chegou, em Belêm desembarcou, e na barraca não entrou.*" Ora aqui tem, meu amigo, uma amostra da eloquencia sagrada d'estes defensores

do throno e do altar. Queime por la Bourdaloue, Fléchier, Bossuet, Massillon e todos os que tornaram o pulpito objecto da veneração dos Catholicos, e deiche essa tarefa para os sectarios do *archanjo* de ca, e verá brevemente bocadinhos de ouro, em linguagem castiça, e em mais sublimada doutrina do que a de Sanches.

Tencionava ser laconico n'ésta Carta, porêm a materia é tam vasta que mal posso. Saberá que hontem entrou o paquete Sandwich, e pouco depois de sua chegada espalhou-se logo a notícia da derrota da Terceira. Mal póde o meu amigo fazer idea do enthusiasmo, que similhante acontecimento cauzou. De todas as partes sahiam os colhos das tocas; abraçavam-se; choravam; tudo trasbordava em alegria, em quanto os rotos, os *Chicorias*, os *Cyprianos*, e os *Telles* se encovavam mui murchos e de orelha cahida. Neste estado de alegria decorreu o dia 3, cuja noute foi empregada em conselhos, clubs, e projectos do que convinha fazer. No dia 4, ao despontar da aurora, recebeu ordem o Vice-rei *Miguel alcaide* para pôr a sua gente em movimento, e a agarradora policia pegou em armas, com o corpo da Realeza *Voluntaria*, e principiaram a deitar patrulhas mais bastas que formigas. Em quanto o *Vice-rei* agarrava a torto e a direito aquelles que se persuadia tinhão ainda restos de antigo calor na tantas vezes sangrada bolsa; os corpos dos reaes quadrilheiros espancavam quantos encontravam nas ruas sem differença de sexo ou idade, por maneira que pelas onze horas do dia, estavam os *defensores do throno e do altar* senhores do campo, parecendo as ruas de Lisboa um acampamento militar. Ora digam lá esses senhores que presidem aos destinos da ditosa Albion, que em Portugal não ha unanimidade de sentimentos ácerca do *reisito!* Um govêrno que ao ver mover uma palha toma similhantes medidas, está certo na vontade geral, e a melhor próva são quinze mil pessoas prezas nas cadeas do Reino; perto de sette mil emigrados, entre os quaes se contam toda a nobresa san, quasi todos os homens de saber e ingenho, os primeiros proprietarios, e enfim aquellas pessoas que por seus cargos ou circumstâncias formam o que na realidade se póde chamar nação. Ora na presença das scenas que diariamente se representam n'este ensanguentado theatro, quem póde duvidar da unanimidade a que se alludiu no Parlamento Bretão?..... Isto é claro como carvão de pedra! Voltemos porêm ao nosso assumpto.

Os Miguelistas ficaram mui assustados com a sorte do Azeredo, D. Gil, e D. Silveira, e não obstante as paternaes e agarradoras providencias do seu rei, não recobraram alento, porque vêem algum tanto negro no futuro, principalmente quando encaram o estado da miseria pública, a que tem chegado o reino. Pela tarde arrearam-se antes do pôr do sol, algumas reaes *impingens*, e agora que são nove horas reina, como se fôra alta noute, profundo silencio, apenas de

vez em quando interrompido, pelo pregão, da bella *águá* do Carmo e Loreto. Os dias de hontem e de hoje assemêlham-se aos de saudosa recordação, quando o *preclaro cocheiro* ou Real quadriga foi arrastado pelas *malhadas* e quebrou a Régia perna. Entre os muitos e chistosos epigrammas que então appareceram, ainda me lembra um que aqui lhe repitto porque supponho que ainda la não chegou.

A D. Miguel um milagre
Fez a Senhora da Roxa,
Quebrando-se-lhe o carrinho
Quebrou-lhe so uma coxa.
Bem podias, virgem pura,
Para ostentar teu podêr,
Na que lhe ficou inteira
Outro milagre fazer.

Até agora não transpiram outras medidas do govêrno previdente senão a de mandar que as embarcações que vierem da Terceira, vão a S. Martinho e á Ericeira, em vez de entrarem no Tejo. Por este meio nada transpirará em Lisboa, e a parda Gazeta poderá mentir á sua vontade, dizendo-nos talvez, que Azeredo morreu de uma colica, D. Gil, e Silveira de constipações que apanharam, por terem dançado muito com as Senhores da terra, por occasião do baile que deu o paroleira Prego para solemnizar a victoria das armas *Miguelinas*.

Os sacrificios feitos para esquipar a armada agressora foram de tal natureza, que é força recorrer a uma contribuição forçada ou um emprestimo. A primeira estava ha muito em projecto, porêm não se atreviam a lançar mao d'este arbitrio pelo descontentamento geral, que crescendo agora de ponto, os obriga a pedir emprestimo. Confiam que em París, attenta a mudança de ministerio, o conseguirão ; e esta semana parte um Francez encarregado das condiçoens, devendo obrar de accôrdo, com o celebre Ponte, por anthonomazia—*O que quer o Marquez de Chaves?*—Estou certo, que no estado da públiça opinião em França, o commissionado nada poderá fazer, por quanto os *franchinotes* tem o ôlho aberto e sabem melhor do que ninguem o dito de um dos seus homens d'estado:

*Voler on emprunter quand ou n'a rien, c'est la meme chose*—Adeus, meu amigo, até á primeira.

---

Por carta que recebémos de S. Miguel tivemos algumas particularidades interessantes sôbre a derrota dos Miguelistas no ataque da Terceira.—O Conde de Villa Flor não exagerou as vantagens de sua victoria, antes parece que mais que modestamente as relatou em seu officio ao Marquez de Palmella.—Eisqui o cálculo approximado da perda do inimigo.—Quando a expedição deixou S. Miguel, a sua fôrça effectiva, não contando a tropa de marinha, era de mais de

3,000 homens: em 19 d'Agosto desembarcaram em S. Miguel 600: a fragata Diana levou para o Fayal 200: ficaram guarnecendo as Ilhas do Pico, Graciosa e S. Jorge 300; total 1,100: differença para 3,000—1,900: que se julga terem sido mortos, affogados ou prisioneiros na Terceira.—No hospital civil de Ponta-Delgada, em S. Miguel entraram mais de 100 feridos. A nau D. João VI. dizem que tivera a bordo uns 80 mortos, e feridos á proporção; esta nau recebeu mais de 30 balas d'artilharia, 4 das quaes abaixo da linha d'agua: recebeu tambem uma bomba: a fragata Diana ficou em peior estado do que a nau; a sua perda em homens devia ser proporcionalmente maior. Alguns dos transportes ficaram muito arruinados; 30 a 40 barcos pertencentes ás ilhas de S. Jorge, Fayal e Graciosa tinham sido armados para conduzirem as tropas a terra, e tripulados com barqueiros das dittas ilhas em número de mais de 200. Dos que eram naturaes de S. Jorge so escaparam 5, os mais foram mortos ou affogados. Em S. Miguel os soldados estão atterrados e na persuasão de que a Terceira é inconquistavel.—Os nomes dos officiaes mortos na acção de 11 d'Agosto são:—o tenente Coronel Azeredo nomeado por D. Miguel para o V. de Caçadores; tenente Coronel D. Jose de Mello Camera de Caçadores No. I.; Major Julio Cesar Augusto de Infanteria No. XX; Major D. Gil Eanes da Costa de Infantaria No. XX.; Major de Brigada Costa de Infantaria No. I.; Capitão Barreira de Artilharia; Capitão Neymayer d'Infantaria No. I.; tenente Paiva de Caçadores No. XI. Dois officiaes da Brigada da marinha, cujos nomes ignoro. Mais 30 e tantos officiaes foram mortos, prisioneiros ou afogados. O tenente Coronel Doutel de Infantaria No. XX. foi ferido: do regimento d'Infantaria No. I. ficaram so 152 soldados; de Infantaria No. XX. 291; de Caçadores No. I. 32: d'Infantaria VII., Caçadores XI., Artilheria III. não se sabe ainda que número escapou. Logo que chegaram de volta a S. Miguel os restos da expedição, o corregedor da ilha fez affixar um edital declarando que o Capitão-General determinava que toda a pessoa que se achasse espalhando notícias atterradoras, ou conspirando a favor dos *rebeldes* da Terceira contra a auctoridade do Senhor D. Miguel I., sería entregue a uma commissão militar, julgado, e fuzilado dentro em 24 horas.

*Lisboa 4 de Septembro.*—Não ha dúvida que a infame côrte do Miguel não tomou lutto pela virtuosa Princeza que toda a nação chora. Um homem que foi visto de preto e que as guerrilhas dos chamados realistas suspeitaram que por aquella Senhora o trazia, foi insultado, e até dizem que preso.

## A LEALDADE, OU A VICTORIA DA TERCEIRA:

### CANÇÃO.

I.

Pelas vagas azues do largo oceano
Co'as pandas azas ao galerno vento
Vai nobre armada;—desdobrando uffano,
O verde pavelhão nas altas poppas
Treme ao sôpro da brisa; e a cento e cento,
O eccho repettido,
Reflecte pelas aguas o estampido
De cem canhões que troam.
— E morre pouco e pouco o som nas vagas;
E a praia é so. A praia, onde inda ecchoam
A celeuma dos nautas e o zumbido
De multidão confusa,—so, calada,
Erma ficou; e nas alpestres fragas
Apenas se ouve a bulha compassada
Da ressaca gemendo e murmurando
Com que a maré das praias se despede
Foge e volta, e queixosa recuando:
Qual amante em custosa despedida,
Que adeus ja disse e adeus—e retrocede,
Nem partir sabe, que é partir co'a vida.

II.

E a praia é so.—Não so: n'esse penedo
Que em tórno tapeçou alga ramosa,
Um vulto vejo aïnda; mudo, quêdo,
C'os olhos longos na planicie aquosa;
Disseras que o tocou c'o mago dedo
De Harpocrates a sombra mysteriosa,
Que n'uma estatua sua o transformára,
E so vida nos olhos lhe deixára.
Como que lhe cahiu desfallecida
A esquerda sôbre uma harpa desmontada,
E, com a dextra longa e estendida
Para o extremo horisonte, aponta á armada
Que a velas cheias cingra, e desferida
De amigo vento, corre empavezada:
Debuxa o rosto magoado peito,
De estranho menestrel é o trajo e aspeito.

III.

Mas la se move, e em pé sóbre a alta roca,
Como inspirado subito
De espirito fatidico,
Com a trémula mão nas cordas toca
Da harpa, que em sons responde inda mais tremulos,
Que, alto e alto crescendo, agudos vibram,
E entre pena e saudade e glória e mágoas,
Assim coavam nas frementes águas:

IV.

" Alva pomba de esperança,
Voga n'arca mysteriosa ;
Que no dia da bonança
Quando a enchente procellosa
A' voz do eterno parar,
Pinhor da nova alliança,
Tu a nós hasde voltar.

" Sobre a lodosa voragem
Que inda cobre meio mundo,
Deixa o corvo negro, immundo
Sua sêde de carnagem
Em cadaveres fartar.

" Para a pombinha mimosa
Hade chegar o seu dia ;
E quando a flor d'alegria
Na oliveira brotar,
C'o raminho da esperança,
Pinhor da nova alliança,
Tu a nós hasde voltar.

V.

" Mas que altivo baixel vai cingrando
Pelo esteiro da armada leal,
Nem as Quinas do Luso arvorando,
Nem a Cruz do païz de Cabral !
Que anuncia esse infausto pendão,
Estandarte de morte aziago ?
Foge, foge, ó Maria, á traição ;
São as córes da nova Carthago.
Não o ves de cruor salpicado
Tremular co'essas nódoas fataes ?
E o sangue á traição derramadc

É o sangue dos teus mais leaes.
—— Não se lavam do Nilo na glória
Essas manchas de opprobrio e de horror,
E emmudecem canções de victoria
Da Terceira ao sumido clamor.

VI.

" Carthago desleal, embalde atroam
Teus Hannons, teus Amilcares traidores
O incredulo foro, que povoam
Turba de vis, venaes declamadores
Que á tua plebe estupida os pregoam
Da republica os fortes defensores:
Essa nódoa jamais hasde lavá-la,
E o universo em seu dia hade vingá-la.

" Seu dia hade chegar: ja desvendados
Se espantam do tam longo soffrimento
Os povos opprimidos e utrajados;
Ja seguem com o ancioso pensamento
Ao Scipião do oriente, alvoraçados
O invocam contra Hannibal fraudulento;
E folga o mundo ao contemplar presago
Nas ruïnas de Bizancio as de Carthago."

VII.

Assim cantava o peregrino vate
Nos rochedos do exilio; e as ermas praias
Da inhospita Carthago resoavam
C'os despeitosos sons que n'harpa troa
Fremente indignação. Medonha emtanto
Em derredor a cerração crescia,
E as grossas gotas raras que despedem
As tumescentes nuvens, os lampejos
Que a mais, e mais, de perto e perto amiüdam,
Annunciavam tremenda tempestade
Que a instantes vai a desabar no pégo.

VIII.

Eis subito, onde as nuvens mais opacas,
Mais pejadas do fluïdo se mostram
Que so a Fránklin subjugar foi dado,
Rompe e em golpes de luz no ceo fulgura
Raio, que segue horrisono estampido
De trovão, d'eccho em eccho reboando
Por ceos e máres, longo e longo....Os seios
Das nuvens se rasgaram; e entre o vívido

Fluctuante clarão de mil relampagos,
Do atonito vate avulta aos olhos
Assombrosa visão. N'um corcel branco
Da côr da lactea-via lhe apparece
Um cavalleiro ancião; lucidas armas
De espelhado brilhante ferro o vestem;
Descem-lhe as alvas, venerandas barbas
Té ao peito, onde a cruz de ouro pendente
Do eqüestre collar sôbre o aço fulge:
Na esquerda o Real pendão de Ourique ostenta,
E ponderosas chaves traz na dextra,
Que aperta e cuidadoso olha e segura.
Tal ás margens do Tejo iria outr'ora
A Toledo em briosa romaria
Da Lusitana lealdade o symbolo,
Tal de Martim de Freitas nos figura
O vivo imaginar, aspecto e fórma.

IX.

" Suspende as notas do despeito iroso
(Brada o celeste cavalleiro ao vate)
" Cessa o funebre canto doloroso,
E n'harpa lusitana os sons antigos
Acorda da victoria,
Hymnos entoa de triümpho e glória.
Inda ha sangue do meu por essas veias
Da gente portugueza; extincto aïnda
Não foi o sancto amor da liberdade
Que os lusitanos peitos incendia,
Nem o timbre da honra e lealdade
Que entre os povos da terra os distinguia.
No meio d'esse pégo (e co'a bandeira
Apontou para o último occidente)
N'uma isolada rocha, que a fogueira
Das subterraneas furnas sempre ardente
De contínuo rescalda—a derradeira
Leal phalange intrepida e valente
Com sangue imigo e seu tinge o oceano,
E a nódoa lava ao nome lusitano.

X.

" Olha, e verão teus olhos o alto feito
A alta glória dos teus."—Disse, e brandindo
Na dextra a lança para o Oeste accena:
No concavo do escudo as ferreas chaves
Deram tremendo som. O eccho dos mares

O repettiu, e a negra tempestade
Emmudeceu ante elle; as nuvens fogem,
Os brados do trovão sumidos morrem,
E ao derradeiro lampejar dos raios
Como elles des'parece o cavalleiro,
Um sulco d'alva luz té o horisonte
Descrevendo nos ceos:——e qual nas scenas
Subito corre a tela, e ostenta aos olhos,
Por feiticeira maravilha d'arte,
As terras longes e apartados povos
Que alêm máres, que alêm desertos jazem;
Tal aos olhos do vate deslumbrados
O magnífico aspecto se descobre
De uma ilha vecejante e pampinosa,
Que ante elle, qual Delos, se offerece,
Ou qual ao domador das íras cruas
Do fero Adamastor a dos amores.

XI.

Alcantiz bravos de redor a cercam,
E nos erguidos cumes picturescos
De seus montes vejeta em morna cinza,
De mal extinctas crateras em tôrno,
Todo o luxo de Flora e do Pomona,
Que ao lourejar de Ceres dá realce
E c'os thyrsos de Baccho se mistura.
O tempestuoso Atlantico lhe quebra
Nas eriçadas pontas dos rochedos
Que em orla a cingem; e onde em amplo seio
Mais á larga lhe é dado entrar na praia,
Sóbre a pallida areia em rolos bate
E em alva franja se desfaz de espuma.

XII.

A espaços, e uns sobre outros torreando,
Baluartes avultam; e alto ondeia
A' matutina brisa, n'hastea erguido,
Das nobres Quinas o estendarte antigo.
Rara nebrina cobre em parte o resto:
E á sombra d'ella, empavezada frota
Vai na enseada penetrando a furto;
—Quinas tambem arvora; mas infame
Quebra de bastardia a meio parte
O glorioso escudo; e o sangue fresco
Na alvura da bandeira lhe resumbra:
— Que sudario de mortos a disseras

N'uma armada de sombras defraldado
A aziago vento nos pegões da Styge.

XIII.

Deu signal a atalaia n'alta tôrre;
E as negras bocas dos canhões romperam
O crebro fuzilar; os arès cortam,
Cruzam-se as péllas que de morte sylvam ;
E os ecchos das pacíficas montanhas
Pasmam dos sons de guerra que repettem.
Nas naus desaba o rapido granizo
Do saltante peloiro, e o crebro estallo;
Da palpitante trépida granada
Ferve de terra e mar.

XIV.

Mas ja baixando das erguidas poppas
Das alterosas naus leves esquifes,
Armadas lanchas n'agua vão pousando,
E a enseada povoam : lentas descem
As phalanges dos bravos, que mal soffrem
Ir ao feito traidor co'as mesmas armas
Que leaes nos campos de Coruche e Prado
Tanta glória ganharam....Instam cabos,
Blasphemos centuriões a infames brados
De ameaças os pungem.. .Cede á fôrça
O soldado fiel, mas n'alma leva
A tenção fixa de lavar a injúria
No sangue vil do chefe que o deshonra.
Movem-se os remos; e, entre o fogo e a morte
Audazes penetrando, á praia abicam;
E braço a braço, peito a peito encontram
O cidadão c'o escravo;—trava a lucta
Da perjura traição co'a lealdade,
E investe a escravidão co'a liberdade,

XV.

E quem são esse nobres defensores,
Que, em podèr tam pequeno, fixos, quedos
Aguardam seus terriveis aggressores,
E immoveis sôbre as pontas dos rochedos
Parecem desafiar seus vãos furores?
Ri-lhe a victoria ja nos olhos ledos,
Não bate o coração, tranqüilla é a alma,
E a sorte esperam que lhes traga a palma.

A desmedida fôrça do inimigo
Não parecem contar; ou, se a contaram,
Suppõe se cadaqual n'este perigo
Que o ânimo ou os braços lhe dobraram:
A injúrias taes e tantas dar castigo
Os piedosos destinos lh' outorgaram
E so contam, so vêem c'o longa esp'rança
As delicias da proxima vingança.

XVI.

Quaes injúrias, que affrontas?—Inda ecchoa
Do disperso senado nas abobedas
Calumniosa voz que altiva soa,
E de insultos cubriu a escolha impavida
Da lusa mocidade,
Que armas em vão pediu, e ás armas corre
Que lhe vedam traidores,
Combate, vence, onde não vence, morre,
E ensina seus covardes detractores
Que é mais fiel o cidadão que o escravo,
E que no peito do liberto bravo
A antiga lealdade
Remoça e cresce mais co'a liberdade.

XVII.

Tu o dize, ó magnanimo guerreiro,
Glória da patria, em cuja nobre espada
Da afflicta Lysia o amparo derradeiro,
A derradeira esp'rança está firmada:
Dize-o tu, Villa-flor, quando primeiro
Assomaste na altura alcantilada
Que assombros de valor, de patriotismo,
Que milagres não viste de heroïsmo.

XVIII.

Qual a travez de insolito perigo
Vai de sôcorro a Dio o Castro forte,
Tal entre a densa esquadra do inimigo,
O ardido Villa-flor sem medo á morte,
Villa-flor dos rebeldes o castigo
E a quem domada não resiste a sorte,
Nas Praias de Angra impavido surgíra,
E com elle a victoria que o seguíra.
E que pensaveis, desleaes traidores?
Encontrar so valor?—Teem cheffe agora
Da patria liberdade os defensores.
Na tenda imbelle por Briseis não chora

O Achilles portuguez, e seus furores
Muito sangue leal inulto implora:
Não ha convosco Heitor que vos defenda,
E Páris foge da marcial contenda.

XIX.

Ei-los! ei-los que estolidos correndo
Cegos se appressam a encontrar seu fado.
" Matae, não deis quartel" com gesto horrendo
O cheffe canibal brada ao soldado.
" Perdoae, perdoae; crime tremendo
" É o d'elles (do heroe tal era o brado)
" Mas não sigaes o exemplo do tyranno,
" Poupae, poupae o sangue lusitano."

Trava a peleja: quaes leões feridos
Os renegados cheffes accommettem,
E blasphemando em horridos bramidos,
Instam c'os seus, despojos lhes promettem;
De affrontosos supplicios que aos vencidos
O vencedor prepara, lhe repettem
Fábulas mil com que o soldado excitam,
E a combater, mau grado seu, o incitam.

XX.

Mas não descança a espada que tempéra
Fogo que ardeu no altar da liberdade;
Nos gumes lhe poisou a morte fera,
E nas mãos da briosa mocidade
É raio que fulmina e reverbera,
Raio de honra, valor, de heroicidade,
Que nos rebeldes campeões desfeixa
E em negras cinzas sôbre a praia os deixa.

XXI.

Um por um cahem na contenda ingloria,
Deshonrados cadaveres,
Tropheo ignobil que desdenha a glória,
Que á corda do patibulo
Roubou com pejo a espada da victoria.
Soprae do oceano tumido,
Soprae, ó ventos, derramae nos ares
Cinzas que a mão do algoz devia aos máres.
E vós, illusas victimas
Da tyrannia perfida,
Vinde, accolhei-vos, ao amparo amigo
Da bandeira leal:
Soldados, ja não ha mais inimigo;

Bradae :—" Real, Real !
Por Maria, bradae, de Portugal !

" Viva Maria e viva a liberdade !"
Com lagrymas responde e a brados clama
O soldado corrido e envergonhado.
Nas fileiras da antiga lealdade
A' voz se uniram do heroe que os chama,
E bemdizendo a mão que os ha salvado,
Lavar promettem a manchada fama
No sangue d'esse monstro de maldade
Que a patria c'o roubado sceptro opprime
E involuntarios os forçou ao crime.

XXII.

Vencidos, vencedores abraçados
Todos triümpham na ganhada glória ;
Da mesma causa todos são soldados,
E unidos cantam a commum victoria :
Os seculos por-vir lerão pasmados
Prodigio tal na lusitana historia ;
E o eccho dos máres que repette o canto
Nas vagas se ouve murmurar d'espanto.

XXIII.

Sonoros rufam tremulos tambores ;
Os bravos batalhões de Ourique entoam
Em côro marcial leaes clamores,
E as alternadas coplas, que resoam
Como em resposta, se unem aos clangores
Das trompas,—dos clarins que agudo soam ;
Brande-se a espada inda sangüenta e nua,
E a bandeira Real no ar fluctua.

CORO DOS SOLDADOS

Real ! Real ! Real !
Real por Maria de Portugal !

UMA VOZ

Repitta a Terceira as vozes de Ourique
Que ao throno elevaram o filho de Henrique
E a Filha de Pedro ao throno alçarão :

CÔRO

Maria protege a constituïção.

ALGUMAS VOZES

E viva Maria, viva a liberdade !
Miguel é tyranno
Feroz, deshumano,
Que reinar não hade.

CORO

Real ! Real ! Real !
Real por Maria de Portugal !

UMA VOZ

Victoria cantemos, victoria, victoria!
Maria triümpha:—seu nome é de glória;
Seu nome, que adora a lusa nação,

CÔRO

Defende, protege a constituïção.

ALGUMAS VOZES

E viva Maria, viva a liberdade!
Miguel é tyranno
Feroz, deshumano,
Que reinar não hade.

CÔRO

Real! Real! Real!
Real por Maria de Portugal!

UMA VOZ

Sua mão delicada bordou a bandeira
Que altiva tremola na heroica Terceira:
Cantemos, alcemos o invicto pendão:

CÔRO

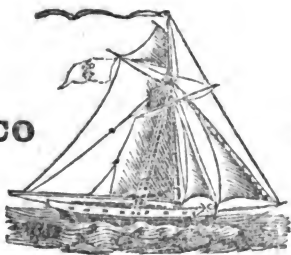
Maria protege a constituïção.

ALGUMAS VOZES

E viva Maria, viva a liberdade!
Miguel é tyranno
Feroz, deshumano,
Que reinar não hade.

CÔRO

Real! Real! Real!
Real por Maria de Portugal!

*Londres, Quarta-feira* 23 *de Septembro de* 1829.—Apenas nos sobra espaço para ajuntar duas linhas de P. S. a ésta folha. Segundo as notícias de hontem, os Russos tinham concluido um armisticio com o Sultão de Constantinopla, que bem como o derradeiro Constantino ve ja os limites do imperio nos ameaçados muros de sua capital.—Poucos extractos damos dos jornaes francezes, mas sobejos para se ajuizar do estado d'aquelle paiz e da impossibilidade de n'elle se estabelecer um ministerio *segundo o coração* do duque de Cadaval e de outros duques mais. Não faltará quem perca n'este jôgo de França, mas não hãode ser os povos de certo.—Temos folhas e cartas do Brasil: tudo permanecia tranquillo no Rio-de-Janeiro contra as esperanças, e apezar das manobras, dos agentes da oligarchia europea, d'essa alliança que até com os demagogos se liga quando lhe faz conta.—Accrescentâmos alguns pormenores interessantes da victoria da Terceira. Talvez a ésta hora os dispersados restos da expedição tenham tomado o unico partido que lhes resta, proclamando sua Legítima Soberana nas diversas ilhas em que os estacionaram, e unindo-se debaixo da obediencia do Conde de Villa-Flor capitão general d'aquella provincia. S. Magestade saberá premiar o serviço dos que a tempo o fizerem, e a D. Miguel não restarà senão appressar mais alguma coisa os preparativos, de que judiciosamente se occupa ha tanto, para uma retirada senão airosa ao menos lucrosa.—Em o número seguinte tractaremos este ponto com algum vagar.

---

Impresso por R. Greenlaw, 39, Chichester Place, Londres.

**O CHAVECO**  **LIBERAL.**

No 4 VOL. I.

O'er the glad waters of the dark blue sea,
Our thoughts as boundless, and our souls as free.—BYRON.

*Quarta feira* 30 *de Septembro*, 1829.

## CORRESPONDENCIA DO CHAVECO.

O capellão do chaveco apresentou para se transcrever no livro de bórdo a seguinte carta do seu amigo Palinuro.

*Senhor reverendo capellão*—Que me importa a mim, senhor padre, que Vm. barafuste com a última, que lhe arrumei pelas trincas da sua catholica pessoa? Cuida Vm. que com suas gaifonas, e esgares me faria arriar? Outro officio, meu padre: ainda eu agora começo; ainda nem sequer risquei o diario; deixe-me desassombrar d'um pequeno aguaceiro, que me ameaça quasi ponteiro, e Vm. verá pela esteira quanto boto—

Vm. espirrou como pevide de candeia quando lhe desemburilhei o pacote do desembargador João Antonio:—olhe ca, atravésse por um pouco, e ouça-me d'aqui do tombadilho: esse fardo ainda não é o peior de toda a *espicha*, que enfia a alçada do Porto: la tem o Doutor Constantino José Ferreira d'Almeida, um padre, e de Braga! reprovado no concurso da universidade como doutor canonista, mas approveitado como desembargador; quer dizer—como homem de letras não presta para nada, não vale uma ponta de mialhar, seja expulso da corporação litteraria, va porem ser desembargador, que para isso não se ha mister saber direito—É padre, va julgar crimes capitaes; va enforcar ferozmente, e para o fazer melhor dispa-se do caracter de mansidão que deve formar o coração desses, que se chamão por alcunha—*o espelho dos fieis, a sorte do Senhor, os saes do*

*mundo.* Este padre; almotacé perpétuo do açougue da universidade, de que se sustentou por muito tempo é aquelle mesmo receptador de furtos d'aquella matilha, que apanhou o celebre Almada corregedor do Porto: este padre, se Gall vivesse ou se Spurzheim o apalpasse achar-lhe-ião um orgão novo=forqueiro, forcal ou forcudo=porque â sua familia e feitos della e delle se deve ja facto de celebridade de se dar nome a uma rua da Cidade do Porto=*a rua do enforcado*=Foi a sua mana, que fazendo mal do seu corpo com um conego, de quem era barregan, para ajudar a manter o nosso doutor, foi ella, que cahio victima d'um gallego, que foi enforcado á porta da sua casa n'aquella rua, donde teve o nome que oje se vai lavando com o appellido=*formosa*, com que se crismou, e vai apagando o primeiro. —Eu bem vejo, que sendo Vm. padre la lhe dóe uma costella por elle: tenha paciencia; a verdade amarga como ao piloto a bocca quando o navio soçobrado adormece; é fazer das tripas coração, aguantar e cara alegre: quanto lhe digo deste doutor é de publicidade e verdade tal, que não temo ser desmentido. É um asneirão de tal lote, que em bocca e pontal não ha barco que possa iga-lo.

Parece sorte de todas as alçadas Portuguezas, que nenhuma se nomeia, a que não va atoado um padre: de maneira que vai tudo apercebido e bem fornecido; nomeia-se quem mande enforcar, e logo o mesmo mandador pode ajudar a bem morrer. Este escandalo so se acha no foro Portuguez: nem nos tribunaes de Roma os padres se misturão com os julgados crimes, salvo com a Inquisição, córte, de trevas, aonde a escuridão e o segredo cobre a enormidade do feito.

Um padre a julgar á morte por crimes politicos! E por crimes suppostos! Que respeito pode ter um *altar* assim ensanguentado? Com que mãos póde sacrificar um sacerdote assim poluto e empestado? Que veneração pode conciliar uma corporação instituida com um fim *meramente* espiritual, intromettendo-se nos mais importantes negocios do seculo? D'uma parte o padre Lagosta inflando as elasticas bochecas berra com temeroso zurro—*forcas e mais forcas*—: d'outro lado o padre Braga, arregaçando os habitos brada ás turbas com bofes de touro—*enforque-se tudo*—: álêm o frade carmelita do Porto, o vate dos *chamorros*, o digno cantor do D. Miguel grita em linhas desiguaes:—*tudo é malhado: morra tudo na forca*—por outra banda o tartufo Fr. José de Lima sobe ao pulpito, e cruzando as mãos sacrilegas uiva:—*Enganaram-te, e re-enganaram-te, ó desventurado Portugal,*—e para o desenganar aconselha com lagrimas de crocodilo o exterminio da virtude, a aniquilição da sociedade no cadinho da forca!—e para coroar a procissão o doutor Constantino cuberto de esturro fedorento, como padre so vota forcas:

n'uma palavra, desde a ponta do gurupés ao laïs de retranca, desde o tope do mastaréo ao gume da quilha esta nau *padres* não respira, não marca, não apparelha senão *forcas*. Olhe ca, que nos entendamos : não ha regra sem exceição : talvez Vm. seja bem bom homem, mas ha-de confessar para ali, em que lhe pêz, que tem collegas muito maus, fóra as ordens, como la dizem ; e pelo menos ha-de estar comigo que o que digo dos susodictos é a mesma verdade núa e crua, e tão lhana como mar-leite—

Ca eu, meu padre, entendo que um sacerdote, um ministro do Altissimo deve ser um exemplar de virtude, e mansidão ;—que em vez de atiçar as vinganças devia de trabalhar por calma-las,—que em logar de açular odios e partidos, devia de esmerar-se por afagar e conciliar as paixoens irritadas—que em vez de prégar *politicas* devia apostolar Evangelho :—que em logar em fim de persuadir a perfidia. a aleivosia, o perjurio, deviaõ chamar os povos á verdadeira moral, á conservação d'um juramento, á mantença fiel d'uma promessa que sellaram invocando o nome da Divinidade em testimunho. Este, senhor capellão, é o altar, que eu conheço, e não mancho : essoutro altar do senhor *seu* D. Miguel, do padre Macedo, do emminentissimo Cardeal, e de todos os *chamorros*, esse altar é uma impiedade, é uma profanação, é uma blasfemia e um sacrilegio. Digão esses vis *Chamorros* quando é, que o Governo da lei, quando é que os Constitucionaes se serviram do pulpito ou do confessionario para prégar a impiedade, e persuadir o crime ? Combine, combine qualquer Portuguez a sangue frio um e outro proceder ; compare o comportamento dos padres no tempo constitucional com o seu comportamento actual ; e veja em boa fé se não tira em conclusão, que o governo de Miguel é tão mal seguro, tão injusto, tão ruim, que carece d'empregar torpemente o cabrestante do sacerdocio para alar o aparelho da inïquidade, com que espezinha os desventurados Portuguezes. Até quando dormirão elles ?

Pobre Portugal, que está uma carta rôta : faz ágoa esvahido por todas as costuras, e em vez de calafeto, cada dia, cada quarto de vigia, e até cada hora se lhe fazem novos rombos !

Ora pois, meu bom capellão, não se enoje com os meus desabafos, nem me fique com cara de mocho, que não gósto delles nem pintados, desfranza o cenho, e venha comigo bordejar um pouco, que a viração é fresca, e o mar vanzeiro.

Oh ! la está na calheta da Senhora da Luz a Pangajôa *Correio do Porto :* coitada ! como está escalabrada ! Que é la esse envoltorio que tem no paneiro com o N°. 182 de 4 d'Agosto ? Oh ! que coscorrinho ! É um artigo—" Variedades : " A firmeza de caracter do Senhor D. Miguel I., Rei de Portugal para a estabelidade das Mo-

narquias devem tê-la em grande contemplação os Soberanos da Europa"—

Epigraphe: Justum et tenacem propositi virum,
Non civium ardor prava jubentium,
Mente quatit solida.
Si fractus *illibatur* orbis
Impavidum ferient ruinæ.

E que diz o tal papelucho? Diz, que o snr. D. Miguel não so é este *fuão* de quem fallou o Venusino, mas que é o *Moisés*, que com a sua milagrosa vara fez temer os Egipcios e Cananeos liberaes, que atèqui se alevantárão contra os *ungidos do Senhor*, e contra Deus mesmo:—que o snr. D. Miguel é o joven *David* que deita por terra o *Goliath* da anarquia:—que o snr. D. Miguel é um firme *rochedo* que resiste aos choques das ondas das revoluçoens—, e que assim o disse Lord Aberdeen no Parlamento—que o snr. D. Miguel é um *Hercules* para *massacrar* a hidra revolucionaria:—um *Sansão* para derribar o templo de *Dagão*:—que o snr. D. Miguel enfim ha-de fazer girar o mundo social, que anda fóra dos eixos, sobre estes dous polos—*premio e castigo—pão e páo*"—

E que tal? Vio Vm. nunca mais desentoado desencaixe de frioleiras do que este? E quer o Correio do Porto, que o seu conselho, a sua voz de chocalho embata no *helix e antihelix, tragus, antitragus, e lobula da pinna*, atravesse o *meato auditorio da concha ao tympano*, reflicta no *labyrintho*, e vá descançar no *vestibulo* dos Monarchas Europeos! Vio Vm. nunca mais rematado pateta?

D. Miguel é o inverso de quanto delle disse em elogio o Correio do Porto—D. Miguel não é *justum*; porque consistindo a justiça em dar a cadaum o seu, elle desde que manda nada mais tem feito do que roubar o alheio, insultar a virtude, e proteger o crime. D. Miguel não é—*tenacem propositi virum*,—salvo que é so tençoeiro na maldade: demais o que manda pela manhan não sustenta de tarde. No modo com que o autor das variedades escreveu a seguinte parte da epigrafe fallou o Venusino muita verdade applicavel: —está ella assim:

Non civium ardor prava jubentium,
Mente quatit solida.

O que soa em romance desta maneira:—se na canalha, (que são os *seus* cidadãos emmedalhados) se desenvolve a furia de mandar e praticar pravidades, elle não a rebate com animo solido.—bem ao contrário elle a incita, e recommenda que se não estorvem as alegrias *e desabafos do povo*.—Quanto ao—Si fractus *illibatur*, que o estupido autor das variedades ousou variar do verdadeiro texto, que

não entendeu:—pelo que respeita á sua impavidez, dir-lhe-hei, que anda sempre com duas pistolas carregadas no bolço, dentro mesmo do seu quarto—que no da Ajuda ordenou tivesse uma porta de ferro, que la tem—e que em Queluz fechou uma porta, que ia para o quarto a pedra e cal, e mais lhe tem sempre uma sentinella a guardar as têas d'aranha—Aqui tem Vm. o impavido ! ! !

Quanto a ser *Moises* por que tem vara, o Poeta tem rasão no *pampilho*, de que se abordoa—e bem assim em chamar-lhe *David* por que ninguem desqueixa burros mais limpamente, senão que o diga o padre Lagosta, que é um dos taes *ungidos*, não verdadeiros mas cebentos e gordurentos, como alimaria immunda, que é.—Sobre ser o snr. D. Miguel um *rochedo,—appoiado ;* elle o é, e tão tapado e massiço, que ainda lhe não póde entrar no toutiço a orthografia do seu proprio nome. *Hercules* é elle nas *prasmadas* façanhas, que tem atimado, e de *Sansão* tenha o fim. Quanto aos dous pòlos, em que tem de fazer girar o sarilho de seu governo—*premio e castigo--pão e páo*—é elle tão arteiro, que premeia tudo com effigies, castiga innocentes por que nem crianças poupa, que as não encarcere nas enxovias; leva a páo os seus proprios parentes e adherentes ; e a respeito de pão, aqui é que não sei que volta dar-lhe, porque em Portugal para marcar a epoca brilhante do melhor, do mais sabio, do mais paternal dos governos traz o *Correio do Porto* de 12 d'Agosto que sua Magestade (delle correio) em resolução de 3 de Julho conformando-se com a informação do director literario e da Illma. Junta inspectora da academia R. da marinha e commercio da cidade do Porto, houve por bem supprimir a cadeira d'agricultura !—E foi bem feito, e não podia deixar de ser, porque o director, que é um sabedor chapado assim o informou, e o mesmo pareceu á Illma. Junta—As rasoens são excellentes: não deve haver cadeira d'agricultura, por que nos aphorismos d'Hippocrates não se falla em tal: o director traduzio-os d'uma traducção ; e eis-ahi o *unico* parto scientifico deste sabedor palavroso ! E á Illma. Junta pareceu, que como ella forma a meza d'uma corporação, que tem por titulo—Companhia geral d'*agricultura, &c.*—repugna, que outrem se intrometta neste ramo. Finalmente Portugal não carece d'agricultura, nem o seu terreno é adaptado para isso : elle é todo *industria manufactora :* as suas fabricas, os seus teares, as suas maquinas,os seus engenhos, os seus novos inventos, deixão a perder de vista a França, os Estados Unidos, e a Inglaterra. Ah ! bom rabo de chicote em taes conselheiros e informadores. Contraste-se este com o governo do Egipto. Supprime-se uma cadeira d'agricultura e mandão-se apurar os compendios da universidade por theologos, e importão-se Jesuitas !

E que vem a ser essoutro papelucho que la está no fundo

do escaninho? É a mesma folha no. 190 do dia 13 d'Agosto, que traz um artigo em que ataca o consorcio do Senhor D. Pedro IV por se aliar com a familia de Napoleon. Respondão, senhores miguelistas, aonde está o acatamento devido ao Soberano, que succedeu ao senhor D. João VI? Aonde está a decencia, que o mesmo usurpador devia guardar para com o seu irmão, o seu rei, aquelle, que o mandou chamar para vir presidir a um reino, que lhe roubou á sua filha? Eis-aqui a moralidade dos satellites de D. Miguel:—eis-aqui a moralidade do seu governo; ataca-se a cunhada do proprio pseudo-Soberano, ataca-se uma Imperatriz, quer-se fazer odioso um Soberano, que o acaba de ser elle mesmo de Portugal, por uma ligação consorcial; e então com que proposição, com uma *mentira.* Isto, meu capellão, nem eu sequer tocaria, se não provasse á evidencia, que os primeiros inimigos da legitimidade, os mais abalizados desrespeitadores do altar, as peanhas as mais abjectas do throno são os *chamorros.* São elles mesmos, meu amigo, que lhe hão-de dar a terrivel cambalhota, que os espera.

Adeus, meu padre: por oje ferremos os joanetes, colhamos os apafaganóes, e toca a jantar, que a faina do dia é finda. Seu amigo PALINURO.

## EXTRACTO DOS JORNAES INGLEZES

*Roma' 6 de Setembro*—Alguns dias antes da elevação de Pio VIII ao Pontificado (pouco mais ou menos no mez de Fevereiro) appareceu aqui um cavalheiro Silva, como encarregado de negocios de D. Miguel—Parece que este diplomatico não perdeu o seu tempo; porém todos os enredos e protecções dos ministros estrangeiros, e todos os esforços do cardeal de Estado, e dos intolerantes não lhe trouxerão o bom resultado que elle esperava tirar da sua missão. Eis aqui as particularidades do negocio.—O cavalheiro Silva, munido de recommendações da Austria, foi introduzido a pedir ao Santo padre que reconhecesse canonicamente Dom Miguel como legitimo Soberano de Portugal. O Cardeal Albani favoreceu quanto pôde esta proposta, e fallou a Pio VIII, que repulsou as diligencias do seu Secretario d'Estado, notando-lhe que era obrigado, segundo o concilio de Trento, a consultar previamente a *Santa Camara.* Porém consentiu na nomeação de oito cardeaes, e oito membros da *consulta* para examinarem a legitimidade das rasões que se davão, para obter do Santo Padre o proposto reconhecimento—Tiverão 15 sessoens secretas sobre este objecto; porem a final os cardeaes, e os membros da *consulta* decidiram unanimemente que Pio VIII. não podia acceder ás rogativas de Dom Miguel. Assim os fanaticos de Portugal, e todos os seus satellites receberam uma repulsa que não esperavam. O Cavalheiro Silva sahio hontem de Roma para Lisboa:

é natural que á sua chegada não fiquem muito contentes Dom Miguel e os seus frades.—*(Morning Advertiser)*

Transcrevêmos do *Times* o artigo sôbre que se fórma o ponto principal da accusação do duque de Wellington contra o *Morning Journal*, e é o seguinte: "Deixaremos ésta importante questão á séria consideração do leitor. Mas póde dar-se, e certamente a hypothese não é de applicação visionaria, quando o desolvimento das honras Reaes recahissem no herdeiro presumptivo da coroa e pozesse nas mãos do primeiro ministro de tal Soberano todo o podêr e patronato da prerogativa Real. Se tal ministro fosse um homem de bem não haveria perigo de abuso de podêr, de medidas arbitrarias nem de que o podêr aggraciador se tornasse o monopolio de uma familia. Mas se accontecesse, como póde accontecer, que o ministro de tal Soberano seja um soldado ambicioso, um homem de grande riqueza pertencente a uma grande familia, suberbo, altivo, venal, deshonesto, sem character, tendo o exército á sua disposição, a marinha debaixo de seu jugo, e a doação de todos os empregos e sinecuras; o que não faria tal personagem para derribar o throno, e anniquilar as leis e as liberdades de Inglaterra!"

É mui curioso ser este o papel que o Visconde de Asseca paga para defender a causa do usurpador de Portugal!

Parece incrivel a mentirosa negativa de factos conhecidos a que o espirito de partido leva alguns de nossos contemporaneos. O *Morning Journal* de hoje, á vista do despacho official do General Diebitsch datado do Eski-Sarai em Adrianopoli, ainda questiona com pertinacia ou, para melhor dizer, contradiz a tomada d'aquella cidade. Seguindo o mesmo espirito, ainda depois do silencio official que lhe impoz o *Courier*, torna a affirmar a missão de Lord Strangford para Lisboa, e a preparação de uma expedição Ingleza para ir reduzir a Terceira ao jugo do despota. Póde o *Morning Journal* esperar que depois d'estes ensaios alguem o accredite? Sería mais prudente e de melhor tacto que elle escondesse com mais cautela as suas feias propensões. *(Star de* 11 *de Septembro.)*

As ultimas notícias do Rio-de-Janeiro, vindas pelo melhor canal, devem inspirar grandes esperanças aos Portuguezes leaes, por que se dá uma notavel mudança no gabinete de Dom Pedro a respeito dos negocios de Portugal. O partido, que nas camaras appareceu tam hostil ao Imperador vai perdendo a sua influencia de dia para dia. Os Portuguezes refugiados, que no Rio-de-Janeiro eram sustentados pelo producto de subscripções particulares, recebem agora do Imperador um subsidio regular para sua manutenção. A fazenda publica do Brasil vai ganhando progressiva consolidação. A chegada da Imperatriz, e a presença da joven Rainha, com as agradaveis notícias

da importante victoria alcançada pelo Conde de Villa-Flor, deverão induzir Dom Pedro a tomar medidas decisivas a favor de sua filha. As pessoas mais intendidas no negócio, dizem que so se depende de alguma fôrça naval para restituir o throno á Legítima Soberana.

*(Englishman de 27 de Septembro.)*

O Paquete *Sandwich*, que chegou a Falmouth, de Lisboa, traz notícias até 13 do corrente: recebêmos do nosso correspondente muita informação, de que daremos copiosos extractos nos numeros seguintes: entre elles ha um documento que é uma curiosidade politica, ainda mais pelo que pantenteia do que pelo que encobre: referimonos á notícia official da victoria da Terceira publicada na Gazeta de Lisboa de 12 do corrente: é mais uma próva do amor de veracidade e candura que caracteriza a facção dominante em Lisboa. O ter-se fallado d'aquelle negócio na Gazeta de Lisboa ainda nos parece mais extraordinario do que o modo porque elles o contam; mas julgando que o não podiam encobrir,desfiguraram-no o mais que poderam para acalmar a anciedade popular. Diz-se que a Rainha velha exhala gritos de vingança contra Prego e Rosa, a quem chama traidores, e vota á forca, ao mesmo tempo que o povo exulta com a victoria de Villa-Flor, dizendo que um ponto de apoio ganho por ésta victoria para os adherentes da Rainha D. Maria, um *fulcro* para os constitucionaes era o que se necessitava para em breve derribar o tyranno. Não ha dúvida que D. Pedro, assim que ouvir os successos e souber o verdadeiro estado das coizas em Portugal, virá ao auxílio de sua filha; para o quê se não necessita senão de uma fôrça maritima ainda menos consideravel do que a que D. Miguel mandou contra a Terceira; para que ésta fôrça maritima venha do Brasil, podêmos annunciar que as difficuldades puramente Brasileiras que existiam, ja estão desvanecidas. Entre tanto, os Portuguezes riccos em Londres ja fizeram donativos consideraveis para a defeza da Terceira, e diz-se que os fidalgos Inglezes mais distinctos teem feito offerecimentos com a sua characteristica munificencia. As sympathias dos amantes da liberdade constitucional nunca estiveram empenhadas em causa mais interessante. *(Star 26 de Septembro.)*

*Ponte-Delgada, Ilha de S. Miguel, Quinta-feira* 20 *d'Agosto.*— Foi o Todo-Poderoso servido abençoar as armas dos patriotas da Terceira: e abençoou-as do modo mais singular e satisfatorio para os amigos da liberdade e humanidade no mundo inteiro. O que chóro so é não ter podido estar presente a este recontro, que, curto como foi, deverá livrar Portugal das garras d'um desposta desprezivel, e d'uma facção inexoravel como nunca se viu em nação alguma da Europa.

A notícia de tam glorioso successo chegou aqui ha dois dias. Na segunda-feira descubrimos que alguns navios se aproximavam a ésta

Ilha, vindo com direcção da Terceira: e ao romper do dia seguinte chegou o resto da expedição, que consistia n'uma nau, uma fragata, quatro mais pequenos navios de guerra, e alguns transportes. Pelo primeiro bote que veio a terra, ouvimos que se tinha dirigido um ataque ao porto da Praya no dia 11 do corrente. Eis aqui as mais exactas particularidades que pude colligir: e o povo inglez, comparando o proceder dos Miguelistas com o do brioso Conde de Villa Flor, poderá uma vez julgar da importancia d'este grande triumpho, e do valor verdadeiramente exemplar d'esses homens, que parecem chamados a decidir os futuros destinos da sua patria.

A minha carta de 11, escripta no mesmo dia do ataque, vos informou da sahida da esquadra Miguelista, e da confiança que todos punham no resultado da tentativa. Esperaram com tudo fóra da Terceira por alguns botes, que se tinham arranjado no Fayal e Pico, e que deviam servir para desembarque das tropas: de maneira que esses arranjos so poderam completar-se no mencionado dia 11. Alguns dos navios de guerra anchoraram debaixo das baterias da Praya pela volta das 10 da manhan, e começaram a fazer fogo, que foi respondido de terra. Não eram ainda 4 horas da tarde quando as tropas desembarcaram. As duas primeiras divisões poderam fazê-lo á vontade, porque os soldados fieis lh'o não impediram; mas assim que os Miguelistas se estavam formando, e dispondo para a batalha, cahiram sôbre elles alguns patriotas, que se tinham escondido atraz das baterias e das peças de campanha, e dirigiram o ataque de tal modo que, no curto espaço de meia hora, o rebelde, que não teve a presença d'espirito necessaria para largar as armas e pedir perdão, cahiu irremissivelmente morto.—Diz-se que a carnagem foi horrivel.—As medidas de defeza, tomadas pelo Conde, foram-no tanto a tempo e tam bem, que as fôrças invasoras mal empregaram um tiro, perecendo quasi todas sem poderem fazer resistencia alguma.

Em quanto o sangue se derramava por este modo, continuava o fogo das baterias contra os navios, que se salvaram por meio do córte dos cabos, e d'uma retirada precipitadissima. Alguma ideia se póde fazer da violencia do fogo, quando se souber que a nau recebeu 28 tiros no costado, sette dos quaes penetraram por baixo do lume da agua. A fragata Diana ainda soffreu mais, por que recebeu trinta e oito canhonhadas.—Este navio foi obrigado a procurar a anchoragem mais proxima—que era a do Fayal—por que ficou, depois do ataque, no estado mais deploravel que póde conceber-se. O número dos mortos e feridos n'estes dois navios é estimado em mais de 200 homens. A perda em terra é calculada de differentes modos. Segundo a opinião de algumas testemunhas de vista, mais de ametade das pessoas embarcadas—tres mil—foram mortas, ou apprisionadas

pelas fôrças da Rainha. Mas de tudo o que tenho ouvido posso concluir que o número dos mortos excede a mil.

Parece que o ponto escolhido para o desembarque foi principalmente defendido pelos exilados estudantes de Coimbra, e por uma parte do Batalhão Sagrado. Ha muito tempo que os partidistas da facção de Lisboa andam malignamente espalhando que os habitantes da Terceira são oppostos aos Constitucionaes. Mas tam longe está isto de ser verdade, que muitas pessoas empregadas no desembarque das tropas me asseguram que viram paisanos, e mesmo algumas mulheres activamente empenhadas contra a fôrça Miguelista. Quasi todos os botes do Fayal e Pico, com a sua guarnição, composta de indefesos pescadores,que tratavam por todos os meios de subtrahir-se a este deshonrosso serviço, ficaram destruidos.

Eu podia dizer que quando se viu a recepção experimentada pelos dois primeiros batalhões, o restante das tropas recusou desembarcar. Na verdade, todos forão com a maior repugnancia; e mesmo antes da expedição saïr daqui, se disse confidencialmente que um dos regimentos estava determinado, em caso de ser obrigado a desembarcar, a render-se aos patriotas.

Fugindo da scena da sua humiliação e desgraça, Prego, general Miguelista, que mostrou coragem digna de melhor causa, mandou um navio a Lisboa, e—entre outras reflexões—disse que a sua opinião era que, no caso de segunda tentativa, ainda 20:000 homens serião poucos para vencer a Ilha. Alguns dos navios menos arruinados da esquadra ficárão cruzando fóra da Terceira; os outros, juntos com os transportes, devem ir quanto antes para o Tejo. Alem dos feridos, que estão abordo dos navios, desembarcaram muitos aqui. É digno de notar-se que tanto os dois Almirantes Miguelistas, como os seus officiaes, não cessão de louvar altamente a bravura e nunca vista intrepidez dos patriotas. A firmeza e violencia do fogo das baterias não podia ser excedida pelos melhores artilheiros da Europa, e parece que algumas bombas forão felismente usadas no progresso do dia: um dos primeiros tiros matou e feriu nove homens a bordo da nau. A perda de vidas a bordo da Diana póde medir-se facilmente pelo numero de canonhadas que ella recebeu. É na verdade um milagre a salvação destes navios. Entre os preparos de defeza em terra, conseguio o Conde organisar um pequeno corpo de cavallaria, que estava no campo, e prompto para logo logo acudir a qualquer ponto que podesse ser atacado.

Tendo assim dado um ligeiro esboço deste successo, tam importante em todos os pontos de vista, cumpre me esperar que o mundo seja mais justo confessando que a nação portugueza não é indigna da liberdade, que acaba de defender tam nobremente. De todas as calumnias, que lhe assacão os partidistas da tyrannia,esta é a mais falsa

e menos generosa. Veremos tambem se os nossos ministros continuão a sanccionar o bloqueio, e a perseverar na neutralidade, que identifica Inglaterra com a facção de Portugal, em quanto os homens de juiso e de reflexão não podem deixar de attribuir á sua errada politica a horrivel effusão de sangue que tem tido logar na Terceira.

Eu já disse que os habitantes destas Ilhas são inquestionavelmente addidos á Carta de D. PEDRO, e que se elles se não teem abertamente declarado por D. MARIA é por que a isso se oppoem as insidiosas medidas adoptadas pelos Ministros d'Inglaterra. Ainda há outros motivos resultantes da sua posição indefeza. Conhecendo, como conhecem, o perigo de se exporem á furia da facção de Lisboa, elles esperão cautelosamente a occasião mais propicia. Eu acredito que não está longe o momento em que os Açorianos hão-de dar mais uma prova da sua adherencia á liberdade constitucional. Seja o que fôr, o certo é que a alegria, expressada por todas as classes á chegada das novas da Terceira, foi indizivel, e continúa sem alteração para menos. Espero que em breve se ouça ahi mais alguma cousa a este respeito. Ajuntarei somente, que em S. Miguel nunca se poderia tolerar um governo como o que se pertende estabelecer em Lisboa.

P. S. — A minha alegria pelo recente triumpho é tal, e os meus sentimentos estão tam inteiramente absorvidos nas provaveis consequencias desse triumpho, que não posso agora contar-vos as injurias feitas ao commercio Inglez nestas aguas, e os insultos que diariamente, estão sofrendo os subditos Britannicos.—Apresentar-vos-hei com tudo a exposição de taes factos, que não pódem deixar de excitar a vergonha e a indignação de todo o homem, que atégora se presava de ser Inglez.

Antes de se decidir o ataque, diz-se que o Prego, chefe dos Miguelistas, fizera grandes esforços para induzir o Conde a trahir a sua causa, e a entregar a Ilha. A tudo isso respondeu o Chefe Patriota apontando para as suas baterias, e mostrando aos emissarios, que lhe erão mandados, a loucura de sacrificar as vidas dos soldados em tam desgraçada empreza.—Não há porém duvida de que se a demanda se decidisse pelos rebeldes, a maior parte dos patriotas serião mortos cruelmente.—Não póde descrever-se a vingança que respiravão alguns Miguelistas antes de deixarem estas prayas. Elles contavão com a victoria ganha, e promettião de dar conta em breve de todos os patriotas; mas (coitados!) a sua temeridade, os seus vãos ameaços receberam a devida recompensa.

(*Star* 19 *de Septembro.*)

O Marquez de Palmella teve uma conferencia com Lord Aberdeen. (*Court Circular no Times de* 28 *de Septembro*)—(Diz-se que a

leitura d'ésta circumstância causou ao Visconde d'Asseca o que os medicos inglezes chamam *paixão iliaca* ou *miserere-mei*, de que não melhorará tam cedo pela *diathesis* em que o tinha posto a pilula da Terceira !)

### EXTRACTOS DOS JORNAES FRANCEZES E ALEMÃES.

O conselho de ministros está dividido ; falla-se na sahida d'alguns membros do Gabinete. M. de la Bourdonnaye é insociavel, e não póde intender-se com os collegas que elle proprio escolheu.

*(Constitucionnel de* 13 *de Septembro.)*

Um correio de Vienna, chegado a Francfort em 9 de Septembro, annunciou que o general Diebitsch tinha levado a sua vanguarda a seis leguas de Constantinopla. O Reis-effendi foi mandado ao encontro para lhe pedir um armisticio. O general Russo recusou acceder a este peditorio, declarando que trataria d'isso em Constantinopla. P. S. O Jornal ministerial da tarde annuncia que o *Observador Austriaco*, chegado por via particular, contêm com effeito ésta nova. Que lutto para os nossos ministros austro-bretõens !

*(Constitucionnel de* 14 *de Septembro.)*

*Fronteiras da Polonia.*—O govêrno tem ajustado com varios contratadores grandes depositos de viveres para os armazens de Lubben e outros logares nas provincias do Sudoeste do Reino de Polonia. Diz-se que as licenças de costume no exército polaco não se concederão este anno, mas que pelo contrário elle vai ser prehenchido com novas recrutas. Na Podolia e Volhynia dizem os viajantes que os caminhos estão cubertos de tropas russas que vão para Bessarrabia tomar o logar d'aquellas que se tem mandado passar o Pruth e o Danubio.

*(Gazeta de Francfort* 4 *de Septembro.)*

### MALLA DE FLANDERS.

*Berlin,* 10 *de Septembro.* Depois da notícia da tomáda de Adrianopoli recebémos relações mais circumstanciadas d'aquelle importante successo. Um officio do Conde Diebitsch datado do Eschi-Serai em Adrianopoli a 21 de Agosto dá as notícias da entrada victoriosa das tropas Russas ás nove horas da manhan no dia antecedente. A guarnição de Adrianopoli forte de dez mil homens de tropas regulares largou as armas á chegada dos Russos, não obstante terem todos os caminhos abertos para se retirarem ; e entregaram aos vencedores 54 peças de artilheria, 20 bandeiras, o seu trem de campo, armas e munições, tendo os soldados pedido licença para voltarem para suas casas cuidar das lavoiras. Toda a povoação, tanto a Christan como Mahometana veio ao encontro do exército com a maior confidencia.

Tivemos noticias da Madeira até 3 do corrente; sabía-se alli a *desgraça* da Terceira; mas ésta nova não produziu muito effeito. Houve signaes de descontentamento a bórdo d'um corveta portugueza, que estava ancorada na bahia; mas o pagamento d'um mez de soldo atrazado socegou os amotinadores.—*(Quotidienne de* 20 *de Septembro.)*

D. Miguel presenteou com uma excellente caso de campo o seu barbeiro, Visconde de Queluz. O Duque de Cadaval e o Ministro da Justiça, que teem alguma confiança com o usurpador, declararam-lhe que toda a côrte estava escandalisada de ver prostituir as honras, a grandeza do reino, e os bens do Estado em beneficio d'um homem, que não tinha direito para tanto.—*Constitucionnel de* 20 *de Septembro.*

A *Quotidienne*, que chora todas as vezes que os Jornaes constitucionaes fallam nas prisões feitas pelos esbirros de D. Miguel, e qualifica de mentiras essas noticias, disse-nos hontem que a commissão, creada em Lisboa para tomar conhecimento dos crimes polititicos, posera em liberdade 860 individuos! !! Mas a Quotidienne callou os nomes dos infelices a quem a mesma commissão mandou para as gallés perpetuamente, ou por certo número de annos. Convidamo-la a ler a gazeta de Lisboa de 3 do corrente, onde verá os nomes de muitos desgraçados, entre elles acham se alguns Ecclesiasticos.—(*Constitucionel de* 21 *de Setembro.)*

Asseguram-nos outra vez que o usurpador do throno de sua sobrinha chamára a si tudo o que deixou a Princeza do Brazil, e que se appropriára os legados feitos por ella a favor de D. Pedro e de sua augusta Filha. Como é possivel acreditar que a vontade dos mortos seja sagrada para um homem, que não somente desconhece a vontade dos vivos, mas julgou zombar da propria Divindade por meio d'um perjurio!—(*Mensageiro das Camaras de* 31 *de Septembro.)*

Acabam de publicar-se na capital da Inglaterra dois folhetos, cujos titulos são: o *Chaveco* e o *Paquete de Portugal.* O estylo destes periodicos, tam baixo como ridiculo, bastaria para dar a conhecer os seus authores, se elles não fossem já tam conhecidos. Um dos numeros do Paquete abunda em injurias grosseiras ao ministerio francez. Os autores não se contentam de excitar Portugal á revolta; desejam que a revolução rebente tambem em França. É assim que estes miseraveis agradecem a dispendiosa hospitalidade que o Rei Christianissimo concede a seus compatriotas refugiados. Eis aqui o reconhecimento do liberalismo!—*Quotidiènne de* 20 *de Septembro.*

## NOTICIAS DE PORTUGAL.

*Lisboa* 12 *de Septembro de* 1829.—Recebemos gazetas e cartas de Lisboa até ésta data. Quizeramos publicar toda a nossa correspondencia; porem falta-nos logar para isso, e por tanto daremos o mais interessante de ambas as coisas.

Tinham chegado a Lisboa 14 das embarcações mandadas contra a Terceira. A victoria dos nossos contou-se com maior exactidão do que racionavelmente era de esperar, porque se estimou a perda dos miguelistas em 1000 a 1200 homens; porêm a *mecha* veio logo com um sermão de lagrymas (que abaixo copiamos) para ver se reanimava o partido da—Real Empigem.—Não valeram comtudo éstas colhéres de geléa porque os soldados fallaram a verdade, e disseram em alto e bom som que *so voltariam á Terceira, se os levassem amarrados*—É digno de notar-se um facto referido em algumas das nossas cartas.—— No dia 6 (domingo) foi vista de Belem e das praias visinhas a fragata *Amazona.* Correu immediatamente um sem número de *canalhocratas* a saber as noticias da Terceira. "Aonde estão os presos (perguntavam elles) venha esse Conde de Villa-Flor; aqui lhe havemos de cortar as orelhas. Esperaram, tornaram a esperar, e como nada podessem saber, recolheram-se a seus cazebres, espalhando com tudo que a Terceira tinha cahido, e que ahi vinha a fragata atulhada com presos, e com os *carneiros que o Correiro do Porto apanhára a pastar la em certa praia.* Fosse como fosse, o certo é que a notícia chegou ao theatro da rua dos Condes. Os realistas da—Empigem—estavam como uns *cachos*, e não houve meio de conter-lhes o enthusiasmo.—"Venha hymno, venha hymno:" gritaram todos; e o hymno veio; o *Bayardo* fez *quadras analogas;* os çurrados hystriões estenderam os gorgomilos, e depois d'uma vozeria terrivel, acabou a bacchanal, dando-se todos o parabem da quéda da Terceira!!! No dia seguinte rectificou-se o engano, e os homens appareceram de orelha cahida; mas fazendo sempre diligencia para encubrir o seu descontentamento. Convocou-se conselho d'Estado e resolveu-se *una voce* que na primavera proxima se daria cabo dos malhados da Ilha; mas houve quem acrescentasse que, para desvanecer a má impressão da victoria alcançada pelos *rebeldes*, sería bom armar alguma pantomima a respeito do reconhecimento do *senhor dom miguel.* Ésta indicação foi approvada com os *loud cheers*, que são de presumir; e o certo é que sahiram logo vozes de que o tio do Mançanares reconhecia o sobrinho do Tejo! Com as embarcações idas da Terceira, entraram dois navios inglezes e um americano, presas feitas pela esquadra miguelista! De seis mechas, que temos á vista, so podêmos copiar o artigo relativo ao *revez* da Terceira.—O mais é uma epidemia de—Reaes *Em-*

*pingens,*—e tres dissertações muito interessantes, uma a respeito da baba dos caracoes, outra a respeito das pevides das maçans, e a terceira sôbre o modo de curar as molestias dos bichos da seda. A litteratura portugueza vai cada vez a melhor. No decurso da semana sahiram á luz—a Novena do Archanjo San'-Miguel—um número da Besta-esfolada—e dois folhetos, a tres vintens cada um, escriptos pelo masmarro Boaventura.—Diz-se que está na imprensa uma obra com este titulo—*Direitos do senhor dom miguel primeiro á Coroa do Brasil*: por Francisco Rodrigues Isaac, Juiz de Fora de Palmella, *Cavalheiro do habito da Real Effigie.*—Esta obra é digna do bestunto de seu author, que ja por muitas vezes tem estado doido; mas parece que á conta do—pamphlet—obteve dois predicamentos, e obterá a palma da glória por que d'estes é o reino onde o governa o senhor *dom miguel e o seu barbeiro.*

*Lisboa* 11 *de Septembro.*—Esperando obter exactas informações sôbre o revez que experimentou a expedição enviada á Ilha Terceira, nos temos abstido de fazer qualquer publicação a este respeito: agora porêm que bem instruidos podêmos referir o caso, sem receio de faltar á verdade, o passâmos a fazer. Sendo designado o dia 11 do mez proximo passado para se effectuar o desembarque na villa da Praya, a esquadra buscou aquelle porto, e rompendo o fogo da artilheria dos fortes pelas 11 horas da manhan, foi correspondido pelo das embarcações de guerra, que durou com grande actividade, conseguindo por fim fazer callar os fortes e baterias pelas 4 horas da tarde, ficando somente uma, que com grandes intervallos fazia alguns tiros. Então parte da tropa passou para os barcos, e tentou o desembarque, que, protegido pela escuna *Triumpho da Inveja,* e tres barcos artilhados, apenas saltou em terra a primeira porção de tropa a l'este do forte do *Espirito Santo,* soffreu um vivissimo fogo dos entrincheiramentos, e eminencia proxima ao ditto forte, que a fez retirar, não permittindo o local que fizesse um ataque em fôrça. A perda da nossa parte é de 473 homens entre mortos, feridos e extraviados, sendo este o maior número. Lamentâmos a falta de 26 officiaes de merecimento e valor. Não podêmos calcular a perda dos rebeldes, que com tudo não deve ser pequena pelo bem dirigido fogo que lhe fez a esquadra, dando mais de 4000 tiros. As embarcações sofreram algum estrago, principalmente a nau e a fragata *Diana,* mas de facil reparo. Pareceu conveniente (que modestia!) não tentar por então um novo desembarque, para que, reforçada a esquadra, fosse depois infallivel a destruição dos rebeldes n'aquelle ponto (é bom ir-lhes ja rezando pela alma!) e deixando bem guarnecidas as demais ilhas dos Açores, e perfeitamente bloqueada a *Terceira,* se recolheu a este porto de *Lisboa* o resto da Expedição. Tal é a franca e verdadeira (pois não, essa é boa!) exposição d'este

desagradavel acontecimento, mas que so merece uma justa indignação dos verdadeiros *Portuguezes*, e o desejo de vingar a offensa feita aos seus honrados compatriotas. *(Gazeta de Lisboa de* 12 *de Septembro.)*

*Lisboa* 12 *de Septembro*—Amigo do C—— Depois da minha última, entraram n'este porto 14 navios da expedição, todos em estado tal, que pareciam baixeis turcos depois da derrota de Navarino. Tripulação, soldados, officiaes e argonautas davam a perros as ameixas de Angra, e a uma voz diziam, que nunca tinham comido fructa mais indigesta. As fragatas Diana e Amazona véem em misero estado, e seu reparo custará grossas sommas. O denonado Lemos, que poucas semanas antes tinha aberto de meio a meio todos os da Terceira no café do Nicola, ensaiando-se nos aboborados pães-de-lo, tem ordem preparada para se recolher a sua casa debaicho de prisão para responder a conselho de guerra. Diz-se que o *Rebôlo* Prego terá igual sorte, logo que chegue com a sua derrotada nau, e é provavel incorra no desagrado Miguelino. A cáfila ministerial jura pelas de S. Ignacio que os *Terceiros* todos hão-de pagá-la, mais duro do que a protuberancia do mano Santarem, e fallam em um armamento que hade fazer tremer o ceo e a terra. Este porêm terá sua demora, porque falta aquillo com que se compram os melões, e a estação chuvosa impede sahidas por causa dos atoleiros. É um riso ouvir os poucos soldados que vieram n'estes navios. Dão ao Démo o melhor dos Migueis, e dizem que má morte o mate por tal empreza, á qual, por lhe cheirar a chamusco, não quiz ir, como outróra foi á de Villa Franca onde sabía que não havia outro fogo mais que o da lauta cozinha do capitão mor.—A entrada d'estes 14 navios obrigou a pardissima gazeta, que como sabe nunca foi novelleira, a romper o silencio, e em um apontoado diz, que tem a lamentar a perda de 473 homens e meio, que la ficaram, a maior parte *extraviados*. A meu ver, foram as más companhias *Terceiras* que botaram a perder estes bons moços. Tambem a tia velha lamenta os *extravios* de 26 officiaes, que eram todos umas joias, e pelas prendas pareciam do ceo. Veja que desgraça, amigo, escaparem em pequenos ás bexigas e ao sarampo, para irem dar a ossada na terra, onde todos queriam o *paternal governo* dos chicorias! Grande desventura foi esta! A razão porque a tia velha fallou na derrota foi para diminuir entre a canalha a impressão que tal notícia fez. Todos se admiram que similhante artigo apparecesse, e cadaum multiplicando-o pelo numero seis, acha a verdade da perda soffrida, que foi golpe mestre.—Em quanto os *Migueis* estão cabisbaichos, exultam os subditos fieis da Senhora D. Maria, que encaram tam importante acontecimento, como o preludio de outros de maior interêsse, que hão-de salvar este malfadado reino—Saberá, porque

interessa se saiba, que n'este paquete *Sandwich* parte S. Ex. *Ammeixeira*, com nova carregação de ameixas, peras secas, ginjas passadas, e alguma casquinha da ilha, da última remessa do *phoca marino* Roza Coelho. Por ésta vez diz-se, que o presente vai destinado para certa alta personagem, que em outros tempos deu mostras de gostar d'ésta marmelada, quando na portaria de namoradoras freiras, se lhe offerecia *gratis pró deo*, o lavado copo d'agua, que pelo commum agradecia, pela mesma maneira, que agradeceu ao exército Portuguez os viçosos louros que lhe ornaram a frente. Cuidado, meu amigo, com as taes ameixas, que póde dar-se vão parar aos *grocers de Piccadilly*, e produzam algumas dôres de collica, molestia aziaga em terra bretoa. *On dit*, que o grande Magriço fazedor de pasteis epistolares, o Lavradio Antonio, não foi recebido em Roma, como embaixador do seu rei. Accrescentam que S. Santidade, dissera, que não podia canonicamente admittir o representante de quem tinha violado o sagrado de um juramento prestado espontaneamente, manchando as mãos em tanto sangue innocente. O Magriço ficou corrido, e protestou refutar a doutrina na segunda pastelada que sollettrar nos braços de S. Francisco, onde depois do Acursio, foi elle o segundo astro radiante; aconselhando ja para Lisboa uma deputação extraordinaria, presidida pelo preconisado bispo de Lamego, o grande Fr. José de Lima do Porto, cuja sabença hade levar a convicção ao fundo d'alma do successor de S. Pedro. Dizia-se que o padre *Lagosta* era o secretario nomeado para a deputação, mas consta agora que elle dera escusa, em consequencia da desagravel notícia, que bebeu em fonte limpa, de terem as vindimas sido mingoadas no meio dia da Italia. Sabe-se que o Francisco bispo de Vizeu não gostára tam pouco da graça, e censurára o proceder de Sua Santidade, dizendo colerico, em um momento de *de parfait abandon*, o que Byron disse de certo importuno:

> Why sleeps he not when others are at rest?
> Porque não vai tambem o padre santo
> Dormir c'os outros para o mesmo canto?

Ah pobre Portugal, que por pequeno fazem de ti gato çapato! Quando tu déste couto aos perseguidos Inglezes que foram fieis ao seu rei, contra o protector Cromwell, bem differente obraste, e a tal ponto levaste o direito da hospitalidade que por esse motivo o Protector te declarou a guerra. Mas, *altri tempi, altri cure!* bom tempo era aquelle em que,

> Un chat étoit un chat, et Rollet un fripon!

Deichemos porêm tristezas que não pagam dívidas, e continuemos com a fazenda da terra, que é obra de desengano. A augustissima mãe do dignissimo filho não queria acreditar a nova fatal da catas-

trophe da Terceira, até que no Tejo abicam os desmantelados baixeis. Cheia então de Agripino furor manda chamar o verdugo mor *Leite*, que *azêdo* ha dias pela certeza do infortunio, trattava somente da sua Catherina, e de tomar alguns estimulantes para aguçar o usado palladar. A palacio chega o fartura Barros, e inclinando o resto do dobrado corpo, lambe de rôjo as régias plantas. A augustissima então exclama—"Que traição é ésta maroto? Que é isto da Terceira?"---"Pura verdade, minha senhora" (responde o fartura:) "La se foram o melhor de quatro milhões de cruzados em despeza malograda, e duas mil cabeças de escravos, que melhor fôra haver vendido na America por boas patacas!—Retira-te (redargue a augustissima) determino, mando, ordeno, quero, é minha vontade, motu proprio, e desejo soberano, que Prego e Rosa, ambos cortiços, ambos traidores, sejam enforcados mal dê fundo a nau. Vai-te." Disse; e o fartura, levantando então o usado corpo, parte a intimar ao verdugo subalterno Mattos a atroz sentença. Mattos repugna, não na essencia da couza, mas quer processo para salvar apparencias, e algumas reflexões produz a pró da sua opinião. Entre ellas faz, pêzo a seguinte no ânimo sanguinario do fartura." De que serve Exmo. tanta pressa? (Diz o Mattos qual estatua do commendador no convidado de Pedra) Não será melhor nomear Belfort, Cazal-Ribeiro, João Antonio, Victorino Cerveira, e dar a presidencia d'ésta commissão a Antonio Gomes Ribeiro, que experimenta o aparo da penna escrevendo *morra?* Sou de opinião que assim se obre com preferencia, e o resultado é certo, bastando, como próva, lembrar a V. Ex.. que ainda ha pouco enforcámos nós o rebelde Coronel Perestrêllo, sem sabermos quem elle era, e so por se chamar Velez Barreiros, que era nome que estava no meu livro negro."—A tam poderosos argumentos pareceu ceder o fartura carrasco mor, e apertando a fria mão do commendador, lhe disse:——"Pois bem, seja assim; enforquem-se os homens trez dias depois da sua chegada, para obedecer-mos ás ordens da nossa Soberana: e na seguinte semana o Veiga que lhes arranje o processo a fim de se publicar, não esquecendo dizer que os dois reos tramaram uma conspiração com os pedreiros da ilha contra o nosso rei." Ao dizer isto, abriu o tigre a desdentada boca, e com amarello sorrizo no labio inferior sahiu da espelunca da iniquidade, para ir meditar novos assassinos.—Em quanto o fartura Leite parte para a Penha de França, a ver a sua Catherina, manda Mattos chamar a caterva dos Migueis agarradores, e dá ordem que prendam tudo e todos os que por pensamentos, palavras e obras estiverem alegres com a notícia da Terceira. Veiga, por outra parte, põe em movimento o bando dos espiões, o formigueiro dos do *grito;* (canalha assalaridada para dar vivas ao rei Miguel onde quer que elle va) chama a *Voluntaria Realeza*, e os anima mostrando-lhes os escalavrados restos da Terceira, qual Anto-

nio mostrando aos Romanos o ensanguentado manto de Cesar; pede-lhes que lavem em máres de sangue a crua affronta. Tudo se dispõe para exemplar vingança; e a policia enche as ruas de patrulhas a pé e a cavallo, pelos becos, arcadas, escadas, cantos e recantos; por maneira tal, que nem uma so casaca limpa se ve na populosa cidade, entregue exclusivamente aos defensores do throno e do altar. Em quanto ésta é a attitude dos nossos oppressores, trasborda, como disse, a alegria no peito dos fieis defensores da legitimidade, que principiam a ver raiar dias de mais feliz agouro. Oxalá que a victoria ganhada seja o preludio de outras inda mais brilhantes, que restituam a este desgraçado reino a sua legítima Soberana, e com ella a paz e a prosperidade. A espada que se desembainhou na Terceira não deve voltar á bainha sem o conseguir, e com o poeta Bretão bom é recordar:

Let freedom rejoice,
With her heart in her voice;
But her hand on her sword,
Doubly shall she be adored.

*Porto 7 de Septembro.*—Por um navio chegado de Portsmouth em quatro dias, vieram gazetas inglezas com a notícia da victoria da Terceira. Apezar dos esforços da policia, sempre transpirou. Queimaram os papeis inglezes, mas parece que algum escapou do incendio, porque houve quem os visse. Comtudo a certeza, e menos as particularidades d'este accontecimento importante não são ainda geralmente sabidas do público.

## DA SAHIDA DE S. M. FIDELISSIMA DE INGLATERRA, E DAS CAUSAS E RESULTADOS D'ESTE ACONTECIMENTO.

Duas coisas teem principalmente contribuido para se ligar mais que devida importancia á partida de S. M. a Rainha Nossa Soberana, de Londres para o Rio-de-Janeiro, i. é de uma côrte estranha para outra menos estranha. Por um lado, é o zelo cego e timorato de seus subditos e amigos; por outro, a cavilosa affectação de seus encobertos inimigos, e rebeldes subditos. Os jornaes, principalmente de Inglaterra, teem servido de meio para se propagarem pela Europa as mais ridiculas e absurdas ideas a este respeito: e quem não sabe o que é um jornal inglez, o como se fazem fallar estes suppostos orgams da pública-opinião, e pretendidos oraculos dos mysterios e segredos dos gabinetes,—dá pêso a suas vagas asserções, e cuida ler um protocollo da Sancta-Alliança no *leading article* do *Times* ou do *Morning Jornal*, (que sem fazer comparação) ordinariamente aventuram á toa seus juizos politicos, quando os não recebem ja feitos e promptos de algum amigo officioso e *desinteressado.*

Fieis a nossas promessas de nos não cegarmos com exageradas

esperanças nem aterrarmos com exagerados receios, fazemos algumas breves e simples observações sobre um acontecimento que nos parece ter demasiadamente affectado alguns de nossos compatriotas.

A Rainha de Portugal sahio como dissemos, de uma côrte estranha, para outra que o não é absolutamente. Em longitude material, o Rio-de-Janeiro fica mais distante de seu reino, do que Londres. Moralmente porêm, não vemos que a legitima Soberana de Portugal, sendo menor como é, e aproximando-se de seu natural tutor,—sendo ameaçada da tutoria violenta dos que não procuram senão sacrificá-la, e afastando-se para mais longe d'elles,—se affastasse por esse facto, nem mais um passo, do throno que é seu, que as leis de seu reino, que o direito público na Europa, que o reconhecimento pleno e innegavel de todos os Soberanos lhe affiançam e garantem.

O Imperador do Brasil insistiu em chamar juncto a si a sua augusta Filha; e o marquez de Barbacena tendo differido a execução d'éstas ordens quanto decentemente o podia fazer, cedeu em fim, ja porque do Imperador seu amo lhe vieram mais peremptorias e decisivas, ja porque a ambiguidade da politica dos gabinetes tornava de algum modo a partida da Rainha tam necessaria ao decôro de sua pessoa como ao do Imperador seu pae.

Não se deve porêm perder de vista que S. M. a Rainha Fidellissima por sua idade não estava em circumstancias de podêr contribuir em nada por si mesma para a direcção dos seus negocios, e que os seus direitos em nada dependem do logar de sua residencia, e ficam sendo tam integros estando ella no Brazil, como se estivesse em Inglaterra. A idea que seus inimigos teem querido propagar de que sua retirada n'este momento equivale ao abandono da sua causa, é uma idea perfida e falsa: em primeiro logar, porque S. M. o Imperador do Brazil declarou, não so pelo orgam do seu plenipotenciario na Europa, mas tambem pessoalmente na abertura das camaras do Brasil, "que não transigiria com a usurpação e que estava decidido a sustentar quanto coubesse nas suas faculdades o direito da rainha sua Filha* :" promessa que lhe é mui facil de

* Pôsto que gyrem publicos estes dous importantes documentos, julgâmos conveniente traslada-los aqui, e offerecê-los mais uma vez aos leitores portuguezes.

*Falla de Sua Magestade o Imperador pronunciada na abertura da Assemblea Legislativa, na Sessão Imperial de* 3 *de Maio de* 1829.

*Augustos, e Dignissimos Senhores Representantes da Naçaõ Brazileira*—Está fechada a Sessão Extraordinaria. Muito Me Lizongeo de Podêr annunciar a ésta Assemblea, que continuam firmes, e inalteraveis as relações

cumprir sem involver o Brazil n'uma guerra, bastando para isso que pague á Senhora D. Maria II. as sommas que o Brazil deve ao

de amizade, e boa intelligencia entre Mim, e os differentes Soberanos Europeos, e Estados do Continente Americano. Tenho ratificado um Tratado de Commercio, e Navegação com El Rei de Dinamarca; um Artigo Additivo ao Tratado celebrado em 1826 com El Rei de França; uma Convenção especial com o Mesmo Soberano; e finalmente uma Convenção preliminar de Paz com o Govêrno das Provincias Unidas do Rio da Prata. Pelo Meu Ministro e Secretario d'Estado da Repartição competente vos serão apresentados todos esses Actos.—Cumprindo me Velar nos interêsses de Minha Muito Amada e Querida Filha a Rainha Reinante de Portugal Resolvi, que Ella passasse á Europa onde Chegou Achando usurpada a Sua Coroa. Postoque Eu Esteja Decidido a não Transigir com ésta usurpação, Estou igualmente Firme no principio de não comprometter por causa d'ella a tranquillidade, e interêsse d'este Imperio.

*Declaração feita pelo Marquez de Barbacena aos Subditos Fieis de Sua Magestade a Rainha de Portugal Donna Maria II.*

No momento de cumprir a ordem positiva que o Imperador, Meu Augusto Amo, Houve por bem expedir-me na qualidade de Pae, e Tutor de Sua Magestade a Senhora Dona Maria II., Rainha Reinante de Portugal, para que eu haja de conduzir para a sua Companhia a Mesma Augusta Senhora ;é do meu dever, segundo as instrucções de que estou munido patentear as Intenções de S. M Fidelissima, para que todos conheçam os verdadeiros motivos d'esta Imperial Delíberação, e não se deixem illudir por infundados receios ou insinuações malignas.—A separação de S. M. Fidelissima da companhia de Seu Augusto Pae foi necessaria consequencia da Exaltação da Mesma Senhora ao Throno de Portugal. A Sua vinda a Inglaterra, e a Sua temporaria residencia nos Estados do mais antigo Alliado da Coroa Portugueza, foram motivadas pela inesperada e odiosa usurpação operada n'aquelle Reino, com violação dos juramentos mais sagrados e escandalo dos Governos, e das Nações de ambos os Mundos.—O regresso da Mesma Augusta Senhora ao seio de Sua Familia é necessario effeito da lucta, que infelizmente existe entre a Legitimidade, e a usurpação; porque a ternura paternal de S. M. Imperial exige que em tam extraordinarias circumstancias, até o momento suspirado, em que a Senhora Donna Maria II. haja de ser Collocada sôbre o Throno, que o Ceo Lhe destinou, seja Elle o defensor e Guarda da Pessoa da Mesma Augusta Senhora.—Longe portanto de abandonar a causa de Sua mui Presada Filha, persiste Sua Magestade Imperial na inabalavel resolução de protege-la quanto couber nas Suas Forças, e de não transigir jamais com a usurpação—Quaesquer que sejam as difficuldades e obstaculos, que possam retardar o triumpho da Causa da honra, da justiça e da legitimidade, não devem os Subditos da Senhora Dona Maria II. desmaiar na gloriosa defeza em que se acham empenhados; porque a justiça da causa lhes abono o triumpho d'ella; e se algumas pessoas houver que durante a lucta, prefiram o asylo do Brasil ao que lhes teem prestado algumas das Potencias da Europa, podem contar, e eu lhes affianço por ordem expressa do Imperador Meu Amo, que encontrarão no Brazil aquella generosa hospitalidade que são justamente credores pelos seus não merecidos infortunios, e pela sua provada fidelidade ás Augustas Pessoas de Suas Magestades, El Rei Dom Pedro IV., e a Rainha Dona Maria II.—Bórdo da Fragata Imperatriz, 27 de Agosto de 1829.

MARQUEZ DE BARBACENA.

governo do Portugal.—Em segundo logar, porque ainda quando quizesse sustentar-se a erronea asserção de que a partida de S. M., se fosse voluntaria, lezava os seus direitos; não se póde nunca conceder que produsa esse effeito, sendo, como é evidente, um acto de que ella, como menor, não é responsavel, e que unicamente emanou da vontade do seu augusto pae.

Diz-se, com bastante affectação, depois da partida de S. M. que os gabinetes da Europa tinham feito representações para a impedir, considerando-a como prejudicial aos seus intêresses. Estamos cabalmente informados para poder assegurar aos nossos leitores que *isto é verdade;* mas falta accrescentar outra coisa que *tambem é verdade*, e de que temos igual e perfeita certeza,— i. é "que os "sobredittos gabinetes sempre ligaram, nos conselhos que deram, "a demora de S. M. na Europa, com a confirmação do seu ajuste "de casamento, e com o projecto da ida para Vienna, aonde de- "veria esperar a epocha de sua nubilidade."—E éstas foram provavelmente as considerações que moveram S. M. o Imperador do Brazil a recusar-se a uma condescendencia que trazia comsigo *duas condições* ás quaes elle com razão repugnava.

Sôbre *éstas condições* é superfluo qualquer commentario; não ha coração portuguez que não estremeça á idea de que nem por um momento se cuidasse em as adoptar.

Cumpre, alêm d'isto, que nos lembremos que a vinda de S. M. a Inglaterra foi casual, e occasionada pela notícia que o marquez de Barbacena encontrou em Gibraltar da revolução de Portugal: e que as diligencias que aquelle ministro aqui praticou para induzir o govêrno Britannico a cooperar na conformidade dos tractados, para a restauração do throno da Sra. D. Maria II. foram todas baldadas;—e que em quanto ésta Augusta Senhora se achava em Inglaterra, festejada por S. M. Britannica, e tractada como Rainha, o ministerio Inglez perpetrava contra os seus direitos e contra a independencia da sua coroa a mais flagrante violação, afastando a tiros de canhão os Portuguezes desarmados, que se achavam a ponto de desembarcar na ilha Terceira.

Estes factos eram, sem dúvida, bastantes para influir na resolução de S. M. o Imperador do Brazil, e para o induzir a pensar que a sua côrte era a residencia mais natural e mais segura para sua augusta Filha em quanto continuasse a estar esbulhada do throno que lhe pertence.

A noticia da gloriosa victoria da ilha Terceira, cujas consequencias podem ser de tanta importancia a nosso favor, não bastava para dar ao marquez de Barbacena a faculdade de sobrestar na execução de ordens tam positivas quanto repettidas, nem para o auctorizar a uma desobediencia pela qual ficaria pessoalmente responsavel.

E quem poderá admittir a suspeita de que a Inglaterra, a França, a Austria e as outras Potencias da Europa se approveitem cavilosamente de uma acção que naõ depende da vontade da S. D. Maria II. para lhe negar os direitos que ja reconheceram pertencer-lhe? Ainda quando se queira sustentar que as ordens de Imperador do Brazil foram imprudentes ou intempestivas, não se póde suppor que, tendo ésta Sra. sido tractada como Rainha reinante até o momento do seu embarque, este acto seja sufficiente para auctorizar as Potencias a roubar-lhe a coroa, logo que ella se afastou das costas de Inglaterra, e a reconhecer em seu logar o usurpador. Os Portuguezes verão que tal receio se não verifica, e que não é com ésta facilidade que se póde subverter o principio da legitimidade.

O proceder do govêrno intruso de Portugal, a continuação das violencias e das perseguições que practíca, teem sobretudo contribuido e continuarão a contribuir poderosamente para desgostar os Gabinetes da Europa, e manter a interrupção de todas as relações diplomaticas com aquelle govêrno de facto. Em quanto ás relações commerciaes nenhum prejuizo soffrem por tal motivo, permanecendo em Lisboa consules de todas as nações; e não pode allegar-se um semelhante pretexto para reconhecer a usurpação.

O *Times* (que ja foi jornal independente, e hoje nada mais é que um desacreditado orgam do ministerio inglez) tem querido fazer valer este pretexto, e insidiosamente procura dar-lhe importancia aos olhos de um povo todo commercial. Porem a nação Britannica, em seus calculos mercantiz, não despreza huma quantidade de muito valor para ella e que sempre hade ser a origem de seus mais solidos interesses,—a honra e a boa-fe. As sympathias do gabinete inglez cedem á antipathia nacional: a Inglaterra não se hade abaixar á vileza de reconhecer D. Miguel; e quando os Portuguezes se desenganarem a arrojar do throno usurpado o indigno principe que é a sua deshonra e o seu verdugo,— quando os Portuguezes com a Carta legítima de suas liberdades na mão proclamarem a destruição do despotismo e a restauração de suas livres e legaes instituições,— podem estar certos que nenhum povo sympathisará mais com elles, nenhum os ajudará e auxiliará mais que o primogenito da liberdade Europea. o povo escolhido d'ella, a generosa nação Britannica que fraterniza com os livres de todos os paizes, e que so despreza ou é indifferente para com o escravo abjecto que se não envergonha de seus ferros nem os ousa quebrar.

Os Portuguezes querem e desejam libertar-se. Ousem, que o podem, fazê-lo: não temam inimigos estranhos, que *nenhum* os ata-

cará abertamente. Seus inimigos so são para temer em quanto Portugal estiver succumbido: levante elle o braço, e ninguem poderá contra sua fôrça. A humanidade, as leis, os principios reconhecidos da Europa, a religião, tudo sancciona o grande movimento nacional que hade rehabilitar a nação Portugueza.

Em quanto ella geme e não obra, pede auxilio e não trabalha por si, a intriga lhe cerra os corações dos Reis, e desvaira os olhos dos povos: mas assim que ella se decidir a confiar em suas proprias forças, que ainda são muitas, o brado da opinião de toda a Europa será tal que todos os gabinetes, e seus agentes e seus jornaes não poderão cala-lo nem contrasta-lo.

O nó da questão Portugueza, ninguem o ha-de desatar, ha-de corta-po a espada da indignação nacional, da vindicta pública. Ousem os Portuguezes empunhá-la, que ninguem na Europa sabe, nem póde, nem ousa, nem ha-de impedi-lo.

## HYMNO DA TERCEIRA.

A gloria dos bravos,
Com grato louvor,
Cantemos em prémio
De tanto valor!

Os Lusos exultão!
Da gloria a bandeira
Tremúla vaidoza
Na altiva Terceira.
A gloria &c.

Perjuros, traidores
Attacão em vão
Sagrado Palladio
Da Constituição.
A gloria &c.

Do Prado, da Barca,
Do Cruche o valor
Excede briozo,
Fiel Villa-Flor.
A gloria &c.

E dos Voluntarios
Os feitos preclaros
He este o mais nobre
De seus feitos raros.
A gloria &c.

Em curto combate
Baqueião por terra
Traidores que á honra
Declarão a guerra.
A gloria &c.

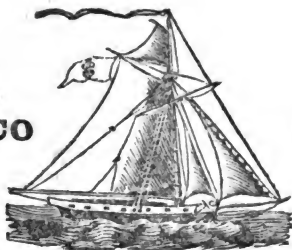
Ou largão as armas,
Ou vão espirar
Exangues cahindo
No túrgido mar.
A gloria &c.

O Bravo que manda
Fieis denodados
Em nome da Patria
Saúda os soldados.
A gloria &c.

E elles ao Chefe
Que á gloria os guiou
Os louros lhe mostrão
Com que elle os ornou.
A gloria &c.

---

*Publica-se este semanario todas as terças-feiras de tarde (com a data da quarta-feira.) Vende-se em casa de H. Huntley No. 23 South-Audley Street, Grosvenor Square, por 9d. cada número: assignaturas até o fim do anno por 10s.*

Impresso por R. Greenlaw, 39, Chichester Place, London.

**O CHAVECO**  **LIBERAL.**

No. 5. VOL. I.

O'er the glad waters of the dark blue sea,
Our thoughts as boundless, and our souls as free.—BYRON.

*Quarta feira* 7 *de Outubro*, 1829.

## DERROTA DO CHAVECO.

*(Extracto das primeiras cingraduras.)*

Mas onde estamos?
Qual é a costa
Que navegâmos?
Espere um pouco;
Vou perguntar.—CALDAS.

Bórdo do Chaveco Liberal, de que é arraes mestre Glauco das Reaes armadas, e eu João Nonnius piloto do sobreditto, que esta derrota fiz, e comecei aos 9 de Septembro do anno de 1829.

'As 7 da manhan, maré vasa, vento do N. O. quarta N., levámos ferro, e deitámos barra fóra a remo por o vento não ser de servir até çafar d'entre pontas. A uma milha de terra largámos panno e corrêmos para S. E. com vento fresco.

*Primeira cingradura.*—Não vimos hoje o sol: creio que por estar-mos ainda perto de Inglaterra. A'volta das 11 houvemos vista da costa de França: o ceo enevoado para aquella parte e promette terrivel tempestade. E as *tempestades francezas* são de arrazar: ésta dá seus ares da de 1788 e 89, que vem notada em todos os roteiros e diarios nauticos. O nosso arraes é de voto que se parece mais com a que em 16....se experimentou ao O. do cannal. Seja qual for, parece imminente; e segundo nos disseram alguns cache-marins com quem fallámos e que andavam cruzando na Mancha á

cata de ver o que para la ia da banda de N. O.,—o almirantado Gallo não tracta senão de pôr *conductores* por toda a parte, de popa a proa e de bombordo e estibordo. Mas diz que não são dos da invenção d'aquelle commodoro Americano que

> Eripuit coelo fulmen, sceptrum que tyrannis.
> Roubou a Jove o raio e o sceptro aos despotas.

Esses conductores estão proscriptos pela Sorbona, por serem invenção de hereje; a qual Sorbona, como todos sabem, é a que todo lo manda e sabe. E para que foi ella restaurada?—Os novos conductores agora inventados, assemelham-se um tanto ás resteas de palha

> Que inda ha pouco inventou, diz a Gazeta,
> Não sei que sabio de cognome esdruchulo
> Que hade ter quatro *kas*, tres *dableiûs*
> E acabar em *schwhausen*, *stadtz*, ou *stus*:

as quaes resteas diz que filam no ceo e enfiam pela terra toda a casta de raio pequeno e grande, e com mais certeza do que milagroso cordel do Salitre ou da Rua-dos-condes enfia um raio de fogueteiro desde o mais alto do bastidor até á cabeça do Arsejas ou de qualquer outro distincto personagem que faz os tyrannos, miramulins e traidores n'aquelles famosos e celebrados templos de Melpomene e Thalia.—Pois alguma coisa se parecem com os taes *conductores* de palha os que na Galla-terra se adoptaram agora para conjurar a imminente trovoada; mas são compostos com muito mais arte e de muito mais finos ingredientes.—

Na vizinhança das Tuilherias se collocaram seis, cada-um de sua diversa natureza, mas a qual mais perfeito.—Eisaqui a informação que d'elles nos deu hoje uma sumaca muito ronceira que ha poucas horas encontrámos toda fechada á bolina, dando a todo instante em vento e teimando apezar de vento e maré, a fazer proa para N. O. Vinha co'a mastreação toda arrrasada, o panno roto, e fazendo água que não havia bombas que a esgotassem. Bem vimos que eram piratas encubertos, apezar de trazerem bandeira amiga, mas o nosso arraes não quiz que a tomassemos nem mettessemos a pique como elles mereciam. Hia a caminho de Dover com carga de contrabando de Mont-rouge e mala de cartas da *contra policia*, que costumam passar pelo postigo do castello do alcaide-mor dos *Cinco-portos*. A sumaca é conhecida n'estes máres pelo nome de *Quotidiènne*; mestre um jesuita velho, fugido das gales; e a tripulação toda composta de frades de diversas côres e nações. Na proa trazem, por carranca, os dous heroes Ravaillac e Malagrida dando-se o osculo de paz,—com este distico:

"*Justitia et Pax osculatae sunt;*"

o qual o nosso capellão (por cujo Latim não fico, e que me parece que n'este caso não foi muito litteral) traduziu assim:

É osculo de paz como o de Judas.

*Pax osculatae sunt*---não duvido que queira dizer "osculo de paz" porque la se parecem; mas *justitia* por "Judas"!—so se o capellão teve em vista a justiça da nossa terra e lhe associa a idea de *desembargador:* ou então se aqui se dá a tal figura rhetorica de exquisito e arreveçado nome grego que não posso pronunciar (malditto seja o grego!) pela qual se diz *luccus, a non lucendo.* Mas averiguem la isso como quizerem, que de Latins e Gregos so sei o que apanho a dente aos capellães com quem navego: ca nós pilotos portuguezes, desde mestre Pedro Nunes, que era todo sabido n'essas coisas, nunca mais usámos de apprender o que entre nôs não serve senão para incitar o ódio e inveja dos ignorantes, a mofa dos nescios, a perseguição de quem governa, o desprêzo de todos, a injustiça, as mal querenças, e a terrivel, a formidavel, a irresistivel *liga* da presumpçosa e invejosa mediocridade, seita peior que a dos pedreiros livres e que ainda faz mais rombos na nau do Estado do que a absoluta ignorancia e a crassa estupidez.

—Tudo isto veio a proposito de eu querer dar todos os signaes da tal sumaca com quem houvemos falla e que nos contou dos taes célebres conductores que se estão fazendo em França. Chamam a um d'elles *à la Polignac*: não em memoria do famoso auctor do anti-Lucrecio, mas por invocação a certo principe romano de minguada fama. Labourdonnaye, Montbel, Chabrol, Cuorvoisier, Bourmont, Mangin, Fraysinous são as invocações dos outros...

N'ésta parte da minha derrota sou interrompido por um bote que se approxima de nosso bórdo; vem com um bilhete da sumaca *Quotidienne* dirigido ao *Chaveco* e datado de 20 de Septembro. Leamos.—*(É o que vem transcripto a pag.* 85 *do num. IV.)* Mandou-se esperar o bote; e immediatamente se lhe respondeu com o seguinte *Billet-doux.*

### RESPOSTA AO BILHETE DA *QUOTIDIENNE* DE 20 DE SEPTEMBRO.

A' *Quotidiènne* saudar envia
O *Chaveco* o arraes e companhia.

Vejo que estás de mau humor e mais *acâriatre* que nunca, *charmante Quotidienne.* Dou-te desculpa: muitos revezes teem cahido sôbre ti em tam pouco tempo, um atraz do outro, e todos tam fortes que não sei como lhe resistes. Em má occasião começa a nossa

politico-amatoria correspondencia. A derrota dos amigos Rosa e Prego, a desesperação da commadre Carlota, o schismatico Diebitsch triumphando ás portas de Constantinopla, e o Sultão Mahamoud entoando o *miserere* no seu oratorio particular do Serralho, os catholicos de Irlanda emancipados, o heroe de Waterloo bamboleando em White-hall, e Polignac....ce cher Polignac, ministro agonizante á nascença....oh! que multidão de cuidados para occupar todo o coração de uma terna e desvelada *grand-maman* como tu es. Mas n'éstas afflicções é que se conhecem os amigos, e não é agora que te hade desamparar o teu fiel e amante *Chaveco*. Novo Demoustier de nova, alias velha e carcassa Emilia, eu me dirigirei a ti no donairoso stylo em que objectos litterarios ou politicos so podem ser tractados entre amantes como nós somos, —— ja alargando-se o coração pela solta facilidade da prosa, ja concentrando-se o espirito na accentuada medida dos versos.

Comecemos pois pela tua *obligeante* missiva de 20 do passado:

*Charmante douarière*, recebi
Teu lindo *billet-doux*, que amante li.
*Je les mis sur mon cœur, ma tendre amie,*
*Ces adorables traits d'une main cherie.*
Com que expressão não pintam teu amor!
Morro por elles, ja os sei de cor.
Nunca o tiveste, não, bella *mignonne*,
Amante penteado *à la pigeonne*,
Do *faubourg* St. Germain adorateur,
Que te amasse como eu, *mon petit cœur!*

Fiquei, fiquei n'um extasi ao receber o teu amavel bilhete. *Tu es donc devennue un peu flateuse*, ma *belle!* Para que são tantos cumprimentos com amigos velhos e experimentados. É verdade que te não agrada o meu stylo. Que não farei eu para te agradar! Vou imitar o elegante Escobar, o casto Sanches ou algum outro modêlo *styli cultioris*.

*Mais dis donc, mon chouchoux*, por que razão
Ralhas c'o teu Chaveco amantarrão,
Que por tï, ó *coquette* sumaquinha,
Faz água a potes, que por ti definha?
Meu stylo achaste baixo e sem sabor!
*Comment peut-on*, ao suspirar d'amor
*Regarder de si près* a frioleiras!
*Est-ce* que eu vi jamais tuas asneiras?
Pude eu jamais, ingrata, descubrir
Teu calumniar sem pejo, o teu mentir?

—*Toi même, à ce qu'en disent tes confreres,*
*N'es pas bien scrupuleuse, en ta grammaire*
(Desculpa a rhyma; é nossa obrigação
Aos ouvidos rhymar, aos olhos não.)

Demais a mais, a gente da tua communhão não costuma scrupulizar n'essas coisas: quanto mais estrangeiro mais patriota, quanto mais traidor a seu paiz, quanto mais vendido aos interêsses dos inimigos da sua patria, melhor cidadão. Este é o credo da tua seita desde París até Madrid, desde Londres atè Lisboa: a nacionalidade é o defeito, o vício, o crime imperdoavel.

O teu filho mais velho, o teu morgado
*Oui, ce cher Polignac* tam adorado,
*Prence* romano e *mylord* inglez,
Diz que não sabe nem fallar francez.
*Et voudrais tu qu'en ma pauvre galère*
*Il y eut plus d'esprit qu'au ministère?*

Cada-um, minha ricca amiga, enterra seu pae como póde. E aqui *entre nous*, os teus *requiems e subvenites* com que tantas vezes tens querido enterrar a tua França não são la dos melhor cantados, se queres que te diga a verdade:—e mais devias saber d'isso, que não ha na catholica e monastica Hespanha convento mais convento, communidade de frades mais fradesca do que a da *Quotidiènne.*—*A propos* de frades, ca sube da remessa de Jesuitas que fizeste ao nosso adorado Miguel *um:* foram para o seu arruamento. Que festas, que alegrias não houve n'aquella devota côrte! O Marquez de Pombal, consta que foi o primeiro que os visitou, e de joelhos e com muitas lagrymas de compuncção recebeu do novo Malagrida a penitencia imposta pelos peccados de seu avô, a qual mui contrictamente tem cumprido com geral edificação. O que è o progresso das luzes! Em pouco mais de meio seculo temos um *Marquez de Pombal jesuita.*—Abençoado Miguel a quem é dado obrar taes milagres! Abençoado Miguel que es talvez o unico principe da Europa (La póde haver sua questão geographica n'este ponto.) que pódes dormir socegado n'um dormitorio de Jesuitas sem medo de Ravaillacs nem Malagridas! Para ti a sociedade não aguça punhaes, nem manipula venenos.—*Voila ce que c'est que d'etre un bon roi!*

Tornemos porêm á nossa correspondencia. Tu foste um poucachinho injusta, amavel Quotidiènne, em teus juizos: ora o *Chaveco* não é tam mau como tu o fazes. Não sei a razão com que accusas o *Paquete* de grosseiro; a mim parece-me muito boa pessoa; mas tu la o sabes, e isso não é commigo. Mas o pobre *Chaveco!* Estás enganada. Pergunta ao irmão Asseca e a outros *liberaes* que aqui estão, pergunta ao donato Ponte e a outros *carteiros* que la es-

tão; e verás o teu êrro. O Miguel, o Miguel é o nosso homem. Com cartas e côrtes e constituições é que nós não queremos nada: *pergunta-lh'o a elles.* Que injúrias não temos nós ditto ao Villa Flor e aos voluntarios, que elogios ao rei Miguel, que chalaças á Carta, que improperios á liberdade! Mas o peior é que vejo a coisa em má figura; o Villa Flor deu-lhe um empurrão que o deixou a baloiçar, e mais dia menos dia, em terra o temos. Temos, temos, e havemos de ver outra vez Carta e côrtes. E que cortes! Sem Cadavaes, S. Migueis, sem Pontes, sem Vizeus bispos, sem Mayas, sem Felgueiras, sem Bastos, sem Cupertinos e outros illustres preopinantes da minha particular veneração.—Protesto, minha adorada *Quotidienne*, que nada d'isso quero nem desejo. Vejo a nação ir-se illustrando, o povo criando ódio á tyrannia, conhecendo seus encubertos inimigos e estremando os verdadeiros constitucionaes. Mas aqui muito em segredo, ja vou preparando para esse tempo uma policiasinha secreta para lhes transtornar o mais que eu podér os planos: espiãosito, denunciantico é a minha gente; vou-os criando á mão, e verás como os heide tanger.—Foste pois muito injusta com o teu leal *Chaveco;* desengana-te e conhece-o: restitue-me a tua confiança e intercede por mim ao *benigno* Miguel. Aqui te mando incluso um memorial que espero lhe envies pelo primeiro correio—se ainda o achar no throno.—É escripto no meu mau Francez; mas aventurei-me a fazê-lo n'ésta lingua paraque melhor o intendas e te convenças de minha fidelidade *ao melhor dos reis.*

Memorial ao *Rei-chegou.*

Sire Michel! mon roi et mon seigneur,
Toi le plus grand des rois et le meilleur,
Vois ce pauvre Chebek, toujour fidelle,
Plus humble, plus soumis qu'une nacelle,
Vers toi cinglant au souffle de l'amour,
Sans louvoyer, sans faire un seul détour,
Il vient prêter serment, te rendre hommage,
E de sa loyauté t'apporte un gage.
Ce ne sont pas des diamants, de l'or,
Et toutefois c'est un riche tresor:
Ce n'est qu'un petit bout de *corde* grise;
Du bienheureux St. François d'Assise
Elle ceignit les reins, c'est son cordon,
Portez-la, Sire, par dévotion:
Et puissiez vous un jour, roi tres-fidelle,
Etre sauvé par la vertu d'icelle.
Roulez-la bien autour de votre cou;
Et St. François, qui n'est pas un saint fou,
Viendra bientot, suivi de St. Ignace,
Pour vous porter au ciel dans sa besace.

## CORRESPONDENCIA DO CHAVECO.

O capellão do chaveco apresentou mais para se transcrever no livro de bórdo a seguinte carta do seu amigo Palinuro.

*Muito reverendo senhor padre capellão.—A bordo da Balandra-tres quilhas.*

Lembra-me haver-lhe dicto em uma das minhas precedentes, que eu não daria quartel a nenhum *chamorro*, que se me atravessasse pelo talhamar desta Balandra: o dicto dicto: Vm. creio, que ficou entendendo, senão desde agora o tenha por entendido, que o meu corso tende *exclusivamente* a bater os piratas Portuguezes *estantes* nos mares de Portugal, aquelles que tem carta de marca do actual governo Portuguez, aquelles, que metteram a pique a nossa *carta constitucional*, que ainda que por agora soçobrada debaixo do terrivel tempóral, que nos fez desarvorar a todos, não tema Vm. que não surda, e que não surda intacta e sem avaria.

Olhe ca: ella está *legitimamante* construida: está construida da mesma maneira, que os Jáos na Asia construïão as Peitacas, ou Peitaças, de que falla o nosso Mestre Barros: estas embarcações de Malaca erão formadas de maneira que, ainda que se alagassem, não se lhes damnava a carga, que occupava o caroço do barco de tal sorte calafetado, que o resto até se alagava de proposito, e o fazião os Jáos ir a pique quando acoçados pelos nossos bons marinheiros d'aquelle tempo. Ora pois a nossa *carta constitucional* foi construida sobre os mesmos principios. O seu Mestre constructor legitimo é como tal reconhecido por todos os arsenaes e almirantados do mundo, excepto pelo do Ferrol, que se foi em outro tempo grande, oje está ás moscas; e ainda assim ha para isso rasoens particulares de que lhe fallarei outra vez. O seu buco é grande: as suas madeiras cortadas em boa lua; a sua fórma sobejamente regular; e n'uma palavra como o cavername, latas, e quilha tem por madeiras—*publicidade de processos por Jurados—liberdade d'imprensa—concessaõ e estabelecimento de tributos so exclusivos dos eleitos do povo,* —ria-se Vm. da tormenta, por que apezar dos pezares ha-de surgir ovante. Estas achêgas estão com ella atarracadas em nossos coraçoens, que tem as suas auriculas e ventriculos *mui provadamente* calafetados: poderemos andar em mergulhos de grande folego, por que o mar anda muito; porem no final havemos de boiar sãos e salvos. Vm. ainda ha-de vê-la bordejar no Tejo e Douro bojando mais apavonada, do que aquella, que a antiguidade afigurou em touro, que de ufano não cabia na pelle com o pêzo da formosa Europa que carregava.—Esse usurpador com uma fustalha de magarefes, de frades, de empregados publicos, que são a polilha do Estado,

com meia duzia de nobres, que desmentem a nobreza donde descem, de fidalgos, que tisnaram a honra das barbas do avoengo, afundio a *carta constitucional;* porem elle e elles ignoravão o segredo da construcção, e quando menos o pensarem hão-de vê-la romper o lume d'agoa, e nadar pomposa por cima do vagalhão da perfidia, do crime, e do prejurio, que a enxovalhára. Sim meu, padre, não tardará, que vejão de subito sorver-se em a nau *Estado presente* ja mui rota, aberta, e descosida sem talvez enxora-la.

Agora-me perguntará Vm., em que fundo eu tão vivíficas esperanças, quando tudo parece conspirar para a escravização universal: —quando o governo do paiz, que tem ategora o epitheto de *livre* por excellencia tende em casa, e conspira fóra em suppear as liberdades dos povos, e em volvê-los aos dias da chamada meia-idade: —quando os jesuitas esvasião os seus viveiros e se derramão pela superficie da terra a encadear os povos no fanatismo, na brutalidade, e na ignorancia. Como é possivel romper amarras de tão desmesurado diametro, e tão systematica e estudadamente compactas, e unidas? Como é possivel, que os povos soltos e sem liame, carregados pela necessidade, com um sedeiro de baionetas sobre o pescoço, cercados de masmorras, de tormentos, de fome, e de todos os horrores, que precedem a morte vagarosa,—como podem elles vingar tão tezas aguagens, baixios tão aparcelados? Sim, meu amigo, nada disto obsta; e o triunfo da rasão sobre a oppressão, das luzes sobre as trevas é infallivel, ainda que lhe não possamos marcar precisamente a altura. A longitude politica é mais difficil de determinar do que a maritima; e como ha tantos meridianos quantos gabinetes, e os chronometros são regulados por interêsses ou particulares a cada nação, ou particularissimos ao Ministro chronomeiro, que mexe os arames, la vai quanto Martha fiou, e quando menos um homem se precata fica varado n'uma coroa d'areia, esperando a maré seguinte para se çafar; e assim nisto de politica a navegação em vez de róta batida, não é mais do que andar á matroca com o leme amarrado—

Os mares da Europa, meu bom amigo, nunca estiverão tão marulhosos, como se oje vêem; e os *rabos-de-gallo,* que se achão semeados pela atmosfera, e o *olho-de-boi na* linha do orizonte advinhão borrasca desfeita, e furacão medonho aos despostas com naufragio irremediavel. E o que há so d'extraordinario é que os Ministros, que estão na timoneira sejão tão testarudos e obstinados, que lhe dêem a proa, e queirão galgar por riba dos direitos dos povos, atravez do maior numero, dos conhecimentos e doutrina geral, da opinião enfim, que constitue a força moral do mundo. O resultatado necessario não pode ser senão um: a nau ha-de abrir-se na tormenta, e o pego da eternidade ha-de enguli-los, e sorve-los deixan-

do apenas boiante por algumas marés a memoria da sua ignorancia e delirio.

Uma massa enorme d'agoa se despenhou de Cronstad na Lagoa Meotide, e trasbordada alagou para sempre as pontas do Crescente. Marmara, seja qual for a sorte do armisticio, da paz ou da guerra dará surgidouro ás embarcaçoens Russas: o refluxo da innundação ha-de lavar com mais força as ilhas Europeas do que o continente, cujos diques tem por materiaes a riqueza effectiva d'agricultura, do commercio interno, sem lastro solto d'uma divida incalculavel fundada toda sobre a opinião do credito, que ao mas leve embate ha-de romper as costuras, abrir o fundo, e mergulhar para sempre.

A França rica, central da Europa, grande e populosa, é oje uma nau de primeira fôrça: o seu *Estado maior* afeito a navegar em antigos *galeoens de castellos*, baldeado para um vazo d'apparelho novo, maneiro mas rijo, pensa, que governa galeotes forçados, quando a tripolação é toda illustrada, e premiada na escola d'Angouleme; cada mestre-carpinteiro, mestre-velas, mestre-fusileiro, cada gageiro, grumete, moço ou pagem é capaz d'ensinar o chefe timoneiro Polignac, que não dá ao leme sem que da Capitaina *St. James* se lhe faça signal d'encontro. Se não muda rumo, o motim *legal* é certo, e os segundos tomarão os logares dos primeiros, que irão com bragas nos artelhos fazer a vigia do porão—Perfeitamente provída e abastecida a França offerece oje o costado ao mais valente vaso d'altibordo; e tendo por quilha a liberdade e a lei, não póde temer os arrecifes jesuitas, que os não vare, e surda. Cada cingradura vinga com rapidez dobrada, ganhando fôrça na velocidade.

A Austria, que está á capa pairando sobre as intrigas da Inglaterra, so espera ensejo de bandear-se com lucro, e fazer-se de vela proejando para o porto de mor ganho. Ja la vai o tempo, em que o medo da Russia a obrigava a ir de conserva com a Inglaterra,: oje desvairada por este temporal, a troco d'um pedação de Turquia, arreganhará os dentes ao Leopardo Ilhêo, que ficará de boca-aberta observando (sem poder anoja-la) o vôo da aguia de duas cabeças, que se erguerá ovante com as garras empolgadas na Servia.

O despotismo Russo dando reboque á liberdade Grega offerta o o prospecto mais singular, que tem amostrado o mundo, e prova, que um rival nada poupa para vingar-se do outro. É necessario acabar de lançar do Oriente o commercio d'Inglaterra; e para isso é necessaria uma liga ainda que formada d'achegas heterogeneas: pois forme-se; alcance-se o fim, sejão quaes forem os meios. Assim fez.

A Prussia assoprada pelo mesmo interesse, e temerosa de mais a mais d'um vendaval, que a arroje á costa, atracou d'abalroas com

a Russia, mas com mastros á cunha e vergas d'alto prestes ao primeiro tiro.

Em quanto que cada qual aprôa o seu norte, a Britannia com rombos no fundo apenas tem bombas que agotem a agoa, que faz; e qualquer tempo desconjuntando-lhe as cavernas a póde levar a pique: por mais que zouche, nunca chegará a ver a *alma-do-calafate.* So lhe resta um meio a tapar os rombos; e esse enfim, e so esse a pode salvar. Livre nas instituiçoens póde appressar o desenvolvimento; e qualquer pequeno apoio, que preste fará desabrochar a nova face social, que o mundo se prepara a fazer ver ás immediatas geraçoens futuras. Então a peninsula Hispanica e Italica seguirão o fado actual da Hellenica. Pelos isthmos o fluxo regurgitirá sobre a planura dos continentes e uma lavagem total da decrepitude dos abusos, da ignorancia e do crime, deixará por seculos o homem no gozo dos direitos, que a natureza lhe dera, e elle deixára perder pelo desleixo *dos muitos,* approveitado pela ambição dos *poucos,* com opprobrio *de todos.*

Nem cuide, meu padre, que estou sonhando no fundo do meu camarote. Isto ha-de existir e havia d'existir ainda que não houvesse Portugal. Portugal não entra em abstracto com cousa alguma na grande massa d'interesses, que pezão d'uma e outra parte nas conchas da balança dos poderes do mundo: elle em abstracto é tão pequeno, isto é tem tão pouco a dar e a receber, que na totalidade do pezo é uma fracção desprezivel. Entre tanto em concreto, nas suas circumstancias peculiares de posição geografica—situação politica,—usurpação actual,—relaçoens com o Brasil—direito de successão na Caza ali governante,—contiguidade a Hespanha,—vistas desta potencia adormecida sobre uma orella, que parece parte integrante sua—e sobre tudo gozando o direito por agora abafado d'uma *Carta Constitucional* outorgada por aquelle, que segundo o direito publico Europeo era o *unico* competente a outorga-la:—e n'uma palavra, sendo Portugal a unice brecha que póde, com ja fez vêr, abrir caminho para ferir o coração de qualquer potencia continental:—tudo isto, meu amigo, eleva Portugal a uma ponderação politica de mui alta transcendencia para poder desprezarse.

Até ha bem poucos dias a nossa joven Rainha foragida e desassocegada buscou acolhida n'umas praias, que deviaõ assegurar-lhe a mais illimitada protecção, se tractados d'uma amizade e sacrificios não interrompidos por quatro seculos valêssem alguma cousa na moral dos gabinetes. Instavel e vacillante recebia o nome, o tractamento, a etiqueta externa de Rainha, em quanto que os seus subditos fieis, que ião para sua casa ajudar a sustentar os seus direitos erão varejados pelo amigo alliado com metralha que ao disparar-se

levou em seu trom a accusação eterna da mais negra das perfidias, cujo eccho nunca mais sahirá do timpano do ouvido Portuguez. Oje, graças á Providencia, ella esta fóra do alcance de receber da mesma mão affagos e bofetadas: a sua dignidade fica intacta: e ella vai esperar no seio paternal o desfeixo da tragedia, que os chamados velhos amigos do seu throno lhe appressaram, e tramaram. La está, meu amigo, a Ilha *Terceira*, que se tem este nome por sua descoberta, desde oje o terá de *Primeira* pela sua defeza.

Ella baldou a arrogancia dos *chamorros:* ella quebrou os braços do Regulo: ella destruio a esperança dos perjuros: ella transtornou os planos dos gabinetes, que estavão ja na vespera de sanctificar o crime: ella fez parar na carreira a bala destructora das liberdades Lusas. E agora? Agora, é aguardar um pouco mais do tempo, até que cada qual desses infames, que espezinhão o throno poluto de D. Dinis, e de D. João II., lhe lancem elles mesmos o fogo, e se salvem na sua ruina. Os povos, e os povos rudes e *fanatizados* levão máis tempo a desenganar-se, por que embalados no mysterio, e no sonho, não enxergão a realidade: mas logo que se appresentão, em vez de fantasmas, factos *que se apalpão*, a máscara cahe, a furia desenvolve-se, o odio resultado do engano esbraveja, e não ha diques, que lhe embarguem o furor.

Não se affreime, meu padre, que não ha regenerador, nem mais rijo revolucionario do que o *tempo*, quando caminha apontando as horas da *liberdade* com o ponteiro da *razão* sobre o mostrador da *justiça.*

Adeus, que deu o quarto d'apagar-se os lumes a bordo, e ás escuras não vejo boia. Faça por decifrar estes gatimanhos como poder, por que o mar tem estado roleiro de travessia, e o balanço me tem tolhido d'escrever a eito. Sou seu amigo e devotarrão PALINURO.

## DAS CAUSAS DA FRAQUEZA DO PARTIDO LEGITIMO EM PORTUGAL, E DE COMO ELLE AS DEVE REMOVER E FORTIFICAR-SE.

É pena que o partido liberal naõ imite a unica virtude do partido contrário; fallâmos da—"união." A fôrça é o resultado do número, dizem os servis; tratemos pois de engrossar o nosso partido; encubrámos a ignorancia e as faltas dos nossos companheiros, com tanto que elles trabalhem de coração para o fim que nos propomos. A força é o resultado do número, dizem tambem ôs liberaes; mas o nosso systema hade medrar por effeito da sua bondade, e nós não admittimos em nosso gremio homem que não esteja limpo de toda a mancha. Digamo-lo mais claro.—Nomeia o Go-

vêrno despotico um homem para servir tal ou tal emprego; é esse homem um malvado, um ignorante, um compendio de todos os vicios, que fazem os servis? Cuidais que reprovam, que censuram, que publicam os crimes do nomeado? Não por certo; louvam o acêrto da escolha e callam os vicios do escolhido. Nomea o Govêrno liberal um homem para servir este ou aquelle logar: apenas o infeliz sobe á scena pública, fervem as contumelias, as accusações, os motejos; e de um homem, que podia emendar alguma falta anterior, e prestar serviços importantes, gera-se um dissidente, que vai lançar-se no partido opposto. E que tem resultado d'aqui? O ver-mos coroadas as tentativas de um partido piqueno, mas unido e approveitador de todos os meios que conduzem, a seus fins; o ver-mos que uma Carta dada legitimamente; um Govêrno mixto, conciliador e moderado não pôde ter mais que alguns mezes de vida no nosso degraçado Portugal!

Mas olhae (dirá alguem) que esse partido, a que chamais piqueno é maior de que se pensa. Plantae a liberdade em qualquer parte; la irão as maranhas, os enredos, as machinações, os conselhos perfidos da politica: e se éstas armas não bastarem, por-se-hão em movimento exercitos poderosos e a guerridos. Assim é (respondêmos) mas vêde que um homem sem virtudes e sem talento decide muitas vezes a sorte da nação a que preside; e que os soldados que destruiram a liberdade na Peninsula foram os proprios que correram a planta-la na Grecia. A grande fôrça do partido anti-liberal assenta na ignorancia dos povos. Ai d'essas camarilhas infames se todos os homens pudessem um dia ler o livro dos seus direitos! a fôrça supposta de meia duzia de individuos, que vivem á custa de milhões de infelizes, sería destruida para sempre.

Pague-se porêm uma divida á verdade e diga-se que a nação Portugueza deseja e aprecia o systema constitucional: a desunião, de que tratamos, é a respeito de pessoas, não de couzas; essa desunião não é effeito de ma vontade ás instituições liberaes, é antes um excesso de zelo, um ciume mal entendido da parte de quem quer o bem, e não atina com o meio de o conseguir.

Um periodista Inglez ousou ha pouco duvidar d'esta verdade, e disse como que mofando de nossas desgraças: "Se a nação Portugueza odeia o govêrno de D. Mignel por que não arroja ella do throno esse principe que a opprime?"---Não o arroja respondêmos, porque Inglaterra demorou em Lisboa uma fôrça militar para defender o Infante até elle se segurar por todos os meios; porque á sombra d'esta fôrça começou o tyranno a prender e a dimittir as pessoas que poderiam obstar ao complemento da usurpação:—porque (digamo'-lo d'úma vez) os tiros da Terceira, o reconhecimento dos

bloqueios de D Miguel, o desprêzo dos direitos da Rainha legítima, a prisão e expatriaçãõ de milhares de homens distinctos por suas virtudes e conselho, tem obstado a que a nação Portugueza dê o unico passo que a póde salvar. Portugal chegou ao extremo da miseria; mas não tenta uma revolução, menos pelo temor do tyranno do que pelo de seus protectores. Verifica-se n'este caso uma verdade mui propicia aos despotas,e vem a ser—que tanto mais desgraçada é uma nação tanto mais sugeita se conserva. " Existem hoje em Napoles, diz Montesquieu, cinquenta mil homens que se sustentam com hervas, e se cobrem com um farrapo miseravel: estes homens, sem dúvida os mais miseraveis da terra, cahem n'um abatimento horrivel ao menor rôlo de fumo que veem sahir do Vesuvio, e chega a sua loucura ao ponto de temerem maior miseria do que a que estão soffrendo diariamente." Deste modo se explica a pretendida apathia dos Portuguezes: pouca fôrça nos opprimidos, e muita no auxîlio de govêrnos poderosos. Mas o soffrimento acaba um dia. Os Portuguezes honrados teem a seu favor a fraqueza e estupidez pessoal do tyranno, teem a seu favor a justiça da causa que deffendem e mais alguma cousa do que uma *sympathia esteril* da parte dos homens livres. Os governos da Europa, ainda quando não fossem obrigados a defender a causa da legitimidade, sabem até que ponto é possivel desinvolver os recursos d'um povo, que pugna pela sua liberdade e independencia. Accordem um dia os Portuguezes; destruam a causa dos seus males e verão que o mundo inteiro applaude a justiça de tão nobre resolução.

Antes porêm de pôr termo a éstas reflexões preguntaremos ao auctor da ironia e aos Inglezes que zombam da fraqueza a que elles mesmos nos reduziram, como cumpriu *Ricardo II.* as concessões que prometeu a *Wat Tyler* e a cem mil homens que com elle vieram a Londres queixar-se da *poll-tax*? Não enforcou os caudilhos, e não se callaram os insurgentes? Que fizeram elles a *Edwardo* IV. contendor de *Henrique* VII.? Que morte soffreu *Henrique* VIII. auctor de *bloody statute*, assassino do Duque de Surrey e perpretrador dos crimes mais atrozes que podem imaginar-se? Não morreu mui socegada em sua cama a sanguinaria *Mary*, depois de ter morte e assado milhares de infelizes? Respondam e appellem embora para o seu *White-Hall* e para outras bravatas com que pretendem assoberbar os ignorantes: nós tambem temos os *tijolos do paço de Cintra*, que provam mais humanidade e igual justiça. Mas lembrem-se elles de que, se não fosse o auxílio de tropas estrangeiras, os *Stuarts* ainda hoje estariam no throno e a constituição de Inglaterra e a *glorious revolution* nunca teriam existido. Não he so no Tejo que uns poucos de homens assalaria-

dos gritam a favor do tyranno ; não he so em Portugal que uma povoação de perto de trez milhões de almas está soffrendo um jugo de ferro; tambem vós sabeis como se obedece servilmente aos caprichos dos despotas ; tambem em Londres ha periodistas que clamam pela conservação dos seus foros e liberdades, que escrevem libellos contra o *Lord Wellington*, e que appresentam D. Miguel como o modélo dos *Principes perfeitos*!

O que pedimos a nossos compatriotas é que respondam á má opinião que merecem a estes escritores com o seguimento da victoria alcançada na Terceira. A demanda é nossa; não esperemos auxilios de quem sacrifica a sua honra, e o seu dever a um pouco de ouro de mais ou de menos; desenvolvámos os recursos que ainda nos restão, e veremos que da união nos ha de vir a força necessaria para derribar o despota, e consolidar o govêrno legitimo.

*Protesto do* Sr. *Deputado de Goa contra o assento dos pretendidos Tres Estados de* 11 *de Junho de* 1828.

Senhora. O Deputado eleito pêlos Estados da Índia, para devidamente os representar na Camara dos Senhores Deputados da Nação Portugueza, conforme a Carta Constitucional da Monarchia, encontrando á sua chegada a Lisboa usurpado o Real Throno de V. Magestade, julgou do seu estricto dever, como subdito leal, e mais ainda, como Procurador daquella parte da Monarchia, vir, logo que pôde, prestar os Reaes Pés de V. Magestade em seu nome, e no de todos os seus constituintes o solemne preito, e homenagem que como subditos Lhe devemos, e reïterar o juramento de fidelidade, que todos os Portuguezes da Asia a V. Magestade, a seu Augusto Pae, e ás instituiçoens por elle outorgadas espontaneamente prestamos, e estamos decididos a manter.

E por quanto no escandaloso Assento que a 11 de Julho de 1828 se lavrou em Lisboa por úm conciliabulo de Rebeldes mandados irrisoriamente representar as Terras do Reino, e que usurparam o nome de Côrtes, ou Tres Estados, apparece assignado um Frade por nome Fr. Joaquim de Carvalho (que previamente áquelle Assento se achava a tratar de demandas e interesses particulares em Lisboa) ousando fraudulatamente intitular-se Procurador de Goa; elle abaixo assignado julgou, que igualmente lhe cumpria protestar, como solemnemente protesta, em nome da muito nobre, e leal Cidade de Goa, e de todos os Estados Portuguezes da India, contra tão infame aleivosia; pois desde o falecimento do Senhor D. João VI., que Santa Gloria haja, nunca alli se elegeo Deputado, ou Procurador algum, como

mostra o documento junto, * senão o que humildemente agora vem com este seu Protesto á prezença de V. Magestade, e que em nome de todos os seus Constituintes Portuguezes da Asia, a V. Magestade roga se Digne Receber, e Mandar dar a este público documento authenticidade, que possivel fôr, que na melhor forma de direito caiba, e que mais seja do seu Real agrado. Deos Guarde a V. Magestade.—Plymouth, a 16 de Julho de 1829. Bernardo Peres da Silva.

## EXTRACTO DOS JORNAES INGLEZES

Os papeis Inglezes tem-se occupado esta semana em traduzir os papeis francezes tanto no que respeita á contenda entre a nação franceza e o ministerio que lhe foi imposto pela intriga jesuitica, como nos negocios da Turquia. O Sunday Times de 4 de Outubro faz as seguintes reflexões.—Em França cada vez se manifesta mais desafeição á familia reinante em consequencia da nomeação do novo ministerio. Em Pariz tem-se feito circular occultamente huma proclamação que indica hum novo conflicto pela causa da liberdade: e he do theor seguinte. " Das margens do Rheno até ás praias do oceano: desde os campos da Belgica ate ao cume dos Perineos; a indignação geral exclama—expulsem-se os Bourbons. Vós o sabeis e os annos de 1789 e 1815 são testemunhas de que estes cobardes so sabem fugir e mendigar oiro e soldados nos paizes estrangeiros para agrilhoar a França. Soldados, os povos não querem renovar scenas de horror, nem eregir cadafalsos mesmo para os maiores criminosos: que fujão outra vez: todos os caminhos lhe serão abertos; que levem seus confeçores e validos, e vão continuar nos paizes estrangeiros esse reinado que a França não quer tolerar e que a Europa olha com desprezo."

Recebeo-se officialmente a noticia de ter sido rejeitada a proposta feita por D. Miguel ao Papa para ser reconhecido rei: mesmo se as outras potencias o reconhecessem, em quanto D. Pedro não cedesse, em nome da Filha o Reino de Portugal, o Santo Padre o não reconheceria.—*Court Journal* 3 *de Outubro.*

Diz-se que o Duque de Wellington conhecendo a fraqueza do seu governo vai chamar ao ministerio Mr. Huskisson, e que tem feito reiteradas rogativas ao Marquez de Lansdowne para entrar no ministerio.—*Maidstone Gazete.*

* O original existe na Secretaria da Embaixada Portugueza em Londres.

*Lisboa* 19 *de Septembro.*—Cartas d'Angola annunciam que os habitantes desta possessão se declarâram contra Dom Miguel,e a favor de Dom Pedro, e que o governador Nicolau d'Abreu Castello Branco, fora morto no momento em que hia oppor-se á sedicção.

E' de notar que durante os ultimos quatro dias nem um sò fidalgo portuguez tem ido a Queluz visitar Dom Miguel ou sua mãe. O nosso senado, que é composto dos primeiros authores da usurpação, ficou confundido com o revez da Terceira—Tinha comprado 200 duzias de foguetes para celebrar a noticia da tomada da Ilha—A illuminação já estava prompta—que lástima!

## EXTRACTOS DOS JORNAES FRANCEZES.

*Londres em* 3 *d'Outubro de* 1829.—Recebêmos gazetas de França até 30 de Setembro—O *Constitucionel* de 29 declara que o Conde de Funchal, Ministro de S. M. Fidelissima junto da corte de Roma, acaba de redigir uma memoria, assinada e approvada por todos os doutores canonistas, e por varias pessoas, assim seculares, como ecclesiasticas, â respeito da usurpação de D. Miguel: que ésta obra importante foi remettida á commissão *ad hoc*, nomeada pelo Santo-padre para examinar a legitimidade das rogativas de Dom Miguel: que o resultado foi declararem todos os doutores que não só Pio VIII. não podia agora reconhecer canonicamente Dom Miguel como rei legitimo de Portugal e dos Algarves, mas que, ainda quando as Potencias o reconhecessem como tal, o Santo-padre não o poderia fazer sem que D. Pedro Rei legitimo de Portugal, abdicasse a coroa em favor de seu irmão.—" Assim o usurpador (continua o Constitucionel) em vez de obter o reconhecimento da santa-sede, para ver se movia então os governos temporaes, recebeu a triste certeza de que Roma o não apoyará em suas pertenções, e que elle deve, ou demittir-se de sua usurpação, ou obter o throno da generosidade do Imperador do Brazil e de Dona Maria da Gloria. Os amigos de D. Miguel estão furiosos; por um triz não accuzão de hereticos e de pedreiros-livres todos os doutores, todos os membros desta maldita commissaõ e até o proprio Papa."—A *Quotidienne* de 27 copía o artigo da *mecha* de Lisboa relativo ao *revez* da Terceira, e aventura algumas reflexões de sua lavra sobre a *moderação e indulgencia* do governo de Dom Miguel. Portugal é hoje, na opinião dos padres da Quotidienne, o reino mais feliz e mais bem governado do mundo inteiro; o proprio Mahmoud não val meio Miguel. Agora sim, agora é que a nossa patria chegou ao tempo feliz, em que:

Vivia então a gente socegada:
Sem ser arada a terra dava pão,
Sem ser cavado o chão as fruitas dava;
Nem chuvas desejava, nem quentura,
Suppría então natura o necessario!

A gazeta de França (l'Etoile) amiga inseparavel da *Quotidienne*, occupa-se principalmente em defender o paternal governo de *Polignac* e companhia contra as accusações dos periodicos liberaes.—De vez em quando tambem defende os—inauferiveis de Constantinopla; mas não é cousa de cuidado,—O *Messager des chambres* de 27 annuncia que o ministro da justiça Mattos interceptou a correspondencia de Gaspar Teixeira, governador da provincia de Tras-os-Montes, e primo do Marquez de Chaves, com os agentes da Corte de Hespanha, a favor da rainha velha; e que é por isto que a *canalha* de Queluz protesta vingar-se do Mattos.—O *Courier Français* de 27 diz que correndo em *Vizille* a noticia da dimissão de Mr. Faure Finant, Maire do districto, e do seu accessor ou adjunto, Mr. Chapuis, *por terem tomado parte nas honras públicas feitas a Mr. de Lafayette*, se reuníra immediata e spontamente toda a povoação, para exprimir a dôr que lhe causava esta noticia.—Mr. Romain Peyzon dirigiu aos dimittidos o discurso seguinte:

" *Senhores*,—Os habitantes deste districto souberam com grandissimo sentimento que, por ordem de S. Exa. o Conde de Labourdonaye, acabaes de ser exonerados das funcções, que haveis desempenhado com tanto zelo, e nas quaes tendes adquirido justamente a confiança e a estima dos povos.

"Os motivos, que serviram de pretexto a este acto do novo ministerio, são sobre maneira honrosos. Vós sois, senhores, os primeiros cidadãos destituidos de sus funcções gratuitas *por terdes tomado parte nas honras publicas votadas a Mr. de Lafayette.* Não invejemos aos inimigos das liberdades públicas esta triste satisfação, quando em toda a França resoam ainda cordeaes acclamações ao benemerito cidadão dos dois mundos, e principalmente na segunda cidade do reino.

"O Deputado, que moveu este enthusiasmo, viverá na historia, a pezar de todas as calumnias dos homens de partido.—Os povos se lembrarão sempre de que elle foi em todos os tempos o zeloso defensor da liberdade legal; que nos dias 5 e 6 d'Outubro, salvou duas vezes a vida á familia real; que antes de 10 d'Agosto sacrificou a sua popularidade para arrancar Luiz XVI. aos perigos que o ameaçavam, e que, proscripto então por seu energico protesto pronuncia-

do na barra da assemblea legislativa, e *preso em paiz neutro*, expiou nas masmorras d'Austria o crime de ter seguido sempre fielmente a linha dos seus deveres.

" Vós tambem, senhores, cumpristes um dever sagrado, unindo-vos a vossos administrados na occasião solemne, em que vos cumpria ser os orgãos de nossos sentimentos unanimes, para lhes dar novo realce, e assegurar a paz pública em meio de tal festejo.

" Recebei, senhores, os nossos sinceros agradecimentos, etc."

De tarde houve um banquete magnifico dado pelos habitantes de *Vizille* aos magistrados demittidos, etc. etc.—O *Journal des Débats* de 29 publíca um artigo, extrahido da Gazeta *d'Augsbourg*, sobre a necessidade da convocação d'um congresso, para n'elle se discutirem os negocios do Oriente. Copiaremos as seguintes reflexões: " A força dos Turcos, diz o author, derivava do seu fanatismo religioso, do seu enthusiasmo, e da convicção em que viviam de que elles eram tam superiores aos christãos quanto um homem é superior a um cão. Estas illusões destruiram-se como por encanto; os Turcos já se não batem, o estandarte de Mahomet já não excita o fanatismo nem a coragem; elles reconhecem, pela força dos factos, a superiodade dos christãos; submettem-se indefezos; imploram a protecção dos Russos a quem detestavam, e a segunda cidade do Imperio abre as suas portas aos vencedores; tudo o que compunha a força moral dos Turcos *acabou d'um só golpe*.

" Admittamos ainda que o Imperador Nicolau faz consistir a sua glória em ser moderado, supponhamos que este joven monarcha, querendo deixar pasmados os seus detractores, negoceia sobre as bazes dadas, a saber: indemnisação, e passagem livre dos Dardanellos; na verdade, nenhuma Potencia poderá queixar-se destas condicções; com tudo o monarcha generoso. que concede uma paz tam moderada, tem direito a exigir caucções; elle dirá pois:

" 1°. Eu occuparei taes e taes cidades e fortalezas como garantia, até o inteiro pagamento da indemnisação assentada.

" 2°. Eu demolirei os Dardanellos, e pedirei que uma guarnição estrangeira occupe os seus fortes, ou tomarei taes medidas que assegurem, *a todo o tempo*, a livre passagem por aquelle ponto a todas as nações da Europa."

" Muito bem! Pergunto agora; que será feito do Imperio Ottomano aceitando mesmo estas condicções moderadas? Será, emquanto não pagar tudo, *um vassallo da Russia*, e a mais leve falta de execução ás condicções prescriptas, dará ao vencedor o direito de obrar como senhor despotico.

" Admittamos com tudo, d'um lado, a exactidão mais escrupulosa em cumprir as condicções, e d'outro, a maior moderação no exercito russo occupando momentaneamente o territorio turco; assim mes-

mo não deixará de ser um *facto:* 1º. que no espaço de cinco, seis, ou dez annos o melhor das rendas da Turquia passará para as mãos dos Russos; 2º. que durante este tempo os Turcos perderão cada vez mais o seu fanatismo, orgulho e coragem, e que a disciplina, energia e firmeza das tropas russas destruirá toda a força dos Turcos; 3º. que a residencia dos officiaes e engenheiros russos na Turquia facilitará para o diante os meios d'uma nova invasão. Em fim tudo annuncía que, se a conquista fica retardada no reinado d'um principe tam justo e tam moderado como o Imperador Nicolau, ella se tornará *certa* d'aqui a mais vinte ou trinta annos.

"E não devera ainda a Europa arremessar de si a velha preoccupação, de que a existencia do imperio Ottomano é necessaria ao mundo? Não provam, não convencem os factos occorridos, *apesar da vontade dos gabinetes,* que se deve abandonar uma politica decrepita, e que o interesse de todas as potencias pede que ellas se occupem quanto antes d'um successo, *amadurecido e exigido pelo tempo, a expulsão dos Turcos da Europa,* antes que o seu imperio se torne, *por força,* uma provincia russa?

"Apressem-se pois todos os governos em formar um congresso, no qual se resolva o destino do Imperio Ottomano; e se a diplomacia fôr assaz previdente, e decidir, *desde já,* que os Turcos vão para a Asia, que se estabeleça a inteira independencia da Grecia com os limites convenientes, e que se forme um novo estado christão em logar do governo Turco, póde estar certa de que as suas decisões seram immutaveis: a unica alteração que deve dar-se é a de vermos um povo civilisado em vez d'um povo barbaro (por que os Musulmanos, governados por um principe christão, não tardarão em civilisar-se.)

"Se os ministros, que estam á testa dos negocios da Europa, tratarem esta immensa questão a tempo habil, farão um serviço importantissimo á religião e á humanidade, e evitarão para o futuro um abalo *que lhes deve* ser bem fatal."

---

Houve um sujeito que disse ultimamente a Mr. de Villele: "Crê-se em París que vós é que lembrastes Mr. de Labourdonnaye para ministro."—Nesse caso, respondeu Mr. de Villele, comparam-me com Augusto, que, em ordem a fazer-se chorado, dessignou Tiberio para seu successor!—*(Figaro de 25 de Septembro.)*

## O CHAVECO.

*Londres, quarta feira* 7 *de Outubro, de* 1829.

No intervallo da publicação d'ésta folha, os jornaes inglezes teem sido aridos de toda a notícia, e pouco mais conteem suas collumnas de novidades do que extractos dos períodicos francezes. D'estes damos nós copioso transumpto.

Os negocios do oriente occupam ainda a principal attenção da Europa; fálla-se de um congresso para os ajustar definitivamente. Se tal se verificar, será uma fortuna para nós: a causa portugueza, se ainda a essa epocha a usurpação continuar, será tractada á face do mundo civilizado; e uma causa como a nossa não póde desejar senão a publicidade nem temer senão o insidioso dos mysterios e machinações occultas.

Mas para que havemos nós de esperar pela justiça dos reis, se com a sancção d'elles, nós a podêmos fazer boa e legal por nossas mãos?—se nós nos podêmos libertar, para que appellaremos a libertadores estranhos? Duas opiniões falsas abriram a D. Miguel a estrada para o throno; ambas se generalisaram em Portugal e de tal modo pervaleceram que não era possivel contrastá-las nem desvanecê-las. Uma era de que o Sr. D. Pedro IV. tendo nomeado seu indigno irmão para a Regencia, depois de saber quem elle era, é por que tacitamente consentia na usurpação e se lhe não dava do roubo. Todo o ânimo de resistir se quebrava com isto aos Portuguezes; todo o esfôrço lhes parecia inutil e vão.—Falsa e absurda, como ésta opiniào é em todo o sentido e extenção, é todavia inquestionavel que existiu, grassou e tal consistencia tomou, que ella foi o mais poderoso auxiliar de D. Miguel: diremos ainda mais, auxiliar sem o qual, *nunca* elle subíra nem um so degrau do throno. O sangue do Marquez de Loulé estava ainda fresco e fumegando diante dos olhos de todos os Portuguezes,—o parricidio da Bemposta (que se não passou de conato, não foi por certo á mingua de von-

tade e dilligencias do desnaturado filho!) as sanguinosas saturnaes de Abril de 1824—tudo estava ainda tam recente e tam lembrado que parecia impossivel que ao perpetrador de taes crimes se podesse confiar uma coroa senão com a secreta intenção de lh'adeixar roubar; —que a tal monstro se désse uma nação a reger senão com o premeditado intento de lh'a dar para pasto de carniceria, ou o que peior é, para divertimento cruel, como a uma bêsta feroz lançariam ociosos e barbaros espectadores algum indefeso e innocente animal para o desalmado prazer de lh'o ver estrangular.

A nação portugueza deve a ésta hora estar desenganada do seu érro, e da injustiça com que lhe fizeram interpretar as intenções do que foi seu magnanimo Soberano e hoje é seu generoso protector.— E com effeito hoje sabe Portugal que D. Pedro foi enganado, illudido (veda-me o respeito a sua Pessoa que não diga *zombado*) perfida e atrozmente por aquelles em quem mais confiança deve ter, por os que representavam seus alliados, por os que tantas promessas, tantas seguranças, tantas garantias davam, e de cuja palavra (mentirosa e falsa com um osculo de Judas) não sabía duvidar quem não sabía somo se póde faltar á *palavra dada.*

Mas as solemnes declarações do Imperador D. Pedro teem mostrado a seus antigos subditos quanto as nobres e sinceras intenções d'el-Rei D. Pedro IV. eram differentes do que a astucia dos traidores e as fataes apparencias lh'as haviam pintado. Hoje sabem que no pae de sua Augusta Soberana teem um protector, um amparo, um defensor: e o ânimo, a coragem, a decisão dos Portuguezes deve dobrar com ésta certeza. Vêde as armas da Terceira! Serão essas as mesmas que cederam o ganhado terreno dos Marouços, o não disputado ponto de Grijó?—São: mas o desconfôrto que la as abatia, ja não existe: hoje são as armas de Coruche e do Prado—são as do Ameixial e de Montes-claros.

A segunda das erradas opiniões que mencionei, era que todos os Soberanos da Europa protegiam o usurpador, e queriam, se não fomentavam, a usurpação. Chamâmos a ésta opinião errada; não

nos cuidem visionarios; nós o repetimos, é falsa, é errada, é ab-surda.

Tambem n'este ponto fataes apparencias, funestos prestigios e mui combinados artificios enganaram a nação portugueza. Ésta opinião foi geralmente crida, infelizmente ainda de muitos o é; e se aquelloutra quebrava a vontade e ânimo de resistir á usurpação, ésta arredava até a mais remota esperança de salvação. Propagou-se principalmente esta opinião pelas insidiosas communicações de certos agentes estrangeiros, e pela atrevida e desfaçada coragem com que D. Miguel e sua mãe o pregoavam a boca cheia:—injúria e affronta, *pela qual so*, quando mais não fosse, os Soberanos da Europa o devem castigar exemplarmente!

Ja em outra parte o dissemos; ha muitos gabinetes na Europa que receiam as instituições livres de Portugal, e que portanto naturalmente folgarão de ver D. Miguel aniquilá-las; mas não ha soberano algum que veja com bom ânimo usurpar a coroa legítima do monarcha por elles reconhecido e que legal e pacificamente a possuhia. Mas os infundados medos da Carta de D. Pedro desapparecem diante dos crimes e atrocidades de D. Miguel. A realeza corre mais perigo do odio que gera a tyrannia do que da affoiteza que dá a liberdade. Portugal não póde ter Robespierres, a Carta portugueza não deixa aberta a Napoleões: e um rei como D. Miguel é mais perigoso e damnoso á monarchia e a seus interêsses do que um *Directorio* inteiro. Se alguma indulgencia houve pois ao princípio, ja não existe. A Hespanha faz talvez excepção a ésta regra. Mas quem não sabe, dentro e fóra de Portugal, quaes são as vistas e tenções de Hespanha a respeito de Portugal? D. Miguel conta com a amizade de Fernando: os Portuguezes temem essa liga. Enganam-se: folguem com ella: o maior inimigo de D. Miguel é essa *amizade castelhana*. Ella lhe arreda e aliena os corações de todos os outros gabinetes. Nenhum rei de Portugal se sustentou nunca na amizade de Castella; nenhum pretendente á coroa portugueza contou nunca com o auxílio ou protecção Hespanhola, que não visse

frustradas suas tentativas. As tenções de Madrid são de empolgar Portugal. Se essa fosse a vontade ou o interêsse da Europa, ha muito assim teria succedido. Mas não é nem póde ser. A rainha Carlota engana-se com os Portuguezes e com os Soberanos europeus: nem uns nem outros estão pelo seu plano; e ella e suas tramas, ella e seus agentes, ella e seu atroz e desprezivel filho hãode ser victimas do infame e abominavel tractado que teem urdido nas trevas.

Rectifiquem-se pois éstas duas erradas e falsas opiniões: uma ja o está; não tardará que o esteja a outra, e lave a nação portugueza a nodóa que seus inimigos lhe lançaram, e pela qual ella so deve corar em tanto quanto se deixou illudir e enganar de seus embustes.—O leitor achará em devido logar a notícia que repetiram quasi todos os jornaes francezes e inglezes, da restauração do reino de Angolla e a da consolidação do govêrno legítimo nos Estados da India. Não temos porora sufficiente auctoridade para lhe dar implicito crédito. E' provavel, e de esperar todos os dias; e se não é *um facto* cuja existencia nos conste ja com certeza, é *facto* de cuja existencia proxima não podemos racionavelmente duvidar.

Damos tambem o original de um mui interessante documento, que ja ha muito appareceu nas folhas Inglezas, e é o honrado e honroso protesto do Sr. Peres, deputado eleito por Goa e mais Estados da India, contra o pretendido assento das pseudo-cortes de Junho de 1828, (em que para pôr em dúvida a authenticidade de todas as outras assignaturas) apparece assignado um deputado por Goa. Vejam os Portuguezes a que deshonrada e vil facção estão succumbidos!

---

## FISGADELLAS.

Achou-se que a palavra que correspondia á idea do Govêrno de D. Miguel era—*Canalhocracia*—E a que correspondia ás pessoas do Duque de Cadaval, Chicoria e companhia era – *Canalhocratas*.

O Prior mor de Christo vai publicar uma obra refutando a de Mr. Tissot: Francisco Dias esta revendo as próvas na Imprensa Régia.

---

Jozé Antonio de Oliveira Leite, em consequencia do seu rei lhe ter prometido ser padrinho do filho que está para ter sua Mulher, vai-lhe por o nome de—Manoel da Legitimidade.

---

A Condessa da Lourinhan deixou no testamento ao Conde de Murça uma receita de fazer bolos.

---

O Barbeiro Pires recusou a proposta do Marquez de Bellas para se chamarem por *tu*.

---

Pergunta—Em que se parece o D. Prior de Guimarães com uma Loge de Pedreiros Livres?
Resposta—Em ser Secreta.

---

*Plano para a segunda Expedição. da Terceira.*

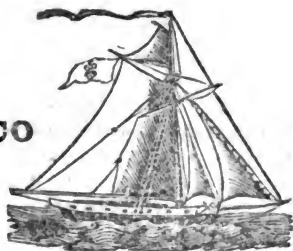
Para matar os da Ilha,
Fero Miguel, que é preciso?
—Manda a tropa do chicoria
Que mortos os tens de riso.

---

*Publica-se este semanario todas as terças-feiras de tarde (com a data da quarta-feira.) Vende-se em casa de H. Huntley No. 23 South-Audley Street, Grosvenor Square, por 9d. cada número: assignaturas até o fim do anno por 10s.*

Impresso por R. Greenlaw, 39, Chichester Place, Londres.

O CHAVECO  LIBERAL.

No. 6. Vol. I.

O'er the glad waters of the dark blue sea,
Our thoughts as boundless, and our souls as free.—Byron.

*Quarta feira* 14 *de Outubro*, 1829.

## CORRESPONDENCIA DO CHAVECO.

*Muito reverendo capellão—A bordo da balandra tres quilhas*—Vm. sabe, meu amigo, que desde aquella noute, que adormecido resvalei da borda do tombadilho, e dei comigo no mar, andei por la a dormir tres dias e tres noutes, até que surgi n'uma certa praia, e so ali acordei. Pois, meu padre, desde então tenho sempre continuado, apezar da cambalhota, em um estado comatozo, e o mais é, que não durmo, nem dormito sem que sonhe, e ás vezes disparates de tal monta, que é pena que se percão no esquecimento ao despertar, o que quasi sempre accontece. Oje porem, que tinha de escrever-lhe, como lhe prometti, apenas acórdo, salto da maca, e no bufete do beliche vou escrevinhar-lhe as representaçoens ideaes, que ainda ha pouco me trouxerão os miolos a granel pelos espaços imaginarios. Estava eu abordo desta naveta (porque enfim, meu amigo, esta balandra é o theatro das minhas acçoens), quando vejo assomar á porta do camarote o duque de Cadaval vestido de presidente da camara dos Pares, mas descalço de pé e perna, com uma bueta sobraçada, as ventas mui tabaquentas, pallido, inquieto, olhando por todos os cantos, e querendo mas não podendo fallar, apenas pôde articular —*salve-me, Palinuro.*—Assombrado um pouco com este pé-de vento, digo logo ao official de quarto, que não deixasse atracar á

balandra fosse elle o diabo, e que aparelhasse prestes a largar por mão a amarra, caso eu lhe désse o signal. Tórno ao camarote, e acho o nobre duque desbautizado em lagrimas: offereci-lhe um charuto; disse-lhe, que era cedo, e que devia matar o bicho; não quiz nada, apenas pegou d'um naco de bolacha, e na'agoa ardente mal tocou os beiços. Então que é isso, meu duque? 'Animo nada de soçobrar: olhe, que nós as gentes de mar dizemos e com verdade, que quem tem medo morre duas vezes.

Compondo-se então um pouco começou de fallar desta maneira: —"Palinuro: oje ja não ha que disfarçar: eu estou perdido, e a minha perdição é justa: eu me resigno: do que so tracto é de salvar a minha existencia. Eu era entre os grandes de Portugal o primeiro. O meu sangue, a minha fortuna, a antiguidade do tronco donde venho, davão-me um logar que me grangeava dos povos o respeito, e dos reis mesmos a affeição. Ignorante julguei em 1823, que as necessidades dos povos não podião satisfazer-se sem que a minha existencia aristocrata perigasse: voei a ajudar uma revolta liberticida, e desde então a mão do destino marcou a minha sorte. Eu calquei os juramentos dados: e o bacchico-Lagosta absolveu o meu perjurio. Por minha mulher eu me deixei enjesuitar; e os sopros das Tuilherias ao passar pelo palacio de Luxemburgo me embriagaram. Não fui mais senhor meu. O pavilhão, que do Sena dá o signal para o Maçanares, guiava por Pedrouços o d'Ajuda: fui grimpa, e o vento que me movia me derrocou. Por mim se empataram quantos negocios entraram na camara dos Pares de público proveito. Eu e os meus secretarios não nos poupamos até a falsificaçoens, e aos ardis d'empates os mais vergonhosos. Carregado de distincçoens, e signaes d'amizade pelo meu rei o senhor D. Pedro IV., eu lhe neguei a obediencia que lhe devia, a homenagem e preito que lhe prestára. Esta farda, rotulo do meu opprobrio, irá comigo aonde o destino me levar: descalço farei penitencia por haver reduzído a descalços os Portuguezes. O que me resta são esses pergaminhos que aqui trago neste cofre. Nós os lançaremos em mar, que não dê sonda, para que se perca nelles a memoria de meu avoengo, que assoalha o meu desmerito. De todos os lados eu vejo spectros! D'ali eu vejo os infelizes, que mandei enforcar em Lisboa até sem verificar a identidade de pessoa: além me apparecem os desgraçados martyres do Porto que fiz morrer sem crime: de todos os lados os gritos dolorosos das cadeias entulhadas, d'innocentes morrendo á fome e na podridão, de mulheres sem saber dos maridos, de filhos sem saber de paes, de crianças de peito em enxovias, separadas das mães,que as naõ vissem mas que as ouvissem chorar sem poder soccorre-las; de toda a parte, Palinuro, e ainda aqui mesmo, ainda qui meus ouvidos representão, que do seio d'essas agoas surgem aboian-

do os cadaveres dos desgraçados soldados que mandei para assassinar a liberdade, que tão pura e brilhante eu vejo além assentada sobre o serro da Ilha Terceira dando a mão ao fiel Villa-For, e n'um abraço estreitando a seu peito os denodados voluntarios, que a escudaram dos golpes que lhe destinei : oh ! quão sentidos são os gemidos que desse abismo se alevantão, e penetrão o meu coração !

"Eu tremo da presença da Divinidade que vai julgar-me ! Eu a chamei em vão na promessa da minha fidelidade ! Eu fui, sobre prejuro, aleivoso !"—Neste momento, quando os cabellos se me erriçavão á confissão de tanto escandalo, uma tremenda marejada contra o costado me desperta : chamo, pergunto o que ha de novo, respondem-me, que nada notavel : noute clara : vento fresco, e apenas um immenso meteoro de les-nord'éste acabava d'allumiar o convez. Volto-me para a outra parte, e ainda não era bem dormido, quando me figuro, que da gavea descubro algum fumo e pontas de mastaréos ao sudueste. Mando fazer proa ao ponto, faço fôrça de vêla, e em menos de quinze minutos descubro a galleaça *Prior mor de Christo* engalfinhada com a zurracha *Prior de guimaraens* disputando a prêza da galveta *Posser.*

Como a zurracha anda sempre sobre-carregada, é descompassadamente bojuda, e não vira por d'avante, a galleaça arrumou-lhe uma esfuziada por barlavento ao lume d'agoa, que abrio tal boqueirão, que dando a banda virou, e então ao ver-lhe o fundo nos desenganamos da verdade com que se diz, que esta zurracha nunca em sua vida foi *expalmada.* A galveta *Posser* seguia com a galeaça, quando a peça d'alva me acorda, e não vejo diante de mim senão o meu thermometro jogando com o rolar da balandra.

Encafuo-me de novo entre os lençóes, e o relento da madrugada me convida fagueiro a seguir o somno, que dahi bem lhe chamamos o *quarto da modorra.* Eis-me segunda vez nos passos chamuscados do defumado Plutão, e outra vez o senhor piedoso Eneas comigo de volta a dar-me mil escusas de me não haverem enterrado, e que me não enfadasse de andar os cem annos por essas praias aos caramujos, por que não so, dizia elle, me havião de fazer promontorio, mas que elle se obrigava a bem-fazer passar-me o meu tempo por estas margens do Acheronte, e que mesmo faria, se me isso approuvesse, que de vez em quando eu me divertisse *zingando* na barca terrivel, em que por não ter véla não podia bordejar. Quando eu me dispunha a agradecer-lhe o interesse, que tomava no alivio do meu fadario, elle sem deixar-me acabar, me diz com voz militar: —" leva de cumprimentos : vamos ao que importa :—nisto embraça-me, e caminha comigo invisisivel a um covil, a que os topographos poserão o nome de *paço velho ou paços da rainha,* e ali sem mais ceremonia pespega comigo no tecto d'um salão, que me apresenta

o seguinte :—O conde de Cintra a um canto a tremer com frio: tres bisbilhoteiras beatas com bentinhos ao pescoço, camandulas em punho, e cada qual com seu rezisto da senhora do Buraco, todas acocoradas sobre um canapé ja mui estafado com um bufete diante, e cartas para tirar sortes, e ao lado um breve da marca, e uma reliquia das *carunculas* lacrimaes de santa Monica, e do *verumontanum* de S. Bernardo :—bem de fronte sobre um sofá o Marquez *Flaviense* em chinelos, no mesmo trajo, postura, e atavios, com que se apresentou na sala de companhia em a noute do seu prolîfico consorcio escarafunchando os pés: a um canto sobre o pataréo da escada o tio Antonio de canellas ao sôcco com Gaspar Teixeira : atraz da porta o padre João de batina, bengala e guarda chuva : encostado a uma cadeira o barbeiro Pires meditando como poderá o rei d'armas encaixar no brazão o elmo de Mambrino e a navalha de Figaró, sem que se descubra a allusão :—e enfim saracoteando d'um logar para outro uma velha desdentada, de barrete preto na cabeça, sapatos de setim branco, saia de cintas abaixo, seio mal-composto, e emburilhada em uma capa preta :—" É desafôro, é patifaria, grita a velha: são que horas e não vem os mais: nem o Telles Jordão, nem o Raimundo, nem o Chicoria, nem o conde de Basto ! pois não importa passaremos sem elles.—Cheguem-se para ca ; e oução :—aqui está fresquinha uma, que acabo de receber do meu sobre todos muito amado e querido irmão Fernando o *misericordioso ;* depois de me dar parte de ir melhorado do ataque, cuja repetição receio o leve para melhor vida, muito mais se cahe em consumar o matrimonio, que acaba de contrahir, elle me poem tudo em pratos limpos, dizendo-me que o Rosa Coelho é traidor, e é pedreiro ; andou visitando as lojas do Porto, e n'uma dellas servio n'uma noute de *Irmão terrivel.* Então que mais querem ? Como havia de ser elle fiel ao nosso throno, e ao seu altar, padre João ? " Aqui fez o padre João uma genuflexão muda."—Quero, e mando, que *logo logo* seja enforcado em estatua, e ratificado o acto solemnemente em realidade logo que ponha pé em terra, se for tão tolo, que caia nessa :—todos os mais degradados ja por toda a vida, *e morte* para Angola, que nem seus ossos ca voltem ; e outro sim quero, que immediatamente se escreva ao sancto Padre para que contra elle e elles fulmine a mais hedionha excomunhão, que possa encontrar-se nos archivos do Vaticano." Aqui se alevantou o conde de Cintra, e com voz roufenha, e tremula, disse :—minha imperatriz, minha rainha, minha senhora, e *minha sobre todas* muito presada soberana : não espere V. M. I. cousa alguma desse padre, que é um carbonario. Não sabe V. M., que elle teve a ousadia apostolica, que teve o atrevimento pontificio de não reconhecer a legitimidade, a justiça, a fieira do direito, com que o senhor D. Miguel se ingerio no throno portuguez ? Po-

deria alguem accreditar, que aquelle, que está escarrapachado sobre a séda jerogliphica, em que montou o famoso Alexandre VI.,—esse açoute do pedreirismo,—esse refundador da nossa sancta inquisição, —esse enviador da empada de jesuitas, com que acabamos de ser presenteados, —esse bullario vivo de todas as bullas defunctas, e empoadas,—acreditaria alguem, digo, que tal santarrão reviraria o bico ao prego, e daria nos augustos foçinhos do nosso amantissimo soberano um tão redondo, um tão solemne, um tão verdadeiramente apostolico batibarbas?

Pois, minha senhora, foi assim tal e quejando a V. M. I. ora tenho a honra de pespegar-lho. A nossa esperança cahio: o melhor dos nossos pilares derrocou-se: baqueou a mais valente das nossas abobadas. Agora, Senhora, é pegar-lhe cómo um trapo quente

Roma, o utero do mundo apostolico,—Roma, o talo da arvore da ignorancia,—Roma o tutano do absolutismo, essa mesma, de quem primeiro tinhamos a esperar um reconhecimento com a assignatura de todo o sacro Concilio, com o sello de todos os protonotarios, com o barrete de todos os cardeaes, emburilhado n'uma mantinha da mesma lan, de que se fazem os pallios metropoliticos;—Roma acaba de dar-nos com os burros n' agoa.—Baldarão-se para sempre as nossas mais lisongeiras esperanças—Ai! de nós os chamorros, ó chamorrissima senhora!"—

Mal ouvidas estas ultimas palavras la desmaia a velha espumando de raiva. Ui! que esgares que faz! Os musculos zigomaticos, o buzinador, os depressores dos labios andão papos d'aranha! Que reboliço! O Pires barbi-tonsor, beatas, que com a pressa arrojão por terra o bufete,—o conde de Cintra de calçoens cahidos, e de joelhos, tudo uiva, tudo berra:—perdemos a nossa protectora—

Nisto vira o vento, e a celeuma na faina de laborar me desperta mal sabendo aonde estava, e o que acabava de ver.

Em quanto a balandra espaldeava ergui-me, e lhe escrevi estas duas regras, que muito folgarei o topem com aquelle carão de saude, com que o padre Lagosta arremette os picheis de Collares.—Seu amigalhão PALINURO.—

---

## A MAGISTRATURA PORTUGUEZA.

Nunca vem tarde a anályse de um facto cujo horror tem de passar nunca diminuido ás gerações futuras.

Em o dia 6 de Março d'este anno foram enforcados por mandado de D. Miguel, o usurpador do Throno Portuguez, cinco cidadãos, (dos quaes um apenas contava 17 annos d'idade) e seis deportados para a Africa. Na Europa, aonde vivemos não se conhecia até hoje

senão uma nação, cujo govêrno reune o podêr judicial aos dous seus attributos, a Turquia: hoje ha duas Turquias, duas Constantinoplas, dous despotas absolutissimos; porêm ô sultão Portuguez, o Fernando de Portugal, escurece quanto o precedeu, e sobrepuja quanto d'horroroso poderia appresentar-se como original para ser imitado, quer presente quer passado. Foi elle que *julgou* éstas victimas pelo decreto de 12 de Janeiro, foi elle que os lançou na forca. Elle nomeou por este decreto uma commissão para os julgar á morte; mas a commissão representou que não achava próva. O ministro do *monarcha* intíma á commissão que com essa mesma próva os julgue á morte: o ministro de Miguel julga esse o unico meio d'alicerçar o throno usurpado. Os commissarios obedecem: os homens são mortos! Quem o accreditará? Quem julgará hoje, que um Regulo, que ha dous dias visitou paizes, aonde a justiça preside nos tribunaes, se cegasse como ella, não para cortar a direito, senão para despedaçar a innocencia!

No decreto de 12 de Janeiro diz o despota, que se processem 8 pessoas que designa n'uma lista a elle annexa, que se apprehenderam *dentro* do quartel da Brigada da Marinha em Lisboa. Os juizes so acham *um* que foi apprehendido *dentro* do quartel: todos os mais são apprehendidos *fóra* do quartel: e todos são mandados matar! Na lista do decreto dizem-se *todos* presos no Castello; os juizes acham-nos no Aljube!

No decreto dá-se podêr á commissão para processar os reos apanhados em flagrante delicto: e nem ha corpo de delicto, nem próva de crime, e todos menos um, são presos *fóra* do quartel que o decreto designa como theatro da revolução, do *crime!*

Este infame decreto enfim termina revogando, annullando, e destruindo todas as leis, que marcam a ordem do processo, ordem marcada pelo direito público, ordem alicerçada no direito natural, que não está ao alcance da impia mão do homem alterar sem crime. Mas os homens são mortos! Milhares de Portuguezes bebendo a morte na miseria dos carceres esperam a cada momento um fado identico! E as nações, ou antes os governos são expectadores frios da barbaridade inaudita do despota, e o despota reina! Esmaga-se a humanidade, tyranniram-se innocentes, um ladrão público, um roubador d'um throno é tolerado, é....

Amontoam-se fôrças sobre Argel porque se matou um homem:—auxilia-se uma nação, que busca a sua liberdade, e se oppõe a um despota mas legítimo occupante segundo o direito Europeo:—e vê-se, e tolera-se com indifferença o destruidor d'uma nação, que conta alliados, que tem uma senhora legítima do throno usurpado! Não será ésta nação composta d'homens? Dão-se as nações as mãos para abolir o feio e torpe trafico da escravatura dos negros; e não serão os brancos dignos d'igual sorte? Quem dicta aquella medida

é o interêsse ou a philantropia? Se as nações são communidades separadas, a humanidade perfaz uma so communidade.

Mas houve uma sentença. Sim, houve uma *fórma* de sentença. O Brigadeiro Moreira acha-se no quartel: mas esse quartel não é alheio, é o seu proprio quartel. E que fez elle? Aonde está a próva do facto que o fez criminoso?

Gomes, e Lopes, diz a sentença, nunca estraram no quartel. Foram vistos á porta d'elle. E é isto um crime?

Scarnichia é visto entre os magotes de gente na calçada de S. João Nepomuceno, e á Boa-vista: mas não ha *duas* testemunhas que o vissem: a sentença confessa, que as testemunhas são singulares isto é, cada uma depõe d'um facto singular. Elle nega. Aonde está a próva?

Chaby e Antunes são presos adiante da Bica dos olhos distante do quartel. Mas que fizeram elles para o deverem ser? Eis-ahi o que não diz a sentença.

Joaquim Vellez Barreiros! Aqui cresce o horror. É preso um homem, que dá o nome de Joaquim Vellez. Este homem descreve-se de sôbre-casaca, chapeo redondo, e com um guarda chuva subindo o beco d'Esfola-Bodes: assim o diz a sentença. É-lhe imputado associar com outros sem os designar, e diz-se que se *presume* mau como elles. Carrega-se ésta presumpção dizendo-se que elle occultára o sobrenome Barreiros, e bem assim occultára que fôra condemnado em 22 de Maio de 1824 não so a ser expulso do serviço como indigno, mas tãobem em 6 annos de degrêdo para Angola, de que fôra perdoado com certas restricções por decreto de 3 de Junho do mesmo anno, sôbre o que sendo interrogado, se calou. Manda-se por isso, e so por isto enforcar um homem!

Mas quem é este homem, que se enforca? Por certo não é esse Joaquim Vellez Barreiros, porque este está em Brest com os seus irmãos d'armas que seguem o caminho da honra. O homem que se enforcou é o bravo Coronel Perestrello! Quem póde crê-lo! Quem póde crer que se mande matar um homem por outro! Quem póde crer, que os suppostos crimes d'um sejam base para levar á forca outro que talvez o não conheça, nem visse nunca? Como occultou o sôbre-nome Barreiros, quem nunca se chamou nem Barreiros, nem Joaquim Vellez? Que poderia Perestrello offerecer contra os crimes d'um nome, que não era o seu, d'uma pessoa, que não era elle? Aonde verificaram os juizes a identidade, como a lei lhes manda? Que mostra isso senão que se tomou uma victima a esmo, que se cumpriu a vontade d'um despota, que se matou um homem *fosse quem fosse*, por que o barbaro despota, o horroroso ministerio do despota quiz que se matasse um homem, fosse innocente ou culpado?

Alves é prêzo, e degradado sem próva d'uma so testemunha. Torres é degradado, porque se fez suspeitoso á patrulha, que o prendeu. Mas Pereira d'Eça! Aqui arremata o horror da sentença.

Eu não deixarei de transcrever as palavras da sentença, que são éstas. "Próva-se que fôra prêzo perto do quartel da Policia do beco do carrasco em razão de vir áquella hora (1 da noute) coberto com um capote branco, e ainda que foi apalpado dentro da caza da guarda, e nada se lhe achasse, comtudo como *no dia seguinte* appareceu uma espada curta juncto á dicta caza da guarda *se presumiu* ser d'este reo, não so porque o cinto, em que estava mettida lhe ajustava perfeitamente ao corpo, mas porque o local da achada não dava idea alguma, de que outro fosse o dono della: e é quanto consta da parte, que deu a dicta guarda da policia."—

Este escandalo, este horror, este desavergonhamento judicial não tem nome, nem parelha na historia do fôro. Todo o crime que aqui há é o ter um *capote branco* quando foi prezo, porque o reo o não negou. Quem póde n'ésta inculpação reconhecer outro facto, crime ou não crime? Qualquer commentario destruiria a negrura deste horrivel julgado.

Disse um celebre auctor que a melhor historia d'uma nação era a sua legislação, e a mais exacta próva da sua civilização a anályse dos seus julgados.

Venham, appareçam os sustentadores do monstro Miguel,—saiam a campo os satellites do despota: eu os desafio: sustentem este julgado e seja juiz o diabo; o diabo mesmo confessará a injustiça, e a torpeza d'uma sentença, que deve manchar para sempre os nomes dos indignos,que a subscreveram—são elles:—Relator João Manoel Guerreiro d'Amorim. Agostinho Luiz da Fonseca. Jose Maria Dantas Pereira. Gabriel Antonio Franco de Castro. Antonio Gomes Ribeiro. João de Mattos e Vasconcellos Barboza de Magalhaens. Antonio Jose Guião. Jose Joaquim da Cruz.

Entreguem-se estes nomes á memoria dos reprobos, e a Providencia Divina um dia vingará a causa da innocencia. Terminemos este artigo com uma so reflexão. Tracta-se de punir uma revolução contra um Govêrno, e nem uma so palavra se menciona, que indique *a favor de quem essa revolução se pertendia fazer!* O nome da Senhora D. Maria II. nunca se repete. Eis-aqui a consciencia do despota! Eis-aqui a convicção dos juizes da illegitimidade da causa que sustentam! Oh! como a verdade é valente, e a razão poderosa! Impios! o sentimento do crime assoalha o crime—Tremei da mão do Eterno! Dizei, ó satellites do monstro: respondei vós-mesmos, juizes indignos: um paiz, onde a justiça é tam escandalosamente manchada, e deturpada;—uma sociedade, cujos membros teem a vingança por lei, o crime por norma, o vício por

moral, póde esse paiz, póde essa sociedade manter-se por muito tempo equilibrada? Qual é o resultado necessario d'esse embate d'interêsses? Eu respondo por vós:—a sua dissolução—a ressurreição do reinado da Lei—o triumpho da virtude.

---

EXTRACTOS DOS JORNAES FRANCEZES, INGLEZES E ALLEMÃES.

*Regio de Modena*, 11 *de Septembro.*—Hontem partiu daqui para Cambery uma expedição de Jesuitas em quatro caleças. Diz-se que éstas boas almas se aproximarão de França, onde esperam entrar para os primeiros dias de Novembro.

O reverendo padre *Giovanelli* e mais oito Jesuitas partiram a 4 do corrente para Lisboa; *Giovanelli* é um dos homens mais intolerantes da ordem, e amigo íntimo do façanhoso padre *Roothaan.*

*(Constitucionnel de* 21 *de Septembro.)*

As gazetas do Rio de Janeiro, de 6 de Julho, annunciam que se recebeu alli a notícia das execuções que tiveram logar no Porto, no dia 7 de Maio. Dom Miguel é tratado de usurpador; chama-se monstros aos Juizes que condemnáram homens fieis ao seu Soberano legitimo. A linguagem d'estes Jornaes dá bem a conhecer as opiniões de Dom Pedro a respeito do porte de seu irmão; por que, no estado em que actualmente se acha a imprensa do Brazil, nenhum jornal fallaría tam livremente do que vai em Portugal, se não tivesse a sancção do Monarcha Brasileiro.—(*Messager des Chambres do* 1o *d'Outubro.)*

*Portugal.—Lisboa*, 17 *de Septembro.* Entre os successos que teem tido logar no nosso seculo, os que acabam de occorrer n'este paiz offerecerão sem duvida á historia materia para mui sizudas reflexões; nem são para desprezar as importantes consequencias que o desfecho dos negocios do desgraçado Portugal póde ter na ordem politica das Nações.

Um grande negócio se apresenta á consideração dos gabinetes europeus; é preciso que elles se declarem; é preciso saber se ha caso em que a politica exija que as Potencias, depois de terem reconhecido e tomado debaixo da sua protecção a legitimidade d'uma Princeza, fiquem indifferentes a que o reino lhe seja usurpado pelo monstro que elles levaram a Portugal, em virtude de rogativas e insinuações feitas ao Soberano, que abdicou a coroa em favor d'aquella Princeza, Sua Augusta Filha: por que este é verdadeiramente o estado da questão portugueza. Nós não julgámos que a politica possa exigir dos monarchas tal sacrificio, por quanto sacrificando elles os direitos da Rainha de Portugal, sacrificariam os seus proprios interêsses; isto é, a confiança que as promessas dos Reis devem inspirar aos povos. E como se póde explicar a innacção

das Potencias a respeito da usurpação de Dom Miguel ¿ Dir-se-ha talvez que os gabinetes estrangeiros se imposeram a lei de não intervir nos negocios internos d'um paiz; porem não ha muito tempo que nós vimos violada esta lei, quando a Austria mandou um exército á Italia, e a França outro á Hespanha para destruirem as constituições organizadas pelas Cortes; e podiamos tambem citar o exemplo de Inglaterra, que por motivo opposto, isto é, para sustentar uma consstituição mandou um exército a Portugal no anno de 1826. Ainda que o ministerio inglez publicou que o fim da expedição era impepedir uma aggressão da parte da Hespanha, quem não viu que tudo isto não passava de simples pretexto? quem não viu que a Hespanha, paiz miseravel, sem soldados, sem navios, sem dinheiro, nada podia emprehender contra Portugal que não fosse alimentar e proteger com falsas promessas as tentativas de alguns frades ou fanaticos?

A conducta das Potencias para com os Gregos não offerece outro exemplo de que a politica aconselha intervenções quando a humanidade as reclama? E certamente os Gregos não viviam mais desgraçados sob o jugo de Mahmoud, seu soberano legitimo, do que os Portuguezes vivem sob o de D. Miguel, usurpador da Corôa de Dona Maria.

Resulta pois que a inacção das Potencias a respeito de Portugal não é devida ao principio da não-intervenção. Dir-se-ha por ventura que as Potencias receiam ver a liberdade ressuscitada em Portugal, no dia em que a corôa d'este reino fôr collocada na cabeça da sua joven rainha legítima.

Com tudo, como é possivel acreditar que a França, a Austria e a Inglaterra, que reconheceram a legalidade da Carta outorgada por Dom Pedro, e que aconselharam muitas vezes a D. Miguel que a mantivesse, queiram hoje oppôr-se ao seu restabelecimento? Estas Potencias perdem e não lucram em que Portugal seja riscado da lista das Nações; mas a continuação do systema ruinoso, seguido n'este paiz, favorece mais que muito as miras ambiciosas de Hespanha, que deseja por todos os modos apoderar-se de Portugal.

Por outro lado, não é do interêsse dos gabinetes oppôr uma barreira á explosão, que mais tarde ou mais cedo deve rebentar na Peninsula, visto o estado de oppressão que n'ella reina? E não tem a experiencia mostrado que ésta barreira não se forma de cadafalsos e de perseguições, senão de leis que protejam a vida, a honra e a propriedade dos habitantes? De que teem servido as execuções frequentes feitas em Hespanha e Portugal, se não de exasperar os povos? E se a uma voz rebentar a explosão, e se commetterem excessos, quem deve ficar com a responsabilidade? Não serão aquelles que, podendo atalhar os males os deixaram accumular e crescer?

Os povos, a pezar do que dizem os absolutistas, estão cançados de revoluções, e é por isso que elles pedem leis sábias, garantias contra a ambição das *facções* inimigas da civilisação e da prosperidade das nações. Nós julgariamos ter insultado as Potencias Europeas se pensassemos que ellas queriam agora privar a nossa querida patria das instituições que D. Pedro tam generosamente nos concedeu: ousamos ainda esperar que os Soberanos, tomando uma resolução digna d'elles, cumprirão as promessas que fizeram ao Imperador do Brasil—de garantir os direitos de Sua Augusta Filha D. Maria á Corôa de Portugal, e justificarão as memoraveis palavras d'um Rei de França, que dizia: "Quando a fidelidade nas promessas fôr banida da face da terra, é entre os Reis que ella deve achar um asylo seguro."

Lisboa parece uma cidade conquistada; a tropa está sempre nos quarteis; os batalhões de policia militar dobraram em numero, e deitam agora maióres patrulhas. Os voluntarios miguelistas do Duque de Cadaval velam dia e noite; ninguem póde sahir de casa depois das nove horas da tarde, e se por ventura se ouve arruído, por pequeno que seja, em alguma casa particular, os voluntarios sobem as escadas, forçam as portas, e accusam o dono da casa de se estar regosijando com as notícias da Terceira.—(*Constitutionnel do 1 d'Outubro.*)

*Paris* 4 *de Outubro*—Diz-se que o Rei sai amanhãa para Compiegne, onde tenciona demorar-se uma semana, e depois espera-se em Fontainebleau. Antigamente quando tinham logar similhantes jornadas, eram motivadas pela mudança de ministerio. Conservar-se-ha agora este antigo costume? Muita gente assim o pensa. Algumas medidas tem sido adoptadas, segundo se observa por personagens diplomaticas, cuja influencia na escolha de candidatos ministeriaes é notoria. (*Messager des Chambres*)

*Londres* 7 *de Outubro.*—Hoje teve logar um conselho de gabinete, na secretaria de *Downing Street*, que parece ter tido por objecto alguns arranjos para a reunião do Parlamento. Os membros do conselho jantaram com o Duque de Wellington na sua residencia junto á secretaria.---(*Star.*)

*Idem.*---Cartas da Terceira dizem, que dois dias depois do ataque feito á Ilha pela esquadra de D. Miguel, que tam briosa e denodadamente foi battida por a brava guarnição dos subditos fieis da Rainha D. Maria, alli chegára um navio de Gravesend com vinte mil livras esterlinas (duzentos e quarenta mil cruzados) para pagamento das tropas.—(*Davenport Tel.*)

*Idem.* O Govêrno recebeu despachos de Constantinopla com data de 16 de Septembro annunciando que se tinha assignado a paz entre a Turquia e a Russia a 14 do mesmo mez. Diz-se que as condicções

são as seguintes. O restabelecimento dos antigos tractados principalmente o de Akerman: a livre passagem do Bosphoro para os navios alliados das duas potencias; porém navios de guerra so os Russos entrarão no Mar Negro: os privilegios dos principados da Wallaquia e Moldavia confirmados e garantidos, e tornados a unir aos dittos principados seis districtos que a Turquia tinha separado: todas as fortalezas e praças na margem esquerda do Danubio pertencerão aos principados e serão exemptos de guarnição Turca: Ghuigervo sera demolido: Poti, Anapa e Akhalzik cedido á Russia: todos os Christãos do Imperio Turco poderão emigrar levando comsigo as suas propriedades: uma indemnização paga pela Turquia á Russia pelas despesas da guerra de doze milhões de ducados: o pagamento d'ésta somma garantido pela occupação da Moldavia e Wallaquia. *(Courier 8 de Outubro.)*

*Idem.* A pezar das contradicções de que tem sido objecto os artigos que temos publicado annunciando ter-se assignado o tratado de paz entre a Turquia e a Russia, podêmos outra vez segurar que a paz sê assignou em Adrianopoli, e que se os nossos Ministros não receberam éstas notícias, deviam tê-las recebido: com tudo a azafama que tem havido nos membros do gabinete, como se ve no *Court-Circular*, mostra que elles sabem alguma coiza. Ja mais de uma vez temos preparado o público para que não esperem condicções mui doces do Imperador Nicolau: moderação faria honra áquelle monarca; mas qual é o conquistador que poupa um inimigo a quem póde destruir? Porêm se o Imperador Nicolau se exceder, hade ouvir representações das Potencias da Europa que o hãode obrigar a retirar a sua espada da concha da balança contra a Turquia. *(Times 9 de Outubro.)*

*Idem.*—Recebêram-se ésta manhan na Secretaria dos negocios estrangeiros, despachos de grande importancia enviados pelo muito honrado Roberto Gordon, nosso embaixador em Constantinopla. Um dos mensageiros do rei, que desembarcou do vapor *Attwood* vindo de Rotterdam a Margate, foi portador d'estes despachos, que deram causa a reunir-se conselho de gabinete. *(Star 9 de Outubro.)*

*Idem.*—Os papeis Americanos recebidos no American Coffee House chegam até 15 de Agosto inclusive, e annunciam que a expedição sahida da *Havanah*, para obrigar o Mexico a ser novamente colonia de Fernando VII., desembarcára em *Tueoluta*, e tomára posse de *Tampico* no dia 5 do referido mez de Agosto. As fôrças europeas são trez mil homens commandados pelos Generaes Arredondo, Llorente, e Barradas. O primeiro ficou guarnecendo *Tampico*, em quanto Llorente marcha sôbre *Tuspam*, e Barra-

das avança pelo interior para fazer diversão ás tropas da Republica. Accompanha ésta expedição um frade por nome Pedro Indela, que há quatro annos foi expulso de *Tampico*, por conhecido espião da mãe patria. Este frade parece ser o agente primeiro da apostolicismo, que se pertende transplantar no Mexico, approveitando alguma desunião que existe entre os subditos da Republica.

O general patriota St. Anna sahiu deVera Cruz com grande número de tropas para repellir os invasores. Fez uma energica proclamação no dia 3 aos seus soldados, e marchou ao encontro do inimigo. O govêrno tomou energicas medidas de defeza, e na capital d'aquelle opulento territorio, reinava socêgo, parecendo todos animados de um só desejo, qual o de se deffender, até á ultima extremidade dos aggressores,preferindo a morte ao jugo ignominioso da oppressão.

As pequenas dessidencias que existiam entre os chefes da republica, tinham cessado, e cada um tratava dos meios de resistir ao inimigo commum, que com o mel nos labios, e o fel no coração offerecia condições honrosas aos que dobrassem a cerviz ao podêr inquisitorial.—(*Star* 9 *de Outubro.*)

*Paris,* 5 *de Outubro*—Recebemos notícias de Constantinopla, com a data de 10 do passado, e somos informados que a sublime Porta consentiu tratar a paz sobre as seguintes bazes:

1. Livre navegação do mar Negro, Bosphoro, e Dardanellos, para os navios mercantes de todas as nações que estiverem em paz com as duas Potentias.

2. Demolição das fortalezas de Ghuergevo.

3. Cessão na Asia de Poti, Knapa, Akhalzik, e parte do seu territorio adjacente.

4. Indemnisação de onze milhões e meio de ducados, dos quaes milhão e meio deve ser pago em trez prestações, com o intervallo de seis mezes, e os restantes em dez pagamentos annuaes. O pagamento d'esta somma fica garantido pela occupação da Moldavia e da Wallachia. A Porta tem de o direito de opção para poder solver a divida em mais curto periodo: e os Russos entregarão immediatamente as provincias occupadas depois de se realizar o pagamento total da indemnização.—*(Moniteur—parte não official.)*

*Paris* 6 *de Outubro.*—El Rei deu ordem para que as suas tropas, que se achavam na Morea, embarquem immediatamente de volta para França.—(*Moniteur.*)

*Idem* É mais facil de conceber do que do explicar o não ter o nosso govêrno publicado as noticias que tem recebido de Constantinopla. De que o govêrno as tem recebido é impossivel duvidar, porque não ha casa de commércio em Londres que não tenha recebido cartas

dos differentes portos do Oriente, e quando chegão correios extraordinarios de todas as cortes da Europa a cada momento. A conclusão que naturalmente se tira desta conducta misteriosa é que as condições, impostas pelos Russos são particularmente desfavoraveis ao nosso govêrno, que ficou tanto mais surprehendido por isso mesmo que as não esperava. Alguns dos periodicos assalariados pelo govêrno ja o tem dado a entender preparando os seus leitores para condições mais severas do que originalmente se tinha conjecturado. As condições que publicam os jornaes francezes são ; o pagamento de cinco milhões esterlinos para as despezas da guerra ; a cessão dos principados até o pagamento final ; a cessão das fortalezas que dominaõ a costa meridional do Euxino ; e o livre direito de navegar pelo Bosforo. Se os termos são ainda peores que estes não sabemos, mas o que sabemos he que estes mesmos acabão a Turquia dentro em muito poucos annos. Se os Russos possuirem a Moldavia e a Wallachia até que os Turcos pagem cinco milhões esterlinos então hao-de possuir até ao dia de juizo estas provincias menos, que o govêrno o Inglez seja tolo bastante para pagar a multa pelo Sultão. A cessão da praia meridional do Euxino deixa a Asia menor sem defeza, e ao mais leve aceno do sceptro Russo extinta a dominação Otomana até ao Tauro. O direito de passagem dos Dardanellos he virtualmente o direito de tomar Constantinopla cada vez que isso approuver á corte de Petersburgo, e não só de tomar Constantinopla mas de cubrir o Mediterraneo com esquadras, que pelos grandes recursos de as construir e armar podem em breves annos subplantar toda a fôrça marítima da Europa ; e em fim o Egypto,a Grecia,as Costas da Barbaria tudo sera Russo dentro de vinte annos, se isso for do bel-prazer do Czar. A posição da Russia he neste momento aquella que imaginaría um conquistador no momento da mais exaltada ambição. Inaccessivel por si mesma, ella confina por todas as partes com as mais bellas regiões do mundo. Olhando do seu trono solar para o éste ella vê a Persia a seus pés e a India apenas alêm de sua garra. Para o oeste vê a Polonia debaixo do seu sceptro, e toda a extenção do continente Europeo involvido naquella preplexidade miseravel de interesses promovida pelas traições dos Gabinetes, a desafeição dos Povos e a criminosa ambição dos Soberanos. He por tanto so em Inglaterra que ella ve como vio Napoleão, hum verdadeiro antagonista. O exemplo solitario de hum povo ainda livre devia ser hum obstaculo á escravidão do genero humano. Mas ha tempo em que até a liberdade se cança da continua luta que tem de sustentar para sua conservação—em que os recursos nacionaes estão exaustos, e em que, o desprezo que inspirão os governantes faz a nação mais briosa insensivel a huma mudança. *(Court Journal* 10 *de Outubro)*

## ODE PINDARICA

### AO CONDE DE VILLA-FLÔR

#### SOBRE A VICTORIA DA TERCEIRA.

*Alta rocca munita,*
*Ove si eterna Liberta diletta,*
*Trono, onde aurate Leggi impone e detta*
*Alma Giustizia di quaggiú sbandita:*

..............................

*Sacrato altar di fede*
*Scola di Marte alle crudel giornate,*
*Onde ha Palme ed Allor la nostra etate....*

..............................

*Tu benigna il sentiero,*
*Apri nel salsi umori*
*Di Febo al Messagiero,*
*Che spargo novi d' Elicona Fiori*
*Del* gran Guerriero *ai numerosi onori.*

*Chiabrera. Canz. 3.*

---

Strophe 1ª.

Salve, do oceano portentosa filha,
O' inclyta Terceira!
Onde dos Lusos novamente brilha
A virtude guerreira!
Aonde augusta liberdade ovante
Da corrompida Europa se retira,
A ti, hoje triumphante
Consagro as cordas da Thebana lyra.

Antistrophe 1ª.

Dos largos mares procelloso espaço
Sulcar não m'intimida,
De Cirrha o vento não me sopra escaço,
E Phebo me convida:
Ao Vate ousado que d'Elcia Fronde
Tece perennes c'rôas ao heroismo,
Franqueia as praias, onde
Encontrou justa pena o despotismo.

Epodo 1º.

C'o a verde rama que no sacro monte
Destinaõ aos heroes as sacras Musas,
Ao fido chefe das phalanges Lusas
Cingirá minha dextra a nobre fronte:

Sublime Clio em sonoroso verso
Mandará Villa Flor pelo universo.

Strophe 2.ª

Monstro sedento de ruina e sangue,
Da natureza injuria,
Que tem nos ferros Lusitania exangue,
Raiva em damnada furia :
Parricida brutal, cruel tyranno,
Alimentado em crimes e impiedade,
Em seu delirio insano
Jura guerra á virtude e á liberdade.

Antistrophe 2ª.

De vis escravos assassino bando
N'altos baixeis te envia ;
Fructos d'horrores mil ja saborando
Surrio-se a tyrannia :
Pequeno campo ao uzurpador se antolha
Lyzia de sangue e lagrimas coberta,
Teus livres cerros olha,
Nova ceára a seu furor aberta....

Epodo 2º.

Mas em vão! que dos tigres impia cohorte
Que o horror e assolação levão com sigo,
Em teus rochedos, exemplar castigo
De seus perjurios, topará co'a morte :
Lusos, que inflama a liberdade e a gloria
Nas batalhas seguio sempre a victoria.

Strophe 3ª.

Ah nunca, ó patria, permittesse o fado
Que teu solo ditoso,
Perfidia estranha houvesse penetrado
Com manto caviloso!
Foramos, neste seculo de crimes,
Quaes o universo ja nos vio outr'ora,
Quando tuas náos sublimes
O mar coalhavão onde nasce a aurora!

Antistrophe 3ª.

Da liberdade os filhos teus amantes
Suavão pola gloria,
De quem as Musas em canções brilhantes
Celebrão a memoria!
Mas hoje de taes paes torpes bastardos
Rasgão-te as proprias maternaes entranhas!
Traidores e cobardos
Vendem-se ao oiro das nações estranhas!!!

Epodo 3º.

Não todos: inda, soberana Musa,
Dignos dos loiros do Heliconio templo
Portuguezes heroes honro e comtemplo
Victimas, e não réos da infamia Lusa;
Mas para as bocas occupar da fama
Terceira agora minha lyra chama.

Strophe 4ª.

Debalde centos de canhões trovejão
Fulminando teus muros,
P'ra lançar-te os grilhões em vão forcejão
Os batalhões perjuros:
Que na frente da Lusa juventude
São nada os vís escravos do tyranno:
Lealdade e virtude
Podérão mais que seu furor insano.

Antistrophe 4ª.

D'Ipsara e Scio miseranda sorte
Desleaes te destinavão;
Se impios ministros d'exterminio e morte,
Tua altivez domavão,
Mais barbaros que o Tartaro cruento,
Cedendo da facção ao monstro feio
Em seu rancor violento
Anhelavão crueis rasgar-te o seio!

Epodo 4º.

Menos ferozes em tua praia outr'ora,
(Que dos tyrannos á oppressão resiste)
Do hispano uzurpador as hostes viste,
Que o traidor bando que te investe agora;

Mas lida em vão para fazer sugeito
Azilo da honra que banio do peito.

Strophe 5ª.

Que firmes como as rochas em que battem
As ondas do oceano
Lusos fieis como leões combattem
As hordas do tyranno:
Debalde o chefe da perjura gente
Brada pola victoria, ardor lhe inspira,
Ferido mortalmente
Nosso triumpho encâra e câe e expira....

Antistrope 5ª.

Em vez do sangue em que apagar pretendem
A sede abominosa
Vem correr o seu proprio; e ja se rendem
A' fé victoriosa:
Lá do estrangeiro a cavilosa insidia
Não desarma traidora o Luso honrado,
Nem succumbe á perfidia
O claro vencedor de Cruxe e Prado.

Epodo 5ª.

Quando forjo os farpões na argiva incude
Puno a calumnia, o crime atroz fulmino;
Mas nos canoros sons d'immortal hymno,
Folgo se tenho a celebrar virtude:
Baixo zoilo impotente em vão m'accusa,
Préza a verdade só minha aurea Musa.

Strophe 6ª.

Estas que em Dirce colho eternas flores,
Devo-as á heroicidade;
Villa-Flôr, e Menezes defensores
Da Lusa Liberdade:
Que se por ella, fados hoje adversos
Entre elles combatter me não permittem,
Em meus sublimes versos
Farei que feitos taes inveja incitem.

Antistrophe 6ª.

Grato espetac'lo a quem estima a gloria
Foi mavorcia carnagem:
Vencido imigo, o campo da victoria
Premio d'alta coragem:

Mais grato ainda se inflexivel sorte
Nos não roubasse tanta illustre vida,
Mas tam brilhante morte
E' sempre dos heroes appetecida!

Epodo 6ª.

Porem scena maior, mais lizongeira
La observo entre os heroicos vencedores,
Off'recendo aos vencidos invasores,
Na amiga mão pacifica oliveira!
C'um doce abraço pagão desta sorte
A quem supplicios lhes levava e morte.

Strophe 7.ª

Perfidos campiões da iniquidade,
Coripheos da impostura,
Apprendei dos heroes da liberdade
A justiça, a brandura:
Frustrada pretenção! a tyrannia
Não se peja de crimes, e torpeza
D'horror, d'hypocrisia,
Com que enxovalha os ceos e a natureza!

Antistrophe 1º.

Embora: da impiedade o negro exemplo
Não segue o varão justo:
Ganhou assim Aristides no templo
Da Fama eterno busto:
Livre peito que pugna com lealdade,
A favor do legitimo Sob'rano,
Respeita a humanidade,
Veda correr o sangue Lusitano.

Epodo 7.ª

Porem é tempo de colher da Lyra
Em tanto mar, ó Musa, as soltas velas:
Assaz cantar não póde acções tam bellas
Quem no injusto desterro, oh dor, suspira!
Quando em ferros a Patria, geme, e em pranto,
(Effeitos da traição!) enfada o canto.

*(Communicado.)*

## O CHAVECO.

*Londres, quarta-feira* 14 *de Outubro de* 1829.

As tres importantes questões que hoje se agitam na Europa e nas quaes d'um lado e outro se empenham com toda a fôrça os dous partidos em que ella está dividida são a existencia do gran'Turco, a de D. Miguel e do actual ministerio francez.

Por mui diversas e disparatadas que éstas questões pareçam, ellas estão todavia ligadas em um princípio unico e para assim o dizer *inextricavel: princípio* que ou hade triumphar em toda a sua plenitude sobrepujando (por agora) a omnipotencia da civilização, vencendo (momentaneamente) a causa da humanidade, da religião e da monarchia, e pondo em risco imminente a segurança e tranquillidade do mundo;—ou hade ser destruido pela crescente e colligada fôrça dos interêsses dos povos e dos reis, pelo grito da humanidade e pela voz dá religião.

Todos sabem que este *principio* ja tam formidavel, hoje tam fraco, hoje agonizante mas luctando em suas horas derradeiras com o extraordinario esfôrço, fôrças e tenacidade que se observam nos ultimos paroxysmos de um afogado,—este *principio* é o da *oligarchia* europea, que igualmente inimigo da auctoridade Real e da felicidade do povo, não quer senão subjugar aquella e infelicitar este para reinar so e indisputado entre o terror e a desconfiança, e sôbre as ruinas e a miseria.

Um rei sabio e justo, que apprendêra na escolha da desgraça, que havendo peregrinado longamente no exílio e visto os *costumes e cidades de muitos povos* (na proverbial expressão de Homero) *apprendeu a salvar-se a si e aos seus,*—sobe ao throno herdado, e firma sua restaurada auctoridade nas bases da lei, da justiça e da felicidade do povo. Tal é a historia da Carta franceza. A nação fatigada de revoluções recebeu com gratidão e abraçou sinceramente a nova lei e a antiga dynastia. Mas os jurados inimigos dos reis e dos povos não tardaram em metter-se no meio, e fomentaram entre este rei e este povo a discordia e desunião na qual so elles podem

lograr seus intentos de dominação absoluta. Ora vencidos ora vencedores, assim teem entravado (não cortado nem impedido, que a tanto nem chegam) os passos da nação franceza para a consolidação da monarchia legal e representativa, unica fórma de govêrno estavel em uma nação europea e civilizada. Os erros do partido constitucional em França trouxeram a reação violenta e louca do partido oligarchico que agora mas em vão lucta para segurar o podêr no mais civilizado paiz do globo. Tal é a historia do actual ministerio francez.

Uma nação antiga, e a de mais illustres tradições e mais veneranda historia que habita o velho mundo, saccudiu o insupportavel jugo da tyrannia asiatica. Todos os povos da terra a applaudem e sympathisam com ellla; todos os gabinetes cedem diante da fôrça da opinião, e sem vontade de a ajudar, não ousam todavia oppor-se-lhe abertamente. A Inglatera e a França parecem em fim ceder á voz da humanidade e da religião, e ir em seu auxílio. Mas ou se arrependem ou temem, ou depoem a máscara.—A Russia ve os seus interêsses onde os outros foram tam cegos que não viram os seus; e toma a empreza que elles abandonaram por mui errados calculos. A oligarchia europea foi enganada, zombada, mofada, *burlada* em seus planos; e a liberdade da Grecia, que podia ser o instrumento da salvação da europa e o fiel da balança de seu equilibrio, não virá a ser senão mais um peso na concha d'esta desequilibrada balança em favor da Russia. A Turquia poderá talvez continuar a existir *nominalmente* na Europa, mas *realmente* ja expirou para sempre; o Sultão ja passou o Bosphoro, ja é um Rajá da Asia, fique a sua côrte ou não *provisoriamente* na Europa, elle ja não é da Europa, ja d'ella não faz parte, ja não é uma potencia d'ella, ja não entra como *entidade* nos seus calculos.—Eisaqui a questão da existencia do Gran'Turco.

Portugal miseravel e perdido é salvo da destruição por seu legitimo rei: as antigas instituições da monarchia Portugueza restauradas e accommodadas ao seculo e precisões actuaes promettem a sua rege

neração pelo *unico* modo que uma nação se felicita perfeita e estavelmente; *a cordial união do soberano e do povo.* A oligarchia europea alevanta-se contra este soberano, desthrona-o, despoja-o da coroa, põe-na sôbre a infame cabeça de um monstro de quem até ja seus proprios protectores se envergonham. Enganos, fraudes, fôrça aberta tudo se emprega para impor o novo rei á "reluctante" nação. Mas nada conseguem: o povo portuguez cede mas não se conforma; vence-o a fôrça mas não o convence. O usurpador treme diante dos seus escravos: amontoa cadafalsos, e não se acha seguro de traz d'elles; abre vallos de sangue entre o throno roubado, e a nação, e não se julga deffeso com elles. A oligarchia europea acconselha hypocrisia e moderação; o usurpador responde, que em derribando as forças, cai o seu throno, e que não tem outro sustentaculo.—Perdem-se em estratagemas e subterfugios; e bem como a existencia do ministerio jesuitico em França, do Sultão em Constantinopla, a de D. Miguel em Lisboa, vacilla em sua mal fundada base, ameaçada do odio dos povos, da pessoal malquerença dos reis e apenas sustida ephemeramente pela cega, pertinaz e enfatuada oligarchia.

E serão distinctas éstas tres questões? Não são de certo: os factos estão publicos: a embriaguez do partido oligarchico no supposto triumpho do ministerio francez assaz claramente o disse; desde os sallões de Londres até ás bodegas dos voluntarios miguelistas em Lisboa, o grito de victoria foi unanime e unisono. Como se enganaram! O Sultão cahiu, o ministerio jesuita vai cahir, e D. Miguel vem a poz elles. O pygmeu atraz dos gigantes, o boneco de barro atraz dos colosos!

Miseravel instrumento de que se serviram seus falsos amigos, tu serás abandonado por elles. Todos te sacrificarão. Esses mesmos vis traidores que te ajudaram e a quem cubriste de honras e mercês irrisorias, esses hão-de ser os primeiros que te hão-de abandonar e trahir. As tuas proprias bayonetas se voltarão contra ti, os que te aclamaram rei de galhofa e de escarneo, te hão de insultar na quéda,

e o teu ministro favorito, o algoz, ja se ensaia para te dar *pessoaes* e irrefragaveis próvas de sua fidelidade a *teus principios.*

Os jornaes inglezes são em geral os cannaes dos embustes e artificios do partido oligarchico. O Times desertou a causa da civilisação em que havia ganhado *suas esporas* e seu nome. Outros illudidos por uma falsa idea dos interêsses britannicos, abraçam "a nuvem por Juno,"e ajudam a ruina da sua nação defendendo um govêrno pusilanime, incoherente, anti-nacional e perfeitamente impotente.

Recommendâmos aos nossos compatriotas os dous jornaes mais distinctos e honrados que hoje tem a imprensa ingleza (fallâmos das folhas quotidiannas) o *Globe* e o *Star*, a quem nem as miseraveis pitanças do Visconde da Asseca, nem o oiro de Downing Street poderam seduzir, e que so defendem a causa de Portugal porque é a causa commum da humanidade, da christandade e dos interêsses da Europa.

Mas quem diria que o que hoje apenas é honrosa excepção em Inglaterra, fórma a regra geral em França! Exceptuadas duas unicas folhas indecentes e ja marcadas com o ferrete da venalidade e de quanto ha sordido nas vilezas humanas, a imprensa franceza não é senão o orgam dos principios generosos, do verdadeiro espirito monarchico, e a magnanima defensora da causa da civilização. Não faremos especial elogio a nenhum dos jornaes francezes em particular. Continuamente os copiâmos; seus excellentes artigos escriptos com o vigor e profundidade que ja characterizou em outras epochas *passadas* as folhas inglezas, são o seu melhor e menos suspeito elogio. La não ha oiro que compre o escriptor público, nem egoismo que lhe endureça o coração e cerre os olhos, para não ver nem sentir as desgraças dos outros povos.

Alêm dos extractos dos jornaes estrangeiros que nos pareceram mais interessantes, damos hoje uma succinta analyse da pretendida sentença e real assassinato dos martyres de Lisboa. Desde o princípio d'ésta publicação que a queriamos dar, assim como a dos illustres victimas do Porto; tem-nos escasseado o espaço. Apenas hoje podêmos dar uma d'éstas analyses; na primeira opportunidade daremos a segunda. Coisas d'éstas nunca vem tarde. Aquell

é sangue que sempre hade estar fresco. Aquelle é sangue que nenhuma agua lava. É sangue innocente e glorioso que so hade deixar de bradar ao ceo quando o dia do castigo lhe trouxer vingança e justiça.

Portugal não hade ser ingrato d'ésta vez; e o sacrificio expiatorio será lembrado por muitas eras.

---

P. S. Recebêmos agora cartas e gazetas de Lisboa até 27 de Septembro. As gazetas apresentam a mesma louvavel esterilidade que tanto engrandece o *Morning Journal.* Pelas cartas temos algumas notícias interessantes. Reinava grande tristeza e desconfôrto entre o partido da usurpação. Os effeitos da derrota da Terceira vão-se progressivamente sentindo. Despachos chegados da Madeira aterraram o govêrno de D. Miguel: tratta-se de mudar a guarnição da ilha porque não contam com a que la está. A disciplina da tropa de Lisboa é tal que declarou *que não queria ir.* Dizem que se manda vir a divisão do Marquez de Chaves; mas tambem se diz que essa tem igual disciplina e que do mesmo modo declara não querer embarcar. O estado de miseria cresce todas as horas; o erario não tem recurso algum, e tudo o que havia que roubar está roubado. O grande contentamento pelo reconhecimento de D. Miguel por seu tio Fernando, desandou com muito maior "desappontamento" para elles porque ja sabem que as outras potencias se opposeram. O official traidor em quem se deu um bom exemplo da *vindicta pública* é o indecente Major Oliveira que o usurpador tinha promovido a Tenente coronel. Tinha chegado Mr. Makenzie que vai substituir Mr. Mathews no consulado de Lisboa. A fragata Britton que o conduzia, ao entrar o Tejo, salvou com desenove tiros (salva chamada de vice-rei) segundo se costuma dar a regencias, regentes e outros governos delegados; as torres não responderam por não ser salva Real como elles queriam e os embusteiros agentes que aqui tem D. Miguel lhe haviam feito esperar. Ha grande desunião e intriga entre o Conde de Basto e Mattos, da qual (como de tudo o mais) nada sabe o Conde de S. Lourenço. Recebêmos tambem copia da irrisoria sentença proferida pela alçada do Porto contra o Marquez de Palmella e mais pessoas que foram unir-se á infeliz reacção das provincias do norte em o verão de 1828. Daremos no seguinte numero a integra d'este curioso documento, e algumas circumstâncias mais interessantes d'éstas notícias que agora aqui damos á pressa.

---

*Publíca-se este semanario todas as terças-feiras de tarde (com a data da quarta-feira.) Vende-se em casa de H. Huntley No. 23 South-Audley Street, Grosvenor Square, por 9d. cada número: assignaturas até o fim do anno por 10s.*

Impresso por R. Greenlaw, 39, Chichester Place, Londres.

**O CHAVECO LIBERAL.**

No. 7. Vol. I

O'er the glad waters of the dark blue sea,
Our thoughts as boundless, and our souls as free.—Byron.

*Quarta feira* 21 *de Outubro*, 1829.

## CORRESPONDENCIA DO CHAVECO.

*Meu muito reverendo Capellão.—Abordo da Balandra tres quilhas.*

Appresso-me a enviar-lhe esse pacote de Manoel Cypriano da Costa, Escrivão do Senado da Camara

Da Rainha dos mares
Do Luso imperio gloria alta Lisboa

que ha pouco apresei no cabo da Roca. O' meu grosso amigo, confesse para aqui, que ainda não leu um modelo de disparates quejando. Quero um abraço em paga da gargalhada, com que Vm. se hade descozer ao apalpar-lhe os encalamentos. Vamos a elle.

---

*Quanto basta a respeito do dia* 25 *de Abril de* 1828.
(Lugar das Armas Reaes.)
Lisboa: na régia typografia Silviana. Anno de 1829.
Com licença da meza do desembargo do Paço.

Não he possivel sofrer por mais tempo as injúrias, e despreso com que os *suspeitissimos* na sagrada causa da legitimidade d'El Rei nosso senhor tem tratado o maravilhoso passo, dado no memoravel dia 25 de Abril de 1828 para a sua feliz acclamação; e não será necessario, que a penna cance quando della partem facilmente os

bastantes rasgos para destruir a *máscara da prudencia*, que não deixava apparecer semblantes atraiçoados.

Ou o facto do dia 25 he irregular, é abominavel nos seus effeitos; ou elle tem modelos em a nossa historia, e he respeitavel pela sua consequencia. O facto é *irregular*, mas tem modelos em 1139 por Affonso I., em 1385 por João I., e em 1640 por João IV. Não he abominavel, antes abençoado nos seus effeitos, e respeitavel na sua consequencia: logo, o facto he digno de louvor, e um documento para a historia patria; que deixará eterna a memoria da mais deliberada lealdade de uma tão benemerita capital.

Não he novo, que homens depravados appelidem por indignidade o mais heroico feito. Lord Landsdown, discipulo de Canning, atreveo-se publicamente a comparar a restauração de Portugal com a emancipação das Americas rebeldes, tendo por agentes Bolivar, e Victoria.

O senhor D. Affonso I., o senhor D. João I., e o senhor D. João IV. forão acclamados *antes* da reunião dos Estados. Os fidalgos então o fizerão, por que o quizerão; mas por que *uma parte delles* agora o não quiz, deve condemnar-se o que se fez? Então combinaram-se a sustentar os seus novos,e preciosos Soberanos: hoje fogem, e atacão os mesmos principios que então *vigoraram*; e é isto boa fé?

Dizem as Côrtes, convocadas pelo Senhor D. João IV., que só nellas reside o podêr de julgar a quem a coroa pertence de direito todas as vezes, que se suscita dúvida *entre os Pertendentes*: mas! Lisboa não vio, que o Senhor D. Miguel *pertendesse* a coroa: vio, que possuido de uma nunca vista modestia, recebia as súpplicas, e autos dos póvos, e não havia por bem deliberar-se. Neste caso o grito de Lisboa obriga a representar; a representação obriga a decidir; a decisão obriga á convocação dos braços, e os braços obrigão a acceitar a coroa. Effeitos daquella causa, e que sendo bons, sanctificão o seu princípio. E que houve neste princípio? *Petiçaõ*, e não acclamação: tranquillidade, e regosijo público. Que houve nos seculos XIV., e XVII.? Mortes no palacio, morte nas ruas, um Arcebispo da torre abaixo, *acclamaçaõ* em todo o caso, &c. e tudo valeo!!

Se se dá questão na legitimidade, quem tinha a parte dividosa ainda hoje não se dá por vencido; mas, os que não a tinhão não precisavão conselho: e quem será mais em direito, os procuradores, ou os constituintes? Os constituintes fallaram, e escreveram. (Veja-se o que proclamaram os povos, e o que escreveram os dignos tribunaes, e todas as classes) Tambem depois fallaram, e escreveram os procuradores: melhor he, que todos fallassem, e escrevessem, por que he duplicar o que já estava expressado destinctamente; mas não

he fazer mais válido o procurador, que o constituinte. A incomparavel obra—D. Miguel I.—a pag. 51 diz "Ha em Portugal duas fórmas, *igualmente legaes*, de reconhecer os Soberanos: por acclamação, e proclamação, ou em Côrtes." E quem deixa de respeitar esta insigne obra? O zeloso, e circunspecto Intendente geral da policia até repartio os seus exemplares.

Como se ha de exprimir o povo? será nos clubs secretos da maçonaria, ou no campo, como em momentos semelhantes, (e so em taes momentos licito) a respeito do 1o Affonso e do 1º João e 4o.? Aquella mesma inimitavel obra conclue: "As côrtes, por tanto legitimamente convocadas pelo senhor D. Miguel I., e a *rogos da naçaõ exprimida* nas representações das *camaras* municipaes do reino, e dos *corpos do Estado*, decidiram &c." *Note-se:* os corpos do Estado, ainda que desejavão fallar, sómente fallaram depois do senado de Lisboa: as outras camaras fallaram pelo *grito publico* dos póvos: o senado veio a representar por effeito de igual grito de lealdade no memoravel dia 25 de Abril: logo; se o facto honroso deste dia decidio o senado de Lisboa; se este foi o que entrou a El Rei, a que se seguiram nos dias immediatos aquelles dignos corpos do Estado, e se *a estes rogos* é que forão convocadas as côrtes; não póde deixar de ter decorosa primasia uma causa de que partíram taes effeitos, e effeitos, que pela sua dependencia bem provão a necessidade da sua causa. Ou (por outro modo) Lisboa em silencio, o senado mudo: mudo o senado de Lisboa, guardadas as representações das outras camaras: nada por tanto de representações dos corpos do Estado; nada de convocação de côrtes, e por consequencia nada de acclamação . . . e os tribunaes trabalhando, involuntariamente, debaixo do titulo de um Rei, que a nação em geral naõ admittia. Que anarchicas consequencias!! que anomalias!!

Portanto:

Ou se *inveja* a causa, ou se *aborrecem* os effeitos; e é de um destes sentimentos, que só parte a desapprovaçaõ de actos, que fizerão vulto, e muito excederam nos seculos 12, 14, e 17, e o ficaram sempre fazendo, como este deve fazer na historia do nosso paiz.

*Manoel Cypriano da Costa.*

---

No titulo vê Vm. logo a sublimidade d'uma receita de Botica:—QUANTO BASTA—*quantum satis*—Aqui nem o Padre Macedo subio na escolha *decente* e bem achada da sua *Besta esfolada;* primor d'arte em erudição arrieiratica, digno razoado do auditorio e *Juizo das Brabas,* producção, que immortalizará o seu auctor no Pandemonio, aonde o aguarda mausoleo alevantado pelo esquecimento no dia seguinte da sua publicação. A proposito (perdoe a digressão) quer Vm. apostar comigo, que o Padre Lagosta não tarda a calar-se

ou a ser posto fóra do Forno do Tijolo pelo seu S. Miguel? Como a sua publicação é de Besta não é de admirar, que se desferrasse: vamos ao que importa: elle merece, e eu lhe darei uma caça particular. A'vante—

O nosso enigmatico QUANTO BASTA começa por declarar-nos que ha lá entre os seus chamorros uns taes *suspeitissimos*, que dizem *injurias* e tractão com *desprezo* a memoravel acclamação do melhor dos Migueis. Isto de véras é desaforo: se ha cousa *feliz* é a tal acclamação. Tremão elles, porque o Cypriano diz, que "*não será necessario que a penna cance quando della partem facilmente os bastantes rasgos para destruir a* MASCARA DA PRUDENCIA, *que não deixava apparecer semblantes atraiçoados.*"

A isto nem o Apocalypse chega, e Newton ficaria de beiço cahido a olhar para a *mascara da Prudencia* se lhe podesse metter dente, como ficou esbabacado para a maçan que cahio sem mais nem menos.

Com quê, meu amigo, a Prudencia andava por Lisboa emmascarada para não deixar apparecer *semblantes atraiçoados*, que são os caroens dos *supeitissimos;* mas como da penna do Cypriano *partem facilmente bastantes rasgos para destruir a mascara da Prudencia, não é necessario que a penna cance*, como elle diz; e assim ficamos nós entendidos, que nem nós entendemos nem elle entendeu o que escreveu: porem isso de nada monta, porque a acclamação foi feliz, e o Cypriano hade ter uma commenda por haver destruido a mascara da Prudencia, que era o *desideratum.*

Continua o meu amigo *Manoel*: "*ou o facto do dia* 25 *é irregular e abominavel nos seus effeitos: ou elle tem modellos em a nossa historia, e é respeitavel pela sua consequencia.* O que Vm. esperaria neste dilemma de qualquer alma racional é que o demonstrador demonstrasse, que não era *irregular*, por que sendo-o não havia remedio senão ser *abominavel* nos seus effeitos, que essa era a proposição estabelecida. Ora escute agora como elle desencaixa o raciocinio—" *O facto é irregular, mas tem modellos em* 1139 *por Affonso I., em* 1385 *por João I., e em* 1640 *por João IV. Naõ é abominavel antes abençoado nos seus effeitos e respeitavel em sua consequencia: logo o facto é digno de louvor, e um documento para a historia Patria, que deixará eterna a memoria da mais* deliberada *lealdade de uma taõ benemerita capital.*

Vem ca, meu Cypriano: pois tu vês na acclamação d'Affonso I. um modelo da acclamação de Miguel *um?* Ouça, meu Padre, o discurso deste sandeu importa o seguinte:—querer que houvessem Côrtes Portuguezas antes d'haver Portugal constituido como reino Portuguez: metteu-se-lhe em cabeça, que o senhor Affonso I. foi ir-

regularmente acclamado Rei no campo, e que se devião ajuntar Côrtes para essa acclamação!

Pelo que respeita ao senhor D. João I., aqui fallou o senhor Cypriano com a jurisprudencia d'um Cujacio: a *legitimidade filial* de João I. é de véras modelo da do seu Infante D. Miguel.

Pelo que toca a D. João IV. o argumento tem a mesma paridade que tem um ovo com um espêto.

Acclamando-se D. João IV. chamou-se um successor legítimo, e expulsou-se um usurpador intruso. Qual seria o usurpador intruso occupante, que se expellio na acclamação de D. Miguel, senão elle que se levantou com o Sancto e com a esmola? Modelo desta perfidia, paridade desta alleivosia, similhança deste crime, não tem o senhor Cypriano ca em Portugal. Faça-se no bordo da Africa, e talvez so ali, se ali mesmo, o poderá encontrar.

Sim, a memoria do feito sera eterna, mas em opprobrio dos feitores: será um documento para a historia patria, porem tal, que assoalhará para sempre a degradação, a vileza, a prostituição dos chamorros do senado de Lisboa. Felizmente, que esse senado não representa a Cidade, como usurpadamente se arroga: felizmente que o facto do senado não mancha uma Cidade benemerita: elle recahe somente sobre o cólo da canalha, que nas cadeiras d'espalda, nas cavalhadas, e nas girandolas não tracta senão d'esmagar a Cidade, d'empobrecer os cidadãos, d'entorpecer o commercio, d'arruinar o trafico, e d'escravizar a industria. O que é do senado como obra particularmente sua, de seu original attributo, e desempenho é a não-excedida *immundicie* de Lisboa. Isto, senhor Manoel Cypriano, isto é seu: isto não tem *modelo*.

No resto da sua obra nos diz o senhor Manoel, o que nós presumiamos, mas que não sabiamos, que havia por la chamorros, que ja viraram casaca, e a quem agora dá o nome de "*depravados*, que appellidão *por* indignidade o mais heroico feito."—ou se o não entendemos bem, e se a invocação de Lord Landsdown é exemplo da proposição, então senhor patife, a palavra *depravado* não cabe n'um homem das virtudes de Lord Landsdown ou Mr. Canning, cujas cinzas com mão sacrilega o senhor Cypriano se atreveu a tocar.

Diga-me, Senhor Cypriano, quando diz *Americas rebeldes*, entende V. S. fallar no Brazil? Oh! que me parece que o reconheço pelo beque! Como que farejo aqui a doutrina do Lagosta! Mas isto é tão serio e tão especial, que eu o ponho ali nas cheleiras para uma descarga especial.

Ja lhe dóe aos senhores cortesãos das cortes de 1828 os muitos fidalgos, que se arredaram de prejurar e sellar a usurpação, segundo vemos desta publicação memoravel: pois ainda não viram a ante-

pôpa da nau: o rabo é sempre o peior de esfolar, e é porisso que eu creio, que o padre Lagosta se retorce desde agora.

Vai avante o nosso Cypriano charamella, e falla em *pretendentes* á coroa Portugueza; porem não se digna revelar-nos esse mysterio, e so diz que "*Lisboa não vio que o senhor D. Miguel pretendesse a coroa; vio que possuido de uma* NUNCA-VISTA MODESTA *recebia as supplicas, e autos dos povos, e não havia por bem deliberar*"—

Coitadinho deste monarcha do senado de Lisboa! Que modestia! E é bem verdade! Quem ha ahi, que não tenha presenciado a modestia com que esfola gatos, toureia touros, assassina Marquezes, arremete Irmans, empunha frascos, encafua em enxovias os innocentes, mata-os ou de vagar atormentados, ou nas forcas sem provas, e despovoa o reino? Este modesto, este clemente, este virtuoso, ha-de ser elle, senhor Cypriano, que ainda hade dar cabo dos Cyprianos, dos senadores, dos Matos, dos Bastos, e dos outros vilissimos chamorros, que hoje espedação o coração da Patria.

Vejamos enfim a pintura da acclamação, em que de véras entrou pincel de mestre. D. Miguel, ao que vemos *naõ havia por bem deliberar-se.* "*Neste caso,* diz o texto, *o* GRITO *de Lisboa obriga a representar: a representaçaõ obriga a decidir: a decisaõ obriga á convocaçaõ dos braços, e os braços obrigaõ a acceitar a coroa.*"— Bravissimo. Esta deducção é optima. O GRITO de Lisboa é o principio motor: é tudo: tudo delle deriva. E quem gritou esse grito? Vós o vistes todos, naturaes, estrangeiros, velhos, e novos, vós o vistes. Um punhado de rapazes descalços de pe e perna, faiantes do caes, d'envolta com miseraveis feirantes da Ladra, com garotos que pairão com bilhetes á porta dos theatros fisgando relogios e lenços, pago tudo pelo senhor Manuel Cypriano da Costa d'ordem do senado, e do senhor Paulo Cordeiro *e companhia*, eis-ahi a goéla donde sahio o tal grito! Eis-ahi a *naçaõ* acclamadora! Cre-lo-heis, vindouros? Estes são esses, por quem o Rei Miguel foi *gritado!* Estes *gritadores* são os povos, que proclamaram a usurpação! Esta *gritaria* é essa acclamação, esse direito do Miguel, essa base do seu throno, esse alicerce da sua legitimidade! Um lord Pechincha, o bellico Chicoria, o ladrão Raimundo, o sandeu Desembargador João Antonio, o Barbeiro da calçada de sancta Anna, o Miguel alcaide, o Padre Lagosta, o *Monsieur* Trapalhé com a *usurada*, onzenada, e estafada bolça do Visconde de Santarem na mão, eis-ahi as bozinas do grito acclamador, eis-ahi a voz unanime da nação. O' meu padre, se isto é *a naçaõ Portugueza*, queira desde ja arrear-me de Portuguez, por que dessa tal nação nem nunca fui nem o quero ser, nem o serei jamais. Veja agora, com elle desfecha nestas palavras: "*Note-se*, diz elle,: *os corpos do estado, ainda que desejavaõ fallar, somente fallaram depois do se-*

*nado de Lisboa: as outras camaras fallaram pelo* GRITO *público dos povos: o senado veio a representar por effeito de igual* GRITO *de lealdade no memoravel dia* 25 *d'Abril?*"—Aqui tem pois uma assuada, uma gritaria, um *babaré*, como dizem na Asia, uma celeuma garotal, uma vozeria de mercado de peixe, que tudo equivale á causa virtuosa e legitima da acclamação regularissima do senhor D. Miguel ! ! !

Quando tudo estava a gritar, diz o senhor Cypriano quasi no fim, —" *Lisboa em silencio, o senado mudo: mudo o senado de Lisboa guardadas as representaçoens das outras camaras; nada por tanto de representaçoens dos corpos do Estado; nada de convocaçaõ de cortes, e por consequencia nada d'acclamaçaõ . . . . e os tribunaes trabalhando, involuntariamente, debaixo do titulo d'um Rei, que a naçaõ em geral naõ admittia. Que anarchicas consequencias! que anomalias !*"

Que havia pois de fazer o senado ? Poz-se tambem a berrar, e de seus zurros sahio a formosa acclamação, que deve desde ja appellidar-se—*a gritada acclamaçaõ*.—

Agora com a precisão e conceito d'um Tacito termina o senhor Manoel—" Ou se *inveja* a causa ou se *aborrecem* os effeitos,—e é d'um destes sentimentos, que so parte a desapprovação dos actos, que fizerão vulto, e muito excederam, (a quem ?), nos Seculos 12, 14, e 17, e o ficaram sempre fazendo, como este deve fazer na historia do nosso Paiz."

E porque é que se hade *invejar* a causa ou *aborrecer* os effeitos ? Isso não se dignou por ora dizer-nos o senhor Cypriano, que por certo teve excellentes razoens para assim pensa-lo: e por isso não poderemos invejar os effeitos ainda que invejemos a causa, nem aborrecer a causa aborrecendo os effeitos. Aqui nem Kant metteria dente.

Se este documento, meu padre, não fosse impresso na regia typografia Silviana, com licença da Meza do Desembargo do Paço, escripto e assignado pelo digno escrivão desse indigno senado, fóco das indecencias, que ennegrecerão para sempre a memoria do seu nome, não me cançaria em mandar-lho, nem ainda em fallar-lhe delle: porem sendo e contendo a denuncia official da prostituição da revoltosa acclamação do usurpador o mais aleivoso, eu lho envio, assim como se em mim coubesse o faria ler por todos os illudidos, se ainda os ha, que accreditão de boa fé, que o Infante D. Miguel é rei porque os Portuguezes, porque a Nação o fizera.

Adeus, meu bom padre, receba Vmce., e reparta la pela companha esse refresco de saudades, que lhe envio, de que mandará em troca uma mão cheia á Tartana do seu cruseiro, de que hei mui boa opinião, porque me consta que é mui esguia nos delgados, *bem*

aposta deitada a ré, segura de ló:—Deus a conserve para bem de nós ambos; e a mim dê no em-tanto paciencia para aturar as casmurrices de Vmce., de quem sou o amigalhaço

PALINURO.

## EXTRACTOS DOS JORNAES FRANCEZES, INGLEZES E ALLEMÃES.

### *Os Monarchas e a Monarchia da Quotidiènne.*

"Se é certo que a opinião real do ministerio não differe da opinião da *Quotidiènne*, Deus seja louvado! grita a folha devota, então segura temos nós a felicidade da monarchia." Ora de todos os monarchas gloriosamente reinantes, de todos os paizes felizmente submettidos ao podêr d'um so homem, D. Miguel e Portugal são os modelos que a *Quotidiènne* não cessa de offerecer á admiração dos povos e dos reis: resulta pois que a sua monarchia é evidentemente a monarchia absoluta.

Que bom govêrno não é com effeito esse, em que um cardeal Dubois, um abbade Terray podem entrar nos conselhos dos principes, e, prégadores do vício, e da má fe, dar ao mesmo tempo o exemplo e a lição! em que, para dirigir a acção do podêr á vontade da ambição e cobiça dos cortezãos, se elege um barbeiro como em Lisboa, ou um confessor como em Madrid. Para abalar o barbeiro bastam fittas e ameaças; o confessor esse está de casa: trabalhando para os seus trabalha tambem para si.

Pizar o povo no grande gral do despotismo, para extrahir a maior somma possivel de dinheiro e de respeitos, e, na partilha annual d'este duplicado imposto, tornar a parte do principe grossa em respeitos, pequena em especies, eis ahi todo o segredo do govêrno tam gabado pelos velhacos, tam invejado pelos credulos.

Um auctor, que tem seus visos de profano, compara os frades com as enfuzas que se abaixam para se encherem. O alforge dos frades Portuguezes está cheio, e a bolsa do Miguel vazia. Os frades curvam-se e humilham-se ante elle, D. Miguel endireita-se, e apavonea-se na presença dos frades; porêm, em quanto elle, cuidadoso e afflicto, sonha no meio de abrir emprestimos para especar a fidelidade desfallecida dos seus janisaros e da sua côrte, os frades, com cara folgazona, vão repimpar-se no gordo refeitorio, beber e rir, ou, como diria um Rabelais:

......Remettant en leur lieu
A des chantres gagés le soin de prier Dieu.

O soberano, que, depois de ter destruido a constituição das côrtes, e negado uma dívida contrahida em seu nome por ésta assemblea nacional, reina sem dúvida e sem opposição legal nas Hespanhas é

um *re netto*, um principe talhado, segundo o coração da *Quotidienne* e os votos de Roma. Mas este rei, poderoso em frades, é fraco em soldados; e se os frades estão bem calçados e bem nutridos, os soldados estão sem armas e sem sôldo. Elle proprio, justo a entrar em quartas nupcias, não sabe d'onde lhe hade vir dinheiro para a musica e fogo d'artificio, com que pretende celebrar o noivado.

D'esses paizes (lançâmos em conta o abundante e bello reino de Napoles) em que os frades teem mais dobrões do que os reis teem de carlinos,) não ha um so que não seja obrigado a recorrer a extratagemas, para podêr comprar o enxoval e pagar as despezas da viagem a uma augusta noiva; não ha um que, reduzido a emprestimos, isto é, a contrahir dívidas novas para remir dívidas velhas, deixe de recorrer a capitalistas estrangeiros, ou seja por que os capitaes faltam no reino, ou por que os capitalistas nacionaes não confiam no seu govêrno.

Vêde que injustiça! N'estas miseraveis monarchias constitucionaes tudo vem a pedir de bocca. Tendes dívidas? pagam-se. Desejos? Desculpam-se, satisfazem-se. Estais possuido do nobre amor do bem publico? Quereis deixar memoria de vossos reinados em grandes monumentos, em obras de utilidade commum? Ha quem forneça os meios; e a nação, que deu o dinheiro, conta com o seu bom emprêgo; reconhecida e grata, inscreve o vosso nome na frente d'esses monumentos. Está a vossa fazenda alcançada? pedem as circumstancias alguma despeza extraordinaria? A'voz d'uma ou duas camaras, legalmente reunidas, deliberando livremente, todas as bolsas se abrem, assim no paiz como fóra d'elle. A independencia do reino, os seus interêsses, a sua politica pedem por ventura que o vosso exército seja engrossado? Fallae, e vereis como os filhos dos cidadãos correm com ardor e submissão a alistar-se nas bandeiras d'um principe que os chama e manda em nome da lei. Mas o direito de recusar é consequencia do direito de consentir. É preciso, n'éstas monarchias constitucionaes, dizer o motivo por que se recrutam homens, e por que se compram cavallos; se pedis dinheiro, é necessario indicar o seu emprêgo: se a conta, o recibo e os documentos. Um barbeiro, que so sabe encrespar o cabello e fazer a barba; um confessor, que so sabe impor penitencias, fariam tristissima figura nas côrtes d'Hespanha ou de Portugal. Na camarilha, e no gabinete d'um principe absoluto diz-se o que se póde dizer: a ignorancia é bem recebida, a insufficiencia está à sua vontade: obteem-se demoras para consultar o espirito sancto d'orelha, e indulgencias para a remissão das loucuras feitas e das loucuras dittas. Correm porem outros ares na presença dos Deputados e dos Pares d'um reino; aqui é precizo empregar as fôrças do espirito e do saber; aqui são de rigorosa necessidade duas condicções:

para se merecer o emprêgo de conselheiro da coroa : ser ao mesmo tempo homem de talento e homem honrado ; se não um Canning, um Fox, ao menos um Castlereagh, um Pitt. No primeiro dia, um Terray, um Dubois seriam precipitados da tribuna ; e ousaria por por ventura subir a ella um Laubardemont ?

Mas so com estes incommodos se consegue ser ricco como Jorge IV., como Carlos X. E quem póde soffrer tam duras condicções ? Não é melhor mil vezes ser pobre como D. Fernando, fraco como D. Miguel ? Perguntal-o á *Quotidienne! (Constitucionnel de* 6 *d'Outubro.)*

Recebemos hontem gazetas e cartas de Lisboa de que publicamos extractos. A parte mais importante é a atróz sentença publicáda no Correio do Porto condemnando á morte alguns illustres individuos que se achão emigrados neste paiz felizmente: porque ainda que os seus bens estão confiscados,as seus cabeças ainda estão sobre os hombros, e certamente as suas cinzas não serão lançadas ao mar depois de uma conflagração na Praça nova. Um delles o Conde de Villa Flor ja depois de citado perante o tribunal de sangue deD. Miguel tomou a liberdade de deitar ao mar muitos dos sequazes do usurpador mesmo sem os degolar nem queimar. O Conde parecia muito indifferente, quando dirigia o ataque brilhante da Terceira, á sentença que se dava no Porto de adornarem as margens do Douro com a sua cabeça sobre um poste. (*Times* 13 *de Outubro..)*

---

## EXTRACTO DA NOSSA CORRESPONDENCIA PARTICULAR.

*Madeira* 12 *de Septembro* 1829.

*Amigo*—Hasde maravilhar-te com o socêgo apparente que ora reina n'esta infeliz ilha, de que comigo outros te fallarão ; quero dizer da suspenção de hostilidades, que o *paternal govêrno* que nos rege,é servido conceder-nos depois da mais atroz perseguição porem devo desenganar-te mostrando-te as causas a que deves attribuir a actual fingida moderação. Sabes a arte com que, armando a plebe contra a flor d'esta ilha, este govêrno soube bater a caça que quiz apanhar. Fugiram os bons, prendeu-se e pronunciou-se os que não poderam escapar-se, e agora que não ha a quem perseguir, e toda a guerra é contra o spolio dos sequestrados, chama-se socêgo ao abatimento em que se acham familias desemparadas, ao acovardamento em que se acham as classes industriosas, e ao silencio morno com que todos olham o fim d'esta odiosa contenda, limitados a chorar no interior

de sua casa, as desgraças proprias, e as da patria, porque a tyrania póde fazer chorar, mas não cantar; e hoje ninguem ignora que quem persegue a nação e nos faz a guerra, é esse mesmo govêrno, que aconselha moderação, não por um sentimento philantropico, mas para promover a estabilidade da causa oppressora.

Na verdade ainda quando se podesse conceber socêgo no meio da miseria, tranquillidade entre estes povos reduzidos ao dezespêro, quem poderia presenciar o proceder revoltante de um govêrno, que obrando como o mais cruel padrastro ordena o proclamem *paternal*? Tu sabes que, decretado o arresto nos bens de qualquer pronunciado, o juiz de nada póde dispor, pois so lhe cumpre a mais fiel e escrupulosa arrecadação ou a bem do reo no caso de absolvido, ou da coroa quando haja condemnação: porêm que julgas obram éstas auctoridades? Como que ja tudo fosse do govêrno, ou antes d'ellas mesmas. Não se procura uma boa venda das novidades; mas qualquer preço, uma vez que logo se pague afim de entrar o dinheiro por alguns minutos n'uma arca e logo tirar-se para enormes despezas da justiça e despezas do govêrno, deixando-se em seu logar papeluxos a que chamam notas ou apolices, pagaveis no dia do juizo. O spirito se revolta vendo-se o desafôro com que um desprezivel juiz de fóra passa portarias para que de casa de João de Carvalhal se tirem moveis para officiaes da tropa d'elles se servirem, para se dar vinhos ingarrafados a esses mesmos officiaes; para se tirar um grande piano e ir para a fortaleza servir ás meninas do governador, assim como as girandolas e espelhos para servir em occasião de funcções, como que elle respondesse ou podesse assegurar a boa conservação de taes objectos que devia considerar sagrados. Quem hoje vai a essa formosa quinta do Palheiro, onde nem as cadeas da alampada da capella escaparam, forçosamente recorda com horror o desafôro com que aquelle juiz por outra portaria mandou arrancar dois sinos e os destinou para uma capella e para a nau D. João VI.: mandou apanhar várias roseiras japonezas, que em Londres custaram meio guineo, e um guineo cada uma, sendo necessario comprar muitas para escapar as poucas que havia na quinta, so para as destinar ao jardim da mulher do govêrnador, que as cubiçou. Quem póde saber sem irritar-se que o tal juiz ordenou caçar-se na quinta, onde seu dono com o maior cuidado o vedava, e até mandou colher galhinholas, ordenando ao feitor que as désse, so porque S. Ex. nunca provára tal caça? Não será bastante o saque que até suas meninas deram na casa da residencia em S. Pedro? Quem indemnizará aquelle proprietario da ruina de seus jardins, do destroço de seus cavallos e carrinhos, de que o governador e bispo se servem e teem quebrado quando querem ir áquella quinta

celebrar suas orgias com o baxixa cozinheiro, negociante, contrabandista, collega e amigo? Assim é que se conserva uma propriedade toda de luxo, e cujo merito é sua boa conservação? Se ella houvesse de passar á coroa, será o juiz de fóra algum herdeiro d'esta para pedir se impute á sua parte os fructos percebidos e damnos causados? Meu amigo, com um govêrno tam *paternal*, com uma justiça tam recta pode reinar socêgo? Mas o Duque de Wellington e Lord Aberdeen acham que a nação, assim como ésta ilha, quer um tal govêrno, e que se por este bom gôsto se perseguem homens que não tem outro crime se não o de terem seguido o govêrno jurado, e essa mesma soberana que a Europa e elles mesmos reconhecem legítima, é um pequeno defeito filho das circunstancias, que não deve offender a amizade, que a actual politica tanto consolida. Meu amigo, se a notícia vinda de S. Miguel da victoria da Terceira, e a esperança que nos resta em D. Pedro nos não animassem, tu verias maior socêgo aqui; mas do genero d'aquelle que reina nos serralhos da Asia ou nos sepulchros da Europa. Deixe o govêrno Inglez de animar Miguel, e então elle conhecerá a quem a nação deseja.

*Angra* 19 *de Septembro de* 1829.—Depois da gloriosa victoria alcançada contra as tropas do usurpador, tem reinado perfeito socêgo n'ésta ilha, nottando-se grande actividade no invicto Capitão General Conde de Villa Flor. Dos quatrocentos prisioneiros que aqui ficaram, passaram ás nossas fileiras a maior parte, que eram todos os soldados da divisão, que bateu em Coruche e no Prado os rebeldes que capitaneava o Chaves: alguns poucos por serem soldados que entraram em Hespanha com aquelle chefe revolucionario, não foram admittidos nás nossas fileiras, e trabalham hoje nos diversos pontos da Ilha, que se fortificam para resistir a qualquer tentativa, que o usurpador do sceptro Portuguez faça contra este baluarte da legitimidade.

A nau D. João VI. appareceu ha poucos dias, depois de haver concertado no Fayal as avarias que recebeu. Fez retirar a fragata Perola, e uma corveta que aqui se achava, e ficou fazendo o bloqueio com dois brigues, que ainda hoje se conservam á vista, mas que breve se retirarão, apênas comece o hinverno.

O espirito da ilha em geral é o melhor, e o da guarnição não se póde explicar a que subido ponto de enthusiasmo chega. Todos suspiram por novo ataque, para terem occasião de se assignalar, e podêrem partilhar a glória que coube na primeira victoria aos nobres e denodados Voluntarios. Reina entre todos a mais perfeita união, e as authoridades buscam sollícitas offerecer o proveitoso exemplo da mais perfeita harmonia.

Esta vai pelo cutter Condessa de Liverpool, que entrou n'ésta ilha,

*Lisboa 29 de Septembro*

Continúo a dar-lhe notícias minhas e d'ésta terra, e mais lhe daria, se em vez de partir paquete cada semana, sahisse um cada dia : tal é a cópia de couzas boas que por aqui rapidamente se succedem umas ás outras, sem dar tempo sequer ao homem imparcial, para lançar no papel ao correr da penna e offerecê-las ao mundo horrorizado de tanta tyrannia, imbecilidade e infamia, como próva do estado de aviltamento a que chega uma nação debaicho de um máu govêrno. Aqui bem quizera eu moralizar algum tanto, e dizer-lhe,—que nunca se viu um povo moral sob um govêrno corrompido, nem um povo corrompido sob um govêrno moral ; sendo certo que o primeiro mestre (permitta-se-me a expressão) de qualquer povo é o seu govêrno :—falta porêm tempo, alêm do que não comporta o assumpto nem os heroes que são objecto da presente carta, que d'elles falle em estylo diverso do que adoptei nas minhas anteriores.

Hontem entrou n'este porto a fragata Ingleza Briton, trazendo a seu bordo o novo consul Mackenzie, que parece vem substituir Mr. Matthews, que não obstante o seu sizudo proceder, e a nenhuma ingerencia nos malfados negocios do paiz desagradou a seus escrupulosos amos. Ao largar ferro deu a fragata uma salva, içando bandeira Portugueza no tope de prôa, e ao primeiro tiro viu-se corrêr para as praias o cardume dos pés descalços, braços nús, urbanos e voluntarios *da realeza*, para presenciarem ésta scena, que era nova desde o princípio do reinado do melhor dos *Migueis*. Cada um dos defensores do throno e altar *Migueleiro*, se dava mutuamente os parabens, vendo tremular no vaso Bretão as sagradas Quinas, quando ao Caes do Sodré chega o grande *Chicoria*, que havia acabado de envergar a encardida calça de ganga e tiritando brada á sua gente : —" Está o nosso rei reconhecido !—A este brado entoa os vivas o côro da canalha, e tudo parece nadar em prazer. Mas ó fatalidade ! A salva pára nos 19 tiros, e por mais que o pobre corretor d'alcance conte e reconte pelos dedos, nem mais um póde contar. Aqui o desconsôlo se apodera da turma, e cada um voltando cabisbaixo a tomar a sua restea de sol, entrega o negócio á milagrosa imagem da Senhora da Rocha, para que opere o prodigio, tocando o coração d'esses hereges insulares, afim de reconhecerem quanto antes a soberania do usurpador legítimo,a legitimidade do roubador sem fe,a realeza do traidor ao seu rei, e direito hereditario do assassino de seu pae. O milagre é grande ; e a Senhora não o faz. O peior é que andam rumores de que o Miguel indignado começa a excitar suas dúvidas sôbre a legitimidade da ditta Senhora, e que ja n'um momento de zanga a ameaçára, dizendo (não sei se ao Chicoria se ao Cadaval) : " Ésta Senhora da Rocha não sabe o que eu fiz a meu

irmão? Pois olhe que eu custa-me pouco a fazer ao altar o que fiz ao throno."

Mas voltemos ao serio, se é que aqui ha coisa que o seja. Ha dias chegaram officios do Monteiro da Madeira, em que diz, segundo tem soado, que não responde pela tranquilidade da ilha sem que lhe mandem mil homens de refôrço. Houve conselho d'estado, e foi assentado, que a toda á pressa se apromptasssem os navios, que vieram da Terceira para levarem a tropa pedida. O Leite aconselhou ao tyranno que se appresentasse em público afim de reanimar o abatido espirito de seus escravos, e com effeito na quinta feira veio o usurpador ao arsenal rodeado de cavalleria, guardas avançadas, vedetas, sentinellas perdidas, e patrulhas da realeza. João Antonio de Almeida é quem ministra o necessario para este novo armamento, e de dia e de noute se prende a torto e o direito para tripular estes vasos, que se diz sahirão no fim d'este mez, isto é se os soldados quizerem embarcar, o que se duvída.

Os empregados publicos estão em dez mezes de atrazo, e á officialidade devem-se seis mezes. Ja não ha quem rebata ordenados nem soldos, e presume-se que sahirá alguma disposição paternal; para que os rebatedores os tomem a trôco das reaes *impinges*, que é a unica fazenda que abunda no mercado.

Ha dias que poucas são as visitas que vão a Queluz, e o incomparavel Senado está de orelha cahida, como quando recolhe de mal afortunado varejo. A tal diabrura da Terceira *desappontou* muito o corpo senatorio, que para celebrar a victoria, tinha de antemão preparada triple illuminação com trez *Migueis* em transparente, duzentas duzias de foguetes do ar, e cem carradas de louro para ornar a fachada, que da mesma fórma do que na acclamação dos *rotos*, devia representar um jardim, ao qual coube outr'ora, e continúa a caber o seguinte epigramma:

Bravo! Que espavento!<br>
Jardim cá fóra,<br>
Pinhal lá dentro!

Na minha anterior ommitti dizer-lhe, que a côrte não deitou luto, pela virtuosa princeza fallecida D. Maria Benedicta e o *melhor dos sobrinhos e dos reis*, foi caçar para Mafra no dia seguinte; procedimento exemplar que vai ser objecto de dois sermões do frade *Calcêta*, e de uma poema do *Lagosta!* A canalha diz que é muito bem feito não deitar lutto, porque a defunta era *malhada*, e esta casta de gente quando morre cessa *ipso facto* de ter parentes, e estes ficam desobrigados de pagar aquelle justo tributo, que inda que muitas vezes ostensivo está consagrado pela práctica religiosa e pragmatica profana. Mas éstas minudencias importão somente ás nações meio civilisadas, e não militam com uma côrte como a nossa que por suas

virtudes, lettras e polidez é feita para dar, não para receber a regra ou tom de nenhuma côrte deste mundo.

A farça representada em caza do Marquez de Borba, tem sido assumpto de grande gargalhada. A escolha da peça, como sabe, foi,—o louco por amor—vulgarmente-os doidos.—A scena do rei e do barbeiro, atiladamente a supprimiu o talentaço do dôno da caza para evitar desagradaveis allusões, ao rei expectador *Miguel um*, e ao barbeiro *son pendant* vulgó o *Visconde lançêta*. Quando os actores chegaram á scena em que o doido tragico devia dizer—Entra o rei e diz,....mas não ha de entrar o rei, entra o seu barbeiro---rio-se amarello a *magestade* do Borba, em quanto o Pires se fazia de mil côres, dando ao demo a graça. O dono da casa viu logo a necessidade de dirigir uma *apologia* ao valído barbeiro, que então formalizando-se fez de marquez n'ésta segunda *farça*, em quanto o marquez fez de barbeiro com admiravel *sang froid*.

Pude saber, por pessoa bem informada, que S. Ex. *Ameixieira* foi portador de varios officios, alêm de encomendas, tanto para essa capital como para França. Entre éstas levou um papagaio amarello, com crista preta, que é dos da familia *Katatuá*, e entre outras prendas canta o *rei chegou*, *Porto ladrão*, *Braga fiel*, &c; fructo da educação que S. Ex. foi servido dar-lhe, com insano trabalho seu e do papagaio. Tambem levou S. Ex. dois volumes, edição stereotypa, das obras completas da *Jerumenha*, que vão para serem entregues aos editores. Parece que os dois volumes são alêm de troncados, cada um do seu author. Entre as muitas curiosidades que S. Ex. leva nos alforges, vai a cópia do reconhecimento do seu rei d'elle, ja lavrado em Madrid, e que se hade appresentar (cuida o coitadinho) em Londres e Paris para dois *fac-similes*. Logo que S. Ex. consiga levantar o interdicto, parte a toda a brida, a tomar posse de uma das pastas, para indireitar o torto Portugal. Se julgar a proposito, visto que S. Ex. volta, e anda agora na estrada continuamente, mande-me por elle alguns numeros do *chaveco*, bastando dar-me aviso da quantidade, que o recoveiro sei eu chamar-se *Mathias*, e ter argôla na campo do curral.

Estes dia tem apparecido a canalha munida de cacetes, e muitos insultos tem feito. Mattos representou a necessidade de sustentar o desalentado espirito da plebe, e lembrou que sería bom mattar meia duzia de *malhados* á cacetada para incutir terror! O intendente mandou logo chamar os do *grito*, a *realeza voluntaria*, os *urbanos*, e a *policia*, e ordenou espancassem tudo e todos, que assim o exigia o serviço público. Com effeito ha pouco puzeram á santa uncção dois desgraçados pacificos cidadãos, sendo um d'elles o guarda-chaves d'alfandega, e o outro um pobre fanqueiro. Ora diga lá o

*Morning Journal, John Bull e a Quotidienne* que este govêrno não é o melhor de todos os *paternães* governos!

Remetto-lhe com ésta trez bestas esfoladas pelo padre *Lagosta*, e um mastigoforo mastigado pelo *bernardo Ventura*. São obras primas de erudição e sabença! Na última *besta* do arrieiro Macedo, achou elle um syllogismo, ao qual não é capaz de responder toda a companha do seu chaveco. Diz elle—*Maior do syllogismo.*—" Pela lei constitutiva da monarchia, nenhum estrangeiro póde ser rei de Portugal." *Menor.* " Quem não é subdito e vassallo del rei de Portugal não é Portuguez, é estrangeiro." Ora alambique os miolos e veja-lá se responde a isso? Mas antes de responder pergunte ao arrieiro, o que era o infante D. Affonso, quando os Estados do Reino o chamaram para vir ser rei de Portugal? Resposta—Era principe soberano do condado de Bolonha, pelo seu casamento com a condessa Mathilde, e como tal subdito del rei de França, a quem tinha feito preito, e homenagem na qualidade de grande fendatario da corôa. Ora, o que é mais, quando o conde de Bolonha passou a ser rei de Portugal, nem sequer foi obrigado a renunciar o condado, pois bem explicitamente o diz o livro 1 das Próvas da Hist. Gen. da casa real, quando transcreve o juramento que aquelle soberano prestou: ibi: *Ego Alphonsus, comes Boloniæ, natus claræ memoriæ Alphonsi Regis Portugaliæ promitto et juro.* Na presença d'isto que vale o syllogismo? Tanto como as 22 bestas que o arrieiro tem esfolado, que ninguem compra porque as pêlles nem para forrar um bahu servem. É pois claro e demonstrado que pelas lei fundamentaes do reino, so é julgado principe estrangeiro aquelle em cujas veias não gyra sangue portuguez, e que o senhor D. Pedro, em melhores circumstancias do que o conde de Bolonha, assumio devida e legalmente a coroa de Portugal, que por direito e herança lhe pertencia. —Muito mais poderia eu dizer sôbre o assumpto, se por ventura julgasse a materia controversa, mas é inutil gastar tempo em demonstrar cousas que são verdade de primeira inutição. Deichemos este assumpto e voltemos ás ridicularias d'ésta farça, sanguinosa sim, mas farça.

O Cadaval foi offerecer os seus *realejos* para fazer a conquista da ilha! A offerta foi aceite com especial agrado, e o embarque d'estes argonautas está differido até á epoca da apanha da alfazema, pela necessidade de mandar porção d'este aroma, indispensavel a bordo dos navios que levarem o bando conquistador. Grande número de frades e vadios se tem appresentado ao general Leite, para serem contemplados na escolha da fôrça expedicionaria. A maior parte dos que se offerecem são homens perdidos de vinho e saude, que accostumados a pescar em agoas turvas, julgam que na Ilha podem, como fazem nas desertas ruas d'esta capital auxiliados pela policia,

impôr contribuições de canadas do amante *rôxo*, que roubam ao assustado taberneiro, chamando-lhe *malhado* desde o meio da rua, e dando-lhe pancada por moeda corrente. Entre os que se offereceram appareceu o franciscano *Braga* e o grande *Lagosta*, que dizem pedíra ao *Santarem* uma das suas armas, para accompanhar o cirio. S. Exª. parece que indeferiu a pertenção por extemporanea.

O *Lagosta* no primeiro burro qu'esfollar vai analyzar o *chaveco*. Remetterei no outro correio este papel para seu desenfastio, e da companha.

A proposito, mando-lhe a epigraphe da nova edição das obras completas do padre que se vai publicar:

> Questi l'error per ignoranza ammette,
> Quei mente per passion, quei per paüra;
> Chi per malizia tace, altera, ommette;
> Chi per adulazion tutto sfigura;
> E il falso adorna, e apena il vero accenna,
> Chi alfine a prezzo vil vende la penna.—CASTI.

*Paraphrase, dedicada ao Rdo. Esfolla-bestas.*

> Todos mentem no mundo: o Psalmo diz:
> Quem por papalvo o faz, por papelão,
> Por gôsto aquelle, estoutros por serviz,
> E quem por baixa e torpe adulação;
> Mente o nobre e o peão, o reo e o juiz,
> O ricco, o pobre, o sabio e o ignorantão;
> Mas o mais porco e sordido embusteiro
> E' o cafre vil que mente por dinheiro.

---

## DIALOGOS DOS MORTOS.

Como o velho Luciano, e o moderno Fontenelle desci ás regiões infernaes a escutar as conversas dos que n'este mundo se fizeram célebres. Não imitei nem um nem outro d'aquelles famosos interpretes da lingua dos finados: não o mereciam os meus heroes, ao menos os d'este primeiro dialogo. Se o público approvar o meu trabalho, póde ser que subamos estylo e assumpto, e n'éstas *eglogas* de nova especie, *paulo majora canamus.*

### DIALOGO PRIMEIRO.

#### A ALMA DO CONDE DE RIO-PARDO E A DA CONDESSA DA LOURINHAN.

Não longe da negregada porta sôbre cujo limiar leu o Dante (com os mesmos olhos provavelmente com que eu vi o que por ahi adiante vai) a terrivel inscripção:

> "Lasciate ogni speranza, o' voi ch'intrate,"

da celebrada porta em que Cid-Hamet Benengeli viu jogar a pélla com os exemplares da apocrypha historia do cavalleiro da Mancha. —— d'aquella porta em que o padre Eneas mangou o cão das tres gargantas com uma escudella de sopas; que tam barato lhe custou, pois não consta que fosse nem siquer de *raviolli;* nem podia ser porque ainda áquelle tempo, a arte culinaria não tinha chegado na Italia ao grau de perfeição em que hoje se acha; nem do texto do poeta se deprehende que tal sopa fosse; nem desde Donato até o derradeiro commentador e traductor, inclusive o sr. Pina Leitão, foi o texto *ofam dedit* interpetrado ou traduzido—*deu lhe um prato de raviolli*—d'aquella porta que tam bem descreveu o heretico Milton, e seu catholico imitador Chateaubriand, e que seu traductor ou imitador (que não sei se foi uma coisa ou outra) Francisco Manuel ainda talvez melhor pintou; —— d'aquella porta da qual diz a sagrada palavra que nunca prevalecerá contra a igreja de Deus, mas que de certo prevalece contra a igreja de muitas terras do nosso conhecimento, que supponho que ja d'Elle não são, ou pelo menos, que mui cerceado quinhão n'ellas Lhe deixaram frades e outros ante-christos, —— d'aquella porta....Mas o parenthese é desmedido e descommunal; não ha remedio senão deixar circumloquios, e dizer a coisa pelo seu nome—que é, salvo seja, a porta do Inferno. Não longe pois da porta do Inferno,—ja que é forçoso dizê-lo,—ha uma encruzilhada em que o fatal caminho por onde todos vão e ninguem volta, se divide em dous: um que leva direitinho á sobreditta porta, de que Deus nosso Senhor nos livre, e outro que vai para o Purgatorio—que não é melhor sítio, inda assim, nem mais fresco, mas d'onde, pelo menos, se sai e (deixar rir protestantes das bullas com que se compra e rime) Deus nos dê, se la temos de ir, boas orações e bons tostões com que comprar bullas para lhe encurtar o tempo, o qual não consta que por la tenha azas, senão muletas.

Chegava a ésta encruzilhada, ha poucos meses, uma alma feia e asquerosa, com todos os signaes de alma damnada, acompanhada de uma legião inteira de diabos:—o que mostrava ser pessoa de distincção e "alma de bem" posto que má alma fosse. Sua estatura era mediana, um tanto pansuda, olhos que ja em vida eram allumiados de luz infernal, e agora mais faiscavam com toda a plenitude da graça luciferina. Ia ésta alma estranhamente vestida com uma farda partida ao meio em duas côres; verde de uma banda e bordada de ramos de caffe e tabaco,—*improuvement* da blazoneria americana pelas sediças palmas e louro do decrepito rei-d'armas Portugal:—e do outro lado azul e incarnada com os mesmos antiquados emblemas que ainda se usam no cantinho do mundo velho onde foi Portugal. Ao chegar á encruzilhada ésta exquisita e extraordinaria figura, a parte da legião que formava a vanguarda se postou no sítio onde co-

meça o caminho que leva ao Purgatorio, e outra parte ficou guardando a retaguarda. O capitão (creio que era capitão—salvo êrro) declarou com muita civilidade —— que até no Inferno e seus arrebaldes se usa com pessoas de bem, quando presos, a civilidade que em Portugal se não cata a nenhum—declarou, digo, com muita civilidade á alma sua prisioneira que por alli era o caminho, appontando-lhe para a fatal porta em que mui distinctamente se lia a terrivel inscripção que mencionei, em muito bom Italiano, ou Toscano segundo querem que se diga os da Crusca.—Ora nunca pude descubrir a razão porque a inscripção lapidaria da porta do Inferno hade ser em Italiano. O padre Antonio Vieira, ou quemquer que é o auctor da *Arte de furtar*, assevera que o diabo quando mente falla Castelhano, e quando falla verdade, Portuguez. Mas como, homem ou diabo (se não for jesuita, que esses combinam as duas coisas) ou hade mentir ou fallar verdade, segue-se que o diabo nunca falla senão as duas linguas cultas da Peninsula hispanica. Ora o Portuguez la me parece propria lingua para o diabo quando falla verdade, porque sendo fallada de pouca gente, e o diabo pae da mentira, as poucas vezes que disser a verdade, que nunca hade ser muito por seu gôsto, não corre grande risco de ser inténdido de muitos: o que não deixa de ser grande vantagem para um preopinante da natureza de Belzebuth. Agora porêm, que é o meu ponto, fallar este potentado somente Castelhano e Portuguez, e mandar gravar no portal de seus paços uma inscripção em Italiano, é coisa inexplicavel.

Mas emfim la tera suas razões: o caso é que a alma sabía Italiano e leu mui distinctamente:

Lasciate ogni speranza o' voi ch' intrate.

Não pareceu agradar-lhe a poesia do vate republicano, e exclamou com uma careta diabolica:

ALMA

Como assim, camarada! Ésta é a tal porta.....Pois, devéras, é para alli que....que......

DIABO

São as minhas ordens. Somos mandados; e V. Ex. bem sabe....

ALMA

Excellencia! Inda ca ha d'isto; inda ca sou alguma coisa. Então não está o caso tam mau. (*Mais animado*) Pois, camarada, Vm. bem sabe que eu sou um general, que fui vice-rei, conde, que fui par do reino na minha terra.—É verdade que me desparizei, mas......

DIABO

Somos mandados, excellentissimo......

ALMA

Ah! malditto! Somos mandados. Assim diziam os meus myrmidões e os meus aguazis e agarradores quando arrastavam áquellas horriveis masmorras, áquelles infernos de Lisboa, que os não creio melhores que os de ca, os milhares de victimas que eu e os meus dignos collegas sepultavamos em vida.—Porêm, camarada, conversemos um pouco; deixe-me descansar um bocado.

DIABO

Nada, nada: tenho ordens muito apertadas; e de o conduzir—*Logo Logo* – que tambem é chavão das secretarias de ca; e não sei se foram moldadas pelas suas, se as suas pelas nossas: mas um *Logo Logo* muito lançado e rasgado tambem entre nós é a maior sciencia de um official de secretaria, pois a maior parte dos que ca estão empregados, de la vieram, e são preferidos aos de todas as nações, sem exceptuar os da propria curia Romana. Pois se elles ja trazem decretados os serviços de denunciantes, espiões, traficantes, venaes, traidores, ignorantes, ladrões, e *mais partes* que n'elles concorrem, então *é chegar e entrar*, nem pelo passaporte se lhes pergunta. Mas basta d'essa canalha, ou *ca* ou *la* são a mesma corja vil e larapia, sem prestimo, sem vergonha, sem probidade, sem fidelidade, sem honra.* Vamos, meu senhor, avie-se; o que hade ser, hade ser.

ALMA

O' Sr. camarada, sr. diabo, espere, espere um instante. Ja não, so um bocadinho. Dou-lhe a minha palavra que não fujo.

DIABO

Não foje, não, que isto não é campo de batalha, e está bem guardado.

ALMA

Juro-lhe....

DIABO

Jura! Irra, maroto. Jurar! Isso faz perder a paciencia até a um diabo como eu. Jurar! Jurar o Rio-pardo, o perjuro, o traidor Rio-pardo, que nunca fez juramento que não quebrasse, um renegado! Camaradas, agarrem-me ja n'esse patife, arrastem-m'o á fôrça, e ja com elle nos quintos dos infernos.

Ditto e feito; a legião saltou-me na esconjurada alma do traidor com unhas e dentes; e ao pontapé (pontapé de pé de cabra que valem seis cada tres), á cornada e gadanhada o iam empurrando e arrastrando para a fatal porta apezar dos gritos, chóros, imprecações e blasphe-

* Sabemos com certeza que nem o diabo que isto diz, nem o A. que o escreveu, se lembrou de atacar ésta classe tam benemerita e distincta. Não allude se não a algumas poucas excepções dos que servem D. Miguel em Lisboa e D. Satanaz no inferno.

mias com que o malditto os apostrophava. Quando de repente, a chegada de nova conducta, que são frequentes n'aquelle caminho, suspendeu por algum tempo o progresso da outra. O commandante mandou fazer alto para reconhecer quem vinha; e o damnado Rio-pardo teve um respiro quando menos o esperava.

Era a nova conducta, que chegava á encruzilhada, composta de um piquete de infanteria ligeira infernal, e conduziam uma alma femea e velha segundo o geito e vestido a mostrava. Ainda de muito longe exhalava um cheiro fortissimo que até aos proprios diabos fazia tapar as ventas; d'onde parece não ser de enchophre ou pêz derretido, que é sua alfazema natural e habitual. O cheiro era o proprio e pintado o de certa substancia de que o propheta Ezechiel fez as celebradas pastilhas com cujo uso adquiriu o dom de prophetar.

D'éstas mesmas pastilhas propheticas parece que fazia igual e constante uso a alma femea que agora vem chegando á encruzilhada— que não sei se lhe davam podêr e vista sôbre o futuro, mas que a não faziam de certo mui agradavel no presente.

Viram-se e immediatamente se conheceram as duas almas, e de longe começou o Rio-pardo a bradar.

ALMA DO RIO-PARDO

Excellentissima sr.ª condessa, excellentissima alma da sr.ª condessa da Lourinhan, ja V. E. chegou, minha senhora? Não esperava encontrá-la tam cedo. Muito estimo, muito estimo: iremos junctos ja que tem de ser.

ALMA DA LOURINHAN

Junctos! Essa ainda eu espero em Deus que não. Pois tambem vem ca para o Purgatorio? Muito boas devem de ser as purgas de ca se almas como a sua são purgaveis.

ALMA DO RIO-PARDO

Ai, minha senhora! pois com effeito vai V. Ex.ª para o Purgatorio? Triste de mim que nem a sua companhia tenho! Ir so, so como um cão para éssa fatal, e sempiterna morada para onde vou!

ALMA DA LOURINHAN

Ah! vai para o Inferno. Isso agora é outra coisa; la me cheira a justiça. Bom: eu ja começava a desconfiar que este mundo de ca fosse como o outro donde venho. Elle era o que faltava: a condessa da Lourinhan de cambada no inferno com o conde de Rio-pardo!

ALMA DO RIO-PARDO

Excellentissima e bemdittissima alma, pois tam mau sou eu com effeito?

ALMA DA LOURINHAN

Mau! hem, hem! (*engulindo um resto de pastilha*) dos peiores que por la havia da outra banda do Acheronte. Olhe, conde, que eu não vim hontem da terra do meu titulo, e nós aqui estamos na

"terra da verdade" Essas imposturas até nem ja em Portugal pegam bem. Tenho pena que lhe não chegasse ca o eccho do clamor geral quando os Portuguezes tiveram o prazer de assistir ao seu estrepitoso funeral.

ALMA DO RIO-PARDO

Ingratos! Mas este é o fado de todos os grandes vice-reis da India, em Portugal.

ALMA DA LOURINHAN

Taes como Duarte Pacheco e o conde de Rio-pardo. Não ha parrallelo mais exacto. Ambos voltaram do oriente riccos de honra, e pobres de fazenda, ambos morreram enfermeiros, um trattando de um hospital de doentes para não morrer de fome, outro de uma nação para a matar á fome.

ALMA DO RIO-PARDO

La assim tam exactamente não digo que fosse. Muito pobre da India não vim eu; algum dinheirito trouxe. Mas quanto me não custou a ganhar, e que me approveita! De que me serviu não ter desprezado os bisalhos de diamantes como os meus antigos e estupidos predecessores que de vice-reis subiam a enfermeiros? De que me serviu ter sido o açoite do cafre, do canarim, do mestiço e do portuguez e haver-lhe chupado até o último pardau e rupia, se tudo, tudo é inutil agora!

ALMA DA LOURINHAN

Resta-lhe ao menos o testimunho da sua consciencia, que sempre é uma consolação. A patria duas vezes trahida, duas vezes renegado o rei natural,a India roubada e dilacerada, o Riogrande acutilado, Lisboa devastada, mas sôbre tudo, que é o seu melhor feito, um principe como D. Miguel posto no throno do seu soberano esbulhado, são acções para deixar um grande nome na posteridade; e isso não é pouco.

ALMA DO RIO-PARDO

É verdade, é verdade minha senhora, que eu não herdei com as outras virtudes dos meus predecessores no oriente essa virtude da lealdade. Mas, áparte eu fazer-me de Portuguez Brazileiro, e de Brazileiro Portuguez (que isso são peccados velhos,) este último peccado de rebellião, a fallar a verdade, eu duvidei muito commettê-lo; mas o sr. Dom Miguel era tam boa pessoa, tinha tanto odio a constituições, que sempre foi a coisa da minha maior embirração e zanga.........

ALMA DA LOURINHAN

Olhe, conde, la isso de constituição me não emporta a mim nada. Vinham umas, iam-se outras, todos estavam com medo de que lhes tirassem as commendas ou comedellas, que isso é o que la faz todos os corcundas e muitos dos constitucionaes:—e a minha commenda

ninguem m'a tirava nem podia tirar(*mettendo uma pastilha na boca*) que é a coisa de maior abundancia em Portugal; e nos tempos de maicr constitucionalismo nunca ninguem se metteu com isso: estavam as ruas tam atulhadas com o soberano congresso como com os inauferiveis, e eu tam farta e abastada com as côrtes das Necessidades como com as de Lamego, como com as do Rocio, como sem nenhuma d'ellas.

ALMA DO RIO-PARDO

Mas nem todos, minha senhora, teem a felicidade de ter as suas commendas tam seguras como V. Ex. Comiam os fidalgos e não comiam do que V. Ex. come, chupavam os desembargadores e não chupavam do que V. Ex. chupa, chuchavam os frades e não chuchavam do que V. Ex. chucha,—alambazava-se o general, o juiz de fóra, o vereador, o capitão mor, o official da secretaria, o empregado mais reles,—e nenhum queria comer nem siquer beber o que a V. Ex. servia de sustento e bebida. E o povo que é o unico que em Portugal não come, nem esse queria usar da sua economica receita por mais que nós os ministros d'Estado, o *mandassemos*, que o mandasse Rei, clero e nobreza, que, excepto isso, tudo o mais queriam para si.

ALMA DA LOURINHAN

Pois olhe, segundo o que eu por la vi n'estes ultimos dias antes de morrer, parece-me que não hade tardar que o tal terceiro braço não mande os outros dous aonde V. Ex, e o seu rei o queriam mandar a elle, e se acabem por uma vez todas as commendas e comedellas que não forem das minhas.

ALMA DO RIO-PARDO

Pois em tanto perigo está comeffeito a obra das minhas mãos, a creatura do meu ingenho ?

ALMA DA LOURINHAN

Não sei, não sei. O Miguel não faz senão asneiras e maroteiras, e crimes e atrocidades, e inimigos e dívidas; e parece-me que o seu reinado hade acabar como a minha vida, com uma desyntheria destemperada.

ALMA DO RIO-PARDO.

Desgraçado de mim! até este tormento ca heide ter! Pois subirá a legítima herdeira de Portugal ao throno que eu tanto ajudei a roubar! Gosarão ainda os Portuguezes da liberdade que eu detesto, que persegui, que julguei ter aniquilado! E não ha podêr que me aniquille a mim antes que tal veja! É com effeito immortal ésta malditta alma, e terei eu de existir para eternamente me desesperar com a felicidade da patria, e com a inutilidade da minha traição, do meu perjurio, de todos os meus abominaveis e nefandos crimes.

Mal proferíra o damnado espirito éstas derradeiras palavras, um raio de luz alvissima e brilhante atravessou pelo enevoado firmamento que cobre aquellas regiões. Uma veneranda matrona rodeada de celeste cortejo de anjos ia, levada por elles, subindo ás re-

giões de eterna luz. Trajava-se das alvas roupas dos Eleitos, coroava-se da aureola da beatitude; e o escudo das armas portuguezas, que lhe ornava o peito, a mostrava do Real sangue de Bragança.

Creio que n'aquelles paizes onde nem ha sol que marque os dias, nem relojos que meçam as horas, nem serenos ou *watchmen* que as cantem, o tempo corre mais depressa que nos nossos. O certo é que a celeste visão era a alma da Real fundadora de Runa, da angelica viuva de D. José, que ia receber no seio da Bemaventurança o premio de suas virtudes.

Acaso, ao passar, seus olhos se fixaram no abhorrecido espectaculo dos dous interlocutores d'ésta egloga infernal, e ouviram seus ouvidos os ultimos esconjurios do traidor. Uma nuvem de indignação passou pela serenidade de seu rosto; e erguendo para o Ceo aquellas generosas mãos, puras de toda a iniquidade e sempre abertas para todo o infeliz, exclamou:—" Confunde, ó meu Deus, a " odiosa blasphemia do impio! Teu é, ó Senhor, aquelle reino que " para ti fundaste em Ourique, e que tantas vezes tua mão poderosa " tem salvado do abysmo. Salva, ó Senhor, os Portuguezes! E seja " ésta primeira oração que diante de teu throno venho offerecer, at- " tendida da tua misericordia!"

Um som mais temeroso e tremendo que o do trovão respondeu a ésta súpplica, e um movimento mais subito e inexplicavel do que a repentina agitação dos máres ao romper da tempestade, revolveu todas aquellas regiões do mundo invisivel,—que eu vi, provavelmente sonhando como tantos outros visionarios de mais juizo e tom do que eu.—O caso é que tudo desappareceu de repente; ou então—acordei eu.

---

P. S.—Por notícias quasi officiaes que acabamos de receber podêmos assegurar que o Capitão-general de Moçambique protestára pela Legitimidade da Rainha, contra a usurpação feita em Portugal, e que n'este sentido officiára para o Rio.

Sabemos igualmente que o vice-Rei de India foi fiel, como era de esperar, á Senhora D. Maria II.; que tem dimittido algumas authoridades, entre éstas o Governador de Damão, e officiando para o Rio mandára logo para alli duas fragatas, aprompt ando, sem demora, mais outra, para o serviço da Rainha.

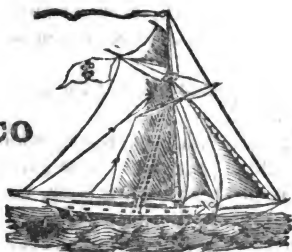
---

*Annúncio.*

Um Portuguez residente e estabelecido em Hamburgo (Steintwiete nº. 73). tem commodos para receber em sua casa até seis compatriotas seus que desejem viver á portugueza e gosar por um modico preço de todas as conveniencias domesticas. Por casa, cama, mesa e serviço, 65 marcos correntes cada mez (não incluindo fogo)—ou 18,200rs.

---

Impresso por R. Greenlaw, 39, Chichester Place, Londres.

**O CHAVECO**  **LIBERAL.**

No. 8. Vol. I.

O'er the glad waters of the dark blue sea,
Our thoughts as boundless, and our souls as free.—Byron.

*Quarta feira* 28 *de Outubro*, 1829.

## CORRESPONDENCIA DO CHAVECO.

*Muito reverendo Padre Capellão.—Abordo da Balandra Tres quilhas.*—Entre as diversas atoardas, que por ahi correm ha uma, que parece calar mais funda o cerne dos que engolem sem se demorarem no processo da masticação o tempo necessario para a subsequente formação do chymo e chylo, sem o que será impossivel equilibrar a vida seja qual for a constituição physica ou moral, que tenha de manter-se. Mal de nós, meu padre, se observando o cariz do céo nos aterrassemos ao primeiro agoaceiro, e se a simples cellagem nos levasse a arrear mastareos, e a picar a ovencadura. Longe vao agouros: por ahi revoa ainda a *alma do mestre* esvoaçada por esses mares que não perdida. Deixe que a sua sombra tremenda surgida do esquife de Westminster perseguirá o nobre Duque ainda alem do seu baque, que segundo a minha taboa loxodromia não vem longe, demorando pela altura de 12 sessoens do futuro Parlamento, mais minuto ou menos. Se avistarmos esse cachopo esteja certo, que nos mesmos mares estará a esse tempo sorvido um morro estupido e todo aparcellado em redor, que um maremoto jesuitico havia alevantado, mas que um vulcão combinado da razão, e da justiça sumirá no abysmo: a formosa nau *Gallia*, digna de melhor sorte, tinha ja os delgados da roda de proa entralhados n'um fundo de burgalhão, que precedia o arrecife; porem a maquina immortal *Seguro mutuo* ha-de servir-lhe de *michelos*, e a ancora da li-

berdade ha *zarpar-se*, e a nau surdirá a salvamento, e ao seu socairo surdiremos todos. Não me esmoreça.

Diga-me ca, meu padre, que casta de temporal é esse do *reconhecimento d'Hespanha* para Vm., e muitos outros da sua bandeira ferrarem joanetes, fecharem escotilhas, risarem as gavaes nos terceiros, e dar a pôpa á borrasca ?

Leva de terror, que ainda ha tempo para observar a descoberto o orizonte, e para *pezar o sol.*

Supponhamos que a Hespanha tem reconhecido D. Miguel ; fallemos mais propriamente,supponhamos que Fernando VII. tem declarado *abertamente*, o que ha muito sustenta, no que sempre trabalhou, e o que invariavelmente ha-de manter, isto é, que o trono de Portugal seja occupado por um despota,longe delle instituiçoens liberaes de qualquer casta,forma,guiza, ou maneira:—que se segue dessa declaração *aberta*, *publica e patente*, que se não tenha seguido da paliada, cuberta mas constantemente seguida ajuda, favor, cooperação, e auxilio, que tem ministrado quaes em suas forças couberam ? Eu não vejo, em verdade, nesta hypothese de reconhecimento patente mais do que uma *fórma* vazia, por que a essencia, a substancia sempre se guardou. Fernando teve sempre em Lisboa diplomatas, Miguel sempre os tem tido em Madrid. Elles vão reciprocamente aos paços reaes, elles tractão com o ministerio, elles expedem proprios e officios d'um para outros reinos ; elles dão jantares e acceitão jantares dos ministros ; elles jogão em suas partidas e tertulias, trocão excellencias ; n'uma palavra fazem todos os actos de embaixadores, salvo o de arvorarem na façada de suas moradas a cataplasma do Brazão. Por suas intrigas se armão cordoens sanitarios : por ellas se agazalhão rebeldes, e se entregão foragidos escapados ao rebem do despotismo : por suas tramas se colligão os planos apostolicos, se envião subsidios para a escravatura politica : por suas manhas se forjão denuncias, se arrestão innocentes,se alção em condecoraçoens criminosos, a velha fernandina esbraveja, troa, resmunga, governa e desgoverna como se lhe antoja. Então que mais monta o reconhecimento a carão descoberto do reconhecimento annuviado ?

Supponhamos, que o ministerio, que hoje meneia o bridão, que remorde o serenissimo Polignac lhe manda, que reconheça a *legitimidade* do *illidimo* D. Miguel, e que elle n'um corcovo de reverencia pespega no bairro de Buenos-Ayres um Monsieur acabado em *gnac*, (porque o ha-de escolher patricio :) e que esta vai encher de mesuras e cortezias os focinhos do rei do barbeiro, e vai escrever muitas vezes ao visconde de Santarem—*O abaixo assignado tem a honra de...... O abaixo assignado tem a gloria de... O abaixo assignado é. . . . O abaixo assignado foi...... O abaixo assigna-*

*do ha-de ser......com consideradissima consideração, &c. &c. &c.* —que consequencia tem estas garatujas? Montarão ellas a mais do que a algumas escorvas que se queimem em algum vazo Francez, que possa estar surto no Tejo, e que D. Miguel va desafiar vogando á babujem desde as machafemeas do leme ás trincas do beque?

Supponhamos, que a *Estatua politica de pés de barro,* montada, nos seus tremendos cavallos de pau, desfraldando as azas vára formidavel por entre o Bugio e S. Julião e vai ferrar a unha d'ancora na vasa de Belem, e dali, pare do risbordo um Bachá de cabeleira d'estriga, e page de bastão de tambor-mor, que ancóra na rua de S. Francisco; e que desde o ancoradouro se faz fixo na praça de *Jerumenha* e nas vinhas *d'Anadia,* e dali inunda de mexeriqueiras os retretes de Queluz:—que mais poderá fazer então, que não faça hoje com esses mesmos agentes, com os mesmos meios, com os mesmos desejos, e com o mesmo emprêgo? Que mais é o homem com uma mascara ou sem ella?

Ouça ca, meu padre, que nisto tudo arremata:—Póde a França e a Inglaterra fazer, com que D. Miguel seja menos despota, e mantenha palavra? Não; porque elle ja lhes prometteu, jurou, e terjurou, e por fim escouceou promessas, palavra, e juramentos verbaes e escriptos, particulares e publicos, privados e solemnissimos.

Para reter este monstro no dever seria necessario *acabrama-lo,* que é a operação que se faz atando o pé do boi ao corno. Para isto era mister pôr la em Portugal uma força estranha permanente: mas *quem* e *com quê* se ha-de essa força *pagar?* Temos chegado ao nosso grande ponto, á summa do meu raciocinio.

Sim, meu capellão: podem essas Potencias dar *dinheiro* a D. Miguel? Nisto se cifra tudo. A França não póde, por que o demo da invenção do *seguro mutuo* para não pagar tributos no caso do desvio dos taxados não so amarrou as mãos dos *gnaes,* mas não tarda que os desmantelle, e esborôe: este invento de entrar ao *escote,* que a quasi nada monta a cada um, e funde immenso no todo, para alçançar um fim legal, é calabre de tal diametro, que não ha embate que o arrebente.

A Inglaterra? Coitadinha! Tomára ella para si. Escute: a sua divida fluctuante é de 800 milhoens de livras esterlinas. Desde 1815, que está a europa n'uma paz podre: desde então trabalhou a Inglaterra por desaliviar-se pela *engenhoca* da *caixa d'amortização:* até desembro de 1828 tinha diminuido apenas 24 milhoens!!! quer dizer, não tinha sequer abatido ametade do augmento da divida d'um anno de guerra, que subio sempre a 48 milhoens. Ajunte-lhe agora a cacada, que acaba de chuchar dos gadanhos de Diebitsch:—a diminuição actual no quartel passado principalmente na sisa *(excise)*: o es-

tado deplorabilissimo dos teceloens, que andão por ahi a pedir esmola, e a chorar :—as desordens, assuadas e penuria da Irlanda inteira :—as fallencias, que cada sabbado enchem as paginas da gazeta: as guerras da Asia, que dão rebate continuo do estado violento em que geme, e que ao primeiro sopro da Russia arrebentará com fracasso estupendo :—os armazens da casa da India empachados de cha podre : as novas republicas Americanas em guerra, e assim obstruidos os canaes do consumo e das trocas : a Hespanha recebendo della apenas o equivalente do vinho de Xeres sem outros meios de escaimbo :—as alfandegas enfim da europa inteira fechadas com pezadissimos direitos sobre a importação dos generos de origem ou mão d'obra Ingleza ;—isto é o *systema continental* de Buonaparte verificado economico-politicamente e sem baionetas:—e que monta tudo isto? Poderá a Inglaterra nestas circunstancias aquecer os cofres de D. Miguel? E com que interesse? Que lucra ella com isso? Que pode haver em compensação? E Vm. ja vio, que a Inglaterra désse ponto sem nó?

Ora pois, meu amigo, ria-se do *reconhecimento e dos reconhecedores*. O EXERCITO MISERIA COMMANDADO PELO GENERAL NECESSIDADE HA-DE DAR CABO DO MIGUEL SEJA QUAL FOR O RECONHECIMENTO E OS RECONHECEDORES.

Isto de *reconhecimento* é uma palavra que importa para mim o mesmo que *emancipação dos catholicos* d'Irlanda. É uma declaração *nüa* de direitos, que nem aquenta nem arrefenta, como disserão os nossos velhos. Estão emancipados os catholicos d'Irlanda; e a fome é por isso menor? Cessaram as desgraças? Terminou a causa do mal? São elles mais opulentos, mais felizes, mais prosperos? Ah! meu padre, com palavras se engodão os homens; e em ultima analyse as trampas politicas não se atavião d'outras achegas. Tal é o mundo d'hoje, e tal foi sempre.

Sem embargo de não accreditar em *moral de Governos*, salvo dando a esta expressão o sentido de *interesse nacional*, eu não posso capacitar-me de que o govêrno Inglez tenha o despejo de dizer ás naçoens do mundo : "Ontem nós declaramos, tractamos e reconhecemos D. Maria II. como a legítima herdeira e successora do throno Portuguez: hoje nós baldeamos todos estes appellidos e dictado para o usurpador, como tal declarado solemnemente do alto do Parlamento." Isto repugna moralmente; entretanto o *interesse* o póde tornar possivel. Mas qual é o interêsse que pode mover a isso o gabinete Inglez? Confesso-lhe, meu padre, que não posso assumar outro, salvo a ignorancia do que se passa em Portugal, e do que é Portugal nas mãos de Miguel; e assim não é interesse real; senão um interêsse imaginario a que dá origem o não conhecimento do estado e recursos do paiz no poder d'um despota sustentado por uma *fação*,

e a despeito do que se chama *nação*, no sentido, que por direito a palavra involve.

O unico *ente* interessado no despotismo de Portugal é o despota Fernando, porque tem mingoa d'um encosto para se suster o si proprio: mas afora delle não vejo outro; e esse mesmo está em contradicção com o desejo, o sentimento, e a fôrça sopeada da nação, que esmaga. Reconheça elle D. Miguel, que alguem lhe reconhecerá D. Carlos.

O quadro, que nesta materia de reconhecimentos de legitimidade tem offerecido a europa nos nossos dias é um tecido de disparates, que não faz grande honra ao seculo 19.o; mas que ao mesmo tempo prova, que é cousa de nenhuma monta: a ágoa o dá a ágoa o leva.

Buonaparte, e seus Irmãos, parentes e adherentes, marechaes, e generaes forão conhecidos, e reconhecidos: as divisoens e dismembraçoens das naçoens, principados, condados e provincias forão conhecidas e reconhecidas; os tractados, os mappas, os almanaks, as gazetas, a historia enfim os marcou. Em poucas cingraduras tudo foi desmantellado e arrazado, e muita parte nem ficou o que era dantes, nem o que fora ao tempo delle. O que é hoje a Holanda? O que foi no seu tempo? O que era antes delle?

Que resta de todo esse terremoto politico europeo? A Suecia. E quem é o *legitimo* da Suecia?....

Que foi feito da Polonia? E como póde ella ter uma constituição, e ser regrada por um governo despotico?

Morto Alexandre, qual, era o irmão immediato, que o direito da legitimidade europêa chamava? Constantino. E quem foi o successor d'Alexandre? Nicolau.—

Quem será o *legitimo* da Turquia Européa? Qual será o garfo da *legitimidade*, que tem de enxertar-se na Grecia?

Que fado espera a Austria sobre a morte do seu Imperador? Será o primogenito, ou o segundo o successor?

Se os calculos e *resenhas da mortalidade*, hoje tão alambicados, não mentem, no espaço de dez annos não devem de existir os Reis da Suecia, da Prussia, da Holanda, da França, da Inglaterra, o Imperador d'Austria, e o Papa. Contra a mão da morte não ha exercitos nem pharmacopeias. Oh! que serie de *reconhecimentos* e *desreconhecimentos* os pimpolhos, que hoje arrebitão, não desafião, e promettem! Mudemos proa, meu padre, que se o genio da prophecia alcança uma vez da tripode, em que apoio, traspassar o *coccigio—cutane—sphincter* de Dumas, trepará com a velocidade da vibração dos nervos aos *hemispherios* do cerebro, e se se pilha recostado no *thalamo nervorum opticorum* não poderá mais desencafuar-se sem deixar-me os miolos agoa, que não estão elles ja pouco empapados.

Creia pois, meu padre, que quer reconhecido quer não o senhor Miguel ha-de ter a sorte commum aos tirannos : os seus mesmos *reconhecedores* actuaes lhe hão de dar cabo da pelle.

Alguem disse, e com exactidão, que a actual geração Portugueza tem *toda* de ir a cadeia.—Esta descoberta na arte de governar estava guardada para um monstro que não tem parelha no ajoujo do despotismo: foi o averno que o vomitou para praga dos vivos, e diminuição no horror da memoria dos scelerados.

Por hoje dou fundo : por que não quero á força de voga escalavrar as chamaceiras, e arriscar a partir os tolétes. Dêem por onde derem os *reconhecimentos* politicos, reconheça-me Vm. por seu fiel captivo—PALINURO.

---

EXTRACTOS DOS JORNAES FRANCEZES, INGLEZES E ALLEMÃ

*Londres* 18 *de Outubro.*—O *Times* publicou um artigo em que accusa alguns jornalistas inglezes, (dos mais obscuros e pouco lidos) de terem vendido as suas indigestas paginas ao partido Miguelista. O *Morning Journal* encaixou logo a carapuça, que o correspondente do *Times* talhava para mais cabeças e respondeu áquelle jornal com suas costumadas sandices. corroborando com sua miseravel resposta a verdade da asserção. Appresentamos aos nossos leitores estes dois documentos, que fallam de per si, e mostram a ruindade da causa sustentada por venaes escriptores, a par da inepcia de quem compra tal gente. Eis-aqui o artigo do *Times.*

" É facto positivo, que na conta das despezas do Asseca ao seu " Govèrno (o de Portugal) appareceu uma verba de £13,600 (ou " 65,000,000rs.) dados aos sevandijas editores de algums dos papeis " que se publicam em Londres,e tem advogado a causa da usurpação " do Miguel. Este facto não depõe muito a favor da imprensa In-" gleza, ainda que próva, ao menos, que aquelles editores tiveram " destreza bastante em se venderem por uma somma não minguada. *(Times.)*

A similhante respeito faz o redactor do *Star*, as seguintes reflexões.

" Eis aqui leitores Inglezes, descoberto o grande segredo da monstruosa e malvada advocacia a favor de um perverso, cuja existencia é mancha indelevel no seculo 19 ! Eis provado o crime ! Os argumentos produzidos para sustentar a peior das cauzas, e que o publico honrado tanto sem desaprovado, foram comprados inda mui baratos pelo enorme preço de £13,600 ! ! ! Que escriptor venal poderia resistir, e conservar livre a sua consciencia, na presença d'este montão de ouro ? Por certo não custou menos de um *shilling* cada linha ! *Proh pudor!* Qual será o Inglez digno de tal nome, que não se envergonhe de um tam escandaloso abuso da imprensa ?

Cubram-se de pejo os infames, se d'isso são capazes, ao ver desmascarada sua torpeza, e saibam que desde longo tempo a parte honrada e sizuda da nação Britannica, condemnou taes escriptos, e a causa que elles sustentam, ao desprêzo que elles e ella merecem." *(Star.)*

É verdade que as auctoridades de Laval deviam dar itinerarios aos Portuguezes fieis. Eis aqui a lista de todas as cidades por onde elles haviam de ser disseminados: Besançon, Bourg, Mâcon, Marseille, Toulon, Draguignan, Mende, Montpelier, Toulouse, Agen, Bordeaux, Angoulême, Saintes, Niort, Bourges, Limoges, Aurillac, Lyon, Orleans, Blois, e Montbrison. Os officiaes deviam ser separados a dois, tres e quatro pelas differentes cidades; os officiaes inferiores tambem separados, e os soldados dispersos.

Um dos officiaes portuguezes, cuja senhora estáva doente em Laval, não tinha podido obter do prefeito de Mayenne licença para se demorar alli até o restabelecimento da saude de sua esposa.

A voz da humanidade não soou em vão aos ouvidos do Rei. Asseguramos que hontem á tarde se expediu contra-ordem. Acrescenta-se que este acto de benificencia, diremos até de justiça, é devido ás efficazes sollicitações de duas senhoras, uma Franceza, e outra Portugueza. *(Constitucionnel de 11 d'Outubro.)*

*Paris* 12 *de Outubro.*—Somos informados, mas não o acreditamos, que um tratado de alliança offensiva e defensiva acaba de ser effeituado entre a Hespanha e Portugal, sob a intervenção e mediação de uma grande Potencia, que professa neutralidade nos negocios de Portugal, e com tudo n'elles influe debaixo de mão desde longo tempo. Isto parece um acto de vingança contra a França, que cedo rivalizará por mar a Inglaterra, ao passo que tem visos de a querer obrigar a tomar parte na contenda contra a Russia, ameaçando-a com a não influencia nos negocios da Peninsula. (*Constitutionnel.*)

*Londres* 14 *Idem.*—O Navio Condessa de Liverpool acaba de chegar da Terceira com despachos do Conde de Villa Flor para o Marquez de Palmella. Sahiu daquella ilha no dia 19 do passado. O exército patriota e seu nobre chefe, estavam no maior enthusiasmo, depois da última victoria. Uma abastada colheita, e a mai perfeita tranquilidade, contribuiam muito para a satisfação geral. O resto de esquadra Miguelista achava-se em distancia da ilha, mas parecia proxima a largar o bloqueio, no qual so ficaram, no momento de sahida deste navio, trez embarcações. *(Star.)*

*Paris* 14 *Idem.*—Mr. Pozzo di Borgo, Embaixador da Russia, deo hontem um grande juntar diplomatico, para celebrar a assignatura

do tratado de paz entre a Russia e a Porta. O corpo diplomatico e o ministro dos negocios estrangeiros estiveram presentes. A' noite illuminou-se a casa da embaixada. *(Gazette de France)*

*Londres* 20 *de Outubro.*—Os papeis Francezes de sabado não contem materia alguma de intêresse para este paiz. Assegura a *Quotidienne*, que D. Miguel foi reconhecido por seu tio Fernando, como legitimo rei de Portugal. O facto pode-se accreditar sem custo. Foi, na verdade, ou scena comica de hypocrisia de corte, ou condescendencia sem objecto, a retirada do embaixador Hespanhol no momento em que as Potencias alliadas separaram da sua communhão o usurpador do throno Portuguez. Quando D. Miguel abolio o governo constitucional, que elle havia jurado manter, como Lugar-Tenente de seu irmão,usurpando o titulo de sua sobrinha, cuja legitimidade havia préviamente reconhecido, commetteo actos de perfidia e usurpação, que reflectião discredito sobre aquelles que havião garantido a sua conducta a seu irmão, e em conseguinte tinhão os garantes razão para ressentir o insulto. Neste cazo estavão as cortes d'Austria, de França e d'Inglaterra. Na presença dos Representantes d'estas cortes em Vienna, o principe Portuguez repetidamente jurou da maneira a mais solemne, governar o reino de seus antepassados segundo a Carta outorgada, e em conformidade com a linha de successão, estabelecida por seu irmão; e foi sómente devido á intercessão dos soberanos alliados, que abonaram a sua boa conducta, que em vez de ser conduzido ao Brazil, como suspeito rebelde, foi escoltado até ao Tejo por uma esquadra Britannica como Principe Soberano. Pouco depois de ter chegado a Lisboa repetio ainda o seu juramento perante a Representação diplomatica Europea, e na presença das duas Camaras legislativas de Portugal, e por esta fórma duplicou o perjurio, agravando o insulto. Mas em toda esta transacção não tomou parte solemne o gabinete Hespanhol, nem tão pouco foi convidado para entrar em estipulações algumas públicas ácerca do Infante. Se algum secreto convenio existia entre elles, era por certo de natureza mui differente: devia incluir a estipulação de violar seu juramento, e de abolir a carta o mais breve possivel. No anno anterior á chegada de D. Miguel a Portugal, o governo Hespanhol tinha sustentado a rebelião dos Silveiras, que o proclamaram rei, não obstante as ameaças da Inglaterra, e o risco de accender a guerra na Europa. Aquelle mesmo governo tinha protestado contra a Carta que D. Pedro outorgou ao seu povo, e que o Infante havia solemnemente jurado manter. Assumindo pois este perfido Principe o titulo de rei e abolindo a constituição, não fez mais do que obrar em harmonia com os desejos da Hespanha, e sem dúvida o embaixador Hespanhol achou-se em mui extranha companhia, quando assignou o documento diplomatico, pelo qual Sua Al-

teza era separado da communhão soberana por ter accedido á politica Hespanhola. É verdade que Fernando podia julgar o precedente de uma usurpação afortunada mui perigoso tão perto de caza, porque o contagio da ambição infiel podia communicar-se aos membros da sua propria familia; mas esta circumstancia não se tornava mais perigosa no fim de 1826, do que no principio de 1828. É tambem verdade que os seus receios e esforços, no primeiro d'estes periodos, se dirigiram mais contra a constituição de Portugal, do que contra a ordem da successão Portugueza; mas neste mesmo cazo, torna-se indubitavel, que obrou inconsistente ou hypocritamente desapprovando ultimamente a conducta de seu sobrinho, quando anteriormente não só a havia approvado mas até dado auxílio aos seus satelites. Se os direitos de D. Maria não tivessem sido usurpados, a Carta ter-se-ia mantido. A successão da joven Rainha achava-se vinculada com as novas instituições. Os homens bravos e leaes que estão actualmente desterrados—cujas propriedades forão confiscadas, e cujas cabeças se achão a preço, por terem infructuosamente procurado deffender a cauza do seu soberano e da sua patria—não terião pugnado a pró dos direitos de uma menina, contra os de um principe já formado, se acazo differentes systemas de governo não se achassem connexos com os seus nomes. Separado da Carta, o titulo da joven Rainha não podia deichar de lhes parecer, bem como nos parece a nós, cousa de maior valor do que o sêlo de um contracto, ou de uma escritura arrancado a qualquer pergaminho. Os desejos pois de Fernando estão completos com a destruição de ambas as couzas, e o que só póde causar espanto é, que elle vestisse por tanto a máscara do desagrado contra seu sobrinho, em vez de a largar desde o comêço da contenda. *(Times.)*

*Pariz* 16 *de Outubro.*—As nossas cartas de Madrid de 5 do corrente, dizem que el-rei acaba de approvar o cazamento do infante D. Sebastião filho da princeza viuva D. Maria Thereza, com a princeza D. Maria Christina Carolina, filha do fallecido rei de Sardenha Victor Manoel, e sobrinha do rei actual daquelle paiz.—*(Messager des Chambres.)*

*Londres* 19 *de Outubro.*—Notícias recebidas pelo paquete que acaba de chegar do Rio Janeiro, representão o commercio, e o credito público em progressivo augmento n'aquella capital. Fazião-se grandes preparativos para a recepção da Imperatriz do Brazil, bem como da rainha D. Maria da Gloria. Quanto ao Imperador D. Pedro, continuava nos mesmos sentimentos contra o uzurpador de Portugal, e nenhuma dúvida há, que elle abraçou a cauza de sua filha com aquella energia que lhe é propria, e que breve vai empregar meios mais efficazes do que manifestos e notas de gabinete.—*(Star.)*

*Londres* 22 *de Outubro.*—Devemos a seguinte notícia á urbanidade do editor do *Morning Herald*, que recebeo expressos de Lisboa e Pariz esta manhã, e cujas notícias transcreveo na segunda edição do seu jornal. O conteüdo destes papeis é da maior importancia. Como há muito anticipamos, e repetidas vezes dissemos—Só uma bancarrota ou ruina hade total ser o resultado da nefanda carreira de um monstro como Miguel.

*Notícias recebidas pelo expresso de Lisboa.*—Recebemos neste momento uma carta do nosso correspondente de Lisboa, da qual extractamos o que segue:—

*Lisboa* 10 *de Outubro*—A maior confusão reina nesta cidade; o ultimo éllo do credito público acaba de quebrar-se, e quantos se dedicão ao commercio, ou são empregados pelo governo, mal sabem o que hão-de fazer—tão amedrontados se achão elles pelo terror panico que chegou a todas as classes. Nestes ultimos dois dias, afluïo ao banco um numero extraordinario de notas, que forão pagas com difficuldade, esgutando-se-o numerario. A moeda papel, que é uma especie de nota promissoria do governo, e que todos são obrigados a receber ametade em qualquer pagamento legal, soffre hoje o rebate de 30 por cento, quando só perdia 15 por cento, na epoca da chegada do Miguel. Todos os que esperão pagamentos, ou que tem remessas a fazer, temem realizar, porque precisando descontar o papel, este subirá a 40 por cento, e a mais. O cambio sobre Inglaterra era na quinta feira 45½; hontem desceo a 45, e hoje a 44½, Sabado, nove horas da nonte—Corre boato, porêm este necessita confirmação, que por mandado despotico do Mïguel, e dos seus ministros, o Banco recebêra ordem para não abrir na segunda feira. O cambio sobre Inglaterra está a 44½ com apparencias de mudança. O papel moeda continua entre 30 e 31 de rebate. (*Star.*)

*Pariz* 20 *de Outubro.*—O embaixador da Russia em Bruxellas, que se achava a ponto de partir para Italia, acaba de receber novas ordens de S. Petersburgo, para não sahir, pelo em quanto, da Belgica. Suspeita-se que esta ordem tem relação com os acontecimentos do Oriente, que parecem ameaçar a tranquilidade da Europa.—(*Méssager des Chambres.*)

*Ibid.* 21.—Pertende o *Morning Journal* que o ministerio do duque de Wellington, é o mais infeliz de quantos tem a Inglaterra tolerado desde o reinado dos talentos. Fez uma pintura desconsoladora do estado em que se acha o commercio e as manufacturas, e conclue clamando contra o augmento d'impostos que parecem tanto mais extraordinarios quanto um estado visinho, a França, tem solvido as dividas de guerra e as obrigações que lhe impoz a paz sem recorrer ao meio oneroso de impôr tributos.—(*Courrier Français*)

*Haia 25 de Outubro*—Na sessão da segunda camara, nomearão-se as commissões para examinar a legalidade das procurações dos deputados, e todas forão approvadas, com excepção de Mr. Brugmans, que a commissão julgou dever excluir por ser membro permanente da commissão d'amortização.

A camara procedeo depois á escolha dos trez membros d'entre os quaes o rei escolha o presidente, e tiverão a pluralidade de votos Mrs. Hooft, Cliffort e Reyphins.—(*Globe*)

*Berlin* 8 *de Outubro.*—A parte activa que o ministerio da Prussia tomou nos negocios do oriente fazem a maior honra á nossa politica e mui particularmente ao general Muffling. É a elle que a Porta confiou em primeiro lugar o encargo das negocíações, quando vio que as instrucções dos outros embaixadores não lhe permittião esperar soccorro prompto. Não obstante a concluzão da paz, e por mais vantajozo que seja o tratado de *Adrianopoli*, reclama ainda das primeiras potencias da Europa explicações muito detalhadas.—(*Journal des Debats*)

*Pariz* 20 *dito*—O reconhecimento de D. Miguel pela Hespanha não é official. A *Quotidienne e a Gazeta* parecem ter dado a notícia por anticipação. Não há outra notícia official mais do que uma carta escrita pelo conde da Figueira ao conde da Ponte em Pariz, assegurando-lhe que esperava ser recebido na côrte de Fernando no dia 12 deste mez. Se somos bem informados, esta carta foi trazida pelo correio chegado sabado passado ao embaixador d'Austria, o qual a entregou ao conde da Ponte.—(*Courier Français.*)

*Londres* 21 *de Outubro*—Há pouco os papeis francezes publicaram, que na Bretanha se formávão associações com o fim de darem as mãos a não se pagarem os impostos, quando illegalmente lançados. Estas associações forão denunciadas ao ministerio Francez, e os jornaes que dêrão a existencia daquellas soffrêrão condemnações por abuso de liberdade d'imprensa. Sabemos que o exemplo da Bretanha tem sido seguido, em muitos departamentos, e agora mesmo em Pariz existe uma, que conta entre os seus membros grande numero de deputados. Que farão os ministros em similhante caso? (*Times.*)

*St. Petersburgh*, 7 *de Outubro.* No dia 4 houve n'esta capital, solemne *Te Deum* em acção de graças pelas brilhantes victorias alcançadas pelas armas Russianas na ultima guerra contra a Porta. A's dez horas formárão as tropas de guarnição, commandadas pelo general Diminidore: e pouco depois chegou o Imperador a cavallo, accompanhado por seu filho e um numeroso sequito. Foi saudado pelas tropas com grande enthusiasmo, e tendo salvado as fortalezas e navios surtos no porto, as tropas passárão em continencia perante S.

Magestade Imperial. Acabada a parada principiou o serviço divino, e a procissão. 'A noute houve grande illuminação, tanto na cidade, como nos navios de guerra que se achão no Neva. Varios despachos se publicárão neste dia, e entre estes figura em primeiro lugar a nomeação dos Condes Diebitsch e Pataewitsch a *Field Marechaes.*—(*Globe*)

## MANIFESTO DO IMPERADOR DA RUSSIA.

Nicolau primeiro pela Graça de Deus Imperador e Authocrata de todas as Russias &c.

Graças aos decretos da Divina providencia, um tractado de perpétua paz acaba de ser assignado em Adrianopoli a 14 de Septembro entre a Russia e a Turquia pelos plenipotenciarios respectivos dos dous imperios. Todo o mundo reconhece a irresistivel necessidade que nos obrigou a tomar as armas. N'ésta guerra legítima, so intentada em defeza dos direitos do nosso Imperio, os nossos fieis subditos constantemente animados por uma ardente devoção ao Throno e á Patria, anciosamente nos offereceram o tributo de suas propriedades e esforços: o Omnipotente abençoou a nossa causa.

Os nossos intrepidos guerreiros teem dado novas provas de heroico valor por mar e terra tanto na Asia como na Europa. Triumpharam dos obstaculos da natureza e da desesperada resistencia do inimigo. De victoria em victoria passaram os montes de Saganlouck, viram aplanar-se o Balcão e so pararam na marcha triumphante ás portas de Constantinopla. Formidaveis so aos inimigos armados, os pacificos habitantes so encontraram clemencia, humanidade e brandura. N'estes dias de combate e de glória, sempre alheios a ideas de conquista, nunca cessámos de convidar a Porta Ottomana para o restabelecimento da paz entre as duas potencias. Os Commandantes dos nossos exercitos nunca depois de cada victoria deixaram de offerecer paz e amizade. Os nossos esforços sempre foram frustrados porque o Sultão so quando nossos estandartes fluctuavam junto ás portas de Constantinopla é que estendeu a mão para receber a paz, que promete á Russia os mais prosperos resultados. O sangue de nossos guerreiros está remido por numerosas vantagens. A passagem dos Dardanellos e do Bosphoro é de hoje em diante livre a todas as nações.

A segurança das nossas fronteiras Asiaticas está garantida pela incorporação ao Imperio das fortalezas de Anapa, Poti, Ahalzic, Atishoar, e Ahhalhalahi. Os nossos antigos tractatos estão confirmados em todos as suas previsões. Assegurámos justas indemnizações para ás despezas da guerra e para as perdas individuaes de nossos subditos. O açoite da peste, que tantas vezes ameaçou as pro-

vincias do Sul da Russia será para o futuro rettido por uma dupplice barreira, estabelecida uma linha de quarentena nas margens do Danubio, por mútua convenção de ambos os lados. Tambem se extendeu a nossa solicitude aos destinos das nações que professando a nossa religião estão sugeitos ao dominio Ottomano. Os antigos privilegios dos principados de Moldavia e Wallachia foram sanccionados, e consolidado seu bem-estar por novas vantagens. Os direitos garantidos aos Servios pelo tractado de Bucharest e confirmados pela convenção de Akerman estavam ainda suspensos em sua applicação. Estas stipulações serão d'ora em diante fielmente observadas. A existencia politica da Grecia determinada pela Russia de accôrdo com os Gabinetes alliados de França e Inglaterra, foi formalmente reconhecida pela Porta Ottomana.

Taes são as bases fundamentaes de uma paz que felizmente terminou uma guerra sanguinaria e obstinada.

Annunciando aos nossos amados subditos este feliz acontecimento, novo dom das bençãos do Ceo outorgado á Russia, nós offerecemos as nossas mais ardentes acções de graças ao Todo-poderoso, que se dignou, por seu Divino decreto, elevar a nossa cara patria a tam alto grau de gloria. Praza ao Ceo que os fructos d'ésta paz se desinvolvam e multipliquem mais e mais para vantagem dos nossos amados subditos, cuja felicidade será sempre o primeiro objecto da nossa constante solicitude.

Dado em S. Petersburgo a 19 de Septembro (1 de Outubro) do anno de 1829 e quarto do nosso reinado.

*Extracto da Sentença da Alçada do Porto promettido em nosso No. 6.*

"Devendo ser punidos com todo o rigor das leis crimes tão atrozes, abominaveis e transcendentes, como estão provados aos réos deste processso, que escandalizaram e perturbaram este reino, abalaram os fundamentos da harmonia social, e ameaçaram a destruiçam do throno, e independencia desta monarquia ; e convindo, conforme as ordens do mesmo augusto senhor, dar a devida satisfação á justiça, tão altamente offendida, reparação ao escandalo publico, e um exemplo formidavel aos revolucionarios e conspiradores, é indispensavel e absolutamente necessario que todos os referidos réos soffrão as penas que merecem por seus gravissimos e horrorosos crimes :

"Por tanto, e pelo mais dos autos, havendo por exautorados e privados de todos os titulos, privilegios, honras e dignidades de que gosavão nestes reinos, de que os hão por desnaturalizados, os réos, *Pedro de Souza e Holstein* que foi Marquez de Palmella, *Antonio José de Souza Manoel e Menezes Severim de Noronha* que foi Conde

de Villa Flor, *João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun, Thomaz Guilherme Stubbs, Francisco de Paula de Azeredo, Manoel Antonio de Sampayo Mello e Castro Torres e Luzignano* que foi Conde de Sampayo, *Filippe de Souza Holstein, Candido José Xavier, Gastão da Camara,* que foi Conde da Taipa, *Manoel da Camara, Simão da Silva Ferraz de Lima e Castro,* que foi Barão de Rendufe, os condemnão, a que com baraço e pregão sejão conduzidos pelas ruas públicas desta cidade até a Praça Nova da mesma onde em um alto cadafalso, que alli será levantado, de sorte que o seu castigo seja visto de todo o povo, a quem tanto tem escandalizado o seu horrorosissimo delicto, morrão morte natural de garrote; e depois de lhes serem decepadas as cabeças, seja o mesmo cadafalso com seus corpos pelo fogo reduzido a cinzas, que serão lançadas ao mar para que delles e da sua memoria não haja mais notícia. E havendo outro sim por exautorados da mesma fórma os réos *Rodrigo Pinto Pizarro, Manoel José Mendes, Thomaz Pinto Saavedra, José Victorino Barreto Feio, Manoel Joaquim Berredo Praça, João da Costa Xavier, Francisco de Sampayo,* e *Francisco Zacarias Ferreira de Araujo,* os condemnão a que com baraço e pregão sejão levados pelas ruas públicas ao mesmo lugar da Praça Nova, e ahi nas forcas que se achão levantadas morrão morte natural para sempre; e depois de decepadas as cabeças, serão pregadas em altos postes por toda a estrada de Mathozinhos até ás praias do mar onde desembarcaram, ficando expostas até que o tempo as consuma: e a uns e outros dos sobreditos réos condemnão mais na confiscação e perdimento de todos os seus bens para o fisco e camara real, com effectiva reversão e incorporação na côroa, dos de morgado, feudo, ou foro, constituido em bens que sahissem da mesma coroa na forma da ordenação do livro 5.°, tit. 6.° §. 16, e do Alvará de 17 de Janeiro de 1759; e os de morgado constituido em bens patrimoniaes, os haverá o fisco em quanto os réos vivos forem, conforme as leis do reino; e porque os mesmos réos se achão ausentes, os pronuncião e hão por banidos; e mandão ás justiças de sua Magestade que appelidem contra elles toda a terra para serem presos, ou para que todo e qualquer do povo os possa matar livremente, sabendo que são os proprios banidos, e não sendo seu inimigo.

" E havendo respeito á minoridade notoria dos réos *Alexandre Domingos de Souza e Holstein,* e *Alexandre Maria de Souza Coutinho,* e á disposição da Ord. do livro 5.° tit. 136, os condemnão em degredo perpétuo para os estados da India, e na confiscação e perdimento da terça parte dos seus bens para o fisco e camara real: E a todos nas custas.—Porto 21 de Agosto de 1829.—P. *Botelho. Calheiros. Dr. Almeida. Cazal Ribeiro. Seixas. Carvalho. Dr. Abreu. Ordaz.*

EXTRACTOS DAS NOSSAS CORRESPONDENCIAS PARTICULARES.

*Lisboa* 3 *de Outubro*.. Domingo vimos sahir para o Alfeite o Infante com seu valído Pires ao lado, como sempre, Recolheu-se mais cedo do costume, e chegando ao caes da pedra fingiu procurar pelo Visconde de Queluz parecendo que so então soubera que não tinha vindo com elle. Mandou um escaler que fosse logo buscá-lo, e partiu para casa. O escaller, ou chegasse com effeito a ir, ou realmente la não fosse segundo mais se crê, trouxe resposta de que o barbeiro não vinha sem ordem de S. M.—No dia seguinte se lhe mandou o fato para o Alfeite, e foi mandado chamar o malvadissimo Telles Jordão, não se sabe para quê. Ignora-se se o infeliz barbeiro está vivo ou morto, se no Alfeite se na tôrre, se pela barra fóra. Diz-se que quando chegaram ao Alfeite, elle e seu atraiçoado amo, ja la se achava uma escolta de soldados, e cabo, escondidos para a destinada prisão. A maneira por que se conta que ella succedêra é notavel e mostra as entranhas do monstro que nos opprime. Refere-se que chegando ao Alfeite, D. Miguel se sentára com semblante muito risonho e mandando sentar o amigo barbeiro (estavam sos) lhe fizera escrever o aviso para a sua propria prizão. O miseravel obedeceu ; e o Infante levantando-se de repente,sahiu, fechou a porta á chave e mandou logo á patrulha que o guardasse. Antes de hontem sahiu uma charrua armada, uns dízem que para a Madeira, e outros, com o povo, que para um dos presidios de Africa com o barbeiro e mais alguns deportados. A verdade é que se não sabe nada mais com certeza, senão que o barbeiro fôra com o Infante para o Alfeite e que não voltou, que não assistiu ao bejamão dia de S. Miguel. A velha rainha abhorrecïa o Pires e dizem que tambem a Vadre. Entre as muitas causas que se dão para este *disgraciamento* a mais provavel é com effeito este ódio da rainha. Se houvermos de crer o que dizem os que pretendem de bem informados, a rainha fez com que o Visconde de Asseca arranjasse de Londres ésta historia, avisando que o Pires estava á testa de uma conspiração contra o Miguel. Fosse qual fosse a verdadeira causa, não havia de entrar pouco a inveja e ciume dos outros sevandijas do paço. Consta que os bandalhos marquezes de Tancos e de Bellas são involvidos na desgraça do seu amigo barbeiro .

Geralmente todos tem tido dó do pobre Figaro que não fez mal a ninguem, e que, intendendo-se com os protectores inglezes da usurpação, muitas vezes moderava as furias do tigre.

*Lisboa* 10 *de Outubro*—Depois da que lhe escrevi pelo último paquete, é ésta cidade um verdadeiro *Pandemonium*, em que Milton tinha por certo que apprender. Tudo é terror e confuzão ! Não

ha real! Roubam-se os cofres publicos, por ordem do *amado* Miguel! Dão-se saques no banco! Tivam-se dos depositos os dinheiros dos particulares! Poem-se de novo em circulação os titulos que deviam estar cancellados! Obrigam-se os thesoureiros dos cofres particulares a entregar o dinheiro que é do público, e finalmente os sequazes da tyrannia

> Torcem leis, poem tudo a saco,
> E a pobre Lisboa tornam
> N'uma caverna de Caco.

O resultado d'este systema de devastação é estar o papel a 30 e 31 por cento de rebate, porêm os maltezes não querem rebater, porque o banco parece que vai suspender seus pagamentos. A historia do banco, não é mais do que um da-cappo das muitas perfidias d'este govêrno, se govêrno se póde chamar uma associação de facinorosos que folgam quando derramam sangue innocente, e exultam de ver a patria no último arranco de morte!

Quiz o tyranno dinheiro para fazer callar a soldadesca desenfreada e mal contente por falta de paga, e recorreu ao banco, pedindolhe emprestimo. Foi este denegado, não obstante a boa vontade de um ou outro manteigueiro de comenda, que anda pescando um titulo de toalha e bacia, ou outro quejando. A negativa inflamou o *paternal* coração do tigre, que ameaçou com garrote os directores, e saque o estabelecimento. Ora como ésta logica é poderosa, e quando não convençe, ao menos vence, os timoratos directores trattaram de se descozer e dêram ao vazio erario cento e cincoenta contos em nottas, pedindo todo o segredo ao cabelleira do thesouro, para que a tranzacção não toasse, e trouxesse discredito ao banco, que ha muito estava de pé quebrado. Mas como se poderia guardar sigillo em cousas que interessam a todos os Portuguezes fieis, que são tantos Argos, e cada um vê tanto como o da fábula. Mal soa a notícia, eis que hontem e hoje principia a affluir ao banco uma alluvião de notas, que a direcção faz por pagar com lingua de palmo, em quanto representa a necessidade de se lhe dar alguma somma por conta do muito que o erario lhe deve. Não se sabe ainda qual será a *sabia* providencia; mas espera-se, que ou o banco se hade fechar na segunda feira, ou que um batalhão da policia agarradora postada á porta da entrada leve para o Limoeiro os portadores de notas, que tivêrem o arrôjo de pedir o seu dinheiro. Com tam salutar medida tudo se compõe, e quando não aconteça assim, forca, tratos, polé farão o milagre ao som da musica marcial—*Venha cá senhor malhado*—com côro *obligato* de *vivas ao melhor dos Migueis*—entoados por ésta vêz sómente em obsequio ao beneficiado e ao assumpto, pelo financeiro Borba.

O thesoureiro da Mizericordia evaporou-se, porque tendo-o obri-

gado a entregar todo o dinheiro que havia em depósito das loterias passadas, extorquiram-lhe hontem quarenta contos dos premios da que estava a pagamento. O bom do homem, que é honrado, viu-se na contingencia ou de dizer a verdade, ou de ser prêso, e então preferiu pôr-se a salvo; e fez bem. Os individuos premiados, que sabem da historia, berram como damnados contra o roubo que se lhes fez, e a policía os faz callar com boas maneiras, dando-lhes pancada de raxar, ou levando-os para a cadeia, onde o humano carcereiro da cidade os consôla, com um--É bem feito!—Pois que melhor *premio* queria do que ser escravo de tam bom *Senhor*...... ?

A junta dos juros, o cofre do Terreiro, o da Bulla, o da Terra Santa, e até o da bemditta esmola da milagrosa imagem, foram saqueados. Varre-se o lixo de todas as repartições—quadrando perfeitamente aqui o

Quidquid de Lybicis verritur horreis

de Horacio, porque na Lybia estamos de véras e em peior parte d'ella que Argel. Provavelmente na semana que vem principiarão os os varejos pelos particulares; e a estes hade presidir o *Surripiano* da Costa com a sua guarda de honra, de todos os faiantes conhecidos por terem unha na palma.

Em quanto isto acontece na desolada capital, Sua Magestade *Miguel um* está caçando aos coelhos e gamos na tapada de Mafra onde recebe de vez em quando o *Cadaval* e o *Bastos* Conde, que lhe dizem que tudo vai ás mil maravilhas, e lhe lembram que sería bom celebrar a victoria da Terceira, instituindo á maneira dos Romanos, os jogos *panathenios*. Como n'estes divertimentos são corridos toda a casta de animaes, e há falta de algums por não serem indigenas, lembrou que o Cadaval devia fazer de girafa, o Leite de tigre, Mattos de cocodrillo, Santarem de unicornio, o Lagosta de hyena, Bastos ex-intendente de raposa, o Braga de giboia, o B. de Vizeu de panthêra, Tancos de camello, e o D. Prior de Guimarães de touro dos rapazes.

Nada disse na minha anterior acerca do desagrado em que se diz estar o Visconde barbeiro, porque tenho por farça similhante acontecimento. É certo que ha perto de quinze dias, que o Exmo. nao apparece, e se acha no Alfeite, ums dizem preso, outros assistindo a certa molestia d'inchaçaõ que teve a Lais Allemãa da Magestade bastarda, e outros preparando os bahûs para viagem distante. Naõ sei qual seja o fundamento de taes boatos, pórem o que naõ padece dúvida é que elle dá ja seus passeios no carrinho do Almoxarife, e que deita suas lôas por lâ, dizendo que nada tême, e está seguro da sua consciencia! Como se ésta fazenda naõ fosse contrabando na Côrte Miguelista!

A última remessa de jesuitas ja está accampada em diversos sitios,

parte na cidade onde recrutam, e parte nos suburbios. Para o Ramalhão foram alguns, e la a piedade exemplar da digna mãe do dignissimo filho, estabeleceu dois conventos, um de frades, outro de freiras, ás quaes nada falta, pois que até sinos e badallos se lhe mandaram, tendo nem menos de seis sahido do arsenal em zorras, para aformozearem os conventos, e consolar as ouvidos dos povos visinhos. Ésta última dadiva da fundadóra é congenial, e digna de tam virtuosa personagem.

De Queluz sahiu hontem por noute uma seje escoltada por numerosa cavalleria, e levou um preso d'Estado para a tôrre, uns dizem ser o Bellas, outros o Chaves, mas naõ se sabe ao certo quem seja, naõ havendo dúvida pôrem que o prêso é pessoa de palacio que privava com a Majestade Miguelica. Assim paga o diabo a quem o serve, e bem haja elle, que é no que tem mostrado senso commum!

Sou obrigado a concluir ésta, porque a malla está a fechar, e preparo-me para o seguinte paquete, em que espero dar-lhe grandes noticias, pois tudo annuncia a dissoluçaõ d'esta usada máchina. A crise approxima-se, e a vida política do açoute de Portugal, parece proxima a seu termo. Se por ventura eu naõ sobreviver ao conflicto, que creio será espantoso, desejo ao menos viver na sua memoria, enviando-lhe com ésta um epitaphio, que devo a um amigo, e que rógo seja inscripto no monumento que se levantar ao Nero do nosso seculo:

Ci git un parricide, horreur de sa patrie,
Usurpateur sans gloire, et tyran sans genie.

Traduza-o se lhe parecer, que lhe ficarei muito obrigado.

*Porto*, 11 de Outubro.—Noticio-lhe infelizmente que aqui forão enforcados na Praça Nova em o dia 9, o morgado de Albergaria a velha João Henriques Ferreira, e o sargento de Caçadores No. 10 Clemente de Moraes Sarmento, da cidade d'Aveiro. Este último era irmão do sargento de Voluntarios da S. D. Maria II, Evaristo Luiz de Moraes, morto gloriosamente na deffeza da Ilha Terceira, e do alferes do mesmo Batalhão João Antonio de Moraes, na mesma occasião ferido. A chegada das Relações que acompanhavão officios do Conde de Villa Flor despertou nos Juizes da Alçada a vingança contra a Familia Moraes d'Aveiro, que compondo-se de quatro Irmãos, trez na Ilha Terceira, e este desventurado que não se escapou, todos se alistárão nas Bandeiras da Legitimidade. Com estes dous desgraçados que a Alçada sacrificou, forão sentenciados d'envolta, em degredo perpetuo, e assistir ás execuções, quatro individuos—Adriano Augusto da Silva Pereira, estudante de Valença; Joze de Souza Bandeira, escrivão de Guimaraens; Joze Marques de Mello, bacharel d'Aveiro; e Joze Nunes Teixeira, capelista (fanqueiro) na rua das flores desta cidade. Este último

era caixeiro, e tambem dizem que companheiro na Loja de Capella que herdou na esquina da Ponte nova, o que foi deputado ás Cortes —Francisco Joaquim Maia—um dos Contratactados novos do Real Contracto do Tabaco, e dos preconizados Administradores futuros para o Porto. Pois nem a protecção deste Protheo lhe pôde valer, se bem que ha quem diga que aos empenhos deste Sevandiga é que livrou da morte, á qual o tinha votado o lacrimoso Fr. Joze de Lima, para se vingar da desfeita que se atribuïa de ser citada a juizo sua Irmãa Joaquina, por certos tostões que da loja do paciente lhe havião sido fiados, para adôrno das esguias sobrinhas, esperançadas em bons casamentos com o foro que lhes hade trazer o Bispado do Thio, e commenda ao filho official da Realeza Voluntaria. Dizem que o Ramos de Cedofeita, Caixeiro da Companhia, junto com o Leão, o Andrade, e o Domingos de Castro, tambem muito ajudaram áquella condemnação porque elle, ja depois da elevação Miguelina mandára Contas de antigas dívidas a todos estes cavalheiros.

O dia 9 de Outubro foi um *pendant* do dia 7 de Maio, no terror que as execuções infundiram nos habitantes do Porto; especialmente porque o carrasco em officio—e em barbaridade, de proposito faz por prolongar a morte dos infelizes que lhe cumpre assassinar, suffocando-os apenas, e cortando-lhes logo as cabeças, para ter o gôsto de as ver ainda saltar com espiritos vitaes, e elle dar-lhes pontapés diante do povo espectador, que é o composto de senhoras de uma *virtude conhecida*, taes como a Joanna do Cezar capitão da policia, a Nabiça, a morgada dos C..., as Vieiras do bom jardim, as Macieis e outras d'alto porte; e de tam distinctos cavalheiros como são o genro do Dez. João Antonio, o agarra do Lisboa, o Manoel Córadinho, o Boticario Amorim, o filho do vendeiro Cazaes dos Banhos, os filhos da Cebeira da Rua dos Fogueteiros, os filhos e Pai Abranches advogado de Provizão, e seu digno collega Domingos Ribeiro, o Carlos tôrto Meirinho e seu affamado filho, o Joze Antonio Escrivão das armas da Policia, o Joze Nicolau Escripturario do expediente da Camara, o ex-Procurador Joze de Castro Peixoto, o Fortuna da Companhia, com o seu o digno amigo e Collega Rozas caixeiro que foi da Caza de Cruz, o Vieira Malsim, o Maciel que foi tambor, o Padre Luiz Cartorario do Senado, o Campos que foi da Policia, o Varandas Sargento, o Caetano Manoel adelleiro, o Joze Fructuozo dos Almotacés e os seus Ascanios filhinhos, com a sua patrazanada toda, o Lino carpinteiro que levantou as forcas, o Padre manco Leal que foi Trino, o Fr. Palito, o Medico Campeãa, e alguns poucos mais, que para fazerem do Carrasco João Branco o que querem, o embebedão na cadeia antes de sahir, e lhe promettem gratificações, as quaes effectivamente lhe são levados á Cadeia por

alguns destes heroes, como Deputação da Súcia em que se congregão, em caza do Joze de Mello da Rua Chãa. Destes heroes todos faço aqui esta especial menção, como registo autentico de suas acções heroicas e dignas de igual memoria, e renome, como em Lisboa tem alcançado os feitos do Chicoria, do Raimundo, e mais Cómpanheiros.

Não deve escapar a commemoração notavel de que no sitio da execução alem dos mencionados espectadores, (os mesmos pouco mais ou menos dos passados supplicios) uns dentro do recinto vestidos com o balandrau do Auto da Mizericordia, e outros apinhados em magotes por detraz da tropa que rodeava os dous patibulos, somente ficaram abertas as seguintes janellas :—dos congregados, as dos P. P. João Custodio, e Joze de Oliveira, aonde estavão, o Abbade de St. Ildefonso, o Henrique Carlos, o Conego Pinheiro, o Sardo da esquina do Souto, o redactor do Correio do Porto, e o João dos cópos conversando sempre com o Simões da secretaria do General :—do lado da Porta de carros, as do manêta Veiga, em que se debruçavão o procurador da cidade Joze Correa Maia, o Alvaro Leite, o filho de Joze Anastacio, e em intervallos alguns dos Officiaes do corpo de voluntarios, que erão obsequiados com dôce das vizinhas Freiras Bentas ; estando na loja a pé em cima dos bancos, o Sargento mor Toscano, o P. Joze Portageiro do Pôço das patas, o comico Joze Soares Guerra, e o Laré-de-volta pai :—no edificio da Camara, por cima da porta principal da entrada, figuravão cobertas de chales e fitas encarnadas as dez ou doze matronas preditas, sendo a mais saliente a mulher do Gourlade, e mostrando todas nos peitos com soberbo descaramento o puz da real *impigem* com que, segundo a moda, tem sido vaccinadas. &c.

---

## O CHAVECO.

*Londres quarta feira* 28 *de Outubro de* 1829.—Damos em seu logar competente o manifesto do imperador da Russia annunciando o tratado de paz que acaba de concluir com a Turquia. Não cabe nos estreitos limites d'ésta folha a publicação d'aquelle longo documento ; os nossos leitores teem, em summa, no manifesto do Czar, sufficiente idea d'elle.

As consequencias d'ésta guerra, e d'ésta paz (*paz armada*) são as que haviam previsto todos os homens sensatos—todos quantos se não cegavam com os falsos calculos de seu orgulho e com a vaidade de seu podêr imaginario. A potencia Ottomana ficou *nominal e provisoriamente* na Europa ; e a Russia, senhora de seus máres, de seus portos, de suas fortalezas de seu commércio e é a verdadeira senhora do imperio de Constantino. E será o Czar ou o Sultão o soberano

da Turquia? E quem ficará, em pouco tempo, senhor do commércio e navegação do Mediterraneo? Extendendo-se a civilização para o oriente, quebrada a barreira da barbaridade musulmana, que interrompia a communicação das nações europeas com as asiaticas por via do Mediterraneo, estreito de Suez, mar Vermelho e mais *escallas do Levante*, o commércio do Levante hade forçosa, necessariamente recobrar por graus sua antiga importancia. E qual é a *tambem forçosa* consequencia d'este accontecimento inevitavel? A diminuição progressiva do commércio e navegação d'Asia que se faz á roda do cabo de Boa Esperança. Não sei se é muito aventurar conjecturas, mas parece-me que merece ser ponderada, ao menos antes de se rejeitar por vaga asserção, a de que—"a descuberta da India pelo "cabo das Tormentas mui provavelmente se não verificaria tam "cedo, se as partes de Levante (antigo caminho sabido) não estives-"sem em podêr de povos barbaros e inimigos dos Christãos."

Este insigne feito dos Portuguezes,—dos Portuguezes a quem tanto deve a Europa occidental (E tam bem lh'o tem pago!) deu mortal golpe no commércio do Levante, e na grandeza dos Venezianos e Genovezes que então o faziam quasi exclusivamente. Ora uma navegação tam perigosa e longa, como ainda hoje é (mas então muito mais era) a do cabo da Boa-Esperança, não podia aniquilar tam depressa o commércio das *escalas* de Levante, se, alêm das razões de distancia e difficuldades de conducção, não houvesse outras mais fortes. Estes são visivel e sensivelmente, os obstaculos que aquelle commércio encontrava no barbarismo ottomano; em quanto o que os Portuguezes faziam pelo mar de que eram senhores, e depois lhes tiraram os seus inimigos Hollandezes, e depois os seus *amigos* Inglezes, não encontrava senão os obstaculos da natureza, e nenhum dos homens.

Consideremos mais, que o commércio d'Asia, e até especialmente o da India, trazido pela chamadas *escalas do Levante*, levava muita vantagem ao do cabo de Boa-Esperança na situação de seus cannaes, depositos e emporios. Vasava-se todo aquelle tráfico pelo Mediterraneo no coração da Europa; ao passo que estoutro vinha a Lisboa, na estrema ponta do continente europeu,—depois a Amsterdam,—em fim a Londres.

Hoje, removido o obstaculo do barbarismo e hostilidade das nações occupantes do mais curto caminho da India, é muito mais facil remover e diminuir obstaculos que no tempo em que os Portuguezes supplantaram os Venezianos (e muito depois ainda) eram invenciveis. Fallo das difficuldades de conducção por terra. Quem não concebe hoje que a civilização que abre estradas macademizadas pelos cerros da alta-Escossia, pelos despenhadeiros do principado de Galles,—que franqueia com a *omnipotencia* do vapor, as terras, os

cannaes, os máres, a despeito de ventos, de marés, de todas as suppostas antigas leis da natureza—que a civilização que todos estes milagres opéra, em se estendendo pelo Levante, *póde e hade* operar iguaes prodigios, facilitando por aquelle caminho mais curto a communicação da Europa com a Asia?

O grande feito de Vasco da Gama hade sempre ser um dos maiores feitos humanos, eterno como a sua Iliada e o seu Homero; mas os resultados immediatos d'elle vão passsando para nós como os da destruição de Troia para os Gregos do tempo das republicas:—em breve entrará na epochas heroicas da historia das nações modernas, —brilhante de poetico esplendor,—nullo de consideração politica.

Quando digo *nullo*, fallo em relação ao presente objecto. Ahi está um mundo inteiro, ahi estão umas poucas de nações, umas em esperançosa infancia, outras em vigorosa puberdade, que sem, as descubertas dos Portuguezes, não existiram éstas, nem souberamos d'aquelle.

A existencia d'éstas novas nações americanas tambem pésa na balança da parte do commércio d'Asia pelo cabo de Boa-esperança. Esse pêso hade demorar o refluxo d'elle para o Mediterraneo; mas não é bastante para o suster. O commércio da America so influe positivamente no da India *propria*; mas o commércio do Levante une com o da India o da Syria, do Egypto, da Persia, etc.; e a serie de permutações (que são a alma de todo o commércio) é mais longa, mais apertada, mais connexa e vária pelo Mediterraneo do que pelos máres da Africa oriental.

E ganha ou perde o mundo, isto é, a causa da humanidade n'ésta revolução de coisas?—A resposta é facil: ganha; ganha consideravelmente, extraordinariamente. Perde o commércio inglez, perde a grandeza e supremacia britannica. Mas o que perde, ou antes quanto não ganha a Europa com essa perda?—Que bens tem a Inglaterra feito á Europa? Em que ganhâmos nós com a sua riqueza e grandeza? Ponham os outros povos os olhos na Sicilia, em Parga, em Copenhague, —— e finalmente em Portugal, no votado Portugal, no seu mais antigo e fiel alliado; e ahi teem a resposta.

Mas a Russia dominará o mundo (o velho ao menos)?—E que nos faz a nós essa dominação? As nações grandes não hãode nem podem ser dominadas se os Soberanos quizerem e souberem alliarse com os seus mais naturaes alliados, os povos. As pequenas, sempre hãode estar em dependencia, maior ou menor, mais ou menos submissa e vergonhosa, segundo o ânimo, a energia e a honra de seus chefes. E depender por depender,—seja lícita a expressão—antes de Roma que de Carthago—antes do general glorioso que do chatim mercador—antes de Scipião que de Hannibal.

E não ganhou ja a causa da civilização, da humanidade, da re-

ligião com os triumphos da Russia ?—Que é feito d'esse collosso da barbaridade e do despotismo que, com um pé na Asia outro na Europa, estava de sentinella contra as luzes europeas, contra a liberdade christan que não penetrassem no Oriente,—e de *entreposto* á servidão oriental para a communicar e sustentar na Europa ?—Derrubado elle, não veremos libertados tantos povos christãos que gemem errantes, perseguidos, escravos, e exilados no meio de sua patria, por toda essa Asia-menor, pelo Egypto, pela Syria, pela Mesopotamia ? Não está liberta a Grecia ? Perseguida do Leopardo britannico, não salvou a Aguia muscovita a patria de Leonidas e de Socrates ? E quem salvou Athenas da sorte de Parga ? Nicolau ou Castelreagh?

Pois triumphe e cresça e engrandeça-se embora a Russia. A Europa fará côro em seus hymnos de victoria. Não podem illudir-nos com panicos terrores os seus antagonistas. Diesbitsh não é Attila, os Russos não são Hunnos, e as potencias da Europa não são o imperio Romano decadente, alquebrado, minado de vicios e cahindo de grande e de podre. Ha muita vida, muita fôrça nas nações da Europa ; se a Russia mette medo, se as suas victorias e podêr devem causar receios, não é aos povos nem aos soberanos, é a seus inimigos, é á oligarchia, ao jesuitismo, á dominação dos poucos contra os interêsses dos muitos.

Se assim pensam todos os povos da Europa, se assim clamam todos os homens sensatos e amigos de seu paiz, desde Copenhague até Madrid, —— que não diremos nós Portuguezes, nós vendidos, como os de Parga, a mais feroz monstro que Alli Pascha, nós mais deslealmente sacrificados que os bravos Sicilianos, nós que perdemos (por cega confiança) riqueza, patria, soberano, liberdade, independencia, —— a propria honra! Nós que para lavarmos a nodoa do nome Portuguez, para morrermos sem vergonha ao menos, tivemos de ir conquistar, por entre os canhões dos nossos alliados, um rochedo no meio do Atlantico em que podessemos combater— com fôrças desiguaes sim—mas longe do protector estrangeiro e perfido que, emquanto armava o nosso inimigo, nos dizia——"Descançae, não vos defendais, que eu sou por vós, e vos defenderei se fordes *moderados?*"

Que diremos nós que tudo isto soffremos, que tanto mais soffremos, e que ainda emcima exilados, proscriptos, cubertos do sangue de nossos irmãos, de nossos paes, das lagrymas do orpham, da viuva — entre os gritos da miseria, do clamor da fome, dos ais dos supplicios—ouvimos (peior de todos os tormentos!) o *riso mofador* dos amigos que nos trahiram,—a amarga ironia, o atroz sarcasmo com que nos insultam na miseria, nos cospem no aviltamento em que *elles so* nos pòseram,—insultando-nos de covardes quem nos tirou as armas da mão,—de indignos da liberdade quem d'ella nos não deixou usar

—de escravos do tyranno, quem nos forçou no throno esse tyranno, quem no'-lo impoz com suas armas e astucias—zombando em fim de nossa desgraça quem so e unicamente nos fechou os olhos paraque não vissemos o abysmo que nos cavavam—quem n'elle nos despenhou—quem d'elle dos impede que nos ergamos?

E cumpre que nos esqueçamos de tanta affronta, de tanta deslealdade? Quando cumprisse, podêmos nós fazê-lo?—La expiraram no patibulo mais duas vitimas da sua boa fé, mais dous martyres da fidelidade ao soberano e da confiança ingleza. A cidade do Porto viu outra vez derramar o sangue nobre e leal dos subditos que não sabem perjurar, nem quebrar o vinculo da homenagem com a mesma facilidade com que alliados e amigos quebram o dos tractados e allianças. E n'este momento é que se falla de reconhecimento? Com este sangue fresco ainda é que a purpura roubada de D. Miguel lhe hade ser adjudicada pelo tribunal dos Reis?

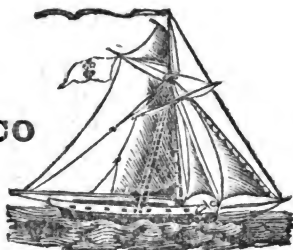
E desde quando se caminha ao throno *legitimo* pela-estrada de Robespierre? E desde quando é o assacinato, o roubo, o parricidio, o perjurio titulo para a Realeza?—O irmão de Luiz XVI. reconhecer D. Miguel! O successor de Carlos I. legitimar D. Miguel!—O filho de Paulo I. fraternizar com D. Miguel!—O irmão do infante D. Carlos alliar se com D. Miguel!

Engana-se o duque de Cadaval e o *outro duque* seu amigo engana-se o Visconde de Santarem e o *outro visconde* seu amigo enganam-se os fautores e protectores do parricidio e do regicidio:—O monstro da Bemposta, de Salvaterra e de Queluz *não pode ser rei.*

*Publica-se este semanario todas as terças-feiras de tarde (com a data da quarta-feira.) Vende-se em casa de H. Huntley No. 23 South-Audley Street, Grosvenor Square, por 9d. cada número: assignaturas até o fim do anno por 10s.*

Impresso por R. Greenlaw, 39, Chichester Place, Londres.

**O CHAVECO**  **LIBERAL.**

No. 9. VOL. I.

O'er the glad waters of the dark blue sea,
Our thoughts as boundless, and our souls as free.—BYRON.

*Quarta feira 4 de Novembro*, 1829.

## CORRESPONDENCIA DO CHAVECO.

*Muito reverendo Padre Capellão.—Abordo da Balandra Tres Quilhas.*—Como temos estado ha tres dias em calma sem podêr canjar siquer uma milha, em quanto que a maruja se entreteve na filastica para mialhar e arrebens, de que temos falta, havendo tanto em quem empregá-los, e outros tractaram de atarracar o pé do mastro na carlinga, que jogava muito, desde que arrebentou no calcêz como lhe disse, fiz eu por desenfado esse *fallamento* ás nossas boas madamas, que Vm. tera a bondade de mandar imprimir em algum periodico para que lhes chegue ás mãos, ao menos como bilhetinho d'amores, porque mal d'ellas se qualquer dos Migueis, quer o Miguel *um* quer o Miguel alcaide aventa este calcamar * vinhego. Ora pois: la vai, e diz assim:

*Senhoras minhas,*

É um homem do mar, que vai fallar-vos. Não espereis d'elle meiguice d'expressão, nem fagueiras caricias. O tempo, as ondas, os naufragios, as borrascas, o carão da morte, que a cada guinada se lhe appresenta entre uma taboa e um pégo tudo endurece o coração do marinheiro, e o aveza, senão a um sentimento feroz, todavia a uma expressão rude. Não julgueis contudo, senhoras, que um marujo vos desama, ou menospreza: bem pelo contrario, a

* Calcamares são certas aves do cabo de Boa-Esperança, e é com a mesma, que lhes envio este passarinho—

vossa conversação interrumpida de contínuo por viagens, torna-se sempre virgem, e de cada vez mais atiçada pela saudade, que os marinhos continuamente sentem. Vossas virtudes navegam comnosco; e em meio de perigos o vosso nome voa muitas vezes sentido por cima dos tufões. Se o mareante descança o seu pensamento sôbre a fidelidade d'essa, que deixa buscando com olhos longos até á linha do horisonte a nova da torna-viagem, os trabalhos, a ausencia, os riscos, o desassocêgo são na chegada o alfitete de prazeres novos: são vento fresco e mar chão depois da tempestade. Nós vos estimâmos, e nós vos avaliâmos em muito mais do que essoutros pintãos amarrados á abita da terra, donde não ha desenvasá-los das envasaduras nem a machado: espias continuos das vossas acções, nem isso os desengana,que não icem de contínuo suspeitas, que não alcatroem malquerenças, que não rolem de vagalhão em vagalhão de zelos, até que ou adernem, ou soçobrem, ou fiquem de tal modo alquebrados, que nunca mais naveguem. A nossa confiança é mui mais provada; e assim nós vos merecemos muito mais; e se fosse possivel extrahir d'uma mulher uma confissão favoravel ao homem, sem que elle começasse o elogio, vós confessarieis a superioridade maritima n'este respeito. Mas, chiton, que isto d'elogio proprio acha sempre o ouvido alheio em carne viva. O que em todo este aranzel vos quero dizer é, que mereceis de nós uma contemplação tam distincta e singular,que julgo dever extremar-vos para um enderessamento especial: que confio e espero tanto de vós, que não so me escutareis, mas que nada de vossa parte poupareis para que triumphe a causa, em que a verdadeira religião, e a verdadeira realeza é enxovalhada por linguas, que pronunciam estes nomes sagrados para os polluir.

Está, senhoras, a nossa querida patria em ferros pelo despotismo: vós conheceis a dessegurança universal: vós conheceis pelas victimas que tendes salvado ou soccorrido até que ponto a perseguição do innocente tem arrojado seus tiros envenenados. E qual é a causa de tudo isto? O crime *d'um*, a perfidia d'*alguns*, e a ignorancia do *resto*, que sustenta a torpeza do designio. E com que fim se perpetram tantos delictos, se exasperam tantos sofrimentos? Para que goze um punhado de scelerados o esbulho de milhares d'innocentes; —para que o crime se aprazére sôbre o naufragio da humanidade.

Sabeis vós, senhoras, a que se reduz toda a nossa lutta, qual é a nossa justiça? Eu vou tentar explicá-lo do modo o mais palpavel, que me seja possivel: largae por um pouco as vossas tarefas, que eu vou velejar ao socairo do intendimento o mais popular. Perdoae-me; quem quer alcançar persuadir a universalidade não póde deixar de descer ao lume d'água; essa descida não involve menosprêzo, senão dexteridade do que estiver ao leme: e enfim quando o vento é escaço em largar pano não ha demasia.

Morreu o senhor D. João VI. em Março de 1826 como estareis

lembradas, e em Novembro precedente tinha-se separado o Brasil de Portugal para fazer sôbre si uma nação á parte.

O senhor D. Pedro era o filho mais velho, e vós sabeis que entre nós os prazos e os morgados vão ao filho mais velho, e que é um velho dictado, que *todo o orbe se compõe a exemplo dos reis*, quer dizer, que assim como é regulada a successão de pae a filho nos reis, assim nos subditos a mesma regra segue no que para elles é o seu reino, que são os vinculos, e os prazos.

Ora como o senhor D. Pedro era o filho mais velho, é evidente, que a nossa lei e os nossos costumes o chamavam ao throno de Portugal. Não obstante isso, seu pae, para tirar todas as dúvidas, o designou como seu herdeiro e successor, e então ninguem recalcitrou, ninguem abriu bico, porque quando os costumes e leis estão de accôrdo com a vontade, nada ha que replicar.

Entretanto como, havia poucos mezes antes da morte do senhor D. João VI., o Brazil se separasse, e o senhor D. Pedro como chefe do Imperio seguisse tambem a qualidade da separação; e a politica dos gabinetes estrangeiros, isto é o interêsse d'alguns governos mais valentes e poderosos não consentia, que o senhor D. Pedro fosse rei de Portugal e do Brasil, foi necessario que elle abdicasse; quer dizer foi mister, que elle dissesse:—"Este direito que eu tenho á corôa de Portugal durante a minha vida, eu o lanço de mim como se n'este momento morresse: essa pessoa que me havia de succeder se eu fallecesse n'este instante, essa succeda ja:"—Diz agora o infante D. Miguel: "Eu sou o successor porque sou o irmão!!: diz a senhora D. Maria II.—"A successão é minha porque eu sou a filha mais velha."

Quem ha ahi de vós, senhoras, que hesite um momento em dar a corôa á filha como legítima successora? Quem ha de vós que desconheça o bom direito d'uma filha em contenda com um tio ou irmão do pae?

Não obstante que nenhuma de vós, senhoras, duvidareis um instante sequer em declarar a legitimidade da senhora D. Maria II. na successão, sabei, que houve e ha homens, que votaram e votam pelo irmão com exclusão da filha! O que vós com a vossa razão pura sois capazes de decidir rectamente, homens, que se arrogam o nome de sabedores, de justiceiros, de probos, destruiram com sofismas, com interêsses torpes, e com prejuizo da moral e da lei, e do direito de terceiro. Que é isto senão legitimar o furto, sanctificar a injustiça, idolatrar o crime? Foi isto, senhoras, o que fizeram aquelles homens em Lisboa, que arranjaram uma *sucia* á porta fechada, a que chamaram *côrtes*.

Quereis vós saber como estes taes fulanos alinhavaram ésta patifaria? Escutae: fizeram assim:—"A lei, disseram elles, exclue do throno o rei estrangeiro, o rei do reino alheio:—a filha segue a

fortuna do pae de quem deriva o seu direito: se o pae não tem direito a succeder, tambem a senhora D. Maria não tem tal direito.—

Eu poderia apostar, senhoras, que a vossa razão pura, desarmada d'esses montões de sophismas, que borbulham nos miolos dos theologos e dos casuistas *machos* da nossa infeliz patria, bastaria so por si para desfazer costura tão enviezadamente sirgida.

Olhae: a senhora D. Maria II. nasceu em 4 d'Abril de 1819, e então seu pae era Portuguez, e ella por tanto nasceu Portugueza. Ora se seu pae em 1825 deixou de ser Portuguez, que teve ella com isso para tambem deixar de ser Portugueza?

Supponhamos, que uma de vós casa com um Portuguez, e d'este tem uma filha; e que depois enviuvando, casa segunda vez com um Inglez que tem filhos. Pelo segundo casamento a mulher ficará gosando dos direitos annexos á qualidade d'Inglez, por exemplo gozará do privilegio do fôro da conservatoria Ingleza; os filhos do segundo matrimonio serão Inglezes. Mas a filha do primeiro matrimonio deixará ella de ser Portugueza, porque a sua mãe deixou de o ser? Que culpa teve ella n'essa mudança? Que acto fez ella para que tal mudança tivesse logar? Se ella como Portugueza tem uma lei, que lhe dá uma cousa, como póde o facto da mãe, e não o facto d'ella fazer-lhe perder essa cousa? A perda d'um direito nasce sempre d'um facto, ou d'um crime: mas que facto ou crime imputavel póde fazer ou perpetrar uma menina de nove ou dez annos?

Eis-aqui em duas palavras o direito incontrovertivel da senhora D. Maria II. E qual de vós não sustentará este direito? Qual de vós contra o sentimento da razão, da justiça, do favor, e da sympathia do vosso proprio sexo, deixará de cooperar para que a causa da innocencia, da rasão, e da justiça triumphe?

Não sois vós Portuguezas? A vossa mesma religião não falla ella ao vosso coração contra um prejuro, um usurpador, um intruso? Não vêdes vós um malvado em cada um dos sustentadores da injustiça? Consentireis vós, que vossos corações ingenuos e delicados; —que vossa ternura, que vossas graças, que vossos afagos vão solicitar um *espia* da probidade, um *calumniador* da virtude, um *roubador* do direito alheio, um *carrasco* da legitimidade?

Não vos lembrais vós, que além soffre nas masmorras o vosso querido irmão por seguir a causa da justiça:—no exilio mendiga o vosso pae, o vosso filho, o vosso parente, o vosso amante sacrificado ao bem da patria, victima da perseguição do despota? Qual de vós dará desde hoje a mão, o coração, um beijo, um sorriso mesmo ao vosso mais abjecto inimigo ao inimigo da virtude? E que é um *chamorro* senão esse homem?

Se alguma de vós perfida devassa e insolente, surda ao juramen-

to, esquecida do dever, calcando aos pés a honra, ceder á seducção do impio, do perjuro, do infame, alentar o regosijo no peito de criminoso, essa fuja, essa se arrede para sempre das fileiras das virtuosas que contamina—da sociedade das honestas que enxovalha—da companhia das honradas que espezinha: busque guarida debaixo das bandeiras das Laïs, das Messalinas a que pertence, e não se appellide mais Portugueza, que esse nome so cabe a virtuosas.

Se não fôra o vosso dever, senhoras, o vosso proprio interêsse vos mandaria contraminar a causa do despotismo, e sustentar a causa da liberdade regrada pela lei.

O que é uma mulher n'um govêrno despotico? O que é uma senhora debaixo da egide da lei, debaixo do reino d'uma constituição, que enfreia os tyrannos? Debaixo do despotismo vós o podeis considerar por vós-mesmas, e pela observação, que offerecem as nações, a quem a tyrannia flagella. Vêde uma Turca, uma Persa, uma Russa, uma India, uma Africana. O que são ellas? Umas freiras civis, porêm com muito mais fechada e terrivel clausura: a mais leve e equívoca das suas faltas tem logo em frente o alfange e a morte. Escravas perpétuas, dependentes do surriso d'um cenhudo Soldão, tem por premio da sua existencia o dignar-se um homem feroz olhar para ella. Um eunucho insulta de contínuo a sua virtude.

E que differença faz um grão-vizir de um duque ministro d'um despota como D. Miguel? Se o primeiro dá ordens verbaes, este dá avisos escriptos. Quantos d'estes rescriptos infames, enxovalhando o vosso nome sem vos consentir defesa, vos teem lançado no recolhimento do Anjo, no carcere de mau nome chamado o *Ferro* nas escadas de sancta Clara do Porto, em quasi todos os conventos de Portugal? Qual é o mosteiro que não tem em seu archivo algum d'estes infames papeis havidos por empenhos, por peitas, por torpezas, por indignidades?

Olhae agora para o reino da Carta. Reflecti sôbre a igualdade da lei. Vêde alli uma nova existencia civil dada ao vosso sexo comprehendido indistinctamente sob o termo—cidadão. Por ella vós estais a abrigo da prepotencia d'um marido brutal, d'um irmão ambicioso, d'um filho desnaturado, d'um tutor ladrão: os tribunaes estão publicos, e ésta publicidade protege a vossa innocencia, sustenta a vossa justiça, destrôi a barbaridade do despotismo. Aqui o juiz com os olhos da sociedade inteira sôbre si não so não ha-de prevaricar por corrupção, porêm ha-de até caprichar em ser justiceiro, porque o seu verdadeiro interêsse o chama a esse honroso comportamento. Agora! debaixo d'um Barata, d'um Conde de Bastos; d'esses magarefes da especie humana, vós não sabeis se a noute se passará inteira, que não vejais entrada a vossa casa, arrancado de vossos braços

um marido innocente, e lançado para sempre n'uma enxovia putrida, ou n'um destêrro, onde o ignoreis para sempre: vós mesmas, que segurança tendes de ficar em vossas casas? Não vêdes vós quantas gemem innocentes nas masmorras do tyranno? Não vêdes uma senhora respeitavel por seus annos, por suas virtudes, e que pelo seu estado mental nenhum procedimento judicial póde instaurar-se, fosse mesmo no tribunal do inferno, não a vêdes vós lançada de cadeia em cadeia, d'enxovia em enxovia, confundida com o matador, com o aleivoso, com o ladrão, com o criminoso? Sería possivel, que isto se passasse no imperio da lei, n'uma sociedade d'homens, e não de feras como essas, que sugam sangrentas o coração da nossa patria desventurada?

Se o rei é despota, desde o rei se encadeia um despotismo relativo até á última ordem da sociedade. Cada qual é rei em sûa casa, e cada um exerce para com a familia doméstica, o que para com elle se pratica na grande familia social. E quem senão vós é a primeira victima d'esse despotismo? Quem logo mais do que vós tem interêsse de clamar pelo imperio da razão, pela idade da lei? Se hoje viveis na abundancia, um emprestimo forçado, um roubo mascarado com o nome de pedido virá ámanham esgotar-vos a vossa subsistencia, e fara entrar no erario faminto aquelles reaes, que custaram o trabalho de vosso esposo. E para quê? Para do erario passar a manter os algozes da vossa propria liberdade. Vós ministrais assim a corda com que sois enforcadas. Vos contribuis para o despotismo ignorando o emprêgo da vossa contribuição: o segredo aqui é necessario para encubrir o crime. No regime da Carta, n'administração da lei o sacrificio do tributo é visto chegar ao mais reremoto ramo da pública administração. Perguntae ao conde da Louzan aonde estam as rendas que tem cobrado desde a usurpação? Aonde os emprestimos paleados e pagos com distincções, que foram na instituição o premio da virtude? Que vos diga, que foi feito do dinheiro que houve por avanço do contracto do tabaco? Vós em um leve exame o achareis nas algibeiras dos vadios empregados publicos:—vós o encontrareis nos usurarios fornecimentos d'expedições liberticidas,—vós enfim o achareis dilapidado, repartido, gasto antes mesmo d'entrado nos cofres, donde so por conta devêra de sahir.

Eis-aqui em summa o que soffreis debaixo da voz do despota usurpador, e o que nunca soffrestes, nem soffrereis sob a harmonia da lei. Não é, senhoras, tam palpavel a differença entre a vontade *d'um so*, e o resultado da vontade *de todos?*

Na vontade d'um so o capricho é a lei: na vontade reunida de todos nunca póde dar-se capricho:—é necessario que a utilidade se antolhe, que a razão a examine por todos os lados, que a experiencia a rubrique, e que o bem público a sanccione.

E não vêdes vós em quanto vos tenho dicto, que é isso o mesmo

que vós ja começastes a experimentar praticamente, e que podeis contrastar com vossos actuaes soffrimentos, com a vossa desseguridade pessoal e real, isto é relativa á vossa pessoa e aos direitos da vossa propriedade individual?

Em meio de vossos padecimentos, que braço póde vir em nosso auxílio? Nenhum. O unico tribunal superior ao funccionario público desde o carrasco ao rei, diante do qual todos estremecem, como aquelle que é inexoravel e so flexivel á voz da razão, é o solio da *opinião*. Esta rainha do mundo moral não conhece superior: o seu unico ministro é a imprensa. Como poderia eu dirigir-vos estas reflexões sem o auxílio d'este poderoso instrumento? Por que vos amostra a verdade, por isso é incompativel com elle, porisso vos próva, que elle se nutre da ignorancia, que se alimenta do crime, e que repugna com o bem-ser individual e social.

Eia, senhoras, correi ás vossas armas, ás vossas poderosissimas armas, a persuasão escoltada d'afagos, d'amores, da brandura que distingue o vosso sexo, é uma cohorte invencivel. Conhecei d'uma vez a vossa fôrça, e o vosso direito: persuadi, guiae, insinuae, mandae enfim, que os homens caprichosos, interessados, cegos, e criminosos, sigam o dever, pratiquem a virtude. Ensinae-lhes a lançar d'um throno usurpado o occupador infame. Inspirae-lhes no cumprimento de suas obrigações a sua felicidade." Assim disse por hoje—o vosso Palinuro.

E assim acabei, meu padre; e como aqui passa agora um cataluz, o approveito para lhe remetter a papelada sem aguardar talvez mais segura opportunidade: queira Deus que chegue a salvamento, que os piratas são tantos como pontas de lambaz. Adeus.

Seu amigalhaço

Palinuro.

---

### CARTA AO REVERENDO JOZE AGUSTINHO DE MACEDO SÔBRE A BESTA ESFOLLADA.

*Reverendo padre.*—Armei-me d'uma pachorra e paciencia, de que não posso deixar de ter alguma presumpção, porque o caso é para isso, e deitei-me a ler os primeiros vinte e um numeros da sua *Bêsta esfollada*, que são os que por ora me chegaram á mão, sem dar vintem, se intende, que bem basta o que o padre leva para os escrever, quanto mais pagar a gente ainda em cima para os ler.

O nome da papeleta so por si me embrulhou o estomago; e confesso, que muitas vezes cuidei desistir da empreza por abhorrecido, e enjoado. Eu ja conhecia o auctor por iguaes porcarias, pois desde que appareceu n'este mundo como escrevinhador, continuamente o

temos visto a cantar burros, virar tripas, e a baptizar outros papeluxos com immundos e esdruxulos nomes.

Mas é certo que algumas d'éstas suas borraduras, entre muita asneira, sem-saboria e mentira, continham ás vezes chalaça que, apezar d'arrieiral e grosseira, fazia rir a gente. Cuidei achar n'éstas suas *bestas* alguma cousa parecida; mas logo pelas primeiras páginas me desenganei, que sendo o arrieiro o mesmo, ja não tinha aquella chufa que divertia, ja não era na estrada o mesmo galhofeiro e taful brejeiro que n'outro tempo todos em Vm. reconheciam, e que hoje sem injustiça ninguem lhe póde chamar, a pezar dos repetidos e fastidiosos elogios com que tem a modestia de se louvar a si e ao seu stylo, o qual na verdade bem mostra ja a velhice do escrevinhador. Tenha paciencia, meu padre; ésta sua *Besta esfollada* é um apontoado de rodilhas em que não ha senão mentiras descaradas, imposturas grosseiras, e um enfiado de pulhas chochas, e ronceiras como um almocreve; que nem ja d'arrieiro me parece, que Vm. possa ter presumpção.

Em nenhuma parte lombriguei o tal clarão, que Vm. diz que ao apagar da luz se augmenta: so encontro maledicencia sem gôsto, e escuridão sem sublimidade.

Observando porêm n'éstas *bestas*, ou asnos do novo propheta Balahão um phrenezim constante de declamar a torto e a direito contra as verdades de primeira intuição, e de infamar as mais distinctas pessoas da nossa patria; e penetrando o fim do auctor, que é illudir o povo ignorante, promover a anarchia e a persiguição, e sustentar o despotismo para servir de base á theocracia (ou, mais exactamente, á monachocracia) unico alvo a que se dirige a caterva da junta Apostolica; não deixa de ser util patentear mais uma vez ao público quem Vm. é, e quaes são os damnados fins de suas escrevinhaduras.

Ainda que se acha impressa a biographia de vossa paternidade muito reverenda, como não está ao alcance de todos, resummirei o principal d'ella para conhecimento do público, e maior honra e glória de tam illustre heroe. É Vm. um dos homens mais singulares que a natureza tem produzido: a sua vida é um tecido de crimes, de maldades, de infamias, e tambem de contradicções: ora liberal, ora servil, ora espia do ministro Carvalho, ora denunciante e espia do ministro Marinho; ja prêso nos carceres da Graça, ja roubando a livraria dos Paulistas, ja seduzindo uma freira de Odivellas, e vivendo com ella em pública e escandalosa mancebia, ja finalmente dando um exemplo de devassidão criminosa de que temos, ainda n'éste seculo pouco moral, raros documentos. Quanto a seus escriptos, não sei d'um so que jamais se dirigisse ao bem da patria, ou ao apperfeiçoamento do espirito ou do coração humano: denigrir a repu-

tação dos homens de bem e dos litteratos, e pretender sôbre as ruinas dos outros estabelecer o seu nome,ostentando um orgulho insupportavel apar de uma superficialidade evidente—tem sido o seu nobre e constante empênho. Chegou Vm. em seu delirio e titanica infatuação a suppor-se capaz de supplantar o poeta idolo dos Portuguezes, e a sonhar que o seu Gama—ou Oriente—ocupparia o logar dos immortaes Lusiadas. *Quid amplius!*

Nada é mais difficil do que dar alguma ordem a reflexões feitas sôbre um escripto que campa de a não ter, e em que ha um labyrinto de digressões ridiculas e enfadonhas pelo qual se perde o assumpto principal—*Ubi nullus ordo.* É uma miscelania confusa, ou, em phrase mais rasteira porêm mais expressiva e propria, uma verdadeira misturada d'alhos com bogalhos. Se pelo princípio d'uma obra se póde conhecer alguma cousa do seu merito, pelo comecilho d'ésta ja vemos quam ridicula, e contradictoria é a tal esfoladura.

Começa com uma longa satisfacção de a não haver publicado ha mais tempo, ora desculpando-se com o medo, ora dizendo que nunca o teve d'escrever.

Pisando e repisando éste aranzel, gasta Vm. muitas paginas sem que afinal possamos colher a razão da demora. Na verdade não basta qualquer talento para fallar e escrevinhar tanto, e deixar o leitor em jejum.—" Mas como se encha papel, (dirá Vm.) e se enga-
" nem os tolos, chuchando-lhes os vintens,do mais me não importa:
" o juizo do público a respeito de meus vastos conhecimentos, de
" meus brilhantes, e numerosos escriptos está formado: um papel,
" parto da rabugice, companheira inseparavel dos velhos, não me
" faz perder o crédito á custa de tantos suores e fadigas ganhado."—
Convenho, pois ninguem perde, o que não tem.

Ora vejamosse é possivel examinar, e dar algum fio de ordem ás asneiras e mentiras que Vm. por ahi escreveu. A unica divisão de materias que lhe posso achar é ésta: *injúrias contra pessoas, injúrias contra coisas.*—Vamos ás pessoas primeiro; em segundo logar tractar emosdas coisas.

Começarei pelo que Vm. diz a respeito do senhor D. Pedro. Não se póde sem raiva encarar o atrevido quadro em que o mais insolente dos homens ora pinta o mesmo senhor como um idiota que nem seu nome sabe fazer, ora mui agudo e fino, insultando-o indignamente e com mentirosos aleives: mas não admira, porque o companheiro do Chicoria, e sua esfarrapada caterva, o verdadeiro inimigo do throno,o apostolo da usurpação desmentiria o seu character se de outra maneira fallasse. Assim é que Vm. respeita um soberano *logar-tenente de Deus na terra?* (é princípio seu) D'este modo é que a Apostolica respeita e accredita o unico sustentaculo da monarchia em todo o mundo, o so élo europeu que prende aind

America ás instituições,aos principios---quem sabe se á propria religião !—da velha europa. É digno de reparo, que Vm. negue a authenticidade da proclamação do senhor D. Pedro de 25 de Julho de 1828, e transcreva somente parte da falla da deputação Portugueza de 31 de Dezembro do mesmo anno feita ao dito senhor e nem palavra da sua resposta : em tudo mostra sua má fé ; mas ninguem ignora uma e outra cousa ; e se Vm. nega a verdade ou a omitte é porque assim vai conforme com seus fins. Illusão e mais illusão, assim é preciso para que o povo tolere a usurpação. Miseravel e ridiculo artificio ! O mundo tem ja proferido seu juizo, que não é para o desprezivel zoilo, para o vil declamador do *forno do tilojo* fazer mudar. Ninguem é mais atrozmente por Vm. insultado do que o marquez de Palmella. Com razão ; merece-lh'o. Ande, meu padre. Em quanto recebido por estes Jam-ninguens dos soberanos da França e da Inglaterra em suas côrtes, festejado da primeira nobreza da Europa, o marquez de Palmella deve ser enchovalhado nos escriptos de José Agustinho. O amigo dos principes de Lieven, d'Esterhazy, de Polignac, aquem a maior parte dos reis da europa ainda honra com a sua confiança—deve [o mais fôra andar o mundo ás vessas] ser enforcado por D. Miguel, e insultado pelo seu charlatão laureado.

Insulte, Padre, insulte ; e ávante que ainda tem o mundo muita fama illustre que abocanhar. Olhe ; isto por câ tudo é uma miseria. A' excepção de Wellington e Beresford, não ha aqui um so homem grande como o Basto no singular, e Bastos no plural, o Cadaval, o Chicoria, o Barata e o Tancos. Isso sim, isso é que é gente de talento e virtudes. O Holland, o Mackintosh, o Landsdown, o Brougham, o Dudley, todos os pares emfim, todos os deputados (que todos foram unanimes na questão portugueza contra o usurpador) é uma sucia de ignorantes, e de gente réles. Vm,o Cypriano do senado e o visconde de Santarem é que são a glória e o ornamento da europa. Pois o Canning, de cuja morte chorada do universo, até lamentada de Mr. Peel na última sessão do Parlamento,---com tam superior ingenho disse Vm. *fôra um rasgo da providencia !*—isso era um *perverso* creio que pedreiro-livre, e não sei que mais, mas sôbre tudo um asno.---Se o diz o padre Lagosta !

Nem o venerando Lavradio, nem o illustre conde de S. Paio escaparam á mordacidade do esfolador ; sua vida illibada, seu honrado character, seus constantes e longos serviços feitos á patria, sua inabalavel fidelidade, sua inalteravel adhesão á legitimidade, suas respectaveis cans não os preservaram de ridiculas invectivas, mas todos elles lhe devem agradecer muito porque ser injuriado de tal escriptor é ter os serviços decretados para a immortalidade.

Mas em tudo mostra Vm., meu padre, a sua desigualdade, ou para melhor dizer, que nem sempre tem uma imaginação fertil em inventar alleives. Devia merecer-lhe mais alguma coisa o illustre Villa Flor, que tanta bordoada deu nos seus companheiros em Coruche, Prado, Barca e outros logares, eternos monumentos de seu valor, e fidelidade, e de opprobrio e ignominia para a raça Silveiratica, e concomitante caterva. Somente o mimozea com o titulo de confiscador: essa carapuça applica Vm. a todos os liberaes, mas em opportuno logar lhe farei ver como isso é: *chamar-lh'o antes que lh'o chamem.* Coitado! aqui perde Vm. o tempo, seus injuriosos dictos não podem macular a reputação de um heroe. Portugal o viu espatifar com brio, e denodo os vis e mercenarios escravos da Apostolica, e não menos o admira como valente que como desinteressado e honrado: impute-lhe antes os crimes de valentia, e adhesão á mais justa das causas, e censure-o por ir tomar o commando na Terceira, e destruir sua estrepitosa expedição que reputavam superior á de Xerxes ou á "invencivel armada." Mas parece-me que dei no vinte: a sua moderação com o Villa Flor, é mêdo que ainda sente daquelles formadaveis golpes que elle sabe descarregar sôbre cabeças de rebeldes. E como Vm. dá a intender que não se reputa seguro de apanhar alguma intalladella, por isso o poupa: mas socegue que o homem de valor não é assassino d'entes nullos, miseveis e despreziveis.

Até o conde da Taipa é accusado por Vm. de um crime de que um competente tribunal o absolveu, julgando calumniosa a accusação. Este sim, este fidalgo é que lhe deve de certo um presente. Se alguma dúvida restasse em algum ánimo escrupuloso ou atrabilario, cortou-lhe Vm. de uma vez todos os *herpes.* "Disse-o o padre? pois é mentira: accusou o padre? pois é calúmnia:" tal é a vós unanime em Portugal—até (quem tal diria a vossa paternidade!) até entre os seus corcundas.

Estranha, e lamenta Vm. com uma sensibilidade verdadeiramente christan o honrado, e brioso comportamento de alguns outros dignos fidalgos que seguindo o exemplo de seus ascendentes, a quem a honra, e a lealdade aos seus soberanos havia ennobrecido, e que preferiram a emigração ao perjurio e á infamia, abandonaram seus bens, suas commodidades, porém salvaram a honra, e permaneceram fieis ao legítimo soberano que haviam jurado. Vm. bem longe de sentir, estou certo, que se alegra com o incómmodo dos dignos Pares, e mais fidalgos, que não quizeram reconhecer o usurpador, mas não póde occultar o dissabor de ser tanta gente de representação do lado da legitimidade, e desejaria podêr affirmar com verdade, que so alguma canalha havia recusado reconhecer o *desejado,* porêm como todo o mundo sabe, que a melhor, e mais san parte da nação é

mantenedora dos direitos do sr. D. Pedro e de sua Augusta Filha e nossa actual rainha, somente se desforra invectivando insulsamente as illustres personagens, que franca e generosamente se sacrificaram pela patria. Elles são tam loucos, que desprezam seus impotentes huivos; a europa illustrada (que os julgou) é tam ignorante, que longe de os censurar, e despresar como Vm. quer fazer persuadir ao povo ignorante, os tem estimado, e prezado, fazendo a devida justiça ao seu heroismo que não tardará a patentear-se de novo no campo da honra combatendo pela mais justa das causas.

Nem o bravo Pereira, que á testa do leal e valente regimento 6 de infantaria primeiro alçou no Porto a voz contra o tyranno, escapou á mordacidade do immoral renegado, dizendo ironicamente que elle era o primeiro pae, que a patria devia saudar. Zombando se dizem muitas vezes as verdades, e quando o tumulto das paixões der logar á reflexão, nenhum Portuguez digno de tal nome lhe negará o devido tributo de gratidão ao seu amor pela patria, que o determinou a tam heroico feito, e seu nome será com agradecimento, e admiração respeitado pela mais remota posteridade.

Tambem não permitte o amor da justiça, que eu deixe de fazer os meus reparos a respeito da censura, que V. Maledicencia faz aos dous illustres deputados Barretto Feio, e Pereira do Carmo, a qual principalmente consiste, em que tendo criminado, nas côrtes reunidas em virtude da constituição de vinte e dous, o sr. D. Pedro por se separar do Reino Unido com a parte do Brazil, agora querem e reconhecem o mesmo senhor como rei de Portugal. Esta mui simples ideia augmentada e extendida ao martello forneceu materia para longas paginas em que bem trabalhou Vm. para ter graça, mas não lhe chegou a lingua: muito barata deve de estar a imprensa em Portugal, que tam rançosas producções acham comprador. Pois onde acha Vm. a incoherencia, que um leal subdito de D. João VI: um fiel deputado da nação Portugueza censurasse o procedimento do principe real de Portugal d'aquelle tempo, e agora louve, e engrandeça as acções do seu legitimo soberano e lhe preste a homenagem que como a tal lhe deve? O Brazil estava separado da metropole: D. Pedro poz-se á frente da independencia para evitar a anarchia, e salvar para a sua familia o que ainda era salvavel, para conservar se não a integridade da monarquia aomenos o principio monarchico. Mas ésta nobre e heroica resolução não foi ao começo nem podia ser intendida. A nobre coragem do deputado de 1822 censurou então o facto, que lhe parecia illegal, mas cujos transcendentes resultados, depois conhecidos, engrandeceu e louvou em 1826. Aonde vai aqui estupido e perfido declamador, a incoherencia, com que finges triumphar?

Des dieux que nous servons voyez la difference!

Vm. e a cafila apostolica elogiaram o proceder do principe D. Pedro, e rebellaram-se depois contra o seu legitimo rei D. Pedro IV. Isto fizeram os pretendidos defensores do throno e do altar. E que fizeram os liberaes, os que Vm. chama pedreiros, demagogos? Censuraram um defeito, que elles tinham por tal, no principe, mas não se julgaram por isso desobrigados de o reconhecer como seu legitimo soberano. Que Portuguez dirá que isto deslustre o character firme, e constante de tam bons Portuguezes? O que Vm. queria era que elles mostrassem a sua honra, fazendo-se rebeldes, e ensanguentando suas mãos no innocente sangue de seus compatriotas; reserve para si, e seus companheiros tal honra; esse crime é para os serviz; o nosso basta que seja *o amor da patria.*

E como haviam escapar os auctores dos escriptos a favor da legitimidade do sr. D. Pedro? São censurados não com razões mas com vis, e baixas e arregateiradas expressões; não com sarcasmos picantes, mas com chocarrices indignas até de gaiatos. Tudo são frioleiras; tudo quanto se escreveu pelos direitos de D. Pedro. é nada á vista dos papeluxos a favor do Miguel, dos discursos Accurcianos, e Lobaticos. Isso é que é desinvolver nervosos argumentos, fina dialectica, e consummada erudição. Assim o diz o sabio das *bestas* e para isso foram preparados, e pulidos com muita antecipação, contribuindo provavelmente com largo cabedal, o memoravel Santarem, que é mui natural fosse o que desinterrasse essas antigas fôrmulas, que os chamados *por alcunha* tres-estados do Reino usaram, para eterna risota de contemporaneos, e vindouros. Que sería do genero humano senão houvesse Santarens? Mas é para lamentar, que se gaste tanta tinta e papel, e a final nada se diga. Entre tanto não admira, porque a belleza do stylo do padre é encher muitas paginas com palavras ôcas de ideas, e é sem dúvida grande habilidade, de que nem todos se podem gabar.

Mereceu particular elogio na sua escandalosa diatribe o honrado Garrett. Mas um escriptor do *Portuguez* (o jornal que mais honra fez á nação e que melhor advogou a causa da liberdade monarchica) era digno d'essa honraria: e faltaria Vm. ao seu dever se lhe não pagasse o devido tributo de seus improperios, e insultos. O que lhe posso com certeza asseverar é que elle não é auctor de nenhum dos escriptos publicados sôbre a legitimidade do sr. D. Pedro. E se elle, por louvavel nobreza d'animo se tem dedignado de o declarar até aqui, tómo eu sôbre mim o faze-lo, porque sei a causa que o impediu de escrever, e a que o retem de o declarar assim.

A censura ao deputado Magalhães bem se conhece ter origem na indicação que elle fez na Camara, em ser secretario da Junta

do Porto, em defender com a penna a legitimidade, e na missão ao Rio de Janeiro. Pois essa censura, em vez de o desacreditar, somente prova a seu favor, e mais honra lhe faz.

Fiquemos hoje por aqui; meu Rrdo, que estou cansado de notar asneiras e calumnias. Continuarei apenas me recobrar do enjoo com que estou nauseado. Breve tera novas minhas, que o latego está prompto e esse costado precisa. Deixe-me porem acabar ésta missiva com um conselho de amigo. Vm. está velho, cachetico, e treslido: lembre-se do arcebispo de Gil Braz; recolha-se ao vestuario; que ainda póde haver misericordia, que lh'o faça com um degrêdo para Caconda, e lhe poupe o remedio da forca, favorito Leroy de V. Reverencia que a toda a molestia o applica.—VIRIATO.

---

EXTRACTOS DOS JORNAES FRANCEZES, INGLEZES E ALLEMÃES.

*Constantinopla 25 de Septembro.*—O sultão resolveo mandar a Petersburgo um embaixador *extraordinario*, cuja missão official deverá ser, implorar a sua magestade o imperador da Russia, alguma modificação nas rigorosas condicções do tratado de paz, principalmente na parte que diz respeito á duração da occupação militar, e ás contribuições de guerra e indemnisações commerciaes.

Este embaixador é o famoso Hali-Pachá, filho adoptivo do seraskier Chosren-Pacha, commandante em chefe das tropas regulares. É portador de uma carta authografa do sultão para o imperador. Dentro em pouco dias embarcará para Odessa com numerosa comitiva. Mahmoud offerece ao monarca Russo a restituição da fragata *Raphael*, que cahio em podêr dos Turcos na última campanha, e cujo commandante foi mettido em conselho de guerra em Bourgas, logo depois de ser posto em liberdade.

Trabalha-se activamente na modificação do tratado de Adrionopoli, e logo que se ache concluida, o coronel Russo Duhamel, que se acha em Constantinopla, passará o Bosphoro, e irá a Erzeroum levá-lo ao general Paskewitch.

Todos os prisioneiros russos que se achavão no *Bagno* ou na ilha de *Nalsei*, embarcaram para Bourgas, Sireboli e Odessa.

Logo depois da ratificação do tratado, expedir-se-hão *firmans* para que não se ponhão obstaculos ao commercio do mar regro. Grande número de navios de todas as nações vão aproveitar esta franqueza commercial.

Não obstante o grande rigôr das condições de paz, a população musulmana vê com alegria o termo de uma guerra devastadôra, e reina na capital a maior tranquilidade.

Nada transpira ácerca das mudanças, que se diz, terão logar no ministerio. *(Journal des Débats.)*

*Vienna* 11 *de Outubro.*—Cartas de Selim annuncião, que se esperava a cada momento um *hatti-sherif* que concedia plena amnistia a todos os individuos, que incorreram no desagrado do governo durante os ultimos acontecimentos. Trata-se tambem de nomear commissarios para as negociações da emancipação da Grecia. Na imprensa do Kiaja-bey estava no prêlo um *firman* que restabelece a Servia em seus antigos direitos. Falla-se em mudanças na côrte e no ministerio do sultão, bem como na nomeação de uma commissão para restabelecer a ordem nos ramos de fazenda, afim de encontrar recursos que supprão os pagamentos da contribuição de guerra. Mahmoud tem plena confiança na generosidade do imperador da Russia, e espera obter diminuação na quantia estipulada como indemnisação. (*Gazeta d'Augsburgo.*)

*Barcelona* 13 *d'Outubro.*—O conselho d'estado, e o de Castella forão favoraveis á amnistia, que Fernando vai conceder; diz-se porêm que se hade exigir dos deputados emigrados, que outróra deffenderam a soberania da nação, juramento em que declarem reconhecer, que a soberania só existe no rei: os emigrados que pertenceram a sociedades secretas deverão abjurar os seus erros, e dar juramento de não tornarem a pertencer a taes sociedades. Não obstante a plenitude da amnistia receia-se não produsa o effeito desejado. O conde d'Hespanha, Calomarde, e outro individuo influente oppoem-se á amnistia, e assustão o rei com conspirações, procurando manter a sizania e dividir a nação, pois sua segurança depende da divisão. Todavia, o ministerio tem muito a peito a medida, e todos os influentes do partido chamado *afrancesado* o apoião, com suas luzes e conselhos, aos quaes se deve a melhoria que se tem ultimamente observado em muitos ramos da administração pública. (*Constitucionnel.*)

*Madrid* 12 *de Outubro.*—Correspondencia particular.—O nosso governo parece querer ser o primeiro no escandaloso passo de reconhecer D. Miguel como rei legitimo! Hontem o conde da Figueira marquez de Mostara se appresentou no palacio, e dizem como embaixador de Miguel primeiro entregára suas credenciaes! Este acontecimento produzio aqui o maior desgôsto entre a parte sensata da nação; e a muitos bons hespanhoes se ouvio murmurar contra tão vergonhosa medida, acrescentando alguns, que não admirava, ser o roubador do throno de sua sobrinha reconhecido como rei, por aquelle que fez igual roubo a seu pae. Só os apostolicos ficaram satisfeitos com similhante reconhecimento.

A opulenta caza de commercio de Lopez e Roberts acaba de suspender os seus pagamentos. Esta caza tinha ultimamente recebido de M. Ballesteros ordem para comprar mil acções do Banco que se

reorganisou há pouco, com o fim sómente de fazer subir o preço d'aquelles titulos· (*Constitucionnel.*)

A'cerca do reconhecimento do usurpador faz o *Constitucionnel* reflexões judiciosas sobre a perfidia do gabinete hespanhol, que fomentando sempre em Portugal o partido apostolico, ministrou armas e dinheiro para ali accender a guerra civil. O redactor appresenta em resumo os factos occorridos desde a morte do senhor rei D. João VI., e enumera muitas circumstancias de triste recordação da regencia da senhora Infanta D. Izabel Maria, e continúa:

"Mas o ministerio Portuguez, sem união, sem plano, e sem sistema foi sempre tímido, indeciso, e cuidava sómente em suffocar o enthusiasmo liberal, que era considerado como crime d'estado.

N'esta crize aproveitava o partido apostolico a fraqueza dos ministros, e pôde á força d'intrigas fazer persuadir á Regente, que todos os que se disião amigos da Carta erão revolucionarios, pelo que convinha chamar ao ministerio homens *moderados*. Com este ardil se entregou o poder aos secretarios da usurpação, bispo de Vizeu, Freire d'Andrade, e intendente Bastos, e estes prepararam a estrada pela qual caminha seguro o infante D. Miguel ao usurpado throno.

A Hespanha em toda esta transacção protegeo sempre as intrigas da corte, e trabalhou de commum accôrdo com os partidistas da rainha mãe: o reconhecimento da usurpação não é mais do que o acto público do que havia feito clandestinamente desde muito tempo: o seu objecto não póde ter por fito levar os outros gabinetes ao mesmo fim, porquanto a conducta do seu governo não tem importancia politica, e não serve de regra a potencia alguma. Mas quiçá, se a Hespanha pensa consolidar a usurpação dando este passo, grande loucura seria por certo julga-lo, pois já a experiencia tem mostrado, que em quanto Miguel governar Portugal, nunca n'aquelle reino haverá socêgo, nem seu govêrno poderá consolidar-se.

O plano pois do gabinete hespanhol, é sem a menor dúvida, servir-se de D. Miguel como de instrumento proprio para arruinar e enfraquecer Portugal, por maneira que no futuro lhe seja facil apossar-se do seu territorio. Já conseguio reduzir as suas *finanças* a um estado de miseria nunca até aqui igualado, e agora acaba de aniquilar o seu exército, que se havia coberto de gloria durante a guerra da peninsula, substituindo-o por quadrilhas apostolicas chamadas voluntarios realistas, tão aptos para os roubos, crimes e assassinos, quanto incapazes de deffender a honra e a indepencia nacional.

Imploremos a Providencia para que abra finalmente os olhos aos soberanos da europa, e lhes faça conhecer toda a perfidia da politica da Hespanha para com Portugal, levando-os a oppôrem-se e protestar de um modo solemne contra o golpe dado por aquella potencia na legitimidade da rainha D. Maria, e na independencia da na-

ção Portugueza. Oxalá que a historia repita algum dia :—"Os reis vingaram em Portugal a honra e a humanidade !"

*Londres* 27 *de Outubro*—O *Times* desta data, fazendo algumas reflexões sobre os negocios do oriente, cujo resultado lamenta, expressa-se pela forma seguinte em uma das suas columnas *(leading article.)*

" A europa em geral tinha interêsse na extincção de um govêr-
" no barbaro e anti-christão.—Mas a europa tem igualmente inte-
" rêsse solido em estabelecer um successor d'aquelle govêrno, porêm
" de natureza compativel com á paz e segurança geral.

" Muitos especulão sobre um novo govêrno grego na Turquia.
" Embora seja este grêgo ou latino pouco nos importa, uma vez
" que tal govêrno não fique debaicho dos pés da Russia.

" Mas o mal está feito e escapou a occasião opportuna de collocar
" pequenos estados em redor d'aquella potencia : nada excederia
" a indiscrição de querer hoje correr ás armas para o conseguir.

" O tratado grego estava identificado com Mr. Canning· Se
" aquelle homem de estado vivesse ter-se-ia servido do tratado de
" Londres contra as reclamações exclusivas e egoistas da côrte
" Russa, por maneira que haveria espaçado o attaque da Turquia,
" até que a conjuncta opposição dos outros estados se achasse orga-
" nizada para desviar a aggressão, ou ao menos minorar suas más
" consequencias.

" Se Mr. Canning vivesse, a Russia não se acharia tão disposta
" para obrar contra a reconhecida vontade e interêsses da Grã Bre-
" tanha ; e o que é pelo menos d'igual importancia, a França, cujo
" sentir em politica era congenial com a de Mr. Canning, não teria
" difficuldade em seguir o seu plano defensivo de politica europea.

" Assim a Russia concebeo indevidas, e podemos acrescentar, in-
" fundadas suspeitas de nossas intenções : a Turquia confiou sem ra-
" zão em nosso auxilio ; e o govêrno Francez debaixo do pezo dos
" prejuizos nacionaes contra os novos chefes da politica Britannica,
" não quiz combinar em plano algum de sincera e util cooperação.

" As circumstancias pois trouxerão nos doze mezes, que acabão
" de expirar, resultados, que os homens com difficuldade terião
" conseguido.—(*Times.*)

*Londres* 28 *de Outubro.*—Corre por certo, que em consequencia d'informações recebidas pelo nosso govêrno, ácerca do descontentamento, que reina na ilha de S. Miguel, e nas outras ilhas Portuguezas, que não querem o dominio do uzurpador Miguel, se procede a averiguar a verdade deste facto, com a intenção, segundo se presume, de marcar a linha de conducta que a Inglaterra deverá adoptar no futuro arranjo das suas negociações politicas com Portugal. Est informações, que não pertendemos asseverar como plenamente

actas, são de natureza tal, que representão haver nas ilhas, sem incluir a Terceira, uma decidida opposição contra o despota Miguel, podendo calcular-se que de cada dez pessoas, nove lhe são contrárias, por maneira que a população se tivesse o mais pequeno apoio declarar-se-ia toda a favor da joven rainha. Poucas pessoas sabem, segundo presumimos, que existe uma regencia, sanccionada por D. Pedro, que obra presentemente em nome da rainha D. Maria, não por maneira ostensivel e pronunciada, pois a actual situação da sua causa não o permitte, mas para manter unidos, até que melhor occasião chegue, todos aquelles elementos que hãode no futuro estabelecer e sustentar os seus direitos. Esta regencia tem á sua disposição extensos recursos pecuniarios, como provão as suas remessas, que na praça se negoceião amiudadamente sôbre varios pontos da Europa. Não se póde duvidar, como anteriormente dissemos, que estes recursos são tirados em parte dos fundos, que até aqui erão applicados ao pagamento dos dividendos Portuguezes, e sem nos mettermos a decidir a questão, se acazo a diversão d'estes fundos póde reconciliar-se com a boa fé devida aos portadores, diremos, que tal é o facto, acrescentando, que a excusa dada pelos interessados n'aquella transacção consiste em affirmar que sem este soccòrro, a causa da joven rainha devia ter sido abandonada, o que não comportava nem com o character nem com as instrucções recebidas pelos commissionados.

As circumstancias que acima referimos, tem despertado certo gráo d'esperança entre os Portuguezes residentes em Londres, que talvez com uma unica excepção são todos constitucionaes, e vai ganhando força, á medida que as atrocidades practicadas em Lisboa parecem sustentar por um fio, que póde quebrar a cada momento, o govêrno do despota. Aos mais zelosos partidistas da cauza lembrou, que uma declaração podia apparecer neste periodo, e produzir excellente effeito sendo feita pela regencia em nome de D. Maria, concedendo amnystia ou indemnidade, no cazo da sua restauração, áquellas pessoas, com pequenas excepções, que sustentaram D. Miguel, mas que são agora duvidosas em sua adhesão, e estão promptas a abandona-lo, uma vez que contassem com a sua segurança pessoal. (*Times.*)

(*Pariz*) Os successos do oriente devem ter dado um golpe funesto na administração do duque de Wellington. É a dizer a verdade do seu ministerio que datará a queda politica da Inglaterra nos negocios da europa; e a acção que elle por tanto tempo deu como general nos campos de batalha á influencia do seu paiz, tornará ainda mais notavel, antes de muito, o contraste do seu abatimento depois que elle se assenta como ministro nos conselhos d'Estado. Que n'isto haja ou não falta de gratidão, pouco importa, é necessario ver os

povos como elles são! Não ha ninguem que sacrifique ás lembranças do presente as lembranças do passado. Os grandes homens devem deixar o mundo antes que o mundo os deixe a elles.

Mas que devia fazer o duque de Wellington, perguntam em ar de mofa os seus partidistas? Deveria com o risco d'uma guerra geral sugeitar de novo o seu paiz aos accazos de uma intervenção activa abrir as grandes chagas *financeiras* a penas cicatrisadas, tentar os serviços da Irlanda meyamente reconciliada, empenhar-se n'uma luta sobre a fé de allianças incertas e ephemeras e jogar finalmente a europa contra a Russia? O que elle devia fazer, não sabemos nós. O que elle fez, toda a gente o sabe. As circumstancias eram sem duvida graves e perigosas. Os embaraços nasciam a cada momento n'esta questão espinhosa: mas a atmosphera politica estava por ventura menos carregada no tempo de M. Pitt, e de Lord Liverpool? Não foi tambem atravez de escolhos e naufragios que elles conduziram a Inglaterra ao mais subido grão de gloria e de influencia? O curto ministerio de M. Canning tocado d'uma morte quasi subita ao nascimento dos successos que vemos agora terminar, não deixou a Inglaterra forte e poderosa a seus successores? Tal a recebeu ainda o duque de Wellington das mãos de Lord Goderich. E hoje!

Hoje? Está finalmente assentado que os maiores successos politicos podem formar-se e decidir-se sem intervenção da Inglaterra; que um mar inteiro se póde abrir aos navios d'uma potencia rival, com as vantagens e privilegios equivalentes a um monopolio, sem que o Gabinete inglez possa oppôr a isso mais do que algumas notas e negociações de que se não faz cabedal; sabe-se que uma potencia alliada da Gram Bretanha póde desaparecer da carta sem que a sua anniquilação arranque de Londres mais do que alguns suspiros. N'uma palavra, o maior acontecimento politico dos ultimos quinze annos acaba de terminar contra o voto da Gran Bretanha, e sem um esforço serio da sua parte para o impedir. Nós dizemos que a europa começa a perder a sua influencia. E não somos mais do que o echo fiel da velha Inglaterra, depois que as victorias Russas e o tratado de Adrianopoli lhe reveláram tam dolorosamente sua importancia.

Agora, se ousamos submetter a conjecturas a reacção proxima destes ultimos successos sobre a situação interior do duque de Wellington, não hesitaremos em dizer que elle será antes de muito obrigado a levantar mão dos negocios publicos; não pelo energico ataque d'um opposição reunida das suas camaras do Parlamento, não pela iniciativa da coroa desenganada das esperanças, que fundava em um nome participante de tantas glorias nos ultimos vinte annos; não: nós sabemos muito bem que existe n'este momento em

Inglaterra uma especie de tregua entre os partidos, que não deixa prever a existencia d'esses abalos violentos e decisivos, d'esses combates de maioridades e menoridades que destroem e reedificam os gabinetes. A emancipação da Irlanda desarmou o grande partido nacional, aquelle cujos chefes eram sempre designados d'antemão para tomar o poder que escapára das mãos de seus adversarios. Quasi todos se resignáram ultimameute com o ministerio do duque de Welington. Aquelles que lhe não reconheciam grandes miras politicas, acreditavam ainda na sua influencia pessoal para com a maior parte dos soberanos e dos ministros da europa. Julgava-se mesmo que os seus conselhos equivaliam a ordens, e que as suas ameaças correspondiam a embarcações da guerra. Emfim, a Gran Bretanha nada julgava mais conveniente do que conservar-se no *statu quo*, com o duque de Wellingtun á sua frente; e é um facto que o seu ministerio não encontrou vivas hostilidades, nem accordou rivalidades furiosas senão entre uma pequena pandilha politica e religiosa; que não vê acabar um abuso sem julgar compromettida a sua propria existencia.

O duque de Wellington ïa muito bem com a pacifica direcção que levavam os negocios a seu cargo. Exceptuada uma so questão (e esta questão está resolvida) pareceu, a dizer a verdade, na ultima sessão do parlamento que ja não existia opposição séria aos actos e aos homens do ministerio. Sir James Mackintosh temia pronunciar o nome de D. Miguel ou de Mahmoud,com o receio de que uma discussão prematura prejudicas se o resultado de combinações feitas. Lord Holland callava-se, e não dirigia aos ministros essas perguntas, que traduzem os gabinetes estrangeiros á barra do parlamento inglez. N'uma palavra, os negocios do estado tratavam-se como no seio d'uma familia.

E pois ahi temos o desfecho do drama politico ! Se o duque de Wellington tivesse tido que lutar com inimigos violentos e encarniçados, que houvessem primeiro estigmatisado a fraqueza das suas combinações e a insufficiencia dos seus meios, talvez elle podesse ainda justificar a nullidade da sua conducta, e attribuir o mal ás tempestades parlamentares. Mas elle não teve inimigos nem tão pouco houve tempestades. Deixaram-lhe o campo tam livre,mais livre do que nunca se deixou a ministro algum ; e eilo ahi obrigado a conceder que os successos trahiram a illimitada confiança, a benevola disposição da Inglaterra.

Por ultimo : ha n'isto alguma cousa que deve singularmente magoar sentimentos tam elevados como são os do duque de Wellington. Ninguem sentiu mais do que elle o desfecho dos negocios do oriente. Ninguem é mais cioso do esplendor e da preponderancia da Gram Bretanha. O duque de Wellingtôn sentiria talvez uma saïda violenta do ministerio. Mas uma retira-

da voluntaria é muitas vezes uma nobre e salutar reparação do bem que se não fez e do mal que se não pôde impedir.. *(Journal des Debates de* 24 *d'Outubro.)*

Snr. almoxarife do chaveco liberal.

Perdoe Vm. se o incommódo; mas como Vm. transcreveu mal, ou deixou passar na impressão algumas erratas em a cópia da carta que lhe remetti com datta de 11 de Outubro, do Porto, transcripta no num. 8 do periodico da sua companha,-dirijo-lhe estas duas lettras para que Vm. conhêça a alteração que fez d'um sobrenome, e a suppressão de uma linha do manuscripto, saltando de uma a outra palavra irmãa.

Vm. éscreveu lá=Córadinho=quando no original está=*Manoel Viradinho*=

Vm. escreveu tambem=Abranches advogado de *Provizão,* e seu digno collega Domingos Ribeiro=quando no original tambem está=*Abranches advogado de* Provisão, *substituto em* 1829 *das gritarias de* 23 *do tambem doutor de Provisão, e seu digno collega Domingos Ribeiro*=

Será bom que Vm. corrija estas faltas, para que o correspondente lendo no Porto a cópia da sua carta, a ache exacta com o original que para cá enviou. Sou seu amigo, &c.

## O CHAVECO.

*Londres,* 4 *de Novembro de* 1829.

O que os periodicos da semana passada touxerão ao nosso conhecimento é pouco mais do que razoados ou consequencias de factos precedentes. É hoje enfim sabido, que a conclusão do tractado da Russia com a Turquia se deve em mui grande parte aos esforços do enviado extraordinario da Prussia o general Muffling; e a sua missão foi consequencia de concêrto entre o imperador Nicolau e seu sôgro o rei da Prussia: desenvolvimento este geralmente considerado de grande importancia. É certo, que as duas potencias, a que parecia obvio, que Nicolau devêra de recurrer, serião ou a França ou a Inglaterra, ou ambas, como aquellas, que pelo tractado de 6 de Julho, e pelo evento *feliz,* ou *ominoso* de Navarino parecião empenhadas no mesmo resultado, ou pelo menos co-interessadas n'um termo commum d'hostilidades, n'um arranjo concertado de paz: a Grecia, a cujo pretexto se havião ligado continuava em luta, era um dos objectos da guerra, e a formação, e confirmação da legitimidade do seu governo parece pendente ainda daquelle tractado;de sorte que

para determinar-se a *grande* questão da independencia grega, tractou-se o *insignificante* incidente da destruição do imperio Ottomano na europa! e nesta discussão *prejudicial* um dos outorgantes não quiz nada com os seus socios, não os ouvio, não se-lhe deu delles, e buscou um terceiro *ajudador*, que dirimisse a contenda, escoltado de quarenta mil cavalleiros, e cento e vinte mil infantes prestes a formar a vanguarda desse immenso podêr, que se some nos gellos do polo, e se espreguiça a tocar nos confins meridionaes da Asia.

Os projectos do gabinete Russo forão habilmente concebidos, subtilmente combinados, e felizmente executados; de maneira que o resultado desta habilidade, subtileza e felicidade d'execução é ficarem os gabinetes d'Inglaterra e França sofrendo as consequencias sem poder queixar-se *com razão* de Nesselrode:—bem pelo contrario elles são obrigados a confessar mesmo *moderação* no conquistador, virtude de que a historia tão escassamente appresenta exemplos. Mas a quem deve a Russia esse mesmo engrandecimento seu, que hoje aterra os *thpysicos* governos, que dirigem as fortunas das familias europeas? Elle o deve a esses mesmos governos, que no tractado de Vienna lhe sanccionaram o dominio da Finlandia e da Polonia. O imperador Nicolau não entrou nesse tractado: elle não teve sequer o *vão* merecimento d'acceitar, o que a fraqueza e cegueira de governos de ruim nome lhe outorgaram. Esta mesma guerra com a Turquia, a não querermos buscar um periodo mais remoto, foi preparada por Alexandre: ja esqueceu quão vagos erão os petitorios do seu manifesto?

O plano pois estava concebido, mas a sua combinação ainda que subtil não escaparia ao homem d'estado, que nunca arredasse os olhos do interesse da nação, a que preside: elle o presintiria; e em tempo o empate da execução era facil. Era impossivel, que a Turquia, que via emminente a sua anniquilação, não buscasse os meios de desvia-la. Ella dormio na fé dos tractados: ella julgou que os gabinetes occidentaes da Europa interessavão em suster na sua existencia politica um antemural contra a irrupção septentrional, que os ameaçava: fiou-se em palavras, que so tem fôrça se involvem interêsse conhecido pelo promittente; confiou em saber, que não existia: baqueou enfim, e com ella muitos dos interêsses dos governos mal-avisados.

Esta perda hoje conhecida, hoje demonstrada, hoje real, hoje enfim *apalpada* por todas as classes, que formão a grande familia do occidente da Europa, vai necessariamente produzir uma alteração, uma mudança, uma contra-marcha na politica de todos os gabinetes, ou a sua perda inteira futura é infallivel.

A monarquia universal não é um sonho: nós a vimos quasi realizada em nossos dias; e se o *gello* e a *opinião* a não empecessem na

carreira, que seria hoje a Europa? Quem ha ahi, que possa calcular o que ella seria hoje? Quem poderia dizer em 1788 o que ella foi em 1801, 1807, 1814, e 1815?

O estado, em que hoje nos achamos, previsto de poucos, arranjado em grande parte, pelos homens, e em grande parte como sempre, pela força das circunstancias pede necessariamente uma *evolução politica;* e ésta hade ser necessariamente favoravel á liberdade do genero humano. So a liberdade uniforma interêsses, coagula fôrças homogeneas, liga verdadeiramente os povos, e offerece á usurpação uma barreira inexpugnavel. A liberdade desconhece o monopolismo;—desconhece o direito da força;—desconhece a legitimidade dos despotas. So homens livres reconhecem e sustentão de coraçâo a irmandade social, os direitos e obrigaçoens d'homem a homem, de familia a familia, de nação a nação: sendo verdadeiramente livre uma quarta parte do genero humano nada terá a temer dos escravos, que performem as tres-quartas partes restantes. A europa vai necessariamente uniformar as instituiçoens liberaes; porque este é o meio que lhe resta para pôr-se a abrigo do mau fado, que um dia póde empolgá-la, e desandá-la á noute da idade-média. Eis-aqui em grande parte a obra dos tiranos.

Para ella, pela porção, que cabe ao nosso mal-estreado Portugal, tem contribuido com grande quinhão o espurio rei Miguel. Este tirano tem ensinado por factos aos povos do mundo inteiro, o que elles podem esperar d'um govêrno despotico: este monstro tem conseguido convencer os Turcos de que a organização do seu govêrno é liberal, e suave.

Tudo conspira pois a comprovar, que vai necessariamente alterar-se a politica européa, e o govêrno Britannico em particular, conhecerá, talvez um pouco tarde, o erro, que commetteu em desviar-se da vereda marcada e seguida pelo grande Canning, torcida desde a sua morte por cegueira ou capricho, e desprezada até o momento em que um abismo *previsto* se abre diante das suas passadas, e parece engoli-lo, se prosegue.

Aquella sympathia, que a politica liberal d'aquelle grande homem tinha feito nascer em todo o continente a favor da Inglaterra, apagou-se: a marcha inversa, que se lhe seguio, produzio o effeito contrário: e esse effeito, confessado pelos mesmos escriptores inglezes, que actualmente viajão o continente, tarde se destruirá, se o gabinete de S. James, se demora ainda no mesmo rumo. Alguns symptomas aparecem ja no horizonte, que em outras circumstancias serião base segura d'infallivel prognosis: mas escarmentados por tanta perfidia, tanta inconsistencia, tanta volubilidade, quem poderá ainda fiar-se das visitaçoens d'Huskinson,—das acquiescencias de Polignac,— do ainda continuado recrutamento, e armamento da Russia terrestre e maritimo,—e dos interesses da Grecia ainda não determinados?

---

*Annúncio.*

Publicâmos nos termos em que nos foi pedido, o seguinte annúncio.

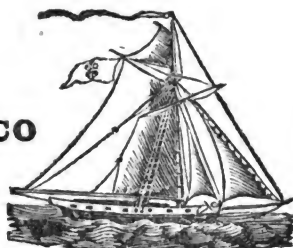
"O Conde de Saldanha vai relevar immediatamente tudo quanto ha de inexacto a seu respeito na carta que a Junta do Porto dirigiu a S. M. o Imperador do Brasil, e publicar toda a parte que tomou nos successos do Porto."

---

*Pubíca-se este semanario todas as terças-feiras de tarde (com a data da quarta-feira.) Vende-se em casa de H. Huntley No. 23 South-Audley Street, Grosvenor Square, por 9d. cada número: assignaturas até o fim do anno por 10s.*

Impresso por R. Greenlaw, 39, Chichester Place, Londres.

# O CHAVECO LIBERAL.

No. 10. Vol. I.


O'er the glad waters of the dark blue sea,
Our thoughts as boundless, and our souls as free.—Byron.


*Quarta feira* 11 *de Novembro*, 1829.


## CORRESPONDENCIA DO CHAVECO.

*Muito reverendo Padre Capellão.—Abordo da Balandra Tresquilhas.*—Por mais pontaletes, que busque, meu padre, Vm. não poderá *apontoar* o seu *miguelzito*: hade baquear, em que lhe pez. Essa *alcaçova* alterosa, que lhe aformoseava a popa: esse duque seu *guarda-leme*: essas *mangueiras* que desagoavão os *emburnaes* sem serem apercebidos, os de Bastos, de Borba, da Lousan *e companhia*, estão hoje a descoberto. No banco estalou o *gio*, e não ha ja *galagala*, que lhe vede a água, e o bicho: e por mais *linguetes*, que arrimem ao cabrestante do Estado, não pegão nos *cunhos*, elle desanda, e adquirindo novas fôrças na velocidade, la vai rei, barbeiro, lagosta e duques pela água abaixo, que não sei aonde irão dar comsigo. Por mais *murroens*, que arrumem pelo bordo não ha *pavez*, que lhe caiba: a borda está a descoberto; e a *chusma* do *convez* sem defensão. Ou se hãode mirrar no *poço* do navio;—ou galgar a borda, e salvar-se a nado, ou arriar bandeira. De todo o modo, meu amigo, deve considera-los á *Deus-misericordia*. E agora? Agora? É amarrar o leme, fechar as escotilhas, e deitar a dormir, que assim fazem os Hollandezes com tempo: fiar, meu amigo, na humanidade dos vencedores, que assim fez o rei do *crescente*, e assim deve fazer o rei do *mingoante*, se quer ficar com a *membrana pituitaria* no seu logar. Mas que grandeza de *bocca* e *pontal* não é mister que tenha a tal humanidade para absolver tanto crime sem

nome, sem exemplo, sem parelha ;—tanta monstruosidade inaudíta ; tanto sceleratismo sem menção na historia nefasta dos homens diabos, que tem assolado o genero-humano ? Desde o mais poento e obsoleto chronicão até á mais fresquinha historia das convulsoens sociaes vem como por marés mil contos de motins, assuadas, sediçoens rebellioens, guerras de toda a casta e nome, revoluçoens, e estragos d'homens, incitados por interêsses, por caprichos, por ambiçoens, e por maldades mesmo, que ja não tem nome nos diccionarios : d'ahi o partido, que vence, por mais barbaro que seja, salta furioso sôbre os *cabeças*, estrangula-os, espeta-os, pella-os, esfola-os, e aqui e ali desfecha *crisada*, que cria bicho ; porem toda a barbaridade pára nos *caudilhos ;* e, se apenas desce a uma ordem abaixo, ás subsequentes secundarias nunca desce. O nosso monstro comtudo excedeu tudo quanto ha em tradição e nos escriptos. Elle tem descido a punir crimes *politicos* (que elle suppoem taes) nas últimas classes sociaes. Elle acaba de enforcar um *sargento*, e um sargento *prizioneiro !* Qual hade ser a humanidade, que possa suspender a justiça do braço vingador sôbre os pulsos d'esses monstros, que ousaram proferir, escrever e assignar uma sentença tão extraordinaria, tão impolitica, tão deshumana, tão monstruosa ? Qual póde ser o antemural, que embata os justissimos golpes arrojados pelo desagravo da offensa, que em maldade tanta acabão de sofrer os parentes, os amigos, os simples conhecedores do facto, o todo d'uma cidade populosa, e que não tem crimes, uma nação, as naçoens todas, a humanidade enfim ? Barbaro infame despota ! desnaturados algozes desembargadores desse ruin tribunal, dessa maquina infernal das iguarias do monstro ! com que odio, com que opprobrio, com que nojo lerão vossos torpes appellidos as geraçoens futuras ! Com que horror ouvem vossas prasmadas maldades os contemporaneos ! Vós, desembargadores, vós sois a escórea dos Portuguezes : vós sois o instrumento vilissimo do despotismo : vós sois a cadea mais pezada da sociedade : tão ignorantes como enfatuados, tão orgulhosos como infames, vós, não arreceais fazer o maior dos crimes—*matar sabidamente o innocente*—para servir a um partido criminoso, a trôco da esperança d'uma sordida *pendanga*, d'uma graduação alicerçada na indecencia, d'uma *apozentadoria* sôbre as ruinas da virtude !

Ah ! meu padre : o nosso mesquinho Portugal estava guardado para na *classe, e ordem* dos criminosos appresentar uma *especie*, que exceda a todas as outras.

Hoje na luta, em que anda a europa, isto é na peleja travada entre as *luzes e as trevas*, infestão a França, a Allemanha, a Prussia, a Italia e a Hespanha, os *Jesuitas*—os *Apostolicos*. Está *raça* clerical no arranjo e origem, porem ja mui derramada pelos leigos, que a commungão, é a mesma em toda a parte : feroz, desmoral, e ten-

çoeira, caminha atravez dos revezes, das difficuldades, e das derrotas: —quando o tempo é muito toma o folego em si, mergulha á vontade, e surge logo que espreita opportunidade. Esta raça formada á maneira da regra claustral affecta não ter nada *proprio*, senão *em commum;* d'ahi vem dizer sempre *nosso* em vez de *meu*. Este *nosso* porem é exclusivo da *ordem*, *casta*, ou *raça*, e não pertence á generalidade social: bem pelo contrario, este *nosso* é sempre *hostil* á sociedade, importa um monopolio, um despotismo, um podêr absoluto de poucos sôbre muitos, uma oligarchia, um partido, uma facção enfim sôbre a communidade social, sôbre o genero humano.

Ora como esta facção intende, e bem, que o seu interêsse está em contradicção com o interêsse geral está sempre álerta, é compacta e unida, porque a união é a base da sua fôrça, e offerece por tanto sempre uma frente valente a qualquer ataque. Os seus melhores batalhoens são a fradaria e clergia, porque são corpos desde ha muito organizados *dentro* da sociedade com leis e fins distinctos do fim *civil* della. E como nos regulamentos são uniformes nos estados que reconhecem o papa por infalivel, por isso apparecem quasi uniformes e trabalhando no mesmo sentido em toda a parte; e assim em toda a parte são atacados quasi pelos mesmos principios pois apparecem debaixo das mesmas feiçoens.

Em meio desta generalidade e homogeneidade, que se entende muito bem, appresenta o nosso Portugal uma anomalia, que custa a explicar:—appresenta uma *ordem*, que nasce nos bancos da universidade de Coimbra, alfobre da nossa magistratura, e que depois se derrama e trepa segundo a antiguidade empuxada pelos *empenhos:* em quanto não entrão no collegio *relação* são *cathecumenos*, a quem não é dado o conhecimento dos mysterios fundos; se mettem como elles dizem, *as barbas no calix*, se chegão a entrar no *sancta sanctorum* de terem um regedor ou governador á testa d'uma meza, outra bafagem sopra. Ja uma béca roçagante, de cola frizada, e cincto abbacial lhe involve o corpo e o separa para sempre do resto da sociedade: ja a sua olhadura exprime o *odi profanum* no cenho, e *inchação;* ja a uniformidade da vestidura, o nome *collega*, a palavra *acordão* lhes lembra interêsses communs, corporação, fradaria: e ei-los finalmente tão frades como os Bernardos! porem muito mais terriveis do que elles, ainda que quasi do mesmo saber; por que se um Bernardo desvaira, ou la dentro o entaipão que não falle com ninguem, mas sempre bem *cevado*, ou o expulsam da congregação: um desembargador porem, ai delle se é homem de bem e lhes cahe debaixo do *anno do nascimento:* haja vista ao desgraçado desembargador Gravito: matão-no com uma ferocidade jesuitica. Que tinha de crime este homem, ó desembargadores da alçada, senão accusar com suas virtudes o vosso horroroso procedimento?

Que fez elle senão destruir por suas virtudes o tecido de vossos crimes? Mas este infeliz era amigo da liberdade! E que mór crime podia commetter contra o mais formidavel ingenho do despotismo, a judicatura?

Sim, meu reverendo capellão, *D. Miguel* está em pé ainda em cima do throno de sua sobrinha por que os juizes, os desembargadores, as alçadas o espécão. São os desembargadores, que mandão prender:—é em seu nome, seja qualquer outro que prenda, que se abre o assento d'habito e tonsura do prezo:—é o desembargador quem interroga o prezo, e o *tortura,* illaquêa, e arma para achar crime no innocente:—é elle que dicta as palavras, que devião ser as da testemunha, mas que são d'elle:—é elle que enfim o manda matar em nome da lei, que não ha, que o não diz, que legisla o contrario:—nada alêm da sua vontade o regula no criterio das provas; nada alem do seu capricho o rege no dictame da sentença.

Se o *saber e a honestidade* presidisse no que devia ser o sanctuario da justiça, no tribunal da alçada, como seria possivel que gemessem nos calabouços de Portugal mais de trinta mil pessoas, e que estivessem *pronunciados* nos processos da alçada mais de cinquenta mil?

Como seria possivel, que se levassem ao cadafalso homens sem crime, sem prova de criminosos?

Quem taxou de crime a *guerra civil,* que tem havido em Portugal da parte dos subditos da senhora D. Maria II? Dizei, desembargadores, sãbeis vós a differença entre *guerra civil e rebellião?* Eu vo-la vou dizer, e mostrar, pela autoridade d'um escriptor, que todas as naçoens cultas escutão como texto legal nesta materia: é Vatel, que no liv. 3. cap. 18. p. 103—diz assim:

"O uso tem designado guerra civil toda a guerra que se faz entre os membros d'uma mesma sociedade civil: sendo entre uma parte de cidadãos d'um lado, e o soberano com os que lhe obedecem do outro, *basta que os descontentes tenhão* ALGUMA *razão para tomar as armas, para esta desordem se chamar guerra civil, e não rebellião.* Esta derradeira qualificação so é dada a um alevantamento contra a autoridade legitima destituido de toda a apparencia de justiça."

Sempre foi bom, meu padre, salvar o meu Vatel do último alijamento.

Que digão agora os desembargadores da alçada, quem são os *rebeldes?* Serão os chamorros ou os constitucionaes? Por quem está a justiça? por quem a legitimidade? Desconhecem elles o que todas as naçoens tem conhecido? Todas taxão o procedimento de *Miguel* de uzurpação: todas o reputão um ladrão do throno alheio: quem são logo os rebeldes? quem os criminosos?

Se os desembargadores, pois conhecem que estão matando inno-

centes, que estão praticando a injustiça, que estão mantendo o roubo, que estão servindo o despotismo, que estão arrimando os hombros em sustentaculo do throno do tiranno:—os desembargadores são a base de todo o mal que sofre Portugal. são mais que jesuitas, mais que apostolicos, porque são os carrascos inexoraveis d'um partido, d'uma facção, d'uma rebellião escandalosa. Esta casta de gente pois é so propria de Portugal: apostolicos desta cathegoria e força ha-os so em Portugal.

Quando isto lhe escrevo, meu padre, parece-me vê-lo encrespar as sobrancelhas, e fazer-me duas perguntinhas um pouco enfadado, dizendo:—Pois que? Todos os desembargadores são maus?—E quando *Miguel* levar a cambalhota, como se ha-de remediar um mal que parece *idiopathico* na tal classe?

Eu me appresso a responder-lhe: não senhor, não são *todos todos* maus, segundo creio: mas os bons são além de poucos sem fôrça para se safarem do pezo e agoagens dos maus. Quanto ao remedio, ha um, terminante, e facil no reino da liberdade, e é *publicidade do processo e julgados com faculdade de os fazer circular por meio da imprensa.*

Os desembargadores tirão toda a força do seu poderio do segredo inquisitorial do processo; elle cobre a sua ignorancia, e os poem á abrigo de todos os tiros da verdade. O meio é rasgar a cubertura, e po-los á luz do sol. Então Vm. verá quantos fogem como corujas: então Vm. verá como os bons se extremão, apparecem, e ficão: então essa classe, que hoje é a peste da sociedade será o seu melhor e mais seguro apoio, ja se entende com uma certa roda essencialissima á maquina chamada *jurados.*

Ora, meu amigo, se o conde de Villa-flor vendo enforcar um sargento prisioneiro enforcasse os prisioneiros que fez, que se diria? Eu por mim não sei o que se diria, so sei que digo, que sou seu amigo—Pallinuro.

---

*Reverendo Cappellão do Chaveco. Reino das sombras*——Ainda que é de um finado que ésta recebeis, nem por isso precisa o vosso espirito desinquietar-se, que não sei eu por onde ella acha caminho, e por isso não receies que a siga, e va assustar-vos com apparições nocturnas.

O velho Charonte, grato pelo grande número de passageiros que ultimamente lhe mandei para a barca, não perde uma só occasião de me lisongear, e conhecendo os meus desejos de passar estes eternos *loisirs* com as cousas d'essa mansão dos vivos, tal imposto poz a certas almas que são obrigadas a trazerem-me, alêm das obras escriptas a meu respeito, quantos periodicos de toda a lingua, de todo

o partido por lá se publicarem. Preferindo estes generos ao meu antigo estudo das mathematicas sou movido por dous principios. Aqui não ha planos de batalha a traçar—a ambição ficou para além da lagoa que nos separa—Agora meu unico desejo é que minhas faltas e minhas virtudes tenham aproveitado como lição aos governantes e governados. É por isso que gósto de ver o andamento das cousas d'esse. Nem deixa de entrar nisto um espirito de egoismo. Parece-me que a sombra se me torna mais condensa quando me vejo designado pelo *homem dos seculos!* e o herdeiro de meu nome pelo de *filho do homem!* Quando me lembro que me foi arrebatado para não herdar tambem minha gloria, sou fraco, e julgo encarar o frio marmore que regava de minhas lagrimas na ilha do destêrro.

Por aquelle extraordinario meio é que tive notícia de V. Rma. pessoa, e mais companha do Chaveco Liberal, que appareceu, quando eu tencionava alliviar do imposto as almas Portuguezas, porque desde fins de 1828 não recebia n'esta lingoa senão bullas de defunctos, com que as almas tapavam a boca á rigidez dos exactor, e algumas folhas de papel com muitos pontos, e poucas palavras; pois

> Parece que ja *então* era de cobre
> A idade que *t'elli* fôra de prata
> E *dantes* de metal muito mais nobre.

Por ver o vosso barco surgir assim galhardo d'aquella espêssa cerração de ignorancia, recebi-o com indizivel satisfacção, e logo tencionei introdusir-me ao vosso conhecimento. Emfim veio o reconhecimento pelo tio Fernando, e como bom conhecedor d'esta personagem, escolhi ésta materia para carta de introducção.

Eu sei que vós e mais companha acostumados a lutar com as continuadas trabuzanas que encontrais em vossas derrotas, não vos aterrais com pouco; mas como muitos outros não teem a mesma coragem, eu vos direi o que sinto d'aquella farça representada tam somente por aquelles dous comparsas no palco-scenico europeu. Embora a *Quotidienne*, e quantos quotidianamente eu estou arrojando á stygе por insipidos ou ignorantes, digam que a voz do tio deve echoar por toda a europa, porque assim está decidido pela sancta Alliança, e junta Apostolica.

Pois por ventura, meu R. P, foi excluido d'esse sancto concilio a sua mais firme columna—o cabeça da Igreja? Não por certo. E elles seram bastante prudentes para não fazerem tal brecha em seus canones de legitimidade. Se o dominicano Fitzel não fizesse tam grande monopolio de indulgencias na Saxonia, talvez o nome de Luthero não fosse conhecido e reverenciado por muito boa gente, ainda que grande hereje. O papa não o reconhece por que receia que appareça algum d'estes excommungados la pelo novo mundo, que, como tal, tem a cerviz mais dura que o velho.

E porque o reconhece o tio? Uma bem explicavel simpathia entre éstas personagens responde á questão. O tio é o percussor d'esse anti-Christo. São um fiel espelho reciproco de seus sentimentos; e até coisa singular, concordam nas mais miudas circumstancias.

Passando por alto uma notavel similhança por parte das mães, para não desgostar as sombras de dous velhos, que algumas vezes ouvem ler o vosso *chaveco*, fallemos n'outro tempo da vida de Carlos IV. e João VI.

Ora diga-me, R. P., o attentado de Aranjuez não será o prototypo do de 30 d'Abril? Vejamos as proprias palavras do atterrado velho em huma carta que me dirigiu, e comparem-se com a proclamação de João VI. depois de se evadir ao ferro parricida—"Meu filho" diz Carlos "formou o horrivel designio de me destronizar: chegou "ao excesso de tramar contra a vida de sua mãe. Tal crime deve "ser punido com o rigor mais exemplar. A lei que o chama á suc-"cessão do throno deve ser revogada, &c. &c." Miguel prende seu pae, e assume todos os exercicios da Magestade; e prendendo seus melhores amigos, e os melhores cidadãos é seu fim obrigar o pae a abdicar, ou assasiná-lo. Voltemos a Fernando e serão as palavras de sua mãe a Murat quem mostrem o parallelo. "Meu filho man-"dava tudo sem ser rei, e nossas vidas estiveram em perigo. Sua "ambição é grande; olha para seus páes, como se não fossem seus "mais proximos parentes—o que fará elle a outros?" Miguel não *reussiu* (como nós dizemos), e o mesmo acconteceu a Fernando. Um vai expiar seus crimes em um exílio, e de lá emprega a arma da dissimulação para mais seguro acertar no irmão o golpe que errára no pae. Cartas á irman, cartas ao irmão, juramentos, promessas, nada poupa. Não julgueis R. P. que o parallelo finda aqui. Fernando tambem escreve em 1807 a Carlos para o atraiçoar em 1808. Vêde como diz o baboso, que me dizia—que sua maior glória sería casar com uma parente do imperial e real sangue—diz elle. "Eu "sou criminoso: offendi a V. M., meu páe e meu rei; mas promet-"to d'aqui em diante a mais submissa obediencia. Eu fui illudido, "&c. &c." E qual é o resultado d'éstas promessas? Sequestros, prisões, forcas, garrotes, fogueiras. Eis ahi um quadro de perversidades, de que não achareis parallelo senão nos feitos de Miguel. "Seu character é falso" dizia Maria Luisa "nada o affecta, é des-"pido de todos os sentimentos; pouco disposto á clemencia.—Faz "promessas, mas nunca as cumpre" Ora tudo isto com duas Constituições assassinadas, são motivos bastantes para fazer medrar uma sympathia tal, como teem mostrado os dous parentes. Eis aqui porque se reconhecem, e porque formam tractados. Por peor que seja o estado dos governos presentes não posso suppor, que depois do terror que lhes incuti queirão abrir nova brecha na sua convalescente

legitimidade. Meu R. P., o despota da Hespanha não está ligado com ninguem; e acreditae que elle não faz outro papel mais que o de comparsa n'esse theatro politico.—N.

## EXTRACTOS DOS JORNAES FRANCEZES, INGLEZES E ALLEMÃES

*Mexico* 31 *de Agosto.*—As últimas notícias recebidas do Mexico concordão em asseverar que a expedição do general Barradas será malograda. O general Santanna, que commanda em chefe os Mexicanos tem perto de dez mil homens, e sua força se augmenta diariamente. Varias cartas recebidas asseverão que o espirito dos habitantes é totalmente opposto aos Hespanhoes europeus. Eis aqui o extracto de uma carta recebida em Liverpool.

"Não temos dúvida alguma que Barradas deve entregar-se em poucos dias, e que a tranquilidade se hade restabelecer. O exercito Mexicano que se acha actualmente na cidade velha, e no caminho de Altamira, chega a dez mil homens, e augmenta a cada momento, pois os povos e milicias do interior se lhe reunem em chusma, e todos estão animados pelo rancor e odio contra os invasores, que é de esperar larguem aqui a pêlle.

"O general Barradas mandou um parlamentario ao General Santanna e suspenderam-se as hostilidades por seis dias, dando-se aviso aos estrangeiros para porêm a salvo suas propriedades. Em Tampico tinhão os Hespanhoes perto de 700 doentes, e as febres fazião grande estrago."—*(Liverpool Chronicle.)*

*Lisboa* 17 *de Outubro*—O visconde d'Assêca dá esperanças nos seus ultimos officios, que o govêrno Inglez hade reconhecer D. Miguel, mas acrescenta, que isto não terá lugar até que cheguem despachos do Rio de Janeiro. O conde da Ponte promette de Pariz o mesmo ao viconde de Santarem, mas estas patranhas parecem forjadas para dar esperanças ao mal seguro govêrno do uzurpador, fornecendo-lhe meios de entreter o amortecido espirito de seus cumplices.—*(Star.)*

*Londres* 4 *de Novembro.*—Uma carta particular de Pariz menciona, que a condessa de Villa Flôr se acha proxima a partir para a Ilha Terceira, afim de reunir-se a seu bravo e digno espozo. A condessa hade ser accompanhada pela marqueza de Loulé irmãa do uzurpador, até ao porto do seu embarque. O nosso correspondente acrescenta, que o marquez de Palmella fôra recebido com particular distincção pelo principe de Polignac, que tratou officialmente com sua Ex., como representante accreditado por sua Magestade a rainha D. Maria II.—*(Star)*

*Londres* 5 *de Novembro*—Gazetas recebidas da America do Sul annuncião um armisticio pelo periodo de sessenta dias, concluido

entre as republicas de Columbia e do Peru. É de esperar que neste intervallo, os dois govêrnos concluão um tratado de paz definitivo, e assim acabem uma questão, que tem sido tão prejudicial a seus mutuos interêsses. Na verdade é tempo que os estados americanos, até agora theatro de scenas de anarquia e sangue, convenção a europa que possuem elementos de ordem, e bom govêrno. Quanto é para lamentar que o congresso de Panama se dissolvêsse, sem ter conseguido nenhum dos fins para que foi convocado. Sem dúvida póde-se attribuir a esta circumstancia as dissenções e desgraças de Buenos Ayres e da propria Columbia, e sobre tudo á tentativa de Barradas contra o Mexico.—*(Journal des Débats.)*

*S. Petersburgo* 14 *de Outubro.*—Por notícias officiaes do exercito da Azia, sabemos que o general Paskewitsch, julgando necessario dispersar um corpo consideravel de tropas, que se havião reunido nas visinhanças de Gumish-Kane, mandou o coronel Simmonwitsch com um destacamento para esse effeito. Este official depois de uma marcha difficil encontrou o inimigo no dia 24 de Agosto fortificado sôbre uma montanha; depois de um vivo fôgo foi desalojado, e as suas tropas debandaram. No dia seguinte partio o referido coronel para Gumisch-Kane, cujo ponto os Turcos abandonaram, sendo-lhe appresentadas as chaves da cidade pelos habitantes, que sendo a maior parte Grêgos, vierão encontra-lo presididos pelo seu bispo, e de cruz alçada.

O Conde Paskewitsch partio depois para Trebisonde, mas em consequencia do máo estado dos caminhos acha-se a quarenta *wersts* da cidade. Na sua marcha recebeo notícia de uma brilhante victoria ganhada pelo Major General Herse sôbre os Turcos perto de Mouska-Estati.

É de suppôr que nenhumas outras hostilidades terão lugar na Asia, onde devem ter chegado as notícias da paz.—*(Star.)*

*Londres* 31 *de Outubro*—*O Journal des Débats* diz que passa por certo acharem-se reunídos actualmente em Pariz, muitos deputados os quaes empregão séria attenção em recusar o *Budget.* Ésta grave questão foi resolvida em opposição ao actual ministerio. A unica differença que parece existir na opinião de alguns consiste em quererem muitos regeitar a lei de fazenda em glôbo, e outros fazé-lo sómente em particular a certas verbas que figurão no orçamento. Ninguem duvída dos direitos da camara, e da conveniencia da medida na proxima sessão, uma vez que não haja mudança de ministros.—*(Star.)*

*Idem*—Hontem corria nos circulos do ouest da cidade, que se acha entabolada uma negociação entre a Inglaterra e a Russia para lançar fóra D. Miguel do seu thrôno usurpado, restituindo o *statu quo* a Portugal. Seja como fôr, sabemos de fonte limpa, que o autocrata

declarou formalmente *que jamais reconheceria o uzurpador.* Provavelmente poderemos dentro em poucos dias dizer alguma cousa mais positiva sôbre este assumpto. No entanto é singular e curioso vêr como depois da conquista da Turquia, a Russia se tornou a primeira potencia influente nos negocios da europa. *(Star.)*

*S. Petersburgo* 19 *de Outubro.*—Hontem Sua Alteza o principe Chorrew Mirza, embaixador da Persia teve uma audiencia do imperador e da imperatriz de quem se despedio, achando-se em vesperas de partida para a Persia. As pessoas da sua comitiva tivêrão ao depois a honra de se despedirem do imperador.

*Franckfort* 26 *Idem.*—O novo emprestimo Austriaco, de 4 por cento, tem escontrado muitos compradores na nossa praça. Há muito tempo que as acções sustentão o preço de 92 por cento. *(Nuresnberg Correspondente.)*

*Londres* 6 *de Novembro.*—As ultimas notícias recebidas de Constantinopla chegão até 8 de Outubro, e são favoraveis. Reinava na capital grande tranquilidade, e o governo empregava todos os meios para cumprir as suas promessas, na parte que diz respeito á indemnisação que a Russia deve receber. Concedião-se *firmans*, livres de despeza, para a passagem do Bosphoro aos navios de todas as nações. No dia 7 tinhão chegado á capital dois officiaes Russos vindos de S. Petersburgo. O vice almirante Malcolm acabava de chegar, mas ignorava-se o motivo da sua vinda. *(Globe.)*

*Londres* 6 *de Outubro.*—Um dos boatos que tem tido maior voga em Pariz, é que o Ministerio vai ter mudança liberal, entrando em lugar de Bourmont e La Bourdonnaye, o Conde de la Ferronay e Mr. Roy. Não sabemos o grão de credito que merece similhante notícia, mas offereceremos neste lugar aos liberaes, que com tanto affinco tem procurado o lado vulneravel de seus ministros, nova materia para arguições:—Deichou acaso Mr. de Bourmont de tempos em tempos de prestar serviços ao duque de Wellington, quando nas linhas de Torres Vedras o informava dos movimentos que fazia o exercito francez? *(Brighton Gazette.)*

*Idem.*—Notícias de Pariz dizem que o general Saldanha chegára no dia 27 de Outubro a Hede, deposito dos refugiados Portuguezes. Varios officiaes vierão ao seu encontro no caminho, e o recebêrão com todas as mostras de respeito. *(Star.)*

*Paris.* O visconde d'Asseca, em seus ultimos despachos, promettia que em poucos dias o govêrno de S. M.B. reconheceria D. Miguel; com tudo, o ditto visconde ajuntava, que o *reconhecimento* não teria logar, em quanto o gabinete de S. James não recebesse despachos, que esperava a todo o momento do Rio de Janeiro. O conde da

Ponte, agente do usurpador em Paris, deu as mesmas esperanças, que o seu collega de Londres. (*Jornal des Débats*, 1 *de Novembro*.)

Pelo reconhecimento que a Hespanha fez do usurpador D. Miguel confessa os direitos de Jose Buonaparte áquella corôa, e que os Borbons não tinhão direitos a oppôr a Napoleão e á sua familia. (*Journal de França*.)

*Paris*. A duração do ministerio Francez, d'este ministerio sôbre cujos esforços,descansavam todas as esperanças do partido inimigo do bem, e civilização dos homens parece não podêr exceder alêm da abertura das camaras em França; ésta é ao menos a expressão dos mais acreditados jornaes n'aquelle paiz. Todos elles abundam em reflexões sôbre este objecto, cheias de pêso, e dignas da attenção do leitor sizudo, e imparcial. Nós vamos d'entre éstas transcrever algumas das que se acham inseridas no jornal dos debates.

O vento tempestuoso da proxima sessão principia a soprar com violencia e impeto sôbre o ministerio ja despedaçado, e desmatriado, pelos ataques da imprensa. Um momento mais, e a sua hora está chegada. A confusão na sua manobra ê ja visivel e em quanto não se afunda, é lhe impossivel avançar. Esta verdade, cada dia mais sensivel, tem feito nascer mil rumores, sôbre a proxima deslocação do gabinete, e a sua parcial reorganisação. Ao menos alguns factos são ja evidentes; conhece-se de uma maneira distincta, de uma parte a provada inutilidade de Mr. de la Bourdonaye, e da outra a sua incompatibilidade com Mr. de Polignac.

A historia de M. de la Bourdonnaye tem um pouco d'aquella velha fábula das *Cannas boiantes*. De longe parecia alguma cousa; ao menos um espantalho; de perto nada mais é que um embaraço—É um homem cuja fôrça está no nome, e infelizmente este nome é odioso á França. Assentado com um ar enfadado nos mais allos bancos do extremo direito, ou approvava com gestos, ou se desembaraçava dos negocios por meio de discursos violentos e de lugubres profecias—Admittido,uma ou duas vezes, a conferencias particulares nas Tuillerias, susteve-se ainda com poderosas generalidades sôbre os perigos que ameaçavam o throno, e os meios de o salvar. Com a sua arrogancia parecia possuir alguma receita monarchica, e guardar dentro em si um grande segredo de governar, que elle descobriria voluntariamente a trôco de um ministerio. Ahi o tendes em acção, e está visto, que elle é muito pouca cousa, e que a nada se atreve: parece pesado, frouxo, e indeciso. Sem conhecimentos legaes, sem espirito administrativo, acha-se a todo o momento desconcertado pela prática e locução facil de M. de Courvoisier. Falto de expediente, e de recursos, de tal forma se embaraça diante do *tapete verde*—que ninguem ja espera,

que elle possa sustentar-se diante da camara. Isto não escapa como he de todos sabido, ao tacto tam justo e prompto do rei. Este Principe como bem sabido è dirige e resumme ordinariamente os debates do seu conselho com uma verdadeira superioridade. Como não terá elle notado com uma especie de admiração a lentura e a esterilidade de um homem que lhe tinham gabado como um genio politico. Que seus conselheiros estavam enganados é agora evidente: e ésta illusão não póde portanto durar.

M. de la Bourdonnaye queria suprir a influencia com o humor. Elle póde mal soffrer o favor de que parece gozar o principe de Polignac, e escaparam-lhe a este respeito algumas phrases difficeis de accreditar e muito pouco parlamentares.

Estes pequenas demonstrações de descontentamento é que dérão logar a accreditar-se que uma ruptura estava imminente, e que M. de Polignac procurava seriamente fazer demittir M. de la Bourdonnaye, e unir-se com alguns homens moderados.

A intenção é boa; mas pouco insufficiente: nós receamos que M. de Polignac se não tenha proposto a isto ja muito tarde, e que mesmo não seja tempo de se conservar elle mesmo no ministerio. Elle engana-se muito se se julga necessario ao rei, e se se considera como o anel indispensavel de uma administração monarquica, e nacional. Os homens bem informados olharam com reflexão mais de uma vez antes de se unirem com elle. Dentro n'estes ultimos dois mezes, M. de Polignac tem perdido muito; mas tinha acaso elle que perder? Eis aqui uma grande questão.

O rei sem duvida estima M. de Polignac, mas o rei sabe fazer o seu juizo sôbre aquelles que ama. O rei é inaccessivel ao *favoritismo*. Julgou em uma occasião de precisão que encontraria uteis instrumentos de sua vontade: se elle se aperceber que estes instrumentos o enganam, o ajudam mal, e não tem habilidade, hade mudá-los porque elle é rei primeiro que tudo. Não confiará por certo a sua força a homens, que não sabem servir-se della, e que por si mesmos nenhuma tem.

Ora eisaqui o que faz dar gritos de raiva aos que vestem a libré ministerial tratando de sediciosos os elogios feitos ao rei; e na verdade eu creio de véras, que o espirito activo, e esclarecido de Carlos X. é quem põe em maior perigo o ministerio actual. Que a primeira illusão está acabada, é evidente; os olhos do rei vão pois fixar-se sôbre os inconvenientes da posição falsa, e insustentavel do ministerio: é quanto se precisa dizer, para mostrar que elle não póde durar muito mais.

Não ha duvida que se fazem muitas intrigas para demorar este desenvolvimento. M. de Chabrol, este poderoso mineiro, mina por baixo da terra. M. de Polignac trabalha quasi ás claras;

como um homem que se sente atacado, e quer matar para defender-se. M. de la Bourdonnaye resiste ainda por seu vulto. M. de Bourmont está prompto a passar-se ao mais forte. Acaso surprehenderá a camara o ministerio n'esta desintelligencia e guerra intestina? Ha razões para duvidar. É impossivel que em uma similhante crise, não haja alguem que se dedique a pedir ao rei a demissão de seus collegas, dizendo-lhe francamente tudo. A sua surpreza não será por certo muito grande.

Assevera-se que as seguintes palavras sahiram da bocca de uma muito augusta personagem—" Era preciso experimentar um pouco alguma d'esta gente que se queixa de tudo, e sempre. Ora bem, ahi está a experiencia feita! (*Jornal des Débats.*)

Em uma só noite, se commetteram em Lisboa 24 roubos de mão armada, e alguns acompanhados de mortes. Falta a D. Miguel um chefe de policia como M. Margin. *Viva o paternal governo do rei chicoriano.* (*Figaro*)

O gabinete de S. James continúa a estar satisfeito do nosso ministerio; as excellencias que o compoem recebêrão ao mesmo tempo a ordem da liga, e uma recompensa em guineos (*Figaro.*)

Statistica das victimas da uzurpação de D. Miguel. O numero dos presos até á datta de 10 d'este mez, era de 23, 190; emigrados e escondidos, 40,790; teem-se assassinado, 1,123; tem-se incendiado 166 cazas; e das propriedades sequestradas sobe o numero de 17,313. Não incluimos n'este quadro as execuções de morte, nem as pessoas perseguidas e presas na Madeira, Açores, &c. (*Figaro*)

*Carta extrahida do Jornal Inglez*—The Star.

*Senhor Redactor,*—Ainda que a sua resposta ás extraordinarias doutrinas ennunciadas pelo *Times*, relativas á necessidade do reconhecimento de D. Miguel, como medida de estado, deixam pouco a desejar da parte d'aquelles que estão soffrendo os inconvenientes da usurpação, comtudo o assumpto é tam transcendente, e involve interesses tam vitaes, que espero me permittirá offerecer ao publico algumas observaçoens por meio do seu jornal.

Segundo o pensar do seu contemporaneo, o reconhecimento do usurpador é um acontecimento, que *as necessidades do Estado, e do commercio, podem absolutamente exigir.* Esta parte do artigo, a que Vm. já por duas vezes tem respondido, parece ser o pretexto menos offensivo, a que os occultos partidarios de D. Miguel tem ultimamente recorrido, para lhe segurarem os fructos de sua rapacidade e sanguinaria governança; porem pretexto mais futil, ou mais injusto jamais existio. Sôbre que principios, poderemos nós perguntar, poderá ser fundada a necessidade de entrar em *communicaçoens commerciaes* com um monstro, que tem calcado aos pés quan-

to hade mais sagrado, e que pela sua conducta tem compromettido a estabilidade dos thronos, e a paz das naçoens? Que necessidade podem têr os legitimos monarcas da europa de estabelecr relaçoens diplomaticas com um individuo que tem adquirido o seu poder por meio da traição e do sangue? O que os interêsses da europa requerem, a justiça pede, e a boa politica dicta, é que seja derribado o tyranno do throno que roubou, e que este seja restituido áquella, a quem legitimamente pertence. Esse reconhecimento, que o *Times* julga tão necessario, seria uma flagrante violação de justiça, e minaria os alicerces d'aquella legitimidade, que entre as naçoens civilisadas, constitue o fundamento do poder real. Supponhamos todavia que, no prolongado combate entre a usurpação e a legitimidade, soffrão os interêsses particulares de uma nação poderosa, qual será o obstaculo para que essa potencia não acabe de um vez com o mal, pondo em vigor a inviolabilidade desses principios, que por tantas vezes tem proclamado ao mundo, e que são tam essenciaes á paz da europa? Por ventura não sustentaram as grandes potencias um guerra de trinta annos para restabelecerem o principio da legitimidade, e concluida essa guerra não declararam ellas que nenhumas instituiçoens erão legitimas, senão as que erão dadas ou approvadas pelo legitimo soberano? Como é então que um escriptor, cuja maxima é respeitar os direitos alheios, se atreve a avançar doutrinas tão diametralmente oppostas a estes direitos? Que o usurpador do throno Portuguez violou esse principio, tantas vezes e tão altamente proclamado, e tem arriscado os interesses commerciaes de todas as potencias, que forão alliadas daquelle paiz, he facto tam notorio que escusa illustração. E assim he que o *Times* deveria antes invocar a influencia dos gabinetes europeos contra elle do que a seu favor: e tanto mais se é verdade que esses gabinetes reconheceram D. Maria como legitima soberana.—Será por ventura o usurpador personnagem de tanta monta, que a sua queda custasse grandes sacrificios á europa? A resposta he facil, e não admitte dúvida.

O pretexto do "interesse commercial" não he menos absurdo do que todas as outras razoens do *Times*. He notorio que o usurpador tem anniquilado o commercio, bannindo centenares de familias das mais opulentas, tanto naturaes como estrangeiras: estas, em verdade, são indifferentes a respeito de mudanças politicas, mas retiraram da circulação seus capitaes, que nunca mais porão em movimento, em quanto lá existir o usurpador. Por outra parte, não está toda a confiança perdida, em quanto os sequestros se estendem á parte mais florescente de todo o reino? Como he possivel que alguem, tendo-lhe amor, arrisque a sua propriedade, expondo-a á rapacidade do mais desaforado ladrão em um paiz, onde o despota á pouco não escrupulizou de roubar os fundos de todas as instituições de caridade em Lisboa e nas mais partes do reino? O que é indubitavel he que se D. Miguel fôr reconhecido ámanhãa, o commer

cio de Portugal com Inglaterra ficará no mesmo estado precario e miseravel, em que tem continuado depois da usurpação. Se o *Times* crê que o commercio Britannico tem perdido muito pelos bloqueios do usurpador, queixe-se desses ministros, que, tendo-o declarado por tal, não só reconheceram esses bloqueios, mas até o auxiliaram bloqueiando parte dos dominios da legitima Soberana, como acconteceo na Terceira. Concluirei estas breves reflexoens observando, que se a Inglaterra reconhecesse D. Miguel, macularia torpemente o seu character, faria um mal incalculavel ao seu commercio, e estabeleceria um exemplo que por fim talvez viesse a ser fatal a todas as testas coroadas da europa.

*Ordem do dia de Sua Magestade o Imperador da Russia ás tropas do segundo exercito, e aos corpos dos Cossacos, e aos das esquadras do mar negro, e baltico, as quaes tiverão parte nas duas últimas campanhas.*

Bravos soldados, e marinheiros! As bençãos da Divina Providencia puzeram um fim a ésta guerra, em que tendes ganhado inextinguivel glória, e se a Russia gosa uma gloriosa paz, agradecimentos sejam dados aos vossos esforços.

Os dois cantos do mundo tem resoado com as vossas victorias, e as numerosas fôrças do inimigo tem sido em todos os pontos destruidas por vós, e vós tendes destruido a antiga reputação d'éssas muralhas inconquistaveis, as quaes antes de vós não conheciam conquistador. Valerosamente passando cordilheiras de montes quasi impenetraveis batendo sempre o inimigo ainda nas mais inacessiveis retiradas, vós o tendes levado ás portas de Constantinopla, e lhe tendes feito conhecer a impossibilidade de se oppor ao vosso valor. Vós igualmente vos tendes distinguido pela vossa moderação para com os vencidos; pela vossa conducta para com os habitantes pacificos dos paizes subjugados por nossas armas, offerecendo-lhe protecção, e amizade; pela estricta observancia da mais exemplar ordem, e restricta disciplina; e ultimamente pelo escrupuloso cumprimento de todos os vossos deveres. Assim é que vós vos tendes mostrado dignos do nome de soldados Russos.

Dezejando eu recompensar tam eminentes serviços ao trono, e á patria, determino que todos aquelles, que tiveram parte nas operações militares durante a guerra da Turquia do anno de 1828, 1829, usem suspensa na fita da ordem de S. Jorge a medalha que eu instituì para a guerra da Turquia.

Este signal de honra será um monumento eterno da vossa glória,

a da minha gratidão: e será para o futuro um pinhor da fidelidade de vossos serviços!

(Assignado.) NICOLAO.

*S. Petersburgo* 13 *de Outubro de* 1829.

## EXTRACTOS DAS NOSSAS CORRESPONDENCIAS PARTICULARES.

*Lisboa,* 24 *d'Outubro de* 1829.

Señr. Dispenseiro do Chaveco Liberal.—Aqui chegou o seu barco, e deu fundo nas mãos de quem o quiz ver, apesar das diligencias da realeza voluntaria e das pesquizas da tal gentinha, que

..........in gallica favella
Oggi *police* anche fra noi s'appella.

Dir-lhe-ei sem lisonga que agradou geralmente. Alguma d'ésta gente, que são a quinta essencia da modestia, offendeu-se com a phrase chula da companha, e zangou de que se tocasse na honra e mais partes que concorrem em certas senhoras respeitaveis. Mas pense cada um como for do seu gôsto, que eu ca heide ser sempre amigo do chaveco, em quanto elle disser mal do Miguel e seus sectarios. Mas deixemos os garrulos, que tudo censuram, e nada fazem. Vamos nós á nossa demanda, e desculpe vossê alguma jovialidade, porque estas cousas não se levam d'outra fórma: chorar mínguas é malhar em ferro frio e dar gaudio aos patifes, que se regalam com as nossas desgraças.

Ah! Sñr. dispenseiro: vossê é que lh'a pregou a elles de maço e mona; metteu-se no seu barco, proveu-se do necessario e deitou a cortar por esses mares: ainda assim creio bem que—o Chaveco—sofra de vez em quando alguma tempestade, algum contratempo; mas que é isso á vista da tempestade politica, que temos sofrido, dos incommodos, dos sustos, das vexações commettidas por tanto girifalte? Este reino offerece agora a scena do—diviserunt vestimenta;—Miguel deu o alamiré, e os seus *fieis vassallos,* que são pessoas de bom ensino, tem feito proezas de pasmar, cousas inaudi-

tas. Lisboa está cheia de ladroes: ha quadrilhas mui numerosas, e os roubos e as facadas contam-se a menos de real. O inverno, que temos á porta, deve aumentar o mal d'um modo espantoso, porque as feiras das provincias acabam, e os ladrões ambulantes, que por la andam entretidos durante o verão, teem de correr á capital; as poucas obras de carpinteiro, pedreiro, pintor, etc. acabam tambem, e n'esse caso podem forjar-se fechaduras, lançar-se trancas ás portas, e recolher-se cada um ás ave-marias, se não quizer que lhe ponham as tripas ao relento.

—Os officiaes effectivos do exercito receberam o soldo de maio, e as outras classes estão ainda em maior atrazo.—O Erario não coalha um vintem; as rendas do Estado estão comidas e recomidas. E que fazem esses homens (perguntará o meu amigo) que remedios applicam ao doente?—Eu lh'o digo. O Miguel, *consolação* extrema da mãe velha, aborrece tudo o que não seja caçar coelhos e cançar cavallos.—Diz-se ha dias que o partido do Rainha está dominando tudo, e crê-se que a queda do barbeiro é já resultado desta mudança. Ou isto seja verdade ou mentira, o certo é que a carcassa appareceu n'um bairão ou saráu, que houve no paço, depois da queda do barbeiro, e que foi servida arreganhar muitas vezes a imperial a real dentuça, com grande praser dos circunstantes.—Espera-se agora que Mattos e Veiga sejam demittidos. A rainha não quer nenhum d'estes, porque os acha summamente moderados e homens de tal ou qual saber. De quem ella gosta muito é do Luiz de Paula Barbacena e do Desembargador João Antonio, que reunem a estupidez de burros á ferocidade de tigres. Ouça la estes dois factos e ajuise dos sujeitinhos. Luiz de Paula era ministro da justiça, e não confiava trabalho algum aos seus officiaes; elle mesmo minutava os avisos e os decretos. Eis aqui o começo d'uma portaria circular, que elle escreveu por seu proprio punho, e que hade existir registada na secretaria da justiça:

" Manda El Rei nosso senhor que Vmce. remetta a esta se-

"cretaria d'estado uma copia authentica da devassa da rebel-
" lião a que se lhe mandou proceder por aviso de...."

João Antonio ainda é mais bésta; é propriamente dos taes que sabem fazer um--O—com um canudo de cana. Sendo juiz de fóra de Mafra, escreveu e apresentou a seguinte decima n'um dia de annos da princeza Carlota, hoje imperatriz rainha. Não é preciso mais para se conhecer a sabença do poeta. Ei-la ahi vai:

*Decima.*

Hoje, Princeza Carlota,
Faz annos muito chibante,
Cheio de muita galante
E particular anecdota:
Vamos a ver o que brota
Por influxos Soberanos;
Cinco pimpolhos humanos
Tres filhos e duas filhas:
Oh! e faz maravilhas
E d'ella nos viva os annos!!!

Ora aqui tem o meu amigo os dois primeiros valídos da rainha, os dois sabichões a quem ella quer entregar o leme da nau do estado! E póde isto ir por diante?—Não, senhor dispenseiro, deixe-os la contar com protecções, com reconhecimentos e outras achegas similhantes. Para governar um reino, é preciso ter dinheiro e juiso, e o Miguel e os seus conselheiros não possuem nem uma nem outra cousa. A preclarissima senhora Dona *Pecunia Argentina* que sempre faz o papel de primeira dama em todas as cousas do mundo, não gosta dos ares de Lisboa, e estes malditos *lazzaroni* cada vez estão mais estupidos e mais ferozes.

Eu tinha muito que contar-lhe; porém guardei-me para a última hora, e nesse caso não ha remedio senão deixar o resto de remissa, que será levantada na primeira occasião que se offereça.

A deus, meu amigo: espero vê-lo em breve 'n'estas prayas para

lhe um abraço do fundo do coração, como seu apaixonado e fiel captivo—Um homem da capa parda.

*Lisboa* 24 *de Outubro*—Depois da última que lhe escrevi pelo outro paquete tem havido por aqui algumas novidades dignas de se escreverem. O papel moeda que tinha subido a 30 na semana passada desceu a 26! Agora julgará Vm. que foi uma bem organisada transação financeira do Beato Diogo da Louzan nosso ministro da fazenda que produziu este resultado! Pois engana-se de meio a meio, tudo se deve ao providente intendente geral da policia que vendo o descredito do papel, chamou o Miguel *alcaide* e mandou-lhe que em nome do Miguel *chegou* fosse tomar a rol todas as moradas e nomes dos rebatedores: isto produziu o effeito desejado porque elles calcularam que era melhor descer alguma coiza o rebate ainda que com perda, para terem tempo de fechar as suas negociações fóra do limoeiro. Isto não se accredita n'essa barbara europa, mas é porque não conhecem o altar e o trono do duque de Cadaval, do Chicoria e do padre Lagosta, aonde, deducção feita da gloria eterna, está mundanamente falando a pedra filosofal, aonde existe exclusivamente a felicidade possivel, farpados restos do peccado original. O outro topico da semana é a continuação da reclusão do barbeiro Pires, que pelos paços reaes do Alfeite vaga ululando, privado da visão beatifica de seu real senhor, que com um sôpro majestatico o tinha elevado de barbeiro á cathegoria dos Borbas, Vianas, Mesquitellas bordando-lhe os cotovellos da rubra albarda, unica circumstancia que o distingue do resto da canalhocracia Miguelista; e que hoje com garoto desdem e deshumana insensibilidade o reduz ao infeliz estado *de ritornar al suo mestiero, far la barba e petinar* ao conde da Lapa seu antigo freguez, sendo o primeiro degrau da escada honorifica que tem subido o nosso Figaro o escanhoar a barba do amarelo Mossamedes, hoje collega do seu barbeiro, ambos officiaes mores da caza do rei *chegou*!

Outro assumpto tem levantado aqui grande controvercia entre os

nossos politicos; ums dizem que o Papa manda retirar o Nuncio, outros que o Nuncio tinha instrucções eventuaes de reconhecer D. Miguel logo que alguma potencia catholica o reconhecesse, e que segunda feira o Nuncio irá ao paço. *Who can decide when doctors disagree?* dizia um *biffe* desses seus de Vm.; eu digo o mesmo n'este caso: o tempo o mostrará, e não será percizo viver muito: entretanto o meu juizo é, que o papa está debaixo da tutela do principe de Metternich, que o seu govêrno não é attrabillario, e que apezar de ter a maroteira no coração hade querer guardar as decencias politicas.

Tem havido grande discussão estes dias a respeito de mudança de ministerio, o que se assegura, e o que eu não duvido, porque o ministerio é composto heterogeneamente de homens que vem a necessidade de moderar, como o Mattos e o conde da Louzan; e outros sectarios venaes da rainha Cabrea como o conde de S. Lourenço e o Basto conde, imbecis attrabillarios que dão por páus e por pedras so com a vista no interêsse jornalleiro; e como a rainha domina absolutamente, o filho insano hade formar o ministerio todo de seus intimos chancellarios, e então *dies iræ dies illæ*, o que eu não vejo longe! A tropa no que respeita aos officiaes está seis mezes attrazada em soldos, e para o ultimo *pret* aos soldados tirou-se dinheiro do depósito publico e dizem que a quinta caixa tambem levára um sôrvo, e isto estando lettras do govêrno passadas e descontadas sôbre o contracto do tabaco até o primeiro trimestre de 1831: grande govêrno dado a Portugal para sua felicidade, pela maioria da camara dos pares, pelo senado de Lisboa, e pelos brejeiros da caixa do assucar capitaneados pelos filhos do marquez de Olhão, por cujos serviços ja o pae Olhão teve uma gran'cruz do rei garoto, honraria que elle tanto ambicionava, que não teve vergonha de a ir pedir prostrado aos pés do conde de Subserra, depois do dia trinta de Abril, depois de ter tido tanta parte nos successos d'aquelle dia, que mandou o filho mais velho (de nervosa toleima) acompanhar o garoto n'aquella ominosa noite.

Aqui foram demittidos alguns desembargadores; se o regimen Ranheta os mandasse enforcar a todos, ésta atrocidade sería util, a Portugal; mas a medida so se extende a dar logar a ladrões mais conspicuos. No Porto foram mandados dizer de facto e direito mais 15 individuos de Villa Real e Vizeu; as vesperas Carlotinas ainda não appresentaram toda a sua solemnidade: para o seguinte paquete continuaremos e tornaremos ao *renovare dolorem.*—O Seu Amigo C.

## O CHAVECO.

*Londres, Quarta-feira* 11 *de Novembro de* 1829.

Fernando VII. reconheceu D. Miguel. Traduzamos ésta phrase que,assim simples como é, não é de óbvia e facil interpertação para todos.

Eis-aqui a explicação.—O govêrno (o gabinete, a camarilha,—qual é o mais proprio nome?) de Hespanha declarou abertamente que protegia quanto em seu podêr estava a anarchia de Portugal por que muito convem a seus projectos antigos e modernos. Ninguem ignora na Europa (e so o actual gabinete inglez e os seus jornaes fingem ignorá-lo) que toda a politica d'Hespanha a respeito de Portugal se reduz a um unico thema constante, em todos os tempos e circumstancias:——"Estender os braços e abraçar *em amplexo de morte* aquelle pequeno reino."—Antes de Fernando e Izabel, por vezes o tentou Castella ainda antes da cabal reunião de todas as outras coroas da Peninsula. No tempo d'estes com bastante arte e apparente reciprocidade de interésses esteve *dado o abraço:* o princi-

pe D. Miguel—nome fatal e ominoso á independencia portugueza—era o destinado instrumento d'essa liga sempre abhorrecida e detestada de animos portuguezes. Fôrça d'armas e de intrigas effeituaram pela morte do cardeal Rei o antigo *desideratum* d'Hespanha. Sessenta annos não habituaram Portugal á malsoffrida união: em 1640 toda a Europa, todo o mundo admirou a resolução e constancia dos Portuguezes em quebrar laços tam antigos e tam poderosos. Hespanha cedeu depois de longa teima, porem não desistiu: por vezes renovou seus projectos. Finalmente em nossos dias abertamente os instaurou na invasão franceza, que em Portugal foi principalmente effeituada por tropas hespanholas. O tractado secreto com Buonaparte que cedia â Hespanha a principal parte de Portugal é conhecido hoje em todo o mundo.

Em todos os tempos e com todos os systemas o plano é o mesmo, fixo e inalteravel. Na revolução de 1820 a facção dos Silveiras em Portugal não era senão uma facção hespanhola para acabar com a independencia de Portugal; e o gabinete revolucionario de Madrid professava n'este ponto a mesma fe dos Philippes.

Quem desde 1822 está em Hespanha á testa do partido anti-national e illegitimo em Portugal? Uma princeza Portugueza. Quaes são e foram sempre as sympathias e protecções d'esse partido! Hespanholar. Em 1826 os rebeldes proclamaram e prestaram juramento de fidelidade ao infante D. Sebastião—que é um principe hespanhol:—houve até quem patenteasse tam imprudentemente o *segredo*, o *quarto-voto* do seu partido, que chegou a aclamar "Fernando VII rei, ou imperador da Peninsula, e a rainha Carlota regente de Portugal."

Que quer dizer pois o reconhecimento de D. Miguel por Fernando VII? Nada mais que a manifestação declarada e desfaçada dos *constantes* projectos da côrte de Madrid. Uma ordem de coisas legal e firme em Portugal é a morte d'esses projectos. A Carta, o espirito nacional que ella aviventa, os melhoramentos que ella hade trazer, a prosperidade do paiz que ella hade fazer, são uma muralha atravessada entre as raias de Hespanha e Portugal, onde virão quebrar todos os planos hespanhoes contra a nossa existencia politica. Eisaqui o que Hespanha teme. O contagio das instituições ê chymerico. O govêrno legítimo de Portugal nem póde nem *quiz nunca*, nem lhe convem suscitar revoluções em Hespanha.

Que aquelle seja pois o interêsse e fito d'Hespanha não admira. Mas que os Governos da Europa se deixem iliudir de tam miseravel astucia, pasma. A anarchia de Portugal não convem a ninguem senão á côrte de Madrid. Os outros gabinetes vão abrindo os olhos sôbre êsta verdade: e não podem obrar de accôrdo com a côrte de Fernando em um ponto em que os interêsses d'elle e os d'elles diametralmente estão oppostos.

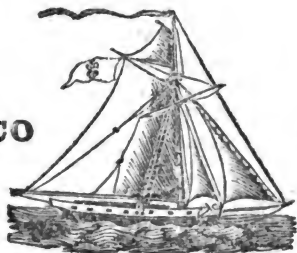
Se fosse do interêsse da Europa—e do de Inglaterra especialmente—que Portugal se unisse a Hespanha, então estava acabada a questão,—o passo de Fernando havia de ser seguido por todos os soberanos. Mas póde dar-se tal interêsse? Os jornaes inglezes, que parece que abandonaram os interesses inglezes,—divagam loucamente n'este assumpto. Nós promettemos aos nossos leitores

de trattar ésta questão de espaço e vagar no nosso número seguinte: cuja principal parte será votada a examinar o mais longamente que em nossos limites cabe, um ponto tam importante e vital da causa portugueza—mais exactamente—da causa europea—da causa da monarchia, e da felicidade dos povos.

*Pubica-se este semanario todas as terças-feiras de tarde (com a data da quarta-feira.) Vende-se em casa de H. Huntley No. 23 South-Audley Street, Grosvenor Square, por 9d. cada número: assignaturas até o fim do anno por 10s.*

mpresso por R. Greenlaw, 39, Chichester Place, Londres.

**O CHAVECO**  **LIBERAL.**

No. 11. Vol. I.

O'er the glad waters of the dark blue sea,
Our thoughts as boundless, and our souls as free.—Byron.

*Quarta feira* 19 *de Novembro*, 1829.

# D. MARIA E D. MIGUEL;

## ADJUDICAÇÃO DA COROA PORTUGUEZA PELOS SOBERANOS DA EUROPA.

### I.

*Estado da questão.*

Ha quasi tres annos que se agita a questão de Portugal, e as sombras de dúvida que o espirito de partido tentou lançar sôbre tam simples questão, desappareceram, mais pelas incoherencias e absurdos dos advogados d'esse partido do que pelas contestações da parte contrária.

A mim parece-me ridiculo descer á arena para demonstrar que o primogenito de um soberano é o legítimo herdeiro de sua coroa ou corôas se elle mais que uma tinha; muito mais quando ainda em vida seu pae o declarou tal. Ninguem duvidou nunca dos direitos de D. Pedro: os que o disseram mentiram a seu proprio coração e consciencia, e de má fe o disseram.

N'este ponto de direito ninguem hesitou,—repito: e as batalhas que sôbre elle se brigaram foram *sham-fights* para ganhar tempo e distrahir a attenção dos objectos que a reclamavam toda.

D. Pedro não era estrangeiro por ter acceitado das mãos de seu pae (na Europa não se reconhece outro titulo do imperador do Brazil senão este) por doação *inter vivos*, uma das duas coroas que, am-

bas, devia herdar *mortis causa.* Se com effeito as leis de Lamego excluissem *todo estrangeiro* da coroa portugueza—n'este caso não seriam ainda assim applicaveis, porque D. Pedro não era estrangeiro. O que pedia a conveniencia, a justiça e a constituida independencia das duas coroas era que D. Pedro abdicasse em seu herdeiro portuguez a coroa europea, e que fizesse a bem de Portugal o sacrificio que seu pae fizera a bem do Brazil. Isso fez. D. Maria é portugueza por todas as leis de Portugal civis e politicas, por todas as leis da Europa; e como tal e como Soberana de Portugal a reconheceu toda a Europa.

E quem se deixou seduzir d'essoutro argumento demagogico de que a "nação não queria senão o usurpador e repulsava o rei legítimo?" Ahi está uma emigração de desoito a vinte mil homens espalhados pela Europa e pelo mundo, la estão trinta a quarenta mil presos nos carceres de D. Miguel para responder a esse argumento, em um paiz onde escassamente se contam tres milhões de habitantes. La estão as forcas, os algozes, os assacinatos, as commissões prebostaes do usurpador para documentar essa asserção. E note-se que a mesma facção apostolica, que unica sustenta D. Miguel no throno, ainda assim não teve fôrça para tirar a coroa a seu legítimo senhor e lh'a pôr na cabeça a elle.—A elle, a D. Miguel se confiou essa corôa; a suas mãos a deu a guardar a indulgente confiança de seu irmão e a mais que indulgente protecção dos gabinetes. Todas as grandes façanhas e proezas de D. Miguel e de sua facção foram pegar n'essa coroa que lhe confiaram, e pô-la na cabeça. Não conquistou como um usurpador ordinario, roubou o depósito que lhe deram a guardar.

Os esforços da facção de D. Miguel para lhe dar a coroa tinham sido vãos e nullos em Portugal. Não lhes valeu a aberta protecção de Hespanha, que lhes dava munições, quartel, viveres, auxiliares, refúgio e toda a sorte de amparo em suas fronteiras. O exército inglez não deu um tiro so para a destruir: aniquilou-a a fórça do partido legítimo, que sem questão, por aqui se ve, era o maior e mais poderoso. Presente D. Miguel em Portugal, nem assim a sua facção tinha fôrças para o aclamar.—*Elle é que se aclamou a si.* Protegido agora pelo exército inglez, demittiu todas as auctoridades civis e militares em que não confiava; e com o govêrno na mão, impossivel ao partido legítimo toda a resistencia, fez elle a revolução, não o povo; elegeu-se elle a si, não a nação. Se a isto se chama o *voto popular,* como disse o duque d'Wellington, sería para desejar que um vicerei d'Irlanda, de intelligencia com os O'connells lhe désse uma demonstração caseira da bondade e perfeição de seus principios. E mais a paridade não fôra perfeita: não direi com tudo aqui as razões por quê.

Estes são os dous pontos da questão que a imprenssa tem agitado: hoje os mais zelosos protectores de D. Miguel corariam de se apoiar em nenhum d'elles, porque bem conhecem, e sabem que todo o mundo conhece, que nenhum direito de successão lhe assiste,—e que o de eleição, além de repugnante aos principios europeus de hoje, não existiu e se desmente todos os dias pelo solemne ainda que tacito protesto da nação *pretendida-eleitora*, e pelas vinganças e tyrannias do *pretendido-eleito.*

Fechou-se pois toda a discussão e debate sôbre a questão de justiça; e a unica que ja'gora se póde agitar é a de conveniencia:—i. é, —Convem á Europa que o estado de Portugal permaneça como se acha?

Nem a opinião pública e universal, nem os homens de estado de nenhum partido, nem os gabinetes, ninguem, por mais parcial, se atreve a responder que *sim*. É concorde, unanime entre todos que Portugal não póde ficar como está.

É forçoso que o estado de coisas alli mude, que se restaure a tranquilidade e a ordem, que se remova dos olhos do mundo aquelle espectaculo escandaloso que desacredita a monarchia e subverte o princípio da legitimidade. Este é um ponto decidido; mas como e porque modo? Aqui são as divergencias: e a isto se reduz hoje unicamente a questão de Portugal.

## II.

### *Que causas tem e que remedios póde ter o estado de Portugal.*

É innegavel e inquestionavel que em Portugal existem dous partidos. Não darei epithetos a nenhum d'elles, não carregarei sôbre um nem exaltarei o outro: simples e nuamente repitto o que todos sabem—que alli existem dous partidos:* Um pelo govêrno legítimo do legítimo successor de João VI., outro pelo usurpador.

Em um paiz onde dous partidos estão em presença, a ponto de luctar e quebrar a ordem pública, não ha senão dous meios de restaurar a tranquillidade:—ou neutralizá-los e amalgamá-los por concessões reciprocas paraque mutuamente se contenham—ou dar ascendente determinado a um sôbre o outro paraque o contenha.

A este axioma ajuntemos outro não menos evidente nem menos *axioma*:—Que todas as vezes que o primeiro d'estes dous meios for possivel, elle deve com preferencia adoptar-se.

E agora perguntarei: ja se tentou o primeiro meio; i. é, ja se procurou amalgamar os dous partidos por concessões reciprocas? †

* Observe-se porêm que desde que um partido se arma, perturba a ordem pûblica e subverte o estado, deixa de ser unicamente partido e se converte em facção. O partido de D. Miguel é pois uma facção.

† O que o duque de Wellington e o conde de Aberdeen chamam em sua phrase jesuitica: *to conciliate conflicting interests.*

E que resultados se obtiveram?

Ja se tentou o segundo meio; i. é, ja se deu ascendente a um dos partidos sôbre outro?

E que resultou d'essa preferencia?

A éstas perguntas simplices responderão simplicissimamente os facto.

## III.

*Neutralização dos partidos em Portugal por concessões reciprocas:—resultados que teve.*

D. Pedro IV. reconhecido em Portugal e por todos os govêrnos da Europa successor legítimo de seu pae D. João VI. foi o primeiro que tentou amalgamar os dous partidos que existiam em seus estados europeus.

A Carta não foi outra coisa senão um pacto de concordia celebrado pelo Soberano entre os dous partidos. Mas não contente de transigir com os principios politicos d'elles, e de os congraçar por concessões reciprocas, D. Pedro foi mais generoso ainda, e transigiu até com as pretenções pessoaes de seu irmão e do partido d'elle pelo unico modo que, sem descer de sua dignidade, o podia fazer: abdicou em sua filha Portugueza, desposou-a com D. Miguel e deu-lhe com a mão da joven princeza tudo o que sem offensa da justiça e decoro lhe podia dar, as honras, o titulo, a grandeza Real. Não se contentou com isto o partido de D. Miguel e o apostolico, que é o mesmo; assolaram o paiz com facções, com disturbios, com a guerra civil aberta e declarada, emfim com todos os horrores d'ella. Tomaram, ou pareceram tomar, o alarme os gabinetes da Europa, e insistiram por mais amplas concessões para o partido que se não queria accommodar com nenhuma. D. Pedro, que resistiu ao princípio, cedeu em fim a tanta instancia, e confiou nas promessas de garantia que se lhe fizeram para sua coroa e sua filha. * D. Miguel foi por elle nomeado regente de Portugal e seu logar-tenente.

Ainda não bastou ésta concessão!—não bastou tirá-lo do exílio onde seu pae o mandára—toda a Europa sabe por que crimes—e pô-lo quasi sôbre o throno: quiz-se mais, e mais se concedeu. A abdicação de D. Pedro, que prudentemente tinha *condicção e dia*, se fez *pura e simples* para remover todo o ciume da independencia.

Era possivel conceder mais,—cabia em meios humanos fazer mais esfôrços e sacrificios para neutralizar e congraçar partidos?

E quaes foram os resultados?

D. Miguel apenas voltado do exílio, D. Miguel que tam solem-

* De que éstas promessas se fizeram—temos authenticos documentos nos protocolos de Vienna e Londres de 1827 e 28—Além d'estes, muitos outros que esperamos ver publicados em breve.

nes juramentos e promessas havia feito em Vienna e em Londres e em toda a parte, D. Miguel perjurou sem remorso, trahiu seu augusto bemfeitor e tomou para si a coroa que elle confiára á sua guarda. Nenhuma revolução o elevou ao throno *, foi elle que se sentou sôbre o throno a cujos de graus estava de guarda como primeiro sentinella e defensor. A facção apostolica pediu destituições e proscripções e confiscos ao novo rei; e o usurpador lh'os deu. Reagiu por fim o partido legítimo depois de tantos attentados; mas abandonado e a ameaçado de toda a Europa, sua reacção nunca podia ser senão um *protesto armado e solemnissimo* da nação contra seus calumniadores estranhos e domesticos. Venceu, nem podia deixar de vencer então, o partido menor porêm muito apoiado. Correu muito sangue, dobraram as proscripções, as exacções, os tributos, os confiscos:—mas restaurou-se a ordem e tranquillizou-se o païz?

Que o digam os carceres, as forcas e os os carrascos de Portugal.

Logo, foi impracticavel amalgamar os dous partidos, e restabelecer a tranquillidade por este primeiro meio.

### IV.

*Ascendencia dada a um partido sôbre outro; com que resultado.*

Viu-se a impractibilidade de restaurar a ordem em Portugal por concessões mútuas. Vejamos o que se obteve do segundo expediente, i. é, o de dar ascendencia completa a um dos partidos.

Inteira e absolutissima foi dada essa ascendencia ao partido de D. Miguel. Fingiram-se uma côrtes, uma assemblea nacional; declararam rei o usurpador; parte de seus actos (como bloqueios etc.) foram reconhecidos por alguma potencia; debaixo de mão se lhe deu por muitas toda a protecção que era possivel sem quebrar inteiramente a apparencia de moralidade com que o princípio legítimo obstava a uns, ou o da neutralidade a outros.

Por fim lançou-se a máscara: as armadas inglezas foram combater pelo usurpador nos máres da Terceira, e as bandeiras que tremularam em Trafalgar, no Nilo, (Cre-lo-ha a posteridade!) foram proteger os corsarios de D. Miguel—mais: sahiram a côrso por elle!

D. Miguel proscreveu á larga, desde seu proprio Soberano até o mais infimo dos subditos que lhe eram fieis; armou seus partidarios, deu-lhes a commetter todos os excessos: não houve em fim meio nenhum que humanamente se possa conceber para acabrunhar, destriur, aniquillar um partido, que D. Miguel não empregasse para

* Repisâmos ésta asserção porque é importantante, inquestionavel, e destroi todos os sophismas dos pretendidos realistas que se não pejam de argumentar á *Robespierre*.

acabar com o de seu irmão. Isto não são assersões vagas, são factos de notoriedade europea e de que seus mais zelosos protectores conveem.

Podia ser maior e mais positiva a ascendencia de um partido sôbre outro? Podia empregar-se mais decididamente o *segundo meio?*

E que resultado se colheu d'ahi?

As commoções continuaram; a emigração cresceu a um ponto de que não ha exemplo na historia moderna *; correu mais sangue das mãos do algoz, as dissensões dos partidos augmentaram todos os dias,—e até no Paço e entre os membros da familia real lavrou a revolução, e se empregaram os punhaes bizantinos de que ja estava esquecida a nossa Europa.—O reinado da usurpação veio a ser emfim o que forçosamente havia de ser, um reinado de terror, em que todos tremem mas em que ninguem se aquieta apezar de tremer. De todos os escandalos que em nossos dias as revoluções teem dado ao mundo, ainda nenhum chegou a este.

Não approveitou pois mais que o primeiro, o segundo meio de dar ascendencia determinada a um dos partidos sôbre o outro.

## V.

### *Porque rasão falharam estes meios.—Qual resta a empregar para restaurar a ordem em Portugal.*

Como se hade pois remover dos olhos da Europa este escandalo que tam damnoso lhe é?

Fizeram-se concessões aos dous partidos; e aquelle para quem mais amplas eram, se não accommodou com ellas. Deu-se a este partido absoluta e completa ascendencia; e nem ainda assim se satisfez: abusou horrivelmente, devastou o paiz, e deu ao mundo uma próva irrefragavel de sua incapacidade para a supremacia. A Monarchia fez os maiores sacrificios que podia fazer; a Legitimidade transigiu e condescendeu com uma indulgencia que seus detractores não duvidaram chamar criminosa, mas que certo foi maior do que ninguem podia esperar d'ella. Seus principios, seus dogmas, seu codigo inteiro cedeu e dobrou covardemente diante dos *factos.* Mas são ja *taes* esses factos que a condescendencia e o sacrificio possam continuar sem crime?

Tem-se recorrido a distincções jesuiticas entre facto e direito: mas a politica errada e machiavelica tentará em vão distinguir entre a justiça e a conveniencia. A fatal, a terrivel experiencia a desen-

* Nem se cuide que foi maior ou igual a emigração franceza: compare-se população de Portugal com a de França, e ver-se ha que nem a guilhotina a Robespierre affugentou, proporcionalmente, tanta gente como as forcas e os mentos inquisitoriaes de D. Miguel.

ganará sempre. Nem mais fatal, nem mais terrivel desengáno levou nunca essa politica do que n'éstas infelizes transacções de Portugal.

Nada convem senão o que é justo; conveniencia e justiça são a mesma coisa. O que é preciso fazer em Portugal? Seguir strictamente a *justiça*. Que *convem* adoptar a respeito de Portugal? O que for *justo*.

Se direitamente e sem tergiversar se houvesse seguido o *justo* (que so é *conveniente*) nos negocios d'aquelle malfadado paiz, nunca a ordem alli fôra alterada, e elle sería hoje exemplo e modêlo, que não escandalo, á Europa.

Convem-se que D. Pedro é legítimo rei de Portugal. So D. Pedro e sua legítima successão podem reinar em Portugal. Não ha com quem transigir n'este artigo. Quando um princípio é justo e reconhecido por tal, tergiversar na sua applicação, é desmoralizar os povos, tirar-lhes o prestigio da submissão e respeito, auctorizá-los á revolução. Do desprêzo d'este axioma nasceram e nascem todas as calamidades de Portugal.

Não sabe todo o mundo que D. Miguel é criminoso dos maiores attentados? Quem ignora na Europa as tentativas parricidas da Bemposta? Não o exilou e amaldiçoou seu pae á face do mundo?—Foi ás escondidas que perdoado e amnestiado por seu irmão e soberano, lhe agradeceu roubando-lhe a coroa? O assassinato de Salvaterra, os muitos que se teem commettido nas prisões de Lisboa, o que ultimamente se perpetrou em Queluz, o conato de fratricidio,—podem ser contestados, disputados, e tal cegueira haverá que se neguem: mas os publicos do caes do Sodre, e do Porto não admittem disputa. Qual foi o crime d'essas recentes victimas de D. Miguel? Qual é o de sua irman? Serem fieis ao rei legítimo. E a Europa legítima, os soberanos da alliança como hãode chamar a este *crime* pretendido, que nome darão a quem os pune por elle?

Reo de lesa legítimidade, reo de crimes imperdoaveis, relapso e reincidente nos mesmos attentados,—com D. Miguel não póde transigir a *justiça*. Podê-lo-ha a *conveniencia*?

O passado que responda pelo futuro: diga a experiencia, ja que o não diz a razão, se *conveniencia* e *justiça* são separaveis.

## VI.

### *Conclusão forçosa e irrecusavel do exposto.*

Não ha modo de concluir outra coisa d'estes principios, não é possivel estabelecer outra coisa n'éstas circumstâncias senão que o unico meio de pacificar Portugal é restabelecer a justiça, i. é. a successão, reconhecida pela Europa, de D. Pedro IV.

## VII.

### *Como se póde restabelecer a legitimidade em Portug.l.*

Hade estabelecer-se a legitimidade em Portugal; ou os Soberanos da Europa se desauthoraram a si proprios, decretaram sua ruina e oppróbrio, e se pozeram á mercê das facções—que lhes darão ou tirarão a coroa segundo capricharem.—— Estabeleceria a diplomacia Europea este precedente? —Não parece provavel: o sacrificio custa; a predilecção era grande......Mas hade fazer-se em fim, porque o exige a fôrça das coisas. Hade restaurar-se a legitimidade em Portugal.

Mas como?

D. Miguel ou é rei, ou reo. A Europa não conhece mais distincções. Se é rei, tardam a reconhecê-lo; reconhecam-o; desauthorem D. Pedro, degradem e enxovalhem á face do mundo o maior benemerito da Realeza, o *unico* fio que prende a Europa monarchica á America Republicana; paguem assim a quem sustenta e mantem e faz amar (que é mais) em todo um continente o princípio conservador da monarchia.

Fariam!....Mas ha immoralidades que se não podem fazer por muito que se desejem.

Mas se D. Miguel não é rei, é reo: deve ser esbulhado sem restricção do que roubou, e punido por que roubou. Prescindindo de todos seus outros crimes, este só é capital e o põe fóra da lei.

Se estes principios não admittem contestação de *justiça*, não é possivel tampouco duvidar da *conveniencia* de sua applicação.

Não póde haver transacção entre a lei e o crime, entre o direito e seu offensor. No momento em que tal se fizer o vínculo moral dos povos, o prestigio que os contêm está quebrado. Se D. Miguel usurpador illegítimo for reconciliado com a legitimidade, a legitimidade será um termo vão, ouco e desprezivel não so em Portugal mas em toda a Europa: os que a amavam a abhorecerão, os que a temiam sem a amar, a desprezarão, e todos mofarão d'ella; as revoluções vão renascer, crescer, e não terão fim.

Pelo que respeita particularmente a Portugal, D. Miguel jurará outra vez, para outra vez perjurar,—prometterá para tornar a faltar, fingirá contricção e arrependimento (que pouco lhe custa) para se preparar a novos crimes. D'este futuro nem os mais latitudinarios duvidam, nem seu protectores e amigos: mettam a mão na consciencia e digam se crem na conversão de seu protegido. Não: ninguem tal crê, ninguem o espera; e zombam dos reis e dos povos, mentem a Deus e á sua consciencia os que fingem acreditá-lo.

Ainda hontem, o princípio conservador da legitimidade sacrificou m homem grande, mas usurpador: o princípio da legitimidade não

hade sacrificar hoje um usurpador imbecil e carregado de crimes? A mão que prostrou o gigante não *poderá* esmagar o pygmeu? Faz vergonha juntar estes dous nomes:—D. Miguel e Bonaparte!....

## VIII.

### *Quaes seriam os resultados de se empregarem outros meios.*

Supponhamos um momento que a legitimidade se abaixava, se envilecia e degradava a ponto de transigir com D. Miguel. So por tres modos o póde fazer:—ou reconhecendo-o rei—ou fazendo-o participante da coroa com a legítima soberana—ou reconhecendo-o outra vez regente e obrigando-o a abdicar o titulo Real.

No primeiro caso todas as ideas de legitimidade acabaram; mais exactamente, a legitimidade suicidava-se com suas proprias armas: sanccionava-se o princípio revolucionario: e o cego ódio á liberdade monarchica entregaria os monarchas á discrição da *licensa* demagogica. Napoleão sería legítimo imperador dos Francezes, e seu filho com o direito salvo de ir arvorar a tricolor no zimborio das Tuillerias a toda a vez e hora que podesse suscitar seu antigo partido em França. A Irlanda póde amanham fazer um rei para si (e ella que o dezeja pouco!)—o infante D. Carlos tem direito a desthronizar seu irmão. O gran duque Constantino póde retractar a abdicação e espulsar seu irmão do imperio. Em fim tudo é licito, justo e legítimo se D. Miguel é rei de Portugal,—se por tal é reconhecido dos soberanos da Europa.

Nos dous segundos casos, e em qualquer delles, a mudança não era senão de *palavras;* coisas e pessoas ficavam as mesmas. A facção desorganizadora que ha cinco annos subverte Portugal ficaria com o mesmo predominio; as luctas dos partidos recomeçariam de novo; abrir-se-hia outravez o cahos para tragar essa creação informe, inconsistente e ridicula. Quem garantiria a joven Rainha do punhal (e por que não do veneno?) que attentou aos dias de seu avô João VI. e de sua tia D. Izabel Maria, e que por muito favor se descarregou nos servidores mais fieis de ambos?—Uma occupação armada, tropas estrangeiras, quaesquer que sejam, alêm de não chegarem ao Paço, não extinguirão o germe da discordia e da guerra civil, que hade durar tam longamente em Portugal quanto a existencia de D. Miguel n'aquelle paiz. Não póde haver fé nem confiança no govêrno nem segurança em nada; a incerteza e inconsistencia do mesmo govêrno fara tudo incerto: os magistrados receiosos de se comprometter, não ousarão fazer sua obrigação; a autoridade pública perderá toda a fôrça; e a revolução, quando seja contida por meios artificiaes, que nunca podem ser permanentes, a revolução irá fermentando e medrando em segredo, e romperá mais horrivel e espantosa.

Se um so Portuguez de ordinario senso-commum e que de boa fe esteja em qualquer dos partidos, asseverar o contrário, farei gala e glória de me desdizer e retractar.

## IX.

### *Dos perigos da Carta.*

Mas diz-se que todos estes principios serão muito verdadeiros, certos todos esses resultados, muito para temer todos esses perigos; porêm que destruir um partido para elevar outro corre iguaes senão maiores riscos e póde tambem ter muitas e talvez mais funestas consequencias. É certo, continuam, que o partido de D. Pedro é o legítimo e leal; mas n'esse partido ha demagogos e republicanos que á sombra da Carta subverterão tudo em Portugal, arriscarão a tranquillidade da Peninsula, e por consequencia, a da Europa.

Não questionarei se ha ou não d'esses demagogos no partido leal portuguez, e quantos serão em número, postoque seja essa uma accusação que faz rir a todo o mundo até aos mesmos que a fazem. Mas perguntarei somente:—1º. Que fizeram esses demagogos durante o regimen da Carta? 2º. Que podem elles fazer restabelecido o govêrno legítimo?

Desde a morte de D. João VI., e proclamação da Carta, durante um longo periodo de disturbios, commoções, e guerras civis suscitadas pelo partido de D. Miguel, esses demagogos que se dizem existir no partido legítimo, não deram o menor signal de si; bem se bradou do outro lado por despotismo e inquisição, por sangue e por forcas, sem que elles bradassem por suas demagogias nem pedissem nenhuma cabeça para a guilhotina republicana. O intendente da policia que em Julho de 1827 arranjou, por vendido a D. Miguel, uma commoção pretendida popular, mas so composta dos espiões e myrmidões da policia, não conseguiu, ainda assim fazer gritar alguns loucos senão pelo Rei legítimo e contra a ja premeditada e começada traição das auctoridades: nem um excesso, nem uma violencia, nada mais senão algumas vozes se poderam conseguir dos taes *demagogos;* e isto foi uma vez em dous annos que durou a guerra civil unicamente excitada pela facção de D. Miguel, e sustentada pelas intrigas estrangeiras e debilidade de um govêrno ameaçado por todo o pêso da Europa.

Eisaqui tudo o que fizeram os taes demagogos em Portugal; vejamos o que elles agitaram em Hespanha. É certo que os espiritos se commoveram n'aquelle reino vizinho com a outorga das instituições portuguezas; é certo que de alguns corpos de seu exército houve deserções para Portugal; nem duvido que em Portugal alguem as desejasse e secretamente as applaudisse. Mas protegeu-a e fomentou-a acaso o govêrno portuguez? Promoveu-a de algum modo sensivel

essa demagogia? Não parou a deserção quasi no momento em que começou? Não foi o procedimento do govêrno de Portugal antes severo e quasi duro para com os desertores? E todavia não lhe dera Hespanha exemplo e direito a bem diverso proceder? Não accolheu ella, não protegeu, não armou os nossos transfugas, não consentiu que entrassem em nosso territorio armados, commettendo hostilidades, fazendo depositos de nossos prisioneiros em seu territorio? Fez o govêrno de Portugal ou siquer tolerou que se lhe fizesse outro tanto? Não. Porquê? Porque o imaginario podêr dos demagogos em Portugal é phantastico:—se existem, são bem desprezivel e nulla gente. Todo o govêrno legítimo modera e contêm uma nação essencialmente leal e naturalmente docil. O unico govêrno inconsistente e impotente em Portugal é o illegitimo, porque desmoraliza, so com sua existencia, o povo; perde-se e perde-o.

Mas continuemos na "perigosa vizinhança" das instituições portuguezas para Hespanha. Durante o tempo que a Carta se observou tal-qualmente em Portugal e pareceu estabelecer-se, nenhuma commoção houve em toda a Hespanha: desde o momento que a facção apostolica começou a predominar em Portugal, as revoluções e a anarchia rebentaram como um vulcão na Catalunha e Navarra: e essas revoluções, foi a facção apostolica que as fez: n'essas ao menos creio que não entrariam os temiveis demagogos de Portugal.

Demagogos ha em Portugal assim como em Hespanha e por toda a Europa temiveis e terriveis pela seita que formam e de que tarde se arrependerá a tolerancia dos reis que a consente. Esses são os demagogos apostolicos que tiraram a coroa a D. Pedro para a dar a D. Miguel, e tantas vezes teem tentado fazer o mesmo a Fernando em favor de seu irmão D. Carlos. D'esses se deve temer Hespanha e Fernando VII., que são esses os que o hãode perder.

Os factos, os factos sos responderam ao primeiro quesito. Responderei ao segundo com as probabilidades, que forçosamente se hãode tornar em factos apenas se verifiquem as condicções.

Estabelecido, seja porque modo for, o govêrno legítimo em Portugal, elle não póde adoptar outro systema de politica senão o diametralmente opposto ao do govêrno illegitimo que agora opprime a nação. "Diametralmente opposto" não quer dizer que caia nos oppostos excessos; que mude pessoas e nomes e conserve as coisas; que se brade por D. Maria II. e pela Carta para roubar e assassinar, assim como agora la se brada por D. Miguel e pela inquisição para assacinar e roubar; que haja tumultos, prisões arbitrarias, forcas, carrascos legítimos e constitucionaes, assim como agora os ha rebeldes e absolutistas. Não: isso é impossivel; ainda que se formasse um ministerio de descamizados, elle o não poderia fazer. Portugal não precisa, nem pede, nem quer senão paz; nem quer a Carta senão

porque so a Carta lhe póde dar e garantir a paz. A Carta até é freio ás vinganças dos partidos. A carta prohibe os confiscos, as prisões arbitrarias, os juizos de inconfidencia. E os excessos de podêr qúe são concedidos —— antes, pedidos e reclamados —— por seu partido ao govêrno de D. Miguel, não poderiam ser tolerados no govêrno de D. Maria.

Do reflexo em Hespanha, tanto o póde fazer a Carta portugueza como a Carta franceza : a posição geographica é a mesma. Alêm de que, os estrangeiros que não residiram longamente em Portugal enganam-se muito com Portugal e suas relações com Hespanha. Não duvido que haja (fallo com sincera imparcialidade) quatro loucos em Portugal que sonhassem com reuniões a Hespanha; os homens de senso, de propriedade, de importancia social estremecem so com essa idea ; a massa da nação tem-lhe mais horror do que é possivel imaginar-se ; o odio dos Portuguezes a Hespanha so é vencido pelo odio a D. Miguel. E direi mais, que até a algums dos que podiam ter concebido a possibilidade d'essa loucura, os ouvi confessar seu engano, e envergonhar-se de o haver pensado.

So em dous casos sera possivel que Portugal se reuna a Hespanha: ou pela coalisão e concurrencia das tres potencias vizinhas i. é, de Hespanha, França e Inglaterra ; ou pela longa permanencia do absolutismo em ambos os paizes.

No primeiro caso é evidente que Portugal difficilmente poderá resistir á invasão de Hespanha se um ou ambos aquelles dous Estados a consentirem e ajudarem. Mas toda a guerra de Portugal contra Hespanha hade sempre ser guerra nacional ; e onde a guerra é nacional qualquer auxilio estrangeiro fara com que uma potencia pequena resista a uma grande.

No segundo caso não vejo que humanamente se possa obstar á reunião de Portugal com Hespanha. Se Portugal não tiver instituições suas, firmes e *estabelecidas ja* quando rebentar a revolução d'Hespanha—que hade rebentar, ponham-lhe as remoras que pozerem ; Deus sabe o *quando* e o *como* d'esse futuro, mas nós homens sabemos que elle *hade* vir——indispensavelmente Portugal hade entrar na conflagração geral das massas revolucionarias. Não sei até onde chegará a lava d'esse terrivel vulcão ; mas o resultado certo é que a fusão geral hade confundir tudo quanto vai dos Pyreneos ao Athlantico,—e é provavel, que d'ahi brote uma nação nova que ja não será Castelhana nem Portugueza, bem como nem Aragoneza nem Catalan, nem nada do que foi, mas um povo formidavel......D'este futuro não se temem somente os monarchistas puros e exclusivos ; temem-n'o, temem-n'o muito os homens de todas as opiniões que teem olhos para o ver claro, e coração para lhe sentir todos os horrores.

D'essa explosão electrica so não sera tocado Portugal se o houverem a tempo *isolado* por um meio proprio e não accessivel a seu influxo. Este *isolador* so podem ser instituições monarchicas representativas, com uma dynastia querida da nação, com leis, com legitimidade. Será D. Miguel e seu govêrno quem faça este milagre? A revolução liberal franceza abrazou toda a Europa. Onde é que não pegou esse fogo? Em Inglaterra que ja era liberal. Mataram-se milhões de homens por amor de constituição em todos os paizes do continente; ninguem se matou em Inglaterra porque ja la a havia. A Inglaterra contente de suas instituições monarchicas, fortes,não quiz saber de innovações perigosas, nem fazer experiencias para melhor: todos os outros paizes, que eram despoticos, não hesitaram a correr o risco......Se elles não tinham que perder!......Um d'estes dous futuros espera Portugal:—é escolher.

## X.

### *Seria possivel estabelecer um governo legitimo em Portugal sem a Carta.*

Se as considerações antecedentes não são bastantes para resolver a questão da Carta, apontarei algumas de outra natureza, porêm não menos importantes.

A Carta Portugueza não foi arrancada á auctoridade Real como a Magna-Charta britannica, ou formada pela fôrça popular como as constituições proscriptas n'estes ultimos cinquenta annos; não foi tampouco uma concessão da Legitimidade para com um partido poderoso e temido, como a de França. Foi a Carta Portugueza a generosa outorga de um Soberano legítimo, longe do minimo contacto e influencia de partido, fóra de toda a suspeita de coacção, que viu as necessidades de seus subditos e lhes proveu com o unico remedio que ellas podiam ter.

Accreditar-se-ha para com os povos a Realeza invalidando este acto seu, proprio, unico, voluntario, espontaneo?

Não tem o princípio monarchico na Europa inimigos, nem detractores, nem antagonistas? Que armas lhes não dara se assim se desarmar?

Os Reis sanccionaram no congresso de Vienna que a todo o Soberano era livre dar a seus povos as instituições que lhe approuvesse.

Quem tornará a accreditar na boa fe dos Soberanos se elles agora o negarem?

Mas deixemos éstas considerações que para os verdadeiros Realistas todavia pésam muito. Quem sustentará o throno de Maria II., o throno da legitimidade em Portugal? Será a facção de D.

Miguel, i. é, a apostolica? E se Carta for proscripta que partido existirá alli senão esse;

### XI.

### *Reconhecimento do Usurpador por Fernando VII.*

As considerações de justiça, algumas de conveniencia tambem impedem os gabinetes dos Soberanos da Europa de reconhecer D. Miguel apezar da forte sympathia de alguns governos com o de um principe apostolico e inimigo brutal de todas as instituições livres.

Este pejo, este resto de decôro que contem os gabinetes, não chega ao de Madrid. O odio ao systema representativo (que todavia so póde e *hade* salvar Hespanha) é tal na camarilha de Fernando, que sobrepuja e vence toda outra consideração. Este é o motivo que geralmente se dá ao impudente e escandaloso acto do reconhecimento do usurpador pela côrte de Hespanha. Tenho porêm n'este ponto mui diversa opinião e não sigo o conceito geral. Estou que o odio á Carta é mui poderoso e efficiente n'este caso, o odio pessoal a D. Pedro não menor; mas a verdadeira causa da protecção que Fernando deu desde o comêço aos partidarios da usurpação, e que agora, deposto todo o pejo e decôro, declarou dar ao usurpador, tem uma causa *mais forte, ainda*, que é o *arrière pensée* do gabinete de Madrid, o secreto, o não-confessado mas sabido motor de todos os actos do govêrno Hespanhol a respeito de Portugal.

Este ponto fixo e constante na politica de Hespanha é, como ja se disse em o N° antecedente d'este jornal,—" Estender os braços e abraçar *em amplexo de morte* aquelle pequeno reino. Ainda antes da reunião de todas as outras coroas da Peninsula sôbre as cabeças de Fernando e Isabel, se tentou por vezes. No tempo d'estes quasi effeituado esteve. Verificou-se no reinado de Philippe II. Insistiu-se n'elle depois de liberto Portugal, durante toda a duração da dynastia austriaca. Voltou-se ao mesmo projecto no principio d'este seculo. Instaurou-se de novo no tractado secreto com Napoleão. Na revolução de 1820 em muitas coisas e occasiões se revelou o mesmo pensamento secreto: e, conforme tambem ja disse, o gabinete revolucionario de Madrid professava n'este ponto a mesma fe dos Philippes.—Desde então até hoje a facção castelhana em Portugal gradualmente tem despido a máscara, e abertamente declara, ou pelo menos, ja não occulta seus projectos. É a rainha Carlota, irman de Fernando quem, sob o nome de Miguel governa Portugal e alli está á frente d'aquella facção. São os Silveiras, que em 1820 proclamaram em Lisboa a constituição d'Hespanha, os que em 1826 proclamaram em Tras-os-montes Fernando VII. imperador da Peninsula, e no Alemtejo o Infante D. Sebas-

tião (principe hespanhol) rei de Portugal—são os Silveiras os chefes militares d'ésta facção. São as duas princezas portuguezas casadas em Hespanha as que em Madrid protegem e protegeram sempre os interêsses d'este partido anti-nacional.

Que ésta é a tenção fixa, o plano constante de Hespanha a respeito de Portugal, ninguem o ignora na Europa. E a melhor estrada de Madrid a Lisboa que á invasão castelhana se póde abrir é um govêrno fraco, tyrannico, anti-nacional como o de D. Miguel; o melhor exército de Fernando é dos frades e da degenerada fidalguia portugueza que assim vendem patria e honra para comprarem sua ruina.* Que maravilha pois que a côrte de Madrid, que este estado de coisas promoveu com tanta ância, se dê pressa a reconhecê-lo, e sustentá-lo abertamente com quanta fôrça tem e lhe consentirem empregar? O que admiro, o que pasma é que os governos, cujos interêsses n'este ponto são diametralmente oppostos, se descuidem tanto e lhe dem tanta larga. Hãode forçosamente arrepender-se; mas quando quizerem emendar o mal, hade custar-lhes dobrado.

É incrivel, é impossivel que este acto indecente e escandaloso da côrte de Madrid tenha ligação,fosse feito de acôrdo com os outros gabinetes da Europa.

## XII.

### *Reconhecimento do usurpador por Inglaterra.*

A Convenção de 22 de Outubro de 1807 entre Portugal e Inglaterra diz assim:—His (Britannic) Majesty engages in his name and that of his successors, never to acknowledge as King of Portugal *any other than the heir and legitimate representative* of the Royal family of Braganza."—S. Majestade (Britannica) se obriga em seu nome e em nome de seus successores a não reconhecer nunca como Rei de Portugal nenhum outro senão o HERDEIRO E LEGITIMO REPRESENTANTE da Real familia de Bragança.—

Sem recorrer a nenhum outro documento ou argumento, este so basta para provar que a Inglaterra não póde reconhecer D. Miguel, e que seus tractados a não ligam (segundo a sophistica doutrina do duque de Wellington e de seus jornaes) a Portugal e ao *chefe do govêrno Portuguez*, seja elle quem for;—mas formal e positivamente á casa de Bragança e ao legitimo soberano.

Os ministros Inglezes disseram no Parlamento, e fizeram clamar por seus venaes arautos, as folhas da capital, que a Inglaterra não estava ligada pelo principio da Legitimidade que prendia as Potencias

* E quanto se enganam esses miseraveis em seus planos! As primeiras victimas hãode ser elles. Sem consideração, sem importancia, no meio da nobreza hespanhola, que em haveres e educação lhe é tam superior, esses Judas de sua patria e de seu rei, figurarão de vis e degradados *illotas*, com o remorso de seu crime e sem o salario que por elle esperavam.

continentaes; e que portanto podia reconhecer o govêrno de D. Miguel assim como havia reconhecido os da America do Sul. Ésta asserção é deshonestamente falsa. Se as Potencias continentaes estão ligadas pęlo acto geral chamado da Sancta-alliança, a Inglaterra tambem o está, senão nos principios, em todas as *consequencias* d'elle· porque assim o stipulou, e é claro da celebrada nota de Lord Castlereagh. Mas no caso especial de Portugal, Inglaterra tem uma obrigação *positiva* que não admitte a controversia das obrigações geraes. Ella obrigou-se a nunca reconhecer outro rei de Portugal senão o legítimo herdeiro e representante da Casa de Bragança,

E agora uma de duas: ou D. Miguel é este herdeiro, e então ja Inglaterra quebrou o tratado reconhecendo D. Pedro, e em sua abdicação D. Maria;—ou D. Maria é a legitima herdeira e representante da Real Familia de Bragança—e a Inglaterra não póde reconhecer D. Miguel.

Quando digo que *não póde* claro está que fallo moralmente. O duque de Wellington póde um dia, em algum accesso de loucura, quebrar todos os tractados, deshonrar a sua patria, envilecer o nome de seu Amo e Soberano; assim como póde mandar fazer fogo sôbre o povo, ou cercar as camaras do Parlamento pela sua nova *Gendarmeria*. *Póde* porque tem o podêr na mão: a questão é se é lícito, se o Parlamento o soffrerá, se a nação hade tolerar tal abuso de podêr.

Apezar de sua cegueira, tal é a consciencia que os ministros Inglezes teem do vínculo moral que os prende para nunca reconhecerem o usurpador, que seus constantes esforços teem sido sempre o induzir seduzir,—direi mais, *forçar* o Sr. D. Pedro a *transigir* com seu indigno irmão, e absolvê-los por este modo a elles do vínculo que os prende. Ésta é a politica confessada (avouée) do ministerio Inglez; e n'esta confissão está involvido o reconhecimento de D. Maria, e a excommunhão de D. Miguel.

Mas supponhamos que Inglaterra tinha *liberdade*, que não tem, para reconhecer D. Miguel. Deve-lo-ia ella fazer? Convir-lhe-ia?

Uma opinião errada prevalece entre muitos Inglezes—"que Por-"tugal miseravel, pobre e escravo, sera mais sumisso e fiel alliado da "Gran'Bretanha e mais util a seu commercio e interêsses politicos; e "que livre e sob um regimen de lei e ordem, lhe não póde offerecer "os mesmos interesses."—Em quanto Portugal tinha o exclusivo do commércio do Brazil e era o unico emporio de suas importações todas, a opinião era exacta. Quanto mais nulla fosse a mãe patria, quanto menos indústria tivesse, quanto mais precaria fosse sua existencia, quanto menos consummo podesse dar aos generos de sua colonia, quanto menos de seus productos para ella podesse exportar,—mais interessava Inglaterra, porque mais do seu mandava aos merca-

dos portuguezes, e mais abarcava todo o proveito d'aquelle exclusivo.—Mas desde que este estado de coisas cessou, a proposição ficou pelo inverso. Portugal ja não recebe do Brazil para dar a Inglaterra, e ja não importa de Inglaterra para fazer consummir no Brazil. Agora é preciso que Portugal *produza* e *consumma* para podêr ser util ao commercio Inglez,---e que saia da nullidade politica absoluta para não ser um alliado so de pêzo sem proveito. Se alguem de boa-fe dentro ou fóra de Inglaterra se persuadir que as reformas e melhoramentos de que Portugal presisa para este fim, podem ser feitos pelo govêrno de D. Miguel, so então me persuadirei que á Inglaterra convenha reconhecer D. Miguel.

Ja fallei sôbre a necessaria consequencia que a anarchia apostolica de Portugal hade ter para a união d'aquelle reino com Hespanha. Tambem será da conveniencia de Inglaterra ésta união? Nunca o pensou, ao menos, assim ministerio nenhum Inglez, quer tory quer whig até o de Lord Wellington.

## XIII.

### *Reconhecimento do Papa.*

A éstas considerações podia junctar muitas outras; mas é longo e repisado tudo o que na materia se póde accrescentar. Todos os Portuguezes sabem de cór estes argumentos, sabe-os a nação ingleza, sabe-os, sente-os o proprio ministerio inglez: é teima de coração e cabeça, são paixões pessoaes as que movem éstas indecentes transacções a respeito de Portugal. Resta a ver se o capricho de tres ou quatro homens de pueril vaidade e feminino capricho, hãode podêr mais que a fôrça da justiça, a opinião das nações e o interêsse dos reis.

Façamos uma transição abrupta e violenta,—passemos do primeiro gabinete protestante para o primeiro gabinete catholico.

Suppõe-se possivel, e, ao escrever d'éstas linhas é corrente que o Papa tenciona reconhecer D. Miguel. Algumas inducções ha para o crer,—muitas mais para o não crer.

Se por um lado as sympathias jesuiticas, o ódio ás instituições e o receio d'ellas advogam pela usurpação; é forçoso confessar que Roma não é cega em seu amor nem em seu odio: o despotismo promette muito, suas searas são ferteis para os *colleitores* da Curia; mas até em Roma penetraram os principios da economia politica moderna, até la está recebido que *muitos poucos* valem mais que *poucos muitos*, especialmente quando estes não são seguros nem promettem longa duração. Ja la vai o tempo, até na Peninsula, ja la vai o tempo, (E Roma bem o sabe) em que um soberano e seu povo se contentavam de rogar e pedir, de chorar e lamentar-se porque o Papa favorecia e protegia a usurpação. Uma assemblea nacional portugueza legitimamente convocada, não se contentaria

hoje de mandar públicar o *Ballatus ovium* como no tempo da restauração de 1640. As opiniões, que apenas abalaram então a superficie da credulidade velha, haviam de achar hoje larga base, e os principios do nosso illustre e nacional theologo o grande Antonio Pereira de Figueiredo, não foram semente lançada ao vento; em silencio foram germinando, cresceram entre abrolhos e a pezar d'elles,—e se, a côrte de Roma se tiver feito mais odiosa pelo imprudente passo de reconhecer, ou proteger abertamente o usurpador—quando chegar o momento de se libertar a nação, a Igreja portugueza hade apparecer n'uma attitude que espantará a Curia.

Se o Papa em sua infalibilidade ultramontana não tem certeza de que D. Miguel e sua descendencia hãode ser pacificos senhores de Portugal,— ería uma imprudencia bem impropria e desnatural da finura Romana o reconhecê-lo ou ajudá-lo abertamente agora.

Não fallo dos principios religiosos e moraes que sos eram bastantes para decidir o chefe da Igreja catholica: se a politica e o interêsse não valerem, que poderão esses outros desvalidos? Fallemos em coisa menos sentimental, e que alêm dos Alpes se reputa mais sólida. Se o Papa reconhecer D. Miguel injuría mortalmente o soberano de uma grande nação catholica, cuja posição geographica e politica, cujo espirito e tendencia de principios inclinam mais para um schisma do que nunca pendeu a rivalidade grega ou a independencia ingleza. Ignora acaso a côrte de Roma quantos Photios ja por la se agitam? Querera suscitar tambem um Henrique VIII.? Pois um soberano é mais temivel inimigo que um Patriarcha.—Se o mal pegasse no Brasil, o contagio por toda a America do Sul havia de ser rapido. E em quanto o Mexico ja se resente da heretica vizinhança dos Estados unidos do Norte, o fogo ateado no meio dia, não tardaria a communicar-se com a immensa labareda que vem do septentrião.—E um mundo *todo-inteiro*, um mundo, cujos futuros (e proximos) hãode ser de tanta importancia e influencia nos destinos do universo—será quantidade desprezivel nos calculos da Curia Romana?

Que do alto d'esse vaticano d'onde seus decretos soavam temidos e obedecidos até os ultimos confins do globo —— lance por elle os os olhos o actual chefe da Igreja, e contemple o que lhe resta de seu antigo podêr.--A mais poderosa nação do velho mundo a Russia ameaçando devorá-lo com seu milhão de bayonetas schismaticas.—Na Allemanha, apenas uma porção pequena o reconhece ainda.—Na sua mesma Italia—segundo a proverbial phrase do poeta, *schiavi si, ma schiavi ognor frementi.*—A França---e que promette a França ao podêr e auctoridade papal?---A peninsula hispanica, esmagada de miseria, soffre sim a dominação Romana (E o que não soffre ella!); mas é sólida até ahi na Peninsula, tem bases seguras essa auctoridade? Não o creia o papa,---que se hade achar tristemente desenganado.---A Inglaterra—pois essa é seu melhor e mais fiel alliado hoje. Quem tal diria ao papa João? Mas ésta alliança

é incestuosa e contra natura, não promette duração, e apenas a Gran'-Bretanha se libertar do ministerio austriaco que a comprime actualmente, a côrte de Roma perde o seu maior apoio na Europa. ---Uma nação christan resuscitou no oriente ; mas (fatal estrella de Roma !) de novo entrada no gremio da christandade, veio fazer corpo com os inimigos da igreja Romana. S. S. póde continuar a nomear Bispos de Athenas e Arcebispos de Lacedemonia, mas S. Exa. Capo d'Istria não paga annatas —— e o Panhellenio não recebe bullas.

Assim está o mundo antigo para a auctoridade papal : ja fallámos da situação do novo.—Em taes circumstâncias não parece possivel que, por novas imprudencias, Roma queira arriscar o pouco que lhe resta da antiga auctoridade e——o que mais vale——dos antigos rendimentos.

Que o intempestivo e precoce reconhecimento de D. Miguel fôra um passo da maior imprudencia e dos mais serios resultados assim presentes como futuros para a Curia Romana, é tam simples e evidente, que me parece escusar mais demonstração. Fa-lo-ha o Papa ?---Os inimigos do catholicismo certamente o desejam com muita ância.

### *Conclusão.*

Não tractarei especialmente de cada-uma das outras potencias europeas : todas estaõ ligadas pelos principios da legitimidade, pelas obrigações que a si proprias se imposeram e com que se vincularam nos congressos de Vienna e Paris de Tropau e Laybach.

Os vinculos de sangue que prendem a Austria mereceriam particular capitulo ; mas assaz é sabido que essas considerações naõ entram nos calculos do Conselho aulico, e que as sympathias e nobres sentimentos do filho do humano Leopoldo, vergam diante da ferrea tenacidade e jesuitica impassibilidide do chanceller da côrte e estado.

Recapitulemos pois as várias reflexões que em tam difuso assumpto nascem, como do centro commum os infinitos raios de um circulo immenso. O estado actual de Portugal é inconsistente com os principios e com os interêsses da europa, e do mundo civilisado :—a fusaõ dos partidos não é practicavel com paridade de concessões :—o] partido de D. Miguel tem mostrado sua inhabilidade para a supremacia ; ainda quando o tolerasse a *justiça* não lh'o podia permittir a *conveniencia* : o restabelecimento da legitimidade é o unico arbitrio que resta a tomar, e que, salvando os principios europeus, póde salvar a independencia de Portugal e fazer cessar o estado anarchico d'aquelle paiz :—a Carta, não so naõ é perigosa, mas necessaria e indispensavel para este fim :—todo e qualquer outro arbitrio que se tomasse seria prejudicial aos interesses das potencias, de fataes consequencias para a tranquillidade da Europa, e de funestos resultados para os soberanos.

O *que* e o *como* da questaõ está, creio eu, comprehendido no que fica exposto ; a *quem* e o *quando* será tractado com mais vagar e remanso em separado capitulo. Demostrada a necessidade da intervençaõ, naturalmente se segue examinar a quem compette e quando convem intervir.

Essa é a segunda parte das presentes reflexões, com a qual lhe daremos em breve devido complemento.

## CORESPONDENCIA DO CHAVECO

*Muito reverendo Padre Capellão.—Abordo da Balandra Tresquilhas.* As nossas cartas cruzarão-se. A *dalaça*, por que me en-

viou a sua era por achavascada ronceira, e o vento não lhe fazia feição: a minha *damnaca* approveitou os *estesios*, e como mais ligeira não tenho duvida que primeira lhe chegasse ás mãos; e ainda bem que no que lhe escrevi em grande parte foi a resposta ao que perguntava: pelos domingos se tirão os dias sanctos: eu aventei de longe as pêgas: Vm. resente-se um pouco de *rachitico* por mais que se empine, e empertigue, e o não queira confessar. Meu amigo, quem torto nasce tarde se endireita, diz o adagio. Cheirão-lhe ainda as mãos a agoa-benta, apezar do alcatrão, com que tem sido *cifado*, por que enfim ninguem entra em companha, que não leve *breadura*. Ora, pois, eu heide desfazer-lhe o *embono*, ou não hei-de ficar eu.

Torna Vm. a picar sôbre o reconhecimento d'Hespanha, e as gordissimas consequencias, que d'ahi se enfião pela sua logica são mais estiradas que a derrota da India. Eu ja lhe disse neste particular, o que tinha a dizer-lhe, e muito a tempo: agora so me resta fazer-lhe a seguinte reflexão, que começará por dizer-lhe, que tudo Deus faz por melhor. Note bem.

Ategora a nossa questão acerca das cousas d'Hespanha, era melindrosissima. Os senhores Inglezes apenas se sonhasse, que nós cuchichavamos com um Hespanhol, vinhão logo com ameaças, com medos, com terrores, com papoens, que não havia remedio senão ferrar todos os trapinhos, e deixar passar a *estrupada*: tudo era arrecear-se de *republicas peninsulares*, tudo erão *cordoens*, dos quaes ficaram as cordas, com que o malvado Miguel vai enforcando os innocentes e honrados Portuguezes,—tudo era aterrar-nos com desamparo, e quebra para todo o sempre dos calabres, com que a Grãa-Bretanha está amarrada ao Portugal, a que *por alcunha* se chamão *Tractados* de paz, amizade, allianças, ligas, commercio mui *reciproco*, que não ha mais que ver:—tudo enfim era pintar-nos um futuro de pedir por portas, desarvorados, d'agoa aberta, ja com uma so vez d'agoa, a que nós ca abordo chamamos uma *fiada*: finalmente faltou-lhes dizer, e intimar, que se tivessemos a ousadia de pronunciar sequer a palavra Hespanha seriamos reduzidos ao estado, a que o amabilissimo e bonissimo Miguel tem levado a nossa infeliz patria.

Que queria pois Vm. que então se fizesse? Bico calado, olhos no chão, e mais submisso que um penitente, era escutar e obedecer sem replica. As pomposas expressoens—*Tractados—fé dos Tractados—Convençoens solemnissimas—Protocolos dourados—Altas partes contractantes*,—são palavras de levar os tampos dentro ao mais reforçado tonel.

Graças sejão dadas ao Tempo desembrulhador destas *charadas politicas*: com o tal *reconhecimento* do reconhecedor Fernando, tudo se evaporou, e veio ao lume d'agoa a coroa do cachopo, em que podiamos naufragar.

Se Fernando VII. faz a guerra á senhora D. Maria II. nossa legitima soberana, desconhecendo-a como legitima, que é, e reconhe-

cendo por lidama a usurpação de D. Miguel:—se Fernando VII. n'esta guerra não so ataca a pessoa da nossa rainha, mas aquellas *instituiçoens*, que andão annexas ao seu reinado, que é ahi, que fere o ponto:—se os senhores Inglezes consentiram este procedimento ao seu amigo Fernando VII., e não lhe arrumaram um desses seus murros de fazer saltar os olhos dos seus encaixes, antes de dar similhante patada:—segue-se por um raciocinio severo, e exacto, que o governo da senhora D. Maria obrará *com direito* fazendo contra o senhor Fernando VII. guerra por quantos meios estejão ao seu alcance:—segue-se que os constitucionaes Portuguezes obrarão *legitimamente* unindo-se aos constitucionaes Hespanhoes para fazerem saltar o senhor Fernando do poleiro, em que se acha pouzado:—segue-se que o senhor Fernando VII. não poderá queixar-se de que os Hespanhoes se refugiem em Portugal, se armem ali, escrevão dali, incitem dali, animem d'ali, e vão dali fazer um *auto da fé* a elle e á sua Inquizição, e fação de todos os Jesuitas uma fogueira *apostolica*:—e segue-se enfim, que os Inglezes não poderão pôr-nos o pé no pescoço com similhantes pretextos; porque nós lhe poderemos pespegar retorquindo a seguinte perguntinha:—"E para que deixastes vós, senhores Inglezes, que Fernando reconhecesse Miguel o usurpador?"

Ora pois, meu amigo, não se queixe: não ganhamos nós pouco no tal reconhecimento, se podêmos desde agora *impune e legitimamente* unir-nos aos constitucionaes Hespanhoes e fazer com elles causa commum, e dar-mos conjunctamente um pontapé nos tiranos da Peninsula *per omnia sæcula sæculorum*, como Vm. diz na missa; eis-ahi porque digo acima, que tudo Deus faz por melhor.

Faz muito a nosso proposito a autoridade d'um periodico *matutino* intitulado *Times*, elle escreve assim em 4 do corrente:

"O exemplo dado pela corte d'Hespanha deve ser seguido pelos
" demais estados, caso não aconteça no meio tempo cousa, que ins-
" pire esperanças d'uma melhor causa e superior titulo da joven
" Rainha. As naçoens não podem ser excommungadas pelos crimes
" dos seus principes; e em quanto as cousas assim estiverem nós
" devemos manter os costumados cannaes da communicação diplo-
" matica. *A usurpação pela continuação longa e não turbada*
" *purga-se dos vicios da sua origem, e torna-se, tanto quanto res-*
" *peita á communicação nacional, autoridade legitima.*"

Queira, meu padre, queira abrir o seu Breviario, e benzer-se tres vezes com a mão toda á face da sabedoria deste *novelleiro*, que de quando em quando se espéca da autoridade de Vatel para provar, que cartas mandadeiras devem pagar frete. As palavras deste meu amigo trocadinhas em miudo querem dizer em nosso bom, ainda que esquecido e desprezado romance:—"Eu te adoro, ó ouro! Tu és o panacêa de todos os males: tu es a legitima absolvição de todo

os crimes, de todos os peccados:—tu a minha politica, o norte de todas as minhas acçoens,—que todas serão licitas, e legitimas quando tenderem a obter-te"—(assignado) *John Bull.*

Que quereria dizer este escriptor nas palavras—*esperanças de titulo superior da joven rainha?*—Pois que? não é este mesmo papel, que tem asseverado, sustentado, reconhecido e proclamado a *superioridade do titulo* da senhora D. Maria II? Que espera elle ainda mais? Espera *factos*, porque *direito* é-lhe palavra vazia. Quem diria, que nos dias em que vivemos um escriptor Inglez, que se pretende o caudilho da opinião publica, e que em verdade ás vezes leva João Bull aonde elle, apezar de casmurro e testarudo, não quer ir,—quem diria, que elle avançaria a proposição de que o *tempo purga o vicio da origem?* E elle, que pode ter a gloria de primeiro avançar, que se dá prescripção com *má fé!* Nem o Principe de Machiavel appresenta esta monstruosidade. Esta maxima transtorna todas as ideas de jurisprudencia, todos os principios sãos da legislação, todo o fundamento da lei, que regula o dominio, e destroe d'um golpe a maquina social debellando o direito de propriedade, legitimando o crime da occupação fraudulenta e dolosa, e a ma fé que accusa *eternamente* a iniquidade da acquisição.

Se o Times deseja, como diz, alcançar a simples communicação de cidadão a cidadão, de commerciante a commerciante, quem tolhe essa communicação? não existe ella? se quer a diplomatica, é evidente que quer *mais* do que diz: e se quer *mais* é claro, que tem la *motivos*, que lhe forão *presentes*, como dizem os nossos decretos e avisos *Santarenos*, e que nós ignoramos.

Note bem, meu padre, que se não tracta de direitos provenientes *de CONQUISTA:* neste caso outros são os principios, outra a regra de decidir, como todos sabem.

Como pode considerar-se a usurpação de D. Miguel *naõ-turbada* quando elle hoje mesmo se acha n'um estado *violento* demonstrado por seu proprio facto? O que são essas forcas alevantadas? Essa alçada permanente? Essas cadeias sobre-carregadas? Esses innumeraveis foragidos?

Como é elle *pacifico* possuidor d'uma monarquia, que está desmembrada, e recalcitrante contra a sua occupação? Quem governa as possessoens Asiaticas Portuguezas? Quem manda na Ilha Terceira? Qual é o estado dos Açores, da Madeira, de todo o Portugal enfim?

Como é possivel calcar tanta verdade, attestada e comprovada por tanto facto, por tanta autoridade, e chamar á *detençaõ* de D. Miguel *naõ-turbada?* Que tem dicto o mesmo *Times* do estado actual de Portugal?

O direito das Gentes, meu amigo, não é mais do que o direito natural. As maximas deste direito estão fora do alcance da mão do homem: elle não pode troca-las. Se as offende, ou desconhece,

offende e destroe tudo quanto ha de sancto e justo na sociedade. A politica, que lhe vai d'encontro, a politica, que desrespeita a moral, que tem por base o direito da natureza, é a sciencia e practica do crime: a politica, que reconhece o direito da força, e o alcance do interesse sem respeito a meios, é o opprobrio da razão e do homem—E note bem, meu padre—*tarde ou cedo a* OPINIAÕ, *isto é a approvação ou desapprovação do genero humano vinga a justiça offendida. Os governos, por formidaveis que sejão, tem este tribunal, que os julga. Ante ella não ha ninguem, que não estremeça.*—Todo esse gigantismo, e monstruosidades dos Titans façanhudos das nossas eras :

Pulveris exigui jactn compressa quiescent.

O *Times* apanhou-se de tal forma com o continente inteiro, que do nosso pobre Portugal, ja ha muito ommitte as Cartas, que o seu correspondente lhe envia, e anda como alcastruz de nora, umas vezes cabisbaixo, outras pernas arriba, de sorte que ninguem o entende, e provavelmente nem elle a si-mesmo. A Russia ás vezes é moderada, e temivel;—ás vezes uma cambada de barbaros, e ignorantes. Os Francezes na sua bôca são *estupidos* e delles falla tanto contra a consciencia propria, que o seu correspondente lhe arruma n'uma carta assignada—B—, que vem transcripta neste jornal do dia 6 do corrente, estas palavras—" *Em quando continuardes a chamar aos liberaes uma facção ireis tropeçando d'erro em erro. Os liberaes são a nação.*"—

Meu padre, fallar claro e dar mau grado a Mestres, é dos nossos bons passados. O Times nem é liberal nem desliberal; é cortezão do governo, mas como o governo se fecha com o jogo, navega de vez em quando á matroca, e *toca* muitas vezes *em vento.*

Não cuide todavia,que ficou so no amante e amado Fernando o reconhecimento: por ahi corre que o sanctissimo Padre pelo seu purpureo nuncio tãobem *zonhou* por sua parte. Que lhe preste: se assim é: ruim seja quem em ruim conta se tem. Com este amigo sou eu todo um rifão : tu que sées na seda qual me vires tal espera :— qual te dizem tal coração te fazem :—mais vale a quem Deus ajuda que quem muito madruga :—apôs as tempestades vem os dias serenos—assim por diante até o fim da prosodia.

Ora pois, se tal é, graças a Deus, que cedo estaremos livre d'um feudo, que sugava a nossa substancia para mantença d'ociosos. Reconheça o Papa a usurpação peccaminosa como virtuosa: sanctifique o crime: abençõe o prejurio, e cedo veremos esboroado esse idolo decrepito, cujas pretençoens, arredadas de sua instituição e fins, são escoradas pelo fanatismo, e fomentadas pela ignominia. Esse facto, mostrando a *fallibilidade* do *infallivel,* restituirá a nossos bispos o poder usurpado, á nossa igreja as suas liberdades, e aos bolços dos Portuguezes o mal levado dinheiro. Se tem curios-

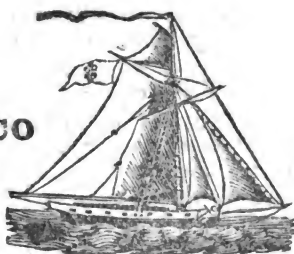
dade, meu amigo, leia na *botica dos Papas* a tarifa das receitas pelas dispensaçoens, indulgencias, rescriptos e bullas debaixo de todas as formas, sellos, e apostolicidade, e me dirá o que é Roma, e o Papa. Os rapazes de Londres nos tric-traques. e busca-pés, que lançaram no dia 5 do corrente em commemoração de Guy Faukes, celebraram muito a tempo o reconhecimento papal; festa que um dia se hade *em paga* delle celebrar com toda a solêmnidade devida a tão alto feito, se elle todavia é verdadeiro.

Está pois a usurpação de Miguel pela Hespanha reconhecida, e quasi reconhecida por Roma:—quer dizer está reconh ecida pelo *throno* e pelo *altar*. O que mais quer ou pode querer D. Miguel, e a *facção* que o tem aos hombros? Por terra tem D. Miguel as costas quentes, e o poder do mundo não poderá çafa-lo do *varadouro*;—por mar bastão as bençãos de Roma, os rosarios, os bentinhos, os breves da marca, e o fradalhão *Terra sancta:* arrecifes são estes, que não ha piloto que os galgue: contra elles *quebra o mar* do fanatismo com tal *escarcéo*, que não ha quilha que o talhe, nem borda que o *aguente*.

Restão so umas pequenas cousas para a sua perfeita consolidação; feito o que tudo irá uma maravilha.

Resta primeiro enforcar *toda* a parte illustrada da Nação; entre tanto isto se fará prestes com mais tres alçadas; porque desembargadores e carrascos não lhe faltarão.

Resta em segundo logar fazer algum dinheiro para pagar a lista militar e civil, por quanto a ecclesiastica cuidará de si, porque é *espiritual:* isso tãobem é facil; pois que agora, com o reconhecimento de Fernando, Miguel fará um emprestimo de que Fernando será fiador, caução com esta e não faltarão emprestadores. E demais a lista civil vai grandemente reduzida, como Vm. verá, e assim D. Miguel com extremado sizo vai dar uma roda de pontapès nos desavergonhados, que lhe arranjaram a usurpação; sorte infallivel dos traidores, como diz o nosso rifão---el rei ama a trahição mas os tredores não.—Vê-los-ha Vm. vociferar então como endemoninhados; ve-los-ha arrotar mais amor de liberdade do que Bruto, sendo apenas legatarios de seu nome: vê-los-ha......mas, meu padre não quero anticipar o que ámanhan veremos: com o agio do papel-moeda na proporção que sobe, eu vejo *encodar-se* a nau *Governo Luso*; a ampullieta do commercio está *engrotada*; e parece-me, que a lubrigo navegar ja com *guindólas*, arrazada pela tormenta de tanto despotismo e crimes: é este o caso de escrever com Cicerão *Intelliges id regnum vix semestre esse posse.*—

Adeus: vou fazer-me n'outro bordo, conservando todavia esta paragem, até que ouça de Vm. de quem sou.—PALINURO.

---

Impresso por R. GREENLAW, 39, Chichester Place, Londres.

O CHAVECO LIBERAL.

No. 12 Vol. I.

O'er the glad waters of the dark blue sea,
Our thoughts as boundless, and our souls as free.—BYRON.

*Quarta feira 25 de Novembro*, 1829.

## CORRESPONDENCIA DO CHAVECO.

*Senhor Reverendo Capellao—Abordo da Balandra Tres quilhas.*—Passeando uma destas manhans ao alvorecer sôbre *o castello de ré*, so, e sem que houvesse sôbre *o tilhá* mais do que o homem do leme, tão fresca e socegada apparecia a manhan, tão calmo estava o mar, e serena a *bafagem*, que encostando-me sôbre os cotovêllos na borda o meu pensamento se perdia sôbre a immensidade do elemento, em que boiava. Pareciamos mais *estanciar*, que surdir; e segundo a *estimativa* e juizo das cingraduras demoravamos entre os Açores e as Canarias. A serenidade, o bom céo, sítio, ou o quer que fosse me recordaram d'*Atlantide*. *Atalantide*,ou *Atlantica*, não como Homero, Horacio e os poetas as figuraram *Hesperides* e *Canopos Elyseos*, senão como Platão a descreve no seu *Timæo*.—Quem sabe, disse eu comigo, o que Seneca na sua *Medea* quiz dizer quando prophetou que *Thule* não seria a derradeira terra? Que *Atlantica* nem era a Noruega nem a Suecia, como quiz persuadir o sabedor Rudbeck da universidade de Upsal, isso tinha eu por certo: fazia porem grande impressão na minha alma a opinião de Kircher, que suppoz, que a *Atlantide* abrangêra dos Açores ás Canarias; que fôra engulida pelo oceano, como Plutão suppoem, deixando á flor d'agoa os serros seus os mais elevados, que são esses grupos, que hoje vemos, semeados de restos vulcanicos, que fundamentão a probabilidade da catastrophe,

que a submergio. Aqui me lembrei tambem da *Nova Atlantide*, que Lord Bacon creou entre o Peru e o Japão á maneira da *Utopia* de Thomas More, ou da *Cidade do Sol* de Campanella *, e enfim das deosas centripeta, centrifuga e rectilinea, que a fantasia de Lemercier criou, e divinissou. Tendo a bordo o *sino de mergulhar*, assentei que não podia gastar melhor o dia do que descer nesta paragem a examinar o fundo a ver se colhia dados para determinar a existencia provavel desta celebrada Ilha.

Prestes, mandei suspender o apparelho, apprestar as *bragas*, liar os *contrapunhos* á ponta da *vela grande e traquete* para ajudar o apparelho, e depois de bem almoçado encafuo-me no sino, mando arriar, e la vou atravessando a região das azevías, a provincia dos baleatos, o paiz dos bodioens e das buamas, os arrebaldes das caramelgas, das lubas, e dos pampanos, até que enfim chego ás costas das lapas, e dos briguigoens, em que dei fundo.

Nada de notavel me offerecia a natureza nesta paragem : o fundo era de burgalhão, e esse mesmo muito solto : a grande distancia havião grandes sombras, e grandes negrumes : fôra-me porem impossivel alli chegar sem risco de perder-me : quando ja tractava de dar o signal de guindar-me apercebi a poucos passos um pequeno embrulho, e ao pegar-lhe vi, que era uma pequenina caixa : faço alar-me, surjo, salto a bordo, abro sofrego, e encontro um pequeno livro, d'onde entre outras cousas colho as seguintes

### REFLEXOENS.

Esse, que conhece quanto o homem e a lei é susceptivel de perfeição segue com olhos d'attenção o movimento geral das sociedades, que tendem a uma *civilisaçaõ* até hoje não conhecida, tão aziaga aos prejuizos que tem governado o velho mundo, como favorecedora dos principios, que devem de regrar a ordem nova, que se annuncia. Eis-ahi o sugeito mais amplo á meditação do philosopho : eis-ahi o espectaculo maior e mais digno da admiração dos homens :—é novo no mundo :—a antiguidade não ministra exemplo.

Esse estado grande de *civilização*,—esse motivo a tantos razoamentos falsos, a tantos temores insensatos, que uns enxergão como madureza dos corpos politicos, e chegada a sua decadencia ;—que outros encarão como manancial mais dilatado dos vicios e males das sociedades humanas :—esta civilização, tão temida, injustamente denegrida, cegamente combatida foi e ainda é ignorada !

Nem é de Memphis nem d'Athenas, nem de Roma. Houve quem na antiguidade a aventou,—mas apenas com votos.——Ella não foi estabelecida por rei algum, nem o podia ser. —A sua existencia é producto de seculos :—é o trabalho do tempo e a obra do genero-humano.

Em civilização um seculo é apenas um dia :—um reino não é mais que um ponto. Os reis ao assuma-la pensaram que a civilização encontrava seus interesses : trabalharam por faze-la parar : tractaram-na como inimiga.

Todos os que os rodeião, que devem a sua supremacia aos prejuizos, que tem presidido ao antigo estado de cousas, aterraram-se com o progresso d'uma civilização, que os destróe : solicitaram os reis, que com elles a combatessem ; e é o que todos neste instante estão fazendo com uma applicação cega, sem prever as consequencias funestas deste plano anti-social.

Os reis todavia não-na conhecem. A civilização não é inimiga sua. A parte dos reis será sempre nobre e bella quando quizerem associar-se á humanidade, e ajudar seus novos destinos. Elles a julgão por esses abalos, por esse estado de crise, que accompanhão os seus esforços, o seu estabelecimento. Não podem julga-la por exemplos : não-nos tem o mundo : a historia não-nos ministra.

Aonde busca-los ? Teve luzes Athenas, mas foi injusta e barbara : fez e teve por virtude o que hoje o não sería : creou-as do seu interêsse e paixoens. As virtudes de ferro dos primeiros Romanos so assoalhão um povo ainda salvagem. A civilização de Roma consular, e de Roma imperial não passava de Roma, ou para melhor dizer d'um numero de familias Romanas : fóra de Roma em nenhures se encontrava. Procura-la-hemos na inepcia e fereza de nossos maiores ¿ E que são nossas leis e antigos costumes ?, Não esqueçamos nunca, que *entre todos os povos tem sido olhada a escravidão como condição da humanidade*, o que basta a lança-los desta questão.

O oriente nada mais é que barbaria : e não se sabe épocha, em que outra cousa fosse, e mal póde prever-se quando mudará de feição. Ahi a mór parte dos homens é só um pouco graduada acima dos de mais seres :---o despotismo e as religioens apagaram ali o primeiro cunho do homem.

O velho Egipto origem de todas as cousas, primeiro modello das sociedades humanas, escola da Grecia, que ensinou a Italia, que instruio a Europa;---o Egipto foi um cahos, em que a luz e as trevas se combatião : a razão humana éra ali sotterrada sob a mole das superstiçoens. Desta terra, aliás fecunda em maravilhas, sahiram todas as extravagancias, que o espirito humano póde engendrar.

Tal é a historia philosophica dos povos antigos. Ella appresenta só uma feição phisiognomica :---*a humanidade inteira entregue á força,—coberta a superficie da terra pela ignorancia e barbaridade.*

Nós não tomamos datas das origens das cousas : – nossos annaes so alcanção os tempos de degradação ; porque sem dúvida o justo precedeu o injusto, assim como o direito precedeu a força ; alias fôra

necessario dizer, que o mundo fôra creado pela violencia, injustiça e loucura. Nessa noute tão escura e longa alguns fachos se accenderam, alguns raios descobertos entre as ruinas d'Athenas e Roma trouxerão até nós a sua claridade ; e este frôxo reflexo originou a luz, que hoje brilha na Europa : ésta luz contudo não é pura : todos esses, a quem fere, trabalhão por faze-la recuar á noute d'onde ha pouco sahíra.

*Quão prodigiosa é a tarefa de dissipar trevas d'uma espessura de trinta seculos, e restitituir á razaõ um imperio, que perdera!* Embora : a luz separou-se das trevas : o mundo está na sua *segunda creaçaõ.*

A Europa hoje ja não é barbara:—é humana e policiada--A educação dos povos e dos reis é hoje mais generosa,—a sua instrucção mais profunda—A educação de per si faz o homem.—As necessidades moraes dos povos cresceram. Ja lhes não basta que os governos não sejão barbaros; pedem que sejão justos e generosos. Não lhes basta uma *escravidão adoçada,* pedem uma *liberdade fundada em direitos* e na dignidade do homem:—não é sobejo que a sua felicidade dependa da benevolencia dos chefes,—querem-na fixa em leis tutelares, menos movediças, que o alvedrio dôs reis.

Dous mundos marchão em sentido contrário ; os povos e os governos se deslocão: obrão por interêsses oppostos, e em tudo as vontades se chocão.

Está aberta uma guerra decisiva entre os *principios** e os *prejuizos.* Mas os prejuizos são o erro e os principios a verdade ; e a verdade so é vencida quando lhe faltão sustentaculos. Ora n'esta causa toda a Europa civilizadada combate por ella. Em quanto os prejuizos dominão, possuem toda a força da sociedade : destrui-los é *desorganizar* a sociedade, que tinhão formado, mas não dissolve-la, como gritão esses, que devem tudo aos prejuizos.

As naçoens não perecem facilmente. Toda a revolução popular é feita contra uma *ma* ordem de cousas em favor d'uma ordem *melhor :*---se a ordem fôra *boa* não haveria *revolução.* Uma tal revolução não e uma *conjuração.* Um estado mal organizado tem uma madureza, em que cahe. As crises politicas tem symptomas como os tem a morte. O descontentamento geral é symptoma infallivel. Conhecido elle, a crise é predicta: so é incerta a hora ; e o menor accidente a faz chegar. Aconselhem-se os reis com a *opinião publica :* ella ensina tudo, e jamais engana.

* Dizia Sir Francis Burdett n'uma carta ao club celebrando a sua eleição em 25 de Maio deste anno (Times de 26)—The army of *principles* are on their march ; no power on the earth will long be able to withstand their progress untill they have reached their natural termination in the establishment of *justice* and *liberty* all over the world—

As revoluçoens são por tanto *necessidades:* ——deve mesmo dizer-se em honra dellas, que nascem de sentimentos generosos, e do desejo do bem publico:—assim como cumpre dizer em odio das contrarevoluçoens, que são os *interesses pessoaes* quem as operão. Combine-se a revolução de 24 d'Agosto de 1820 com a contrarevolução de Maio de 1823:—e nunca esqueça o odio figadal, que róe os contrarevolucionarios, (a despeito das instituiçoens novas mas revolucionarias) contra os que em 1820 guiaram a vontade dos povos.

*As revoluçoens naõ saõ combinadas pelos povos; saõ a culpa dos governos: as culpas da Igreja Romana fizeraõ a Igreja reformada.*

Toda a ma ordem gera desordem:—mas esta desordem é uma transição a melhor ordem:—a passagem é sem duvida *terrivel:—custa caro aos que a defendem e aos que a franqueaõ.*—É um intervallo cheio de desfortunios e crimes. As revoluções dos Palacios não são tão complicadas:—o crime a concebe e ultíma. Mas as revoluçoens populares são uma explosão da colera pública. E quem pode enfrear a colera d'um Povo? Depois do primeiro crime, so pára soppeada. É mais facil aos reis preveni-las, que aos povos limita-las. Mas o *medo* tem feito mais em favor dos povos do que a benevolencia dos reis. Os reis, temendo-se surprendidos isoladamente pelo espirito da revolução, ligaram-se. Nada póde resistir ao podêr d'uma liga animada d'um só mesmo espirito, que se defender contra um mesmo perigo; mas é ao mesmo tempo reconhecido e confessado, que este perigo é immenso e imminente.

Os reis ameação tudo, porque temem tudo: desenvolvem mais forças contra um ente metaphysico—*a opiniaõ,*—do que contra exercitos conquistadores.

Em última analyse o espirito revolucionario da Europa tem um so voto, um so principio---IGUALDADE de DIREITOS. Eis-ahi a sua base e fim: é para este unico ponto, que se dirige todo o movimento europêo.

Esta igualdade de direitos nada mais é do que a *justiça distributiva*, que abrange toda a moral, toda a virtude, e todo o dever. Sem esta justiça, o que são os homens? Porque singular aberração, porque fatal perversidade do coração humano acontece, que princípio tão verdadeiro, tão obrigatorio, tão inherente á natureza humana é negado e combatido pelos *reis*, pelos *grandes*, e pelos *padres?* Pelos reis sendo depositarios e distribuidores de toda a justiça:---pelos grandes, que nao devem a sua elevação salvo a essa justiça, que recompensou as virtudes de seus paes:---pelos padres, que receberam de seu fundador o mandamento expresso de préga-la, e estabelecê-la?---

Eis-ahi o espectaculo, que a Europa offerece. Lançando os olhos sobre essas povoaçoens atormentadas, vêem-se divididas em dous

grandes partidos, de que um infinitamente superior em *numero*, em *merecimento*, em *luzes* reclama a applicação rigorosa deste principio,—e o outro mui inferior em numero, e em todas as mais vantagens, rechaça-o com todo o esforço e poder, que ainda tem nas mãos, sem que possa antever-se quando acabará o combate do justo, e do injusto—do direito e da força—do privilegio e da igualdade—

Os reis considerão como direitos os abusos da fôrça mantidos por ella por mui largo tempo :—os povos altercão, que contra elles não ha prescripção, e negão a legitimidade da fôrça. Eis-aqui a causa contradictoria, que arma as sociedades contra os governos, e os governos contra as sociedades. Se a força não désse importancia ás pretençoens dos reis ellas serião reduzidas a absurdo. D'ahi vem não ser questão, que sustentão, senão que talhão. As conclusoens da espada não tem réplica :---a fôrça não faz direito, mas estabelece o facto ; e o facto é toda a logica da fôrça.

Os reis hoje não tem a cançar-se com as ameaças e complicaçoens do futuro. A politica européa simplificou-se, e o seu espirito mudou-se. Nos desenhos d'antiga politica os povos erão *meios*, hoje são o *fim* mesmo da nova politica. Os reis ja não tem a tractar entre si, tem a tractar com os seus povos. Como o perigo é so um, a defeza é uma so. Tudo se tornou commum entre os reis, como tudo o é entre os povos. *O poder absoluto* está á vista do *poder constitucional.* So ha duas maximas politicas na Europa : a victoria so hade deixar uma.

O espirito constitucional não é o espirito *republicano.* Um exame fundo da opinião pública prova, que nunca os povos europêos forão menos inimigos dos reis. So escrevedores superficiaes é que tem ousado sustentar, que o espirito republicano é o espirito do seculo : isto so é verdade ácerca da America ;—mas a America em nada se parece com a Europa.

*O espirito do seculo é contra a* ARISTOCRACIA *e não contra a* REALEZA. Foi no 15º e no 16º seculo que o espirito republicano ameaçava as cabeças coroadas. As revoluçoens da Inglaterra, da Hollanda, da Suissa, de Genova, de Napoles, de Genebra : as tentativas das Hespanhas : as revoltas da Italia, dos estados d'Allemanha, da Belgica : as guerras civis de França :---os projectos dos reformados,—as tramas da liga,—tudo comprova a que ponto a europa estava agitada, e possuida do espirito revolucionario.

A França em nossos dias foi republica, mas não sendo os seus fundadores apoiados nem pela educação, nem pela opinião republicanas, estabeleceram-na pela força e crime. Durou em consequencia tanto quanto a violencia. Foi um sonho d'alguns, que quizerão fazer por *leis*, o que so pode fazer-se por *costumes.* A França foi pois republica sem ser republicana. So teve um nome e durou um dia. Este ensaio prova a fraqueza das leis e o podêr dos costumes.

Podem-se mudar, mas não resistir-lhes. Porem leis violentas não durão tempo sobejo a mudar os costumes: so cabe nas leis justas e humanas arreigar-se no tempo e produzir costumes novos.

Se a esse tempo o espirito revolucionario começava a fecundar a europa, devêra de ter recuado ante os desfortunios e crimes da França, e deve de haver-se extincto no sangue, que inundou essa republica. Aos olhos de tantos crimes a realeza não appareceu culpada. Reconciliou-se com os povos, e fazendo-lhes justas concessoens pôde julgar-se firmada. Os ultimos eventos o provão.

Nas derradeiras revoluçoens de Napoles, Piamonte, Hespanha, e Portugal não so se não destruio o principio da *Realeza*, mas até o da *Legitimidade* se conservou. Os povos não fizerão estas revoluçoens para conquistar os reis senão para conquistar uma ordem constitucional.

Fallemos claro: ponhamos as cousas em seu verdadeiro ponto de vista. A guerra faz-se contra a ARISTOCRACIA, e não contra a REALEZA;—e se em parte ataca a realeza, é porque quer ser *absoluta*, ou porque arma a aristocracia contra os direitos dos povos. E para nada deixar em dúvida n'esta grande questão, que comprehende todos os interesses da europa, cumpre accrescentar mais, que *a revolta da opinião não é contra a aristocracia propriamente dicta, senão contra a aristocraoia de privilegio, incompativel com a civilizaçaõ actual, tornada insupportavel ás classes esclarecidas da sociedade, nimiamente levantadas hoje pela sua fortuna, educaçaõ e costumes para sofrer superioridades humilhadoras e naõ merecidas, e para perpetuar no meio de si um prejuizo mal defendido pelas leis, rechaçado pelos costumes, que, se naõ é destruido pela autoridade, o será infallivelmente pela razaõ pública.*

A aristocracia é a verdadeira chaga dos corpos politicos:—é o cancro da sociedade. A sociedade repelle uma aristocracia mui derramada, mui separada do seu principio:—pede uma mais justa, mais nova, para que seja mais pura, *e lhe veja a sua origem.* Ja não póde contentar-se com o fantasma vazio de virtude e merecimento *nominal,—quer honrar a virtude e merito real.* O nascimento tão somente parece-lhe uma mentira:—não póde conceber como a despeito de todo o merecimento vivo, em que abunda, se prefira a tradição suspeita d'uma virtude extincta, e d'um merecimento não-transmittido: não que pretenda destruir a dignidade dos nomes, senão que quer que seja justificada pelos que os tem:—quer que o brilho passado reviva n'uma virtude actual, porem indigna-se que a *meros nomes* se deem as jerarchias, as funcçoens, as honras, as riquezas e todas as vantagens do Estado.

De todas as instituiçoens politicas a *aristocracia* de nascimento é sem contradicção a mais funesta á virtude, ao genio, ao engrandeci-

mentos dos povos. Examinemo-lo *sem prevençaõ*, porque fôra odioso, que ella entrasse em questão de tanta monta.*

Como tal aristocracia quer encerrar em si so toda a consideraçaõ, todas as capacidades do estado, segue-se que as immensas maioridades nacionaes são condemnadas á inacção e á vida material:---todos os germes se abafão;---todas as molas se comprimem;---e os chefes do estado privão-se dest'arte de todos os milagres, que sahirião dos povos nobilitados, que terião franqueado os limites estreitos em que estão circumscriptos. Lancem-se os olhos sobre os estados Europeos, e a experiencia do facto comprovará o razoamento. Não se cobrio de prodigios a França durante o pouco tempo, que a aristocracia de nascimento foi destruida? Pondo de parte os crimes da revolução, não resurgiram de todas as ordens, de todos os logares grandes cousas, e grandes homens? Não foi a europa subjugada ao genio seu, ao seu valor? Com a offerta d'igualdade de gloria e d'honras ao merecimento, não fez a França brotar o heroismo de todos os coraçoens, de todos os cerebros? Que fecundidade d'homens, e de cousas se não acharião sob a mão d'um rei, que soubesse buscar todos os mananciaes, e tocar todas as molas!

Digamo-lo d'uma vez: a aristocracia de *nascimento* pela sua preeminencia exclusiva condemna os povos ao nada,---extingue a virtude em seu germe,---embarga o vôo do genio, –secca os mananciaes do estado,—limita as faculdades dos povos, e os meios dos reis. Na situação actual das sociedades,—no movimento rapido, que as arrebata, um anno é um pêzo no destino dos Imperios: os eventos se appressão e succedem com uma presteza, e mobilidade que revela a agitação do mundo.

Esta mesma agitação será de dia em dia mais viva; e o movimento so cessará quando os povos tenhão conquistado o grau de felicidade, que conceberam:---quando tenhão obtido dos governos as concessoens de direitos, que lhes pertencem;---e quando enfim a politica estiver em harmonia com a moral pública, e coordenada segundo o estado de luzes e civilização, a que a europa chegará. É violenta e incerta a sua situação;---mas cumpre parar attento diante dos symptomas que appresenta.

B

---

Leia, nem padre, e torne ainda a ler de vagarinho, o que acabo de escrever-lhe, e quando Vm. ou *qualquer outro* chegar a entender-me, fico certo de que será escusado apontar mais o dever de cada um. No estado actual das cousas, tractar de illustrar os povos será

* Note-se que estamos fallando d'aristocracia de todos os Reinos em geral: felizmente o nosso Portugal póde hoje appresentar algumas exceiçoens não equivocas na prova de que ha entre nós fidalgos, que juntão ao nome havido o merecimento pessoal.

procurar-lhes e appressar-lhes a sua felicidade. Desviar, empecer, ou misturar de qualquer maneira esta illustração, é ser inimigo dos homens,——é retardar o gozo de bens, a que todos tem direitos e para que so não trabalhão os que os não conhecem. Sou seu amigo PALINURO.

---

## CARTA AO PADRE JOSE AGOSTINHO DE MACEDO.

### CARTA II.

Muito Rdo. Padre,—Com sua exemplar, e costumada modestia se tem Vm. muitas vezes apregoado por "varão encyclopedíco:" mas é tam rebelde e *pedreira* esta nação portugueza, ou a parte da nação portugueza, ao menos, que sabe ler,—que a cada antiphona d'estas que Vm. em sua propria festa levantava, respondia ella sempre com um solemne côro de gargalhada.

D'esta heretica pravidade não quero eu ser contaminado; e uma cousa ha, pelo menos, em que sinceramente declaro, que o reconheço encyclopedico, pois tão vasta é a causa, tão immenso e profundo n'ella é V. Rev., que apezar da impropriedade do termo, não duvido chamar-lhe encyclopedico.

Toda a circumferencia do *circulo calumnioso*, todos quantos raios de seu centro são *tiraveis*, tem Vm. corrido com inimitavel despejo, e magistral sciencia: é, é varão encyclopedico, e ninguem lh'o pode disputar.

Tam larga e derramada é sua vastidão n'este ponto, que so pará analizar com algum viso de ordem ésta sua obra prima das *Bestas*, fui obrigado a dividir a materia calumniosa em"pessoal, e real,, Gastei toda a minha primeira carta, so com uma parte do pessoal, e para ésta segunda ja preciso de uma subdivisão de materia: tal é *o mare magnum* de sua prodigiosa fecundidade.

Subdividamos pois a primeira divisão, a pessoal, em calúmnia de individuos, e calúmnia de classes. Fallámos, na carta passada de individuos: fallemos hoje de classes.

É a classe dos negociantes, a que mais particular e afinado ôdio lhe merece, e contra a qual mais injúrias vomita o seu atrabilario rancor. Tem rasão, meu padre. Commercio e liberdade, commercio e governo legitimo e pacifico, commercio e instituições reprezentativas, commercio e luzes, commercio e lei, commercio *e igualdade*, são correlativos tão ligados e affins que um não póde viver sem outro,—e que na guerra das luzes contra as trevas, da civilização contra o privilegio, marcham unidos, e nas mesmas fileiras.

Ai de todos os apagadores, de todos os oppressores, de todos os jezuitas,de todos os governos monasticos em que reguem Cadavaes e, Santarens,—em que dão conselhos Macedos, e iguaes histrioes—ai

d'elles quando aquella phalange, que ás vezes recúa, mas nunca debanda, entrar victorioza nas arrasadas cavernas das camarilhas, das inquizições, e de todos esses gasophilacios de iniquidade e impostura. Tem rasão, padre: o commercio e os commerciantes são os maiores inimigos do dispotismo e da monachocracia.

Quem tirou os povos da isolação em que os poz e quizera conservar o espirito das idades barbaras? o commercio.—Quem annivela as fortunas, e liberta a milhões de escravos condemnados a não possuir em uma geira de terra dando-lhes a propriedade *artificial* da industria? O commercio. Quem descubrio novas regiões, franqueou os limites dos máres, deu novos dados ás sciencias, com que ja cahiram e vão cahindo a maior parte dos prejuizos, e crenças velhas que cegavão e subjugavam as nações? O commercio. Quem fez nascer, crescer, vigorar, e surgir do meio da plebe uma classe nova, poderosa, immensa que veio postar-se entre os derradeiros cidadãos, e a orgulhosa aristocracia para defender aquelles, e conter estes;—a classe média, a formidavel inimiga dos abusos, o sustentaculo verdadeiro da realeza, o freio da prepotencia e o equilibrio dos Estados? O commercio.—Esconjurado commercio, todo o mal de ti vem aos Migueis, aos Cadavais, aos Chicorias, e aos Macedos. Sem ti, sem o que tu tens illustrado o espirito, e altanado o coração dos homens que so deviam obedecer com os olhos fechados, e o coração submisso, D. Miguel fôra um Tito, o Cadaval um Sully, o Jozé Agostinho um sabio, e o Chicoria um homem de bem.

Allem d'este odio geral que o padre lhe tem por instincto, instincto sim, porque, diga para alli a verdade, a razão é muito fina para o seu bestunto a intender; allêm d'isso accresce o rancor especial que Vm. tem aos negociantes portuguezes por sua lealdade conhecida, por seu ardente amor da liberdade, por sua adhezão sincera e votiva á causa constitucional, por seu provado e conhecido patriotismo.

Seu espirito livre, é um dos maiores obstaculos aos planos absolutistas; seus cabedaes excitam a rapinante natureza do governo da canalha, e com a mira n'um e a sanha no outro, Vm. os mimozea com os maiores vilipendios e injurias, estranhando-lhes as mais innocentes acções, invectiva mui particularmente contra os moradores da rua augusta em Lisboa, das flores no Porto, e da Quitanda no Rio de Janeiro. Vm. não é de todo tolo, pois conhece de donde lhe vem uma grande parte do mal, e a seu esturrado partido; porem tenham paciencia,—Vm. mesmo conhece a inutilidade das suas declamações contra esta honrada classe; é voz que clama no dezerto.

Não permita Deos, que eu sepulte no esquecimento a censura que Vm. faz á classe da Magistratura, e não posso negar de boa fe, que não disgostei da pintura que faz do abjecto servilismo com que os Bachareis vergonhosamente vem pretender os logares de lettras; e suposto que a censura de classes não póde ser sempre justa, ésta com

tudo não deixa de ser bem feita em geral.

Mas que Vm. insulte aquelles magistrados, que por não serem surdos á voz da patria, quando na hora do perigo ésta reclamou seus serviços, conservando-se fieis aos seus juramentos, cumprindo os seus deveres para com ella, e o legitimo Soberano, acho coherente. Se alguma acção disculpavel praticou o tyranno foi demitir muitos traidores, que quizeram com elle tranzigir sacrificando sua honra, e seu dever.

Mas que acuze os dezembargadores, a cuja maldade deve Vm. e sua canibal facção o prazer de ver assassinar homens honrados, cujo crime era o amor da patria, e da legitimidade, em alguns somente no coração escondido, é para mim um misterio insondavel ; e so me lembra que os malvados não pagam de outra maneira os serviços que lhes fazem.

Com effeito é onde póde chegar a maledicencia! Os dezembargadores, a classe mais inimiga das luzes, mais traidora, mais atroz, mais infame que tem Portugal,—a que sustenta de sangue e sacia de lagrimas a insaciavel sede e fome do tyranno! Nem essa, nem por taes serviços escapou á sua lingua. Quem lhe escapará ?

Nem as disgraçadas mulheres escaparam á mosca Macedoniana; nada mais ridiculo do que insultar entes tam fracos e desvalidos, entes respeitados até pelos maiores barbaros. e tyrannos; nem creio que Vm. apesar de velho e stuporado perdêsse de todo por ellas a antiga paixão que tantas proezas lhe fez fazer em Odivellas, e outros theatros de sua exemplar continencia.

Não posso deixar de censurar-lhe tam formal ingratidão, mas que hade fazer o écho do barbaro Divan de Queluz ?

Os procedimentos que a Apostolica ahi tem tido com as senhoras fazem recordar a extincta inquizição, a qual de certo está restituida senão de direito, de facto, e apperfeiçoada com a escolha de novos familiares, quaes são todos os indignos sacerdotes que não se contentando com a ordinaria espionagem outr'ora usada, sem pejo lançam mão do respeitavel logar que serve para expiação dos peccados, constituindo assim as familias dos perseguidos na dura alternativa, ou de os delatarem, ou de mentirem no tremendo tribunal, e o tornarem irrisorio, e sacrilego. Isto é que é religião, o mais é historia! D'esta entrangeirinha ainda os pedreiros senão tinham lembrado, é certamente uma das mais felizes descobertas para acabar com a religião, e vale mais que quantas a pedreirada tem inventado: não lhe esqueça de pedirem o privilegio, e um bom premio por tam feliz invento.

Nada desculpa o Bello Sexo no tribunal d'este vil exfrade, que acostumado á crapula e deboxe dos lupanares em que tem vivido, não póde conhecer, nem avaliar virtudes nem incantos da porção da especie que o Creador destinou para affago, e consolação da humanidade.

Nem a idade, nem a fraquesa do sexo, nem o laço do sangue e d'amizade, nem as molestias, nem a impotencia de obrar acções que lhes transtornem os seus planos, nem sua belleza, nem a sua miseria e indigencia as salvam, antes quaes tigres sequiosos so anhelam derramar sangue humano, sem curar de que veias sai: bem mostram que lhe são familiares quantos horrores e barbaridades desde o principio do mundo teem sido praticados. Ve-se que o padre tem feito profundo estudo nos trattados *de tormentis*, e que o seu discipulo Cadaval tem approveitado.

Em tão curto espaço ninguem é capaz de commeter tantos; custa a crer que no seculo XIX. um povo que apenas occupa um pequeno ponto no mappa do mundo, tenha trabalhado tanto por occupar o primeiro logar entre todos os povos, e de todos os tempos na carreira da barbaridade. Assentaram os grandes doutores da lei em Portugal de adquirir renome, fosse qual fosse o caminho, e podem gabar-se que o conseguiram, senão de heroes, de malvados, e serão, certo, collocados pelo mundo civilizado em um throno cuja posse lhe não pode ser disputada, e ninguem lhe inveja.

Oh veneraveis sombras dos antigos Portuguezes, felizes vós, que a morte vos subtrahiu á vista de tantos horrores, e não estais manchados da carniçaria com que estes vossos bastardos, e e degenerados descendentes espantam o mundo.

É tal a raiva e rancor que o sordido e furioso padre *Forcas* tem ao Bello Sexo, que em quasi todos os seus numeros não deixa de dar-lhe algum couce, protestando sempre a continuação d'elles. Sacía, monstro, (se é possivel) a tua raiva; a virtude ainda póde soffrer mais, e só consiguirás fazer mais martyres do que as persiguições fizeram nos primeiros seculos do christianismo: os Portuguezes fieis não trocam a vida pela honra, tu mesmo o confessas, e como tanta virtude te espanta, queres fazer-lhe perder o merito chamando-lhe "*teima*." Mas tu não és o competente juiz, o mundo imparcial o dirá.

A fome insaciavel de satyrisar, ou antes de dizer mal não póde o perverso padre em Portugal saciar; no seu numero vinte e um, ultimo que ás minhas mãos por ora chegou, deitou-se aos mares, vai ao novo hemispherio descobrir novos objectos de sua virulenta maledicencia.

Choca o senso commum a insolente diatribe, que Vm. faz á nação Brasileira, não querendo conceder aos habitantes d'este vasto e rico paiz ha pouco emancipado, e inscripto no cathologo dos povos livres, nem siquer a qualidade de homens, escurecendo a bem sabida verdade, de que muitos d'elles tem figurado em Portugal, tanto na universidade, como em todos os empregos d'estado, atrevendo-se a chamar-lhes semi-homens, e querendo avaliar por um grande ob-

sequio o fazerem os Portuguezes d'elles uma colonia d'escravos; dizendo depois, que Vieira fôra o primeiro que advogára energicamente a justa causa da sua liberdade, (que contradição ?) e que depois os Portuguezes constítuiram o Brasil nação e a *bêsta* Imperio.

É demasiado insultar não so aos Brasileiros outr'ora Portuguezes, mas a todo o genero humano; é aonde póde chegar a impudencia o classificar a escravidão como um obsequio, seus similhantes como macacos.

A naturesa não reconhece distincções, creou a todos os homens iguaes, e não há direito Divino, ou humano que auctorize doutrina tam extravagante e criminosa, se bem que conforme á dos despotas theocratas seus consocios, que so querem para si a liberdade, e para os outros a escravidão.

Até quando o céo tolerará sôbre a terra taes monstros, vergonha, e açoite da humanidade! E o parallelo entre o senado Romano, e o Brasileiro! Ha coisa mais ridicula, mais pueril no pensamento, mais desavergonhada nas expressões? Quereria Vm. que n'um imperio nascente as luzes tivessem chegado ao seu zenith como n'uma republica ja então viril, e formada? Se os oradores brasileiros que nomeia, não igualam os Ciceros, não merecem com tudo a censura de idiotas; seus discursos a prol da patria, e da liberdade mereceram mais vantajoso conceito do orbe civilisado, e menos se devia esperar de homens apenas libertos, e no primeiro crepusculo da liberdade.

Deixe que o espirito humano siga a sua marcha natural; so o tempo conduz a perfeição ás sciencias: tudo tem comêço, e não espere fructos sazonados antes da competente estação: o Brasil ja não é a *preguiça*, cujos movimentos mal se percebem; elle marcha rapidamente pela carreira das luzes, e da civilisação mais do que podia esperar-se d'um paiz nascente, que ainda não acabou de desfazer os vergoens das cadeias que o haviam retido n'escravidão.

O outro crime que Vm. lhe imputa, de transtornar o commercio Inglez, e fazer entroixar o fatto aos mercadores Inglezes para abandonarem o Brasil por se achar sem vintem, bem longe de merecer imputação, é sua maior apologia; oxalá que os ávidos monopolistas insulares largassem não so o Brasil, mas todas as outras nações em que como harpyas tudo empolgam, deixando-as redusidas á miseria, para que livres do seu pestilente bafo, ellas possam remediar os malles por elles causados, e reduzam os perfidos insulares ao que Buonaparte os tinhão sentenciado.

Meu padre, as mais injurias aos Brazileiros não surtem o fim, que Vm. cuidou. Elles sabem distinguir entre a nação portugueza, e os que foram oppressores e carrascos de Portuguezes e de Brasileiros, e agora cobertos de sangue portuguez, desafogam sua impotente raiva

contra o Brazil, que não podem empolgar e devastar, em injurias e improperios.

Não tarda quem vem. Deixe estar que ainda hade chorar amargo todos esses desafogos. Em vez do seu pueril projecto de fazer um Paraguay em Portugal (com o Doutor Miguel por Doutor Francia !) aconselho-lhe antes que se va preparando para uma viagem aos sertões d'Africa, onde á sua vontade podem fazer um Paraguay—antes uma Thebaida, bem isoladinhos de todo o mundo, Vm., o Chicoria, o Cadaval, o Santarem e mais companhia *chamorra.*

Quem me aviza meu amigo é ; e eu que o avizo é porque sou muito seu amigo e venerador,—VIRIATO.

---

### CONSEQUENCIAS DO RECONHECIMENTO DE D. MIGUEL PARA A LEGITIMIDADE E PARA OS THRONOS.

Em quanto em Paris tanta gente falla e discute por ahi além sobre legitimidade, ei-la que levou em Hespanha um revez terrivel, o que bem se póde chamar um bofetão;—e então por que mão foi elle dado? Por um principe que vendo-se outra vez na summidade do poder, o primeiro uso que fez da falla, que a espada franceza lhe restituíra, foi declarar *que jamais cercearia coisa nenhuma do poder que lhe vinha de Deus,* quando mui bem se sabe que lhe veio de Carlos V, vencedor das *communs* (camaras municipaes) de Castella, e fundador do podêr absoluto em Hespanha, onde a auctoridade Real tinha sido sempre limitadissima. Este direito divino achou-se um dia na ponta da espada de Carlos V., quando o clero, e os nobres se voltaram contra as communs que elles tinham invocado para os ajudar a expulsar os conselheiros flamengos que Carlos tinha trazido comsigo para Hespanha, cujo favor e empregos os grandes para si ambicionavam. Mas elles recearam quando viram os seus alliados reclamar os direitos da nação, bem como em 1789 se viu as duas primeiras ordens do estado, que tinhão chamado a terceira ao combate contra a Côrte, reunirem-se a ella, e voltarem-se contra o terceiro estado apenas elle mostrou a tenção de passar de todos os seus interêsses privados ao intêresse geral pelo estabelecimento de uma constituição verdadeira. Tal tem sido constantemente a marcha das aristocracias: chamar o povo para as sustentar contra os outros podêres, repeti-lo quando, chegando-lhe a sua vez, elle quer participar do podêr. Voltemos ao reconhecimento de D. Miguel. Este nome lembra tudo quanto ha mais hediondo na usurpação: vemo'-lo subir ao throno pelo caminho dos attentados, com um cortejo de procedimentos que affrontam e espantam a civilização actual. Passou-se por cima de todos estes signaes de reprovação, e ousou-se dar a mão áquella mão que a Europa repulsa com horror! Pondo de parte os parallelos que naturalmente se

offerecem entre a usurpação consummada em Aranjuez e a usurpação tentada na Bemposta, entre as acquiescencias dadas em Bayonna e em Valançay e as dadas em Vienna, entre os juramentos prestados em Madrid ás Côrtes e os prestados em Lisboa a D. Pedro, perguntaremos. 1. Que direito confere a D. Miguel o reconhecimento Hespanhol? 2. Por que titulo Hespanha decide entre D. Pedro e D. Miguel? 3. Por que titulo toma ella a iniciativa sôbre a Europa em uma questão que interessa á Europa inteira? 4. Como se póde conciliar este reconhecimento com tudo o que o Soberano de Hespanha tem feito e ditto segundo os principios da legitimidade? Em parte alguma elles tem sido levados mais longe, em parte alguma se infligiram mais sevicias em nome d'estes principios, e eis que de repente desertando d'esses principios, por uma transição violente ao extremo opposto, Fernando legitíma a mais flagrante usurpaçoã de que ha memoria.

Aqui se apresentam as mais afflictivas reflexões. A legitimidade é um d'aquelles bens de que cumpre saber gosar sem discutir sôbre elles, uma d'aquellas questões que o repouso das sociedades pede que se deichem dormir sôbre seus fundamentos, e que é preciso saber tractar com temperança e moderação, e com a prudencia de piloto habil que dirige o seu navio por entre baixios e escolhos; —— que la está a historia para responder a essas exagerações apaixonadas que não admitem a possibilidade de uma sociedade sem legitimidade: ella mostra que a Suecia não padeceu com a usurpação de Gustavo Vaza, que a sua condição não empeorou com a ausencia de Gustafson; que a Inglaterra não perdeu na substituição da Caza de Hanover á de Stuart, e que a Russia se não deu mal com a de Catherina á de Pedro III.

Não permitta Deus que taes exemplos se invoquem contra os principios da legitimidade; elles somente o são contra as exagerações com que a abalam pela má escolha das apoios que pertendem dar-lhe. Seja porêm qual for o valor intrinseco d'esses principios de que agora não tractamos, sempre é forçoso reconhecer que logo que se estabelece um dogma rigoroso, que o elevam ás honras de salva guarda das sociedades, que o appresentam aos homens como precioso penhor de seu repouso, como a origem de seus direitos proprios, é preciso atter-se invariavelmente a este princípio e não derrogar d'elle por nenhum pretexto, bem como na moral senão deve por protesto algum derrogar dos preceitos estabelecidos. Um princípio d'ésta natureza assemelha-se aos da moral e adquire a mesma inviolabilidade. Adheri pois a elle como se adhere á moral, a respeito da qual ainda ninguem se lembrou de pôr ao lado do preceito a faculdade de derrogar d'elle; fazei o mesmo com a legitimidade. Querei-la como princípio inviolavel: muito bem: mas sustentae o princípio: não vale a pena de o elevar tam alto para a deichar cahir um momento depois: o vosso intento é persuadir; mas como

podereis estabelecer-vos em cabeças pensantes com contradições? A injunção e a derrogação postas uma aopé da outra não servem senão para lembrar aquella inscripção gravada sobre uma imagem de Paulo I. Imperador da Russia: *ordem e contra-ordem, desordem*. Dizer sobre a mesma coiza *sim* e *não*, dizer que ella é ao mesmo tempo branca e preta, não serve senão para embaraçar a razão. Fazer para os outros de um princípio dado e convencional, um jugo severo sob o qual devem curvar-se todas as frentes, e dispensar-se a si delle é o mesmo que dizer aos homens que ha duas moraes, uma para os que mandam outra para os que obedecem, é ensinar-lhes que não ha altar verdadeiro senão para a força e para a fraude, e que para o podêr as apparencias bastam; —— dogma detestavel proprio unicamente para transformar o mundo em escola de enganados e de enganadores. A necessidade de ser coherente comsigo mesmo augmenta segundo o grau de luzes a que tem chegado os povos. Pois quê! elles adquiriram o podêr de penetrar as profundidades dos ceos e as da terra, de ler, de medir tudo que tem escripto ou edificado as mãos sabias que cubriram o Egypto de maravilhas, e não serão ainda capazes de ajuizar da conformidade das acções com os principios: é zombar da gente! Não ha muito que toda a soberania Europea reconheceu todas as creações reaes de Napoleão. A Inglaterra na paz de d'Amiens reconheceu a republica franceza: em 1814 ella reconheceu Murat em Napoles: em Abo nasceu a nova ordem de coisas da Suecia. Quando os autores de todos estes reconhecimentos nos véem prégar com o princípio da legitimidade, não temos nós direito a dizer-lhes: "Os vossos actos são contrarios aos vossos principios. Princípios foram feitos para reger, e vós quereis reger os princípios e os dobrais a sabor de vossas paixões.

"A moral não se curva diante da politica. Pelos vossos actos haveis reconhecido que ha necessidades sociaes superiores áquellas sôbre que assentastes vossos princípios; e princípios que se podem amolgar e ceder a outros não são princípios." Em boa fé, que resposta se hade dar a este terrivel argumento?

Não apparece o mesmo ataque, a mesma destruição de princípios quando se invocam illegitimidades para restabelecer a legitimidade? Tal é a contradição affrontoza ao espirito humano, que a Hespanha apresenta agora com o seu reconhecimento de D. Miguel. Ha muitos annos que n'aquelle paiz se fazem proscripções em nome da legitimidade, e eis que ahi mesmo se legitíma a maior das illegitimidades! Na verdade com tal contradição, onde pretende o rei de Hespanha levar o seu povo?

Não é so isto. Reclama-se a honra dos thronos e com muita razão, porque tirado o respeito, o throno perde a natureza de prin-

cípio na sociedade; mas não exigirá esta honra d'aquelle que occupa o throno os titulos necessarios para o respeito que pede o throno? A honra de um poderá separar-se da do outro? O reconhecimento de D. Miguel é pois huma verdadeira calamidade para a honra dos thronos, uma derrogação do respeito que lhes é devido. Como se poderá respeitar um throno ao lado do qual hade sempre estar escripto *Bemposta, Vienna, Lisboa, Porto, D. Pedro, D. Maria!* E scenas d'estas representaram-se á face da Europa do seculo XIX? A realeza deveria ser mais avisada por seu interêsse e pelos nossos. O espirito humano tem-se feito investigador e tem sabido remontar-se até o princípio da sociabilidade; a realeza, assim como todas as instituições humanas está classificada e avaliada; oito republicas Americanas a contemplam: grandes actos ha quarenta annos a ésta parte tem abaixado o pedestal sôbre que ella se tinha alevantado.

Éstas novas circumstancias criaram para a realeza a necessidade de uma grande circunspecção em seu proceder.---Os homens não recuzam a obediencia; mas querem-na acompanhada de dignidade, ao nivel dos sentimentos e das luzes inseparaveis da sua civilização. Elles vão ao encôntro do que é coherente, mas recuam diante d'aquillo que os choca. Ora, entre D. Miguel e a civilização da Europa ha um mundo inteiro. Se a Hespanha teve a temeridade de passar a barreira, respeitem-na os outros. A Europa applaudiria a uma cruzada contra este homem viva contradicção e vituperio da civilização Europea. A sua proscripção por todos os thronos sería da parte d'elles um protesto a favor de sua propria honra. Poderiam os representantes de D. Miguel á face dos povos tomar logar entre os dos principios justamente respeitados, sem que estes se envilecessem e degradassem com similhante vizinhança? Poderiam as nossas leis lançar n'um carcere a quem dissese deste estranho rei a centesima parte do que se póde (e com aplauzo) dizer de D. Miguel? Se em consequencia dos attentados de D. Miguel a caza de Bragança transplantada ao Brazil, perder o imperio sôbre Portugal é uma infelicidade de familia; mas a honra dos thronos está primeiro que os interêsses das familias, o interêsse da sociedade humana absorve todos os outros. O reconhecimento dos estrangeiros criaria para os Portuguezes a lei do respeito a D. Miguel, a lei da confiança que deve reinar entre o throno e o povo, a lei da reunião entre os homens dos quaes uns tem servido de carrascos a D. Miguel, e os outros de victimas. Oh! isto é demais; e a humanidade protesta contra tudo o que n'ésta causa possa suggerir a politica, legitimidade, thronos, verdade, honra, coherencia entre palavras e acções: eis ahi o que deve ser inseparavel, eis ahi o que é tam bom, tam indispensavel para nós como para elles. Quereis governar-nós? fazei-o sem contradicções; quereis respeitos, elles irão ao vosso encontro, mas cuidae em

que nas vossas pessoas nem á roda de vós haja mancha! Nós ja não intendemos as coisas separadas dos seus elementos, dos seus characteres distinctivos e dos seus principios de vida. Honra e razão,—eis ahi a verdadeira vida do homens, eis ahi a que nós reclamâmos. Quanto áquelles que so tractam de revolver questões que excedem a esphera de seu espirito, que perdem quanto tocam, que não sabem senão prejudicar os amigos que dizem querer servir, nem nós nem esses amigos temos percizão senão do seu silencio. Se eu tivera semilhantes advogados, havia de pagar-lhes muito bem mas era para se elles callarem.—DE PRADT.

——o——

*Senhor Arraes do Chaveco.* Usa a sua companhia tratar de *Chamorros* aos renegados e desleaes Portuguezes que se lançaram com D. Miguel, negando preito e obediencia á sua legitima rainha; e dizem que o fazem—" porque *chamorros* tambem nossos antigos chamaram aos Portuguezes que nas guerras com Hespanhoes tomavão as partes de Castella."

Ora, meu Senhor, n'esta parte, creio eu, que ha da sua alguma equivocação. *Chamorros* não chamavão os Portuguezes aos seus renegados; mas assim chamavão os Hespanhoes por chasco a todos os Portuguezes do tempo de João I., porque estes usavão cabello cortado, (que isso significava essa palavra em Castelhano) quando aquelles nunca se tosquiavão, mas tinhão por brio, donaire, formozura, atavio, e louçania o açoitar suas espaduas com grandes melenas e guedelhas. Porisso, alludindo a essa alcunha o nosso chronista Fr. Manoel dos Santos com chistozo desenfado lhes retruca—"a força dos Portuguezes não estava como a de Sansão posta nas guedelhas."

Esta antigualha vem no tomo 6o. da Monarchia lusitana, que possuo, e posso emprestar ao Sr. Arraes, pois he roteiro certo e segura carta de marear, sem a qual o melhor piloto póde *escorrer*, como diz diz Barros, ou como hoje dizemos, *varar o porto*.

Eu sou um dos que mais approva e admira os talentos, e saber que floreão como flamulas, e galhardétes, nos mastros do chaveco; portanto dezejava eu navegar em sua conserva, quero dizer, alcançar a honra de ser sócio correspondente, a estilo das Academias, na companha do chaveco.

Eu ja fui (que não é ruim agouro) d'aquelles que em 1808, n'uma casca de noz sahio de Olhão para o Rio de Janeiro a levar novas da restauração de Portugal: talvez esteja eu guardado para repetir a mesma boa viagem.

Adeus, Senhor Arraes; tomára ja vê-lo de vêrga d'alto para a sua última viagem, e o Camões a dizer-lhe:

Podeis-vos embarcar que tendes vento,
E mar propicio para a terra amada!

Estes são os sinceros dezejos do seu grande admirador

MANOEL MARQUES NAUTILO
*Piloto de numero.*

---

*Em resposta á carta acima.*

Na chronica do Condestavel cap. 51—se diz que n'aquelle tempo davam ésta alcunha aos maus Portuguezes, que seguiam as partes d'El-Rei de Castella, e vinham fazer as guerras a seus compatriotas—

Sabemos, que *chamorro* era epitheto injurioso, que os Hespanhoes nos davam, e que tanto vale como *tosquiado* do vasconso *chamorroa*, como diz Moraes—no seu diccionario da lingua Portugueza.—

Por aqui verão os nossos leitores que admittimos toda a disputa decente, e respondêmos a toda a arguição que nos fizerem, uma vez que seja bem-creada e com senso commum.

---

EXTRACTOS DOS JORNAES FRANCEZES, INGLEZES, E ALLEMÃES.

*Paris.* Ésta embrulhada ministerial de 8 de Agosto parece tocar o seu termo. Esses homens que tinhão espreitado o encerramento das Camaras, para chegar furtivamente ao seu fim, achão-se ameaçados de desaparecer da scena, antes que ellas tornem a ajuntar-se.

Elles passaram entre o fim de uma sessão e o principio da outra, como uma especie de acontecimento bisarro estranho á natureza do sistema representativo. A França julgará que isto foi somente um sonho, que se dissipou com o nascer do dia. Na verdade, que este desenvolvimento não póde falhar. O rei estando attento e vendo de perto qual he a falta de poder de seus novos conselheiros; a sua inconsistencia e a sua divisão, terá necessariamente excitada a sua alta sabedoria. A mesma impressão á roda do throno, e em tudo quanto toca de mais perto o coração do rei. Ha pouco que as pezadas e estereis declamações de M. de la Bourdonaye, tem sido repentinamente interrompidas por esta pergunta, sahida de uma augusta bôca." Mas em fim, tendes-vós a maioria! He ella possivel?" M. de la Bourdonaye nada respondeu; calou-se.

A tudo isto M. de Polignac acha um unico remedio, e vem a [illegible]o de se fazer nomear presidente do ministerio em ruinas; nisto consiste o seu patriotismo, e eis ahi todo o serviço que elle quer fazer ao publico. He d'aqui que nasce o disgosto crescente de M.

de la Bourdonaye, e o boato de sua demissão, que parece ser bem fundado.

M. de Chabrol, esperando montar-se a cavallo, como homem capaz d'entrar em acção, fatiga os cavallos de sua carrossa,em correr como um negociador, carregado de offertas e promessas.

Mas em similhante confusão a quem se reunir! Qual é o homem presente, que mereça credito? Accreditar-se-ha acaso que a França precise do credito de M. de Polignac, para livrar-se de la Bourdonaye? Se este último nome, nome de mau agouro, fôr separado do ministerio, não he ao rei, só ao rei, a quem se deve dirigir o reconhecimento público? Sim o rei vella sobre a França, o rei a protege. Nós teremos bem depressa uma prova evidente, e nova. (*Jornal des Debats* 16 *de Novembre.*)

## O CHAVECO.

*Londres, quarta feira* 25 *de Novembro de* 1829.

Os jornaes inglezes offerecem, como ha muito tempo, pouco ou nenhum interêsse ao leitor continental. Miserias de Irlanda, duttos de insenso ao duque de Wellington, insultos á nação franceza porque tem a confiança de querer ser livre e independênte, e recusa acceitar o deputado-quartel-mestre-general do heroe de Waterloo—elogios á moderação (coitadinhos!) do Czar,—descomposturas aos Gregos e ao seu presidente—agua benta sobre os crimes de D. Miguel—calúmnias ao partido legitimo e nacional portuguez—eis ahi o que contêem os jornaes que por hábito ainda se chamam liberaes—Os *ultras* dizem, *mutato nomine*, as mesmas coisas.

Alguma rara e honrosa excepção fazem á vergonhosa regra, uma ou outra folha da capital e quasi todas as das provincias.

Ésta exposição succincta mas exacta do espirito dos jornaes inglezes basta para mostrar o da opiniaõ d'este paiz. Na capital o influxo do govêrno corrompe e empece a expressão dos votos publicos; nas provincias o verdadeiro espirito britannico, livre, honrado, leal não acha entupidos e obliterados os cannaes de sua communicação, e aparece tal como é. A célebre carta de Mr. Knight, que todos os jornaes mais ou menos parcialmente tem analyzado*, vem em apoio d'esta observação. A errada politica do actual ministerio é geralmente sentida, conhecida e

* No seguinte número daremos parte d'esta publicação; não o fizemos atequi porque não quizemos fazê-lo á toa e pelos simples extractos dos jornaes inglezes.

reprovada da parte san e sensata da nação. Tudo o mostra, tudo o confirma a quem reside no paiz e o conhece. Os nossos infelices compatriotas a quem a necessidade ou a força retem nos carceres ou nos desertos da patria, não podem pela leitura dos jornaes de Londres formar o mesmo conceito: e esta é a razão pela qual lhe explicamos o que n'hum paiz estranho parece enigma.

Esta apparencia dos jornaes de Londres é enganosa e ficticia: a opinião nacional é outra, a opinião nacional é a que se manifestou nas ultimas sessões do Parlamento passado; e que mais valente e poderosa se hade apresentar desde o primeiro começo da que se approxima.

Ésta força da opinião, que os jornaes procuram mas que não podem seduzir, é a que hade stigmatizar o proceder do ministerio nos negocios do oriente, cuja conclusão foi golpe mortal na fortuna, nos interêsses, na importancia, na honra da Gran' Bretanha,—é a que o hade accusar á face da Nação e pelo orgam do Parlamento, por sua parcial, injusta, inhumana e impolitica intervenção nos negocios de Portugal.

Dizemos *intervençaõ*, porque real e verdadeira intervenção tem havido da parte de Inglaterra nos negocios de Portugal,---e de que a houve, ja hoje a nação esta persuadida e convencida, apezar das jesuiticas distincções do *Times* e das cavilosas asserções dos ministros. "A historia de Portugal, ha uns poucos de seculos, "não é senão uma serie ininterrompida de intervenções da parte "de Inglaterra:" disse no Parlamento um dos mais distinctos de seus oradores. "A historia da usurpação de D. Miguel (acrescen- "taremos nós) não é senão uma serie de intervenções da parte de "Inglaterra." Não é ésta a propria occasião nem logar de deduzir as muitas e exuberantes próvas que temos de tal asserção: fa-lo-hemos a tempo e em breve. Por ora basta dizer que não ha um Inglez de senso commum e boa fe que o nãõ conheça com pejo. Sejam pois quaes forem as sympathias do govêrno pelo desgovêrno de D. Miguel, elle não ousa ainda abaixar-se até á infamia de o reconhecer. Mas são éstas, *estas sos* considerações de conveniencia e de politica as que o rettem. As de *justiça*, inda mal! assas sabido é o pouco que valem.

Inglaterra reconheceu D. Pedro IV. explicita, clara e positivamente. É desnecessario e ridiculo ir buscar as próvas d'este reconhecimento em actos que o ministerio inglez em tempo nenhum quiz reconhecer nem sanccionar como o de *incumbir-se Sir Charles Stuart de ser o portador para a Europa da Carta Constitucional.* Muito mais quando Sir Charles Stuart era então ministro---e por nossa desgraça

o foi!—de Portugal, como plenipotenciario d'el rei D. João VI. São próvas de ignorante *e leguleio* advogado éstas e outras similhantes que so servem para dar prêza ás capciosas argumentações da parte contrária. Não foi por via de Sir Charles Stuart que Inglaterra reconheceu D. Pedro IV., nem por elle trazer a Carta, nem por nenhum d'esses actos que o ministerio inglez declarou que não tiveram sua *sancção* nem por sua *missão* foram feitos. Inglaterra reconheceu D. Pedro IV. em todos e por todos os actos quantos se passaram entre o govêrno Inglez e o Portuguez desde a aclamação do herdeiro legitimo de D. João VI. até á retirada de Sir Frederik Lamb de Lisboa. Reconheceu-o com a presença de seus embaixadores em Lisboa, reconheceu-o nas fallas de seus ministros no Parlamento, reconheceu-o nas conferencias de Vienna e Londres, reconheceu-o quando seu agente diplomatico se retirou da córte do usurpador, reconheceu-o em tudo e por tudo quanto por direito das gentes e precedentes diplomaticos está recebido por significação de reconhecimento. Mas quanto a D. Maria II, Inglaterra não so a reconheceu, fez mais; obrigou-se mais, vinculou-se mais apertada e sctrictamente, porque contrahiu a obrigação de lhe garantir o throno.

Ésta obrigação, é certo, tambem liga a Austria, porque tambem a Austria tomou parte nas transacções que obrigaram D. Pedro IV. a abdicar a coroa e a pô-la immediatamente na cabeça de sua filha menor. Mas as obrigações da Austria são mais de *familia*, as de Inglaterra mais de *nação*. Se aquella quebrar as suas, quebra os vinculos do sangue, deshonra a palavra Real, deshonra, desacredita, envilece a Realeza; —— mas Inglaterra se quebrar as suas, não é so a D. Pedro que falta, é á nação Portugueza; não é so o imperador do Brazil que injuría, não é so aos Soberanos da Europa que desattende, é ás *nações, aos povos* todos, cuja moral, cujos principios, cujas ideas recebidas, cujos direitos communs calca, insulta, cospe. O imperador de Austria injuría seu genro, falta á palavra a um soberano, trai sua neta, deshonra o seu sangue, e cobre-se a si, a sua familia de opprobrio, se transigir com D. Miguel. Mas Inglaterra vende com osculos de Judas o seu mais antigo alliado, uma nação que ha seculos tem forçado debaixo da sua tutella, sacrifica um povo que sempre fraternizou com ella, que se votou, que se sacrificou sempre por lhe ser fiel: —— Inglaterra quebra tractados de mais de quatro seculos de duração, e dá uma próva de fé punica, de perfidia e de traição que hade espantar o mundo e fazer um horroroso proverbio das ALLIANÇAS INGLEZAS.

As circumstâncias da Europa, se por um lado arredam a attenção dos gabinetes do estado de Portugal, por outro fazem necessario o demorar a solução de sua causa. Ésta *reforma do tempo* não deixa

de ser util á nossa demanda. Assim a approveitemos nós, que bem podêmos!

Tratta-se, dizem os jornaes e parece provavel, de dar um rei aos Gregos. Ochala que seja um rei bem oppressor, que seja *tyrannos* e não *basileys*, para ver se os gabinetes da Europa se não retractam sôbre a independencia grega. Se o novo rei cahir em dizer com o *pastor de povos* do antigo vate dos Hellenos——

**Boûlom' ego laon soon, emmenai é apolesthai,**

se não mandar forjar seu novo sceptro do ferro gothico que so á Realeza é permittido pela oligarchia que nós domina a nós e a ella, —— corre o risco dos Sobieskis, dos Pedros IV., de todos os reis desthronados por *pouco-reis*;—e a nova nação grega o de ser dada a devorar a seus vizinhos como foi a Polaca, como está sendo a Portugueza, como esteve para ser a Franceza, —— como serão tantas outras, se por uma vez se não desenganarem todas a não confiar senão *em si*, a recorrer ao remedio do poeta latino

**"Una salus victis nullam sperare salutem."**

Confiemos, esperemos porêm ainda na fôrça da civilização, que de dia a dia, de hora a hora cresce e apperta o cordão em que tem cercados seus inimigos. Ja o ministerio francez *cedeu*, ja os jesuitas perderam Labourdonnaye; apos ésta cessão, hãode vir as outras: e a necessidade hade fazer o que a razão e a justiça não conseguem.

Temos cartas e gazettas de Lisboa até 7.—Continuação de miseria, continuação de padecimentos do povo, de insolencia da facção que govérna, de imbecilidade do tyranno, de signaes do descontento público.—Com pequenas variações de nomes e datas, a chronica diaria de Portugal é a mesma e repettida.

De nossa particular correspondencia daremos porêm no seguinte número alguns extractos mais interessantes.

Annunciâmos a publicação da Parte XVI, tom. VI. do *Appendice ao Padre Amaro* que acaba de publicar-se, em que além de grande cópia de interessantes documentos, ha varios artigos não menos interessantes e consagrados á defeza da causa por que todos os Portuguezes pugnâmos.

---

## AOS SUBSCRIPTORES.

A sociedade de emigrados portuguezes, que publíca este semanario para o unico fim de sustentar a legítima causa da Rainha e da Carta, annuncia aos Srs. assignantes que, não faltando senão cinco numeros para o complemento d'este primeiro vol., sería muito para desejar que desde aqui até o fim do anno os que quizessem renovar sua assignatura o declarassem ja.

Igualmente pedem que aquelles Srs. que de novo o quizerem fazer, o queiram annunciar antes do fim do anno. A qualquer pessoa que agora assignar para o segundo vol. se darão gratis todos os numeros do primeiro que até o fim do anno tem de publicar-se. Tambem se recebem assignaturas para começar e acabar em qualquer epocha dada que ao subscriptor convenha.

Os directores d'ésta publicação, considerando-se como simples administradores do dinheiro que recebem, e a todos os assignantes como consocios d'ella, não querem approveitar um ceitil de producto. O preço por que o jornal se vende assaz o mostra. Mas alêm d'isso, e para que não fique a minima dúvida aos escrupulosos, elles imprimirão e farão distribuir no fim de cada vol. a conta da receita e despeza d'elle, passando, no caso de o haver, o saldo a favor da empreza para débito do futuro vol. e proporcional restituição a final aos assignantes.

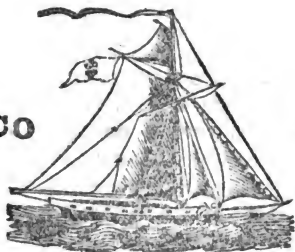
Nenhuma das pessoas que n'ésta publicação se occupam, tanto na redacção do jornal como na administração de sua economia, se abaixaria a tirar lucro de similhante coisa. Elles reputariam sordida e infamante speculação, nas actuaes circumstâncias de seus compatriotas, o entrar com vistas mercantiz em tal empreza, e extorquir-lhes para vil lucro, a minima porção que seja de seus escassos subsidios.

Saibam pois os Sr. assignantes que não concorrem senão para as despezas da publicação do Chaveco, e que no caso de sobrar, seja a quantia qual for, lhes hade ser pontualmente restituida, e por ella se obrigam e responsabilizam in solidum os directores.

*Publica-se este semanario todas as terças-feiras de tarde (com a data da quarta-feira.) Vende-se em casa de H. Huntley No. 23 South-Audley Street, Grosvenor Square, por 9d. cada número: assignaturas até o fim do anno por 10s.*

Impressor por R. Greenlaw, 39, Chichester Place, Londres.

# O CHAVECO LIBERAL.

No. 13 — Vol.

O'er the glad waters of the dark blue sea,
Our thoughts as boundless, and our souls as free.—Byron.

*Quarta feira* 2 *de Dezembro*, 1829.


## CORRESPONDENCIA DO CHAVECO.

*Senhor Reverendo Capellao—Abordo da Balandra Tres quilhas.—*

Achou-me Vm. de bom comer, e assim me vai pespegando quantas empurraçoens lhe vem a lume de fantasia. Se Vm. me encommendasse duas liçoens de construcção, d'apparelho, de mareação, ou pilotagem, *vade in pace:* isso não iria muito fora das *perchas* do meu *beque*, e enfim faria por proejar o mais chegado a vento possivel:—encommendar-me porem um esboço d'um *periodico*, isso, meu padre, é querer ver-me sem *patarraes* com mastreação pezada em temporal desfeito; e so com essa lembrança parece-me desarvorar de vergas, partidas as *ostagas* nos moutoens de *coroa*, e arrebentadas as *palomas*. Mas enfim, que ha ahi, que lhe eu negue a trôco do que Vm. me tem aturado?

Ora pois eu vou appresentar-lhe uma *theoria* segundo os dados, que Vm. me dá; com uma condição porem, que isto hade ficar entre nós como entre *fôrro*, e *costado:* nem o demo hade sabê-lo: olhe que se isto transpira, no primeiro abalroamento, arrazo-lhe os *moucarroens*, e meto-lhe dentro as *escôas*, que nunca mais torna a ser capellão. O dicto dicto. Entre tanto o melhor de tudo é reduzir-lhe eu ja a theoria a pratica. Ella ahi vai—saha o que sahir.

*Projecto exemplificado*

**DA GAZETA DO THRONO E ALTAR**

*de Miguel unico*

Ahi temos o titulo, e ja não temos pouco; ainda que o contrário lhe pareça, saiba, que é isso cousa, que tem desviado muita gente de periodiqueiro: sim, meu padre, muitos tem desistido da empresa so por amor do nome; assim como conheço uma Senhora, que nao quiz aprender a tocar harpa porque o mestre lhe ordenou que cortasse as unhas. A excellencia da escolha do titulo é obvia:—na palavra *Gazeta* eterniza-se a memoria do *Lopes* e do *Queiroz:*—o aceio e nitidez da *Gazeta de Lisboa:*—mil anecdotas da Sublima Porta, alias ineditas:—a notícia das publicaçoens litterarias do *Rosario*, do *Lagosta*, e do *Boaventura.*—No ser *Gazeta* so do throno e do altar de Miguel unico se appresenta d'um jacto a sua preeminencia: porque de véras é do que consta Portugal. O *throno* é composto das seguintes achegas: figure Vm. uma gradação infinita desde o Duque de Cadaval até o *Noli me tangere*, ou o *Fuzarias*, termo da relé, amalgame tudo em excellentissima pasta e çafadissima senhoria, semeáda aqui e alli com empregados publicos de todas as castas; e ornada a espaldeira de fitas de todas as cores sem esquecer a da *real empigem*; e eis-ahi o throno do Rei Miguel. O altar é um grupo de Prelados, Geraes, e Provinciaes entrechaçados de Cabidos e Collegiadas, appoiado de Abbades, Vigarios, Curas e Encommendados, cada um dos quaes tem um largo tubo na bocca applicado sóbre o coração de Lisia em acção de chupar-lhe o sangue, e na mão um *apagador das luzes* mais volumoso que o zimborio de S. Paulo de Londres. Na palavra *Miguel* encerra-se uma verdade patente demonstrada pela etymologia. *Miguel* na origem grega *Michael* quer dizer—*Deus ferindo*—

Aqui vê Vm. como o Deus dos nossos pais mandou um flagello n'esse monstro, que enxovalha o throno que roubára, para ferir despiedado as geraçoens presentes pelos crimes presentes, e passados. *Unico* sabe Vm. bem o porque é tal.

Ora pois basta de titulo. Entremos em materia. A sua divisão deve ser nova assim como o seu arranjo.

Primeiramente cumpre dividi-la por *poderes politicos* segundo a actual Constituição de Portugal: e por tanto teremos —Poder *ecclesiastico*—Poder *civil* ou *desembargatorio*—e Poder *militar*. Demos exemplo.

**PODER ECCLESIASTICO.**

Creou-se uma Commissão ecclesiastica para reforma do clero composta do Prior mór de Christo, Prior mór de Guimaraens, e Deão de

Braga *Motta-Godinho*;—Secretario o Padre José Agostinho de Macedo. O Padre Secretario appresentou á approvação da Commissão a seguinte :

*Carta do Reverendo Sr. José Agostinho de Macedo ao Excellentissimo e Reverendissimo Vigario Geral.*

Ex. e Rev. Sr.—Li a inclusa impressa e licenciada tragedia *Fayel:* no que está impresso nada encontro, que não possa reimprimir-se dando V. Ex. a licença que pede. Ja em uma relação de livros do livreiro Francez Rolland pedi a V. Ex. houvesse por bem haver-me por demittido de Censor, por que nem estudos, nem luzes, nem talentos, nem *Consciencia* tenho para tál emprêgo. O Desembargo do paço por um despacho lançado na livro da porta acaba de supprimir um papel por mim escripto, licenceado por V. Ex. e approvado com elogio pelo Censor que S. Magestade foi servido nomear-me como privativo. Funda-se este despacho no §. 25 da Lei de 30 de Julho de 1795, onde se tracta dos livros contra a Religião, e contra o Estado, vindo a dizer que eu sou reo de lesa-Magestade divina e humana, não tendo eu feito mais que defender sempre uma e outra cousa n'aquelle e em todos os papeis impressos com as devidas licenças, e isto sem se me dar vista, e indo o papel tão solemnemente approvado! Injúria feita a V. Ex., feita ao Censor nomeado por S. Magestade, e feita a mim; por isso não devo ser mais censor nem escriptor—Pedroiços 16 d'Outubro de 1829.

(assignado) José Agostinho de Macedo.

A commissão ficou em braza ao ler esta carta, e protestou alta vingança contra o tribunal; e diz-se, que nem o *Bastos* ex-Advogado, ex-Juiz de fora, ex-Juiz de Tombo, ex-Corregedor, ex-Intendente de Policia, ex-Liberal, ex-Deputado, escapará de ex-Desembargador desta feita.

Nós respondemos pela authenticidade desta carta, e chamamos a attenção do leitor ao que se disse do Padre Lagosta a pag. do Chaveco Liberal.

*Lamego*—Acha-se concluido o edificio da *Nova Inquisição* na casa do *Illustre-pedinte* Peixoto. Ja se celebrão as sessoens do Tribunal na casa de Joaquim d'Albergaria Monteiro com os dous Inquisidores Luiz Rebello, Bernardo de Vasconcellos, e do Vigario Capitular Antonio Teixeira Cardoso de Menezes. Ja ha *banco* estabelecido com o preço do livramento de cada clerigo. A taxa é de quarenta moedas. Canal a sua manceba, e o Promotor Francisco José Pereira. O Bacharel Manoel Gonçalves da Costa Pinto foi ja victima do Tribunal.

## PODER DESEMBARGATORIO.

A *Alçada do Porto* caminha nas suas augustas tarefas de metter

tudo na cadeia, arruinar tudo, estragar tudo, perseguir tudo, e encher o seu cofre individual esaviziando as algibeiras de cada um, até que chegue o *dia* de seu merecido *juizo* e se unão devidamente os corpos de seus membros ao digno Executor d'alta justiça, que d'ella faz parte integrante.

Este *official* acaba de estar gravemente enfermo: a sua preciosa saude mereceu tal interêsse ao seu collega o Ex. *Ayres Pinto*, que diariamente mandou de S. João da Foz do Douro ás Cadeias da Relação, obra de cinco-quartos de legoa de distancia, saber como sua *carrasquice* passára a noute.

João Branco, que assim lhe chamão, é tão e tal benemerito dos desembargadores da *S'alçada* que d'elles recebeu a gratificação de 40,000rs. pelo *airoso* desempenho, com que se houve na matança dos primeiros dez martyres, que a sua monstruosa ferocidade sacrificára. Temos estes particulares de boa parte. Este mesmo *Ayres Pinto* vedou no verão a ventilação das prisoens: disse que os prezos estavão fora da protecção do Direito natural: que nunca erão demazia em quanto em pilhas não tocassem nos tectos das enxovias. O Beneficiado Antonio José Ferreira, victima desta barbaridade, expirou tres horas depois d'entrado na enfermaria!

Consta que o Poder Ecclesiastico tem reclamado o Padre Desembargador Constantino, e que está na forja uma carta regia para a formação d'uma Alçada toda composta de padres, a que elle, Guioens, e todos os Desembargadores das Curias devem pertencer de facto, e de direito; porque está hoje assentado que a Alçada do Porto não é assaz barbara, e que so póde ser devidamente cruel sendo composta de Desembargadores—Padres.

O Juiz do crime do Porto José de Vasconcellos Teixeira *Lebre*, d'origem e manhas *mealhadico*, tem a sua *tóca* na *Mathilde*, propriedade na freguezia de *Cever*. Tão medroso como o seu nome denota, tão ignorante como o seu bojo o denuncîa, une a uma crassa, estupidez juridica a desmoralidade do prezidente d'Alçada *Victorino José Cerveira Botelho* que tem prompto para a imprensa uns Commentarios enormes sôbre a *concussão*, e *corrupção* dos empregados publicos de justiça e fazenda, comprovados com factos tirados de sua casa no commissaria do, transportes, correiçoens, e alçadas, adnotados exuberantissimamente por todos os seus actuaes collegas. Hade imprimir-se *na officina do Correio do Porto*, para que ja tem as necessarias licenças, concedidas pela Commissão de censura em sessão pertencente ao turno dos seus dous membros—oPadre Congregado João Custodio, e o Dezembargador Joze Peixoto Sarmento de Queirós. A edicção hade ser nitidissima, e adornada com estampas desenhadas pelo João Córadinho, Pintor da Real Familia de Manoel II (o Marquez de Chaves,) gravadas pelo Raimundo da Academia.

O assumptos das pinturas são historicos; e alem do retrato do autor, com farda pedrêz agaloada de triple galão de prata, como todo o Porto o vio em 1808, tambem se preparão as effigies dos varoens prestantes e celebres em empregos de contabilidade, como de Antonio Vicente Teixeira de Sam—Paio, Domingos José Cardozo, e do irmão do Pintor, Luiz Joze Ribeiro.

Figura á testa de amplissimas subscripções o Joze de Mello Peixoto da Rua Chan, e o Silvestre da Companhia; e subscrevem por si e por ella com mão larga, por que a fizerão *baixa* ha pouco no escriptorio, o que tem involvido extraordinariamente a *Illustrissima*: esperão comtudo sahir-se bem e cedo do roubo, por que são notorios pilares do *altar* e do *throno*, a quem todos os crimes são impunemente permittidos. Segue-se o João da Cunha e Mello, mais conhecido por *João dos copos*, do que por nenhum outro feito. Este archi-bruto subscreve por si, e pelo Tio Joze de Souza e Mello conhecido pelo *homem do Sarmento*. Elle acaba de mandar addicionar o *quadro do milagre*, em que *hia cahindo*, mas não cahio, com a *scena dos murros* que mamou na *Viella do Ferraz*, obra de grande preço: ali se vê o *choque dos dous crachás*, a sombra de Domingos Pedro calva e desdentada; e a um cantinho cinco C C C C C—, que querem dizer ——*Camara*,—*Companhia*—*Consulado*—*Correio*—e Corcunda ou Chamorro, de que faz timbre.

*(Continuar-se-ha)*

*Lamego*. No mesmo sentido do criminoso Lebre, o Juiz de fora de Lamego Joaquim Antonio Pinto Moreira tem *Taverna judicial*, de que é *institora* D. Maria da Graça sua cunhada: ha preço estabelecido com uma notavel singularidade, e quasi novidade juridica: compra-se o *espaço da culpa*, isto é ajusta-se o não ser pronunciado até uma tal epoca, passada qual é livre ao juiz faze-lo.

Na Relação do Porto ha alguem que *comprou o espaço*, e depois foi pronunciado e prezo. A praça deste digno magistrado de Miguel tem mais d'uma avenida: quem bater á porta das fidalgas de Cimaens (não com as mãos vazias) franqueará o recinto da prostituida Themis.

## PODER MILITAR.

O general Marquez de Pombal tem acabado o seu exercicio de equitação na sua quinta, e ja póde montar n'um jumento sem os dous creados *a latere*, como atequi. S. E. deu-se por prompto para passar uma revista de todos os *voluntarios realengos* do Reino. S. M. Imperial a *Imperatriz Rainha* dignou-se encarrega-lo d'uma commissão secreta, que tem de ser desempenhada como é de esperar dos talentos de S. E. O seu *estado maior* ja está nomeado: Lisboa terá de sofrer por alguns dias a saudade do Lord *Pechincha*, do

*Chicoria*, e do *valente Guedes*. Tem de unir-se-lhe no Porto o filho de *Sebastião Leme*, o *Pedrinho Leite*, os *Pachecos*, e o Manoel Joze Martins Procurador agente da Fazenda, e da Alçada em qualidade de fornecedor.

Acaba de ensaiar-se na Ilha da Madeira um novo methodo de dar baixa a soldados *suspeitos de patriotas*, sem que fiquem a cargo do estado. Paga-se-lhes o serviço com *envenena-los*! Parece que a dóse não foi bem calculada na *quantidade:* os soldados contudo devem ficar certos, que o seu *generalissimo Miguel* não se esquecerá de dar cabo d'elles, uma vez que mostrem qualquer sentimento d'honra e humanidade.

Logo depois dos tres Poderes que são as cabeças, devem vir os *tres braços :*

CLERO, NOBREZA, E POVO.

Neste capitulo tem o redactor campo, em que possa espraiar-se á vontade : nunca lhe faltarão verbos de encher, e quanto dos dous primeiros disser será sempre pouco ; approveitando do que actualmente corre póde por exemplo dizer assim :

CLERO

Tracta-se da convocação d'um Synodo provincial, que tem de ser celebrado em *Braga*. Falla-se muito de que assistirão necessariamente a elle o Frei *Palito*, o Frei *Joze de Lima*, o Frade *Braga*, o Frade *Carmelita Poeta*. São nelle admittidos por dispensação so estes Regulares pelas interessantissimas questoens, que tem a propor. Da cathedral do Porto vão ajoujados os dous irmãos *Menas*, e os dous irmãos *Rochas Pintos* com excellentes projectos sôbre o methodo de destruir promptamente a virtude do bello-sexo ;—o conego *Má-cabello* ja escreveo ao seu amigo e parente Bastos para ser nomeado por alto : o *Pinheiro*, e o Padre *Bento* irmão do Silvestre é natural que não fiquem de fora, por seus serviços relevantes, e protecções.

Ambrogetti tão distinctamente conhecido no mundo theatral acha-se ora vivendo no celebre convento da Trapa—A imitação sua o comico do Porto *Joze Duarte*, conhecido pelo marido da Josefa, celebre actriz Portuense, saltou de Tartufo do proscenio para o claustro dos Padres do Oratorio do Porto, cuja roupeta veste adornada com o penduricalho da *real effigie* porque deu foguetes a torre em 3 de Julho de 1828, e com na *realeza* porque recitou o elogio no theatro em 3 de Junho de 1823.

NOBREZA.

*Porto*. D. Marianna mulher do escandaloso Juiz d'Alçada João da Cunha Neves e Carvalho é estrella fixa a presencear as execuçoens na Praça Nova ; e cada vez que se decepa cabeça, acêna com um lenço encarnado, regozijada da carniçaria decretada por seu vi-

lissimo marido. Esta mulher insulta o seu sexo na devassidão e ferocidade. É digna mulher do primeiro magarefe da Alçada. Segue-a de perto D. Getrudes Leite, e sua filha D. Izabel, (dignos amores do notorio Casal Ribeiro,) que em dias de matança dá em sua casa esplendidos bailes. Seu filho Alvaro, que não succedeu nas virtudes de seu Pai putativo, offereceu os postes para se espetarem as cabeças dos martyres da patria.

Eis-aqui as *nobres*, e as fidalgas do Porto! da cidade que não cede em patriotismo a nenhuma outra do mundo!

## POVO.

Neste capitulo não çaha Vm. ou o redactor d'entender fallar na *nação*. *Povo* na fraze do absolutismo é synomino de *canalha*:—tem o sentido de *gado*, *grei*, *rebanho*, sem vontade, alimaria enfim.

Tome grande tento em não dar á massa da nação pezo algum: o *Povo* não tem *direitos*, tem so *obrigaçoens*:—o *Povo* não tem vontade: o *Povo* não tem liberdade. Olhe que se discrepa destas maximas será logo tido por democratico, demagogo, inimigo do throno e do altar. Nação é um aggregado de padres e fidalgos, desembargadores e *alguns* empregados publicos. O mais não é nação. Todos estes devem por *direito absoluto* viver á custa do Povo, e em ocio *sine dignitate*. O Povo nasceu para trabalhar, e *os* nação para gozar do trabalho d'elle, no que ainda lhe fazem grande favor. O Povo não sabe nada, elles sabem tudo *infusamente*. Um fidalgo basta ser fidalgo para ser logo almirante como o Marquez de *Viana*, ainda que saiba de marinha menos do que um Grumete: esta qualidade habilita-o logo para de *mordomo-mor* passar a *presidente da Junta do commercio*, ainda que nem sequer saiba a razão porque esta palavra se escreve com dous *m m*.—E um desembargador? Um desembargador em Portugal é um general no tempo de Napoleon, sabe tudo, serve para tudo, preside e entende em tudo.

Pobre Povo Portuguez! Até quando sofrerás escravo o flagello do despotismo? Quando acordarás com conhecimento da tua força e dignidade, e arremeçáras de teu seio esse monstro, que te devora? Vossos irmãos, os Brazileiros estão livres, e vós em ferros! A Grecia ressuscita, e Lusitania morre!

## INDUSTRIA.

*Inglaterra.*—Ha muitas *fallencias*: como tudo alli é objecto d'especulação, crê-se hoje que alguns quebrão para enriquecér; especulação, que tornando-se geral veremos ressuscitar toda a Inglaterra mais brilhante d'entre as proprias ruinas:

Qual *l'araba Fenice*
Da cinerea poeira sacudida
Se ostenta inda mais bella;
Tal veremos o anglico unicorne
Surdir mais presumpçoso
D'entre a polilha, que carcome os róllos
Da *dívida insondavel.*

O govêrno patriarchal do melhor dos monarchas o senhor *Miguel* tem achado tal utilidade nesta especulação, que tracta por todos os meios de pô-la em pratica, e tem as melhores esperanças de consegui-lo. O meio que para isso emprega é principiar por metter na cadeia todo aquelle, que tem alguma cousa de seu, d'ahi sequestrar-lhe os bens, e mata-lo; e depois herda-lo.

### FABRICAS.

*Porto.* A Fabrica de Ferro de Crestuma principia a trabalhar com melhores resultados, porque a outra que era composta do Morgado do Ferro (Domingos Pedro) do Perna de Ferro (Antonio Pedro), e do Poeta João Antonio Frederico *Ferro*, pela perda dos dous primeiros socios, e pessimo estado do socio restante, está proxima a fechar-se. A monarchia miguelica sofre sem duvida no acabamento da fabrica dos *Ferros:* entretanto o governo *paternal* toma a si os empregados della a saber o impressor *Gomes Pinto* da Rua de Sta. Thereza, o frade *Graciano Botelho*, o Mestre de Primeiras Letras *Jozé Luiz Monteiro*, d'alcunha o *crucifica-meninos*, e o novelista amante filho do rabula *Abranches.* Toda esta cambada de facinorosos, vadios, e devassos forão condecorados com a *medalha* do throno.

### LITTERATURA.

Depois que o Desembargo do Paço declarou n'uma provisão assignada pelo Desembargador Pedro Alvares Diniz e Joze Joaquim Rodrigues de Bastos que as *Folhinhas d'algibeira* compiladas pelos Padres do oratorio erão o *non-plus-ultra* das folhinhas, tudo ficou mudo, e apagou-se inteiramente o saber d'Academia das Sciencias nos *Ineditos*, e da Junta do commercio no *Almanack*—Concurreu muito a esfriar as tarefas d'Academia a deserção do *Costa e Sa*, quando passou para *Conselheiro Sa*, e se perdeu na Tapada *a ler* de noute.

Este sabio deixou cahir ha poucos dias, que com o *Conde de Murça* queria mandar reimprimir o seu projecto de constituição *arelequinica*, e presentear com ella certo Potentado da costa setentrional da Africa, visto que o *Duque de Cadaval*, que o metteu nas talas, lhe faltou com a Pasta da Marinha, que reputava sua de juro e e herdade.

Consta que de vez em quando vai chorar seus doilos com o irmão do coronel *Franzini*, que dispendendo o ordenado de dous annos no

adorno do fuzil, que offereceu á magestade do *seu* rei Miguel *unico*, carpe sem remedio sobre a perda do traste o desagrado. Assim paga este reisete aos seus dignos *vassallos*.

### NOTÍCIAS SCIENTIFICAS.

AUTICATELEPHORIO—Mr. Edwards annuncia no Atlas de 22 de Novembro um apparato debaixo deste pomposo nome, que tem por fim transmittir novidades d'Inglaterra á India *n'um instante*. Este apparelho vence o de Mr. Vallance, que se propunha a appresentar passageiros de Brighton em Londres em *sete minutos*. Diz-se, que o Visconde d'Asseca é um dos primeiros protectores de Mr. Edwards a ver se póde enxertar no apparato um canudinho, que lhe dê novas do Padre Santarem, de quem ha algumas semanas não ouve.

### MENTIRAS DO DIA.

Aqui deve trasladar-se de *verbo-ad-verbum* o Correio do Porto, e a Gazeta de Lisboa, principalmente a sua parte official. Isto não esqueça, porque sem dúvida hade accreditar o periodico. Se poder haver-se copia d'officio do *Conde da Ponte*, ou d'outro qualquer diplomatico quer embuçado quer descarado,—copia de participação da policia,—correspondencia dos governadores das Provincias,—informaçoens de Provedores, Intendentes e Inspectores,—balanços do Erario, consultas de Tribunaes, Participaçoens da Junta dos Juros, da da Companhia do Douro, e da do commercio, e folhas das alfandegas,—devem infallivelmente inserir-se neste logar, que lhes é propriissmo.

---

Estamos chegados meu amigo ao *buzillis* dos periodicos, ao ARTIGO MOR. Não se espante contudo, que a difficuldade não é invencivel, e temos optimos exemplos nos principaes papeis inglezes. Examine Vm. o *Times*, que nenhum lhe presta tão bom *precedente* como diariamente este politicarrão lhe ministra. Um dia sustenta uma opinião, que interrompe no seguinte,desdiz no outro, contradiz uo artigo da *cidade*, ou *feira da moeda*, e torna depois a resuscitar o que acerta ao acaso, accrescentando com fatidicas palavras, que os arcanos vedados ao vulgo lhe são escancarados, e que lê no recondito porvir mais certo do que a Madre Leocadia via nas suas beatificas visoens.

Por tanto, diga ao Redactor que nada de esmorecer: como lhe tenho dado exemplos d'alguns artigos vá tãobem um do

### ARTIGO MOR.

A antiga politica embalava e adornecia os reis com estas maximas,

que accreditava: dizia-lhes que os povos estão nimiamente corrompidos para serem governados como republicas:—que os velhos povos não tem virtudes so têm habitos, que se não trocão por costumes novos: que seus coraçoens amóllecidos não são capazes da rigidez e severidade republicanas: e que o interèsse pessoal banio o patriotismo, primeira mola das republicas: que a sua mesma corrupção os une á monarchia, que é o verdadeiro governo dos povos aviltados: e que por todas estas consideraçoens os publicistas tem convindo a respeito da Europa em dar a preeminencia á ordem monarchica sobre as constituiçoens republicanas.

Eis aqui como se desvia a prudencia do coração dos reis, e se adormentão sobre abysmos. O conhecimento mais profundo dos elementos politicos. e do novo andamento das cousas humanas destroem estes razoados, que so tem uma solidez apparente. Sem desenvolver neste logar todos os meios de combate-los, basta vingar os povos das imputaçoens com que os maculão, e que seria mais justo imputar aos Governos. Com effeito é somente delles, que os povos recebem a corrupção de que são accusados. Quem vio nunca um povo moral sob um governo corrompido, ou um povo corrompído sob um governo moral? O mestre principal d'um povo é o seu govêrno: vituoso, é-lhe modello;—vicioso, exemplo. Roma tão austera em costumes ao tempo da republica; lançou-se, cabindo, na devassidão dos imperadores. Tudo vem de cima. Todo o governo é a origem do bem e do mal. D'onde sem attender a formas, no dia em que um govêrno grave, moral, e justo se poser á frente d'um povo seja qual for, o povo se formará sobre o que o govêrno for. É mais raro o phenomeno de topar com tal govêrno do que de uniformar um povo sobre modello tal.

Que vem a ser idade avançada dos povos? Se os povos estão velhos, os reis não-no estão menos. A maxima é que envelheceu. Para a especie humana não ha idade, ella é como a natureza. Uma remoça-se por primaveras, outra por geraçoens. As geraçoens são taes quaes a educação politica as forma. Não ha milagre, que lhe seja Impossivel. A educação faz derivar uma geração forte d'uma geração molle; e de reis magnanimos raças reaes as mais abastardadas. Quão brava não sahio a França na revolução do seio d'um povo enervado na molleza da antiga realeza! O que foi Portugal no tempo de D. Manoel, e no tempo do Cardeal D. Henrique?

A realeza deve acautellar-se contra os erros do publicistas. A mor parte delles julgão as cousas pela superficie; mas a superficie cobre a profundidade. Os povos ja se conhecem quando são

postos em movimento e o seu valor o prova. Os resultados hoje serião inesperados.

A nova combinação das molas politicas,—o progresso da sciencia social,—o derramamento das luzes,—a educação moderna, —a concentração das classes,—as relaçoens e intimidade dos povos,—e sobre tudo a sua maior intelligencia, tudo tende a desenvolver uma sciencia incognita aos governos;—tudo prepara novos alicerces á sociedade dos homens; tudo enfim obriga os reis e os publicistas a buscar os melhores elementos da realeza, e a melhor dirigirem o seu andamento para salvar-se do espirito republicano, que tem germem em todos os imperios, e que se gera dos excessos da realeza, como esta se gera das discordias civis nos estados republicanos.

*Por ora* o espirito monarchico na Europa é superior ao republicano: cumpre contudo dizer ao mesmo tempo, que as culpas da realeza dão cada anno a um as forças que fazem perder ao outro; e de culpa em culpa, qual será o resultado?

A' face de taes perigos, e d'invasão tal, que fazem alguns reis? Litigão com os povos. É tempo de transigir. Fazem elles para isso alguns preparos? Os povos pedem a transacção e offerecem-na; porque os povos nunca ameação os reis sem primeiro lhes terem representado; e ainda no seu furor appresentão com a mesma mão a espada e a oliveira:—mais generosos do que os reis que so mostrão as baionetas. No meio destas demonstreçoens, que faz, que quer a realeza? Irrita-se contra as petiçoens, revolta-se contra as transacçoens: arma-se contra os que podem desarma-la! Eis os votos de seus conselheiros.

Que resultará desse impudente systema de resistencia?

---

Fiquemos aqui, meu amigo, porque sempre é necessario deixar que pensar ao leitor; não so porque cada qual é senhor do seu pensamento, apezar dos despotas, mas porque cada um pode tirar inferencias, que escaparam a quem escreveo.

Quem ha ahi entre os Portuguezes estantes em Portugal, que lendo estas reflexoens geraes sobre o mundo Europeo, não concentre o seu pensamento, e não venha sobre Portugal, e sobre o infausto governo, que o domina? E descendo ao verdadeiro estado deste paiz desventurado, quem não dirá consigo mesmo,—como é possivel, que os mandoens não abrão os olhos e desamparem um monstro, que hade arrebata-los consigo ao abismo, a que caminha?

Se a educação faz os povos, os Portuguezes são susceptiveis de ser grandes, e ja o forão. O que tem sido os Gregos ha seculos? o que serão para o anno se a nova educação que se lhes prepara os não desampara? Nem se diga que os Portuguezes não estão ainda

em *feição* de receberem instituiçoens liberaes. Como começaram ellas nos povos, que hoje fazem ostentação de conserva-las? Que tinhão elles nesses principios de mais avantajado sobre os Portuguezes? Tinhão habitos, tinhão fanatismo, tinhão vincos da passada escravidão: a historia os conta, e as cicatrizes ainda então á mostra. Então

"Arredo va de nós o sestro agouro."

Alto aqui, senão cresce muito o *Artigo mór*, e cumpre dar logar ainda a alguns artigos *menores*. D'estes nunca lhe falte o *omnium* ou *omnibus*, aonde se pode inserir *tudo* e *de todos*: sirva-se d'este capitulo como os Negociantes se servem da conta *de ganhos e perdas*, com que todas as mais se saldão: ahi tem um especimen:

### OMNIUM, *ou* OMNIBUS.

*Porto.*—O Desembargador João Manoel Teixeira, que servio na 2ª. vara do crime do Porto foi prezo por um soldado, que julgou prender o bravo e patriota general *Diocleciano Cabreira.* Quando levado á presença da autoridade custou a desenganar o soldado do *qui pro quo*:—o juiz suspirando lhe disse: "bom soldado, agradeço o teu zelo: infelizmente te enganaste: destes desembargadores temos cá sobejos, e não servem nem para prezos: o general que supposeste está fora do nosso alcance, e queira Deus, que nunca nós estejamos ao seu!"

*Idem.* Encontrando um celebre Sampaio, *homem do foro*, uma manhan na calçada dos clerigos o carrasco *Allemão*, lançou-se de joelhos a seus pés com profundissimo respeito. Espantado este carrasco (que morreu horrorisado dos procedimentos d'Alçada) tractou de levantar o Sampaio: porem este teimou ajoelhado dizendo:— "de que outra maneira, senhor carrasco, em que posição diversa quer Vmce., que eu me apresente diante d'uma das mais preciosas personagens, que perfazem o cortejo da SANTA ALLIANÇA?—Conhecedor da sua valia, o carrasco continuou o seu caminho tão inchado como um Almotacé no dia da posse.

*Tras-os-montes.* Um capitão d'ordenanças da Villa de Mós em Tras-os-montes por nome João Joze Alves foi prezo por guerrilhas como homem addido á Carta constitucional: n'esse acto um dos guerrilheiros lhe persuadio que fugisse, e a poucos passos atirou sobre elle, mettendo-lhe duas ballas na coxa direita. O coronel reformado de Milicias de Miranda Antonio Manoel de Carvalho então Governador Militar de Moncorvo prohibio se lhe ministrasse socorro algum. Depois de dous mezes de inteiro abandono foi conduzido a Moncorvo sobre um carro com palha: ao chegar á Praça da Villa um frade capucho chamado Fr. Joze Quadrado, vulgo-o *Freixinho*—

amotinou o povo a que íncendiasse o carro. ASSIM FIZERÃO ! ! ! E em duas horas este desgraçado espirou suffocado em fumo, e quasi consumido pelas chamas !. . . , .

Isto accanteceu em 18 de Janeiro deste anno. De facto de tanto horror nunca é tardia a publicidade.

*Moimenta da Beira.* Em 28 de Junho d'este anno o corregedor de Lamego Manoel Ferreira Tavares Salvador depois de ter revoltado a cidade e comarca contra o governo legitimo fez marchar uma força de Milicias e guerrilhas, commandada pelo capitão de Milicias Antonio Guedes, á Villa de Moimenta da Beira ; e mandou incendiar as cazas dos constitucionaes, queimar os generos, e a parte do saque, que não poderão transportar, assassinar um jornaleiro por nome Hippolito ; e executar o Bacharel Joze da Fonseca e Silva, cortarlhe a cabeça com ordem de trazer-lhe as orelhas—O QUE SE FEZ !

Na mesma villa foi prezo Joze Maria d'Almeida Donas Botto ; e chegando a Lamego foi lançado no Aljube a titulo de crimes religiosos. O Governador do Bispado Antonio Teixeira Cardoso de Menezes prohibio-lhe a prestação de qualquer soccorro : elle se achava doente : so pão e agoa lhe concedeu ; ATE QUE MORREU ! É quasi desnecessario accrescentar, que se lhe denegaram os sacramentos !

Entrando em Lamego alguns prezos, o capitão de milicias Macario Pinto mandou atirar sobre elles ; João Ferrador, um destes, foi ferido n'um braço, de que veio curar-se á relação do Porto.

"O' vos que duvidais das maldades, que se dizem e escrevem de D. Miguel e de seus empregados ;—ide a Portugal : observai por vós-mesmos ; e declarai depois ao mundo inteiro, que nome merecem os governos, que tolerão sobre um throno roubado um monstro, que injuría o nome e a dignidade do homem ! Em que seculo vivemos ? Em que parte do mundo existe Portugal ?

Seguir-se-hia dar uma vista d'olhos sobre o DRAMA e os THEATROS ; porem graças a Deus disso estamos dispensados ; e so temos a fazer com TOUROS, quando se correrem ; que é escola de melhores costumes, e ao alcance dos conhecimentos *visuaes.*

Não tem *por ora* o redactor a cançar-se com NOTÍCIAS ESTRANGEIRAS : deixe, que se abrão as camaras em Pariz, e o Parlamento em Londres, e então terá de encurtar essoutros artigos e de dar ensanchas ao *bello* e *bonito*, que hade vir. Verá um famoso *pas-de-deux* bailado por um *Principe* e um *Duque* ao som d'uma orchestra arranjada segundo o novissimo methodo da *Geneuphonia* ou *Polytonogamismo* de Espinola e Camus : parece-me, que tem de vê-los tão—*duo in carne una*,—como esses jovens Siameses, que vão mostrar-se na Sala Egipciaca.—A historia um dia, quando ja a sua influencia estiver unida á inercia os appresentará quaes fo-

rão: então a posteridade saberá, o que lhes deveu a geração presente, e consagrará á sua memoria o monumento que lhes cabe.—

Pode enfim terminar o periodico com *fallecimentos, casamentos, e nascimentos:* a respeito destes approveite a idea da Gazeta de Lisboa, que refere como um dos melhoramentos, e bens devidos ao governo do melhor dos *Miguеis* o extraordinario augmento em numero dos *engeitados,* ou expostos!

De Feiras não falle, salvo na da *Ladra,* que em breve se tornará *franca* de direito, que de facto ja o é ha muito.

Sobre Movimentos de Portos lembre, que se obrigue o *Telegrapho* e a *Policia* a dar parte das entradas e sahidas dos *Barcos de Pescaria* para encher o papel; porque de *Navios de coberta* cedo se perderá ate a forma.

Se quizer fallar de Preços correntes faça uma formula *ad libitum* de preços *nominaes* para todo o anno, que é quanto basta, e fallará verdade.

Finalmente divída as demais materias, que occurrerem segundo convier, fechando com *annúncios:* porem quer tenha muitos quer poucos termine com o seguinte

ANNUNCIO.

Quem quizer tomar o seguro da existencia *politica* do rei D. Miguel desde a primavera do anno de 1830, póde dirigir-se ao escriptorio do *Times* em Londres, e da *Quotidienne* em Paris. Não se attende á grandeza de premio. O seguro é *d'honra:* a unica *condição implicita é—bom vento do sudueste* pela altura da ilha *d'anno novo.*

Ora eis-aqui tem, meu padre, a *proforma* d'uma derrota imaginária. Accredite todavia, que nem tudo é ideal. O *ensaio d'uma opera seria* é menos um ensaio do que uma Burleta. Adeus por hoje. Seu amigo Palinuro.

——o——

*Madeira* 28 *de Outubro de* 1829.

Amigo.—Resumidamente te escrevi sobre o estado deste desgraçado paiz. De novo te quero communicar o successo espantozo que agora aterra o Funchal. Teras prezente o como o batalhão 13 repellio a nomeação do Major Lapa, e não menos o resentimento com que o governador olha aquelle corpo que com os patifes accusa de malhados. Elle reclamou a sua remocção arguindo aquella insobordinação, e sua desafeição á cauza de Miguel; porem tendo por iguaes motivos obtido a remocção da Sybele, como ja sabes, não obteve a d'aquelle batalhão. Os patifes viram chegar a Princeza Real, mas não o reconhecimento de Miguel por esse gabinete como

havião proclamado. Desesperados, elles projectão mil vinganças; mas dizem que o 13 se unirá aos malhados e servirá de estôrvo a seos dezejos. Neste sentido Sua Excellencia, o regeitado Lapa, e os patifes dezejarião desfazer-se do 13, fosse como fosse. Sobre estes dados ouve o caso que acaba de acontecer, e ajuiza o resultado.

O Italiano Baxixa, o grande amigo e valido de S. Ex. he quem dá o pão para a tropa. Sabado 24 do corrente apenas o 13 recebeo o pão logo de manhã, passados poucos quartos d'hora, mais de 30 soldados começaram a vomitar, e até o dia 26 ja tinhão entrado no hospital 58 soldados envenenados, que á força de muito azeite e outros remedios se tem salvado da morte. N'aquella mesma mamanhã apenas 13 reconheceo a traição correo tumultuosamente á caza do Baxixa para nelle se vingar, porem S. Ex. em cujo Palacio, elle se refugiára, prevenido, o fez recolher á cadea onde se conservou até a segunda feira,d'onde 13 o foi arrancar conduzindo-o á presença de S. Ex. e alli exigindo a declaração de quem lhe aconselhara similhante attentado.

S. Ex. illudindo o 13 tratou de salvar o seo valido, mandando-o prezo para bordo da corveta, d'onde 13, no dia 27 o foi buscar e o encarcerou n'hum armazem fronteiro ao seo quartel por baixo da residencia do commandante da força; porem apezar da deliberação de 13 naquelles seos passos ainda não consta resultado das averiguações. Devo observar-te que o dia 26 anniversario de Miguel, que os patifes se dispunhão a celebrar com toda a pompa, foi bastante inluctado porque nesse dia teve parte a desordem, e terminou tragicamente. Foi ás 11 horas da manhã daquelle dia que 13 arrancou o Baxixa da cadêa. Todos se fexarão em suas cazas assim como se fexarão lojas, fancarias e armazens porque os patifes espalharam que 13 ia atacar os malhados, que erão os propinadores, porem este corpo ouvindo este novo ardil de seos conhecidos inimigos bradavão:—não se assustem por que não queremos atacar se não os que se descobrirem autores de tanta maldade: nós so trabalhamos para os descobrir.—Foi ás 4 horas da tarde d'aquele dia que achando-se reunida a tropa no campo da Barca, presente S. Ex., uma bala de mosqueteria atravessando o ventre do patife filho do Vieira que tanto tem a tormentado esta cidade com fogos, algazarras, e insultos, nos tem livrado delle. No meio d'aquelle cortejo a Miguel S. Ex. o seo Governador desconfiando da direcção da balla, que se affirma era para elle, teve de retirar-se escoltado pela companhia de granadeiros de 2, levando na sua retaguarda o competente parque de duas peças. Assim reina pacificamente Miguel na nossa ilha!!

Quando á noite S. Ex. no seo palacio com a corja convidada, a que não faltárão os negociantes inglezes, brindava o seo rei, 13 lhe

veio disputar a alegria. Tumultuariamente cercou o palacio e entrando a fortaleza pedia se lhe entregasse o Lapa. Este conseguio escapar-se, e o commandante da força afiançando-lhe averiguar o negocio como 13 dezejava, conseguio elle se retira-se para o seo quartel. As 9 horas um môço das freiras Claras á vista de suas amas, que todo o dia e noite havião applaudido da Torre da Igreja desatinos d'aquelle seo servo contra os que com elle não berravão a pró do seo rei, e não maldiziam os malhados, victimou com a cronha de uma espingarda a um sapateiro, cuja crime era ser homem de bem. Suas amas o tem desde então escondido lá dentro, e talvez não seja só com este abrigo que ellas recompensem o heroismo de seo servo......

Em vão se tem esforçado a corja por prevenir o 13 contra os malhados : este corpo conhece os seus inimigos, e está deliberado a vingar-se, porem como os patifes hãode ser chamados á devassa faze idea qual será dos partidos o compromettido ! Se a Providencia nos não soccorre, evitando a emigração que continúa e as desordens que ameação tantas familias abandonadas, qual será a sorte desta colonia mais victimada pelo paternal governo de Miguel do que o seria se Mahamoud cá mandasse os seos Janisaros !

---

### INTERFERENCIA INGLEZA NOS NEGOCIOS DE PORTURAL.

Os desgraçados negocios de Portugal occupam actualmente a attenção do orbe civilizado, e não existe um so homem de bem, affoitos o asseveramos, que deiche de sympatizar com a sorte dos infelices Portuguezes, victimas de uma fria política, e de sua inabalavel fidelidade. Sem repetirmos n'este logar o muito que se ha dito sôbre tam malfadada questão, passaremos ao exame da chamada *não-interferencia* ingleza, com que nos tem querido embahir, e indagaremos se por ventura aquelles que hoje se lhes antolha perigo por tal medida, seguiram constantemente a doutrina que ora querem estabelecer.

A palavra *não interferencia*, (segundo judiciosamente observe o autor do opusculo *Neutrality** *or Non-interference of Great Britain, &c.* é termo abstracto, que nada tem de juridico, e depende tão somente da vontade de um homem, ou de de um corpo qualquer. Esta palavra parece ter ultimamente sido admittida na phrase diplomatica, para significar que uma nação não deve tomar parte,

* Convidâmos nossos leitores á séria leitura d'este Opusculo, que foi impresso para o livreiro G. Jones em Ave-Maria Lane, e se acha alli á venda, porquanto encerra optima doutrina sôbre o assumpto da pertendida neutralidade Gran'-Bretanha.

nos negocios internos de outra qualquer; e d'aqui se segue naturalmente, que não devendo por fórma alguma interferir em negocios de tal natureza, a nação que o fez, não pode recuar, e por similhante acto tem contractado uma obrigação que deve desempenhar, por quanto ou a não devia fazer a primeira vez, ou depois de o haver feito deve continuar. Este princípio pertence ao direito de todas as nações.

Que a nação ingleza tem *interferido* nos negocios internos de Portugal, e até nos mais minuciosos, a simples exposição dos factos o demonstrará.

Sem nos remontarmos ao anno 1792, periodo em que a Inglaterra teve decidida influencia nos negocios interiores da nossa patria, passaremos a epochas mais recentes e principiaremos pelo anno da invazão franceza na peninsula.

Em 1808 depois da convenção de Cintra, e na ausencia do Senhor D. João VI, então Principe regente de Portugal, Brazil e Algarves, foi Sir Charles Stuart nomeado Regente de Portugal, conjunctamente com o Marquez Monteiro Mor, Principal Castro, e D. Francisco Xavier de Noronha.

Nesse mesmo anno Sir Arthur Wellesley hoje Duque de Wellington, teve voto na regencia, e foi comandante em chefe do exercito Anglo-Luso.

Não esqueça n'este logar mencionar, que logo depois da partida do Senhor D. João VI, para o Brazil, onde o levou a influencia ingleza, passou ésta nação a occupar militarmente a Ilha da Madeira com o pretexto de a salvar de qualquer agressão franceza, como se por ventura a França, então exclusivamente potencia continental, e sem uma só esquadra, podesse tentar uma expedição similhante, que demandava fôrças navais numerosas, para arrostar colossal poder maritimo de Inglaterra!

Foi no principio do anno 1809 que o Marechal Beresford passou a commandar em chefe o exército Portuguez com direito de vida e morte sôbre os Portuguezes como por vergonha e desventura nossa o attesta ainda o sangue derramado por mão do algoz do malfadado Gomez Freire e seus infelizes companheiros!

No referido anno até ao de 1812, commandou o almirante Berkeley as fôrças navaes portuguezas e inglesas, sendo deputado do conselho do almirantado, e da Real juncta da marinha. Conjunctamente com elle, era seu Major General Sir Thomas Harding, deputado da Junta da fazenda, e inspector do arsenal real da marinha!

Desde 1812 até ao fim da guerra Peninsular passou o commando das mesmas forças ao almirante Jorge Martin, o qual bem como seu predecessor, nomeava os commandantes das forças navaes de

Portugal, seus officiaes subalternos, e até os officiaes de fazenda, excluindo o Conselho do almirantado d'esta prerogativa, que por lei lhe pertencia!

Em 1820 Lord Beresford não contente de haver militarmente governado Portugal pelo espaço de dez annos, passou ao Rio de Janeiro, e obteve um diploma regio, pelo qual el-rei o Sr. D. João VI, lhe outorgava plena authoridade sobre o exercíto, sem dependencia da regencia então existente, e com *veto* absoluto no govêrno!

Serão todos estes actos de uma decidida e positiva interferencia ou não? Mas se por ventura ainda resta alguma dúvida quanto áquella, passaremos a enumerar ontros que nenhuma deixarão.

No celebrado dia 30 de Abril de 1824, quando o tyranno que hoje opprime Portugal attentou contra a vida de seu augusto pai, prendendo-o no seu palacio da Bemposta, Lord Beresford, que então não era senão simples particular, sem mais character público do que outro qualquer estrangeiro, conservou-se ao lado de D. Miguel, e constitiu-se seu conselheiro, a ponto que quando no palacio da Bemposta entraram os diplomaticos estrangeiros, Mr. Hyde de Neuville estranhou a presença do nobre Lord, e lhe perguntou em que character elle alli se achava! Foi em seguimento da deliberação tomada pelos diplomaticos, e na qual teve a iniciativa Sir Edward Thornton, que o Senhor João VI passou para bordo da nau ingleza *Windsor Castle*. Alli legislou, proclamou, e desapprovou o proceder de seu rebelde filho. Foi a bordo d'esta mesma nau que o Infante D. Miguel, esteve preso, e com sentinellas inglezas á vista, tendo previamente sido accompanhado até bordo por escaleres com gente armada da mesma nação, e conservando-se estes até ao momento que o rebelde Infante embarcou para França, até onde o escoltaram vazos de guerra inglezes.

Pouco depois d'este memoravel acontecimento empregou Lord Beresford a sua influencia para fazer sahir do Ministerio ao Pamplona, posto que infructuosamente, conseguindo-o depois Sir Wm. A'Court, nas suas repetidas viagens ao Alfeite.

Segiu-se a morte do Senhor D. João VI, e a outorga da Carta pelo Senhor D. Pedro, como legítimo herdeiro da coroa de Portugal, e para que não restasse dúvida, quanto á approvação e reconhecimento do gabinete Britannico, não so foi portador d'aquelle documento um diplomata inglez Sir Charles Stuart, o que o ministerio inglez não admitte como acto britannico, mas usou de toda a influencia ingleza para o fazer jurar e estabelecer—o que o mesmo ministerio não pode negar.

Os annos de 1826 e 1827 foram uma serie de ingerencias ja directas, ja indirectas por parte do embaixador Sir William A'Court

nos negocios os mais particulares do reino, e até nos negocios domesticos do palacio. Invocamos o testemunho de todos os homens imparciaes; e elles que affirmem se accrescentamos á verdade? Digão se acaso esquece o desembarque das tropas de marinha ingleza por occasião da invasão rebelde dos Silveiras? N'essa epocha a tropa de marinha fez por muito tempo a guarda de honra da Senhora Infante Regente D. Isabel Maria, e por certo não se podia *interferir* mais directamente do que o fez o embaixador Britannico n'aquelle caso. Mas dêmos de barato que similhante passo se queira capitular na supposta necessidade de salvar a Regente de um insulto, perguntaremos: esquecerá acaso a nota escripta, pelo referido embaixador Sir W. A'court em Maio de 1827, e dirigida ao ministerio d'entaõ, exigindo que se fizesse sahir de Portugal um Hespanhol emigrado, que se havia refugiado em Lisboa? Esta nota gira impressa, e o Courrier a transcreveu. No entanto o pobre emigrado foi obrigado a largar o reino, e A'Court exultou, vendo obedecidos seus mandatos.

A todos estes factos, que provam sobejamente a decidida, ja não dizemos *interferencia*, mas sim ingerencia e manejo de nossos negocios internos, acrescentaremos mais um que até hoje não temos visto mencionar por escriptor algum; é este a famosa carta escripta pelo embaixador A'Court ao bravo e digno Conde de Villa Flor, poucos dias antes da chegada do usurpador que a garantia ingleza restituio a Portugal, para ser ser seu açoute é oppressor. N'aquelle periodo o nobre Villa Flor, que conhecia as prendas do Nero moderno, tratava de se retirar para Inglaterra, quando recebe por escripto do representante inglez, as seguranças que *D. Miguel é levado a Lisboa pela politica Europea; que havia manter a Carta; que estava outro homem, o que lhe assegurava positivamente; e que finalmente lhe pedia não partisse, pois a sua sahida sería o alarme geral, e teria grande interferencia no animo do público, ja receoso pelos muitos boatos contradictorios que se espalhavam á cerca do Infante!*

A este facto singular so acrescentaremos o atroz procedimento havido contra os refugiados Portuguezes, quando em Janeiro do anno passado inermes demandavam as praias do baluarte da legitimidade, a immortal Ilha Terceira. A posteridade acreditará com difficuldade que a Gran' Bretanha *interferisse*, por um modo tam directo, contra infelizes expatriados, e protegesse tam vergonhosamente a ruim causa da tyrannia. Vasos de guerra Inglezes fazem fogo, metralham, e assassinam Portuguezes honrados, fieis ao seu juramento, e obrigados a demandar a hospitalidade, que se lhes denega, em terras de sua legitima Soberana. É a tiro de canhão das fortalezas de Angra, que contra o direito das gentes, um commandante Britannico obriga

o general Saldanha e seus bravos companheiros a affastarem-se da ilha onde impera sua Soberana. Os vencedores do Nilo e Trafalgar querem juntar aos louros da victoria, o ramo do acypreste colhido sobre o sepulchro do amigo e alliado que assassinam quando prostrado por terra e indefeso! Estava reservado para nossos dias accrescentar á historia das maldades humanas, mais esta pagina de infamia, que não tem precedente em toda a antiguidade! No procedimento da Inglaterra houve n'ésta deshonrosa transacção não só *interferencia* directa, mas uma inconsequencia de proceder que assombra, pois os seus ministros ou tinham direito de obstar ao desembarque na Ilha dos refugiados Portuguezes, ou não. Se tinham esse direito, porque razão não continuaram os seus vasos de guerra a obstar ao desembarque dos outros refugiados, e se retiraram logo depois do *feito heroico?* Se o não tinham, como é que se atreveram a metralhar seus antigos alliados contra todos os principios publicos? Na inconsequencia do proprio proceder pois, se encontra a sua condemnação, e a sentença de anathema ha muito proferida pela voz unanime do universo contra os authores de similhante attentado!

Eis aqui um aggrado de factos que, a não serem de tam recente datta, custariam muito a accreditar, e menos ainda quando ha quem ouse sustentar á face de tanta testimunha occular, que a Gran' Bretanha nunca *interferiu* nos negocios internos de Portugal! Que ella *não tinha* esse direito, admittimos nós; mas que exercido uma vez *contrahiu* o restricto dever de continuar, é verdade incontroversa, que como dissemos, se funda no direito adquirido; sendo indisputavel que no caso actual da usurpação esse dever se tornou mais immediato, ja que foi sob sua garantia, ja que foi *ella propria* quem nos fez a dadiva funesta do abjecto tyranno que assolla e envergonha Portugal.

Se necessitassemos corroborar nosso modo de sentir com a opinião de alguem versado nos publicos negocios da Inglaterra, não poderiamos deichar de referir nossos leitores á excellente carta que acaba de publicar-se, escripta por Mr. Gally Knight a Lord Aberdeen.*

O author analyzando o procedimento da Inglaterra ácerca de Portugal assim se expressa:

"Qual foi o procedimento da Inglaterra quando a nossa honra, o nosso character, e a prosperidade de Portugal estavam em risco? Mandamos retirar o nosso embaixador! Isto é, fizemos quanto era bastante para declarar ao mundo qual era a nossa opinião sôbre o proceder de D. Miguel; mas os nossos esforços findaram n'esse

*A traducção d'ésta excellente publicação, acha-se á venda em casa do livreiro Bingham No. 84, Mount Street, Grosvenor Square.

acto de reprovação. É verdade que retirámos o nosso representante; mas deixamos destruir as instituições, tendo recebido de D. Miguel a promessa de as manter; entregamos os amigos da Monarchia limitada ao destino que os esperava; e chegamos ao excesso de mostrar fortissimos receios de cahir no desagrado do sangui-sedento usurpador.

"Ésta marcha politica, mylord, será tudo o que se quizer, mas não é a continuação da questão Portugueza no mesmo sentido em que foi começada. Similhante procedimento conviria ao gabinete de Vienna, mas nunca ao da Gran' Bretanha: elle alterou os sentimentos da Europa, e mudou o estado de Inglaterra.

"Os defensores do govêrno, querendo justificar o systema que havemos adoptado, concordam, é certo no horror dos procedimentos de D. Miguel; porêm allegam-nos o excellente principio da *não-interferencia.* Chamo-lhe *excellente* porque segundo intendo, nenhum melhor Inglaterra podia seguir, se constantemente o tivesse observado. Similhante maxima seria util a nós, e não prejudicial aos outros: a nossa neutralidade mereceria crédito, e os patriotas dos outros paizes não receiando hostilidades por parte de Inglaterra, poriam toda a confiança em seus proprios recursos: a melhor e mais segura base da independencia nacional e da felicidade pública.

"Porêm nós desgraçadamente nunca seguimos esta regra, excepto para entregarmos ao seu destino aquelles, que a maiores sacrificios se tinham exposto; e pelo que toca a Portugal a nossa *interferencia* nunca foi interrompida. Sendo isto assim, não podêmos fazer valer a nosso favor a antiga maxima, uma vez que observemos os principios da honra e da justiça. A *interferencia* da Inglaterra era uma das partes componentes da existencia politica de Portugal. Os amigos da Constituição descançando n'ésta *interferencia* não tomaram as necessarias cautellas; e quando a perfidia aproveitando-se d'esta inacção, os soprehendeu, era nosso imperioso dever proseguir na começada *interferencia* afim de mostrar que não fôra illusoria a confiança posta em nós."

Até aqni o illustrado author da Carta, cujo modo de pensar sôbre o assumpto tem o cunho da verdade imparcial. Passemos agora a examinar a questão por outro modo.

A intervenção póde encarar-se por dois lados, pelo lado do direito natural, e pelo do direito civil. Bacon, Puffendorf, Grocio e outros publicistas pensam, que é permittido tomar as armas, contra um principe ou povo que infringe os principios da ordem geral, pelo mesmo modo, que em qualquer estado particular são punidos os perturbadores da paz pública: este principio é consagrado pelo direito natural. O direito civil estabelece que nenhum govêrno tem direito em *interferir* nos negocios internos de qualquer outro govêrno porque, a acontecer assim, nação alguma teria segurança,

pois, bastaria a corrupção de um ministro, ou a ambição do monarcha para ser atacada a potencia que quizesse melhorar a sua sorte, seguíndo-se d'aqui que se multiplicariam muito os casos sobejos de guerra e que se consagraria um principio perpetuo de hostilidades

Todavia os que admittem o direito de *não-interferencia*, não pódem negar que há casos em que a segurança immediata, e os interêsses essenciaes da sociedade, exigem a *interferencia*. Estes casos são os que formam a excepção da regra, e admittida ésta, não se póde negar aquella, porquanto nenhum Estado póde deixar perecer os seus interêsses essenciaes, sem correr risco de perecer igualmente.

Mas dirão os advogados da *não-interferencia*, a excepção da regra geral não chegou ainda relativamente a Portugal, e nós, como repete o inconsequente *Times*, não temos direitos de punir um Principe pelos seus erros, nem por causa d'estes separar da nossa comunhão uma nação inteira! Deichando para outro logar a resposta á doutrina versatil d'esta folha, persuadimo-nos que não nos custará muito provar, que o caso de excepção é aquelle em que justamente se acha Portugal. Pondo por agora de parte a garantia e as obrigações que Inglaterra contrahiu, quando levou a Lisboa o tyranno, contentar-nos-hemos de appresentar n'este logar um exemplo de paridade, que provará mais do que quantos argumentos quizessemos offerecer. Este exemplo é a famosa declaração de *White-Hall* feita na epocha da revolução francesa, em Novembro de 1793. A declaração principia pela enumeração das desgraças e horrores da revolução e acrescenta:

"As intenções manifestadas (pelo govêrno francez) de reformar
"os abusos, d'estabelecer sôbre solidas bazes a liberdade pessoal e o
"direito de propriedade, de assegurar a uma nação numerosa leis
"sabias, a uma administração justa e moderada, desaparecêrão in-
"felizmente. Em lugar d'estas existe um systema destruidor de to-
"da a ordem pública, sustentado por proscripções, desterros, con-
"fiscos, prizões arbitrarias e assassinios cuja recordação horrorisa...
"Os infelizes habitantes d'aquelle desgraçado paiz, enganados desde
"muito tempo por promessas sempre repetidas, quando novos crimes
"se perpetrão, achão-se precipitados em um abysmo de calamidades
"sem exemplo.

"Este estado de cousas não póde subsistir na França sem impli-
"car em perigo commum todas as potencias vizinhas, e lhes dá di-
"reito, impondo-lhes a obrigação de suspender o progresso de um
"mal que existe pela violação successiva de todas as leis, e deveres,
"e pela subversão dos princípios fundamentaes que reunem os ho-
"mens pelos vinculos da vida social. Sua Magestade não quer por
"certo contestar á França o direito de reformar as suas leis; nunca

"desejaria influir por meio da força exterior, sôbre a natureza do go-
"vêrno de um estado independente. Sómente procura fazê-lo na
"parte em que este objecto se torna essencial para o socêgo e segu-
"rança das outras potencias. Em taes circumstancias, exige e quer
"com justa razão, que a França faça por fim cessar um systema
"anarchico, que só tem fôrça para o mal, incapaz de preencher pa-
"ra com os francezes o primeiro dever de qualquer govêrno, de con-
"ter os tumultos, de castigar os crimes que diariamente se multipli-
"cão no interior do reino; ao passo que se emprega em dispôr ar-
"bitrariamente das propriedades e vida dos cidadãos para perturbar
"o socêgo das outras nações, tornando toda a Europa o theatro de
"iguaes crimes e das mesmas desgraças. Sua Magestade exige que
"se estabeleça um govêrno legítimo e estavel, fundado sôbre os re-
"conhecidos principios da justiça universal, e capaz de manter com
"as outras nações as costumadas relações de paz e de união....

"El rei promette desde ja suspensão d'hostilidades, amizade
"(quanto o permittirem os acontecimentos, de que a vontade humana
"não póde dispôr) segurança e protecção a todos os que, declaran-
"do-se por um govêrno monarchico, se subtrahirem ao despotismo
"de uma anarchia, que rompeo todos os vinculos os mais sagrados
"da sociedade, calcando todas as obrigações da vida civil, violando
"todos os direitos, confundindo todos os deveres, servindo-se do
"nome da liberdade para exercer a mais cruel tirannia, destruindo
"todas as propriedades, assenhorando-se de todas as riquezas, fun-
"dando seu poder na supposta vontade do povo, e levando a devas-
"tação e a morte a provincias inteiras que tivêrão a nobre coragem
"de reclamar as suas leis, a sua religião, e o *seu soberano legi-*
"*timo.*"

Eis aqui uma declaração ou antes um Manifesto, que parece mais o quadro dos males que affligem Portugal, do que a resenha dos horrores da revolução de França. Por este singular documento se vê, que a Inglaterra alêm da sua seguida e constante *interferencia* nos negocios da nossa mal fadada patria, tem seguido igual systema com as outras nações, todas as vezes que a sua politica ou interêsses lh'o tem aconselhado. Este artigo de sua crença já foi anteriormente consagrado por Lord Castlereagh em 19 de Janeiro de 1821, quando em uma notta circular declarava aos gabinetes Europeus:"

"Que o govêrno Britannico estava resolvido a sustentar o direito
"de intervenção, todas as vezes que a sua segurança, ou os seus in-
"têsses se acharem compromettidos pelas transacções domesticas de
"qualquer outro estado." E acazo, perguntaremos, o govêrno que exigio, arrostando o poder da França, que ella fizesse *cessar um systema anarchico, que só tinha força para o mal,* porque assim o

pedia *o socego e segurança das outras potencias*, duvidará intimar a um fraco uzurpador que á sombra de sua nimia tolerancia roubou um thrôno, que acabe com um govêrno de sangue e atrocidades? Hesitará a grande nação, que manifestou a sua desapprovação quando se invocou em França e Hespanha a *vontade do povo*, interferir a favor dos princípios da legitimidade que ella propria estabeleceu para reconhecer um rei feito pela canalha? Será sua politica tão miope e mesquinha que queira hoje reclamar dos outros, direitos que desconhece? Não! Nós o não acreditamos. Seu renome, credito, honra e gloria, estão intimamente ligados com a questão Portugueza. Dizemos mais, sua propria segurança, e a de todas as outras nações ficaria compromettida, porquanto no estado actual de civilização não ha nações estranhas umas ás outras; todas compoem uma grande familia e aproveitão na manutenção dos principios geraes de direito público. No seculo presente nenhum estado póde ter politica que seja exclusivamente sua. Existe uma só politica, que é geral e commum de todas, da qual depénde a salvação dos povos e dos reis. A Inglaterra é a que mais interêssa em mostrar-se convencida dos principios que estabeleceo, aliás apar de seu total descredito cavará sua propria ruina. O exemplo de Portugal, uma vez admittido, talvez se repitiria na Irlanda, onde os erros de administração e os exemplos perniciosos tem dado armas poderozas ao espirito de anarchia e descontentamento, que ali prevalece, e não acabou com a emancipação.

---

## POST SCRIPTUM.

Londres 1. de Dezembro 1829

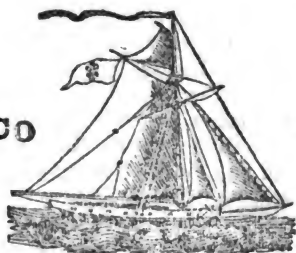
O Exmo. *Marquez de Palmella* acaba de chegar a esta cidade de volta de Paris. Ao desembarcar em Dover, S. Ex. foi recebido com um corpo de Tropas, e salvas d'artilharia, isto é, da maneira porque os Embaixadores são recebidos em Inglaterra. Nós fazemos presente deste facto ao Visconde d'Asseca para que possa envia-lo ao *seu* Rei, e para que o Infante D. Miguel saiba que a Inglaterra préza e respeita de perto aquelles, que o despota de Portugal vota á forca.

---

*Publica-se este semanario todas as terças-feiras de tarde (com a data da (Quarta-feira.) Vende-se em casa de H. Huntley No. 23 South-Audley Street, Grosvenor Square, por 9d. cada número: assignaturas até o fim do anno por 10s.*

Impresso por R. Greenlaw, 39, Chichester Place, Gray's-Inn-Road, Londres.

# O CHAVECO LIBERAL.

No. 14 Vol.

O'er the glad waters of the dark blue sea,
Our thoughts as boundless, and our souls as free.—BYRON.

*Quarta feira* 9 *de Dezembro*, 1829.


## CORRESPONDENCIA DO CHAVECO.

*Meu muito Reverendo Padre Capellão—Abordo da Balandra Tres quilhas—Meu bom e grosso amigo.* So vi mui tarde e ja sem remedio entre muitos erros escapados na minha precedente dous que me appresso de corrigir como mais substanciaes. O primeiro está a pag. 298 no fim do §. que diz—*É mais raro o phenomeno de topar com tal govêrno do que de uniformar um* novo *sôbre modello tal.*—Queira Vm. ler *Povo* aonde diz *novo.* O segundo ainda mais substancial está na ultima linha da mesma pagina aonde se le—*Os Povos ja se conhecem quando são postos em movimento, e o seu valor o prova*—Aqui d'El Rei, que eu não lhe escrevi tal cousa: eu disse-lhe—*Os povos so* se *conhecem quando são postos em movimento, e o seu valor á prova*—Não me canço em chamar-lhe a attenção para o final do §. *Clero* pag. 294, e d'outros, que taes, que a sua logica e benignidade facilmente descobrirá, e desculpará. Como em sandices não ha solidaridade, o seu a seu dono: sobejão-me as que escrevo, digo e faço, e descareço de sobrecarregação, que me obrigue a navegar *mettido* com agoa por sôbre as mezas.

Eu lhe mandei pois, meu amigo, um esboço ou *proforma* d'um Periodico, como me pedíra, porem não cuide Vm. que tão extremada composição se funda no que lhe remetti. O espirito humano não se encarcera em tão mingoados limites. Um periodico

Um periodico é uma composição sublime em seu methodo, em seu arranjo, e na *encyclopediedade* da sua materia. É pena haver-se perdido o nome de seus Inventores, e ainda maior é o pezar que tenho de ver que os Mestres de Rhetorica da Congregação do Oratorio, e os Jesuitas hoje não tenhão estabelecido as regras destas composiçoens scientificas descobertas em algum cantinho d'Aristoteles, Quintiliano, ou Horacio, ou enfim em algum Manuscripto do Herculanum. Mas que disse eu? Os Jesuitas! Ah! meu amigo, se elles podessem lançar o fogo a todos os periodicos do mundo, se elles podessem frigir nesse fogo todos os periodiqueiros, que labaredas não veria Vm.? Nem todas as bombas da Marinha Ingleza sobejarião a apaga-lo. Mas enfim hão-de roe-los: hão-de ter paciencia, que os periodicos os esfreguem, lhes ponhão a calva da hypocrisia á mostra, e lhes assoalhem todas as tramas reconditas, com que pretendem destruir os direitos do homem, e encadea-los ao cêpo do despotismo. Sancta Imprensa! Se tu não fôras, que seria do homem? Como poderião desembuçar-se os crimes dos mandoens? Como poderia desafrontar-se a virtude dos insultos dos regulos? Invento celeste! Sustentaculo firmissimo dos direitos da humanidade, tu ja não pereces! Se es susceptivel de ser extraviada *por abuso* ao mesmo passo que derramas o saber, a san doutrina, a civilização enfim, estes bens são os mesmos, que tem de debellar esse abuso. Vehiculo da approvação e desapprovação do Genero-humano tu comprehendes o Tribunal tremendo que julga sem recurso e com infallivel punição os maus;—instrumento, espelho e quadro da OPINIAÕ dominas tudo. Não cuide contudo, meu amigo, que no que lhe enviei se cifra tudo: ainda temos muito pano para mangas: temos ainda logar para um *supplemento* ao periodico, que importa *ás vezes* o mesmo, que um novo periodico, ainda que commumente não vale um ceitil, e se cifra em ultima analyse n'uma segunda especulação de lucro: são uma especie de *sobre cevadeira* sem mais nem menos. Mas enfim vamos a elle.

### SUPPLEMENTO

### *á Gazeta &c. &c. &c.*

Aqui tem Vm. ou o Redactor campo para n'uma recapitulação ou epilogo reproduzir o que disse no periodico, o que forra grande trabalho. É fazer como os Lentes da Universidade de Coimbra, que gastão ametade do tempo na *lição d'ontem* e na *razão d'ordem* dos capitulos ou titulos, que devião de explicar. *Impostura*, meu amigo, e nada mais. E que ha actualmente em Portugal, que não seja impostura? O primeiro impostor, ou o *impostor mor*, é o govêrno de D. Miguel, e dahi até o derradeiro dos mandoenzinhos os Capitaens d'ordenanças, e Almotacés tudo é uma gradação ou escala

d'impostores. É impostor o Duque de Cadaval, por que appresenta uma casca e affectação religiosa, uma seriedade e circunspecção mesurada, e que é elle? Um perjuro, que tendo o outro dia prestado um juramento á Senhora D. Maria II., hoje é o seu primeiro inimigo insultando em cada acto a Divindade que chamou em testemunho da sua assersão. O Bispo de Vizeu é um impostor por que appresenta nos habitos prelaticios o que não é na moral. Cuida elle que ninguem sabe a ruindade, com que elle valendo-se da sua preponderancia para com o sevandija *Rodrigues de Bastos*, fez despejar um pobre tanoeiro com mulher e filhos do armazem, que tinha ao pe da Fundição, so porque este homem para arquear as aduelas fazia de noute fogo na testada e a sege de S. E. R. não podia chegar incognita á porta da concubina, que morava por cima?

É um impostor o Conde de Bastos, porque tendo oitenta annos pratica actos externos, que persuadão o vigor da mocidade, que não tem. Veja elle bem, que a natureza não admitte imposturas...... Este Impostor affecta que sabe ler, mas não despacha um so requerimento: faz de ministro, mas é outrem que serve: impoem pelos annos o que descompoem por palavras. Ai! deste barbaro no dia proximo do seu juizo. É um impostor o Padre Santarem appresentando embraçada uma bojuda pasta de papeis, que necessariamente devem ser todos em branco:—mostrando-se occupadissimo na expedição de correios e despachos, não tendo uma so côrte (porque a de Fernando *é côrte*) que reconheça o Governador Despota a quem serve. Que tem este Estrangeiro aos Negocios, que embaraçar-se com Negocios Estrangeiros? Para escrever a quatro espias basta um amanuense. Para mandar saber como passa S. M. Catholica basta o estafeta ordinario.

Aonde acabaria eu, meu amigo, se quizesse demorar-me a fallar dos *Impostores* em mando? É tão abundante esta materia, que me atrevo a dizer-lhe, que com ella se sustentaria um periodico inteiro por annos sem reproduzir-se.

Segue-se logo neste logar predispor o leitor com affectar a chegada d'um expresso fresquissimo dirigido *so, e monopolicamente* ao editor da Gazeta com novas do estrangeiro. E como o titulo de *Noticias Nacionaes e Estrangeiras* é ja mui sediço e estafado, e mesmo em coherencia do que ja lhe escrevi a este respeito, mude-se o titulo, e fiquem desde hoje.—*Noticias exoticas e indigenas*—, que não é tão trilhado, e mesmo por que tudo quanto se faz e passa nos Govêrnos policiados do Mundo é *exotico* á actual Administração Portugueza.

Podem servir desde ja servir, por que effectivas as seguintes

*Noticias exoticas*

*Vienna* 15 de Novembro. Diz-se que o Principe de Metternich tenciona mudar o seu systema politico, conscio das importantes mudanças que o Trattado de Adrianopoli hade occasionar, o qual reclama actualmente medidas mui differentes das que se poderião empregar, quando o Imperador Alexandre era chefe da Santa Alliança. Attribuem-se as novas ideas do Principe de Metternich ás francas e energicas representações, que um antigo diplomata acaba de lhe dirigir sobre o estado actual da Europa. Sem respondermos pela exactidão d'este facto, interessa saber qual é a opinião de alguns homens d'estado, ácerca da mudança de systema que se atribue ao Principe: pertendem, que elle actualmente emprega a sua influencia para conseguir, que o gabinete de Londres consinta na emancipação absoluta dos Gregos, com a livre escolha do seu governo. Por outro lado, segundo se diz, Mr. de Metternich propõe aos gabinetes das grandes potencias, que fação uma declaração unanime ao Governo de Portugal, afim de pôr termo ás desordens que tem sido toleradas n'aquelle malfadado paiz, combinando os meios mais efficazes para o conseguir com o Imperador do Brazil, e dando á Nação garantias que lhe possão assegurar que no futuro será governada pela lei e pela ordem tão sómente.

Por ultimo affirma-se, e isto parece incrivel, que Mr. de Metternich, deseja convencer o Governo Francez, que as grandes potencias, tendo-se tornado garantes da ordem legal que a Carta estabeleceu em França, estão resolvidas a não consentir, que o novo ministerio perturbe a ordem estabelecida, estando todas resolvidas a interferir de commum accôrdo, para assegurar a estabilidade de um systema legal.

Mal sabêmos que pensar de tão extraordinaria mudança! Esta tardia reconciliação com um systema tão razoavel, parece quasi incrivel, a menos que Mr. de Metternich queira agora reconciliar-se com a pública opinião. Quiçá so elle recebeo noticias de S. Petersburgo, informando-o da determinação em que se acha o Imperador Nicolau, de não consentir que os Gabinetes de Vienna e de Londres tomem parte alguma nos negocios da Porta, dando ao mesmo tempo liberdade á Grecia, e assegurando-lhe uma existencia politica, que a habilite a defender-se de qualquer agressão. Talvez tambem a Russia fizesse propostas á Austria, mais vantajozas do que as que lhe offerece o systema de inconsiderada tenacidade em que continúa Lord Wellington. Seja como fôr, o que podêmos affirmar é, acharem-se pendentes negociações do maior interesse entre os diversos Gabinetes, e que cada Ministro olha com séria attenção para o bem estar do seu proprio paiz, preferindo-o aos interêsses de seus alliados. *(Mésager des Chambres.)*

*Londres* 30 de Novembro. Pelo paquete Hanibal, capitão Hebard, que acaba de chegar de Nova York, recebêrão-se folhas Americanas até 4 do corrente: contem a capitulação das forças Hespanholas, depois da derrota experimentada no Mexico. Este interessante documento é do theor seguinte:

### CAPITULAÇÃO.

Quartel General de Puebla Viego de Tampico, em 11 de Setembro de 1829.—Achando-se reunidos por parte do General em chefe do Exercito Mexicano Antonio Lopez de Santa Anna; o Major-general Pedro Landero; o Coronel d'Engenheiros Jozé Ignacio Ylerri, e o Coronel Jozé Antonio Mexia: e por parte do General commandante das Tropas Hespanholas, que invadírão a Republica, Izidro Barradas; o Brigadeiro-General Jozé Miguel Salomon, e o Major Fulgencio Salas; e tendo trocado seus respectivos podêres, concordárão nos seguintes artigos:

1°. No dia de amanhã pelas nove horas da manhã, as tropas Hespanholas deverão sahir da fortaleza da barra, com armas e caixas de guerra, que serão entregues bem como todas as munições de guerra, á divisão Mexicana: serão commandadas pelo general Manoel de Mier de Teran, commandante em segundo do exército. As referidas tropas se reunirão aos seus officiaes em Tampico de Taimaulipas, e estes ultimos conservarão as suas espadas.

2°. No dia seguinte, pelas seis da manhã, toda a divisão Hespanhola, que occupa Tampico de Taimaulipas, marchará debaicho do commando do General de Mier de Teran, e entregará as suas armas, bandeiras e munições de guerra, na explanada dos quarteis de Altimira.—Aos officiaes é permittido conservar as suas espadas.

3°. O Exército e a Republica Mexicana garantem solemnemente as vidas e propriedade de todos os individuos pertencentes á divisão invazôra.

4°. A divisão Hespanhola permanecerá na cidade de Victoria, até que embarquem para a Havanna.

5°. Concede-se licença ao General Hespanhol, para mandar um ou dois officiaes á Havanna, afim de obter transportes que hãode conduzir as suas tropas ao dito porto.

6°. O General Hespanhol se obriga a pagar as despezas feitas com o sustento da sua divisão, até ao momento do embarque, bem como o custo de quaesquer transportes.

7°. Os doentes e feridos pertencentes á divisão Hespanhola, que por perigo de vida não pódem marchar, ficarão na cidade de Tampico, até que possão ser removidos para o hospital do exército Mexicano, onde serão trattados á custa do exército hespanhol, que deverá

fornecer cirurgião, cabos e soldados enfermeiros, quantos bastem para seu trattamento.

8°. A bagagem necessaria para a remoção da divisão Hespanhola lhe será concedida, devendo porêm pagar o preço costumado do paiz pelos carros e transportes necessarios, bem como as despezas do seu sustento.

9°. O coronel da divisão do exército Hespanhol é responsavel pela observancia da capitulação, pela parte que diz respeito ás tropas na fortaleza da barra; ficando na intelligencia, que se concede passagem ao General commandante do ponto de Dona Cecilia.

10°. O general Mier de Teran deverá nomear dois officiaes para a execução dos diversos artigos aqui estipulados.

Foi confirmada a presente capitulação pelos abaixo assignados no dia, mez e anno acima mencionado.

Pedro de Landera — José Miguel Salomon
José Ignacio Yerri — Fulgencio Salas
José Antonio Mexia

Ratifico—Antonio Lopez de Santa Anna
Ratifico—Izidro Barradas

Artigos addicionaes

*Proposto pelo General hespanhol*—Se algumas tropas da divisão hespanhola pertencente ao general Barradas chegarem a este porto, deverá dar-se-lhes noticia d'esta capitulação, não se lhes permittindo desembarque.

*Proposto pelo General mexicano*—O general commandante, officiaes e tropas, que pertencem á divisão de Barradas, promettem solemnemente de não tornarem a pegarem armas contra a Republica Mexicana.—(Assignados e ratificados como acima.)

Depois da capitulação o general Barradas embarcou com seis dos seus officiaes a bordo de uma escuna para a Havanna. O General Santa Anna sahio de Tampico no paquete Inglez para Vera Cruz.—(*Star.*)

*Londres* 2 de Dezembro—Recebemos o Norfolk Herald de 2 do passado, e em uma de suas columnas deparamos com o seguinte—A fragata *Brandywine* recebeo ordem para estar promta á primeira voz: julga-se levará um mensageiro a Lisboa, para exigir do govêrno de D. Miguel a devida reparação dos insultos commettidos contra a bandeira Americana nas agoas da Terceira. (*Globe.*)

*Paris* 27 de Novembro,—O Cavalleiro de Barboza (diz o Moniteur) nos dirigio uma Carta, em que desmente a noticia do reconhecimento de D. Miguel como Rei de Portugal por Sua Santidade, refutando o que publicárão alguns jornaes da capital a si-

milhante respeito, como destituído de fundamento. O Nuncio de S. Santidade póde exercer as funcções do seu cargo, como chefe da igreja catholica, mas d'aqui não se deve inferir, que renovou as suas funcções diplomaticas pois estas cessárão quando os outros Agentes diplomaticos forão chamados. (*Gazette de France.*)

*Paris* 27 de Novembro—Cartas de Madrid de 19 do corrente, que chegárão por um correio extraordinario, annuncião que o decreto da amnistia dada por Sua Magestade Catholica se achava lavrado, e hia ser publîcado em breve. Se dermos credito ao conteúdo destas cartas, poucas são as pessoas exceptuadas da amnistia, e diz-se que ésta só exclue os chefes da revolução da Ilha de Leão, que teve lugar no 1o de Janeiro de 1820, e em resultado da qual se publicou a Constituição;—os que tomárão parte nos acontecimentos de 7 de Março do mesmo anno, e os membros das Cortes que em Sevilha votáraõ para depôr da soberania Fernando setimo. (*Quotidienne.*)

*Londres*, 2 de Dezembro,—O Marquez de Palmella chegou no dia segunda feira vindo do continente. O Marquez foi nessa mesma tarde á secretaria de estado dos negocios estrangeiros, e ali tratou de negocios officiaes. (*Times.*)

*Ancona* 13 de Novembro. A Inglaterra tem mandado tão consideraveis reforços á sua Esquadra no Archipelago, que o Almirante Russo Conde Heyden fez algumas perguntas ao Almirante Malcolm acerca das razoens,que podião motivar esta medida. Respondeu-selhe que se não tractava d'augmento em numero, senão de render os vasos que tinhão terminado o seu tempo. (*Gazette de France.*)

Seguem-se agora as *Noticias* indigenas, e Vm. pode desde ja approveitar essas, que se não instruem o Leitor de Portugal, informão todavia muita gente, que não está em Portugal, e que gosta e tem direito a saber o que vai pelo mundo.

## NOTÍCIAS INDIGENAS.

*Lisboa* 14 de Novembro. Tristissimos dias são estes! A 20 deve sahir a nau, que leva os desgraçados para os destinos que a barbaridade lhes dictou. Setenta infelizes sahírão daqui, quasi todos por crimes (ou antes virtudes) politicos! Os gritos das suas familias sensibilizão até as pedras. Quem poderá ver este horroroso quadro sem compaixão! O' Deus misericordioso, valei-nos! As diligencias, que as mulheres, os filhos, e os mesmos infelizes tem feito para não sahirem daqui, ou ao menos serem mudados para mais suaves destinos, tudo tem sido embalde. O governo é inexoravel. Nem uma so sentença foi ainda minorada. O' meu Deus! Viver em meio da desgraça, e não poder alivia-la! Desgraçada existen-

cia! e quanto dura! Parece que o tempo parou! Se atravez deste quadro medonho não luzisse uma esperança...... S.

*Lisboa* 20 de Novembro. Aqui estamos no socego das catacumbas. Nada se diz, nada se espera, todos temem sem mesmo saber o que. Os degradados ainda não partírão, e talvez o invernoso tempo os demore algum dia. Vão cento e tantos infelizes. A Alçada do Porto de 8:000 em processo so tem julgado *um* innocente. Mas diz S. Paulo que é preciso, que hajão herezias. Tracta-se de mandar tropa á Madeira, e ha lembrança de remover o governador. Falla-se em mandar o Conde de Cea. Portugal offerta um contraste mui extraordinario. A maior parte da Nação anda triste, cheia d'afflicção, e de miseria. A emigração continúa principalmente do Minho para o Brazil. Entretanto a corte so cuida em divertimentos. As cavalhadas preparão-se, e ha continuados ensaios em Belem á porta fechada: dizem que so a Francisca e o Bispo de Vizeu tem privilegio para assistirem. Os figurantes na dança são Borbas, Siqueiras, Viannas, S. Vicente, Almada &c. enfim todos os rapazes mal creados, e que por não terem levado açoutes os levão agora bem zurzidos do tal estafermo, que acerta todas as chicotadas. A' noute ha *cabra-cega* em Queluz, o que tem tornado o Marquez de Bellas de todo leve.

A loucura do Marquez de Chaves é o assumpto do dia, como que se este pateta so agora começasse a ser tolo. Entre as muitas anecdotas, que correm ahi vai esta.

Foi o Marquez a Queluz em occasião, que o Conde de Basto estava no despacho: immediatamente o Marquez se fez sentir pelo motim: sahio o Conde encarregado por seu amo de despedir o Marquez, porem este instou bruscamente que queria entrar: o Conde tomou o seu ar decisivo, e tomando pelo braço ao Marquez o conduzio á porta. Sahírão ambos, e depois das carruagens andarem um pouco mandou o Marquez parar, e fez dizer ao Conde que se apeasse e viesse fazer-lhe companhia. O Conde por conservar a etiqueta e ordem da corte obedeceu: apenas entrado na carruagem do Marquez ordenou esse aos creados, que corressem quanto podessem: assim vierão até Sete-rios, aonde o Marquez mandou apear o Conde: este quiz representar que não era decente que o *Escrivão da Puridade* ficasse no meio da rua; porem o Marquez lançou-o fora antes d'ouvir a razão e seguio a sua carreira. O Conde vendo-se so e na lama houve de recolher-se á guarita da Policia, aonde esperou a sua carruagem, gastando o tempo em suspiros e em arranjar a cabelleira, que as carreiras tinhão intortado; e disse-se que nos pensamentos que tivera não invejára D. Quixote na mais miseravel das suas aventuras.

*Lisboa* 20 de Novembro. O Governador da Madeira representou

o mau espirito da Tropa ali. O Governo entregou-lhe um poder discricionario. A medida foi envenar o regimento 13.—Tem-se nomeado tres para substitui-lo : o mais provavel é ir fazér cortezias para ali o pantalão da Policia J. J. Maria. Temos de volta a esquadra mui escalavrada. A Perola e Amazona ficárão em S. Miguel uma com agoa aberta, outra desarvorada. O Visconde de Molelos disse a um meu amigo, que a sancta causa estava perdida, que D. Miguel era um inepto--que tinha levado as cousas a ponto de ja não terem remedio.

O Massioti acaba de dizer-me : venho de estar com o Conde da Louzan : a cousa está muito ma : oh ! se os liberaes o sonhassem como andarião ! Os degradados não vão, porque parece que Angola se revoltou em favor da Snra. D. Maria IIª.

Um destes dias indo o Marquez de Chaves na traquitana vestido á paizana, como a sentinella d'Alcantara lhe não fizesse continencia, fez chamar o commandante, deu-lhe voz de prezo, á guarda inteira, e até ao coronel ! Depois d'andar alguns paços, volveu, e tornou a chama-lo dizendo-lhe. Seja tudo solto, porque me não lembrava, que vinha á paizana ! ! !

É costume na appresentação dos Embaixadores terem delle pechincha os creados da Casa real : como se dissesse que o Nuncio se appresentára, cahio a chusma em casa do Eminentissimo, que amarrou as mãos na cabeça, e tractou d'accomoda-los com bençãos, desenganando-os, que elle não reconhecêra o Senhor Infante. Isto fez grande bulha, e a decrepita Rainha chamou o Santarem e lhe disse mui enfadada, que elle devia de ter prevenido este desconcerto ; ao que o viscondezito tornou :—ao Mordomo mór é, que pertencia entender-se com o Secretario de S. E., porque eu não tenho um real : minha mulher acabou de gastar neste instante o ultimo *pinto*, que o outro pinto *Monsieur* Trapalhé inda hontem me emprestou a juro de 75 por 100.—A tonta Carlota não teve que retrucar a razoens tão verdadeiras.

*Madeira* 28 de Outubro 1829. O padeiro Genovez Baxixa póde considerar-se a todos os respeitos um homem perdido. Na semana passada 35 soldados do regimento No. 13 se acharam mal ao mesmo tempo, e com taes symptomas de envenenados, que se fez immediatamente uma Junta de Medicos. Estes accordáram *una voce*, que os homens tinhão sido envenenados, e que arsenico fôra o veneno. Ora como a maior parte delles não tinha comido outra cousa senão pão do Baxixa fornecedor do regimento, sobre elle cahio immediatamente a suspeita. Obra de 100 homens armados do regimento 13 (porque do regimento 2 ninguem foi envenenado, o que dá azo a mui sérias suspeitas) cahiram sobre a casa de Baxixa sem ordem do Governador, prenderam-no, e a toda a sua gente, e o terião feito

em postas a não intervir o Governador, e officiaes da guarnição que a esse tempo chegaram e lhe salvaram a vida. Elle foi mandado para bordo da corveta; porem não satisfeitos com isso os soldados, e suppondo que o favor de certa personagem lhe daria escapúla, levantaram-se em massa juntamente com a maior parte do regimento 2, e pediram com armas na mão a vida daquelle homem, e insistiram em querer vê-lo em terra, e que elles o guardarião. O Governador não teve remedio senão acquiescer. O homem desembarcou no caes, aonde os soldados enraivados lhe fizerão pedaços os vestidos, chegando semi-nu ao celleiro por detraz dos armazens novos de Blandy, onde é mais de que certo que não escapará. Como se espalhassem rumores, que fizessem suspeitar do Major Lapa, na noute de 26 estando tudo na fortaleza, obra de 200 soldados armados entrárão ali pedindo a pessoa do Major Lapa. Houve a maior difficuldade em acalmar os soldados.

Baxixa nada descobre sobre cumplices, porem que os ha, e d'ordem superior é innegavel.

Basta de correspondencia, e de noticias, que tãobem não deve nisto crescer em demazia o periodico.

Agora não será fora de proposito fazer tres ou quatro reflexoens sobre todas essas noticias, porque assim teremos um guizado novo de maravalhas velhas, que é isso bom uso e costume de periodicos. Mas como lhe chamaremos? Ja sei: como o caso é uma especie de recapitulação seja *anacephaleose*, que fica bem bonita.

## ANACEPHALEOSE.

Escrevem de Vienna, como acabamos de ver, que o Principe de Metternich não tarda a *virar de bordo* acerca da politica Europea, e que Portugal e a mesma França será o theatro de suas vaticinadas maravilhas. Quem poderá crê-lo? Quem poderá suppor tal do *grão* LAMA diplomatico da mais carrancuda corte da Europa? Os nossos leitores nem todos poderão avaliar a dignidade deste senhor pela applicação do nome, que lhe demos. LAMA é o soberano pontifice, ou quasi-divindade dos Tartaros Asiaticos, e habita no Paiz de Barantola. O Lama não so é adorado pelos habitantes do Paiz, mas tãobem pelos Reis da Tartaria que lhe mandão ricos presentes, e vão em peregrinagem tributar-lhe adoração, chamando-lhe *Lama cangiu*, divindade de eterna duração. Elle nunca se vê, salvo n'um retrete secreto do seu Paço, em meio d'immenso numero de lampadas, assentado cruzado sôbre uma almofada, e adornado em torno de ouro e pedras preciosas: prostrão-se de longe ante elle, e sería até irreverencia beijar-lhe os pés. Chama-se *grão Lama*, ou *Lama dos Lamas*, e nesta accepção significa o *Padre dos Padres*. Tal é o nosso pontifice da diplomacia. Nunca se vê: o seu nome

está em todas as secretarias diplomaticas: o respeito que infunde é quasi divino: um acêno seu abala o mundo social: todos os politicarroens se esbarretão ao soletrar o seu appellido. Elle foi o ferrolho da Sancta Alliança: elle é o carcereiro-mor das liberdades europeas. Como é possivel logo que este homem, este Lama na serie e successão dos Machiaveis mude, e transija? Sim, é possivel. O terremoto politico não tarda; e elle appressa-se a espera-lo. Talvez lhe seja tarde. Mas embora, se o fizer, avantaja sôbre aquelles de seus collegas, que hão-de ser abismados nas suas ruinas. A paz d'Adrianopoli tem resultados previstos, mas não chegados ainda. As ondas que se embatem no meio do oceano levão tempo a desdobrar-se sobre as praias.

A França ruge com um bramido medonho aos abusos, e parece proxima a epoca do seu triumpho.

A Hespanha ahi tem na capitulação do Mexico a quebra da sua ultima amarra. Esta quixotica empreza, que a gazeta de Lisboa tanto exaltou, e de que ja vaticinamos neste periodico o resultado, diz em fim aos potentados da Europa:—dezenganaivos para sempre: nós nunca mais seremos vossos. Mas antes, ó povos velhos, imitai-nos, sêde livres: arremeçai de vós essas castas, que para manter seu prejuizos vos tem em ferros. Eia: é tempo, accordai.—

Quem poderá crêr, tendo em vista o procedimento de Fernando VII, para com as Provincias emancipadas, que elle manterá palavra nessa amnistia, que promette? Que é essa promessa senão um laço para alcançar por enganos o que não pode conseguir por força? Quem pode crer um prejuro, que tantas vezes tem quebrado os juramentos, um contractador que tantas vezes tem faltado á palavra?

Neste homem tem os Portuguezes a imagem fiel do Infante D. Miguel: como sobrinho o sangue o assemelha: como mantedor de juramentos disputão-se a primazia, como despotas venha o diabo e escolha. O Averno não vomitou ainda monstros mais damnados. Agora que Portugal decahe cada dia em penuria, em miseria, em sofrimentos, que elle mesmo lhe prepara: agora que tantas familias carpem o exilio (honroso) de seus paes, filhos, maridos, parentes, ou amigos, o despota tracta de *cavalhadas*, e os infames fidalgos, os indignos nobres, os desmoralizados, mal creados e estupidos mancebos das primeiras cazas Portuguezes formão-lhe o cortejo, paramentão-lhe a devassidão! E eram estes os Pares que um dia devião de assentar-se n'um Conselho legislativo? São suas tarefas o *chicote*, os seus estudos as *cavalhadas*, as suas recreaçoens moraes, e scientificas a *cabra-cega?* Mas que muito se

o govêrno é formado de taes achegas, que entregando a administração d'uma das primeiras possessoens portuguezas nas mãos d'um seu empregado com autoridade illimitada, este a emprega *envenenando* um regimento? Aonde ministra a historia um exemplo de tanto horror? Este facto é tal, que commentado perde da sua fëaldade.

E que diz a tudo isto a Inglaterra? Nada. Tracta de reforçar-se caladamente nas suas estaçoens maritimas: está espantada diante do espirito, que a França desenvolve: olha para a doença *repentina* do Imperador Nicolau com um sobresalto incalculavel: corre a um lado e a outro em busca d'alliados, mas so os acha em governos, que não em naçoens, ao mesmo passo que encontra as naçoens desunidas dos governos, e ao voltar-se para casa acha so principios de decadencia!

Quem ha ahi, que pode prever, o que será a Europa em poucos annos futuros?

Tomemos fôlego. Essa pergunta merece duas palavras n'um

## POST SCRIPTUM.

As mudanças no ministerio Francez demonstrão o poder irresistivel do partido liberal em França—do partido da nação contra a facção dos servis e fanaticos. O Govêrno abaixa-se ante o Povo, e tudo indica um triumpho proximo da democracia. Um correspondente do *Morning Chronicle* entra nas seguintes observaçoens—"O Principe de Polignac é o *derradeiro* ministro realista, que segundo a probabilidade *humana* terá de dirigir os negocios de França. Elle o sabe, como sabe que o sol allumia ao meio-dia: e é por isso que se esforça em desviar prejuizos, em ameigar as paixoens, e subjugar a violencia do partido, que se resente. Mas nada disto vale. Julgais que disto me regozijo? Certamente não. Julgais, que eu creio, que a França quer pela extensão da sua população, quer por sua posição geographica é adaptada á applicação de principios republicanos, e que um govêrno republicano lhe seria benefico? De nenhuma maneira.—Porem os meus desejos, e a minha opinião de nada montão contra o facto; e é facto, que corremos para o republicanismo."

A Igreja, a Aristocracia, e os realistas de França estão fazendo o derradeiro esforço para sustentar a monarquia, e preserva-la com a Carta. Porem o jogo está na derradeira mão. Os realistas podem por mudanças de nomes e posiçoens por seis ou outo annos prevenir que se dê o ultimo golpe na monarquia em França; mas alem deste tempo, a não haver uma grande alteração não póde prolongar-se; e o evento é tão certo como uma profecía verificada. Não

julgueis por um so instante, que com tal me alegro, ou me satisfaço com o triumpho d'um partido opposto a instituiçoens monarchicas: eu vos dou palavra de que ólho com espanto para o progresso da nova revolução: todavia, tanto quanto conheço a França, não posso illudir-me nem com o triumpho, nem com o facto da revolução. Ha alguem, que diz: aonde está essa nova revolução? Quem são os cabeças? E como é que se descobrem os objectos. e intençoens dos partidos? Ignorantes e fatuos! Aonde é, que está a nova revolução? — Está em todas as provincias — em todos os departamentos—em todas as municipalidades—em todas as paroquias, e choupanas—em todo o circulo particular e publico—em todas as familias —ao redor de todas as mezas—em todos os lares. Aonde está a nova revolução?—Está na Côrte—nas Camaras—nos Tribunaes de Justiça,—nos Periodicos,—nas Eleiçoens,—*em tudo.*"—Assim escreve um homem, que se pretende bem informado no centro d'uma revolução, que não deseja, mas a que vê que se não póde obstar.— Se a França, diz o *Examiner*, por uma segunda vez completa a sua liberdade, será sob circumstancias as mais favoraveis que o mundo tem visto alevantada uma forma de govêrno sábia. A sua vontade não será agora o rompimento d'um escravo, que arrebenta as cadeias que o prendião, senão a derradeira libertação d'um Povo, que tem estado assaz perto da possessão de seus justos direitos para se achar preparado a devidameute occupa-los, e a compassadamente goza-los. *França teve uma Revolução de sangue: a que se segue será revolução de razão.* Ella tem cursado uma escola de vicissitudes, tendentes todas a augmento de instrucção, Dentro de meio-seculo provou todos os excessos, saciou-se em toda a casta de devassidão. Encetou tantos erros, que hoje não haverá um que por novo possa fascina-la:—o *seu juizo está entronizado sobre a experiencia.* Se França se provê para si com aquelle bom govêrno, que se involve na palavra *liberdade,* o seculo presente hade ministrar-lhe vantagens. Ella não porá um autemural feudal no templo moderno da liberdade; mas alevantará novo edificio appropriado a usos novos, não em gloria de *poucos,* senão em felicidade de *todos.* Em França ha ja pouco ou nada, que embargue a vontade do Povo. Não ha intervallo entre o throno e a nação—

"Que a França, termina elle, está em posição de ser a primeira na liça é sobejamente claro; mas o seu adiantamento não póde deixar d'animar-nos. A sua primeira revolução fez-nos um mal incalculavel: na segunda deve á Inglaterra uma reacção benefica; e nós esperamos com confiança o desempenho da dívida."

Tal é o pensar d'um dos mais abalizados periodicos Inglezes. Nós o trasladamos em apoio das ideas, que temos sustentado.

Notem nossos leitores, que não é um sonho a *civilização Europea*:—que não é duvidoso o triumpho contra a aristocracia *feudal*, que póde reputar-se não longe do seu ultimo parocismo: que aquella mesma França, que duas vezes nos assolou impellida pelo dominador do mundo,—que aquella França que fez a guerra ás intituiçoens, que hoje a salvão,—que auxiliou o despotismo contra a liberdade dos Povos;—essa França hade cedo no seu exemplo animar-nos, auxiliar-nos, e sustentar-nos. Se os Reis rodeados por fantasmas, que fascinarião no tempo das crusadas, mas que hoje apparecem abaixo da instrucção universal da verdadeira dignidade do homem em sociedade, querem preferir a ignorancia á sabedoria, os prejuizos aos principios, o nascimento ao merecimento real, não se queixem dos Povos, não se queixem de facçoens, não se queixem de inimigos do throno e do altar. Os Povos amão o Throno como elle deve de amar-se, e como elle deve de ser para dever ser amado: não amão, nem respeitão, nem podem respeitar um Throno rodeado de vicios, fundamentado sobre abusos, um Throno protector de poucos com injuria de muitos, um Throno, cujos pontaletes são nomes em vez de cousas, e quando cousas vicios em vez de virtudes. Os bens, que da França livre devem hoje derramar-se a todas as familias europeas são de tal extensão, que um Inglez, um rival dessa França, um tenaz sustentador da supremacia Ingleza, espera confiadamente que da sua revolução derivará beneficios! Que mais póde dizer-se? Que mais pode desejar-se? Escrevinhe embora a parte vendida da Imprensa diffamando os esforços dos homens, que tendem a libertar-se: a verdade é superior á mentira como a luz é superior ás trevas: ella hade desmascarar o suborno com o facho irresistivel da OPINIÃO: e os Jesuitas civis e ecclesiasticos hãode fugir ante o seu brilho, como as corujas se escapão ao despontar da madrugada. É a Africa o territorio, que lhes cabe. Se querem Regulos que prezidão a escravos:—se querem nutrir-se com o aviltamento da humanidade:—se querem continuar na abjecção, que enxovalha os nomes dos despotas da *meia-idade*;—se querem isso que chamão o *seu Throno* injuriando os verdadeiros Reis, a razão, e os Povos, vão collocar-se sôbre o Atlas, ou sobre as montanhas da Lua, mas deixem respirar os Apeninos, Pyrenneos, a Mancha, a Estrella, o ar desinfectado, a viração suave da Liberdade: appareça enfim o homem com o verdadeiro attributo de *livre* com que se extrema das demais raças da natureza animada,——appareça firmando a maxima de que a *divindade o creára á sua imagem e semilhança.* O homem bruto, escravo, e aviltado não póde sem injuria do Supremo Author da creação appellidar-se retrato seu; nem mesmo sem offensa de seu nome appelidar-se HOMEM.

Dêmos fundo aqui, meu Padre, qne temo render os mastaréos com fazer força de vela. Adeus. Seu amigo—PALINURO.

# DA NEUTRALIDADE OU NAO-INTERFERENCIA DA INGLATERRA,

## ACERCA DA PRESENTE USURPAÇÃO DE PORTUGAL.

Factorum est copia nobis
Res gestæ regumque, ducumque et tristia bella.

*Julho de* 1829.*

### DA NEUTRALIDADE.

Duas grandes questoens, grandes quanto á sorte do mal fadado Portugal, se tocárão em as duas sessoens do Parlamento Britannico do 1.º e 19 de Junho corrente, nas quaes se vio uma perfeita unanimidade de fallar da parte dos Ministros de S. M. B. sem mais appoio de membro algum d'ambas as Casas; assim como se vio uma barreira compacta de opposição, e differença de pensar da parte de todos os Membros d'uma e d'outra Casa não Ministros actuaes, que tomárão parte na discussão. Tão seguros estamos do bom senso, e espirito d'analise do Povo Britannico, qne não duvidamos decidir sôbre as impressoens, que da discussão resultárão, e sôbre qual é a opinião da universalidade não-prejudicada. Estes dous pontos todavia encâbeçarão-se em Direito das Gentes, e alguns dos nobres Membros, que se combatêrão chamárão sôbre suas oppostas opinioens a lei das naçoens asseverando cada um, que o seu pensar era conforme ao Direito das Gentes, ou que pelo menos lhe não era opposto.

Tomar estes dous pontos puramente no sentido juridico, eis-ahi o nosso intento. Nós não diremos, o que em uma e outra sessão se disse; não só porque seria ociosidade o fazê-lo, porem porque nunca poderiamos igualar na eloquencia, na deducção, e no brilhante da dicção, o que foi tão superiormente enunciado d'um lugar, d'onde descem as vozes, que regulão os destinos dos Povos.

Vérsão pois as duas questoens sôbre a applicação dos termos—*Neutralidade*—e—*Interferencia.*

Dão occasião á nossa averiguação as seguintes palavras do Duque de Wellington†

*O Autor deste folheto, *originalmente* escripto para apparecer em Inglez, condescendeu a pedido de seus amigos em reduzir a Portuguez o manuscripto para o uso de seus compatriotas não versados naquella lingoagem, e no-lo franqueou, rogando lhe relevassem algum anglicismo escapado por força das circumstancias expendidas: e pede mais que o leitor não perca de vista, que escrever para Inglezes não é o mesmo, que escrever para quaesquer outros povos: no que por certo convirá todo aquelle que dos costumes, escriptos, e maneiras peculiares dos Inglezes tiver conhecimento— Not. dos EDIT.

† Times de 20 de Junho de 1829.

*Ducumque et tristia bella,* diz a epigraphe.

"O nobre Lord (Holland) disse que admittindo tudo isto como
" verdadeiro, o facto era horrivel, e que segundo o Direito das
" Gentes nós não tinhamos direito a empecer o desembarque desta
" gente na ilha. Que elle (Lord W.) estava ora informado, que o
" Direito das Gentes a este respeito era differente: e que os Portu-
" guezes tinhão violado este direito organisando neste paiz um ataque
" contra possessões d'uma Potencia, com quem não so estamos em
" paz, porem com quem nesse mesmo tempo estavamos ligados por
" um Tractado.

Estabeleçamos agora a questão em these:—

Se achando-se uma Nação com *dous* Governos em *duas* de suas differentes possessoens, um de *facto* outro de *jure;* e tendo-se refugiado no territorio d'outra Nação, que reconhece o Govêrno *legitimo*, e não o Govêrno de *facto*, por que d'este retirou o seu embaixador, uma porção de cidadãos paisanos e tropa *desarmada* seguindo a causa do Govêrno legitimo, esta nação tem direito a obstar, a titulo de dever conservar *neutralidade*, a que os subditos do Govêrno legitimo se recolhão ao territorio do Govêrno legitimo?

Em hypothese a questão é esta:

"Se a Inglaterra podia tolher os Portuguezes refugiados em Inglaterra de navegar *para* e desembarcar *na* Ilha Terceira?

Se nós mostrarmos, que a palavra *neutralidade*, o que ella importa no que se chama Direito das Gentes, as regras que em sua observancia lhe são annexas segundo este direito, não tem logar na hypothese presente, seguir-se-ha, que o Direito das Gentes não favorece a opinião d'aquelles, que pretendem legalisar o obstaculo feito aos Portuguezes, não consentindo o seu desembarque na Ilha Terceira.

*Neutralidade* na accepção do Direito das Gentes é o estado negativo de cooperação d'uma Potencia a respeito de DUAS outras belligerantes.

Isto é *propriamente* Neutralidade. É neste sentido, que escreverão os Escriptores de Direito Publico: é neste sentido, que as regras geraes deste Direito se applicão, e se entendem. Entretanto talvez por não haver outra palavra significadora deste *estado negativo*, se disse tambem por alguns Escriptores, que uma Nação podia guardar a Neutralidade a respeito d'outra, que se rasgava em partidos, isto é, não assistir a um nem outro partido. Não se segue todavia desta expresssão, que entre uma Nação e um partido d'outra ha os mesmos principios, regras, leis, deveres, direitos e obrigaçoens a cumprir, que ha de Nação a Nação; podem haver *alguns*, mas não se segue que de haver *alguns* hajão *todos e os mesmos*, que subsistem de Nação a Nação. Logo d'haver regras de Neutralidade de Nação a Nação, não se segue que estas regras militão entre uma Nação

e um partido d'outra Nação, e que a falta d'observancia d'alguma seja *quebra de neutralidade.*

Para se conhecer mais cabalmente ésta differença cumpre definir com Vattel o que se chama *guerra civil e rebellião.* Diz elle no Liv. 3., cap. 18., pag. 103.

" L'usage affecte le terme guerre civile á toute guerre qui se fait
" entre les membres d'une même Societé Politique: si c'est entre une
" partie de Citoyens d'un coté et le Souverain avec ceux qui lui
" obeissent, de l'autre, il souffit que les mécontens ayent *quelque*
" raison de prendre les armes pour que ce desordre soit appellé
" *guerre civil,* non pas Rebellion. Cette derniere qualification n'est
" donnée qu'á un soulévement contre l'autorité legitime destituée
" de justice."

Perguntariamos agora se as obrigaçoens d'uma Nação a respeito d'uma *Rebelliāo* são as mesmas, que a respeito d'um estado de *Guerra civil* d'outra Nação? Se na questão de neutralidade tem aquella Nação os mesmos deveres a impor-se, e a cumprir, ou mesmo se tem *alguns* a observar, como no caso da outra Nação em guerra civil?

O principio de justiça é sempre nestes cazos a razão de decidir. No caso de *Rebelliāo* nenhuma outra Nação é autorisada a interferir na Nação, que ella dilacera; não assim no estado de *Guerra civil.* Ouçamos ainda o mesmo Vattel no Liv. 2 cap. 4. §. 56.

" Mais se le Prince attaquant les Lois fondamentales donne á son peuple un legitime sujet de lui resister ; si la tyrannie devenue in-
" supportable souléve la Nation : toute Puissance Etrangere *est du*
" *droit* de secourir un peuple opprimé qui lui demande son assis-
" tance."

E mais abaixo :

" Quand un peuple prend avec raison les armes contre un oppres-
" seur, il n'y a que justice et generosité á secourir de braves gens
" qui defendent leur liberté. Toutes les fois donc que les choses
" viennent á une guerre civile, les Puissances etrangeres peuvent as-
" sister celui de deux partis, qui leur parait fondé en justice. *Celle*
" *qui assiste un tyran odieux,* celle qui se declare pour un peuple in-
" juste, et rebelle, peche sans doute contre son devoir."

Portugal e a Ilha Terceira não são *duas* Potencias belligerantes, nem a Ilha Terceira é *rebelde:* são uma e unica Nação : não ha Tractados reciprocos entre si, nem de cada uma destas secçoens a respeito d'Inglaterra, nem d'outra alguma Potencia, que as constitua Reino, Nação, ou Potencias separadas e destinctas.

Logo pela simples definição de *Neutralidade* se conhece, que esta palavra e as consequencias, que della derivão não póde ter applicação a direitos ou obrigaçoens relativas á Inglaterra, e outras

*duas* Naçoens, que não existem. Logo o Direito das Geutes não póde no sentido dos Ministros de S. M. B. cobrir o seu procedimento obstativo do desembarque dos Portuguezes na Ilha Terceira a titulo de *quebra de neutralidade.* * Mas aonde existe um codigo de Direito das Gentes ?

Elle por certo não existe *escripto:* a Lei das Naçoens não é mais que o direito, que a razão natural estabeleceu entre todos os homens.† Grotius entende por Direito das Gentes um Direito estabelecido pelo commum consentimento dos Povos, e assim o destingue do Direito Natural.‡

Hobbes porem|| apenas lhe distingue os nomes, e diz expressamente que os seus preceitos são identicos. E Wolfin§ quasi que nem quer separar o Direito das Gentes do Direito Natural.

O que dicta pois esta razão no estado da presente questão ? Que motivos de justiça podião ou podem justificar o obstaculo que me faz um terceiro, a que eu va e entre para a minha propria casa ? Supponhamos que eu tenho e disputo em juizo o direito a essa casa, e que um dos andares della está habitado pelo meu contendor, porem outro andar está habitado pela minha familia. Quem póde por nenhum pretexto impedir-me com justiça, que eu va, e que eu entre nesse andar de que tenho inteira posse ? Supponhamos mais que estou em casa d'um visinho, que todavia não quer tomar nem o meu partido, nem o partido do meu contendor, e que para me ingerir no meu andar eu lhe fiz comprar por outrem uma escada, e o enganei mesmo no fim, com que motivei a compra. Sahido eu de sua casa com a escada, que direito tem o vendedor, *não meu, mas de terceiro,* de ir quebrar a escada, e quebrar-me as

* Taes são as palavras de Lord Aberdeen :—" With respect to the expedition to Terceira it was not correct to state that that island acknowledged the authority and rule of the Queen of Portugal. The garrison had undoubtedly declared for her, but the population were favorable to D. Miguel. A civil war existed in the Island, and if the noble Lord did not admit, that it would be a *breach* of neutrality if this government allowed an expedition fitted out in a British Port to join one party or the other, then he knew not what the terms " *breach of neutrality*" meant. For his own part he could view such a proceeding in no other light but as a breach of neutrality."—Times ibidem.

Seja-me licito dizer que não é correcto, que so a guarnição, e não a população da Ilha Terceira obedecesse á Rainha. Se a população inteira estivesse por D. Miguel, como seria possivel que 150 homens de guarnição contivessem 30,000 habitantes ? O haver algum Frade e Empregado publico, que aliciasse a canalha por D. Miguel, Rei da Canalha, não é ser a população da Ilha toda favoravel a D. Miguel.

† Quod vero naturalis ratio inter omnes homines constituid apud omnes feræque custoditur, vocaturque jus gentium, quasi quo jure omnes gentes utantur. Int. L. 1. tit. 2. §. 1.

‡ Barbeyrac Desc. Prel. á Trad. §. 41.

|| Hobbes de Cive cap. 14. §. 4—*Præcepta utriusque eadem sunt.*

pernas, quando eu ja a tinha lançado á minha janella, ja estava na minha testada, ja tinha os pés em propriedade minha?*

Pode por ventura o meu contendor accusar o visinho de me ter favorecido, por que me abrigou em sua casa, e porque eu fui della para a minha propria casa? Como se prova que o visinho neste caso se misturára nos meus negocios contenciosos, e quebrára uma linha neutral, que elle, mas nenhuma força *moral* ou physica externa a elle, se tinha a si mesmo imposto?

Aonde está esse preceito moral que o obrigava a ser neutro? Essa neutralidade póde ser effeito de *vontade propria*, não é comtudo norma de lei. Os Ministros de S. M. B. podião assentar entre si o serem *neutraes*, mas não se pode legitimar esta deliberação, este concerto, como uma lei sanccionada no codigo do Direito das Gentes. Não podem chamar a Lei das Naçoens para objecto, em que ella não legisla *imperiosamente*, para objecto, que deriva immediatamente da vontade propria, e não da lei.

A Lei, que existe sobre a *neutralidade*, não dependente da *mera* vontade d'um Governo qualquer,respeita propriamente ao caso de *duas* Naçoens belligerantes: como Naçoens, são independentes, não tem Superior: os seus direitos e obrigaçoens são regulados por convençoens *expressas*, e na falta dellas pelas regras de Direito Natural. A sua independencia reciproca, sem embargo da desigualdade de fôrças ou riquezas, os seus Tractados com essa terceira Nação collocão esta terceira Nação em uma situação dependente de leis, e de contractos, que é obrigada a cumprir. Nada disto porem existe propriamente no caso d'uma Nação dividida em partidos a respeito d'outra Nação. Neste caso pelos principios estabeleçidos atrevo-me a proferir a seguinte proposição:—Se a Nação dividida em partidos tem em um delles um chefe *legitimo*, reconhecido como tal pela outra Nação, ésta não pode deixar d'auxilia-la, ésta não pode ser *neu-*

* "Les rivages de la mer, dit Vattel L. 1°. cap. 23 pag. 103, appartienent incontestablement à la Nation maitresse du Païs, dont ils font partie, et ils sont au nombre des choses publiques."——

Tanto estavão os Portuguezes sobre as praias, que tinhão ja arrèado os Botes para desembarcar.

Na Encyclopedia Londonense na palavra Law of Nations lê-se o seguinte "So also those parts of the sea, which are near land may be looked on as lawfully acquired and maintained, as the property and under the dominion of the nation that is master of the coast.

A custom generally acknowledged extends the authority of the state, possessing the coast to a cannon-shot from the shore, which is understood to be three leagues; and this distance is the least that a nation ought now to claim as the extent of its dominion on the seas."—.... "In fact all those parts of the sea which surround the coast ought to be looked upon as forming a part of the territory of the sovereign who is master of the shore."—

*tral;* porque neste caso a sua neutralidade não importa *negação* de cooperação, mas importa *auxilio a meu adversario:* quem neste caso *não é por mim, é contra mim.* Consultemos a razão natural, consultemos a base de toda a legislação, e decidamos o seguinte facto. Indo por uma rua um ladrão rouba-me o meu relogio, e um outro homem vê, e reconhece que sou roubado. Principío de luctar com o ladrão para rehaver o meu relogio. Deverá esse homem ainda que nunca me visse, ficar *neutral* á vista do crime, ou ajudar-me? Poderá honestamente impor a si mesmo o ficar *neutral?* Qual é o Inglez que fica neutral á vista da perpetração d'um crime? Qual é o Inglez que não vôa em soccorro da innocencia, e no alcance do criminoso?

Esta practica todos os dias observada, que faz o elogio do verdadeiro Bretão; este espirito de justiça que caracteriza a civilisação d'um Povo; ésta observancia d'um dever, que a lei natural marca com caracteres indeleveis no coração do homem, é, e nenhuma outra, a base dessa lei das naçoens, que grita contra uma neutralidade, que em ultima anályse não seria senão o auxilio do criminoso; e que portanto não póde nascer de lei alguma, porque lei *injusta* repugna.

Se alguem ha, que queira ainda sustentar que a chamada *neutralidade* é fundada no Direito das Gentes:—que os Ministros de S. M. B. podião e devião em cumprimento d'esse Direito mandar atirar, e matar cidadãos desarmados, que hião d'Inglaterra para Dominios Portuguezes, aonde se mandava e obedecia em nome da Senhora D. Maria II., eu o desafio a que responda em boa fé e coherente com esta doutrina á seguinte pergunta:

" Poderá a Senhora D. Maria II. hoje estante em Inglaterra embarcar aqui para a sua Ilha Terceira?

Se póde: porque póde ella, e não podem, nem poderão os seus subditos? Se não póde, aonde está a lei que lho prohibe? Este dilema poderá cortar-se com a espada, mas não responder-se com a razão, com boa fé, e com honestidade. Supponhamos porem que a Lei das Naçoens legitimava a these d'uma similhante neutralidade, tem ella sido observada sem pender para a outra parte?

É facto que os Portuguezes, sobre quem o Govêrno Inglez mandou atirar nas agoas ja da Ilha Terceira, hião *desarmados:* elles revertêrão para a França, e ali chegárão, e se achão desarmados.

A grande queixa é contra as armas, que sobre falso pretexto se comprárão e enviárão para a Ilha Terceira. E por que as armas forão *por uma vez,* não podião ir os homens *por outra vez?*

O argumento reduz-se a que, consentir que vão armas é quebrar a neutralidade. E consentir que va dinheiro: consentir que D. Miguel procure alevantar aqui dinheiro, o que sem dúvida teria conseguido se o procedimento de seu Tio Fernando VII. não tivesse es-

caldado o *Stock-Exchange* :* consentir que va d'aqui canhamo, lonas, brins, breu, cordame, &c., contra o que não ha uma so ordem do Govêrno ás Alfandegas para que lhe deneguem despacho para Portugal, não será isso quebrar a balança da neutralidade? Que casta de neutralidade é esta de obstar a que os Portuguezes vão para Portugal, vão para a Ilha Terceira, e consentir que se remettão do Tamisa 2000 quintaes de maçame para equipar a actual expediçam contra a Terceira *

Não será desiquilibrar neutralidade appressar-se o reconhecimento d'um Bloqueio meramente nominal? Salvar um usurpador reconhecido por tal?

Tinha-se retirado o Embaixador Inglez de Lisboa, tinha-se D. Miguel feito Rei de Portugal, e os Navios de *S.* M. B. no Tejo salvarão-o como Rei! seja-me licito combinar este com o procedimento coherente do Governo de S. M.Chr.—Quando D. Miguel declarou o Porto bloqueado, o Govêrno de S. M. Chr. mandou a Fragata Themis forçar o bloqueio. Quando a Fragata Themis salvou no Tejo D. Miguel, *imitando* as forças Inglezas, o seu commandante foi immediatamente removido da Estação do Tejo, e desgraciado por isso.

Baste o que temos dicto sobre a Neutralidade.

Resta dizer poucas palavras sobre a *Interferencia, ou não-interferencia* do Gabinete Inglez nas cousas de Portugal.

Esta materia foi, quasi se pode dizer, esgotada nos debates a que temos alludido. A esta não-interferencia é que confundidamente

* Praça aonde se jogão, e apostão e se vendem fundos publicos.

† Diz Vattel no L. 3 cap. 7.

"Disons encore sur les mêmes principes que si une Nation commerce en armes, en bois de construction, en vaisseaux, en munitions de guerre, je ne puis trouver mauvais qu'elle vend de tout cela à mon ennemi, pourvou qu'elle ne refuse pas de m'en vendre aussi à un prix raisonable." Note-se agora que as armas que forão para a Terceira não forão compradas por Portuguezes, nem por authoridades Portuguezas; e que o terem sido mandadas para ali deu pretexto a a matar os Portuguezes desarmados, que se recolhião a sua casa. Será isto manter neutralidade?

Traslademos de novo uma authoridade Ingleza do ja citado artigo 'Law of Nations da Enclycopedia Londinense.

To observe a strict neutrality a state must—1st, Abstain from all participation in warlike expeditions—2nd, It must grant or refuse nothing to one of the belligerants, which may be useful or necessary to such power in prosecuting the war, without granting or refusing it to the adverse party: or, at least, it must not establish an inequality in order to favor one of the parties more than the other."—

The moment a neutral power deviates from these rules its neutrality is no longer entire."

Every inequality observed by a neutral towards the belligerents is looked upon as being, in fact, contrarp to the law of neutrality."

se deu o nome e significado de *neutralidade*, que temos combatido; porem d'esta confusão nasce um resultado, que cumpre rectificar. A palavra *neutralidade* tem uma accepção determinada pelo Direito das Gentes, e nesta accepção não póde applicar-se ao procedimento que os Ministros de S. M. B. tem seguido, como mostramos: não é assim a palavra *não-interferencia*, que é um termo particular, que não tem nada de juridico *em abstracto*, e que é meramente dependente da vontade do homem so ou collectivo.

Porem dado uma vêz um acto de interferencia, quer dizer, uma immiscencia, uma ingerencia em um negocio qualquer, muitas vezes não ha lugar de arrepender-se, e o interferente contrahio pelo facto uma obrigação, que é adstricto a completar.

Este é o caso dos contractos *beneficos*, taes como a *negctiorum-gestão*, a doação, o mandato &c. uma vez acceitos ou começados a executar não tem lugar o arrependimento.

A questão pois não é se o Governo de S. M. B. fáz ou não bem em seguir a respeito de Portugal, *ou d'uma Naçaõ qualquer* uma linha de comportamento, que importe não-interferencia *nos negocios d'outra Naçaõ*:—a questão actual é se tem ou não começado a interferir, e se esse começo lhe impoem a obrigação de seguir e ultimar o começado.

Como protestamos não repetir, o que se disse na discussão, nós nos abstemos d'uma larga analyse, e nos limitamos a produzir alguns factos d'interferencia innegaveis, e da mais notavel transcendencia, os quaes não forão mencionados no Parlamento.

Seja o 1o. o de Lord Stuart de Rothsay a esse tempo Sir Charles Stuart. Quando ElRei de Portugal, então Principe, se ausentou para o Brazil, e depois estabeleceu em Portugal pela expulsão dos Francezes, que o invadírão, uma Regencia, Sir Charles Stuart foi nomeado um dos membros d'ella.

Empregar-se um Diplomata da ordem de Sir Charles Stuart na administração d'um Reino estranho, se isso não é interferir, como se chamará? E não resultou essa nomeação d'um *concêrto* entre as duas Cortes?

Seja o 2o. o do Nobre Duque de Wellington.

Nesta mesma Regencia ou Governo do Reino de Portugal foi o Duque de Wellington um dos Governadores, e tinha mais de singular, que commandava elle mesmo um Exército Inglez, e em chefe toda a força de Portugal.

Se isto não é interferir, e interferir com *força armada* não so nas couzas politicas de Portugal, mas nas suas cousas internas, na sua administração, no seu Governo, não usemos mais da palavra *interferencia*.—Qual foi a resposta que deu a Inglaterra, quando pelo mes-

mo principio em epoca posterior se contendeu, que um Embaixador Brazileiro seria membro da Regencia em Portugal?

Seja o 3.º o facto de Lord Beresford.

Este nobre Lord trouxe em 1820 da Corte do Rio de Janeiro uma Carta Régia pela qual El Rei D. João VI. lhe delegava toda a authoridade sobre o Exercito, independente do Govêrno do Reino sem sugeição a ninguem. Era um Vice-Rei Inglez em Portugal. A que podêr, a que authoridade ficava em tal caso sugeito todo o Portugal? A não provar *interferencia* este facto, como é que póde interferir-se? Nem se diga que Lord Beresford era um particular, por que não é nesta qualidade que foi para Portugal, nem chamado por Portugal, como ninguem ignora.

Seja o 4º. quando em 30 d'Abril de 1824 o Infante D. Miguel prendeu, e quiz destronar seu Pae estava ao seu lado Lord Beresford, e o que então se passou com Mr. Hyde de Neuville é notorio, e não carece commentarios. Sir E. Thornton estava presente; com sua authoridade El Rei se recolheu a bordo da Nau Windsor Castle, e d'ali legislou, e proclamou contra este mesmo D. Miguel: então a Inglaterra por seu legitimo Representante, acolheu El Rei, interferio contra os movimentos do ja então usurpador. Não se tractava d'invasão externa, nem o caso extravasava os limites de Portugal, do seu Govêrno, d'uma revolução, d'um usurpador contra um Rei legitimo, d'um filho contra um Pae, d'um negocio enfim inteiramente domestico: nem se guardou *neutralidade*, nem o systema de *não-interferencia*.

Nem se diga que estes factos não provão interferencia *directa*, pois que emanárão de nomeaçoens do Soberano então de Portugal. Respondemos, que todas estas pessoas são tão notaveis, e exercitárão funcçoens tão preeminentes e conspicuas, que pelo menos sem authorisação da Inglaterra, sem aviso, conselho, e influencia d'Inglaterra, nem serião escolhidos, nem servirião estes lugares. Agora perguntamos nós, se este aviso, este conselho, esta influencia não montão ellas uma interferencia?

Como toda a Nação é essencialmente independente, os actos d'interferencia são sempre indirectos. A Nação interferente disfarça-os sempre com o conselho, com a persuasão sofistica; como aquelle que me pede uma esmola com a faca aos peitos disfarça o pedido com a violencia. Entretanto em abono da verdade devemos dizer, que quando um Embaixador Inglez obrigou El Rei de Portugal a demittir um seu primeiro Ministro, nem d'essa ceremonia uzou:— mandou, quiz ser obedecido, e foi obedecido. O Conde de Subserra foi demittido.

Finalmente a approvação d'um Govêrno qualquer sôbre os actos

d'interferencia d'outro Governo a seu respeito não destroe o facto e a existencia d'uma interferencia positiva; nem a coacção paleada deixa de ser coacção. O conselho torna-se obligatorio, quando o conselheiro ameaça, e tem a fôrça por sua parte; e este ameaço é tão coactivo e obrigatorio, quanto elle diz—*faze assim, e eu te ajudarei*, como quando diz—*faze assim ou te desamparo e tu es mais fraco na lucta*. Tudo isto se reduz á expressão mais simples: *faze assim porque eu o quero.*

Seja enfim o 5o. facto o seguinte.

Chegada a Lisboa a Constituição, que D. Pedro inviára por Sir C. Stuart, e estabelecida a Regencia de D. Izabel Maria, nas commoçoens, que houverão no anno de 1826, estando então em Lisboa Sir W. A'Court (hoje Lord Heytesbury) em apoio do Governo da Constituição, do estado actual de Portugal, se desembarcárão de bordo das forças Inglezas estantes então no Tejo os *Marines* Britanicos, que arregimentados guardárão o Govêrno, e a Carta. Se isto não é interferencia *armada*, que nome lhe daremos? *

*(Concluir-se-ha.)*

* A Gazeta de Lisboa N°. 8 de 6 de Abril de 1826 tem estas palavras na *parte official*—

No dia 4 do corrente S. A. a Serenissima Senhora Infanta D. Izabel Maria deu audiencia ao Embaixador de S. M. B. Sir W. A'Court, o qual comprimentou a S. A. por ordem do seu Governo, e da parte do mesmo offereceu ao Governo d'estes Reinos a segurança de todo o apoio, e da mesma amizade, que S. M. B. até á ultima hora da Pessoa de S. M. I. e R. que Deus haja em gloria conservou ao seu antigo e fiel alliado: de tudo o que é uma prova a permanencia da Esquadra Britannica surta no Tejo, destinada a prestar a este Governo o mesmo serviço, que prestára a S. Magestade."

Sir W. A'Court não contradisse esta exposição.

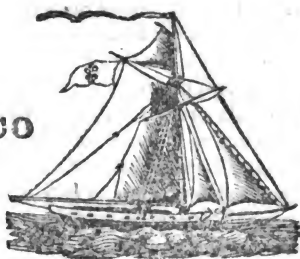
---

*Publica-se este semanario todas as terças-feiras de tarde (com a data da (Quarta-feira.) Vende-se em casa de H. Huntley No. 23 South-Audley Street Grosvenor Square, por 9d. cada número: assignaturas até o fim do anno por 10s.*

---

Impresso por R. Greenlaw, 39, Chichester Place, Gray's-Inn-Road, Londres.

# O CHAVECO LIBERAL.

No. 15 Vol I.

O'er the glad waters of the dark blue sea,
Our thoughts as boundless, and our souls as free.—BYRON.

*Quarta feira* 16 *de Dezembro*, 1829.

## CORRESPONDENCIA DO CHAVECO.

*Senhor Reverendo Capellão do Chaveco.*

*A bordo da Balandra Tres-quilhas.*

Meu bom amigo. Quando ha de Vm. acabar de ter juizo, e sacudir inteiramente de si essas poentas têas d'aranha, que lhe obumbrão o cerebro? Que lhe importão dictos d'invejosos, pata-burros, ou facciosos? A palavras loucas orelhas moucas. Querer Vm. que eu me amofine, e lhes responda, é o mesmo que pedir-me que manobre e velleje esta Balandra á feição de vento, que ora corre nos antipodas. Diga ao tal vento (por que de véras tudo isso que lhe dizem é vento) que appareça ca por este orizonte, que me assalte de *travessia*, por *refegas*, em *remoinhos*, que sopre tão rijo que seja vento de fazer arreganhar o *convez*, que trabalharei por me avir com elle sem lhe *dar a pôpa*, nem *arriar mastaréos*,—que se exceder, *com razão*, o meu *aguente*, me darei por vencido;—mas com pacto expresso-de *boa fe;* porque desconheço intrigas, dictinhos, baldas, ataques baixos e vis, calumnias de mulherinhas, e mexericos de bisbilhoteiras d'encruzilhadas: para tudo isso, Padre, trez duzias de figas, e boa viagem.—Jogo aberto, meu Padre, que o mais so prova summa ignorancia, moral depravada e preversidade de coração.

Não fallemos mais nisso, que faz nojo: vamos ao que importa a nosso intento.

Tenho-lhe dicto nas minhas precedentes, quanto poderia convencer qualquer homem despreocupado para olhar para a Europa inteira como para uma superficie minada, cujas entranhas são um volcão de liberdade prompto a incendear-se á primeira faisca: agora se ainda lhe resta nisso alguma dúvida a doença do Imperador Nicolau deve de acabar de certifica-lo. Adoecou o Imperador, como adoece qualquer homem, porque enfim creia Vm. que os Imperadores são homens como eu, e como Vm. se é que o é. Sofrem e gozão como nós, e deixado quanto aqui respeita a logares communs, restrinja-se Vm. a estes so dous extremos, em que não ha distincção:—*nascem nus*, e da mesma forma que nasce o ultimo dos homens, que fecha ou liga o élo da cadeia d'uma a outra especie, se é que ha esse élo, o que todavia parece bem provado em certos animalejos que unem a uma feição humana geitos e acçoens de feras: e assim como nascem, *morrem*, e corrompem-se, e apodrecem, e desapparecem aos olhos como qualquer outro pedaço de materia que foi uma vez *homem*.

Ora não embargante, que um homem mais ou menos sobre a superficie do nosso globo é uma quantidade despresivel no calculo dos Economistas por infinitamente pequena, note Vm. pelo que vou escrever-lhe se não póde dizer-se, que a Europa está *em carne viva*, quando um tão insignificante belisco alevantou tão tremendo arruido.

Apenas se suspeitou, que o Imperador Nicolau se achava *indisposto*, logo cada um abrio as historias da Russia, e disse,: ca apparece mais um *venificio*. Immediatamente se alevanta uma poeira sôbre a casta do veneno. Este diz: foi *corrosivo* ou *escharotico*: essoutro que foi *astringente*; aquelle diz que foi *acrido*, aquelloutro que foi *acrido-narcotico*; e enfim alguns mesmo sustentão, que foi *septico*; desorte que cada qual abrio o seu *Drapiez*, ou *Chisbolm*, *Lyman*, ou *Orfila* segundo mais lhe ficou á mão, e correu os tres Reinos da Natureza inteira para encontrar com o veneno *imperatorio*, e crismou a substancia deleteria segundo se lhe antojou: e em ultima analyse a questão era um *catarrhus á frigore*, que nós os Portuguezes chamamos uma *constipação* apezar das risadas dos estrangeiros.

Adoeceu pois D. Nicolau 1.º, e a uma voz se disse envenenado. Dahi os movimentos do cerebro de cada um volverão-se para a Turquia, e para a paz d'Adrianopoli. Dahi a successão, e mais que tudo a Regencia immediata fixou a attenção dos Politicos. Uns vião Constantino annullando quanto fôra obrigado a fazer: outros o irmão *Miguel* Regente, e este nome era ominoso áquelles que dão valor aos nomes, de maneira que ja temião em Petersburgo scenas

de Lisboa, como que podesse haver um Miguel como o nosso *capinha* não havendo mais do que um Ramalhão.

Nicolau pois restabeleceu-se, e até ja não ha mais buletins *amphibologicos ;* e assim cessará a bulha especulativa da sua aniquilição physica e politica; mas este motim prova sem duvida qual é o estado do espirito publico Europeo; prova a sua *metastaste* da escravidão para a liberdade. Esta Russia, meu amigo, ainda tem de dar que fazer a muita gente. Os resultados da paz são assim descriptos na Gazeta de Official de S. Petersburgo: " Em quanto que esta Convenção (d'Adrianopoli), pela qual terminou a lide gloriosa d'um modo honroso e feliz, fixa os limites da Russia na Europa e Asia, segura ao commercio da Russia, e ao do Mundo inteiro, a liberdade de navegação, que ha muito exigião os interesses de todas as Naçoens. Abre á agricultura e manufacturas de todos os paizes novas veias de prosperidade offerecendo lhes novos canaes para emprego de seus productos, e dando ao nosso paiz pela venturosa restauração da tranquillidade geral uma indemnisação honrosa a tantos esforços seus a tantos sacrificios"—Note bem: os Russos evacuárão Adrianopoli em 11 de Novembro, e os Turcos ficárão a chorar por elles. O Imperador da Russia recruta na Moldavia, e os officiaes são Russos. A sorte da Grecia ainda não está decidida.

Ora, que a guerra terminou gloriosa para a Russia creio que ninguem, a não ser o *Times* de Novembro, porá o caso em duvida. Que os limites da Russia estão fixados pelo Tractado parece claro, isto é a Russia chega hoje aonde a Turquia pega com os estados europeos, que não são Turquia, quero dizer a Turquia é uma provincia Russia com o *nome* antigo, e senão diga-me Vm. o que quer dizer mandar o Sultão uma lista de nomes ao Imperador Nicolau para delles escolher o Hospodar da Moldavia? Que quer dizer recrutar na Turquia? Que quer dizer chorarem os Turcos pela evacação dos Russos? Que quer dizer o Feudo pecuniario, que fica pagando a Turquia á Russia. Para este feudo la vem actualmente convencionar-se um emprestimo em Londres. É notavel que o meu amigo *João Bull*, por *fas* ou por *nefas* sempre hade levar quinhão na bezerra. Coitado: agora é bem que assim seja; por quanto sendo pelo Tractado d'Adrianopoli varrido para sempre da preponderancia e exclusivo da Turquia é bem que quinhoe em legado do seu Testamento.

Bem carece disso a Inglaterra, apezar de que o *Times* vê a sua prosperidade na medida que os Senhorios são obrigados a adoptar de abater nas rendas dos inquilinos. De certo, auferir deste facto resultados de prosperidade so cabe na cabeça d'um redactor tal como elle. O estado actual da Grãa-Bretanha está em contradicção com as fantazias do *Times*. Em Leeds as manufacturas de lans nunca estiverão em peor estado: os pobres teceloens estão em tal miseria, que

o *Mercurio de Leeds* falla do estabelecimento de uma *sopa-economica.* Em Berkshire é tal a falta de mão d'obra, que os trabalhadores substituem os cavallos dos carros. A Gazeta de sabaddo (12 do corrente) appresenta uma lista de *sessenta e duas* appresentaçoens de fallencias—Em Londres, meu amigo, ha tanto pobre a pedir como nunca se vio antes. Que póde dizer o Times a tudo isto? Ora, como cada Govêrno que merece este nome não cessa de fiscalizar os interêsses da Nação, a que preside, e estes ás vezes estão em contradicção com os de outras Naçoens, como calcularáõ os Inglezes a especulação dos Americanos dos Estados Unidos, que vão firmar uma navegação *por vapor* dali ao Egypto, e de Suez á India? É provavel que a Honrada e Illustrissima Companhia de Leadenhall Street sinta amargos de bocca com tal medida.

E que me diz Vm. ao tom, com que ha bem poucos dias algumas folhas Inglezas fallárão sobre a *interferencia* da Gran Bretanha nas cousas do Mexico e Fernando, e como agora fallão depois que a expedição se gorou? Oh! meu amigo: não haverá uma alma boa, que sopre ás orelhas *de todos* os que presidem ás liberdades trans-atlanticas, e lhes diga:—NADA DE TRACTADOS COM A EUROPA? Será possivel que a grande maxima do immortal Washington se perdesse no po de seu honrado tumulo! Em 30 de Novembro proximo passado, conta o *Dublin morning register*, um balea veio de bocca aberta contra um bote, que tinha cinco homens, e esmagou quatro contra o bote, que fez pedaços, salvando-se o quinto n'um grande pullo. Lembre-se, meu amigo, que os govêrnos fortissimos são grandissimas e descompassadissimas baleas, e que os pequenos não são mais do que os homens do bote, e o mesmo bote. Temão os pequenos do raio, que os reduza ao nada como em 18 de Novembro foi ao nada reduzida a fortaleza e povoação de Navarino, que talvez existiria hoje se tivera um *conductor.* O conductor politico deve ser construido contra os raios do *interesse:* este fará engulir, e arrazar quanto se lhe opponha, sem que nunca entre em linha de conta o *dever.* Esta palavra é vazia de sentido no Diccionario da *Ambição.* Com teu amo não joques as peras, diz o rifão: contractos entre partes desiguaes em forças, quando o Tribunal de decidir as questoens delles emergentes é a *Força,* é melhor não have-los, por que se tira a occasião do pretexto. Olhe Vm. para o bem, que Portugal tirou de ter com Inglaterra contractos ha 450 annos. O ultimo resultado é estar o seu cambio a 43 em vez de 67½ dinheiros esterlinos por 1000 reis, e achar-se o Senhor Miguel *um* á caça das vidas, honras e fazendas portuguezas, triunfando sobre a miseria, e os cabedaes portuguezes sorvidos pela bomba britannica.

E será sempre assim? Eis-ahi uma perguntinha, que merece alguma reflexão. Não será, não senhor.

A França, a primeira da Naçoens do Mundo digna deste nome em policia, em saber, e em estabilidade de riqueza, cançada de sofrer um despotismo degradador da especie humana, fatigada de gemer debaixo d'abusos, n'um abalo tremendo, e que a historia não deixará esquecer, arremessou de si a decrepitude das instituiçoens feudaes, e na sua expansão levou as luzes aos mais reconditos cantinhos do velho Mundo. Alevantou-se sobre a desordem, necessaria em tão grande commoção, a Tirannia. Ella cahio, mas as sementes da liberdade não se perdêrão. Restituio-se a ordem. Os reguladores della contudo, cegos pelo interêsse proprio julgárão, que o bem geral devêra curvar-se ante elles, e o seculo desenove recuar aos dias da *meia-idade*. Instaura-se a luta : mas quão desiguaes são as armas, o numero, e mais que tudo a *justiça da causa !*

O termo final está á porta. O triunfo não é duvidoso.

Ou o Ministerio-apostolico vibra o golpe extremo, e a extremos correspondem extremos, e eis-ahi a Europa continental *inteira* salva com um so movimento nascido de seu centro :—ou cahe pela abertura do Tribunal, que fiscalisa as liberdades dos Povos; e ainda neste caso os effeitos serão beneficos posto que menos rapidos.

Sendo a França *verdadeiramente* livre, como póde ser escrava a Peninsula das Hespanhas? Que esperão os seus Povos para *homogenear* as suas instituiçoens senão a estabilidade d'aquella Potencia? Como podem elles mostrar-se em quanto tiverem a recear uma segunda invasão liberticida? A Peninsula sabe hoje mais do que sabia em 1814, em 1820, e em 1823 : ella sabe que uma tentativa *frustrada* não é mais do que um passo retrogrado na luta, em que se empenha : agora caminhará segura : os factos da experiencia raras vezes deixão de approveitar, principalmente sendo, como forão, accompanhados de tanto sacrificio.

Polignac preside *ainda* no logar donde se manejão os destinos da França : mas como? "Ha *Ministros*, díz o *Constitucional*, mas não ha *Ministerio*. Continuamos no *cahos;* não ha ainda *creação.*" Elle mandou fazer o seu proprio elogio n'um papel, que sofre quanto lhe imprimem. Em falta de factos de governo, porque os não ha, usarão-se as hyperboles da fantasia : "em sermoens d'exequias, accrescentárão logo, são admissiveis as hyperboles"—

O govêrno de França está *lethargico*. Dorme constante e pezado ; e dessa unica vez que despertou foi para elogiar a sua inacção. Se medita destruição, morrerá debaixo das ruinas. Se a apoplexia é imperfeita não tardará a consumar-se. O novo anno que se approxima deve de trazer o desfecho do grande Drama hoje em Scena, que tem por titulo—*Os principios e os prejuizos*—

Va pois, meu Capellão, *aduchando* os seus *cabos de laborar*, faça *achicar* as bombas, varrer o convez, lavar as cobertas, *afuzilar* as

pederneiras; mande recurrer as *adufas* e *cadimes*, bater os *atochos*, *desalague* bem o Chaveco, repregue as *curvas*, assegure os *dormentes*; reforce com alguns *encalamentos* os *braços* e *posturas*, *escorche* o *porão* de todos os empachos, e enfim ponha-se lestes ao primeiro signal, porque em poucos mezes teremos talvez de calcar algumas *mantas de bretão*.—Sou seu amigo

PALINURO.

## DA NEUTRALIDADE OU NAÕ-INTERFERENCIA DA INGLATERRA,

### ACERCA DA PRESENTE USURPAÇÃO DE PORTUGAL.

*(Concluzão.)*

Um nobre membro do Parlamento disse, que a Historia da Inglaterra a respeito de Portugal era a Historia d'uma não interrompida interferencia. Esta proposição só pode ser combatida por quem se atrever a negar a luz ao sol.—*Aut danda non est fides, aut data servanda.**

* Sir W. A'Court intrometteu-se, e interferio nas cousas de Portugal, e no estabelecimento da Constituição de 1826 de tal maneira que chegou elle mesmo a regular a eieição dos Deputados. O modo como, não ha Portuguez bem informado em Lisboa, Porto, Vizeu, Coimbra e Aveiro, que o ignore, e de que não fosse ou victima do manejo ou instrumento. Sir W. A'Court e os seus Emissarios derão com os focinhos n'um sedeiro, porque prégando, escrevendo, intrigando, e tendo mesmo o apoio *d'alguem* no Ministerio para se espalhar em todos os circulos eleitoraes, que a Europa não queria na Camara dos Deputados *ninguem de* 1820, isto é, nenhum dos verdadeiros amigos da Carta, nenhum d'esses que toda a Europa reconheceu então, e com quem tractou, e que constituirião em todo o Portugal tres quartos dos eligiveis, o partido Apostolico empolgou esta maxima, que lhe servia, e Sir W. A'Court, e seus batedores tiverão a felicidade de ver na sua obra um resultado Apostolico-liberal, uns Deputados neutros, com poucas excepçoens, a exceptuarmos esses mesmos de 1821, que forão re-eleitos sem embargo de taes manobras, e de escandalos nunca d'antes conhecidos nas eleiçoens de Portugal.

Não queremos dizer com isto que Sir W. A'Conrt obrou de má fé; queremos somente dizer, que errou, como errão *todos* os Estrangeiros particularmente os Inglezes no conhecimento do caracter dos Povos a que não pertencem. Os prégadores cuidárão que se hia a fazer uma Carta, *quando ella ja estava feita.*

Deus lhe perdoe pelo muito terreno, que aplanárão á usurpação de D. Miguel, e pelo quanto enfraquecêrão desmembrando o partido constitutiohal, que acreditava de boa fé o oraculo de S. James. A correspondencia Diplomatica impressa deve de ter hoje aberto os olhos a muita gente mesmo d'essa, que soffre febres intermittentes politicas. A quem servírão elles senão ás doutrinas de Mr. Peel, e Lord Aberdeen? A junta do Porto de Maio de 1828 seguio o echo das mesmas doutrinas. Parece-me que hoje naõ sustentaria a mesma opiniaõ. Nada de 1820, assentou aquella Junta:—naõ é esta a doutrina do P. Joze Agostinho de Macedo na *Besta esfolada?*

Seja-me licito neste logar trazer á memoria um facto conclusivo na comparação entre a Inglaterra d'hoje, e a Inglaterra do 17 Seculo a respeito de Portugal. Elle é tão analogo ás circumstancias da Senhora D. Maria II., tão exacto n'uma questão de successão, n'uma reivindicação d'um trono usurpado, e até de verificar-se o facto na Ilha Terceira, que o referimos pelas mesmas palavras d'um Escriptor Inglez.

"Desta arte Philippe com toda a sua Politica, e com quanto procurou agradar achou seus subditos mais e mais desgostados com o seu govêrno, muito mais vendo, que o seu Rei tractava com a maior severidade, os que havião seguido as partes de D. Antonio. O Principe exilado, todavia, appelidou-se sempre Rei. Primeiramente retirou-se para França, e ali pedio soccorros para reivindicar seus dominios. Achou ali tão bom gazalhado, que com uma frota de perto de sessenta vélas, e um bom corpo de tropas a bordo, fez uma tentativa sôbre a *Ilha Terceira*, aonde a frota foi batida pelos Hespanhoes, fazendo-lhe muitos prizioneiros: todos os officiaes e nobres forão decapitados, e os plebeus enforcados. Sem embargo disto D. Antonio appossou-se d'alguns logares, cunhou, usou, e fez outros actos de realeza; porem no cabo foi obrigado a retirar-se, e com alguma difficuldade o fez, e voltou para França. Dahi passou para Inglaterra *aonde foi bem accolhido*, e houve muitos que apercebêrão e armárão Navios sob carta contra os Hespanhoes. Arruinado o poder naval de Portugal e Hespanha por Philippe na esquipação da Armada, a *Rainha Isabel não fez difficuldade alguma em prestar-se e ajudar D. Antonio, chegando a mandar Sir João Norris, e Sir Francisco Drake com uma valente frota, e bom exercito para o restituir.*"—

Nem se diga, que Inglaterra tinha então guerra com a Hespanha, e ajudou o pretendido Rei de Portugal para fazer damno a Hespanha. Essa não foi a causal do auxilio, posto que estivesse no seu interesse, como Potencia em guerra com Hespanha. Ajudou-o por que reconhecia a sua legitimidade, e a usurpação d'Hespanha: ajudou-o por que a Inglaterra professava então a maxima de que *ter Tractados com uma Nação, naõ é ter Tractados com um usurpador, senaõ com o legitimo Soberano d'ella.* Um usurpador nem tem o *dominio*, porque a cousa é *alheia;* nem tem aquella posse, cuja continuação equivale, e alcança o dominio pela diuturnidade do tempo. Elle tem a *simples detençaõ;* tem uma posse, não de direito; tem em si a cousa como um *ladraõ* tem a cousa furtada. Conseguintemente não póde fazer *contractos* válidos sôbre essa cousa cedendo ou acceitando: não póde *alhear* nem *adquirir* nella, nem por ella; nem essa posse por mais longa que seja póde igualar a um direito, porque é maculada desde o principio com a *ma fé* da adquisição. A Nação pois que reconhecesse um usurpador parti-

ciparia da ignominia do crime: sanccionaria o crime: ratificaria o furto. Pelo contrario a Nação que favorece o direito e a legitimidade do titulo, e auxilia o proprietario no alcance e reivindicação do que é seu, practíca a virtude, cumpre um dever, satisfaz a um preceito social estribado no Direito da Natureza. Se por acaso accontece, que a Nação auxiliante tem guerra com o usurpador, auxiliando o legitimo Senhor para o mesmo fim, trabalha por alcança-lo por *dous* meios, que posto que tendão ao mesmo fim, não se segue com tudo, que não sejão *differentes* no principio de obrar.—A Rainha Isabel auxiliando D. Antonio favoreceu a legitimidade contra a usurpação, e ao mesmo tempo empregou *novo* meio para *novo* titulo de fazer damno ao seu inimigo.

As relaçoens do Portugal d'hoje a respeito da Inglaterra, são as mesmas n'este caso, que as d'então. Mas oh! com quanta razão escreve Montesquieu na 94. das Cartas Persanas estas palavras:

"Le Droit Publique est plus connû en Europe qu'en Asie: cependant on peût dire, que les passions des Princes,—la patience des Peuples,—la flaterie des Ecrivains en ont corrompu touts les principes. Ce Droit tel qu'il est aujourd'hui, est une science, qui apprend aux Princes jusqu'à quel point ils peûvent violer la justice, sans choquer leurs interets."—

É assim que se apagão as palavras de Vattel no Discurso Preliminar da sua cit. obra "*Le Droit des Gens*"—quando diz – "Dés-la
" que ce Droit est immuable, et l'obligation qu'il impose necessaire
" et indispensable: les Nations ne peûvent y apporter aucun changé-
" ment par leurs conventions, ni en dispenser elles mêmes, ou reci-
" proquément l'une de l'autre."

Quando a Posteridade lançar os olhos sôbre o Seculo 19, e achar que uma Nação, que teve por 450 annos relaçoens constantes d'amisade, e alliança não-perturbada * deixou a sua amiga e alliada nas maons de um usurpador, que lançou nas forcas, nas masmorras

* Nós não queremos citar outro documento mais do que o 6.º art. da Convenção de 22 d'Outubro de 1807—Sendo a séde da Monarquia Portugueza estabelecida no Brasil S. M. Britannica se obriga em seu nome e no de seus successores a nunca reconhecer como Rei de Portugal Principe algum que não seja o Herdeiro e legitimo representante da Real casa de Bragança.

Digão em boa fé os Leitores 1.º Se a Inglaterra póde reconhecer D Miguel não sendo elle o herdeiro e legitimo representante da Casa de Bragança—2.o Se pode ser *neutral* reconhecendo estas qualidades na Rainha a Senhora D. Maria II.—3.o Se por que esta Convenção originou d'uma certa usurpação, se pode dizer em boa logica, que não tem lugar a respeito de nenhuma outra usurpação, sendo este artigo generalissimo, sem referencia a nada, appresentando uma these absoluta, uma expressão geral, um principio sem excepção. Se assim se responde a Convençoens expressas qual será o Governo que mais se cançará a fazer Tractados, e a fallar em Tractados?

e no exilio a melhor parte dos seus cidadaons, que não tem outro crime senão resistir á usurpação, seguir a legitimidade, que essoutra Nação reconhece, e reconhecem todas:—quando a Posteridade observar, que uma Rainha de *dez* annos d'idade se abrigou nas margens do Thamiza, e implorou um soccorro de seu alliado, e que este alliado conhecendo a sua justiça, proclamando a legitimidade de seu direito lhe disse:

"Tu es sem duvida a Rainha de Portugal:—D. Miguel é um usurpador: teus subditos fieis estão soffrendo os horrores do mais barbaro, do mais vil dos despotas: tu tens uma possessão, uma Ilha por ti; e pela tua causa a justiça, a sympathia universal, um direito demonstrado: mas eu não quero ajudar-te, por que.... " Corramos aqui um veo, que so a Posteridade descubra; e terminemos, que ainda que o Direito das Gentes é um aggregado de leis á primeira vista sem sancção, esta sancção todavia existe no que se chama OPINIÃO, no que se chama *approvação*, ou *desapprovaçaõ* do genero humano.—

É assim que escreve um sabio Inglez:

"Porem se a Lei das Naçoens não involve penalidade, se o par-"tido mais fraco offendido não tem meio d'indemnizar-se, que "vantagem póde derivar-se de tal Lei? Ou com que propriedade póde chamar-se Lei á mera declaração de direitos violados impunemente pelo mais poderoso, e da maneira que bem lhe apraz? "Ha todavia ainda um poder, que a despeito de não ser força physica d'um Estado ou combinação d'Estados dirigida a vingar a violação do Direito das Gentes importa contudo grande influencia nos negocios dos homens: e o qual como é quasi a totalidade do poder, que póde applicar-se em seguridade da observancia desta Lei, merece cuidadosa consideração, em forma, que, appreciando a sua efficacia nesta importante materia, possamos nem confiar nelle quando baldar nossas esperanças, nem desprezar-lhe o uso podendo volve-lo em vantagem nossa." Que o espirito do homem* é poderosamente agitado pela approvação ou desapprovação, pelo louvor ou vituperio, pelo desprezo e odio, ou pelo amor e admiração do resto do genero-humano, é ponto alem dos limites de controversia"—

Depois de estabelecer estas proposiçoens, e seguir largamente neste sentido termina este sabio jurisconsulto Inglez. †

"Ja temos determinado, que o unico poder que póde operar como sancção da Lei das Naçoens; por outras palavras premiar ou castigar qualquer Nação, conforme lhe obedece ou desobedece, é a approvação ou desapprovação do genero-humano. Daqui se segue que neste caso a força restringente é determinada pelas associaçoens

* James Mill de London no artigo—*Law of Nations*—Supplemento a 4, 5, 6 edi. da ENCYCLOPEDIA BRITANNICA.

que os que governão podem haver formado pela approvação ou desapprovação do genero-humano, Se formaram associaçoens fortes d'uma especie aggradavel com approvação, e associaçoens fortes d'especie desaggradavel com desapprovação do genero humano, será grande a força restringente: a não haverem formado taes associaçoens será fraca e insignificante. Ter-se-ha todavia conhecido, do que dissemos, que os Chefes d'um paiz cujo govêrno é monarquico ou aristocratico pódem sim ter essas associaçoens, porem n'um grau mui inferior; por esses tão somente que se achão postos ao nivel com o grande corpo dos demais homens e estão collocados em circumstancias de produzi-las. Por tanto é somente nos Paizes cujos chefes são tirados da massa do Povo, por outras palavras nos Paizes Democraticos, que a sancção da Lei das Naçoens póde esperar-se que opere com algum effeito consideravel."

Foi a *opiniaõ e nada mais*, quem derribou o poder desse HOMEM, que no sepulcro chora o havel-a despresado.

Aqui devião terminar naturalmente as nossas observaçoens: o objecto com tudo, que temos entre mãos nos leva a uma discussão, que talvez absorva quanto temos dito.

Ninguem, e muito menos nenhum Govêrno, que mereça este nome obra em sentido contrario aos interesses da Nação, que governa. E será nos verdadeiros interesses da Inglaterra, que o Governo de S. M. B. procede, quando estabelece, e se propoem seguir a linha de não-interferencia á cerca do que actualmente se está passando em Portugal, e a respeito de Portugal? Esta proposição, que a muitos parecerá melindrosa, e de difficil desenvolvimento, a nós parece facil de demonstração na negativa, isto é: Inglaterra deixando Portugal entregue a si mesmo no estado actual das cousas, obra em sentido contrario a seus verdadeiros interesses, *seja qual for o resultado de seu actual conflicto.*

Antes de entrar nesta averiguação cumpre estabelecer esta proposição, que é verdadeira, e que será sustentada por todo o homem que conhece a Peninsula das Hespanhas:—Na Peninsula hoje, isto é em Hespanha e Portugal não ha senão *dous* partidos em conflicto a saber: a *Aristocracia do nascimento* contra a *Aristocracia do merecimento*,—Apostolicos e Constitucionaes. Tudo o mais é sonho. A antipathia de Nação limitrophe acabou. Religião, Leis e até costumes são quasi os mesmos. Os partidos d'uma e outra Nação querem as mesmas cousas, tendem aos mesmos fins. A fuzão destes dous n'um so Reino nunca esteve tão proxima. Ninguem a calculou,—ninguem a preparou. —Fiserão-na as circumstancias,—o curso natural das cousas.—Ora não ajudar nenhum dos dous partidos é em ultima analyse *ficar de mal com ambos*; e, no caso da fusão, com a Peninsula inteira: e a Peninsula inteira ainda no estado de ruina, e de-

vastação em que se acha é uma Potencia respeitavel, e que peza na balança da Europa. Olha para tres * mares, e um Brigue so em cada um de seus Portos crusando n'altura delles faria necessitar sempre em actividade toda a Marinha Ingleza. Nós porém estamos longe deste caso.

De qual dos dous partidos será o triunfo? De qual tem a Inglaterra a esperar mais vantagens?

Ou devemos esperar uma irrupção de barbaros, qual a que apagou as luzes, e escureceu as geraçoens da meia idade: ou se não temos a temer essa irrupção as luzes tem o triumpho.

Hoje existe a *Imprensa;* e um canto do mundo so que tenha em actividade este agente poderosissimo da civilisação e do saber, elle alumiará o resto do mundo, e a dignidade do homem triunfará.

Houve tempo, em que uma Nação julgava, que para se engrandecer era necessario derribar e assolar a outra, que florecia; hoje uma Nação manufactora conhece, que para enriquecer-se, convem que a Nação *consumidora* da sua industria seja rica, e prospera.

O commercio, as artes, as luzes enfim mudárão a Politica.

De que serve á Inglaterra Portugal miseravel? E como póde deixar de sê-lo governado por um Despota, que não conhece direitos, propriedade, posse, deveres, sexo, nem idade:—que açouta a virtude, que enforca a honestidade, que ataca os mesmos Inglezes como hereges; que lhes obedece quando os teme, mas que os não ama; que os odeia por fanatismo, que os detesta como homens livres?

Como póde esperar a Inglaterra, que um perjuro notorio mantenha uma so convenção? Ella será obrigada a ameaçar *de continuo* e a empregar *de continuo* força para o conter nos limites das convençoens. E demais não vè a Inglaterra, não vê o Mundo inteiro, que este Despota para manter-se carece de entreter constante um partido em acção para sopear a Nação em ferros? Como pode dizer-se em boa fé que a Nação o quer, quando se vêem na Hollanda, na França, no Brazil e aqui mesmo na Inglaterra milhares de Cidadãos foragidos?--Quando se vêem as prisoens de Portugal entulhadas, e os subterraneos, e as agoas furtadas accumuladas de desgraçados, que fogem á perseguição?† Por ventura alguns Padres e Frades,‡ os Officiaes militares do Silveira e os Empregados do Go-

* O Mediterraneo, o Oceano Atlantico, e o Golfo de Biscaia. A ENCYCLOPESIA BRITANNICA na palavra Biscay, em união com todos os Hydrographos, que conhecemos, tem estas palavras—"Biscay, a province of Spain bounded on the north by the Sea called Bay of Biscay."

† *Viros probos et sapientes é medio tollere, his que sublatis, cæteros vel metu vel vi ad serviendum compellere*—THRASIBULUS—Eis a maxima de D. Miguel, que é velha no Despotismo.

‡ Com os desgraçados dez Cidadaons innocentes que D. Miguel matou pela Alçada no Porto, forão condemnados a exilio *tres* Frades.—Portanto nem todos

verno são elles a Nação Portugueza? Por ventura se a Nação o quer por Soberano, é necessario para ter-se no Throno especa-lo com forcas, alicerca-lo com victimas, prégar o fanatismo, assassinar prezos, roubar a todos, não respeitar a Lei, aterrar tudo? Oh! como estão mal informados os Ministros de S. M. B. se as suas informaçoens não contém estas verdades! São elles surdos á voz da humanidade? A sympathia que os levou a salvar a Grecia, a libertar os Africanos de côr, por que arrefeceu ella para com os seus mais velhos, os seus mais constantes e mais fieis amigos? Cuidão os Ministros de S. M. B. que é necessario uma guerra, e enormissimas dispezas para reduzir Portugal á sua prosperidade, e collocar no Throno a sua legitima Rainha? Como se enganão! Basta que não ajudem o usurpador;—basta que elle tema de não ser amparado:—basta que a Nação se persuada que a Inglaterra o não auxiliará. A Nação não teme o Monstro, teme os que parecem espozar a sua cauza. Se a Inglaterra auxiliasse a legitima Rainha de Portugal não sería ella paga de seus adiantamentos, e não seria compensada por uma affeição eterna? Não acharia a sua generosidade o premio na propria justiça? Que tem a Inglaterra a esperar dos dous Despotas da Peninsula, cujas vistas, meios, e fins são identicos? Esqueceu á Administração Ingleza, que quando minorou aqui os direitos dos vinhos d'Hespanha por entrada, Fernando VII. lhe augmentou os direitos por sahida? Esqueceu a prohibição das manufacturas d'algodão? Que será Gibraltar em poucos annos se Cadiz prospéra, e Lisboa toma o partido de Cadiz?

Se a guerra Europea uma vez se atear, e Portugal seguir o systema do Continente, a que pertence, e seguir como seguirá os movimentos d'Hespanha, que nem esquece o feito das quatro Fragatas nos fins de 1804, nem perde da memoria Trafalgar, nem o reconhecimento das suas Colonias, aonde terá a Inglaterra um alliado fora da Austria, em quanto esta tiver a temer a Russia,—aonde terá um porto, donde possa abrigar-se, e ameaçar o Continente? Ainda está debaixo dos nossos olhos a historia dos passados eventos: aonde estaria hoje a Inglaterra se Portugal lhes não désse a mão na grande contestação, que terminou em 1814?

E enfim o Brazil? Poderá o Imperador D. Pedro, aquelle que o

são Miguelistas, e ha entre os Padres pouquissimos, que igualem o tremebundo Padre Joze Agostinho de Macedo, ex-Frade, e entre os Frades a Fr. Joze de Lima da Ordem de Sto. Agostinho no Porto. Um Arcebispo, um Deão, e Conegos e Padres exilados, o Cabido d'Evora preso *todo* por D. Miguel, que prova isto

Os Miguelistas Portuenses ainda não podérão formar um Batalhão de Voluntarios! Os unicos que alli ha são Lacaios e Partazanas; que por isso nunca se formárão *em corpo.*

sangue fez Rei de Portugal; — aquelle de quem pela abdicação sugerida, atiçada, e realizada pela Inglaterra, succedeu e passou a realeza para a sua filha D. Maria II: — poderá elle esquecer, que a Inglaterra o persuadio e obrigou a abdicar, que esposou e reconheceu a legitimidade da successão, e da sua alliada; — e enfim vio immovel uma usurpação? vio apathica um roubo, e a destruição da sua mesma obra? Se um evento, que não esperamos, lhe fizesse perder o Brazil, perdido Portugal, que lhe resta? E quem foi a cauza? E persuadido d'esta verdade poderá elle olhar para a Inglaterra, como para aquella Nação, que por tantos seculos respeitou, coadjuvou, inspirou, influiu, e regeu o throno de seus Maiores? Não verá elle no actual desamparo *um inimigo em vez d'um indiferente?**

Portugal é pequenissimo, — Portugal é insignificante, Portugal é pobrissimo, mas apezar da sua pequenez, da sua insignificancia, e da sua pobreza, ainda tem uma *existencia*, e um *peso*. Como *existente* pode vigorar; e como *peso* pode integrar um maior; e uma Livra não é uma Livra se lhe falta uma outava. — Inglaterra *so* não bateria os Francezes em Portugal: Inglaterra *so* não expulsaria os Francezes da Peninsula. Existem Tractados é verdade; mas ha mil couzas que podem fazer-se contra o espirito dos Tractados, e sem tocar na sua lettra. O procedimento mesmo actual da Inglaterra contra a legitima Rainha de Portugal o comprova.

Nós não podemos nem pretendemos ameaçar. Tendo confessado a nossa pequenez, a nossa insignificancia, e a nossa pobresa, não poderá dizer-se, senão que o tom que tomamos, a afouteza, com que nos exprimimos, o não-medo, com que nos expressamos, nasce da convicção da justiça da nossa causa.

O Mundo a julgue. Embora sofframos os presentes; que a posteridade não remota hade vingar-nos.

Nós julgamos, que de boa fé ja ninguem hoje controverte a legitimidade da Senhora D. Maria II. como Rainda de Portugal: entretanto parece, que ainda não é universalmente sabido o principio juridico desta legitimidade, o que aliás é de muita consequencia. Nós o temos desenvolvido em o nosso Folheto, que tem por titulo: DUAS PALAVRAS SOBRE O CHAMADO ASSENTO DOS TRES ESTADOS DO REINO JUNTOS EM CORTES NA CIDADE DE LISBOA FEITO A 11 DE JULHO DE 1828, — o qual até hoje não foi respondido. Cumpre todavia lembrar explicitamente neste logar, que a successão da SENHORA D. MARIA II. no Throno de Portugal não é um favor, uma dadiva, um presente voluntario do Imperador o SENHOR D. PEDRO Seu Pae; é uma vocação da Lei, é um *Direito* independente da vontade do homem. E este Direito não se limita á SENHO-

* *Fides obligat fidem.* Seneca.

RA D. MARIA II. compete ainda aos filhos de D. PEDRO nascidos Portuguezes. So depois delles, e seus legitimos successores é que poderião entrar legitimamente na successão do Reino de Portugal o Irmão, e as Irmans do Imperador o SENHOR D. PEDRO, inclusive a Marqueza de Loulé, e com exclusão da Infanta *D. Maria Thereza,* casada em Hespanha, a qual por isso nem pode succeder, nem seu filho nunca.

E quando mesmo faltassem a SENHORA D. MARIA, e suas Irmans, por morte ou falta de successão, as Irmans do SENHOR D. PEDRO poderião disputar a *D. Miguel* o direito á coroa que elle tem perdido como *usurpador.* Note-se pois bem, que esta questão,não termina *na pessoa* da SENHORA D. MARIA II. ha *muitas outras* pessoas, a quem respeita. E ainda quando, o que não esperamos, a questão actual se cortasse pela força em favor do usurpador, o presente fica sempre prenhe d'um futuro legitimo que mais ou menos tarde triunfará. Ha mais uma outra circunstancia sobre que pedimos a nossos Leitores, sejão *quem forem,* dous minutos de reflexão. D. Miguel pretendeu derivar o seu direito á successão desde a morte de seu Pae com exclusão de seu Irmão o SENHOR D. PEDRO, que se fez Rei Estrangeiro. Elle quer ter portanto pelas chamadas Leis de Lamego um direito á Coroa de Portugal como seu Pae, *e nos mesmos termos que elle.* Pelas Leis fundamentaes da Monarquia nenhuma porção de territorio Portuguez é alheavel sem consentimento das Cortes. O Brazil não o foi assim.

Ora essa *cambada,* chamada *Cortes,* que lhe deu a coroa de Portugal não disse uma palavra sobre o Brazil. E o Senhor Fernando VII. é o unico, que não reconheceu a independencia do Brazil até hoje. Perguntamos agora: se Fernando se der as maons com Miguel na conquista do Brazil, como esperança de por seu turno rehaver as suas *quondam* colonias, qual será a posição da Inglaterra em taes circunstancias? quaes os seus interesses? e quaes os interesses do Brazil *hoje* a respeito dos Portuguezes, de Portugal, e de D. Miguel? Perguntamos mais: reconhecido Miguel, como legitimo Rei de Portugal pela Inglaterra, não será esta pelos Tractados obrigada a coadjuva-lo na expulção de D. Pedro do Brazil, como intruso n'uma colonia Portugueza?

A Inglaterra fará então o que mais lhe convier, e cada um dos Leitores pensará como quizer, Ha questoens em politica, que qualquer homem pensaria, que nunca chegarião a agitar-se, e todavia o forão: outras que parecem mui remotas, e às vezes acontecem no mez seguinte. Se D. Miguel é tão legitimo Rei de Portugal, como foi *D. João VI., D. Maria I., D. Joze, D. João V, &c.* Se nenhum destes podia alhear porção de territorio sem consentimento

das Cortes: segue-se que a desmembração do Brazil por D. João VI. é nulla,—que D. Miguel tem direito a reivindica-la, e que os Apostolicos hãode conspirar em procurar obte-la logo que podérem.

*Lisboa, 27 de Novembro.*

O Nuncio do Papa não se atreve a aparecer nas ruas de Lisboa, porque é apupado pelos partidistas de D. Maria em toda a parte onde é encontrado.

O Visconde de Queluz dizem que acaba de sahir de Portugal abordo d'uma Fragata; os esforços que elle fêz, antes de partir para obter uma audiencia de D. Miguel, todos forão inuteis; só lhe confiaram como ultimo favor os despachos para o Marquez de Lavradio [filho] agente de D. Miguel em Roma. (Constitucional de 10 de Dezembro).

As noticias de S. Petersburgo de 21 de Novembro nos dizem o seguinte.—Pelos tres boletins publicados sobre o estado da saude do Imperador, S. M. teve de 18 a 19 uma muito boa noute, ás oito horas elle não acordou mais que duas vezes, e se achava mais fortificado pelo somno do que tinha estado na vespera. Na noute de 19 a 20 o Imperador tinha dormido desde a meia noute até quatro horas e meia sem interrupção, mas este somno tinha sido inquieto, e agitado por sonhos. Das quatro horas e meia até ás oito e um quarto, S. M. tinha dormido tranquilamente, e quando acordou sentia ainda dispozições para dormir mais. Em fim na noute de 20 e 21 o Imperador dormio oito horas, durante as tres primeiras o seo somno não foi muito socegado; mas não foi interrompido por sonhos.

Os tres Medicos de S. M. ajuizaram, que não tinha sobrevindo na marcha da sua molestia mudança alguma, e que no estado em que se acha não havia, á excepção da duração, symptoma algum que inquietasse....A indispozição do Imperador da Russia prolonga-se, e atravez do estylo estudado dos boletins vê-se apparecer maior inquietação do que se quereria exprimir. O que é com effeito esta molestia de que apenas ousam fixar o termo, e de que não designam o character? Se ella não apresenta symptoma de cuidado, porque senão espera um proximo restabelecimento? Com uma constituição tam robusta como a do Imperador Nicoláo: a arte devia ter mais confiança na efficacia de seus soccorros.

Nós não quereriamos propagar temores exagerados, nós não quereriamos ser os primeiros a tocar o alarma em toda a Europa, mas o espirito ainda é ferido pela desapparição repentina do Imperador Alexandre; e como poderemos rebater em nossos corações todos os

presentimentos, que faz nascer só a probabilidade d'uma nova desgraça na familia Imperial da Russia?

Tal é a sorte das Monarchias absolutas, que a sorte dos povos e a força dos Imperios se achou sempre á mercê do complemento dos decretos immutaveis da natureza. Onde a vontade d'um homem é tudo durante a sua vida; este homem deicha apoz si um vacuo immenso no qual se agitam, e se combatem as rivalidades, e os interésses compromettidos pelo seu poder.

Parece sempre que a Monarchia se vai dissolver com o Monarcha, quando o azar não tem posto ao pé do throno um herdeiro que a sua idade, e os seus direitos chamem a receber socegadamente a successão da coroa. Felizes os povos, que por sabias instituições são protegidos contra tão tristes eventualidades!

E em que momento viria a morte escolher uma victima sôbre o throno dos Cesares? A capital retumba ainda com aquellas descargas mortiferas, que ensanguentaram os primeiros dias da magnanima elevação do Imperador Nicolão! A Siberia esconde um numero consideravel d'aquellas victimas, que o destêrro punio, ou d'uma louca, e culpavel teima pela legitimidade abdicada por Constantino, ou de audacias nos projectos sonhados á sombra d'este pretexto.

Veriamos nós ainda esta vez uma renunciação tão sincera de Constantino aos direitos de seu nascimento? Conservaria elle para uma criança ainda no berço o Imperio, que cedeo a um irmão de vinte e nove annos?

A Imperatriz mãe seguio seu filho ao tumulo, e bem se sabe o podêr d'esta Senhora sobre uma familia respeitosamente submissa a suas vontades. Ninguem ignora que influencia ella exerceu sôbre a decisão do Imperador Alexandre, relativamente á mudança d'ordem de successão á côroa, e sobre a submissão do Gram Duque Constantino a ésta mesma decisão.

Que a questão d'uma regencia se appresente logo chéa de difficuldades! As mulheres reinam na Russia. Mas será com direito aceitado sem murmurios, e sem contestação, que a joven Imperatriz reclamaria hoje quinze annos de reinado, até á maioridade de seu filho, em presença de um irmão, que foi nascido para o throno do qual desceu voluntariamente, e em presença d'outro principe que conta apenas trinta annos, e que tem provado nas margens do Danubio, que não foi feito para a vida ociosa das cortes?

A Russia no caso d'uma contestação séria, apoiaria as pretenções da Imperatriz, e de seu filho? A Polonia esperaria uma occasião mais favoravel d'emancipação do que éstas dissenções armadas no interior da Russia?

A raiva invejosa, e impotente d'Austria no decurso da ultima guerra,

não fomentaria o principio da dissolução d'um imperio, que pesa hoje com todo o seu podêr sobre suas fronteiras?

A Inglaterra apenas tornada a si do terror, que lhe causaram as bandeiras Moscovitas, no coração d'Armenia, não precipitaria pelos seus votos, e pelos seus esforços, uma serie de acontecimentos tão favoraveis á segurança das suas possessões, e á dominação dos dous mares?

Deos afaste da Russia, e do mundo ésta origem de nossas infelicidades! Mal se ousa calcular-lhe toda a extenção, e sondar-lhe a profundidade.

Com tudo quando se lanção os olhos sôbre o futuro, quando collocados fóra do movimento, que nasceria d'estas tempestades, vemos e examinamos as esperanças, que ellas favorecem, custa a não succumbir aos mais tristes pensamentos.

Não esperemos ainda, que o Imperador Nicoláo não terá sido mostrado aos povos para ser tão de pressa roubado a seu amor, e confiança, e que os cantos de triumpho de Adrinopoli, não se confundirão com os cantos de luto de Petersburgo.—*Jornal dos Debates de 7 de Dezembro.*

Citam entre as pessoas que se suppoem, que seram chamadas ao ministerio, o Duque de Montemart, Chateaubriand, Martignac, Humann, o Marechal Maison, Royer Collard de Belleyme, Dupinaine, Sebastiani, Casimir Terier, Tournon e Maunier. Nós não suppomos, que os dous ultimos nomes possam corresponder á espectação publica.—*Constitucional de 7 de Dezembro.*

---

## RUSSIA E PORTUGAL.

Licet parvis componnere magna.—Virg.

Em tam estreitos limites como os que o curto espaço d'ésta publicação forçosamente dá a qualquer assumpto que n'ella se tracte, parece manha *asiatica* o fazer preambulos; mas a simples inscripção d'este artigo requer duas palavras de prefacio. Russia e Portugal são tam desvairadas coisas em grandeza, em distancia, em interêsses, em tudo, que até a conjuncção que no titulo d'éstas reflexões os une parece ridicula. Não é porêm assim. *Licet parvis componnere magna:* diz a epigraphe que mui propriamente aqui tomámos para nossa. É licito e convem: no presente caso é necessario pôr tamanha coisa ao pé de tam pequena. Os interêsses

politicos magnificam objectos infimos: e não é so pelas medidas geographicas e o geodesicas que se calcula da importancia dos Estados.

Nós estamos hoje em um universo novo, differente do de nossos pais, diverso do de nossos primeiros annos. O estado das coisas mudou, a posição dos dous mundos foi alterada: o natural systema da terra segue sua revolução ordinaria; mas seu movimento acelerado por agentes poderosos dobra de velocidade, e se approxima rapidamente do termo equinoxial, donde infallivelmente desandará, como em seu equinoxio, a máchina politica do globo.

Ha tres annos, nos dous extremos da Europa, ao oriente e occidente, dous Soberanos notaveis por qualidades extremas, desceram prematuramente ao jazigo. Poderoso um, respeitado e temido, cujas virtudes exagerou um partido, deprimiu outro, mas reconheceram todos, em cuja vida houve mais glória que vergonhas, em cujo reinado mais augmento na fortuna pública, mais crescimento viu, do que decadencia experimentou a nação a que presidia.

Mal-respeitado o outro de estranhos e domesticos, de cujo coração as virtudes, que seus affeiçoados exaltavam, nunca chegaram até melhorar a sorte de seu povo, —— em cuja alma os pensamentos elevados combatiam com o terror e incerteza em que sua desfortuna o baloiçou toda a vida, —— de cujo braço não houve feito para contar,—para cuja memoria ficou de padrão a ruina completa do Estado e a miseria cabal do povo.

Ambos imperadores. Um deichou por esse nome europeu o appellido oriental e grego-barbaro de seus predecessores; o outro amortalhou-se á borda da sepultura com o vão titulo de um imperio no momento de o perder, —— foi saudado Cesar quando lhe rasgavam a purpura !

Um alargou os limites de seus immensos estados, intendeu (com firmeza ao menos) na governança d'elles.

Outro perdeu a maxima parte dos seus ; e do *exarchado* que seus *alliados* lhe deixaram, entregou o govêrno á revelia das facções.

Sôbre a morte de um inda se estende veo mysterioso, inda se não desvaneceu a suspeita de que o sacrificaram os inimigos da monarchia absoluta.

Sòbre a morte do outro, asseveram uns o mesmo mysterio, negam outros até a possibilidade; mas se por alguem foi sacrificado, foi pelos fautores do absolutismo.

Aquellé esteve á frente da coallisão dos reis, e governou mais de meio universo.

Este governado por amigos e inimigos, não teve um so dia de rei.

Pela herança de ambos muito sangue se derramou. A um não succedeu seu natural herdeiro ; ao outro quem succederá ?

Ambos se inclinaram a modificar a monarchia : um retrahiu-se por medo dos povos, outro por medo dos reis.

Alexandre era generoso, nobre e decidido.

D. João VI. era bom, compassivo, desperdiçado e irresoluto.

Porém a morte de ambos foi importantissima circumstancia politica, fez cryse no estado do mundo e appressou o desenvolvimento e decisão da grande campanha em que ninguem será neutral, a humanidade toda belligerante, e as bandeiras da civilização e dos privilegios as unicas arvoradas ; pois que os limites dos máres, as barreira dos montes, a divisão das linguas, a differença dos costumes, a repugnancia das religiões, os odios nacionaes desapparecem com a civilização entre os povos ; e o feudalismo tambem pregará cruzada geral para defender sua última cidadella.

Alexandre tinha um milhão de soldados ; e mal fixa os olhos ja o espirito civico latente n'essas suppostas legiões d'escravos se declara e patenteia. O mais sólido despotismo do universo vacilla, o throno mais firme, o apoio e protecção dos outros thronos balouça em sua base minada ; o chefe da alliança dos reis ouve em tôrno de si o grito de liberdade ; a democracia vai atacar em seus paços accastellados o proprio Authocrata de todas as Russias.

Que exemplo para os potentados do universo, que desengano para

os teimosos retroactores do seculo! Vêde esse calosso pôsto de sentinela pela tyrannia nos confins da civilização e do barbarismo, essa barreira immensa alevantada nos limites da Europa para lhe impedir os movimentos naturaes, esse entreposto situado ás portas d'Asia para importar o *mais puro* do despotismo do oriente e o espalhar por nosso occidente, e cortar a civilização da Europa que não penetre para alêm essa atalaya do Feudalismo postada sôbre o monte Caucaso para dar o allarma a todos os privilegios; para aventar o minimo suspiro de um povo opprimido, e enviar torrentes de barbaros onde quer que a tyrannia excite um murmurio, a civilização um reclamo, a religião mesma uma súpplica!

Vêde-o! suas proprias bayonetas o ameaçam: ja não confia nem siquer n'ellas. Que será de vós que sois attomos diante de tamanha grandeza, e que de sua sombra vos cubrieis e amparaveis, que n'ella tinheis toda vossa força e esperança! A revolução da Russia foi o maior triumpho da civilização. A inefficacia da tentativa nem admira nem lhe diminue a importancia. A revolução la está, la existe: por mais que agite o sceptro, a *setta fatal* la lhe está no coração do imperio,—*aeret lateri lethalis arundo.*

Maior próva e mais clara do irresistivel podêr das luzes, não a deu ainda o mundo. Não foi quasi em dias de nossos paes que esses Moscovitas pugnavam ainda por suas longas barbas contra os ukazes do Kzar? Não ha ainda entre os obreiros de Hollanda a memoria d'esse mestre Pedro que se não dedignou de apprender os mais communs officios da vida para industriar a um povo que tudo ignorava?

Ha pouco mais d'um seculo essas tribus semi-nomadas entraram em estado de cidade e apprenderam a satisfazer as necessidades da vida. Sob Catherina ja conheceram os prazeres e gosos d'ella. Alexandre os introduzio na sociedade europea e á participação das bençãos da civilização. D'esde esse momento diminuiu o numero dos vassallos, e augmentou o dos cidadãos na Russia; quero dizer, affrouxou a cega obediencia do povo ignorante, e reforçou a vontade de

conhecer e intender a justiça do que se manda e a razão porque se obedece. O espirito indagador da verdade entrou a descubrir abusos, apoz veio o desejo de os emendar, logo a vontade de ser governado por leis racionaveis,—em fim o ânimo de tomar parte na confecção d'ellas para que o sejam.

Diz-se que as classes que na Russia clamam por liberdade são as mesmas que nas outras partes da Europa por ella pugnam. Sei que a opinião vulgar é que o espirito d'aquella revolução differe do das outras ; que la a aristocracia pugna por mais privilegios e não contra elles. Mas essa opinião vulgar é falsa e de falsos dados deriva.

Nem eu sei outra definição de Aristocracia senão a do eloquente general Foy. quando perguntado na tribuna pelo que ella era, respondeu " Aristocracia são aquelles homens que querem honras sem as merecer, empregos sem para elles serem habeis, que só querem consummir sem produzir, que querem para si o gôzo, e o trabalho para os outros, &c"

Tam aristocrata póde ser o peão como o nobre ; e sobejos exemplos todos os dias temos d'essa possibilidade. Nos paizes onde a classe média é numerosa, onde a industria a augmenta, n'ella se encontra diminuindo o numero da plebe e maior número dos que teem interêsse pela justiça e que por ella pugnam : as extremidades sociaes ou não desejam liberdade porque a não conhecem, ou folgam com o despotismo porque com elle lucram. Na Russia a classe média está na nobreza, porque della pela maxima parte tira a *industria* suas *recrutas;* a verdadeira aristocracia sai de todas as classes. Nem nos illudam os titulos de Principes a que não corresponde o mesmo vocabulo em nossas linguas do occidente.

Em summa, a guerra dos povos é aos privilegios excluzivos, incertos, vagos e arbitrarios como a vontade de um so homem de cujo capricho manam : ésta é por toda a parte a mesma unanime. Se entre uma nação esta classe se empenha mais na guerra, entre essoutra,

outra classe; as circumstancias particulares, a particular natureza ou constituição das sociedades produz essa differença, não a natureza da contenda, não o objecto d'ella, não o fim, não a causa. Onde ha oppressão ha revolução, onde a administração se oppõe ao espirito do seculo, á opinião dos povos, o estado de guerra entre governante e governado existe; onde as classes que possuem e produzem trabalham *só*, as que *só* consommem governam *só*, por horas ou por dias está a peleja aberta entre ellas.

N'esse caso está a Russia, assim como todos os povos onde a illusração cresceu, a nação andou, e o govêrno ficou estacionario.

Porque não fazem os Turcos revoluções? Porque a nação está em harmonia com os principios do govêrno.

Mas alêm d'estes motivos fortes, poderosos, irresistiveis que enlaçam os proprios Moscovitas na cadeia geral da civilização, que de dia em dia a mais e mais se estreita a roda do despotismo, e que ao cabo um dia virá que o affogue de todo, alêm d'esses, uma causa *secundaria* sim, mas poderosa e valente concorria para augmentar a desharmonia do povo Russo e do seu govêrno.

É ella de interessante importancia, e com quanto secundária em relação ao estado moral dos Russos é primaria e transcendente na grande causa da Europa, talvez do universo. Ja se vê que fallo da Grecia, abandonada e perseguida de todos os govêrnos Europeus que infamemente quizeram sacrificar a erradas e inconsistentes politicas a nação mais illustre da terra, que a tantos seculos de gloria antiga juncta o heroismo e constancia que em sua moderna regeneração equivale, senão *é* que excede, quanto havia ahi grande em sua historia, quanto maravilhoso em suas tradições.

Esse povo que tinha desapparecido d'entre as nações envergonhou-se em fim de sua louga escravidão, quiz liberdade, independencia; conquistou-a, e se reconstituio nação entre as nações. Acontecimento é este que faz epocha na historia do mundo, cujas consequencias serão importantissimas para toda a Europa. Exultaram ge-

ralmente os povos de ambos os hemispherios, e deram não equivocas próvas de seu interêsse, do enthusiasmo que tam sancta causa inspirava a todos aquelles a quem manifesta-lo foi livre. A religião consagrou tam generosos sentimentos, mas anathematizou-os a politica do chamado systema depressivo.

Mas ao succesor de Alexandre não restava mais opção no presente senão transigir com a revolução e ir auxiliá-la fora do imperio ou ter de luctar braço a braço com ella em casa: ou arvorar as bandeiras da civilização nos cerros do Caucaso e passar o Balkão com ella na frente, ou ter de a suffocar nos gelos do Newa. O primeiro arbitrio era proporcionalmente facil, o segundo difficilimo, e de mui incertos resultados. Nicolau adoptou o primeiro, effeituou-o entre as acclamações dos povos, e os murmurios—direi as imprecações—dos gabinetes.

Mas ainda os ecchos de S. Petersburgo repetem os hymnos do triumpho; e ja os lamentos do funeral querem romper. Nicolau enferma gravemente. De quê? Não se sabe: não se diz ao men .
Será da molestia de Paulo, de Alexandre? E por quem, e porquê? O que é certo, porque se ve, é que os jornaes Inglezes ja triumpham com a esperança de sua morte.

Mas façamos transição do grande membro de nossa comparação para o peque no. D. Pedro IV. herdou de seu pae uma porção pequena da Europa mas tam ameaçada e cortada de revoluções como a grandissima parte d'ella que Nicolau herdára de seu irmão.

O joven rei de Portugal, bem como o joven imperador da Russia, quiz tranzigir do modo prudente, possivel e decoroso, com a revolução, se bem que por differente modo, assim como eram differentes suas circumstancias pessoaes e as de seus estados.

A salvação de Portugal achou e acha da *mesma parte*, a mesma opposição que achou e acha a da Grecia. O Imperador D. Pedro tem recebido na pessoa de sua filha affrontas e injúrias mortaes.

A enfermidade—que a Deus praza, não seja mortal!—do imperador Nicolau virá da mesma origem?

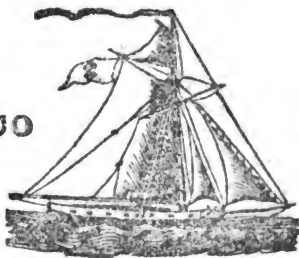
D. Miguel tem sido sempre e quasi abertamente apoiado contra a liberdade Portugueza. Mahamoud do mesmo modo o foi contra a liberdade Grega.

Nem um nem outro triumphou ainda; esperemos na Eterna justiça que nenhum triumphará, e que dous grandes Soberanos dados pela Providencia para moderar e melhorar a sorte de dous mundos, e em cujo destino os olhos e as esperanças do universo estão cravados, sahirão victoriosos da lucta em que com seus e nossos inimigos estão empenhados.

*Publica-se este semanario todas as terças-feiras de tarde (com a data da Quarta-feira.) Vende-se em casa de H. Huntley No. 23 South-Audley Street, Grosvenor Square, por 9d. cada número: assignaturas até o fim do anno por 10s.*

Impresso por R. Greenlaw, 39, Chichester-place. Gray's-Inn-Road, Londres.

# O CHAVECO LIBERAL.

No. 16. Vol I.

O'er the glad waters of the dark blue sea,
Our thoughts as boundless, and our souls as free.—Byron.

*Quarta feira* 23 *de Dezembro*, 1829.

## CORRESPONDENCIA DO CHAVECO.

*Senhor Reverendo Capellão do Chaveco.*

*A bordo da Balandra Tres-quilhas.*

Com que, meu bom amigo, está a nossa correspondencia por um fio. Não tarda que me faça no bordo do silencio, e deixe de mortificar a Vm. com as minhas rabiscas, que por certo de vez em quando o tem amofinado. Em com isso contava desde o começo da nossa correspondencia por que escrevendo para ente *ficticio,* e com puras vistas do *bem geral* de meus bons compatriotas, tendo pela proa um *partido* de facciosos, rebeldes e prejuros era d'esperar dentada de todo o calibre: mas devia eu prever que esses mesmos, que seguem a nossa bandeira *barafustassem* de maneira que tentassem *trabucar* a minha Balandra? Devia, sim Senhor; e para isso a construi logo de *tres-quilhas* afim de que nunca me vissem dar a *borda;* e por que, meu amigo, conhecessem d'uma vez os *invejozitos* e *inimiguitos* que me trincão a sombra na *esteira,* que levo, que seja qual for o vento que me assalte não decaho nem *espaldeio* na navegação da minha vida particular ou pública. Nós fizemos em 1821 uma Carta Politica de marear; mas ao verificar praticamente as sondas, ao compara-las com outras Cartas, ao examinar as nossas luzes e

o estado do nosso Portugal com os demais navegadores, que ou tinhão tido diversas CARTAS emendadas umas sôbre outras, ou ha seculos tinhão cunhado a sua prestancia, eu disse e escrevi com o *mesmo fim*, com que sempre o tenho feito, *o bem da maior parte*, que aquella nossa CARTA tinha defeitos; disse-o pela imprensa em o 1°. de Junho de 1826, e em Julho seguinte tive o prazer de ver chegada essa CARTA, de que ora fazemos uso, e trabalhamos por fazer adoptar por toda a nossa Marinha, emendando muitos dos defeitos, que apontei. Que succedeu d'aqui? Quando eu devia esperar ao menos a gratidão *silenciosa* dos que me lessem, os taes *inimiguitos* e *invejositos*, que tem a habilidade de existir com um cerebro perfeitamente ossificado;—que vivem da impostura d'um palavriado de papagaio tendo por todo o cabedal de seu saber uma boia de bugalhos;—que tem por Patria o seu *individuo*, e logo que o interesse geral esteja em opposição com o seu pessoal virão de bórdo;—que enfim se retoução na lisonja, na adulação, e na vileza d'uma prostituida *Aristolatria*, de que fogem com a mesma presteza com que se ajoelhão:—succedeu, digo, que apenas publiquei os meus pensamentos, escouceárão de regozijo, pullárão de contentes, e *corcoveárão* aprazerados, suppondo que eu me tinha *alagado pelas curvas* e que era infallivel o soçobrar, e o mais é, que as armas que empregárão foi a perfidia, e a *aleivosia*, aquella *sob mostras d amizade*, de que falla a nossa lei patria, e que ainda não cessou d'empregar-se. Não soçobrei, surdi, e *vinguei* meu caminho sempre com a *proa desalagada;* e enfim la lhes dei tão desequivoca bordada, qne mettêrão a viola no sacco; emudecêrão, porque não podêrão desmentir todos os Papeis da Europa, que nisso sem minha intervenção fallárão. Mas como quem torto nasce mal ou nunca se endireita, e quem o demo tomou uma vez sempre lhe ficou um geito, lançárão fora os oculos de *longamira* da sua preversidade, e logo lhes pareceu, que escrever contra os abusos e *prejuizos* d'uma Aristocracia viciosa, repugnante com os *principios*, que as luzes do seculo tem arranjado por base da *legitimidade das liberdades dos Povos*, era escrever contra a CARTA, de que em nossa derrota nos servimos:—era ser REPUBLICANO! Preversos e ignorantes! Aonde fallei eu contra a *Realeza?* Confundis vós o *Rei homem* com a *Realeza* centro social? Sim, confundis. O que vos faz conta é o *homem*, delle dependeis, delle esperaes; com a sua fraqueza, camarilhas, intrigas, e *empenhos*, contais vós. Vêde porem que isso não é CARTA: ella marca a LEI, e vós entendeis que marca o *homem:* ella nota o centro, que nunca morre, e sem interrupção se reproduz;—vós quereis o *manequim*—D. Miguel com uma *semi-amnistia* é o que anhelais talvez.

Attentai infatuados: nós ainda não chegamos *ao extremo dia do nosso fado*. *As Cartas politicas* são como as *Cartas hydrographi-*

*cas*, carecem de rectificar-se todos os dias; porque todos os dias os ventos, as correntes, as tempestades, as escavaçoens das costas, a mudança das medas d'areia, os terremotos, os maremotos, todas estas e outras causas enfim alterão o fundo, e essas alteraçoens necessitão correcçoens nas CARTAS. Eu nunca direi que se navegue sem *Carta*, mas não conheço *Carta infallivel*, e que o tempo não toque. "Em governos de grandissima diuturnidade, e encanecidos da velhice dos seculos a variedade dos tempos produzio conspicuas mudanças nas administraçoens, diz Smith *Angliæ Descriptio* cap. IV. pag. 112. Assim Romulo, Numa e Servio imperárão Roma com mão *régia*: Tarquinio, Sylla, Cæsar com *tiranica*. Nos primeiros Consules brilhou o *principado dos optimos*. Morto Tarquinio *poucos* empolgárão as redeas do govêrno. Os nomes de Cæsar, Crasso e Pompeo, os de Octavio, Antonio, e Lepido ainda durão. Expulsos os Decemviros Roma viveu sob instituiçoens populares; e longo tempo depois a lei Horacia ou Hortense disse—*quod plebs sciverit id populum teneat.* Roma, Lacedemonia, e todos os antigos Estados tiverão o mesmo fado.—"*Nascendo, denascendo, incrementa nunc, rursum decrementa capiendo, variis demum vicibus et alternationibus nunc morbi causam, nunc spem vitæ facientibus, ad extremum fati diem pervenimus.*" Ora pois o *extremo dia do nosso fado* ainda não chegou. E este mesmo sabio se visse hoje a sua Inglaterra teria de confessar, que marcou mui cedo aquelle *extremum*." E veja mais, meu Padre, que ainda hoje ha na Inglaterra *radicaes*, e de grande bordo e guinda: nem creia que se tenha chegado ao *non-plus ultra* da fabrica social.

Do *mau* não se salta ao *optimo* de repente. A Natureza desconhece *saltos*. Em tudo ha *gradaçoens* e *compensaçoens*. Vamos de vagar, contanto que caminhemos sempre, e chegaremos de pressa. Mas guerra eterna aos prejuizos: guerra eterna á escravidão: guerra eterna aos tyrannos, seja qualquer que for a nossa marcha, ou derrota. Nada do que os Gregos chamárão—*Pambasileian*—nem do *barulho*, a que derão o nome—*Democritiu á pánton*—Vamos com o que denominárão—*Politeia democratica*—com um centro de *Realeza*, que a experiencia *actual* Europea mostra ser o melhor, e que a natureza da Sociedade parece comprovar na excellente comparação, de que se serve *Contareno* de *Republica Venetorum* pag. 18, quando diz que um rebanho d'ovelhas não se governa por uma ovelha, nem uma manada de cavallos por um cavallo:—que carecem da *razão* do homem para governa-los:—que todavia o homem, apezar de ser dotado de *razão*, no de mais é commum com a alimaria:—que se se entregar o governo a *um so* elle deixará a razão de parte para seguir o appetite, e eis-ahi sugeita a universalidade ao capricho:—que por tanto era necessario buscar esta *razão* para governar d'um modo estavel e util: e que ella se acha no *conselh*-

*de muitos*, por que ali se debatião as necessidades e o interêsse da universidade, e se calavão os caprichos, entregando-se depois a resolução á execução d'*um so*.

Esta pois é a CARTA ou as *primeiras linhas* e base, que me parece devemos seguir, e que nos convem. E ja que tivemos a fortuna de que uma fosse desenhada por um Piloto, que os Almirantados Europeos reconhecêrão por *Legitimo* essa devemos querer e adoptar, e so tocar pelo modo que ella mesma marca se o andar dos tempos fizer necessitar alguma alteração.

Aqui tem pois, meu Padre, o que sou *puramente*, e o que fui sempre: accrescento-lhe contudo, que desconfie de todos os berradores, que para mostrarem seus sentimentos o fazem sempre com gritarias, e que vivem d'intrigas; porque ou não sabem o que querem, ou querem o que não sabem, ou fingem saber e querer, o que nem querem nem sabem. E cuidão elles que ninguem os conhece? Cuidão elles, que esses mesmos a quem adulão se não enjoão da sua abjecção? Cuidão elles que impoem á multidão? Isso era bom no tempo dos apantufados: hoje nem tudo o que luz é ouro, nem quanto branquêa é farinha. Entreguemo-los, meu Padre, a si mesmos: busquemos sempre sem respeitos o bem do maior numero; e *abuso* e *prejuizo*, que avantemos pela *proa*, fundo com elle sem misericordia.

Portugal acha-se carcomido e roído por commendas, por morgados, por quartos, quintos, raçoens e mil alcavalas feudaes, como ninguem ha, que ignore. Tãobem será necessario que haja tudo isto para haver CARTA?, ou por que ha CARTA?

Por que a CARTA merece *duas* Camaras, não poderá haver Camara de Pares sem que essensialmente seja composta desses mesmos figuroens ajaezados, que rasgárão a Carta, e que hoje trazem sobre os lombos o Senhor seu Rei delles?

Por que sem Tribunaes de Justiça não ha administração social, nem pode haver Carta, seguir-se-ha dahi, que sem *Rodrigues de Bastos* não pode haver Desembargo do Paço ou Tribunal algum superior, chamem-lhe como quizerem; que sem *Acursio das Neves* não pode haver Supplicação; sem um *Mordomó mor* não póde haver Tribunal de Commercio, sem o *Medico Carvalho* não pode haver Provedor ou Corretor de seguros;—e sem o *Lebre* não podem haver Juizes do crime?

Se fallar contra os homens é fallar contra a Carta—se fallar contra os abusos e prejuizos é fallar contra a Carta—se fallar contra uma Aristocracia, que não é mais que um espectro, um armeo de pergaminhos genealogicos, desmentida na pratica presente a fé e lealdade dos seus Maiores:—uma Aristocracia, que apagou *para sempre* o nome dos soldados d'Affonso Henriques ou desses que deixárão na Africa e na Asia a memoria de seus feitos;—então,

meu amigo, terá paciencia, que em quanto eu tiver voz fallarei contra a CARTA, porque com os prejuizos não transijo. É por querer combate-los, que peregrino por estes mares, e nem me arrependo, nem me desdigo, nem desisto. Quem se sacrifica por *todos* não se importa *d'alguns*, la se agazalhe consoante for o frio.

Não me dirá Vm. que pode intentar fazer a Russia recrutando tão fortemente como dizem as Gazetas desta semana? Pois não fez ella uma paz, que, diz ella, *deu a paz ao Mundo?* Mas o Mundo não estava em guerra; por que não consta d'hostilidades alem do Fernando com o Mexico, que Deus Senhor nosso houve por bem calar para todo o sempre. Alger? Alger tãobem negoceia a paz com a França. Então que será isto? Eu, em verdade, não concebo meio estado entre paz e guerra: e por tanto sou obrigado a caminhar sempre no que lhe tenho escripto há mezes, e é, que um real de lume póde actualmente fazer da Europa inteira uma fogueira, de cujas cinzas a Phenis *Liberdade* sahirá tão gentil como o é a Natureza.

Sim, meu Capellão, não desanime. Apezar de que não ouvirá de mim tão cedo, porque a nossa correspondencia vai terminar por agora, peço-lhe, que não se arreceie pela Liberdade regrada e apoiada pela Lei. Ella vem la; e nenhuma força é ja capaz d'empata-la. E o Despotismo, esse

> "Monstrum horrendum, informe, ingens, cui lumen ademptum
> "Trunca manum pinus regit, et vestigia firmat:—

esse virá Vm., e talvez muitos dos nossos amigos a poder-lhe applicar o

> "Conticuit tandem, factoque lui finæ quievit.

Isto, meu amigo, pelo que pertence ao Mundo em geral: e que será do nosso *misero* e *mesquinho* Portugal? Oh! a nossa desaventurada Patria essa está para muito mais de vagar; isto é não duvíde Vm. nem por um instante de que lhe hade chegar o seu *dia de Liberdade;* não creia que o Monstro, que a enxovalha e pollue se firmará solidamente no Throno alheio:—não, elle caminha cada dia n'uma progressão igual á velocidade da queda dos corpos para a sua dissolução; porem as resistencias são ainda grandes entre nós, e dahi virá ainda a demora, se no meio tempo não apparecer, como é d'esperar, uma força acceleradora que desmanche esse artefacto d'injustiça e d'opprobrio.

Portugal, desgraçadamente, (é forçoso confessa-lo) tem resistencias enormissimas a vencer, e algumas peculiares suas.

Portugal tem uma Magistratura *sui generis*, ignorante, abusada, e que se nutre essencialmente do abuso, destruido o qual ella necessa-

riamente desapparecerá. O grande mal vem do *segredo do processo*. O estado inquisitorial em que se passão as cousas do foro poem os Magistrados a abrigo da *opinião publica*, unica barreira a seu alvedrio. As *provas* não são produzidas *ao* Magistrado; são-no *ao* Escrivão, este é que as árranja para o Juiz. Se pois o Juiz vê *so* a prova, que o Escrivão lhe quiz fazer: se elle julga em segredo;—se tudo o mais se passa em segredo, como póde a justiça ser bem administrada? Que immenso não é o poderio do Magistrado derivado d'este segredo? E quereráõ elles passar d'*absolutos* a sugeitos á Lei? Certamente não querem, porque lhes falta *virtude*, sem a qual o homem não dá tal passo. Ora como elles somente seráõ *absolutos* sendo *absoluto* o seu primeiro chefe, é evidente que elles são os primeiros interessados sustentadores do usurpador; porque um e outro poder é usurpado e dependente entre si. Esta resistencia pois é enormissima, e tanto mais terrivel quanto a sua alçada abrange a honra, a vida, a fazenda de *todos* os membros da sociedade sem excepção; como alcança *tudo*, tem tudo soppeado, e dependente. A resistencia pois, que offerta ao golpe da sua destruição é mui espessa, e dura.

A segunda grande resistencia, que serve de *contraforte* áprecedente é a *ignorancia* mui geral do Povo Portuguez; e não é uma ignorancia *eventual*, senão que é *estudada e artificial*. Eu me explico. Os Portuguezes não são ignorantes, porque a conformação de seus cerebros se aparte ou distinga do mais bem formado e bem recheado craneo europeo: mui longe disso, a sua *capacidade* physica e moral é igual ao melhor: nem lhes falta viveza, nem *malicia*, nem *senso* ainda aos mais embrutecidos villoens, e camponezes. A sua ignorancia vem do *disciplinar* da religião do Estado. A moral evangelica é indubitavelmente um *codigo de virtude:* se ella fosse prégada e praticada tão pura como o seu Divino Autor a ennunciou e mandou apostolar os homéns formarião uma republica d'Anjos: porem a fórma do culto e a disciplina foi, e é obra dos homens e estes estragárão a pureza da instituição. O primeiro *dogma* appresentado pelos homens que se que arrogárão o fazer dogmas, que se arvorárão em infalliveis, que regrárão os futuros destinos do homem, aliás guardados no seio insondavel da Divindade: o primeiro digo, foi a *intolerancia*, isto é a insociabilidade na sociedade, o odio na fraternidade, a perseguiçaõ na innocencia, a cegueira no meio da luz, e assim a ignorancia estudada e artificial. Fez-se dos homens inimigos contra os principios da moral base dessa mesma Religião, que tendia a fazê-los todos amigos. Fez-se maus d'aquelles homens, que a moral trabalhava por melhorar, e de bons tornar optimos.

Esta resistencia é d'uma impenetrabilidade incalculavel. So pode vencer-se com muito vagar, com grande preseverança nos directores, e com muito saber seu. Persuadir o *melhor* a quem tem por *mau* o

*bom* é tarefa sôbre maneira ardua, e quasi invencivel. So a mão do Tempo póde alcança-la.

Os Padres pois, que ainda que ignorantissimos entre nós, sabem, como de simples intuição, que a sua ignorancia sera manifesta á proporção que as luzes entrarem nesses, a quem dominão por ignorantes:—elles que conhecem o logar, a que serão arrumados, logo que a sua misteriosa torpeza for posta ao sol,—elles trabalhão por impedir por todos os modos possiveis, que a luz penetre a menor das fisgas do entendimento humano. D'ahi alevantão o batalhão dos exorcismos, os pactos com o demonio, as fabulas maçonicas; e com a cohorte do misterioso sempre a par do terror, do incognito e arreceado porvir parão as luzes na sua carreira, e resistem á felicidade dos Povos, sendo os Povos o seu mesmo instrumento.

Entretanto apezar de que os Padres estejão em corpo formado, ordenado, e marchando debaixo da mesma tactica, contudo a sua força ja se acha tão enfraquecida, que ha ja muitos delles que tem desertado das bandeiras da ignorancia, que são victimas da perseguição do despotismo, e que tem vindo alistar-se nas fileiras dos cidadãos, dando assim uma prova decisiva de que a sua moral é pura, e que a Religião sancta é a primeira inimiga do *Fanatismo*.

O que resta pois a fazer para destruir esta enormissima resistencia? Vencer e debellar os Padres maus, e escolher os bons. Isto feito, o mais corre por si; por que aqui temos a fazer a guerra a *pessoas* que não a *cousas*; que é sempre uma guerra muito mais facil de terminar bem. A Religião é boa, não temos de ataca-la; pelo contrario temos de defendê-la, temos de sustenta-la: mas os ministros são indignos della *fanatizando* em vez d'apostolar, e por tanto guerra a similhantes criminozos. O *Altar* construido tão puro como o organizou o seu fundador divino:—o Altar, onde se sacrifica uma latria pura e virtuosa ao Ente infinito, creador de tudo:—o Altar, donde se enuncia a virtude, e se faz ver a sua pratica sem sombras, e sem equivoco—esse o devemos sustentar, e pugnar em sua defeza.—Mas o altar do *Bispo de Vizeu*, o altar d'um prejuro, o altar do socio d'um roubador d'um Throno, d'um perseguidor da innocencia, da virtude, e da honra civica:—o altar d'um Padre *José Agostinho de Macedo*, d'um diffamador, d'um libellista, d'um prégador *Bacchico*, d'um propagador d'injurias:—o altar d'um Frei *Joze de Lima*, d'um insultador d'innocentes, d'um prostituidor de familias, d'um prégador d'apodos em vinganças e interesses particulares:—o altar d'um *Prior mor de Christo*, d'um *Deão de Braga*, e de mil outros publicos barregueiros, hypocritas, ministros dos altares de Baccho, de Priapo, de Dite, e do Averno,—esse *altar*, meu amigo, arrazado, salgado, e queimado para sempre: sustenta-lo, é insultar a Divindade, que elle insulta.

Tíradas pois estas duas grandes *resistencias* o mais cahe por si : — corre como consequencia necessaria : mas so tiradas ellas é que póde começar a regeneração Portugueza. Que resta pois a fazer ? *Instruir os Povos* : rasgar-lhes as cataratas fanaticas, que lhes acobertão a *verdade*, o *dever* e o *interesse proprio* : e isto não é difficil, porque a *verdade* é quasi sempre de facil demonstração ; e o *interesse* é um pregoeiro de voz *stentoria* que chega argentina inteira ao *labyrinto* auditorio,—é uma sensação, que vai aninhar-se sem alteração na *ponte de varolo* ou nos seus arrabaldes, porque enfim parece, que é por esses arredores, que mora o *entendimento* com os seus companheiros.

Eia pois, meu Capellão, peça Vm. aos seus, e eu pedirei aos meus amigos, que roguem respectivamente aos seus e assim *in infinitum*, que tracte cada qual de fornecer o seu quinhão *d'instrucção* aos Povos, e o nosso trinnfo, e a felicidade delles sera infallivel. Que nos entendamos porem, semeando *boa doutrina*, porque a ser *ma*, virá a ser peor a emenda do que o Soneto. Portanto sera preferivel, que o fação *poucos e bem*, do que *muitos e mal ;* por que é bem certo que nem todos chegão a tudo : e com o nós estamos muito atrazados ainda a respeito d'outras Naçoens, e dos sabios dellas, sera preferivel, que lhe ministremos *traducçoens* d'escriptos ja provadamente proficuos, em vez de inventos cerebrinos, theorias abstractas, e sonhos de miolos escaldados, e projectos d'alvitristas esturrados.

Por hoje *pairarei* n'esta altura, por que sinto *assuxar* os cabos : prepare-se Vm. para *apendoar* o Chaveco como lhe recommendei, porque o dicto dicto : reveja bem as *estorvas* d'alto a baixo e se lhe faltar prégo *estopar* falle, que me sobejão. Adeus até á semana, que vem. Sou seu *amigo*—PALINURO.

## CORRESPONDENCIA PARTICULAR.

*Lisboa*, 28 *de Novembro.*—Um Brigue que vinha com despachos da Ilha da Madeira naufragou no dia 26 no Cabo de Espichel, mas a sua tripulação pôde salvar-se e chegou hontem aqui ; e ainda que a policia a pôz incommunicavel, nós pudémos saber apezar das suas precauções, que ao partir do navio a Ilha se achava na mais completa anarchia, que ametade da guarnição tendo-se junto aos habitantes tinham proclamado a Rainha D. Maria II. e pediam a grandes gritos a cabeça do Governador; que este se tinha fechado no Forte com a outra parte da tropa que tinha por D. Miguel, e que em fim principiavam a fazer preparativos na Cidade para cortar todas as communicações para o Forte tanto por terra como mar, e para obri-

gar assim o Governador a render-se antes que possa receber soccorros de Lisboa. *(Journal des Débats de* 13 *de Dezembro.)*

*Turquia. Constantinopla* 10 *de Novembro.*—O Conde Diebitch estava ainda ultimamente em Adrianopli e não partirá senão nos ultimas 15 dias deste mez. O Pacha de Scutari fez acantonar as suas tropas nas immediações de Philipopoli. A mizeria tem chegado ao ultimo grão e muitas aldeias da provincia tem chegado ás mãos com os Albanezes que praticavão os ultimos excessos. A noticia do ultimo combate dado na Asia fez uma profunda impreção sobre o Sultão do qual as disposições mentaes dão geralmente muito cuidado. Ha alguns dias que muitas embarcações mercantes Gregas e com bandeira grega tem passado no grande canal, para entrar no mar negro. Era um espectaculo muito extraordinario para os Turcos. *(Constitutionnel de* 13 *de Novembro.)*

*Constantinopla* 11 *de Novembro.* Depois de muitas Notas trocados em Andrianopli entre os plenipotenciarios da Russia e da Porta, e depois da entrega de uma especie de ultimatum da parte do general Diebitch sobre a execução pontual do tratado de paz, a Porta se achou em fim na necessidade de ordenar a entrega de Gioigewo á incorporação dos destrictos destacados da Servia,a publicação de uma amnistia, e o pagamento do primeiro termo da indemnisação ao commercio Russo. Logo que os Russos tenhão evacuado Adrianopli, o estandarte do Propheta sera levado de Ramis-tehiffick para o Serralho. Em quanto á indemnisação dizem que a Russia tem concedido novas facilidades e lizongeião-se de obter ainda mais pela missão de Halil-Pacha que finalmente recebeo os seos passaportes para Constantinopla, e que com uma comitiva de 100 pessoas se embarcou em um navio razo para se dirigir a Odessa ao primeiro vento favoravel. A Porta espera que, a somma, que ella deve pagar, seja reduzida a dois milhoens de ducados; mas pode enganar-se, se não offerecer algum equivalente. M. M. d'Orloff, e de Bontnieff ja chegárão a Rodosto, e esperão-se aqui a todo o momento. A sua missão dá lugar a muitas conjecturas; talvez que o seu objecto seja a reducção da contribuição, a troco da cessão de algum terrritorio na Asia. O Seraskier de Erzeroun e o Pachá de Scutari, tomárão quarteis de inverno; e parece terem conhecido, depois destes acontecimentos alguma espece de condescendencia da parte do Gran Visir, e que este não se oppõe ja ás ordens do Sultão. Parece que estava em liga secreta com o Pacha de Scutari.

Não se sabe nada a respeito da Grecia; a sua sorte deve decidir-se em Londres; aqui corre huma lista de candidatos para a governar, entre cujos nomes se leem os dos Principes de Saxe, de Baviera de Bade, de Hesse, d'Espanha, de Italia, e de Dinamarca... Os

divertimentos do Inverno ja commeçárão em Pera; não se passa hum so dia em que não haja um baille, ou outro divertimento em casa dos Diplomatas Europêos. Quarenta e trez familias Armenias se tem aproveitado da amnistia, para tornar para aqui: tem-se lhe permittido o occupar as suas antigas habitaçoens e espera-se que pela intervenção do Inter-Nuncio d'Austria, lhe sejão restituidos os seus bens confiscados. Escrevem de Smirna, que os destrictos insurreccionados se tem pacificado; Eli Aga que commandava as forças enviadas contra elles, tem feito decapitar mais de duzentos. O Governador de Smyrna, Hassan Pachá, morreo d'um ataque apopletico na passagem dos Dardanellos para Smyrna. (*Journal des Débats* 14 *de Dezembro.*

*Intervenção Estrangeira.*

*Pariz.* Julgamos dever dar algum desenvolvimento ás reflexões que rapidamente fizemos sobre a intervenção estrangeira. He huma questão que pode parecer ociosa no momento em que o ministerio, filho da triple influencia de Londres, Vienna, e Roma, está proximo a huma agonia que será, he de esperar, sem convulsões; mas elle pode morrer, sem que os seus projectos morrão com elle. A congregação não conserva ella o Deposito? Não entra, acaso, nos velhos costumes e habitos dos absolutistas lançar suas vistas para fora do paiz? Não acreditamos rejeitadas as ideias, cujo addiamento se pronuncia com huma mortal desesperação. Golpe de Estado, e intervenção estrangeira, eis aqui dous termos perfeitamente correlativos. Perguntem-no aos redactores, e assignatarios da nota secreta. Huma boa coliação, eis o ultimo argumento em reserva. Indaguemos ainda huma vez o seu valor.

He um facto demonstrado em nossos annaes comtemporaneos que as coliações dos reis contra França, fossem ellas apoiadas por hum milhão de soldados, não são para os mesmos senão uma fonte de ignominia, um abismo de desastres, no emtanto que ellas não são provocadas pelo grito da desesperação, e pelos armamentos espontaneos dos povos. Semmapes, Fleurus, Arcole, Zurick, Marengo, Hohenlisidem, Ulm, Austerlitz, Jena, e Friedland, tem-se pronunciado sobre esta questão, ja definitivamente resolvida em cada uma das capitaes dos Soberanos armados.

Quando os povos, despertados pelo sentimento de independencia nacional a que se une o dezejo de liberdade politica, e civil, se precipitárão em os Landwepir, em os Landsturm, e tem arrastado apoz si os Soberanos esmorecidos, a França tem podido com gloria sustentar hua tão formidavel lucta. Tirai-lhe os aliados que a tem trahido depois de Moscou, depois de Lutzen, e aquelles que desertárão do

campo de batalha de Leipsick : e vós a vereis ainda senhora de mais Estados do que reunio Carlos Magno. He verdade que he preciso ter aqui em conta os grandes e prodigiosos recursos do grande Capitão que hoje não existe, e aquem os seculos com difficuldade produzirão hum igual; mas as instituições liberaes offerecem talvez um apoio mais inabalavel. São os povos, e não os gabinetes, quem tem feito o bom exito das duas coliações, cuja lembrança peza sobre França, apesar dos gloriosos feitos, e numerosas victorias que se achão com ellas entrelaçadas. He esta uma verdade que M. de Lacretelle tem perfeitamente evidenciado na sua introducção á *Historia da Restauração.*

Ora, qual he aqui o sentimento dos povos ? Se nós deitamos nossas vistas sobre a triste Peninsula Hispano-Lutina he ali que nós encontraremos as mais hostis disposições na Camarilha, nos Conventos, e talvez, ao presente, entre a multidão. Mas que impotencia, meu Deos ! Os habitantes de duas, ou tres villas visinhas não porião elles em fugida os destroçados heroes, vindos de Mexico ou —da Terceira ? Que viria a ser a Espanha, se um punhado de nossos soldados viessem reanimar nella o sentimento de liberdade comprimido, mas não apagado entre os grandes que tem tido a gloria de serem os seus primeiros propagadores, entre todos os homens esclarecidos, industriosos, de que a Espanha ainda abunda, e emfim entre esta mesma multidão que não se unio pouco á causa das Cortes, e que não estima no despotismo monacal senão um premio para a mendicidade, e uma antiga tolerancia para a Ladroeira.

Terião apenas nossos soldados marchado até Pamplona, ou Burgos, e ja o eco da sua marcha teria retumbado em Lisboa, e o throno desse vil usurpador D. Miguel seria de repente feito em po.

Far-se ha entrar a Italia nesta causa ? Quem se atreveria a armala contra nós, seus antigos libertadores, e cuja gloria e fortuna ella tem participado : contra nós que ella ama, e por quem suspira mais que nunca, depois que seus ferros tem sido rebatidos pela Santa Alliança ? Seria acaso a Austria ? Mas o seu dominio sobre Italia não está mais seguro, do que o do Sultão Mahamoud n'aquella parte da Europa que lhe deixárão conservar provisoriamente. Não se conduz a Austria para com a Lombardia e todos os demais estados que ella se soube annexar, como se tivesse pressa de invadir os despojos, e devorar os recursos que bem depressa deixarão de pertencerlhe para sempre ? Um povo vivo, engenhoso, e ardente, queixa-se e sente-se mais dos esforços que se fazem para o embrutecer, que da assidua avidez com que o arruinão. He acaso depois de vinte annos d'uma gloriosa fraternidade com os Francezes, conduzidos por Bonaparte : he acaso depois da administração amavel vigilante, e esclarecida de Eugenio Beauharnais, que os Italianos poderião soffrer

a chibata dos cabos de esquadra Austriacos, e a inquizição dos feitores juntamente com a dos frades?

O primeiro tiro de canhão disparado quer de ca, quer d'além dos Alpes, despertaria em Milão, em Pavia, e em Mantua, vinte mil veteranos, que tem seguido nossas armas com honra, e soblevaria tudo desde Tessin ate Tagliamento. Longe de que a Italia podesse servir os designios ou os estupidos furores que attribuem ao Principe de Metternich, he ella quem terá sempre maniatada a politica hostil do Gabinete d'Austria: antes que elle se engajasse em hostilidades contra a França, se acharia trabalhado pela mesma febre que devora Fernando VII. e Dom Miguel. Por certo, que se poderia dizer o mesmo a cerca do Rei de Sardenha, e das duas Sicilias, a quem devem estar presentes as lembranças de 1820 e 1821. Longe de nós o pensamento de fazer reviver ressentimentos funestos á tranquilidade dos Estados, e que poderião comprometter o futuro bem-estar dos povos! Mas a ameaças vãas podemos nós responder com ameaços reaes. O volcão mais perigoso, que ameaça o palacio de Napoles, não he o do Vesuvio. O palacio de Turin he na verdade uma habitação muito tranquila, e muito edificante; mas pratique esta corte uma fanfarronada imprudente e veremos, se os soldados, e o Povo Piamontez se lembrarão do dia de Novara, se elles poderão unir-se de bom coração com os Austriacos; e se elles não conservão ainda alguma cousa do patriotismo e da coragem de Santa-Rosa, deste illustre exilado, que não pôde consolar-se das infelicidades da sua patria senão unindo-se á causa dos Gregos, e morrendo sobre a terra dos heroes!

A sombra d'André Doria não paira ella ainda sobre Grenes, e a de Dundolo sobre Veneza, que a oppressão Austriaca torna a lançar nas ondas do Adriatico? A Grecia não pôde ella sahir d'uma escravidão ainda mais longa, e dura? He preciso gritar a todos os Principes de Italia: sede pacificos e se he possivel, imitai o Principe cuja sabedoria hereditaria tem feito florecer a Toscana."

Lançando nossas vistas sobre e Meusa, e o Rhim, não vemos senão Estados que ainda ha pouco fazião parte da França, e que excepto a Hollanda, nunca tinhão antes visto ellevar a maior grão de esplendor a sua industria, e a sua agricultura. Falta-lhe a fortuna de verse unidos a França pacifica, e constitucional. Pensar-se-ha acaso que esta felicidade não he anciosamente desejada? Não tem a Belgica gemido fortemente pela sua união forçada com a Hollanda? Não geme ella esmagada com o peso de uma dívida que não contractou? Mais feliz, sem duvida, que os departamentos do Rhim, vive debaixo do regimem representativo, e das Leis de um Monarca, amigo esclarecido das instituições liberaes, e que nasceo inimigo dos principios ultramontanos. Mas vêde com que zelosa inquietação não he

defendida a liberdade nos Paizes Baixos. Vêde as ultimas díscussões, que tiverão lugar nos dous annos proximos passados, e vós reconhecereis quão forte não he o laço de simpathia que une dous estados antigamente irmãos, e ambos orgulhosos de sua liberdade.

Pelo que respeita aos departamentos submetidos ao dominio Prussiano, sabido he com que ardor pedirão as administrações provinciaes, que por fim lhe forão concedidas. São por ventura estes os limites da liberdade que elles esperão, e a que tem direito de esperar? Não o pensamos assim. Seja em fim, como for, seria perigozo, querendo irritar e armar estes povos contra nós, avivar-lhe todo o calor de uma affeição que livremente salta aos olhos de todo o Francez que os visita, e que se perpetua pela lembrança de um bem que ja não existe. A politica do gabinete de Berlin hade negar-se sempre a uma tão perigosa experiencia.

Penetremos agora ao interior d'Alemanha. Mostrai-nos que foi feito deste furor mystico, e guerreiro, que transportou os descendentes de Vitikind contra o novo Carlos-Magno. Ha, acaso, um so viajante, que não tenha visto, seja nos Estados constitucionaes, seja em os Governos militares mais ou menos modificados, um interesse igual pela nossa causa constitucional, uma admiração pela firmeza serena e inabalável do povo Francez? Se o nome da Congregação faz bramir os filhos de Luthero, essa tyrannia fradesca não indigna menos os Bavarezes catholicos, a quem dous Principes excellentes tem feito entrar no regimen constitucional. Aqui o interesse commum de muitas cortes vem unir-se á voz dos povos. Os Soberanos da Baviera, de Virtemberg, de Bade, de Hesse-Darmstad, de Saxe Weimar, todos aquelles que tem ressuscitado o governo representativo de que apenas existião gothicas ruinas, não se achão elles consagrados á colera d'Austria? Dai um pouco mais de poder a Metternich, e elle os entregará ao bando do Imperio, por terem proferido a palavra *liberdade* e terem feito conhecer os seus beneficios.

A confederação do Rhim tem sido felizmente substituida pela liga dos Estados constitucionaes. Era a barreira mais forte que podia levantar-se contra as surdas invasões da Austria. Eis aqui o mais feliz correctivo ao tratado de Vienna em que o seu governo fez pagar as suas derrotas mais caro, que Napoleão a maior parte das vezes fazia pagar as suas victorias—*(Constitucionel* 14 *Dezembro.)*

---

O Morning Herald segunda feira continha extractos do jornaes Francezes, e Allemães, os quaes não continhão couza importante, ou questões do paiz de nenhuma monta.

Terça feira continha o mesmo, e debaixo dos jornaes Allemães, trazia o seguinte artigo. Constantinopla, Novembro 10. Provavel-

mente o Conde de Diebitch se demorará em Andrianopli até ao fim do mez. Tambem se sabe que Guiervo se vendeo ao Exército Russo. O Pacha de Scutary mandou as suas tropas occuparem as vizinhanças de Philipopoly. Os excessos dos Albanos em algumas cidades tem desgostado muito os habitantes. Sabe-se, que agora teve logar na Azia uma batalha entre o Conde Paskewitch, e o Seraskier de Erzerum, o rezultado da qual foi ficarem as forças do segundo quazi annulladas.

Nós aqui fomos testemunhas de ver muitos navios mercantes com a bandeira Grega attravessarem o grande cannal para o mar negro. (*Algemeine Zeitung*, Dezembro 8.)

Quarta-feira, continha somente extractos dos jornaes Francezes, que não referião nada importante, e uma longa carta da Terceira, na qual se vê o bom estado, em que está aquella fiel ilha, a qual o creador tomou debaixo da sua protecção, dando-lhe uma colheta abundantissima, e segundo esta carta, ainda que o *Miguel um* pudessse conservar um bloqueio, não lhe fazia mal, pois elles tem que comer em abundancia. Accrescenta que os soldados estão bem vestidos, pagos todos os 15 dias, e que a maior disciplina, e a maior concordia reina entre os soldados, e a gente da terra; aquelles mesmos que erão contra a Rainha D. Maria II. agora são os seus maiores partidistas, e que não obstante estarem umas poucas de embarcações no bloqueio, estavão trez navios no porto. N'uma palavra aquella ilha está no melhor estado possivel.

Quinta feira }<br>Sexta feira } Não continha nada digno de attenção.<br>Sabado —— Não continha nada importante.

---

*Para prova do modo porque se pensava na Suecia em* 1828 *a respeito de Portugal damos a seguinte*

TRADUCÇÃO.

Quem observar os eventos do mundo, difficilmente encontrará huma scena mas eminentemente escandaloza do que a offerecida por Portugal n'este momento. Não ha crime de monstruosidade moral, ou culpabilidade legal, de que elle não apresente hum quadro amplo, e variado. O amigo da liberdade, e o homem probo se escandalizárão com razão da perfidia pública, e das grandes injustiças praticadas aos nossos olhos em Hespanha e Napoles. Tem sido afflictivo o ver os Reis quebrar suas promessas mais solemnes, logo que poderão sem perigo faltar a seus juramentos, e pôr de parte todas as obriga-

ções, das quaes todo o homem particular folga de não appartar-se, se quer mostrar que tem ideas de educação e honra, que por isso mesmo devião ser dobradamente sagradas ao homem público, e ao Soberano :—vê-los levantar cadafalsos, e povoar as prisões d'aquelles a quem acabavão de chamar os seus melhores amigos, os seus Subditos mais fieis, os seus mais necessarios Servidores;—e vêr a multidão que acabava de prestar homenagem ao seu merecimento, augmentar ainda por sua frenetica alegria os soffrimentos das víctimas. No entanto o sofista politico pode melhor achar huma desculpa a tudo isto : os Principes, pelas precedentes revoluções nos seus Estados, se julgavão prejudicados em suas prerogativas innatas ; elles olhavão quanto havião feito em tempos de necessidade como feito contra sua vontade, e por consequencia não obrigatorio logo que cessou a dita necessidade ; elles se julgárão emfim, pelo mesmo direito innato, em estado de reassumir o poder que havião perdido, e a Plebe participou destes erros.

Com tudo, não se póde lançar este véo transparente sôbre os successos de Portugal. A nomenclatura enorme de crimes que alli se commettem não tem parallelo. Observa-se ali hum joven Principe, a que o rumor público até atribue hum nascimento illegitimo, começar a sua carreira por huma revolta contra seu Pai e Monarca, pelo assassinio do melhor amigo deste Soberano, e pelas ameaças contra os seus proprios dias,disfarçado com o zelo farisaico contra os principios de hum Governo, que se honra do seu ódio inveterado, e do de seus iguaes. Elevado por seu Irmão e seu Bemfeitor a huma fortuna que nunca podia esperar, e tendo obtido por graça que se lhe esquecesse o passado,o que he o mais admiravel de todos os testemunhos de benevolencia, elle recompensa a confiança mais assignalada pela ruptura da união que contractára com sua joven e estimavel Sobrinha, que foi destinada a ser sua espoza, e sua victima, para a precipitar do trono, que hum dia a sua mão lhe daria o direito de partilhar,e de que, em quanto esperava, elle devia exercer as prerogativas. Nós vemos o usurpador não somente commetter todas as crueldades, e as injustiças ás quaes nem os proprios Monar-

cas legitimos se julgão authorisados, mas ainda excedê-los em tudo o que o Genio do mal póde inspirar a hum espirito allucinado, e a hum coração preverso. Nós vemos emfim entre a Nação huma maioria da populaça—não por amor á Caza Real legitima, porque então precipitaria o usurpador do Trono;—não por huma affeição pelo novo Principe, porque elle não tinha figurado publicamente senão por espaço de dous annos assignalados somente por crimes, e perfidias; —não por ódio contra a fôrça hostil ou contra as doutrinas hereticas, porque nunca houve questão n'isso;—mas pela crença servil nas insinuações dos Padres, e por huma sorte de condescendencia infernal a quanto ha entre elles de baixo e escandaloso, e que degrada a nobreza do genero humano, abraçar com certo ar de triunfo a cauza da violencia, prestar homenagem á impostura, e contribuir para a victoria do vicio. Insistir mais neste objecto desagradavel seria offender os nobres sentimentos de nossos leitores, sería dar valor ao que repugna, quando pelo contrario desejamos ser, o mais possivel, aliviados de similhante contemplação. Nós não nos condemnaremos nem a nossos leitores a fazer este sacrificio penozo, e inutil. Restanos somente observar, que se não ha salvação contra huma oppressão menos afflictiva em Hespanha, onde não falta absolutamente fôrça moral, como se poderia achar em Portugal? Raia porem huma faisca de esperança a este respeito. A Justiça eterna, que algumas vezes permitte ao crime que exerça as suas devastações, até que tenha esgotado as suas fôrças, ou accumulado o numero de suas victimas, o suspende tambem muitas vezes no meio da sua carreira, e do delirio da victoria, e para isto interrompe como lhe parece a marcha ordinaria dos successos. Alguma couza simillhante ja aconteceu, e huma esperança ja transluz aos expirantes desejos da humanidade na catastrofe que ferio a D. Miguel. Talvez parêça injusto fundar esperanças sôbre as desgraças d'hum homem, mas o dever do individuo não deve entrar em consideração com a felicidade geral, que tal seria indubitavelmente a morte de D. Miguel para o Paiz de que elle se arrogou o direito de Monarca.

Eis aqui outra questão: não seria para elle mesmo huma grande

felicidade? Não sería para elle melhor ventura acabar a carreira de seus crimes, e ser desviado della, do que existir sob o pezo do arrependimento e dos remorsos que peza sobre elle até que talvez o cumulo da perfidia ponha termo á paciencia de seus partidarios, soltando o seu furor contra o seu antigo idolo? A última alternativa será talvez o unico meio de salvação, e isto se effectuará infallivelmente pelos mesmos instrumentos que elle tem empregado para a execução dos seus planos: quando elles ja não tiverem vantagens a obter, riquezas a pilhar, empregos a dividir, prebendas ou pensões a dar; quando a canalha de vestidos talares, e agaloados não vir a final as suas pertenções satisfeitas, e a canalha de pe descalso começar a morrer de fome. Mas esta epoca estará ainda longe? A miseria que desola este desgraçado paiz devorará ainda novas victimas, antes que elle seja resgatado por huma crise tão atrevida, e terrivel como a propria miseria que sofre?.....Mas affastemos nossos olhos d'esta scena escandalosa, e fixemo-los sobre o lado realmente interessante; isto he: sobre a sua refferencia com a Politica commum da Europa.

Até aqui esta Politica seguio constantemente a impulsão da Fôrça; ella foi sempre a alliada do Poder, e a inimiga da Fraqueza. Para alguns de nossos leitores que tem prestado attenção aos successos do tempo, nós não julgamos essencial ter necessidade de apontar prova do que avançamos. Nós apenas julgamos ter necessidade de recordar como, ella—ora lançou anathemas contra os Jacobinos Francezes, e os Regicidas, ora se alliou com elles;—como ella recusou asilo á Caza Real precipitada do Trono, que ella mais tarde reconheceu, e que até imaginou ter occupado o Trono todo o tempo em que errou fugitiva ao redor da Europa;—como ella reconheceu successivamente as antigas Dynastias e as novas, ás quaes huma palavra despotica do vencedor deu o sceptro, que elle arrancou de suas mãos,—e quando a Fortuna mudou, e que os fugitivos voltárão, como ella cumprio o seu esquecimento a ter podido hum instante confundir os intrusos com os descendentes de origem sagrada;—como ella reconheceu successivamente a Regencia de Cadiz, Fernando ab-

soluto, Fernando constitucional, e tres annos mais tarde novo Rei absoluto das Hespanhas; a Constituição efemera de Napoles, e a fôrça maior que a aniquilou; a Soberania do Rei de Hespanha nas Indias, e ao mesmo tempo a independencia das Colonias Americanas, &c. Todavia não condemnamos sem reserva a Politica pela homenagem que ella tem prestado aos direitos da Fôrça; admittimos antes, e ainda em verdade não admittimos pouco,—que hum principio mais nobre gerou algumas vezes os motivos que se devem ter em vista relativamente aos direitos dos Povos, e que tudo o que a maioria quer, o que ella decide ou tolera somente he a lei da sociedade, e que a fórma do Governo que ella se dá, ou a Dinastia por que se deixa governar devem ser respeitadas em tanto que forem mantidas. Não se póde entretanto contestar que a palavra Politica não he o respeito pela justiça, verdade, e razão como ideas,—mas o respeito pelo que ja está constituido, seja qual for a sua natureza moral. Segundo este principio a usurpação de D. Miguel, o reconhecimento, e a desaprovação que se lhe deu são hum problema não menos facil de resolver. Quando elle conseguio usurpar o governo, annullar, a Carta dada por seu Irmão, assassinar, prender, ou expulsar os tuguezes, queremos dizer, todos os seus inimigos, elle era realmente possessor do dito governo; e quando o Corpo desprezivel, que se revestio por momentos do titulo respeitavel de Estados do Reino, sanccionou a sua usurpação, elle era effectivamente o Regente de Portugal, e por consequencia elle tinha tantas pretenções em ser reconhecido como tal, que os a si nomeados depositarios do poder, ainda que por differentes meios d'acquizição, se encontrárão não obstante nas mesmas boas disposições de reconhecer a sua competencia! Houve assim hum tempo em que a perspectiva não foi mui desfavoravel para a cauza do chamado Rei. A Côrte, aonde elle passou o tempo do seu destêrro, e de que elle bebeu os principios, não parecia ser-lhe contraria. O espirito mercantil de Inglaterra appelou para a necessidade de proteger as relações commerciaes do Paiz com o seu antigo Alliado, e o Gabinete Britannico sem solidade no seu sistema politico, nem

liberalidade nos seus principios, estava indeciso, e talvez teria cedido aos clamores, e ás insinuações. Então este Reino recebeu a vizita d'hum hospede notavel d'huma Rainha de nove annos, precipitada por seu Thio e seu futuro esposo do Trono que ella devia dar-lhe em presente de nupcias, não ousando pôr pé em terras de que era Rainha legítima, porque elle estava cheio de salteadores, e de assassinos, cegos instrumentos d'hum Principe que seu Pai tinha cumulado de beneficios, e de quem ella devia recear que fosse a primeira victima. Cheia de confiança na generosidade da Nação Ingleza, no respeito do seu Governo aos Tratados celebrados, na amizade para com seu Pai, convencida de encontrar sem dúvida em qualquer estado Europeu que fosse, hum acolhimento mais hospitaleiro e de melhores sentimentos, que no seu Paiz hereditario, ella veio á Inglaterra, não para pedir ali hum protecção e hum asilo, vantagens que lhes offerecião o Oceano, e os Estados immensos de seu Pai, mas para salvar o Governo Inglez, e talvez os Governos da Europa em geral da ignominia inextinguivel de negociar com o crime, collocando huma pessoa manchada de todos os crimes, apar das testas coroadas legitimas e respeitaveis, d'aprovar a revolta, de recompensar a vileza, a violencia, e a perfidia, em huma palavra, de reconhecer D. Miguel Rei de Portugal. Não se podia deixar de observar que a joven Princeza vinha fora de proposito para muitos interesses, para muitas negociações tenebrosas, mas tudo isto foi suspenso, ou desfeito com a chegada da amavel Estrangeira.

Existe em nossos dias hum Poder que pertence unicamente aos tempos d'huma civilização reffinada, que os costume grosseiros não respeitão ainda, mas que a verdadeira virtude e a honra não terão necessidade de consultar; e este podêr se chama o sentimento do que he conveniente, a decencia pública destinada a representar os principios elevados, e os motivos nobres. substituindo-os até algumas vezes. Não neguemos a sua influencia sobre as acções da arte politica em muitas occasiões, e mesmo na presente. Seria possivel manchar-se aos olhos da Rainha legitima com huma negociação escandalosa? O podêr que citamos o deffendia; mas o momento em

que se declarasse D. Maria da Gloria Rainha Legitima de Portugal, declarava-se tambem o Usurpador dos seus direitos hum rebelde culpado, e muitos interêsses igualmente vis por sua natureza, ainda que mais ou menos respeitaveis por sua apparencia exterior, se oppunhão a isso. Mas não existia escolha a tomar entre estas duas alternativas; não se ouzava preferir a primeira, e a outra se tornava huma necessidade incontestavel. Depois de longas hesitações, depois que a Rainha residio muitas semanas em Inglaterra, tomou-se huma decizão, e o restabelecimento da saude do Rei permitio-lhe de a receber no seu Palacio, e d'huma maneira conforme á sua elevada Jerarquia, á amizade do Monarca para com seu Pai, á sua amabilidade pessoal, e á referencia que convinha á sua situação. O problema pareceu então resolvido, e a Inglaterra não póde recuar.

Este acontecimento, pelo que contem na sua origem, he da maior importancia, e não he para se perceber á primeira vista. A Politica não póde deixar de mostrar que reconhece effectivamente hum podêr superior ao da fôrça, que ella sabe apreciar outras prerogativas que não sejão as da possessão, e somente a homenagem deste principio he hum lucro incalculavel para a liberdade, para a instrucção, e para o bem dos Povos. Huma vêz que ella seja tomada como regra commum do Govêrno, ella conduzirá aos mais importantes resultados quanto á situação interior dos Estados. Então se hirá conhecenco pouco a pouco que não se póde fazer tudo quanto os caprichos, as paixões, e a influencia dos favoritos fomentão, somente porque tudo se póde fazer sem responsabilidade;—que he melhor ommittir que executar hum acto arbitrario, logo que huma força vingativa se não opponha pelo momento;—que mais vale poupar do que carregar o Povo com nova carga exigida pela leviandade, ou avareza, apezar de que o Povo, com huma paciencia talvez ainda não extincta de todo se deixe esmagar, e que hum resto de fôrças não esgotadas, lhe dê ainda a faculdade de a supportar, sem com tudo succumbir debaixo do seu pezo: sendo tudo isto tomado como hum axioma, que existe hum podêr superior aos Podêres, isto he, que a justiça commum he hum Juiz acima dos parasitos lisongeiros que

cochichão aos ouvidos dos Grandes, e se annuncião como a voz do seculo, como a voz tranquilla, e incorruptivel da Posteridade. Acha-se porem este tempo ainda muito distante? Aproxima-se elle de nós? Chegará a tomar breve a fórma de realidade? Eis o de que a nossa esperança procura lisongear-se. Meditar muito tempo em taes eventualidades he expormo-nos á fatalidade ordinaria dos sonhos, despertando sobressaltados. Contentemo-nos porem em observar que o Manifesto da usurpação de D. Miguel não será certamente sem influencia sobre a marcha da Politica, mesmo a respeito d'outro objecto importante para a attenção pública; queremos dizer, a libertação da Grecia.

*Senhor Arraes do Chaveco.*

*Porto* 3 *de Dezembro* 1829.

Aqui tem chegado, e tem navegado os Chavecos, não de vento em pôppa, porque correm por cá alguns ventos de travessia, mas o mais das vezes a remo, ou a reboque de outros vazos de construcção Liberal que navegão neste Douro tão feliz outrora, e hoje tão espesinhado, se bem que o mesmo em sentimentos, sempre probo e sempre honrado. Alguns se espalhão por toda a Cidade, e cahem nas mãos de quem se dezeja; isto he, os que a Policia encontra la vão dar ao Intendente Sá, e por consequencia ao Governador das Justiças Aires Pinto, ao General das Armas Visconde da Varzea, e ao Desembargador Victorino Presidente da Alçada. O que nestas tres espeluncas se passa, o que se diz he incognito aos profanos; mas como pelos Domingos se tirão os Dias santos, sábe-se que a estas Excellencias arde o cabêllo com tal violencia, que toda a mestrança de malsins, espiões, e agarrantes tem recebido ordens e instrucções para indagar quem recebe, quem tem, quem lê, ou quem falla no *Chaveco,* ou no *Paquete* que tambem navega por estas alturas. Os Commissarios dos Bairros da Cidade e Villa nova forão chamados á Policia e admoestados a activar as pesquizas, e temos por consequencia de dobrar de vigilancia para não lhes darmos o gostinho de que os *Chavecos* sejão aprezados, e prezos os *Pilotos* e *Práticos* que os conduzem entre os cachopos que nos cercão.

Deixemos porem impotente a raiva destes Mandões, e fallemos do que tem succedido com alguns Exemplares que o accazo tem deparado a muita gente que póde apanha-los ao romper da manhãa, em sitios não rondados, ou antes que as patrulhas alli passem. Eu n^r^

sou immenso, nem os nossos Amigos podem saber tudo de todos: fui informado de que houverão sessões plenas no Escriptorio da Companhia, aonde derão fundo alguns Numeros. Sahírão lá lindas couzas. e o mais que se debateu foi quem serião os Correspondentes aqui, e ahi. Cada qual fallou, segundo a sua consciencia o accuzava, de pessoas que tem offendido, cu que suppoem ter razões de escandalo das suas patifarias contínuas. Com tudo, seguindo a apregoada maxima d'hum ladrão da mesma Companhia, *hãode róela;* e os nomes e façanhas de tanto desavergonhado hãode ficar perpetuamente eternizados, ainda depois do Dia de Juizo Constitucional em que crêmos com viva fé, e perseverança. Por aqui está porora tudo em socêgo sepulchral, e mal pensa Vm. que a razão se deve a estar doente o *Carrasco* João Branco, a ponto de não podêr exercer o seu officio. Recebêrão ordem os Medicos do partido da Relação, os Doutores Campeão, Almeida e José Duarte assim como o Cirurgião Luiz Baptista para lhe assistirem e o visitarem todos os dias, fazendo huma conferencia juntos tambem diaria; e isto por Portaria de Aires Pinto, que nella igualmente ordena que todos as noites lhe fosse entregue pelo Carcereiro *pessoalmente* hum Boletim do estado do doente, com as assignaturas dos Facultativos, e menção das horas em que cada hum o observou. O mais notavel he que havendo Privilegiados de todas as artes e officios para uso da Relação, nunca houve Boticario, pois que os remedios para a enfermaria da cadea são suppridos *gratis* pela Botica do Hospital da Misericordia. Não se sabe porem o porquê, mas para o benemerito *Carrasco João Branco, Cavalleiro da real empigem* se alterou a ordem, e até a economia costumada, pois que por outra Portaria do mesmo Governador das Justiças se determinou que os remedios para o doente *só e exclusivamente* fossem suppridos pelo Boticario Amorim do largo de Santo Ildefonso para serem pagos pelas despezas da Relação: hindo o farmaceutico pessoalmente á presença de S. Ex. para receber em mão o especial despacho e instrucções particulares, de que misteriosamente o enfatuado Boticatio faz jactancioso alarde. O que se vê he ser elle mesmo o que leva á Cadea os remedios, ostentando até por tafularia mostrar as garrafas na mão fechadas com carapuça de papel azul amarrada com fita de nastro encarnado.

Há poucos dias, passou elle pela Praça nova, no passeio dos Loios, e sahindo de caza do Manêta a súcia do Viradinho, do Vieira, do Carlos, e do Feliciano do Esporão, este como bobo da parcialidade gritou em alta voz: "ó meu Amorim, não te fies de ninguem; olha para aquellas desamparadas filhas se morre o nosso homem"... E apontava para as Forcas que estão levantadas em frente deste sitio! Hé escuzado dizer-lhe que ésta chocarrice foi applaudida pelos amigos consocios, todos cheios de longas e largas fitas, como

cavallos de S. Jorge em festa de Corpus, que he hoje o distinctivo mais saliente.

A proposito disto, devo dizer-lhe que os únicos officios que tem tido que fazer depois da *epidemica praga das empigens*, he o de *fiteiro*, e o de *fundidor de botoes de chumbo*, porque como ninguem se atreve a examinar o metal destas veronicas, a maior parte dellas he de estranho, segundo se descubrio alli para as partes de S. Lazaro em caza do *Correia das Antas*, escória dos parentes de tal nome, e que he o inventor desta economica descuberta; assim como das de cobre perfumadas com douradilha, para os que fingem trazê-las de ouro.

Mal imagina tambem Vm. que foi vaccinado com a *Empigem* o *Custodio das Virtudes*, e toda a sua Geração incluzo o Genro (a quem elle teve a habilidade de querer preverter.) Este patife que nas suas ha*vi*tuaes em*vo*fias *veve* todos os b. b. que lhe vem á *vôcca*, tem-se atrevido a insultar a memoria do honrado, e infeliz Brito, mostrando-se inconduido das desgraças da sua familia, e chamando inconsideração á manifestação do seu patriotismo; sem se lembrar que campêa ainda Cavalleiro da Conceição por ter prestado em 1820 *serviços iguaes* áquelles que agora levárão ao patibulo o desvalido de quem murmura. Porque servio tão ostentosamente n'aquella época? Porque tinha então o seu *Maia*, (hoje novo contractador do tabaco, que o queria empurrar para o patamal da aristocracia commercial, e novo Pilades cobrío a nullidade deste manequim de toucador, incapaz de couza nenhuma, tão estupido se conhece!—e se agora não teve iman que o fizesse figurar com emprego em que elle pró forma puzesse só o seu nome, he porque bestas tão quadradas não lembrão senão a quem *interessão*. Bem o dezejava elle, para ter jus a huma Commenda, e tirar *quinto* retrato para a galleria cronologica da sua vida. Fez-se pintar ainda rapaz, sendo mero paizano: depois com o uniforme de official de Milicias: depois com habito de Terceiro do Carmo e Cruz de Christo pendente: e depois commanto da Conceição; sendo provavel que agora depois de velho gaiteiro se tenha feito retratar com o adminiculo da Empigem! He irrisorio ver este corpolento espantalho aperaltado com o Habito de Christo que comprou por ajuste particular e mercê alheia,—com a Cruz da Campanha peninsular alcançada por milagre do Senhor de Mathozinhos aonde foi em descalsa romaria, quando se recolheu com a Divisão de Milicias ao Porto,—com o Habito da Conceição prémio, como se disse, dos serviços constitucionaes financeiros em 1820,—com a Medalha da Real Empigem dada por huma felicitação que de curioso como Provedor dos Engeitados dirigio ao *Rei chegou* para vêr se assim borrava da punta a memoria dos serviços com que ganhou credito de homem de bem, entre os Constitucionaes! Alem disto,

como anda em pertenções com o Procurador da Cidade Jose Correa Maia, digno filho e herdeiro do nome, manhas, e ladroeiras porcas do immundo Manoel Felix, para obter o monopolio da Carne de Vacca, convem-lhe prevenir circunstancias de futuras informações, e huma dellas he a de adhesão ao *seu Rei delle* Miguel hum, de que serve de taboleta a vermelhidão da tal Empigem, que tambem he saliente por isso em seu Irmão.

Dou-lhe parabens pelo triunfo que acabão de ganhar os homens de bem, e de consideração para cargos honorificos. *O Melchior das ondas bolideiras* foi promovido a Sargento mor das Ordenanças de Aguiar de Souza;--o filho do Viraens, o Zurato que chamavão o Padre Zé das ordens menores sahio Major do Destricto de Gondomar; – o Joze Vieira Capelista da Rua das Flores ficou Capitão da Companhia da Bomba;—o Relojoeiro Maia do Bomjardim he Capitão de Ramalde;—o Joze Moléte, guarda da Companhia dos vinhos na estação do registo da Alfandega, he tambem official da Pacata;—emfim, isto he pelo que pelo pertence *á Tropa*, porque em quanto a Empregos Civís, corre no mesmo pararello; e para não fazer rol de nomes de roupa suja fiquemos aqui por hoje.

Não posso deixar de dar huma vista de olhos para as mulheres contagiadas do novo mal da *empigem*, que he novo sifilitico das nossas eras: Vm. pasma de certo se souber que toda a Senhora de bem, que não quer ser enxovalhada, não sahe fora de caza, porque he insultada necessariamente por alguma das muitas Megeras, que correm de proposito as ruas a vêr, e notar quem anda ainda sem a tal chaga, para sofrer improperios proprios de meretrizes, pois que *todas todas* o são as que como bestas de almocreves ostentão de bambalear nos atafaes dos esfalfados peitos o penduricalho do melhor dos reis!

Perdoe, meu Amigo, se o final desta Carta he hum pouco esdruxulo, mas não posso conter-me quando considero que a maior parte dos flagellos que soffre ésta apoquentada Cidade he devida mais ás *furias* que entre nós passeião, dos que aos *diabos* que nos circundão.

Eu sou e serei sempre o

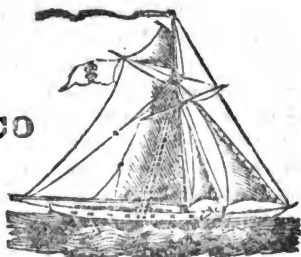
Seu amigo que sabe.

---

*Publica-se este semanario todas as terças-feiras de tarde (com a data da Quarta-feira.) Vende-se em casa de H. Huntley No. 23 South-Audley Street, Grosvenor Square, por 9d. cada número: assignaturas até o fim do anno por 10s.*

Impresso por R. Greenlaw, 39, Chichester-place, Gray's-Inn-Road.

**O CHAVECO**  **LIBERAL.**

**No. 17.** **Vol I.**

O'er the glad waters of the dark blue sea,
Our thoughts as boundless, and our souls as free.—Byron.

*Quarta feira* 30 *de Dezembro*, 1829.

## CORRESPONDENCIA DO CHAVECO.

*Senhor Reverendo Capellão do Chaveco.*

*A bordo da Balandra Tres-quilhas.*

*Meu bom amigo.*—Descuidei-me um pouco; por que fiando-me na minha gente não me lembrei do tempo, em que cada um quer *consoar* com os seus segundo o nosso velho uso, e quando queria dar-lhe uma longa DESPEDIDA não posso fazê-lo, porque tendo de achar-me *de mar em fora* no dia *de anno novo*, tenho casco, apparelho e victualhas em muito atrazo, o que me tem roubado grande espaço; porque dei com alguns dos *pés-mancos* do *carro da proa* partidos, as *papoyas* mal seguras, o *liame* das *curvas* um pouco desconjuntado, um dos *esvalteiros* arrebentado, e como a Balandra *se embalançou* muito no ultimo *tempo* que *apanhei* tem em geral as escoas estremecidas, e tenho de revê-la da quilha á borda para ir sem sustos, e poder ter o meu quarto de folga com bom somno. No apparelho não hade ser menor a faina, por que está um tanto esclaravrado: dei com um *tornel* torcido, os *patarraes*, de que me servi no ultimo temporal, como lhe disse, não podem aguentar segundo, o *pe-de-gallo* está emendado, e assim não póde bem *laborar*, as *malaquetas* estão todas ou vergadas as de ferro, ou tão rendidas as de

pau, que mal poderei *fazer fixo* nenhum cabo,--a *enfrexadura* está toda bamba,—a *enxarcia* em geral *mal-breada*—o *bragueiro* do leme roto,—careço *bouceira*,—careço *carbaço*, e *treu*—contei com *sobresalentes*, que não encontro,—o meu proprio *canoculo* começa de criar ramagem, e tenho de manda-lo a *Dolon* se houver tempo; careço de refazer-me de *chumbeas*, por que o mastro vai estando velho e o homem deve sempre apereceber-se para o peior: um dos *cutelos*, a *orelha de mulla*, e o *velacho* estão descozidos, e rotos nas *pojas*; n'uma palavra não me falta que dar á unha, queira Deus que se vença tudo sem emplastros, que alem do feio é desseguro.

Furtando todavia o que posso ao tempo cumpre, que me dirija em *despedida* aos principaes objectos, que toquei em nóssa corres-respondencia. Vm. o tem visto. É o nosso Portugal,—é a minha desventurada Pátria,—são os meus amigos,—são os meus compatriotas,—todos os meus votos. Chorar os seus males, animar o seu espirito decahido, guerrear com todas as forças os seus inimigos, os seus oppressores, os inimigos da humanidade, os inimigos das publicas liberdades, o usurpador desnaturado, e infiel; eis a tarefa, que tomei, que tive em vista, e que se não desempenhei qual desejava é, por que faltaria em meios o que em desejos sobra. Se algum ataque meu involveu *injustiça*, poderia proceder de mal informado, nunca de intensão sinistra. Eu peço pois n'este logar perdão ao offendido *seja elle quem for*. Se discrepei, e discrepo em ideas, e doutrina de Vm. ou de qualquer outro, disso nem se me dá, nem me desdigo, por que cada um pensa como póde, e nem Vm. nem eu governaremos o Mundo. Tenha tolerancia, que eu tãobem a tenho; que sem ella, meu amigo, não se dá passo em nenhum sentido. Deixados pois mais *preambulos*, que não ha tempo a perder, comecerei pela

DESPEDIDA AOS SENHORES EX-PARES DO REINO DE PORTUGAL.

Erão VV. EE. até o anno de 1826 com exceiçoens limitadas,—ou ociozos sem representação, mais do que o vazio nome de seus titulos,—ou caloteiros,—ou devassos,—ou fanaticos,—ou obesos gastronomos,—alimentando-se sobre o espinhaço do já carcomido Estado, demophagos, e inchadas bolhas da putrefacção genealogica. A mão benefica d'um Rei que sabe nivelar-se com as luzes do seculo e immediato destino dos Povos, quiz dar a VV. EE. uma immerita vitalidade, e os chamou a coadjuvar o Monarcha no fazimento da Lei.

Que immensa prerogativa! A que esfera tão superior os alevantou a mão augusta do perpetuo defensor das liberdades brazileiras! VV. EE. desconhecendo a sua posição, conscios da sua insignificancia moral, so se alegrárão por momentos com o brilho d'uma farda enfeitada, com o nome, que cabe a um Lord Inglez, com o

ppellido enfim, mas o puro appellido, da dignidade; porem quando oi questão da *realidade* e não da *apparencia*, quando se tractou de obrar e não de *impor*, o seu desgosto, a sua repugnancia, o seu odio ás instituiçoens foi demonstrada. Enjoou-os o cheiro da liberdade; por que o perfume das latrinas do despotismo lhes tinha habituado a pituitaria. A nausea e o vomito erão as consequencias necessarias. VV. EE. nos engulhos da sua estupidez arrevessárão o *Parato*, a honra, e a dignidade, que mal a VV. EE. cabia.

Isto devia necessariamente succeder qual succedeu. Como com o estabelecimento da Carta se devia estabelecer o Reino da Justiça, que é essencialmente incompativel com trevas, e por tanto VV. EE. não podião ser mais Ministros d'Estado *pro forma*, por que Ministro agora carecia de saber *ler*, *escrever* e *administrar* POR SI, e não por maquinismo, ou molas occultas, VV. EE. vírão o córte nas suas *sine-cura*, e derão ao diabo tal CONSTITUIÇÃO, ou construcção do público edificio.

VV. EE. vírão, que como Pares era necessario fazer sessoens, e sessoens *públicas*. Quanto a cortar o numero das sessoens e tempo da sua duração, isso tinha remedio, e esse remedio se empregou. Porem fallar em público? Essa bigorna não podia evitar-se; e o martello público era inexoravel. Cumpria por tanto acabar com tal *engenhoca*.

Sendo VV. EE. em regra tão palavriados, tão circumloquentes, tão parafrazeados nos cumprimentos, pezames e boas festas, emudecêrão em nove decimos e tres quartos da sua totalidade; e as suas sessoens, afora alguma felicitação, descompostura, e relatorio lido por Par e feito por *impar*, arremedavão as discussoens dos defunctos nos cimiterios. Apenas appareceu instrumento adaptado a derocar o edificio constitucional, cercárão-no, ameigarão-no, influirão-no, e derão o *a-la-mi-re* da destruição da Liberdade, da Legitimidade, e dos seus proprios direitos. Que maior podia ser a infamia! Tinhão VV. EE. feito hontem preito á Magestade do Senhor D. Pedro IV., e hoje não duvidárão, antes se appressárão a faze-lo a outrem, a faze-lo ao proprio mandatario e procurador d'aquelle legitimo Soberano! Hontem jurárão, e hoje perjurárão! Hontem assignárão e hoje negárão a firma! Hontem affirmárão, e hoje negárão! Hontem forão Pares, e hoje ficárão *Parnãos!* Indecentes! pés-podres d'um Throno podrissimo! Em que decoada contais *barrelar-vos?* Julgais vós, membros putridos d'uma Aristocracia fantastica, que podeis conciliar mais o respeito dos Povos? Cuidais vós que podereis jamais reganhar esse logar d'honra e dignidade, que um Monarcha bonissimo vos destinára? Vós, que pedistes um outro Rei, que fizestes um outro Rei, que assignastes papeis sophisticos, ridiculos, e indecorosos para expulsar o legitimo e natural senhorio, e enthronizar o usurpador, o inepto, o scelerado, o escandaloso roubador do Throno?

Comparem-se VV. EE. com esses *poucos* fidalgos foragidos, que nunca assignárão petição, que os deshonrasse, que preferem o exilio com a honra pura ás lavagens do Paço com o ferrete da ignominia. Leião, ou oução ler, se não sabem, o como são respeitados e honrados pelas Naçoens, que conhecem o *merecimento;* e acabem de saber, que vassallos de Miguel, VV. EE. so merecem o cuspo do desprezo. Nas circumstancias, em que se achárão, e nos achamos, não ha contemplação, que embargue a marcha pelo caminho da honra. Em ninguem se póde reputar coacção quando tem força igual á aggressão. Se VV. EE. quizessem, Miguel não era usurpador :—se VV. EE. quizessem, Portugal não era miseravel :—se VV. EE. quizessem, não tinhão havido os assassinios mascarados da legalidade dos Tribunaes, as prizões, a fome, e a mizeria que cobre a Sociedade Portugueza. Se VV. EE. quizessem, não estava Portugal fóra do numero das Naçoens policiadas :—se VV. EE. enfim quizessem, não seria hoje deshonroso o nome Portuguez.

Todos estes males, todos estes crimes, todas estas infamias, todos estes factos são de VV. EE. E então que dirão VV. EE. se os Povos, se aquelles, que tão perfidamente forão levados á ruina, soltarem os braços á vingança, e os levarem ao po, ao nada, a que VV. EE. pertencem ? Preparem-se, senhores ; envidem o resto : segurem-se na grenha do Despotismo ; empolguem firmes as guedelhas da ignorancia dos Povos, e da força dos Janizaros ; olhem que o sino fatal não tarda a tanger-se. *A desesperação é um extremo produzido d'extremos, e productor d'extremos.* A repulsão da força pela força é de Direito Natural. Queixe-se o aggressor de si, que não do *moderamen inculpatæ tutellæ*, que ja passou os limites o ataque da violencia. Os achaques de *republicanismo*, de *maçonismo*, de *irreligiaõ*, e dos mais aleiveis, com que pretende justificar-se as medidas do arbitrio ja não pegão : ja não ha quem os não conheça. Esgotado o sofrimento, contra a injustiça e oppressão todos os meios são licitos. A conservação é a primeira Lei do homem.

Adeus, senhores *Pares assignantes:* acceitem a minha despedida convencidos de que fico firme em meus sentimentos, e que não sou *singular :* como eu ha muitos Portuguezes, e talvez ao redor mesmo de VV. EE. por VV. EE. suffocados, que ainda hãode ver os seus bens restituidos á Nação a que pertencem, e VV. EE. no emprêgo do trabalho que merecem.

### DESPEDIDA AOS SENHORES JUIZ PRESIDENTE, E MAIS DESEMBARGADORES, QUE COMPOEM A ALÇADA DO PORTO.

Por mais ignorantes, ineptos, e idiotas, que eu possa considerar a todos e a cada um de VV. SS. em particular, eu não posso descer ao ponto de persuadir-me, que algum de VV. SS. esteja de boa fé

convencido do direito do Infante D. Miguel ao Throno de Portugal. VV. SS. sabem, que elle é um *filho segundo.*—VV. SS. jurárão por convicção, e espontaneidade homenagem e vassallagem ao Senhor D. Pedro IV. *filho-primogenito* do Senhor D. João VI.—VV. SS. por este, em nome deste, por seu delegado, por seu representante forão despachados:---VV. SS. em seu nome, e por autoridade d'este lavrárão, proferírão, e fizerão executar Sentenças: VV. SS. n'uma palavra deste derivão a autoridade, que usão, e o nome e qualidade que tem. VV. SS. sabem, que desmembrando se o Brazil e Portugal o Senhor D. Pedro IV. succedeu, e governou ambas as Monarchias, e que conveniencias politicas o fizerão abdicar o throno de Portugal;—e quando a separação teve logar *era ja nascida* a Senhora D. Maria II. VV. SS. sabem, que esta Senhora não é uma escrava; no qual unico caso o seu Direito Romano (que oxala VV. SS. o soubessem ou qualquer outro) designa no feto a qualidade civica e politica do utero:---VV. SS. devem saber por tanto, que os direitos seus pessoaes como Portugueza não se alterárão, mudárão, ou perdêrão por facto algum alheio, por facto algum de seu Pai, ou d'outrem; nem por seu proprio poderião mudar-se, porque uma menina então de sete annos não tem *vontade juridica.* VV. SS. reconhecêrão a politica da abdicação, e o direito da successão na Senhora D. Maria II., obedecendo aos Decretos, e Carta Constitucional, que jurárão submissa e alegremente. Os Livros da Relação tem as suas assignaturas, os Processos as suas firmas, os Despachos as suas rubricas, os autoamentos o nome do Soberano, e da sua Successora.

Tendo pois VV. SS. reconhecido, acceitado, obedecido, cumprido, jurado, e executado, quanto provava e derivava do direito inconcusso da Senhora D. Maria ao Throno Portuguez, reconhecendo, acceitando, obedecendo, cumprindo, jurando e executando mandados de D. Miguel em destruição, e opposição d'aquelle direito, VV. SS. são perjuros, criminosos, consocios do crime, auxiliadores da usurpação, ladroens das liberdades públicas, carrascos da innocencia, esfoladores dos Povos, fautores do despotismo, e *réos de Lesa-Nação.* Eu os chamo, Senhores, desde hoje para responderem perante ella, perante a Europa inteira offendida, perante o Mundo todo insultado, perante a Magestade Divina ludibriada em seus desacatados juramentos. Se VV. SS. reprobos e infames polluem os altares da Justiça, não cuidem que a impunidade os espera. VV. SS. tem obrado o mal com inteira *vontade, liberdade* e *espontaneidade.* VV. SS. não tem visto nas victimas, que tem sacrificado, senão innocentes, virtuosos, e dignos. A Lei os protegia: o crime era so de quem os accusava. Esse carrasco infame, mas devidamente condecorado com a effigie do monstro, que espezinha o Solio portuguez, e

que faz gala de trazer tingida a fita com o sangue da innocencia, essa fera, é menos culpado do que VV. SS., que o mandão, que o festejão, que o brindão, que o animão, e que o autorizão. Os gemidos de tantas familias, as lagrimas de tantos filhos, de tantas mulheres, de tantos desventurados quantos se amontoão nas masmorras : a miseria da fome, das privaçoens, da doença de tanto cidadão honesto e probo : a voz tremenda enfim dos infelizes, que honrárão um patibulo, que a Lei manda so erguer ao crime, sahe medonha e formidavel do silencio das campas, e chama a VV. SS. a contas, pedem com o brado imperioso da verdade e da justiça a sua punição.

Povos ! é tempo. Conhecei por uma vez a desgraça, que *sem exceiçaõ* vos ameaça !

Senhores ! Eu me despeço de vós com horror. Vossos nomes circumscriptos d'infamia serão repetidos com maldição pelas geraçoens futuras, ate que o Tempo em obsequio da Humanidade apague a memoria de monstros, que so tiverão d'homens a figura.

### DESPEDIDA AOS SOLDADOS DE D. MIGUEL !

Envergonhai-vos ! Despi as fardas, que enxovalhais. Vós, cujo primario instituto é guardar as liberdades públicas,—vós que ainda ha poucos annos levastes o terror ás fileiras inimigas, e montados no carro da victoria déstes passos para á immortalidade : que sois hoje no serviço d'um usurpador, d'um ladrão d'um throno alheio, d'um Patricida ? Que sois, Soldados de Miguel ? Sois a ignominia dos Exércitos, sois o opprobrio da Milicia, sois a indignidade das bandeiras, que até ha pouco so marcavão o caminho da honra. Vós vos infamastes para sempre. *Escravos*, ouzastes applicar as baionetas contra vossos camaradas livres. *Infieis* atrevestes-vos a fazer fogo sobré as fileiras da fidelidade. *Partazanas*, não tendes outro destino senão de prender innocentes, e rodear forcas. *Infames*, auxiliaes o despotismo, que vos despreza, que vos esmaga, que vos não paga, que vos deshonra.

Graças á Providencia, a virtude desamparou vossas fileiras ; e os honrados, os valorosos, os livres, os dignos soldados Portuguezes existem firmes, e arredados de vós para vos provar ainda um dia a superioridade da religião sobre o fanatismo, do dever sobre o crime, da honra sobre a vileza, da liberdade enfim sobre a escravidão.

Vós entregastes ao inimigo as bandeiras de D. Maria, que jurastes. Segui, belléguinazes, as vozes de vossos vilissimos commandantes até que elles mesmos vos *envenenem* em premio de vosso torpissimo serviço.

Eu me despeço de vôs com o desprezo, que merece a maldade, e devassidão do vosso procedimento.

Ha um so meio de reparar tanta honra perdida. Vós o sabeis. Mas sera elle ja tarde?....

## DESPEDIDA AOS PORTUGUEZES SOB D. MIGUEL.

Portuguezes, que viveis debaixo da Tyrannia de D. Miguel:— Quando accordareis vós do lethargo abjecto, em que jazeis adormecidos? Quando abrireis enfim os olhos e vereis o abysmo, que vos está engolindo de hora em hora, d'instante em instante? Que foi feito de vós? O vosso passado nome acabou; e se hoje se toca na memoria de vossos Maiores é so como termo de comparação da vossa abjecção, como typo da miseria, como espelho da degradação do homem. Não vedes vós, não sentis, não apalpais mesmo, que sois escarneados, cavalgados, e açoutados como animaes indomitos, como creaturas brutas, cuja natureza çafara so admitte a admoestação do açoute? A que mais abjecto estado podia chegar uma Nação, berço outrora de tanto heroe, tão rica em maravilhas, tão nobre em feitos, tão invejada em luzes e liberdade! Aonde está o vosso commercio? Em que se tornárão os vossos Navios? Essas mesmas Fabricas começantes, e que um dia igualarião as que em outras Naçoens prosperão, ao menos para um consumo interno de menos preço do que o estrangeiro, e emprego de braços de nossos concidãos, aonde estão ellas? Que se faz desses tributos, que deverieis pagar para alivio *commum* de males necessarios, e para segurança reciproca da Sociedade? Ignoraes vós o seu emprego? Não vedes, que depois d'arrancados com violencia, se esvahem e desapparecem por entre os dedos dos collectores, pelas algibeiras de ociosos chamados *empregados publicos*, pelas bolças dos denominados Ministros d'Estado, e o que escapa a essa dilapidação não sabeis vós, que é gasto em caçadas de fantasia, em devassidão d'alcouces, em recreios de cavalhadas pueris, no desperdiço de satisfação de mil caprichos, e grandissima porção no pagamento d'espias chamados Diplomaticos, cujo officio se limita a buscar ferros para fazer mais dura a vossa escravidão?

Vós não tendes, Portuguezes, obrigação alguma de pagar um so tributo ao Infante D. Miguel. Para que tivesseis tal *obrigação* cumpria que elle tivesse *direito* de exigi-los, e um usurpador não tem direitos. Elle mesmo não conhece outro senão o da fôrça, com que vos esmaga: e ésta fôrça sois vós-mesmos que a pagais, sois vós-mesmos que aguçais o alfange, com que sois degolados. Ignoraes vós, que das rendas públicas, que são vossas, que são da communidade Portugueza, que se pagão para um fim geral, ja as dos annos futuros se achão consumidas *por avanços?* Se houverão entre vós monstros, que famintos de esgotar todo o sangue público, com as vistas d'uma usura mordacissima se prestárão a adiantamen-

tos *d'esperança*, quebrai vós essa esperança: cáião elles, e com elles o Monstro, que alimentão. Se d'uma freguezia inteira, se d'uma Villa, se d'uma Cidade derem os habitantes as mãos, e repugnarem ao pagamento dos tributos *por não levados a seu destino*, promettendo entre si o embolço reciproco das despezas, que nascerem da repugnancia individual,—n'esse dia o Monstro cahirá, vossas calamitades terão um termo; vós sereis salvos. Imitai a França, que assim tem suspendido o alfange, que ameaçava talhar as suas liberdades. Esta defeza é legitima ainda contra um Rei legitimo; e qualquer o é contra um usurpador. Não será necessario grande esforço para alcançar tal fim: sendo a vossa miseria geral e ainda progressiva, a vossa falta de meios produzirá uma repugnancia necessaria: o fim está em vista; para vós porem os resultados são mui differentes. No primeiro caso conquistarieis uma ordem de governo;—no segundo não ha senão obediencia á miseria, dissolução, morte.

Não basta, Portuguezes, ver o mal, e soffre-lo para poder remedialo: é necessario buscar-lhe a causa, e extirpa-la. Quando vós vedes, que os primeiros, que o vosso suor alimenta;—os *grandes*, esses que devião ser ao pe do Throno o primeiro muro contra um Rei, que attentasse contra as vossas franquezas, liberdades e direitos, são elles os infames, que destroem o edificio, aonde se vião os poderes sociaes equilibrados,—são elles os primeiros que perjurão, são elles os primeiros, que se rebellão contra a Nação, são elles enfim os coveiros da sua desgraça?

Qual de vôs transijirá com o infame destruidor da vossa felicidade, com algum d'esses, que não conhece outra maxima salvo a do interêsse particular e seu proprio á custa do bem universal?

Acordai d'uma vez, Portuguezes;—esses Pares perjuros:—esses agaloados officiaes-militares de *parada;*—todos esses *taboletas* de bonecos, medalhas e fitinhas;—esses frades ociosos, ignorantes, e devassos;—eis-ahi o cancro, que rôe as entranhas do vosso bem-ser. Extirpai-os: a operação é obra d'um dia: acclamai o governo legitimo: chamai ao Throno a vossa legitima Soberana: e a lei correndo em vosso auxilio porá no são a vossa amargurada existencia. So a Lei o póde fazer: so a justiça sancta e inexoravel o póde alcançar.

Eu a espero: eu espero, que o interêsse proprio vos desperte: e n'essa esperança me despeço de vós por este anno.

### DESPEDIDA AOS PORTUGUEZES EMIGRADOS.

Meus bons Companheiros. *Constancia* e *união*. Quem póde nunca acabar grandes feitos sem constancia? Quem póde nunca sem constancia provar-se virtuoso? Se vos arredastes do Governo do Monstro *convencidos* dos principios da verdadeira Liberdade:—se

não foi *o so* interêsse particular ferido, quem vos impellio a seguir as bandeiras da Senhora D. Maria II. :---se preferis a tudo o ser livres, conscios da dignidade do homem livre sem attenção a circumstancias passadas ou futuros contigentes :—se o amor puro da Patria vos inspirou o votar a vossa existencia pela justiça da sua causa :—não seguir constantes na intenção sería contradictorio, vacillar ridiculo, e mudar infame. Temos sofrido : embora. E não gozamos na consciencia da innocencia, e pureza de nossos sentimentos ? Não damos um exemplo ante o qual estremece o nosso proprio perseguidor, e seus detestaveis sequazes ? A nossa constancia cada hora é animada pelo *Tempo*, e este é o primeiro inimigo dos Tyrannos. O dia d'amanhan é sempre formidavel aos Despotas. Recostado de contínuo sobre o seu travesseiro elle os tem em perpetuo sobresalto, e o porvir da justiça tremenda lhes embarga o somno, o gozo e a felicidade.

Verdadeiro amigo do homem o Tempo termina sempre por conferir-lhe a punição ou premio, que merecêra. Por que não obraremos o que nos outros admiramos ?

Constantes no sofrimento, perseverantes na mantença de nossos principios, a nossa fôrça será incalculavel segundo for compacta e inabalavel a nossa *união*. Com razão a simbolizou a Antiguidade n'um feixe de varinhas, facil de quebrar-se uma a uma, mas impossivel juntas em mólho.

Cumpre pois desviar de vós todo o achaque d'intriga, todo o pretexto de desconfiança, toda a causa de desunião. Temei de nossos inimigos esta formidavel arma : é essa a que empregão, é-lhes a mais facil e obvia ;---é-nos a mais damnosa. Ella vem sempre mascarada, e hervada, quando aliás na apparencia se offerece ingenua e pura. Ella é sempre aleivosa.

Mas como conhecer esses inimigos disfarçados ? Os caracteres que os descobrem são faceis de apontar-se.

Todo o inimigo das Instituiçoens proclamadas em 1820 é inimigo da Carta, que juramos. A sua unica differença consiste, em que aquellas forão votadas por orgãos immediatos do Povo : esta emanou d'um Soberano. Porem marcar esta *unica* differença como causa d'affeição ou d'odio, é simples pretexto ; não vos illudais. Dous e dous são quatro, quer o diga Newton, quer o diga o mais idiota dos homens. A questão real é da verdade da doutrina, não do orgão que a ennuncia. Não se ama a doutrina pelo orgão, que a propala, senão pela sua bondade intrinseca. Aquellas Instituiçoens tinhão *defeitos* relativos : porem o evangelho das instituiçoens politicas ainda não appareceu,—a melhor fórma de govêrno possivel ainda ninguem a appresentou, nem a universidade dos jurisconsultos a reconheceu ainda.

Todas dependem em grande parte de circumstancias, que o tempo diariamente altera. Esta Carta, que hoje sustentamos por boa, talvez em 1850 seja taxada de má. O seu Legislador reconheceu a susceptibilidade da sua alteração, e disse logo *o como* devia n'isso proceder-se. Nenhuma maxima de Politica é absolutamente immudavel, salvo as que lhe são applicaveis do Direito Natural, unico que em si tem este attributo.

Todo aquelle que posposer o bem publico ao bem particular é inimigo nosso :---por quanto em ultima anályse nem os Portuguezes se revoltárão em 1820 salvo para firmar a maxima contrária, que comprehende TUDO; nem outra é a causa da nossa peregrinação, salvo o desejo de estabelecer esta maxima d'uma maneira mais duradoura, ou menos sugeita a abalos, e infracçoens. *Absolutismo*, e *Despotismo* nada mais importa doque *alvedrio* em vez de *Lei*,—bem de poucos á custa de muitos, e contra os direitos da universalidade.

Abracemos, Companheiros, abracemos todos os demais: não embiquemos em leves faltas, porque todos as temos: unamo-nos, e seremos invenciveis. Attentai, que o intêresse proprio nos chama a esta união.

Tenho pois, meu caro Capellão, terminado as minhas despedidas; a muitos outros quizera enderessar-me se me não faltasse o tempo. Fiquemos pois aqui, e terminemos assim a nossa correspondencia *chavequica*. Bem póde ser, que se a opportunidade se arranjar, em lhe arrume ainda alguma cartinha *avulsa*: veremos; o tempo, as circumstancias, e os eventos o dictarão, e n'isso fique Vm. de pedra e cal. Por agora outras tarefas começadas me chamão, apezar de que tenciono guardar um cantinho das horas preguiçosas para o dar ás Musas, que adespeito de me não terem visitado ha muito, acontece que ha alguns dias me andão cuchichando ás orelhas dous Poemetos: e logo *dous* d'um parto! Sim, a fallar a verdade, havendo entre os Portuguezes tantos Vates, e offerecendo-se aos olhos de todos *dous* tão conspicuos heroes é de lamentar, que as Musas não acordem do lethargo, em que parecem submergidos. Vm. bem advinha, que entendo fallar do famoso NOLI ME TANGERE, e do *navalhifero* barbitonsor Visconde PIRES. Estes sós dous nomes farião, cuidei eu, chispar os mais empapados miolos de qualquer Poetastro como o Padre Lagosta, a quem Burros e Bestas são alimento sobejo d'um estro desenfreado. Lembre-os pois a algum seu amigo a ver o que sahe, ou se quizer tente-os em programma da Academia de Lisboa, em dia que D. Miguel a tornar a visitar. Ouvi que se aprazerou tanto com o que a ali passou na sua visitação qu intenta muda-la para o Picadeiro de Belem afim d'entrar nas cava das, como merece pela sabedoria, que desenvolveu, quando achou, des nterrou, dissecou, e demonstrou o direito, que D. Mi-

guel tinha ao Throno de Portugal com exclusão de tudo o que não fosse ou a sua Mai, ou D. Fernando VII. Sabedora assemblea, aonde faz vulto o Conselheiro *Sa sujo*, e mil outros quejandos, cujas obras posthumas se crê, que serão um dia o assombro do orbe scientifico *inedito*.

Não terminarei todavia esta, meu caro Capellão, sem a seguinte

PROTESTAÇÃO.

Creio na Regeneração Politica do Genero-humano, e que ha de ter logar quando duas terças partes dos Povos soberem escrever, e entenderem devidamente o que lerem.

Creio que os Povos, que primeiros se hão de regenerar são aquelles que mais immediatamente conhecerem a sua fôrça e recursos.

Creio, que os *prejuisos*, que nos legárão nossos Avós serão desarreigados, e apagados para sempre com a memoria de seus nomes.

Creio, que sem *virtude* não pode subsistir sociedade alguma; e que so quando a moral morar nos Gabinetes dos Governos, e a verdade na Diplomacia os Povos serão bem governados, e as Naçoens verdadeiramente amigas.

Creio, que ha homens *dignos* seja qualquer o respeito para que se procurem; porem como esta *dignidade* é para mim attributo *individual*, não creio em dignidade de *classes*, nem cada classe vale para mim o que não vale a somma de cada um dos individuos d'ella tomados juntamente. *Classe* é para mim um nome tão abstracto como o é a voz *exército*; isto é, é *bom* ou *mau* segundo forem bons ou maus os individuos componentes delle. Como a idea de classe traz consigo a natureza de monopolio, por que a não gozar d'algum privilegio não é classe, nem tem fim algum; e monopolio repugna com liberdade; declaro que não dou sentido algum á palavra classe n'uma sociedade devidamente livre; e que os homens so quando se classificarem pelo merecimento individual deixarão derem injustos, e escravos.

Creio que não ha Monarquia sem uma fidalguia, que a rodeie e lhe seja throno; porem creio que para a Monarquia ser respeitada como digna é necessario, que a fidalguia seja digna; e eu so reconheço dignidade no merito. Logo o merecimento é a fidalguia do throno digno. Que se dirá da Realeza, assentada sobre um throno podre, desmoral, bruto, e consequentemente indigno? Ella perderá o nome e a realidade.

Descreio da Fidalguia de *nascimento;* por que desconheço castigo ou premio justo, não sendo empregado na PESSOA, que o mereceu. A punição e o galardão são paga directa ou inversa das acçoens do homem. A mesma razão, que ha para não punir salvo o delinquente, ha para não premiar salvo o benemerito: ambos

são merecedores, e todos os mais fóra d'elles são innocentes, ou sem-direitos. O nascimento é um acto da natureza sem respeito a relaçoens algumas sociaes. O rico ou o pobre, o sabio ou o ignorante, o fidalgo ou o plebeo engendrão filhos (cuja conceição, utero-gestação, nutrição, parto, chôro, vitalidade, ou *viabilidade*, grito e morte não tem differença alguma. Estes actos podem destruir-se, mas não podem alterar-se pela vontade do homem. Se não podem alterar-se *ad nutum*, tudo o que se lhe attribuir é accidental, e facticio; e por tanto preternatural e ridiculo, porque é ridicula toda a contrafeição da natureza. Se rebentarem n'um jardim dous arbustos identicos, embora se cançará o dono de crismar um delles de fidalgo: a despeito de quantas alcunhas, epictetos, e pergaminhos lhe pendurar, a natureza dirá sempre que são identicos, e o expectador guiado pela natureza se rirá dos rotulos.

Creio, que a Religião pura do Evangello hade debellar o Fanatismo, e que hade ser reduzida á sua tolerancia e puresa primitiva, como foi estabelecida e prégáda, e ensinada; e por isso creio que se hãode abolir os *frades*, por que o Divino fundador da nosssa Religião nem estabeleceu, nem reconheceu, nem authorizou, nem pronunciou sequer a palavra *Frade*. E outro sim creio, que os sacerdotes do culto hãode um dia ser Cidadãos, e pais legitimos, e chefes d'uma familia, e não celibatarios abusivos e seductores com interêsses exclusivos, e contrarios á communidade, a que pertencem; e que hãode ser os *bastantes*, e não mais.

Creio, que a grandeza é a alma dos Reis e dos Imperios, e que não ha mais funesta calamidade do que a baixeza ou mediocridade nos depositarios da Autoridade Real. E outrosim creio que a maior seguridade dos Reis consiste em apparecer sem taxa aos olhos dos seus Povos. E porisso acredito, que nem D. Miguel ha-de ser nunca Rei seguro no Throno de Portugal; nem os Governos que tem tido e tem, os empregados que tem escolhido, e conserva, são mais do que os instrumentos da calamidade e da inteira ruina daquella que foi um dia Nação.

Creio que a magestade dos Reis consiste na grandeza dos seus Povos; e a sua felicidade no amor delles. Os Reis são homens, e são Reis pelos homens. D. Miguel não alcançará nunca nem magestade, nem felicidade por taes titulos.

Creio que a Religião é uma *crença*, e não um *poder*. E que tudo o que de poder se arrogão seus ministros deve destruir-se, e cortar-se.

Creio, que aquelle que é chamado a governar os homens deve abranger todos os tempos, e collocar-se n'aquelle em que existe. E por tanto creio, que aquelles dos Governos Europeos, que actualmente governão como se existissemos no decimo seculo hão-de cedo cahir debaixo da sua insignificancia, teima, e ignorancia.

Creio, que um Estado não ganha em perder os seus inimigos, senão em extinguir as inimizades. E assim creio, que D. Miguel em cada prizão, em cada perseguição, em cada injustiça, em cada acto de seus repetidos e exacerbados crimes cava a sua ruina. E como o sofrimento tem um termo espero que não esteja longe a derocação de seu throno de maldades.

Creio que o reinar não carece de grande arte quando se quer reinar pela *justiça e benificencia.* E creio que aos ministros não é dada autoridade para ter superioridade sobre os homens, mas para terem os meios de fazer a sua felicidade.

Aqui tem, meu amigo, a minha *Protestação,* que vem a ser a base da minha crença, a qual se fazia necessario, que fosse junta a este meu *Testamento e despedida.*

Seja Vm. muito feliz: sejão selizes todos os nossos amigos, e compatriotas: seja enfim o Mundo inteiro *livre* para ser verdadeiramente feliz. Oxala que o anno seguinte de 1830 traga o comprimento da obra da regeneração do genero-humano para que bastantes elementos ministrou o anno que acaba;—e que a geração immediata bem diga a preservança nos principios * louve a constancia no soffrimento, e abençôe e goze os resultados dos esforços da geração presente. —Seu amigo—PALINURO.

A ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

Em o 1.º de Dezembro corrente dignou-se S. *Infantice* o Infante D. Miguel na qualidade de Presidente *nato* d'Academia Real das Sciencias de Lisboa ir presidir á costumada abertura e Sessão de *tarifa.* O brilho da Sabedoria, que com olho immovel vigia os movimentos profundissimos dos recheados cerebros dos nossos Academicos, era de tal magnitude e resplendor, que nem a Gazeta de Lisboa ousou descrevê-lo immediatamente, promettendo fazê-lo com penna aparada e digna *d'elles* e *d'ella.* Na falta pois desta estupenda producção lançarei aqui o esboço, que sem duvida ficará muito a sotavento da sua magnificencia, afim de que ao menos se conheça, que a nossa Academia não é tão *infante* como o seu Presidente. Se não for inteiramente exacto, deve empurrar-se a culpa ao informador, que não á intenção do redactor.

Rompeu-se o acto, chegado o Presidente, por charamellas, e atabales, segundo a usança, e levado á Cadeira competente *emudeceu!* Nem outra cousa era de esperar do profundissimo honrador das Letras Luzitanas. Quem muito falla pouco acerta, lhe dizia ás vezes a decrepita Imperatriz Carlota, apezar do que foi maxima, que esta rabugenta velha nunca adoptou, dando ella so mais á taramella, do que dusentos algarvios juntos n'uma feira de peixe.

Passados poucos momentos deu sinal o Presidente como lhe ensi-

* Principia sunt quæ nec ex sese, nec ex aliis, sed omnia ex ipsis sunt,
ARISTOT. LIB. 1.º

nárão para a leitura de arenga, e d'ahi se alevantou o Socio *correspondente* morador na *Quinta do Bacalhau José Acursio das Neves*, que disse d'esta maneira:

"Excelso Presidente; Apostolica congregação, ignobilissimo ajuntamento:

Se a um miseravel mas descarado orador é dado o fallar de si, começarei por demonstrar, que ninguem é mais qualificado do que eu para recitar neste logar um discurso;—nenhum tem o direito, que eu tenho; nenhum os attributos. Fui eu, estupendissimos Senhores, quem levou á evidencia juridica o direito inauferivel, inconcusso, radicado, e atarracado do nosso amabilissimo Monarcha o Senhor Miguel *um* como Rei de Portugal——desse astro luminoso, que d'aquelle empinado logar, qual o Phebo louro e chispante diffunde propicio e insinuante os influxos da sua sabedoria insondavel a toda ésta conspicua e intolerante assemblea. Sim, Senhores, este Mestre dos Monarchas, este espelho de Heliogabalo, este retracto de Nero, este fac-simile do mais negro tyrano, esta copia que excede o original do Tio; este homem immortal nos crimes, singular nas atrocidades, sem segundo em prática de quanto é mau, de quanto é injusto, de quanto aborrece a Natureza; este homem collocado hoje á testa d'esta Academia ha de elevá-la áquelle grau de decencia, de saber, de respeito e consideração, que em breve todos os corpos scientificos das universidades das Ilhas do Mar do Sul, e da nova Zembla, os Lyceos do Mar glacial, e dos torroens de gello do Polo antarthico virão tributar-lhe a merecida homenagem.

Fui eu, Senhores, que Orador gigante dos *tres braços* desfiz a hydra da legitimidade, e approveitado do principio da *Soberania do Povo* para alicercar o seu direito, demonstrei o erro d'esse mesmo principio sem contradizer-me! Ninguem ousou impugnar-me: ninguem se atreveu a pestanejar. As *tres ordens* augustas, que *ordenão* um Estado bem *ordenado*, applaudírão com pés e mãos a minha eloquencia, o meu saber, a força do meu discurso, que eu mesmo não entendi! Tão sublime era!

Qual outro *Acursio* as minhas apostillas, commentarios, e glossas sobre o meu proprio discurso serão sepultadas no esquecido arquivo desta casa para oblivião eterna d esta Academia.

Nellas conservarão os vindouros socios um monumento, mais perenne que o bronze, dos conhecimentos juridico-politicos d'esta idade de *Platina*: contra ellas nem o *aquilão* nem o Euro nem o vendaval da Liberdade e do saber *esterlino* serão mais do que froxa bafagem do desfalecido Zephiro,

Quem de vós, pois, poderá comigo comparar-se? Eu que ja fiz um projecto de Faróes *apagados*, que bem arredados do mar servissem so d'emprego d'afilhados, e de pretexto á Junta do Commercio para empalmar os seus rendimentos? Eu, que ensinei o Medi-

o Carvalho como Provedor dos seguros maritimos a despachar os processos com cifras pharmacologicas? Eu, que ainda não consenti, que um credor sequer d'uma casa fallida cahida na administração da Junta alevantasse um ceitil de seu credito?—Eu, que ainda não consenti que se declarssse fallencia alguma de *ma fe* por mais aladroada, que fosse, uma vez que os *fallidos* o não fossem para mim? Eu, que tenho escripto sobre fábricas com tal profundidade, que levei á evidencia a utilidade indubitavel do estabelecimento de *Fabricas de Barbeiros* em todos os Portos de mar,—que calculei os direitos, e demonstrei, que reformado o Tractado, não haveria uma so casa de commercio sobre o Globo, que não viesse barbear-se a Portugal, muito mais dando a Superintendencia ao Senhor Visconde *Pires*, varão, que tem, como me consta, duas preciosisimas memorias sobre o *rebolo*, *couro*, *estojos*, *sabonetes*, *pomadas*, *aço e fio*, com que intenta presentear esta barbada Assemblea; e que alem d'isso ja tem impresso com todas as licenças a—*Arte d'arquear e engraixar as sobrancelhas*, *besuntar os bigodes*, *encaracolar suissas*, *e encarapinhar cabelleiras*—obra a que os socios *Conde de Basto*, *e Visconde de Santarem* tem ja dado o *accessit*.

Que dizem, Senhores? Ha ahi algum de vós, que se atreva a disputar-me o direito a orar n'este dia, neste logar, sob esta presidencia, e com estes bofes?....

Aqui tomou o folego o zurrador Tartufo, tão esbaforido da vozeria como inscio das asneiras, que vomitára.

Aproveitado da interrupção alevantou-se o Prior mor de Thomar Socio Director da classe *rapazal* da Academia, e com tom meigo e doce disse:

"Fôra em mim descompassado atrevimento o tentar medir as minhas fôrças com o Glossador do Digesto das nossas preversidades; mas como Director da rapaziada imberbe, não poderei d'esde ja deixar de agradecer ao nosso Socio Pires o melhoramento das pomadas de que ja provei uma amostra, que produzio o desejadissimo effeito. O nosso amabilissimo consocio ruminante, e co-Prior, e co-amigo o Senhor José Telles, e o nosso socio ambulante Francisco Dias, mui carinhosamente se tem dignado mandar-me dous attestados jurados, que comprovão o alto effeito das pomadas, e que eu terei a honra de colocar no Arquivo da nossa Academia. Oh! feliz, tres vezes feliz fôra o nosso ja venturoso Portugal se o nosso sapientissimo Monarcha suscitasse a Lei Gothica das *Primicias*. Esse feudo que por tantos seculos honrou os senhores dos Castellos ainda trabalho por mante-lo como o recebião os Templarios de quem a minha ordem derivou. Mal hajão elles, que, a não serem falsas as imputaçoens, por seus desvarios me obrigão hoje a fazer contrabando."

"É um ovo, grita d'alem com berro de bezerro o Socio Lagosta,

vulgo o *Basculho* do Forno do Tijolo—É um ovo: advinhei, e devo eu ser o premiado pela nossa Academia: quanto o senhor D. Prior mor appresentou no seu Programma ê um ovo."

Aqui se alevantou um sussurro, que o Padre não póde continuar.

Ganhado algum mas não inteiro silencio o D. Prior pôde fazer ver que o que dissera não era Programma, e ouvio-se-lhe por entre dentes, que a livraria do Lagosta era de *vinhatico;* alluzão, que de véras se não entendeu.

Quando o memoravel Acursio se preparava para ler a tal arenga, como promettêra e desejava, chegou um correio mui azafamado, que entregou ao Presidente uma carta. Apenas lida, com semblante de terror sahe abruptamente, prohibe que alguem o acompanhe alem do seu fido Achates o Chicoria e n'um galope desappareceu.

Soube-se depois que a Mãi n'um bilhete lhe dizia.—Que Academia importava ajuntamento de Letrados – que das Letras não se conhecia senão *Republica;*—que visse elle no que se mettia em andar por taes sitíos; e que se lembrasse dos *archotes.*—Isto foi bastante para sem mais commentos dar ás de Villa-Diego.

Tomou a presidencia na forma da Lei o Vice-Presidente Fernando Maria Joze de Souza Coutinho Castellobranco e Menezes, conhecido pelo nome fidalgo de Marquez de Borba.

Este accidente desconcertou inteiramente o Padre Desembargador Acursio, que não trazia senão quatro narizes de cera mas todos destinados ao Throno e ao Altar, todos para o melhor dos Reis, todos para o mais legitimo dos Monarchas, todos em fim para o mais Miguel dos Migueis.

Que fazer em tal apêrto? Pedio ao seu vizinho Joze Freire d'Andrade, Vice Reitor do Collegio aonde estavão, que pedisse que o discurso ficasse addiado para o anno que vem. Em attenção a que este Socio extremadamente benemerito pela luminosa idea, que incluio n'uma Portaria quando Ministro d'Estado, na qual disse, que os negociantes estavão vendendo cruzados novos *por mais do seu valor*, e a ser apoiado pelo seu amigo o celebre Desembargador Manoel Marinho Falcão, socio d'eternas luminarias, ficou addiada a Leitura do Discurso, que todavia esperamos ver impresso em supplemento aos *ineditos.*

Restabelecida a ordem alevantou-se o Socio substituto de effectivo na Classe de Litteratura Portugueza, Manoel José Maria da Costa e Sa, vulgó o Conselheiro Sa sujo, e meneando a luneta entre as falanges dos dedos medios, depois de lançar uns olhos d'agradecimento á homogeniedade de pensar e operar dos seus collegas D. Priores móres, porque parece que elle advinhou a charada, disse:

"Nobilissimo Senhor Vice Presidente: Pois que, como disse o nosso Mestre Resende, apagou-se pela ausencia do nosso augusto

Principe Soberano a luminaria, que com seus raios allumiava a carreira de nossas tarefas, todavia na pessoa de V. E. ficou ainda uma torcida, que espevitada pelas habilidades e mais manhas do nosso condigno socio o Senhor Trigoso, dará seguro reflexo nas pegadas de nossos trabalhos. Assim o nosso sabedor João de Barros mui a sabendas disse, que Affonso d'Albuquerque era mui *trigoso* e fragueiro, querendo ensinar-nos que todo o Caudilho deve ser ou ter um Trigoso para empolgar devidamente o scopo do seu presupposto com renome e dignidade:—que não em vão escreveu Pantalião de Aveiro nem Fernão Mendes quando fallárão das Academias d'Abyssinia, e o nosso socio dos Conventos juridicos do Alemtejo, aonde incluindo Borba incluio necessariamente a V. E., a quem eu na Dissertação da Estatua mutilada e desenterrada provarei legitimo successor d'ella, se me não enganão as Medalhas de Manoel Severim de Faria, e um dos Apologos Dialogaes de D. Francisco Manoel o do Escriptorio do Avarento, que as conserva. É pena que não hajão hoje os homens marinhos, que vinhão a Cintra, segundo conta Amador Arraes, por que poderia pespegar com V. E. na familia das Baleias uma das castas mais nobres da Icthyologia aristocratica, segundo Linneo.

Com que, Excellentissimo Senhor, por quanto á minha noticia viesse por canaes, que fôra assazmente superfluo o memorar, que alguns de nossos socios presentes se achão forrados de mui uteis e transcendentes projectos literarios e dignamente academicos, se me fora dado implorar d'esta assemblea que na sua leitura, ao menos, empregassemos o resto do dia, eu endereçaria a V. E. meus supplices braços, e ainda tocaria com as minhas patelas a superficie d'este pavimento, dignasse-se V. E. propor e conseguir o voto da sua leitura."

Isto dicto, rebentou de todos os lados a vozeria,—*leião-se, leião-se*, e por um quarto d'hora ninguem se entendeu com bulha, nem até o fim e desde o principio com sandices academicas.

Hoje (apezar de ninguem fallar em Programmas) disse o Vice Presidente não é dia de Programmas: hoje so póde admittir-se apresentação e offerecimento d'algumas Memorias. Se algum dos Senhores presentes traz alguma escripta ou mesmo *de memoria* a póde pôr na mesa para depois se pôr no armario proprio.

Ninguem teve de retroquir; por que o voto do Presidente é igual á somma dos votos da Academia inteira—mais um de qualidade ou de desempate; desorte que é tudo menos Academia.

Rompeu o silencio o Chantre do Porto Thomaz da Rocha Pinto, e disse:—" Tenho finda uma viagem com a Comica cantora Scaramelli daqui ao Rio de Janeiro. N'ella descobri muitos paizes incognitos á harmonia, e á melodia: reduzi a escala á simplicidade hebraica; calculei os effeitos da voz sôbre o Equador, e so me res-

tão uns pequenos trabalhos sobre a theoria da *corda* do João Branco, que estão na revisão do nosso socio Ayres Pinto.—S. Magestade dignou-se aliviar-me do juramento que prestei em Maio em contemplação á minha obra, e porque tambem não faz cazo de juramentos.

Espero ser mestre das cavalharices na Banda da Musica, e que o bandalho de meu Irmão Francisco torne para a Intendencia do retraço das palhas, que é mui proficuo. Tudo isto Senhores, pela minha obra."

Decidio-se que em tempo se nomearia uma commissão para appresentar o juizo da obra perante a Academia.

O Visconde de Santarem fez um largo discurso sobre as Ordens presentes e passadas da Cavallaria; e concluio sôbre a necessidade da reduzir a alguma regularidade as medalhas avulsas e extraordinarias tão multiplicadas nos ultimos dias; e que sobre esse assumpto tinha feito um Ensaio em ar de Memoria, comprovado com todas as Gavetas da Torre do Tombo, pretendendo mostrar, que havendo nos diversos Imperios e Reinos da Europa, e das restantes cinco partes do Mundo ainda tanta ordem da Cavallaria, era de lamentar que não houvesse uma de CAVALHARICE—que elle dêmonstrava, que o devia ser a da Real Impigem como ainda mais nobre que a da *Pocira* a qual todavia por emanar tãobem de *Cavallaria humana* era a unica que podia disputar-lhe o merceimento.

O socio Joaquim José da Costa de Macedo, vulgó o Macedinho da Junta dos juros, levantou-se exalçando a lembrança; e pedindo que a Academia encarregasse logo logo o socio Asseca de Londres para encommendar a traducção immediata ao Protheu Walton, e que a despeza sahisse de certas queimas de papel moeda a que o Macedinho deu o privilegio de Phenix, porque renascem das cinzas transformando-se em propriedade de Ribatejo.

O Chefe de Divisão Roza Coelho, socio honorario, pedio licença para ler na proxima Sessão um folheto intitulado—" Vista cega das praias da Ilha Terceira em 11 d'Agosto deste anno—com um mappa dos sacrificados á minha infidelidade, e notas falsas de Prego e Lemos."

O Socio Jozé Joaquim Rodrigues de Bastos deu parte de que vai imprimir uma Collecção completa das suas obras poeticas, e prosaicas com emendas que as uniformem sem contradicção de palavras, acçoens e pensamentos: elle entende contudo supprimir a Ode a 24 d'Agosto de 1820 feita nas praias de Villa do Conde, e mudar tudo quanto disse em ametade da primeira Sessão das Necessidades. Elle tem outro sim prompto um preciosisimo presente para os seus Eleitores Portuenses das segundas eleiçoens, addicionado por João Baptista Filgueiras, áos quaes um e outro comêrão e chuchárão como cana doce: sahindo aquelle o mais façanhoso Intendente da Policia, que vio Portugal, e este mostrando na últi-

ma Junta de Viana, que merecia a Secretaria perpetua do Carcere do Limoeiro. Estes hypocritas da liberdade são estrellas da primeira grandeza da constellação *Patifaria.*

Decidio-se que a Academia suspirava pelo dia, em que visse a luz tão appetecido e supirado féto.

Seguio-se depois o memoravel *duas vezes Frei* Sebastião Corvo, que alevantando-se apprezentou uma—*Nenia dialogada do Corvo e dos dous Pintos.*—Elle explicou depois o enigma do titulo dizendo, que queria vindicar em verso a honra offendida na imputação do assassinio do virtuoso *Gomes Freire d'Andrade,* a Ayres *Pinto,* e Desembargador *Sa Pinto* (o denunciante) e ao seu *Xúra Corvo* genro d'aquelle.

Admirou-se muito a invenção, mas não se gostou em geral nem do objecto, nem do auctor; por que o crime foi de tal enormidade,o assasinato tão demonstrado, que nenhuma defesa o pode salvar; e muitos disserão, que o que mais se podia fazer, por ora em obsequio dos malvados denunciantes e calumniadores, era sepultar seus nomes no fosso das monstruosidades humanas. Não se gostou do autor, por que é um grimpa e tão desarrazoado, que por zellos, que lhe deu um que elle suppunha *Maçon* se tornou contra a *maçonaria,* e por uma deducção fradesca contra a liberdade: asssın que lhe passar a a febre hãode vê-lo liberal outra vez.

Aqui se alevantou, não sem difficuldade, o socio Doutor *Joaquim Navarro d'Andrade, omnipresente,* porque figura na Academia do Porto, na Universidade de Coimbra, e na Academia de Lisboa tudo por magia, porque acha-se em todos éstas tres partes, sem que na realidade esteja em nenhuma d'ellas.

Callárão todos, e alguns mesmos se persuadírão, que elle não diria nada como lhe succedeu na Academia do Porto, e no Congresso das Necessidades: não aconteceu comtudo assim, porque teve um paroxismo d'uma certa melliflua affluencia cathedratica de que ouvi uma vez fallar, porem que parecia haver-se esgotado depois d'uma grande sêcca, que houve no Alemtejo. Fallou pois por espaço d'horas, e com tal velocidade, que não houve tachigrapho, que o podesse seguir dous minutos: mas elle prometteu imprimir a falla. Entretanto algumas notas se tomárão, e pode dizer-se, que o discurso versou sobre os *Aphorismos d'Hippocrates,* disendo, que tinha a edição de *Foesius* em Grego e Latim, e que dera uma Traducção em Portuguez, unica Nação a quem faltava em vernaculo a obra deste descendente d'*Hercules* e d'*Esculapio* segundo *Sorano,* autor da sua vida.

Aqui alguns Socios o interrompêrão chamando a attenção da Academia a admirar a profundidade do saber deste Socio, de quem o Mundo a accreditar na sua verbosidade e fama literaria devia espe-

rar um *originalão*, e que pario uma traducção de traducção, a impressão d'uns cadernos, uns Aphorismos em Portuguez! Parece todavia, que o Mestre *Pogona* da Biquinha lhe torceu o nariz.

Entrando n'esta vastissima materia, o socio Navarro passou a formar uma especie d'antithese entre a doutrina d'Hippocrates e o nosso Portugal: elle disse, que assim como Hippocrates sustentava que no animal existia um princípio, tendente á preservação da saude, e ao desvio da doença, a que chamou *Natureza*, e deu o attributo de *justa*; assim elle notava em Portugal e principalmente no Porto um espirito permanente e bem demonstrado tendente á perservação da Liberdade, e desvio do Despotismo, e que se em consequencia era obrigado a dar-lhe o nome de *Natureza* não podia negar-lhe o epitheto de *justa*:—que elle reputava isto uma calamidade no fundo da sua alma, mas que não podia deixar de dizer, que isto era verdade, e exacto com os principios do seu livro.

Elle disse então, Senhores, eis-ahi as formaes palavras do Mestre —"O modo porque a Natureza obra, ou manda obrar o podêr, que a serve, é attrahindo o que é bom e agradavel a cada especie, e retendo-o, preparando-o, e mudando-o; e por outro lado regeitando o que é superfluo ou damnoso, depois de o haver separado do bom."

Quem pode duvídar, de que este é igualmente o modo por que deve obrar um Governo livre? Quem ha pois tão cego, que não veja no estabelecimento, e marcha na Carta Constitucional a necessidade prática d'aquella, *depuração*, *concocção*, e *crise*, que Hippocrates marca nas febres?

Senhores!—continuou elle—Eu não posso deixar de ser constitucional, isto é amigo da liberdade regrada e segura por Lei, porque os aphorismos não me deixão pensar d'outra sorte; mas eu protesto que o não sou e que o não quero ser; e *desafio que irei sustentar o direito do Senhor D. Miguel ao Throno Portuguez contra quem quer que for, que asseverar o contrário* (suas formaes palavras), em qualquer logar, e provarei assim contra a minha convicção propria a minha adhesão e amor ao despotismo, á usurpação, e ao roubo das publicas liberdades. Sou socio d'esta Academia, Senhores, e seguirei invariavel as suas variaveis doutrinas.

Passou enfim a fallar da *gota*, como no principio do discurso havia promettido. A esta palavra accordou o Socio *Lagosta* preparando-se para ouvir uma dissertação sobre o louro Bucellas, porem logo continuou a dormir, quando vio que fallava de molestia. Disse então o Orador, que elle se tinha alevantado para noticiar á Academia os seus trabalhos literarios sobre a descoberta d'um remedio infallivel na cura da gota, ou *Podagra*, ou *arthritis* de Sauvages, ou *dolores arthritici* d'Hoffman. Que elle tinha revolvido quanto se tinha escripto a este respeito:—que o remedio mais eminente sem questão era aquelle *seccador universal*, de que falla o Doutor *Freind*,

que tinha uma dieta marcada para os dozes mezes do anno;—que o mais não valia um ceitil, apezar de que tanto, e desde há tanto tempo a esse respeito se houvesse escripto—Que o seu remedio era acima do de *Le Roi*, cujo nome se devia riscar *por decencia* d'entre os emeticos e purgantes drasticos de que se fazia uso—Que elle enfim se appressava a dizer á Academia, em quanto não lia a sua famosa explanação, desenvolvimento, e demonstração, que este remedio consistia em trazer no dedo correspondente ao annular, da mão direita, *um annel de ferro fundido* mettido no dedo em jejum á meia noute em dia de quarto mingoante!—

Este milagroso invento, disse elle, eu mesmo o tenho trazido: a experiencia é feita por mim. O resultado eu o provei.—

Que maior prova póde dar um Medico da sua sciencia physiologico—pathologico—therapeutica?

Assim verão os Senhores Academicos varrida a arthritica podagra das Noosologias em brevissimos dias....

Houve alguem que se risse de tão descompassada loucura mas a maior parte da Academia ficou maravilhada, e applaudio.

O Socio *Joze Maria Dantas Pereira* pedio licença para appresentar um additamento á sua exposição de *signaes*, e que podião ser ja incluidos nos que o Governo vai dar aos Navios Portuguezes para se reconhecerem de seus Inimigos. Aqui se alevantou uma pequena discussão sobre o averiguar quem serião esses inimigos, que o Governo de D. Miguel disse, que havião, mas não se atreveu a designar: finda a qual continuou dizendo, que elle desejava introduzir nos signaes duas excellentes allegorias, com que o público se entretinha, sendo a primeira um Quadro bordado por *D. Margarida Guerner* do Porto, que figurava a apparição a D. Affonso Henriques, mais accrescentada do que a antiga edição, com o que acabava de ver *Christovão Guerner* quando seu filho o Consul de Roma no Porto escreveu ao General *Alvaro Xavier das Povoas*. A segunda era um formoso e expressivo emblema, representado desta forma.—Um homem macilento e defecado, nu, mas ornado de muitas medalhas, e habitos com este rotulo:

*Rei chegou,*
*N'este estado nos deixou.*

Aquella vizão estampada n'um signal de *pergunta* terá ésta *de resposta*, e completará o reconhecimento. A estampa *de pergunta* tem uma superioridade sobre tudo quanto até hoje se tem descoberto, e é que como a visão se vio de noute, tãobem se hade ver no mar ainda em noute de cerração fechada e cega. E os que responderem com a segunda nunca se poderáõ equivocar, porque serão sem duvida Navios Portuguezes da vassallagem de D. Miguel.

A Academia guardou-se para interpor o seu juizo á face do escripto promettido.

Seguio-se o ex-deputado contractador do Tabacco *Francisco Joaquim Maya* com o caudatario seu Primo *Antonio Maya;* e depois de gastar tres quartos d'hora com as suas costumadas *farfalharias* terminou com dizer, que nos principios do anno de 1900 elle teria a honra de appresentar por seu legitimo successor n'esta Academia um Tractado *d'Alchymia phosphorica* em 1000 projectos de melhoramentos *commerciaes, ruraes* e *industriaes* com estampas *barrographiadas,* obra posthuma; e que estava certo sería premiada.--- Que por agora tomava a liberdade de offerecer á contemplação da Academia um Discurso em que mostrava a utilidade da navegação do *Rio da Villa* da Cidade do Porto, estabelecimento d'um Porto-franco na *Biquinha,* e installação d'uma cancella de patente na *Porta-nova.*

Que elle tinha reduzido a escripto com o seu digno amigo o Medico *Joze Duarte Salustiano Arnaud* certas ideas sobre a influencia do tabacco no melhoramento da especie humana, quer em po em contacto com a pituitaria como *errhino,* quer em rolo empregado immediatamente contra as glandulas *parotidas* no ducto *stenoniano* como *sialagogo;* quer em fumo ministrado por *enema,* como *panacea.* Esta ultima descoberta, disse elle, deve alcançar-me a immortalidade. Eu alcancei o verdadeiro *nicotino,* que não alcançou *Vauquelin* que acaba de fallecer. O Tabacco que ora fabrico como contractador terá todas éstas virtudes: elle será posto á venda logo que se consumir o velho do contracto passado, o que so poderá ser no 4°. anno dos 100 contos da caçada inintelligivel do nosso amabilissimo Monarcha. Então eu e os meus socios, e o meu amigo Medico teremos o prazer de ver, e Portugal inteiro verá como o Sultão *Muhamud* para aliviar as suas melancolias da perda do seu imperio celeste hade vir fumar o seu charuto ao café do *Grego* no caes do Sodré; que como ja emancipado o receberá como a qualquer outro Mahometano.

Eu......aqui entrárão todos a espirrar com tal fôrça, que o Senhor Maya não póde acabar o muito que parece tinha a dizer.

Mil outras memoraveis cousas se passárão, que o tachigrapho está reduzindo a limpo, e serão em conformidade publicadas pelo *Lopes* e pelo *Queiroz* socios *aspirantes,* egregios redactores da *sublimada* Gazeta de Lisboa, o que assim me poupa a continuação.

Tenha enfim Vm. Senhor Leitor, por entendido em summa de tudo quanto levo dicto, que estes figuroens a maior parte Socios da Academia de Lisboa estão caracterizados com verdade, e aptos a entrar em scena, como descriptos se achão, no primeiro ensejo, que se lhes appresentar.

Não é ridicula a *Instituição,* é ridicula na maior parte a escolha de

seus membros, e bastaria para eternamente os denegrir a opinião que emittírão em appoio do direito do usurpador. De opprobrio tal nunca outra Academia se manchou e polluio. E como diz o dictado, que quem não quer ser lobo não lhe veste a peile, excusem o tiro da verdade aquelles, que indecentemente se tem mascarado.

O—*pas même academicien*—PALINURO.

## EMENTA BIOGRAPHICA DE AYRES PINTO DE SOUSA.

Este homem merece muito distincto logar na Historia dos males portuguezes. Devem-se-lhe grandissima parte das perseguiçoens, dos assassinios, das prizoens, e do desconcerto a que tem sido levada a desgraçada Nação Portugueza. Como não permittem nossos limites appresentar a biographia completa d'este facinoroso, não deixemos todavia de consignar aqui leves traços, que sirvão de memoria a melhor penna.

Se podem hoje crer-se advinhaçoens e prophecias parece que uma se realizou nas expressoens do Padre *Amarante* hoje *Arcebispo de Cranganor*, quando ainda Franciscano visitando a Tia Catherina disse ao jóven estupido tigre, que o apodava e escarnecia—" Bem poderà, meu menino, figurar, porque seu Pai vive; mas depois da morte d'elle deverá fazer mau papel: por certo fará sempre a desgraça dos que lhe forem sugeitos"—Ninguem poderá hoje negar, que este Frade leu no porvir com a certeza com que se vê o presente.

Como militar a unica vez que appareceu entre soldados foi na Cadeia de Braga, aonde esteve a ponto de ser morto ás mãos do Povo por suspeito de *Traidor* ao Rei e á Patria —É elle o auctor d'um arbitrio ou plano d'ataque sobre a Ilha Terceira, que a seguir-se, diz o mesmo commandante da Expedição patricida, a perda e destruição dos chamorros seria ainda mais enorme, senão inteira. Elle conhece bem esta Ilha, que roubou, e a sua barbaridade contra os *septembrizados* não esquecida dos prezentes sera com horror memorada no futuro.

Como Governador das Justiças do Porto regrou as Eleiçoens da Companhia dos vinhos, e certa averiguação de tal modo, que não dependeu mais de dinheiros d'emprestimo. D'ahi lhe veio o ódio figadal, que ganhou contra o Deputado Antonio Bernardo de Brito e Cunha. que enfim conseguio matar em 1829. O seu vinho da Pedra-salgada mais verde do que o de Campanhan é elle ainda contemplado no Ramo? O vinho d'Ayres Pinto, os estrumes da quinta immediata de Gaspar Cardoso, e o caes fronteiro de João Antonio Salter,—as visitaçoens do Intendente Rosa Coelho á Junta da Companhia—os balanços do guarda Livros Joaquim Monteiro Maya,—as traficancias do caixeiro *Ramos*,—as ladroeiras do *Silvestre*,—a administração inteira da Junta actual—a procuradoria do *Feliz M*

noel, —a secretaria do desmoral, perfido e deslingoado João Ant... Federico Ferro,—a conta dos ovos, pontas d'arcos, e serapilheiras d... Sousa Mello, quando Inspector d'embarque ;—as agoas ardentes d... Barcellona, — em que o Pai do *Consul de Roma* no Porto teve qu... nhão bem principal :—todos estes factos, pejadissimos de roubos, d... crimes, e d'escandalos darião materia a volumes, e devem um di... dar direito a responsabilidades. Pobres accionistas! Quando ave... riguardes como vossos capitaes forão administrados conhecereis que no Portugal d'hoje andão em seges os ladroens, e morrem na forca os benemeritos.

Ayres Pinto coherente com seus principios devia escolher um gen... ro homogeneo á sua moral de familia.

Este genro é o notorio *Corvo* assassino do General Gomes Freire d'Andrade: aqui são desnecessarios mais commentos. O seu praze... foi plenamente coroado com dar-lhe o genro um neto precoce, que desmentisse quanto os Physiologos tem observado e escripto, e pro... vando que aos quatro mezes o feto está *maduro* e é *viavel.*

Quando no dia 24 d'Agosto de 1820 este monstro desceu do sol... da iniquidade, e ajoelhou diante da voz da Liberdade, nunca se v... um rosto, em que melhor se expressasse o rancor contra a virtude, o odio do bem público, e o desalento do criminoso sem fôrça.

Hoje o seu Theatro é a malfada Cidade do Porto : e a sua bebi... da sangue d'innocentes e virtuosos: o seu prato favorito denu... e prizoens.—E dorme este monstro sem remorsos!

---

*Dezembro* 1829.

**O CHAVECO EM CONTA CORRENTE.**

| Deve | £ | s. | d. |
|---|---|---|---|
| Pela importancia de 64 Assignaturas............ | 32 | 0 | 0 |
| Venda de 88 Nos. avulso | 3 | 6 | 0 |
| Saldo contra os proprietarios | 35 | 3 | 10 |
| Total...... | 70 | 9 | 10 |

| Haver | £ |
|---|---|
| Pela impressão de 17 Nos. | 64 |
| Ao distribuidor em 4 mezes | 6 |
| Commissão de venda de 35 Nos.................. | 0 |
| Total ...... | 70 |

(2ª. Edicção corrigindo a precedente.)

---

Impresso por R. Greenlaw, 39, Chichester-place, Gray's-Inn-Road